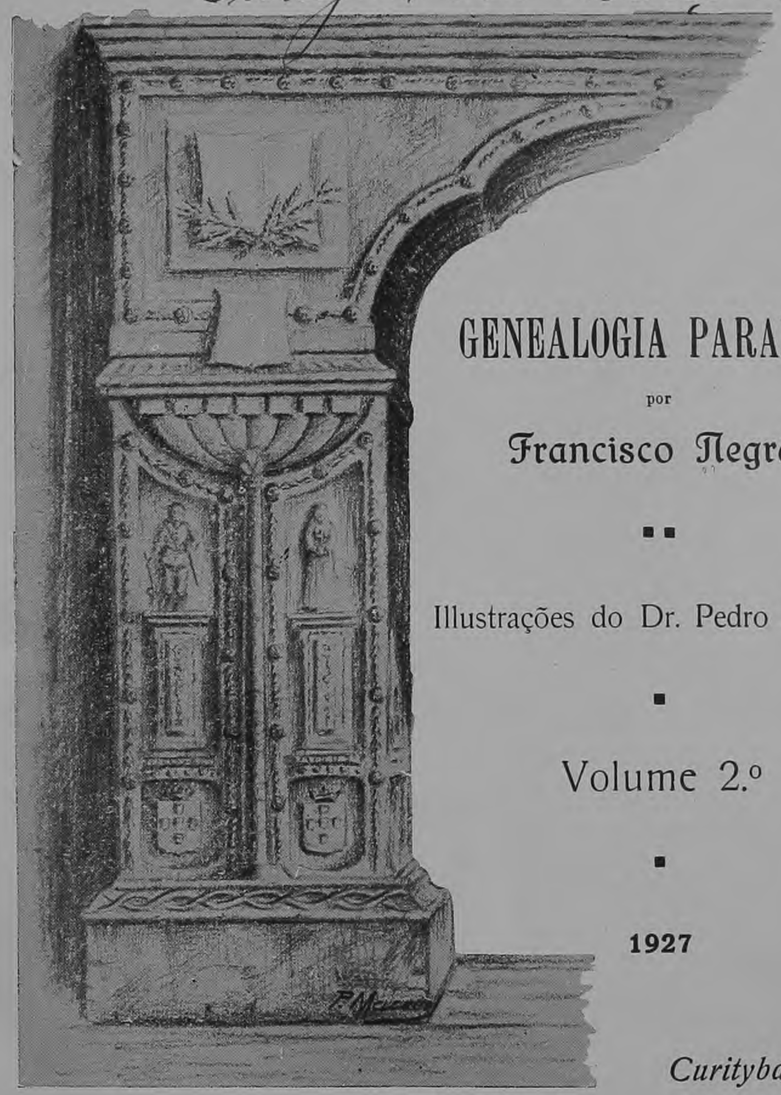
Ao illustrado confrade Snr Dr
Americo de Moura, offerece o
Francisco Negrão
Curityba, 5 de Março 1928



GENEALOGIA PARANAENSE

por

Francisco Negrão

▪▪

Illustrações do Dr. Pedro Macedo

▪

Volume 2.º

▪

1927

Curityba

Impressora Paranaense

CS308
P35N4
v.2

A todos aquelles que, tão bondosa e captivantemente se manifestaram sobre a — «Genealogia Paranaense» —, cuja recepção, por parte da intellectualidade brasileira, foi uma unanime consagração, quiçá immerecida que excedeu á minha espectativa, tributo as homenagens de minha mais profunda gratidão.

Acho-me demasiadamente recompensado.

A todos: — Obrigado.

FRANCISCO NEGRÃO.

Curityba, 16 de Abril de 1927.

A meu patrio lar

São João da Graciosa, meu patrio lar, solar hospitaleiro de meus Pais, onde a vida era afanosa, intensamente agitada pelo trabalho, mas, onde reinava a paz, a abastança, a bondade e o amôr. Conservo intacto na retina todo esse passado, toda essa vida de outr'ora. Vejo meu Pai, varão patriarchal, com seus 50 annos de edade, voltando do trabalho, após passar o dia na Administração do seu engenho de beneficiar herva matte. Regressa ao lar. Vem pela estradinha do campo, passando pelas barricarias. Atravessa o rio por estreita ponte de grossas prancas, guarnecida de corrimões. Veste paletot de alpaca preta, gravata estreita da mesma côr, chapéo do Chile. Semblante jovial e sincero.

No pomar, junto a casa da farinha, a esposa, minha Mãi, minha saudosa Mãi, o espera, tendo ao lado quatro filhinhos: Nenê, de dois annos; Juca, de 8; Jango, de 10, e o mais velho, eu, de 12 annos apenas, sem contar Eugenio de poucos mezes.

Minha Mãi, veste um batão claro, bem talhado; com suas tranças bastas, ondeadas e longas, quasi até aos pés. Traz á mão lindo ramo florido de «bougainvillea» que colhera ao acaso. Vem bella, nos seus trinta e tres annos viçosos.

Ao avistarem-se, trocam sorrisos de amôr.

Acercamo-nos de nosso idolatrado Pai, permutando afagos.

A scena se repete dia por dia.

Oh! saudades! . . .

Como me palpita o coração!

Meu Pai! Minha Mãi! Meus Irmãos! Minhas Tias que ajudaram a nossa criação, tão boas na sua meiguice e na sua dedicação! Onde estão todas essas entidades queridas?

Mortos!! . . . Todos mortos, esses seres de ternura que tanto me amaram!

Saudades!

E o engenho? E a casa da farinha? E a casa da barreira onde eu nasci?

Ruinas!

E o tecto hospitaleiro de meus Pais?

Ruinas! . . . Tudo ruinas!

E o que resta de tudo?

Eu! Só eu ainda não morri!

— Só?!

— Não me refiro a ti, cara Esposa, meu amor, meu doce encanto na vida, amuleto que me vem amparando e partilhando de meus soffrimentos e que me cerrará os olhos.

— Só?!!

— Nem me reporto a ti, minha meiga Irmã Esther, que não nasceste ali; que não viveste nesse solar bemdicto. Tu, minha Irmã, não conheceste esse rincão pittoresco e encantador. Ali não perlustraste os cerros, os montes, os valados. Não ouviste ás tardes de verão cantar o sabiá. Não colheste as flores agrestes, as orchidéas perfumadas. Não escutaste o murmurio das aguas do Ipiranga que formam a bella cachoeira existente na nossa herdade. Não saltaste de pedra em pedra por esse rio, para mim tão evocativo, como nós o fizemos, eu e nossos irmãozinhos que hoje jazem juntos a nossos inesqueciveis Pais.

Minha Irmã, ensina a teu idolatrado filhinho, ao querido Ricardinho, a amar tudo isso; a honrar e respeitar sempre a memoria de seus avós, seguindo-lhes os salutares exemplos de honra, de dignidade e bondade.

— ?

— Deixa verter estas lagrimas que me desafogam o peito.

— ?

— «Esperança de um bem que só vem na morte?
«Saudades d'outro bem que não vem mais na Vida!»

— Meu torrão natal, tu que guardas as ruinas, os destroços, os cacos de telhas que cobriam o tecto que por tanto tempo nos abrigou, acceita as expressões sinceras de minha gratidão.

Tu, Ipiranga, que espelhas em tuas aguas cristalinas as imagens d'aquelles que partiram, recebe as lagrimas que saltam de meus olhos, já quasi empanados. E tu, passaro mavioso, que cantas os hymnos e repetes as arias entoadas por minha Mãe; tu que vives e viverás eternamente porque vives em especie; tu que tiveste sorte igual á minha: — recordar esse passado extincto, vem alliar-te a mim, e ás modulações angelicaes do teu canto saudoso e plangente, accrescentarás os — «ais» — do meu coração palpitante, dolorido e solitario!

Quem me déra poder compartilhar desse triplo e aprazivel convivio harmonico?!

Quem me déra repousar ahi, abaixo da cachoeira, sentindo o contacto amigo de tuas aguas, que são as mesmas que eu encontrei na infancia; ouvindo o canto sonoro e melancholico da ave sublime, que ouvi cantar outr'ora lá no ingazeiro, e cujas melodias sinto que ainda são as mesmas, e então, tranquillo e satisfeito dormir o somno eterno, envolto n'um veu de saudades, tendo por travesseiro a rocha penhascosa e por coberta o arvoredo marginal!

Saudades!

Saudades profundas, saudades **eternas!!** . . .

Curityba, 24 de Julho de 1926.

Francisco Negrão.

ADVERTENCIA

A guisa de exordio damos a seguir dois estudos nossos, um sobre o sertanista Guarda-mór Francisco Martins Lustoza e outro sobre a Conjura separatista de Paranaguá, da qual foi o Sargento-mór Ignacio Lustoza de Andrade um dos protagonistas. Assim fazendo, tivemos em vista evitar descripções historicas e biographicas por demais longas no texto da Genealogia, na parte relativa a esses personagens, que tão relevantes serviços prestaram á nossa terra, desobrigando o leitor da necessidade que teria em ler tão desenvolvida narrativa, mais biographica e historica, que genealogica.

No prologo, nos pareceu assentar melhor esse estudo.



O Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza

Valoroso sertanista

« . . . Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria e obras valerosas.»
Lusiadas — Camões.

A conquista do ouro

PREAMBULO

ANTES de descrever a vida do valoroso sertanista cujo nome serve de epigraphe a este estudo, julguei necessario dar delle alguns traços genealogicos que muito elucidarão o assumpto e vivamente interessarão, estou certo, sinão a todos, ao menos aos seus descendentes espalhados hoje por todo o Estado do Paraná, como tambem fóra delle.

A vida do Guarda-mór Lustoza foi util e proveitosa, cheia de serviços á Patria que em bôa hora adoptou: Ligado por matrimonio aos Soares, e por seus descendentes

aos fundadores e povoadores de Curityba, — os Andrades, os Seixas, os Paes, os Valles, os Carrascos dos Reis, etc., foi como elles forte factor do nosso progredimento; foi como elles desbravador dos nossos invios sertões, do planalto parananiano.

I

Traços Genealogicos e Biographicos

O Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza era natural de Santiago de Lustoza, Arcebispado de Braga, Portugal. Filho legitimo de Antonio Martins e de sua mulher D. Angela Gomes. Nasceu em 1700. Recebeu em sua Patria bôa instrucção e a sua correspondencia com altas autoridades, entre as quaes se achavam Governadores e Ouvidores, faz d'isso exuberante prova.

Ainda muito jovem emigrou para o Brasil, onde casou em Mogy das Cruzes com D. Maria Soares de Jesus, dali natural; sendo por Provisão de 1.º de Maio de 1732, de Antonio da Silva Caldeira Pimentel, nomeado para o cargo de Tabellião e mais annexos de Mogy das Cruzes, attendendo a sua capacidade e informação prestada pelo Ouvidor Geral Dr. Gregorio Dias da Silva.

Sua mulher era filha legitima do portuguez João Domingues de Carvalho e de D. Thereza Soares de Jesus, de Mogy das Cruzes.

De seu matrimonio houveram, que descobrimos, 3 filhos:

1-1 Antonio Martins Lustoza, nascido em 1731, baptisado a 23 de Fevereiro de 1733. Casado em Curityba a 9 de Fevereiro de 1764 com D. Izabel Maria de Andrade, nascida em 1736 e fallecida em 2 de Março de 1788, filha de Antonio Rodrigues de Andrade, nascido em 1704 e fallecido em 30 de Junho de 1769; casado em Curityba a 25 de Outubro de 1734 com D. Maria do Valle, nascida em 1705, fallecida em 28 de Setembro de 1774. Isabel Maria de Andrade, era neta pela parte paterna de Lourenço de Andrade, natural de Dornellas-Lapa, Bispado de Vizeu-Portugal, nascido em 1672, casado em Curityba com D. Izabel Rodrigues Seixas, natural de Cananéa e fallecida em Curityba a 15 de Março de 1744 com 90 annos de edade e seu marido fallecido em 18 de Fevereiro de 1733, depois de ter exercido os cargos da Republica. D. Izabel Rodrigues Seixas era filha de João Rodrigues Seixas e de sua mulher D. Maria Maciel Barbosa, elle foi um dos fundadores de Curityba; fallecido com testamento em 1700; foi o tronco dos Ribas, Prestes, Telles, Taborda, Lustozas de Andrade, etc. do Paraná.

Izabel Maria de Andrade era neta pela parte materna de João Ribeiro do Valle, natural de S. Mamede de Valongo, Bispado do Porto, nascido em 1669 e fallecido em Curityba, com testamento, a 5 de Abril de 1759, sendo casado com D. Izabel Soares, natural de Curityba, nascida a 8 de Julho de 1684 e fallecida a 10 de Maio de 1760, com testamento; filha de Manoel Soares, natural de Lisbôa, fallecido com testamento em Curityba a 8 de Fevereiro de 1705, e de sua mulher D. Maria Paes, filha do Capitão Balthazar Carrasco dos Reis e de sua mulher D. Izabel Antunes.

Como se vê, são todos fundadores de Curityba onde exerceram os cargos da Republica.

Do matrimonio de Antonio Martins Lustoza, nasceu o filho unico:

2-1 Sargento-mór Ignacio Lustoza de Andrade, meu bisavô, nascido em 1766 e fallecido em Curityba a 20 de Setembro de 1834. Dotado de vasto prestigio politico e social, representou saliente papel na emancipação politica do Paraná; intelligente e activo, de acção firme e bemfazeja, muito contribuio para o renome do Estado e bem estar social.

De habitos severos e incorruptiveis, gosou sempre de alta estima e consideração, durante sua proveitosa existencia. Casado com D. Maria Catharina de Moraes Cordeiro, fallecida em 5 de Junho de 1844, filha do Tenente Antonio dos Santos Pinheiro e de sua mulher D. Anna Gonçalves Cordeiro, filha do Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes e de sua mulher D. Ca-

tharina de Senne, das principaes familias de Paranaguá, onde elle representou saliente papel, exercendo os mais elevados cargos, como já o tinham exercido os seus ascendentes — Capitães-móres Gaspar Teixeira de Azevedo e Antonio Ferreira Mattoso; o Coronel Anastacio de Freitas Trancozo, avô de outro de igual nome que fez parte do Governo Provisorio de S. Paulo; Manoel de Lemos Conde; Pedro de Moraes Monforte; Manoel Mourato Coelho e outros.

D'este matrimonio descenderam:

a) Tenente José Lustoza de Andrade, casado com D. Carolina José de Andrade;
b) Manoel de Ramos Lustoza de Andrade, fallecido solteiro;
c) D. Benedicta Francisca de Assis, casada em 22 de Agosto de 1833 em primeiras nupcias com o Capitão Joaquim Pinto Rebello, em segundas nupcias casou em 7 de Maio de 1844 com seu cunhado Tobias Pinto Rebello;
d) D. Isabel Lustoza de Andrade, casada com o Capitão Manoel Lobo da Silva Fassos;
e) D. Balduina Lustoza de Andrade, casada com seu cunhado o Capitão Manoel Lobo da Silva Passos;
f) D. Rita Maria Lustoza de Andrade, nascida em 15 de Outubro de 1807, casada com o Capitão João de Souza Dias Negrão, natural de Fermelã-Portugal, fallecido a 28 de Setembro de 1866, em Curityba;
g) D. Francisca Joaquina de Andrade, casada em 4 de Maio de 1826 com o Capitão Ricardo José Taborda Ribas;
h) Tenente Coronel Ricardo Lustoza de Andrade, casado em 7 de Janeiro de 1822 com D. Francisca Carrão;
i) D. Anna Maria Lustoza de Andrade, casada a 26 de Janeiro de 1804 com o Tenente José Luiz Pereira. Troncos dos Paula Franças, Macedos, Roseiras, etc. De Antonio Martins Lustoza, ha uma descendencia superior a 2 mil pessoas.

1-2 D. Maria do Rosario da Conceição, filha do Guarda-

mór Francisco Martins Lustoza e de sua mulher D. Maria Soares. Casada em primeiras nupcias em Curityba a 14 de Agosto de 1756, com Luiz de Souza Menezes, natural de Portugal, fallecido em 7 de Setembro de 1767; foi casada em segundas nupcias com Ignacio Moreira de Loyola. D'este segundo matrimonio não descobrimos descendentes; do primeiro matrimonio encontramos os seguintes filhos, constantes do inventario existente no Cartorio de Orphãos de Curityba, a cargo do prestativo e saudoso Snr. Coronel Izaias Augusto Alves, cujo Cartorio mantido em rigorosa ordem, foi sempre posto á nossa disposição. Filhos:

a) D. Luiza, nascida em 1767, casada a 31 de Outubro de 1786 com José Cardoso Pazes; 3-5 de 2-1, de pagina 302, Titulo Carrasco dos Reis, do Volume 1.º.
b) D. Luzia de Souza de Menezes, casada em Curityba a 2 de Março de 1778 com Francisco Maria do Sacramento;
c) Luiz de Souza de Menezes, nascido em 1756, casado a 29 de Junho de 1790 com D. Anna da Silva Cortes;
d) D. Maria Quiteria dos Seraphins, casada a 14 de Janeiro de 1786 com Manoel de Souza Pedrosa;
e) Francisco Martins Lustoza — o moço —, nascido em 1764;
f) D. Gertrudes Maria do Rosario, nascida em 1761, casada em 29 de Julho de 1779 com José dos Santos Lima (irmão dos Padres Francisco das Chagas Lima, João Gonçalves de Lima e Manoel das Chagas Lima), filho de Miguel Gonçalves de Lima, fallecido a 21 de Abril de 1766, e de sua mulher D. Maria Paes dos Santos, fallecida em 1791.

Teve de seu matrimonio, além de outros, os tres filhos:

2-1 D. Maria Helena do Nascimento, casada com João Ferreira de Oliveira Bueno, filho do Coronel Fran-

cisco Xavier Pinto e de sua mulher D. Rita Ferreira Bueno.

Teve:

a) Seraphim Ferreira Bueno, casado em primeiras nupcias com D. Maria da Trindade e em segundas nupcias com D. Ignacia dos Santos Pacheco, irmã do Barão dos Campos Geraes.

b) José Ferreira Bueno, casado em primeiras nupcias com D. Ignacia Maria da Silva e em segundas nupcias com D. Maria Bernarda de Ramos;
Do primeiro matrimonio descendeu o Capitão Seraphim Ferreira de Oliveira e Silva, que foi casado com D. Julia Moreira do Amaral e Silva, troncos dos Ferreiras do Amaral, do Paraná.
Do segundo matrimonio descendeu o Capitão Rufino Ferreira de Ramos que foi casado com D. Rita Deocleciana de Ramos.

c) João Ferreira de Oliveira Bueno Filho, casado com D. Anna da Silva Bueno;

d) Francisco Ferreira Bueno, casado com D. Anna Maria da Silva. Filhos:

1 Alferes João Candido Ferreira, casado com D. Anna Leocadia Ferreira, paes do Dr. João Candido Ferreira.
2 Joaquim Ferreira Bueno.
3 Francisco Ferreira da Silva.
4 Salvador Ferreira da Silva.
5 José Ferreira da Silva.
6 Maria Ferreira.
7 Dorcelina Ferreira.

2-2 D. Rosa Alexandrina de Lima, casada com Simão Gonçalves de Andrade. Foram paes de D. Rita Rosa de França, casada com Francisco de Paula Camargo, filho de Antonio Joaquim de Camargo e de sua mulher D. Mathilde Umbelina da Gloria;

2-3 José Reginato de Lima, casado em 1819 com D. Senhorinha da Silva Ribas.

1-3 Maria Ignacia de Jesus, filha do Guarda-mór Lustoza. Falleceu com testamento em 1809, sendo casada com Manoel Ferreira Valongo. Sem descendentes.

II

No arraial de S. Anna do Sapucahy

Honras e Regalias:

A disputa occasionada pela fixação da linha divisoria oriunda do desmembramento da Capitania de Minas Geraes da de S. Paulo em 1720, trouxe por muitos annos em constantes agitações a vasta fronteira. A descoberta de importantes minas de ouro, attrahio ao local grande numero de aventureiros; gente de toda a esphera social; esse facto vinha aggravar a situação, por si, já embaraçosa.

Foi n'essa circumstancia, que Francisco Martins Lustoza, Tabellião de Mogy das Cruzes, e casado com uma Paulista, entendeu embrenhar-se pela serra da Mantiqueira á fora, entre os rios Verde, Sapucahy e o Mandú.

Em 25 de Fevereiro de 1743 assignou o auto de ratificação de posse das terras do Arraial de São Antonio do Sapucahy, conjunctamente com os Officiaes da Camara de São João del Rey. Em fins de 1745 descobre as minas de ouro dos Arraiaes de Ouro Fino e Sant'Anna do Sapucahy; dessa ultima toma posse a 30 de Outubro de 1746, na qualidade de Guarda-mór Regente, nomeado por Provisão do Governador D. Luiz de Mascarenhas, confirmada por Provisão de 18 de Fevereiro de 1748; em nome dos Juizes, Vereadores e Procurador da Camara e do Senado da Villa de Sant'Anna de Mogy das Cruzes, peios poderes e faculdades que apresentou, concedidos pela referida Camara e Senado, se empossou do referido descoberto e seus sertões, declarando que — «Tomava posse judicial e pessoal, actual e corporalmente, tanto quanto em direito póde e pelo dito Senado lhe foi concedido, fazendo-se todas as solemnidades devidas, quebrando páus e atirando terra para o ar, tudo publica e manifestamente, dizendo em alta e intellegivel voz: Posse — Posse. Sem a ella se oppor, nem contradizer, nem embargar, pessôa alguma».

Esta posse foi ratificada por elle em 3 de Julho de 1748.

Com tal criterio e intelligencia procedeu nessa difficil

e arriscada empreza o Guarda-mór Lustoza, que captou a estima de D. Luiz de Mascarenhas que o fez Capitão-mór, e em carta de Maio de 1746 respondendo a em que o Guarda-mór communicava-lhe os attentados contra elle commettidos pela Camara do Rio das Mortes, diz que: — «o louvavel modo com que V. M.ce lhes rebateo o animo com que vinham, de espoliar a V. M.ce e a esta Capitania da posse em que está d'este descoberto: em tudo obrou V. M.ce com tanto acerto que novamente lhe recommendo a mesma constancia no caso que elles voltem a querer insistir na sua teima . . . V. M.ce sustentará a todo custo as ordens que lhe tenho dado, não lhes consentindo que fação acto algum possessorio, ou de jurisdicção, antes me fará logo avizo, porque quero ter o gosto de ir pessoalmente á esse descoberto com alguns soldados e fazer conduzir prezos para a Fortaleza da Barra Grande, não só a Justiça e Officiaes postos pelas Geraes, mas tambem o mesmo Ouvidor do Rio das Mortes se ahi vier.»

N'esse mesmo sentido o referido D. Luiz de Mascarenhas escrevia aos Officiaes da Camara do Rio das Mortes, na mesma data e em resposta á suas cartas:

«Recebo as cartas de V.V. M.ces em que me representão o intuito com que se acham de estender os Limites da sua Comarca, e jurisdicção, mettendo dentro d'ella o novo descoberto de que he Guarda-Mór, com Provisão minha, Francisco Martins Lustoza . . . e com diffusas razões pretendem justificar a sua intenção; só o tenho para lhes assegurar que heide defender de toda a sorte a posse que por parte d'esta Comarca e Capitania, tem tomado, e está sustentando o dito Guarda-mór, pois já parece ambição desordenada querer V.V. M.ces com passo lento introduzir-se por toda esta Comarca pretestando este attentado com posses clandestinas e subrepticias que não podem produzir effeito juridico. Sei bem que S. Magestade não quer motins entre os seus povos, mas tambem sei que o mesmo Senhor não quer que uns se introduzão pela jurisdicção dos outros. Tendo o Guarda-Mór agido por ordem minha, a mim me toca defendel-o, o que protesto fazer em pessôa, ao primeiro avizo que tiver de qualquer operação que V.V. M.ces ententem contra o dito Guarda-Mór.»

A Provisão Regia de 30 de Abril de 1747 passada com o fim de «por termo ás contendas que tem havido entre a Camara de São João del Rey e o Guarda-Mór Lustoza a que se refere a carta do Capm. General Governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade (Conde de Bobadella) determinando que sirva de Limites das Capitanias de São Paulo e Minas Geraes, o alto da serra da Mantiqueira», nenhum remedio trouxe ao mal, e só contribuio para demonstrar os poucos conhecimentos geographicos da metropole, em relação ao Brasil.

Como poderia essa serra servir de limites entre Mogy das Cruzes e São João del Rey e resolver si Sant'Anna do Sapucahy deveria pertencer a Minas ou a São Paulo, sabendo-se que a sua situação é muito ao sul d'aquelle Arraial, pois que a serra da Mantiqueira começando junto ao Rio Tietê proximo á Capital Paulista, segue o rumo de N.E. até Barbacena?!

A Camara do Rio das Mortes encorporada, pretendeu tomar posse dos Arraiaes. Ao chegar ás barrancas do Rio Sapucahy, determina ao Guarda-mór Lustoza — «que da parte d'El-Rey lhe mandasse dar passagens em canôas» — ao que este respondeu que — «não mandava dar passagem» — e requereu tambem «da parte d'El-Rey e do Exmo. Snr. General» que «não o pertubassem no Real serviço em que se achava». Segue forte disputa que impede o intento da Camara referida, que dá sciencia do ocorrido ao seu Governador e General Gomes Freire de Andrade. Da mesma forma procede Martins Lustoza para com o seu Governador D. Luiz de Mascarenhas que em resposta declara que — «tem elle obrado com todo o acerto e que approva inteiramente o seu energico proceder», recommendando-lhe que faça prender e remetter-lhe com segurança, quem quer que pretenda perturbar a posse Paulista.

Depois de 2 mezes de calma, quando parecia já estar finda a lucta, eis que voltam os Mineiros com muitos Officiaes de Carpinteiros á margem do Rio, onde constroem as canôas que deveriam transportar á outra margem numerosa força armada, com o intuito de prender ao Guarda-mór que, activo e vigilante acompanha o tenebroso plano de seus inimigos, e quando percebeu que as canôas esta-

vam quasi concluidas, fez sua gente transpôr o Rio e polas em pedaços. Este facto desorientou os seus adversarios e ainda mais os encolerisou. O golpe que pretendiam desferir contra o Guarda-mór, falhára inteiramente.

Tinha elle, encorporado as suas ordens, uma força magnificamente armada e em numero superior a 200 homens aguerridos. Um dos seus Capitães era André Cursino de Mattos, homem de alta linhagem e das principaes familias Paulistas, filho de José Monteiro de Mattos, cavalleiro fidalgo da casa real, mestre de campo e governador da Praça de Santos e successor de Jorge Soares de Macedo, em 1703; genro do Capitão-mór de S. Vicente, Diogo Pinto do Rego. Mas, si pela força nada conseguiam os Mineiros, pela diplomacia alliada ao poder convincente das 100 arrobas de ouro, conseguiam que a Côrte de Lisbôa, por Provisão Regia de 24 de Agosto de 1748, considerasse desnecessaria a existencia em S. Paulo, de um Governador com Patente de General, e chamasse a Lisbôa D. Luiz de Mascarenhas, sujeitando a Capitania de S. Paulo á jurisdicção do Governador da do Rio de Janeiro — o Capitão General Gomes Freire de Andrade, com poderes ampliados até para «alterar os limites das terras sujeitas á sua jurisdicção, por onde lhe parecesse».

S. Paulo não possuia ainda o poder politico, economico e financeiro que hoje possue. O café ainda não equivalia ao ouro; d'ahi a sua derrota.

Os seus bandeirantes, as suas descobertas, os seus extraordinarios serviços de desbravamentos dos sertões, tinham «resultados futuros», ao passo que as minas de sua contendora produziam o «ouro preciso ao momento»; a victoria desta tinha de ser mathematica, fatal.

D. João V — o Magnanimo — exercia o governo absoluto, sem nunca reunir as Côrtes. Durante o seu Reinado entraram em Portugal, proveniente das minas de ouro e diamantes do Brasil, incalculaveis riquezas, que esbanjava loucamente em doações ás igrejas e mosteiros, entre os quaes o de Mafra que lhe custou 120.000 cruzados, e em assombroso luxo para a sua Côrte. Natural, pois, foi a sua inclinação para o ouro.

Si reinasse elle nos nossos dias, seguindo a hermeneutica dos factos, a sua inclinação seria pelo — Café, Rei tão ou mais poderoso que o ouro.

III

No Arraial de S. Anna do Sapucahy

O reverso da medalha

Sem conta eram as ameaças feitas ao Guarda-mór por seus desaffectos. As cartas que nesse sentido recebia, faziam com que estivesse sempre de atalaia.

A sua assidua correspondencia com D. Luiz de Mascarenhas, nos dá noticias das suas apprehensões por demais justificaveis; o que abaixo transcrevemos é uma prova disso:

«Illmo. e Exmo. Snr. — Haverá dez dias se me deo a noticia de ser chegado ao Rio de Janeiro huma náo que partio de Lisbôa na conserva da frota, e logo depois outra, de estar com effeito todo recolhido, cujas novidades acredito pella rezão do tempo, que como este lugar fica remoto tarde se sabe aqui o que já nas mais partes se faz velho.

Hontem receby huma carta da Campanha na qual se me pede, viva acautellado, porque infalivelmente conspirão contra mim, os do partido das Minas Geraes por ordem de S. Magestade e soposto não ignoro que V. Exa. teria resposta do Conselho sobre os fundamentos com que lhe escreveu que se não o fazer este assim se deve presumir obrou apaixonado; se me faz precizo dizer á V. Exa. que alguma perplexidade me cauza esta contumacia, e necessariamente careço de que V. Exa. me ordene os que hey de obrar ou o como me devo portar nesta materia no caso que ponhão em execução o seu desejo; devendo V. Exa. juntamente sopor que vivo com huma gente inconstante que invejosa das onras com que V. Exa. me trata, receyo me maquinem o que o meo affecto lhe não merece, porque me sei fazer lembrado das recommendações que V. Exa. me fez.

Fico esperando a certeza de que V. Exa. está asestido

da mais perfeita saude. Deus Guarde a V. Exa. muitos annos.

Sapucahy, 11 de Agosto de 1747.

Criado de V. Exa.

(Assignado) Francisco Martins Lustoza.»

Em resposta á essa Carta, recebeu a seguinte:

«Recebo a carta de V. Mce. de 11 deste mez em que me partecipa o aviso que se lhe fez da Campanha para viver acautellado a respeito dos moradores das Geraes, por terem estes decizão de sua Magestade na presente frota em que o dito Snr. por ordem Sua adjudicou esse descoberto ao destricto e jurisdicção d'aquelle Governo, e os recuos que V. Mce. tem, de que com armas queirão os das Geraes expulsal-o, servindo de corroborar esta conjectura alguns Dragoens que se acham já na dita Campanha sem se saber o fim a que se dirigio a sua vinda e o mais que V. Mce. me expende na sua carta. Porem eu me não posso, nem devo persuadir a que os ditos moradores entrem em algum procedimento ou esbulho contra V. Mce. sem ordem positiva do seu Governador e que este a não dará V. Mce. ser attacado por Dragoens não só porque este meyo he alheio da razão e contra a mente do Soberano que não quer que os seus vassallos se destruão, ou contendão com armas, mas tambem porque o dito Governador me não tem partecipado athé o presente ordem alguma de sua Mag.e e, relativa a esta materia, cuja participação devia preceder a qualquer acto que se hade obrar contra a posse em que V. Mce. se acha por parte deste Governo, e muito mais havendo nelle a ordem de que remetto a V. Mce. a copia para conferirem os Governadores sobre a divisão das Capitanias por esta mesma paragem.

Mas, ainda assim cazo que por parte das Geraes se entre com mão armada neste destricto V. Mce. de nenhum modo faça resistencia e sómente fará hum protesto de que se retira pelo acommetterem com armas mostrando ao Official Militar ou Ministro das Geraes a ordem inclusa e requerendo-lhe que eu estou prompto para conferir com o

Governador das Geraes sobre a divisa das duas Capitanias em observancia desta ordem, ou de me comprometter com elle em pessôa idonea que o fação; pedindo-lhe juntamente a ordem que tem de S. Magestade para o novo incidente dizendo-lhe a quer para com ella me dar parte antes de lhe ceder o territorio, e caso que ellas insistão, V. Mce. depois de feito o protesto lh'o deixará, vindo ou mandando-me dar parte do que succeder, porque obrando-se a absoluta de attacar a V. Mce. sem me participarem as ordens de S. Mag.e, primeiro hey de ir, ou mandar Infantaria d'esta Praça a sustentar com armas a posse deste Governo, pois he licito repellir huma força com outra.

Deus Guarde a V. Mce. mtos. annos.

Villa e Praça de Santos, 25 de Agosto de 1747.

(Assignado) Dom Luiz de Mascarenhas.

Ao Snr. Regente e Guarda-Mór do descoberto de Sapucahy, Francisco Martins Lustoza.

Por Provizão Regia de 24 de Agosto de 1748, D. João fazia saber ao Governador e Capitão General da Capitania do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, que por considerar desnecessario que haja em S. Paulo Governador com Patente de General, mandou que se recolha ao Reino na primeira frota, D. Luiz de Mascarenhas, passando a Administração militar das Comarcas de S. Paulo e Paranaguá á jurisdicção do Governador da Praça de Santos, e sob a direcção geral do Governador da Capitania do Rio de Janeiro, como já o estavam os Governadores da Ilha de S. Catharina, do Rio Grande do Sul e da Colonia do Sacramento.

Por essa Provisão fica o Governador do Rio de Janeiro com plenos poderes de alterar os limites das terras sujeitas á sua jurisdicção, por onde lhe parecer.

Esta Provisão punha por terra todos os projectos do Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza; afastava o seu Protector e Amigo D. Luiz de Mascarenhas e dava braço forte, poderes dictatoriaes ao seu terrivel inimigo o Capitão General Gomes Freire de Andrade, que manda o Dezembargador e Ouvidor do Rio das Mortes, Thomaz Rubim de Barros Barreto a tratar com o Guarda-Mór Lustoza,

aconselhando-o a que largasse e suspendesse a sua guarda, afim de que os das Minas Geraes tomassem posse dos Arraiaes.

O Dezembargador Rubim fez-lhe ver o risco que corria com os seus commandados, visto como as forças enviadas em sua perseguição ultrapassavam em numero ás de seu Commando, além de que com a retirada para o reino, de D. Luiz de Mascarenhas, toda a Capitania se achava sujeita ao mando do Governo de Gomes Freire.

Houve por parte do Guarda-Mór forte disputa com Rubim, pelo que ficou este votando forte odio contra aquelle.

São offerecidas honras e vantagens ao Guarda-Mór pelo emissario Rubim, em nome do Conde de Bobadella que garante a conservação dos cargos e posições que tem, em troca da sua acquiescencia em acompanhal-os na demarcação dos limites pretendidos.

O caracter altivo e leal do Guarda-Mór Lustoza faz-l'o tudo recusar: honrarias, dinheiro, posições, bem estar, tudo elle repudia.

A consciencia tranquilla pelo dever cumprido é a maior recompensa que teve desta prodigiosa campanha.

Apeado de todos os cargos que exercia, pelo Ouvidor Thomaz Rubim, retira-se satisfeito comsigo mesmo para Ouro-Fino, onde o odio deste magistrado o acompanha, offendido no seu amor proprio pela resistencia opposta por Lustoza aos seus intentos.

Não podia Rubim comprehender como alguem se oppuzesse ás ordens do fidalgo Capitão General Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadella, embora esse alguem estivesse no estricto cumprimento de seus deveres obedecendo a ordens superiores.

Não se sentindo garantido em Ouro-Fino, retira-se dalli para Curityba o Guarda-Mór, pela estrada de Sorocaba, em Maio de 1749.

Ha um interrégno de 3 annos sem que tivessemos noticias delle.

Em 21 de Março de 1752, encontramol-o em Curityba, servindo de padrinho de uma criança, e em 19 de Julho de 1755 já em «Pedra Branca», figurando na ratificação de posse territorial, do sertão tibagyano.

A licção de Sapucahy não lhe abateu o animo.

O infatigavel sertanista não contente com os inolvidaveis serviços prestados a S. Paulo de 1731 a 1749, na delimitação de sua fronteira septentrional, já em 1755 se achava na exploração dos sertões meridionaes, e na demarcação territorial do planalto parananiano, então pertencente a S. Paulo.

O odio do rancoroso Dezembargador Thomaz Rubim, não o deixa, porém, em paz, e fatal teria sido ao Guarda-mór essa perseguição, si o Governador e Capitão General Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadella, não tivesse dissipado a prevenção que contra elle votára, tornando-se, como se tornou, seu amigo.

IV

No planalto parananiano

Tradição de Familia

Com a retirada do Guarda-Mór Lustoza e seus commandados, de Sapucahy para Ouro-Fino, não cessava a campanha de odios que contra elle movia o Dezembargador Rubim. Era preciso castigar o leal e digno sertanista, pela firmeza no cumprimento de seus deveres.

De Ouro-Fino tomou elle a direcção do sul com destino ao planalto parananiano pelos invios caminhos de Sorocaba, acompanhado sempre por sua esposa D. Maria Soares de Jesus e seus filhos Antonio Martins Lustoza de 18 annos de edade e Maria do Rosario de 16 annos.

Mal sabiam elles que se tornariam os troncos de numerosa prole, e dominariam, onde suppunham ser o seu exilio. A sorte tem destes caprichos.

Chegados a Curityba pelos annos de 1749 a 1751, fundaram sua residencia no sitio do Atuba, onde viveram socegadamente por algum tempo, cuidando do cultivo da terra.

As relações sociaes que estabeleceram com os Curitybanos, quasi todos povoadores e fundadores da Villa,

fez com que poucos annos depois se achassem ligados a elles, por laços matrimoniaes, como já vimos.

Tradição de familia, relata o interessante episodio que se segue:

«Tendo sido descoberto pelo Ouvidor do Rio das «Mortes, Conselheiro Thomaz Rubim, que o Guarda-Mór «fixára residencia em Curityba, procurou meios de o per- «der, e para isso solicitou da Justiça d'aqui a sua prisão, «caso se recusasse ao pagamento de supposta divida de «dizimos do ouro que se dizia ter elle extrahido das minas «de Ouro-Fino, de que fôra o descobridor e Regente. Achava- «se em sua vivenda do Atuba, quando recebeu intimação ju- «dicial, ordenando-lhe que comparecesse á primeira audien- «cia do Juizo, afim de ser inquerido sobre os factos cons- «tantes da deprecada Mineira. Disso deu elle conhecimento «a um seu compadre e amigo, manifestando o receio que «tinha de que se tratasse de perseguição de seus inimigos. «Seu compadre aconselhou-lhe desobediencia á intimação «pelo não comparecimento á audiencia e que se occul- «tasse. O Guarda-mór recusou formalmente a estes conse- «lhos; não queria expôr a familia a novas perseguições, «em terra que lhe era estranha. Recusou tambem o offe- «recimento de homens armados para o acompanhar á au- «diencia: Era aggravar a sua situação com esta ostentação «de força.

«Só, montando fogoso corcél, com o costumado es- «padim ao lado, tão á feição dos nossos avoengos, com- «pareceu á audiencia.

«Ao chegar, percebeu logo haver cahido na cilada «que lhe armaram.

«Individuos suspeitos e armados se postaram em der- «redor d'elle, com olhares desconfiados, promptos ao pri- «meiro signal.

«Inquerido, respondeu: — nada ter ficado a dever de «dizimos á Real Fazenda.

«Pouco tempo esteve á testa das lavras de Ouro- «Fino; nomeado Guarda-Mór de S. Anna, para lá se diri- «gio e permaneceu no Real Serviço; d'ali só se retirou «quando destituido do seu cargo pelo Conde de Boba- «della.

«A sua volta a Ouro-Fino foi de pouca duração por «ter de se retirar para o sul. Nada devo, repetio.

«A Justiça, porem, não admittia contradicta, era im- «placavel; ou confessava a divida, para cujo pagamento se «lhe fixava curto prazo, ou era preso.

«Estavam as cousas neste pé, quando Martins Lus- «toza voltando-se para a rua, ao sentir o galopar de ca- «vallos, vio os cavallarianos que vinham em seu auxilio «ao mando de seu filho e do seu Compadre. Era o mo- «mento preciso. «A penna de ganso» com a qual deveria «firmar o documento de credito, já lhe tinha sido entre- «gue. Ao sentir-se apoiado pelos recem-vindos, segurou «com a mão esquerda a penna, emquanto que, com a di- «reita desembainhou o espadim e com gesto de quem a «aparava, fêl-a em pedaços e com o que lhe restou na «mão, emergio no tinteiro, inutilizando o documento, com «grande espanto de todos.

«O Juiz escandalizado e encolerizado, reclama respeito «e obediencia á sua alta autoridade.

«Quem é um Juiz? E' acaso algum Rei? Pergunta «calmamente o Guarda-Mór.

«Um Juiz, responde o interrogado arrebatadamente: «é a mais alta autoridade e no exercicio de suas attribui- «ções «vale tanto ou mais que El-Rey». Palavras para «que foram dictas: — Era o que pretendia ouvir o Guarda- «Mór, que imperiosamente exclama: «Tome o Snr. Escri- «vão por termo as declarações d'este — Biltre — que diz «que um Juiz é mais que El-Rey».

«Dirigindo-se ao auditorio diz: «Sirvam os Senhores «de testemunhas ao facto. Snr. Escrivão, vamos, ao termo».

«Viravam-se os papeis, o Juiz converte-se em cor- «deiro, de lobo que era, e supplicante e humilde pede des- «culpas, dando por finda a audiencia com o protesto de «pôr fim ao comico incidente.»

Assim aconteceu.

Era mais uma perseguição que se esboroava ante a energia do sertanista. Era preciso castigar os altivos para exemplo.

O povo precisava ser depennado: Minas Geraes se havia compromettido a dar 100 arrobas de ouro annual-

mente a Sua Magestade, para o fausto da Côrte e do Clero da Metropole. Pouco importava o empobrecimento da colonia; extinguia-se governos de capitanias, difficultava-se a justiça, mas — «a palavra dada» — tinha de ser cumprida, gritasse quem gritasse.

As minas das bandas de Villa Rica não comportavam a alta liberalidade?

Pouco importa. São Paulo poderá ser despojado das suas descobertas territoriaes e auriferas, que serão incorporadas a Minas; por essa forma o sacrificio será partilhado entre todos. A Provisão Régia não concedera poderes de alterar divisas territoriaes ao Conde de Bobadella?

O poder é o poder. . .

Mesmo assim, o sacrificado povo gemia sob o guante oppressor.

O desgosto já formava o fermento da Conjuração que 40 annos mais tarde teria seu epilogo com a quéda da cabeça do proto-martyr Tiradentes.

O Guarda-Mór si não teve a mesma sorte do alferes Valerio Brandão e tantos outros sertanistas que por faltas iguaes á sua, estiveram 9 e 10 annos presos na cadeia de S. João d'El-Rey, deveu somente á sua energia indomavel.

V

No planalto parananiano

Guarda-Mór de «Pedra Branca»

Habituado á vida dos sertões, affeito ás explorações de descobertas do ouro, de pouca duração foi a sua permanencia em sua vivenda do Atuba.

Talvez mesmo que, receioso de que o não cumprimento da deprecada, devido ao incidente já relatado, viesse a irritar ainda mais o Ouvidor do Rio das Mortes contra elle, resolveu transferir sua residencia para Pedra-Branca. Alli, conjunctamente com os Juizes e Vereadores, assigna em 1755 o termo de ratificação de posse do territorio que deveria mais tarde constituir o Estado do Paraná.

Sendo este um documento importante, entendemos dever aqui transcrevel-o na integra:

«Anno do nascimento de N. S. Jesus Christo de 1755 «aos 19 dias do mez de Julho do dito anno, neste conti- «nente da — Pedra Branca — aonde se achavam o juiz «presidente — o capitam Miguel Ribeiro Ribas, e o Verea- «dor primeiro Francisco Marques, e o segundo Sebastião «Teixeira, e o Procurador da Camara José Gabriel Leitão, «e o porteiro eleito Francisco Pinto, e sendo ahi para «effeito de ratificação e posse que já tem deste continente, «como tambem para a extensão que comprehende esta «villa, e seu termo, e sertão, e ratificassem a posse que «tem destas paragens, por estarem dentro do districto desta «villa, do qual districto serve de balisa e termo o Rio «Itararé para a parte de Sorocaba, e para a parte do sul «serve de balisa as Lages, ficando sua demarcação o Rio «das Pelotas, e todo este sertão do Tibagy dentro do «termo desta villa, e por tal tomam, e com effeito ratifi- «cam a dita posse, para cujo effeito mandou o dito juizo «pelo porteiro apregôar a posse, a que satisfez o dito por- «teiro em altas vozes, dizendo que os officiaes da Camara «d'esta villa tomam posse e ratificam a que tem desta pa- «ragem do Rio Tibagy, para dentro, não só das partes «povoadas, mas tambem as que de novo se cultivam, e de «todo o sertão que vae entestar até o Rio Grande, onde «faz barra o dito Rio Tibagy, mediando entre elles o fa- «moso campo de Guarapuava, descoberto e continuamente «versado pelos moradores deste districto, ficando mais en- «tre estes o celebrado Capuaruçú, e Ivahy, e suas verten- «tes, Agudos e Pucaraná, de que tudo se apossavam elles «ditos officiaes, e de tudo o mais que fica dentro das «referidas balisas, e de tudo quanto dentro dellas se «descubrir, por tudo estar dentro dos termos do dis- «tricto desta villa, e repetindo tres vezes em altas vo- «zes sendo presentes os abaixo assignados: não houve «quem á elle se oppuzesse, que por signal cortou o dito «porteiro um ramo de uma arvore, e o deu a José Ga- «briel Leitão, procurador do Conselho, sendo a tudo pre- «sente as testemunhas adiante assignadas, as quaes tam- «bem se assignaram dizendo que só querem deste dis-

«tricto serem sujeitos, e governados pelas justiças desta «comarca, e não por outras, que lhe não pertence o refe- «rido districto, do que de tudo mandaram elles ditos offi- «ciaes da Camara fazer este auto de ratificação de posse «em que se assignaram com as testemunhas abaixo, e o «porteiro eleito, e elle Antonio de Mello Vasconcellos es- «crivão que o escrevera. (assignados) Ribas — Marques — «Azevedo — Teixeira — Leitão — de Francisco Pinto — «Antonio Luiz do Valle — Francisco Martins Lustoza — «Bento Soares de Oliveira — Francisco Gonçalves Padi- «lha — Henrique Pereira dos Santos — João Soares Fra- «goso — Simão Barbosa — João Leme de Siqueira — «Salvador da Gama Cardoso — Antonio Martins Lustoza «— Francisco Luiz Cardoso — Domingues Leme — Paulo «Pinto Filgueiras.»

— Francisco Martins Lustoza com seu filho Antonio, nesse mesmo anno de 1755, atiram-se ás explorações dos sertões e descobrem as minas de ouro de Pedra Branca, da qual foi, como já dissemos, nomeado Guarda-mór por Provisão do Conde de Bobadella.

Os cargos de Guarda-mór, além das obrigações e regalias inherentes a seus jurisdiccionados, além da regencia e administrações que lhes competia das minas dos descobertos, tanto no civel como no judicial e crime, davam direito a grandes honrarias e previlegios.

Tinham os Guardas-Móres a primazia, na entrada das Igrejas, aos ductos do thuribulo, com que era costume receber-se á porta dos Templos, as autoridades, para incensal-as.

Nomeado Guarda-Mór de «Pedra Branca», teve Martins Lustoza necessidade de vir a Curityba, onde foi á Igreja assistir a uma solemnidade religiosa.

Como elle, foram outras autoridades, talvez que, em sua companhia.

Ao chegar á porta da Igreja, entendeu o Vigario que a primazia competia á outra autoridade que não á do Guarda-Mór.

O facto provocou grave conflicto. O historiador Antonio Vieira dos Santos, em suas preciosas «Memorias Historicas», assim se refere ao acontecimento:

«1757-1084. O Dr. Ouvidor Geral e Corregedor Jeronymo Ribeiro de Magalhães, estando de correição na Villa de Curityba, os Cidadãos mais grados da mesma, em numero de 40 pessôas lhe requererão por hum — Nós abaixo assignados — para mandar prender a hum Francisco Martins Lustoza que morava no descoberto novo das minas de ouro no lugar acantonado com muitos aggregados criminosos; e culhambolas; estando alli levantado sem temor de Justiça, responde as ordens que lhe dirigiram com palavras injuriosas, estando armados de polvora e balas e mantimentos e se fez termo no dia 1.º de Março de 1757, para se mandar prender, a cuja diligencia forão mais de 200 homens para o prender, e despersarem este novo acantonamento, mas evadio-se e «não conseguirão prendel-o.»

— Sobre esse mesmo assumpto encontramos no Livro de Vereanças de Curityba, do anno de 1757 o seguinte, por nós copiado:

«Ao primeiro dia do mez de Março de 1757, n'esta «Villa de N. S. da Luz dos Pinhaes de Curityba, em os «passos do Conselho desta Villa, onde se ajuntaram os «Juizes, Vereadores e Procurador do Conselho em corpo «de Camara para fazerem correição Geral pelas Ruas Pu- «blicas d'ella se acharam reunidos . . . . . (neste ponto o «livro está indecifravel, por letras apagadas pela humidade) «. . . . . mandou tocar o sino para ver se havia algum «requerimento á despachar ou algumas petições e se to- «mou contas ao Procurador Manoel dos Santos Cardoso. «Na mesma appareceram os Mineiros e mais Pessôas «Principaes desta Villa e seu termo, fazendo requerimento «que erão tomados a presença do Dr. Corregedor, uns «por justificações, outros por desobediencia a um Edital «que o Dr. Corregedor tinha mandado publicar nesta Villa, «e fechar no pelourinho novo, em que . . . . . (ha aqui «uma palavra indecifravel no livro) . . . . . Francisco Mar- «tins Lustoza e que era vóz vaga nesta Villa estar o dito M. «Lustoza levantado sem temor de Justiça o que com effeito «era manifestado por recados e cartas que aos proprios Dou- «tores Corregedores tinha enviado, porquanto não aceitava «ordens que estas lhe mandavão e trazião nas estradas do

«dito descoberto homens armados da sua facção, respon-«dendo com palavras injuriosas a justiça, ameaçando. . . . «(neste ponto infelizmente se acha o livro completamente «apagado pela acção do tempo e humidade, pelo que não «nos foi possivel copiar o final da acta).

A 1.º de Novembro de 1762 foi o Guarda-mór Francisco Martins Lustoza eleito Juiz ordinario e Presidente da Camara de Curityba. Não se achando presente ao acto da posse occorrido a 1.º de Janeiro de 1763, em sua falta tomou posse o seu immediato o Capitão Manoel Gonçalves de Sampaio, eleito Juiz de «barrete». Em 15 de Janeiro deste mesmo anno, reuniu-se a Camara referida por ordem do seu Capitão-mór, para eleger a tres pessoas das mais capazes e de sã consciencia e intelligencia e dar as informações a respeito de cada um, afim de que — «o Conde (Illmo. e Exmo. Snr.) General» — escolhesse o que lhe parecer para o cargo de Sargento-mór, vago por se ter mudado para Paranaguá, Simão Gonçalves de Andrade.

Foram indicados:

1 — Manoel Gonçalves de Lima, he homem rico, casado nesta Villa, terá 50 e tantos annos, bom christão, de bôa vida e costumes.

2 — Francisco Martins Lustoza, he homem viuvo, que vive de minerar, tem seus empenhos, mas he homem de bom procedimento e bom christão, e muito bôa intelligencia para estas e muitas outras occupações, que terá 47 annos ou pouco mais.

3 — Joaquim José Alves, he homem casado, abastado de bens e ao que parece, bom christão, que terá 30 annos pouco mais ou menos.

Corrida a folha, sobre cada um foi julgado impedido o Guarda-Mór Lustoza «por ter culpas no Juizado da Ouvidoria Geral desta Comarca».

O Guarda-Mór sentindo-se prejudicado com esse facto, requereu e a Camara de Curityba deferio, que fosse registrado nos Livros d'ella a inclusa carta que relativamente ao assumpto recebera do Conde de Bobadella.

Do Livro de Vereanças de Curityba, do anno de 1763 copiamos e aqui transcrevemos o que se segue:

«Registro de uma carta em virtude de uma petição «feita pelo Guarda-mór Francisco Martins Lustoza aos «Officiaes da Camara desta Villa em 8 de Janeiro de «1763, cujos mandarão registrar a qual carta é enviada e «assignada pelo Illmo. e Exmo. Snr. Conde de Bobadella «e General Gomes Freire de Andrade, cujo theor é o se-«guinte:

«Carta. Havendo-me V. Mce. escripto em Dezembro «do anno proximo passado recebi a sua carta a tempo em «que maiores dependencias me tiravão até o descanço; «agora que estou nos dominios d'El-Rey Nosso Senhor, «direi a V. Mce. que estimo muito as suas felicidades e «que posto me assegurarão que V. Mce. estava em armas «feito regulo e muitas coisas mais, não acreditei, mas de «que V. Mce. o que pretendia era se lhe cumprisse a mi-«nha Portaria.

«Para que esta acabe agora de ter o seu devido ef-«feito, remetto ao Ouvidor Geral uma das vias de Provi-«são para V. Mce. ser Guarda-Mór e ao Padre Caetano «Dias mando outra via.

«He tempo em Novembro de se entrar na Repartição «que muito recommendo ao Ministro seja feita sem par-«cialidade, e que a V. Mce. se lhe dê a preferencia de «descobridor como o Regimento determina.

«Recommendo muito a V. Mce. o socego em tudo, «pois sabe, é maior lisonja que me pode fazer, dando a «ver á todos como cumpre as minhas ordens e quando «haja alguma menos regulada disposição da parte do Dr. «Ouvidor agora tenho aqui residencia; recorra V. Mce. «certo de que no que tiver resam e justiça me achará «prompto a dar remedio.

«Não pode Pay e Filho servir em uma mesma men-«za. E' essa a cauza de não mandar a V. Mce. a Provi-«são para seu filho de Escrivão. Mas recommendo muito «a capacidade da pessoa e, quando mantenha defeitos, V. «Mce. me avise. Recommendo a V. Mce. como Guarda-«Mór, desse descoberto, o socego em esses Mineiros, e mais «gentes que ahi forem, e de tudo me dará V. Mce. conta, «sendo certo lhe desejo valler, e velho com descanço.

«Deus Guarde a V. Mce. muitos annos. Fortaleza de

«Jezus, Maria, e José a 3 de Agosto de 1757. Servidor de «V. Mce. (assignado) Gomes Freire de Andrade — Ao «Snr. Francisco Martins Lustoza.» Nada mais continha em «dita carta que aqui bem e fielmente transladei e registrei «ao proprio original. Em fé do que me assigno. — Cu-«rityba, 8 de Fevereiro de 1763. O Escrivão Manoel Bor-«ges de S. Payo.»

Esta carta, habilmente mandada registrar nos Livros da Camara de Curityba, veio trazer grande elucidação ao caso e justificar a memoria do Guarda-Mór, de juizos mal formados.

Mais uma vez triumpha elle.

Passemos á Expedição ao Tibagy, onde o encontraremos como Commandante da 6.ª expedição, com perto de 70 annos de edade.

Não satisfeito com o Registro que mandou fazer nos livros da Camara de Curityba, da carta que recebera do Capitão General Gomes Freire de Andrade, fez tambem registrar a Provisão do cargo de Regente do descoberto de Sapucahy, assim como da ordem de D. Luiz de Mascarenhas datada de 1756, em uma Portaria ao Coronel Antonio de Mello e Vasconcellos em que declara que apezar de ser o Guarda-Mór Lustoza cumplice nas desordens commettidas em Sapucahy, Comarca do Rio das Mortes, d'onde se ausentou com temor do castigo, para os Campos Geraes de Curityba, em cuja paragem se occupa em descubrir ouro, se não proceda sua prisão sem nova ordem sua.

«Lançamento de hua provizam em que foi provido Francisco Martins Lustoza no cargo de Regente do novo descoberto de Sapucahy e seu districto e he o seguinte:

«Dom Luiz Mascarenhas Commendador da Ordem de Christo, do Conselho de S. Magestade Governador e Capitão General da Capitania de S. Paulo e Minas de suas Repartições.

«Faço saber aos que esta minha provisão virem, que tendo Respeito a se dever prover o cargo de Regente do novo descoberto de Sapucahy e seu districto para a bôa administração de Justiça evitar as desordens que podem sobrevir e se dever já ter em pessoa de capacidade, intelligencia e prestimo e tendo attenção a estas partes que concorrem na de Francisco Martins Lustoza: Hei por bem fazer-lhe mercê de o nomear no dito cargo de Regente do novo descoberto, de Sapucahy e seu districto, que servirá por tempo de seis mezes na forma do capitulo 18 do Regimento deste Governo e emquanto eu o houver por bem de Sua Magestade que Deos guarde não mandar o contrario e com o dito cargo de Regente terá Jurisdicção no civel e crime, que direitamente lhe permittem as leis na falta de Ministros lettrados observando o Regimento dos Ouvidores Geraes de servir as com Justiça fazendo muito por as acommodar com seus pleitos evitando as que forem menos justificadas e do serviço que o suplicante fizer neste emprego será atendido de Sua Magestade assim como são no Reino os Officiaes da Fazenda Real cuja declaraçam lhe faço pelo dito Senhor assim o ter ordenado e por esta o hei permitido da posse do dito cargo de Regente que exercitará debaixo do juramento que for dado na Secretaria deste Governo, guardando em tudo o serviço de Sua Magestade em direito as partes e haverá os emolumentos, assignaturas pros e precalços que direitamente lhe pertencerem e ordeno aos moradores das ditas Minas o conheçam por Regente dellas e como tal o Respeitem como provido, cumprindo as suas determinações, acommodando-se com seus mandados e sentenças, cumpram e guardem esta provizam inteiramente como nella se contem sem duvida alguma a qual lhe mandei passar por mim assignada e sellada com o signete de minhas armas que se Registará no livro da Secretaria deste Governo e nas partes a que tocar e pagará ou dará fiança idonea na Provedoria da Fazenda Real aos novos direitos que dever pagar.

«Dada na Villa de Santos, a 28 de Setembro de 1746. O Secretario Manoel Pedro de Macedo Ribeiro. Dom Luiz Mascarenhas. Lugar do signete.

«Provisam porque V. Ex.ª ha por bem fazer mercê a Francisco Martins Lustoza do cargo de Regente do novo descoberto de Sapucahy e seu districto por tempo de seis mezes na forma do Capitulo 18 do Regimento deste Governo como nella se declara. Para V. Ex.ª ver. Reg.da a

fls. 38 do L.º do Reg.to da Secretaria deste Governo. Santos, 30 de Setembro de 1746. Manoel Pedro de Macedo Ribeiro. E não se continha mais em a dita Provisam que aqui bem e fielmente mandei lançar do proprio original, e vae na verdade sem couza que duvida faça, o qual corri, vi e conferi com o proprio original, o qual me reporto e subscrevi e tornei a entregar o proprio original ao mesmo que foi provido de o receber e se assignou com migo Escrivam. Coritiba vinte de Setembro de mil setecentos e cincoenta e seis annos. Digo tornei a entregar ao proprio Antonio Martins Lustoza filho do Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza, que de como Recebeo e se assignou. Coritiba 20 de Setembro de 1756 annos e eu Antonio de Mello e Vasconcellos Escrivam que o subscrevi e assignei. Antonio de Mello e Vasconcellos. Recebi a propria para entregar a meu Pai Francisco Martins Lustoza. Antonio Martins Lustoza.»

— «Lançamento de hua certidam passada por S. Ex.a o Regente Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza e he a seguinte:

«Dom Luiz Mascarenhas Commendador da Ordem de Christo do Conselho de S. Magestade Governador e Capitão General da Capitania de S. Paulo e minas de sua Repartiçam. Certifico que sendo pedido a serviço de Sua Magestade e a boa harmonia dos Povos dar-se a providencia necessaria do novo descoberto de Sapucahy, por se achar nelle bastante Povo arranchado extrahindo ouro; fez eleição na pessoa de Francisco Martins Lustoza para exercer o cargo de Regente e Guarda-Mór do dito descoberto, mandando-lhe para esse fim passar provisam de cujo emprego tem exercitado desde 28 de Setembro de 1740 até ao presente, administrando Justiça as partes com bôa satisfação e muita inteireza de sorte que nunca houve delle a menor queixa mas antes tem desempenhado o conceito que de sua pessoa fiz pois não só tem cuidado no socego daquelle povo, mas tambem no augmento delle com novos descobertos que tem feito a sua custa como de prezeste fez hum como consta, do que resulta proveito ao

bem commum e augmento dos direitos reaes, por cujo serviço se faz merecedor de toda a honra e mercê que a Real Grandeza de Sua Magestade se destinar fazer-lhe.

«Passo o referido na verdade e tam necessario he o juro aos Santos Evangelhos e por me ser pedido o presente lhe mandei passar sob meu signal e signete de minhas armas. Dada na Villa e Praça de Santos, a 21 de Dezembro de 1748. Dom Luiz Mascarenhas. Lugar do signete. E não se continha mais em a dita certidam que bem e fielmente a mandei lançar do proprio original e vai na verdade sem couza que duvida faça, que corri, vi e conferi com o proprio original ao qual me reporto e subscrevi, e torno a entregar o proprio original ao mesmo Regente que a pedira de o tornar a Receber e assignou commigo o escrivão. Coritiba, 20 de Setembro de 1756 annos. Entreguei a propria a Antonio Martins Lustoza, filho do Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza que o recebeu e assignou. Coritiba, 20 de Setembro de 1756 annos, e eu Antonio de Mello e Vasconcellos Escrivam que o subscrevi e assignei. Antonio de Mello e Vasconcellos. Recebi a propria para entregar a meu Pae Francisco Martins Lustoza. Antonio Martins Lustoza.

«Lançamento de uma Portaria passada ao Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza, e he a seguinte:

«Porquanto sendo cumplice Francisco Martins Lustoza, de umas desordens comettidas em Sapucahy pertencente a Comarca do Rio das Mortes da Capitania das Minas Geraes, se auzentou com o temor do castigo para os Campos Geraes de Coritiba, em cuja paragem temos noticia se occupa em descobrir ouro e que he encontrado alguns alli, e signaes, que prometteu havel-o naquella parte com grande conta, o que ao prezente está examinando para o poder dar em manifesto, se não proceda a prizam contra o dito Francisco Martins Lustoza, sem nova ordem minha attendendo a utilidade commum que pode rezultar das diligencias em quanto nas quaes não perturbar a pessoa alguma com pena de ser castigado a meu

arbitrio e do que achar me dará conta o dito Lustoza e virá communicar e me avizar aonde estiver, e nas Missões do Uruguay, onde irei demorar-me mais de hum anno, e fio na sua actividade, a empregará com a maior exacção e desvello nos referidos exames, e que não retardará fazer-me sciente das offertas que produzirem, ficando certo que em o executar assim fará um grande serviço a Sua Magestade. Rio Grande a 7 de Junho de 1754, o Secretario da Expediçam Manoel da Silva Neves, escreveo. Gomes Freire de Andrade. E não se continha mais na dita Portaria que aqui bem e fielmente a mandei lançar do proprio original e vai na verdade sem couza que duvida faça que corri, vi e conferi com o proprio original a qual me reporto e subscrevi e tornei a entregar o proprio original ao mesmo Guarda-Mór, que ao receber se assignou com migo escrivam. Coritiba 20 de Setembro de 1756 annos, digo o proprio original a Antonio Martins Lustoza, filho do Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza e de como o recebeu se assignou. Coritiba 20 de Setembro de 1756 annos, e eu Antonio de Mello e Vasconcellos escrivam que o subscrivi e assignei. Antonio de Mello e Vasconcellos. Rc.[1] o proprio para entregar a meu Pae Francisco Martins Lustoza. Antonio Martins Lustoza. Extrahido do 17.º Livro de notas do Tabellião M. J. Gonçalves.

— O Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza, tinha uma grande divida com o Sargento-Mór do Rio das Mortes Lourenço Ribeiro de Brito que requereu a execução della. O Guarda-Mór por conta dessa divida remetteu-lhe por diversas vezes 3004 oitavas em ouro, sendo 591 em 4 e 16 de Setembro de 1742; 200 oitavas em 8 de Agosto de 1743; 120 oitavas em 3 de Abril de 1743; 413 oitavas em 30 de Junho de 1743; 300 oitavas a 23 de Setembro de 1744; 80 oitavas em 29 de Junho de 1744 e 1300 oitavas em 9 de Agosto de 1746. Os recibos desses pagamentos, com firmas reconhecidas e com testemunhas foram mandados transcrever no Livro 17 do Tabellião de Curityba, do anno de 1756 (14 de Agosto de 1756), hoje a cargo do Snr. Manoel José Gonçalves.

VI

No planalto parananiano

Expedições a Guarapuava e Tibagy

O tratado de limites firmado em 1750 entre as corôas de Castella e a Luzitana, estabeleceu permuta territorial: Portugal cedeu á Hespanha a sua Colonia do Sacramento, se desinteressando por essa forma da embocadura do Prata; em troca a Hespanha cedeu aos Portuguezes a antiga provincia do Guayra, situada ao meio do sertão, entre Guarapuava e Rio Paraná, e as aldeias de Cruzes de Tapes e de Vera, no Rio Grande do Sul, reconhecendo assim as conquistas dos heroicos Bandeirantes da terceira decada do seculo XVII.

Alargava por esta forma de mais de 150 leguas em direcção a Oeste, o sertão curitybano, de forma que a vasta faixa habitada por Castelhanos que servia de cunha entre terras do sertão de Matto Grosso e o parananiano, estabelecendo uma solução de continuidade entre ellas, desapparecia para dar lugar a um limite entre elles apenas separado pelo magestoso Rio Paraná.

Eram constantes as incursões dos Castelhanos em terras da dominação Portugueza: O tratado de 1750 era o remedio a esse mal, que se pretendia evitar. Foi de grande alcance politico, pois, veio firmar a acção expansionista dos gloriosos «Bandeirantes» de 1630, mantendo integro o territorio Brasileiro, seriamente ameaçado na sua parte meridional pelas incursões castelhanas por meio das antigas Missões Jesuiticas. Data dahi a paz reinante no territorio parananiano, jamais perturbada desde então.

Si ao sul ainda houveram até 1777 algumas tentativas expansionistas dos hespanhóes, não pouderam ellas ser duradouras.

O grande estadista, marquez de Pombal, Ministro de D. José I de Portugal, com sua clarividencia, procurou pôr fim a esta situação.

Ordena á D. Luiz Antonio de Souza — Morgado Matheus — Governador de S. Paulo, a formação das ex-

pedições ao Tibagy e Guarapuava, com fins de explorar os sertões, formar nucleos e fortificar toda a vasta faixa fronteiriça com os castelhanos do Frata.

«Se acharem signaes de gente civilisada e domestica que prezumão ser Espanhóes, os tratarão com agrado e modo, os servirão naquillo que lhes fôr possivel, e se acazo lhes perguntarem o que querem e o que procurão por alli, lhes dirão que sahirão por impulso de buscar o Gentio no Sertão para se evitarem as continuas sahidas com que nos andão provocando, e como tranzitão pelas terras do nosso Rey se estenderão por estes Sertões para melhor poderem reduzir o Gentio á civilisação e á paz que pretendem e se aproveitarem dos fructos do mesmo Sertão.»

— D. Luiz recebe de Pombal instrucções reservadas e, necessitando para o commando em chefe das expedições, de pessôa de inteira confiança, confiou aquelle cargo ao Tenente Coronel Affonso Botelho de Sampaio e Souza, seu primo e homem de grande competencia e actividade, como demonstrou sempre.

Fez povoar e edificar fortins em Guaratuba e construir a Fortaleza da Barra de Paranaguá, preoccupado na defesa da nossa costa até Cananéa, que tambem fortifica.

Em 1768 organisa as primeiras expedições, demonstrando na organisação dellas maximo criterio, não só na escolha dos Commandantes, como na do pessoal. Das informações que ministrou a D. Luiz vê-se que:

«Formou-se a primeira Companhia de gente de Curityba, S. José e Campos Geraes de que he Capitão Estevão Ribeiro Bayão já Capitão de Auxiliares da Freguezia de S. José; toda esta gente he criada no caminho do Sertão que vay dar ao Rio Grande e por estes mattos ha caça, mel e o mais que aqui la vão, e por isso são fortes e robustos e proprios para o matto aonde tem sido a sua criação; por cuja cauza me pareceo que devia ser esta gente a primeira que entrasse para o Sertão, como entrou aos 20 e 21 de Julho, pelo «Porto de S. Bento», muito acima da Pedra Branca, ficando-lhe esta ao Norte e o Rio Tibagy da mesma sorte seguindo o caminho do Rio do Peixe e dahi para diante como declarão as ordens; indo

gente pelo dito Rio que parece ser Ubatuba para ver se encontrava com alguem que viesse das partes de João Miz e tão bem passe a examinar o dito Rio que, como no mappa mostra cortar o Sertão pelo meyo pode ser muito util para os fins desta expedição e seguindo este caminho, já o Tibagy fica muito ao Norte e delle se não procurão noticias algumas por ficar fora do intento das ordens que V. Excia. tem dado.»

«Entrou á 13 de Agosto o Capitão Francisco Nunes, Capm. de Auxiliares da Villa de Iguape com a gente da mesma Villa e de Cananéa, que por ser gente que costuma andar embarcada e ter criação de mattos e rios, supposto vay seguindo o mesmo caminho da primeira Companhia até o rio do Peixe, para dar calor á primeira expedição e por não poder abrir-se outro caminho, tanto que do dito Rio do Peixe procurará direitamente as margens do Rio do Registo, como se declara no Cap.º VI das ordens que levou, e seguindo as mais vay procurar o fim que V. Exa. nas suas ordens determina; e se huma expedição não tiver a felicidade de chegar aonde se espera poderá outra conseguir o que se pretende, e em qualquer caso se podem valer huma da outra, e juntamente da que agora entra pelo Rio do Registo.

«A terceira expedição he composta de gente de Paranaguá; é Capm. o Alferes de Auxiliares da mesma villa Antonio da Silveira Peixoto.

«Esta gente, por ter sido criada na borda do mar e ter uzo de andar embarcada, ha de embarcar até aos 20 ou 26 deste mesmo Porto de N. Sra. da Conceição de Cayacanga, do Rio do Registo, e descendo por elle abaixo seguindo o caminho que foi abrir o Sargento de numero da mesma Companhia, que em tres canôas partiu aos 28 deste mez passado; tanto que pudessem abrir caminho por terra ou por Rio que saya a campo por baixo do salto grande do mesmo Rio, nas margens delle se hão de estabelecer na parte mais commoda que acharem para povoação, com as circumstancias que V. Exa. declara, e tanto que acharem um lugar como V. Exa. ordena, hão de parar, botar roça que chegue para si e para a mais gente que anda no Sertão, e for precizo entrar e se não tiverem

noticia das duas Companhias que entrarão por terra, deixando alli aquella gente que fôr preciza, hão de continuar embarcados se for possivel a navegação no mesmo Rio do Registo, até chegar ao fim delle ou aonde puder ser, e em tudo seguirem as ordens de V. Exa.; e emquanto se achão occupados com as roças, as Companhias que vão pelo Sertão chegarão aonde se lhes ordenou, dando parte ao Commandante de toda essa expedição, que ha de estar no primeiro lugar em que a gente se estabelecer nas margens do Rio do Registo o dito Commandante com a gente que se achar no Sertão, que hade ser ao pé de 300 homens, pode dispôr conforme as noticias que tiver, e com o dito corpo fazer-se forte em toda a parte.

«Para Commandante de todas estas expedições não conheço por aqui sogeito mais capaz que o Sargento-Mór Francisco José Monteiro, que agora vem para cima com a gente de Paranaguá.»

— Havia um fim todo politico, a nosso ver, nessa empresa.

Não se comprehende como se organizassem expedições militares, nas quaes se despendiam dezenas de contos de reis, numa epoca em que se supprimiam despesas inadiaveis, que se extinguiam Capitanias e Governos, se organizassem expedições militares com perto de 600 homens, tendo outros motivos que não algum fim altamente politico.

As instrucções aos Commandantes, sempre veladamente se referem — «a algum projecto occulto» — que deviam dissipar aos olhos dos Hespanhóes, caso com elles se encontrassem.

«E para que nem os da expedição, nem os hespanhóes, topando-se, fiquem receosos de algum projecto occulto, farão alto aonde quer que se toparem, e querendo os Hespanhóes, com razões ou outra alguma obra, embaraçar-lhes o passo e impedir-lhes a liberdade de andarem pelas terras do nosso Soberano, não podendo com palavras e bons modos desvanecer quaesquer pretextos que elles arguirem, ajustarão tempo sufficiente em que se possa dar parte aos seus respectivos Governadores, e emquanto não chegar a decisão se conservará o Capitão na parte

mais commoda donde se topar com os Hespanhóes, não consentindo que estes passem para as nossas partes, nem o Capitão com a sua voltará para traz sem lhe ir a rezolução do que deve obrar, conservando-se sempre, e adiantando-se com a mayor vantagem que lhe for possivel.»

— O povoamento do sertão fronteiriço, a catechése dos indigenas, e a fortificação da zona, eram os motivos a allegar-se, e isto era sempre recommendado.

A descoberta do ouro não fazia parte dos planos das expedições, tanto é assim que nas instrucções que Affonso Botelho dava aos Commandantes, prohibia que se entregassem a essa occupação:

«Se acazo o Capm. ou alguma pessoa do seu commando encontrar com ouro ou outra quaiquer riqueza, marquem a dita paragem para que a todo o tempo possão tornar a achar aquelles sitios, mas por modo algum consinta que a sua gente se entretenha nestas occupações, e se acazo algum esquecido da sua obrigação tiver mais amor ao ouro que cumprir o que deve, o fará castigar com o mayor rigor para que os mais fiquem certos como devem servir á Sua Magestade.»

— O inicio das explorações data de 1768 e só em fins de 1770 é que D. Luiz entendeu chegado o momento de dar começo a descoberta das decantadas riquezas, conforme se vê da Ordem que se segue:

«Porquanto se faz precizo que nas circumstancias presentes em que se acha vadiado o grande sertam do Tibagy por differentes partes se cuide de descubrir as decantadas riquezas que desse continente sempre pregou a fama. . . .

«Ordeno ao Tenente Coronel Affonso Botelho de Sam Payo e Souza, que, escolhendo huma pessoa das mais capazes e de mayor conhecimento do sertão que puder achar no districto de Curityba forme debaixo de sua administração hua bandeira e instruindo de tudo o que deve obrar o faça entrar por aquella parte mais propria, em direitura aos «Morretes de Capivarussú», com ordem de procurar nellas todas as «noticias das Riquezas» que alli houver tanto na Serra como nas suas vertentes e corregos que delle nascem, e de tudo o que achar traga miu-

das e verdadeiras noticias signalando os Lugares em que fizer os descobrimentos, e para o referido lhe concedo as faculdades necessarias, para ajustar com elles e com os camaradas que forem em sua companhia os partidos que julgar precizo, dando-me parte do que obrar a este respeito, o que espero obre com aquelle zelo e economia que costuma, e conforme ao conhecimento e justificada experiencia que tem destas disposições. S. Paulo a 27 de Setembro de 1770 annos. D. Luiz Antonio de Souza Mourão.»

— As primeiras expedições tinham todas um caracter inteiramente militar, e visavam evidentemente a fronteira castelhana e as terras dos sertões da antiga provincia hespanhola de Guayra.

A expedição do Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza, formada em 1770, visava, porem, a descoberta do ouro e pedras preciosas.

Tinha ella comtudo, alem dessa incumbencia, a de abastecer as demais expedições de alimentos, para o que fazia plantar grande numero de roças de 7 em 7 leguas uma da outra, formando guardas e defesas e que se constituiriam mais tarde povoados, villas e cidades. A abertura dos caminhos estavam a seu cargo. Hoje, que são passados 156 annos, é que se pode avaliar as difficuldades com que lutaram estes extraordinarios precursores do nosso progresso.

A empresa que se lhes dava, ainda hoje seria gigantesca, mesmo depois de afastados os indigenas, de explorados os rios, campos e sertões, abertas as vias de communicações, povoados os caminhos e cercados portanto dos recursos necessarios. Imagine-se 156 annos atraz!

O homem escolhido para este mister, era o apropriado; já experimentado em empresas taes.

«Examinado o sertão pela referida forma e conhecendo-se clarissimamente ser todo fechado, pois pela parte do Rio do Registo que o cobrem enormes serranias e pela parte do Paraná grandissimos pantanaes, de sorte que excepto o passo dos Indios, junto ás Sete Quedas, e o passo dos Cavalleiros, junto á Praça dos Prazeres do Guatemy, não ha outra passagem, nem consta que dentro delle se acha Povoação alguma castelhana, por se não ter

visto até o presente, me pareceo conveniente procurar já o ouro e manifestal-o para que sua riqueza convidasse os Povos a habital-o e désse as utilidades necessarias não só para enriquecer o Real Erario, mas tambem para sustentar as guarnições das duas Praças projectadas e alguns Fortes que he necessario estabelecer e com este fim mandei o Guarda-mór «Francisco Miz. Lustoza», grande sertanista que já no tempo do meu antecessor D. Luiz de Mascarenhas fez bons serviços nos sertões das Minas de Santa Anna e Sapocahy ao qual mediante alguns premios que lhe promety, dando-lhe gente e ordeney que pelos roteiros e signaes que escreveram os antigos entrasse e buscasse os Campos de Guarapuaba e descobrisse o ouro; e o que desta deligencia tenho alcançado exponho a V. Exa. nas duas copias incluzas.

«He o que se offerece pôr na presença de V. Exa., que Deus Gde. S. Paulo a 3 de Dezembro de 1770. Illmo. e Exmo. Snr. Conde de Oeyras. — D. Luiz Antonio de Souza.»

— O sertanista não desmerecia do conceito de que sempre gozou. Apezar das ambições e exigencias descabidas dos delegados da Metropole que não se satisfaziam com pouca cousa, proseguia com seus 70 annos, nas descobertas, prestando relevantes serviços.

«Snr. Tenente Coronel: — Por Paranaguá escrevi á V. S. com as cartas da expedição do Rio do Registo e depois por um proprio que foi pelo Sertão com a copia de huma que me escreveo o «Guarda-mór Lustoza», e hoje chegou hum Camarada dos da picada delle, pelo qual me escreveo por não ter papel que agora me pede, o qual me diz deixára já a picada muito perto do Morro, de cuja figura se julga ser o de Capivarussú, pois tem a figura de uma capivara, de cuja tromba nasce a cabeceira do Imbituva, que elles seguem e que com mais quatro dias de picada chegarão a elle, e que já avistarão em distancia de cinco á seis leguas huma cordilheira de Itambé, como a dos Carlos com vizos de Campos no alto delles e conferindo as noticias com estas faz crer que vão direitos e aquelles são os campos de Guarapuaba; digo mais que os Camaradas andão muito contentes e com muita deligencia, que se

não tem visto signaes de Gentios senão muito antigos e que são terras tão altas que de varias partes se veem os Campos Geraes.

«Nesta semana ha de partir a gente que pedio o Guarda-Mór, que está com muita vontade de chegar áquelle Itambé e certificar-se dos Campos. Deus G.e a V. S. Curityba, a 23 de Setembro de 1770. — Lourenço Ribeiro de Andrade.»

— A' expedição do Tenente Candido Xavier de Almeida e Souza, que annos depois representou papel tão saliente na politica de S. Paulo e que attingiu ao mais alto gráo da hierarchia militar, coube a gloria da descoberta dos Campos de Guarapuava, si bem que as investigações preliminares de rumo e vestigios de campos caibam ao Guarda-Mór.

«Illmo. e Exmo. Snr. — Depois de ter escripto a V. Exa. em carta de 8 do corrente, os grandes descobrimentos que se tinham feito pela parte do Rio de D. Luiz, em Tibagy, agora me chega neste instante a gostoza noticia dos grandes descobrimentos que se tem feito igualmente pela parte do Rio do Registo, do mesmo Sertão.

«Affirmão as cartas do Tenente Candido Xavier de Souza que depois de vencidas as grandes difficuldades daquelle valente e precipitado Rio, descobriram abaixo do Porto, a que se deu o nome «do Funil», as celebres e deliciosas Campanhas de Guarapuaba, em as quaes as nossas gentes ficão já situadas e fortificadas com hum Forte, a que se deu o nome de N. Senhora do Carmo, do qual remetto á V. Exa. planta.

«As cartas escriptas nas datas de 22 de Setembro, affirmão que a 7 do dito mez, vespera de N. Senhora, a noite por hum grande clarão que viram de muitos fogos que estavam fazendo os Indios, cujas cinzas lhes estavam cahindo por cima, tomaram o accordo de mandar observar as cauzas e foi o Sargento José Lourenço das Neves, com huma escolta de Soldados a este descobrimento e achou os referidos campos plantados de muitas roças de feijão e milho, payoes grandes e cheyos do referido fructo, recolhido em sertões, ranchos feitos com muita curiosidade, muitas pilhas de setas seccando ao sól, estradas

abertas com pizadas frescas, e dando disto noticia partiram todos e se foram fortificar nos ditos campos, á vista do gentio duas legoas e que ficavam cuidando em abrir estradas por veredas mais certa e mais directa para serem soccorridos de Coritiba. As mesmas cartas affirmão que o Capitão Silveira, se tinha adiantado muito, e hia já a grande distancia delles, mesmo para a parte da Barra do Rio do Registo.

«A vista do referido, parece-me que V. Exa. não me extranhará que eu empenhasse esta Provedoria em sessenta mil cruzados, e como crescem as cauzas de eu necessitar muito do favor de V. Exa. rogo-lhe pela sua Grandeza e pelo muito que a V. Exa. interessa o serviço de S. Magestade que Deus guarde me queira soccorrer com o que for possivel para eu poder sustentar estas conquistas, em que entrei pelas Reaes Ordens dirigidas ao Governo de V. Exa. como tambem peço muito de mercê queira V. Exa., para a Corte informar o estado destes negocios, authorizando V. Exa. com o seu parecer as razões que ha para que seja revogada a ordem que veyo ao Provedor para remetter para o Real Erario todo o dinheiro do novo imposto de que tirei por emprestimo os referidos gastos, alcançando-me V. Exa. com a sua grande authoridade e respeito que não se me levem em conta estas despezas, mas juntamente se me assignalem consignações para poder sustentar e proseguir estas idéas com que se acrescenta mais uma ou duas Capitanias á este Estado, e se facilita muito a demarcação delle pelo Rio da Prata. Deus Guarde á V. Exa. S. Paulo a 19 de Novembro de 1770. — Illmo. e Exmo. Snr. Marquez do Lavradio, Vice-Rey do Estado do Brasil. — D. Luiz Antonio de Souza.»

VII

Expedições a Guarapuava e Tibagy

Seu objectivo.

— O objectivo das expedições era visivelmente as fronteiras do rio Paraná; queria-se «ter de vista os Castelhanos».

O proprio titulo das expedições, nos revela o fim occulto que se tinha em mira. Além disso não se comprehende que, se desejando penetrar nos sertões do Tibagy, se determinasse aos Commandantes das expedições que fizeram as suas entradas por — Caiacanga — no Rio do Registo, hoje Rio Iguassú, e por S. Bento — no Rio Ivahy, então denominado — Rio de D. Luiz, e isto com formaes recommendações de por elles descerem, seguindo os seus encachoeirados cursos, até o desaguar no magestoso Rio Paraná.

Não se diga que o sertão do Tibagy era ainda desconhecido em 1768, pois como já dissemos, em 1755 se ratificava a posse territorial desse sertão em Pedra Branca, cujas minas de ouro foram descobertas pelo Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza, nesse mesmo anno.

As instrucções dadas pelo Tenente Coronel Botelho aos Commandantes, demonstram a verdade do nosso raciocinio:

— «O tempo que alli se demorar mandará fazer canôas para examinar o Rio e correndo elle os rumos de Norte a Noroeste, fará embarcar 20 homens, com o Tenente da sua Companhia, para descerem por elle abaixo até toparem a barra de hum Rio Grande, que da parte do Norte se mette no dito Rio Ubatuba, nos Campos de Guarapuava aonde pararão; e examinando o que até alli tiverem topado, virão dar parte ao Capitão, que vendo pode com commodidade ir fazer o segundo pouzo na barra do dito Rio, que corre do Norte e se mette no dito Rio Ubatuba, marchará logo para lá, fazendo o seu pouzo na barra que fica no meio dos dois Rios, donde mandará logo huma bandeira da gente que lhe parecer á parte do Sul a procurar o Rio do Registo e tanto que a bandeira chegar ás margens do dito, discorrerá por elle abayxo até onde for possivel, examinando se he navegavel ou tem algum impedimento que embarace a navegação, e as mais diligencias que delle pretendemos. Tanto que a gente tiver descançado, continuará a sua marcha, examinando o Sertão e procurando dar delle todas as noticias que puder adquirir até chegar «ás Fronteiras do Rio Paraná»; e se Deus for servido, de que alli chegue, examinará a sua

corrente e «se informará dos estabelecimentos que nellas houver já feitos sobre as terras que ficão para a parte do nosso Continente» e este exame deve fazer com a maior diligencia na borda septentrional do Rio do Registo; e «se em nenhuma destas partes houver estabelecimentos de consideravel numero de Povoadores, os deve eleger nas paragens mais proprias a se augmentarem para o futuro, especialmente sobre a barra do Rio do Registo», ou em partes que fechem as passagens para o nosso Continente, como tão bem que tenhão facilidade de podermos communicarmo-nos pela navegação dos Rios ou pelas veredas e picadas que pudermos abrir.»

— Proseguem as instrucções ordenando que se firmasse a posse Portugueza formando povoados, avivando os marcos fronteiriços e fazendo roças para plantações: «Em todo o lugar em que o Capitão tiver alguma demora, fará roças para bastante planta, cuja se fará em toda a occazião que houver, e a todos os campos que encontrar porá fogo, e sempre na entrada e sahida das mattas fará cortar arvores grandes, e em outras fará cruzes e descreverá alguns caracteres nos troncos das arvores e em pedras, que digam «Viva El-Rey de Portugal», e outras semelhantes, que em todo o tempo se conheça chegou por ahi a expedição; nas barras dos Rios e lugares mais notaveis deixarão os ditos caracteres, e no roteiro virão marcados para se saber onde ficão.»

— Constantemente recommenda ainda, aos Commandantes, que tenham muito cuidado em não revelar a ninguem o conteudo das instrucções reservadas que lhes ministra, alem das escriptas que procuram mascarar os fins verdadeiros, com catechese dos indios, etc.:

«Como o empenho desta expedição he o reduzir o Gentio ao Gremio da Igreja, a introduzir a fé de N. S. Jesus Christo, nestes grandissimos Sertões, tanto que se toparem os Indios, serão tratados com o maior agrado e affabilidade, animando-os e convidando-os com algumas dadivas para os capacitar a serem nossos amigos e adorarem o verdadeiro Deus e obedecerem ao nosso Rey, que os ha de estimar e honrar como tem feito aos mais que vivem entre nós.»

— Isto era para illudir os incautos; o fim politico era todo outro: — Povoar os Sertões, firmando a posse das terras conquistadas de 1628 á 1632, pelos intrepidos Bandeirantes, na Provincia do Guayra, do Itatim e do Tape, de 1632 á 1638. A carta abaixo de D. Luiz Antonio de Souza, ao Tenente Coronel Affonso Botelho de Sampaio e Souza, vem provar a asserção:

«Supponho a Vmce. muito bem certo do que lhe avizei em Carta de 5 de Julho do anno proximo preterito de 1769, em que lhe digo não convem, que o Povo estabeleça no descoberto do Cardozo se não por modo de entretenimento, e denegaça, para os termos promptos para dahi enchermos com elles os grandes reconcavos do sertão do Tibagy, que se pretendem povoar, e engrossar com a maior força que for possivel. Mas, como os Povos que ahi se achão a espera dessa repartição, podem com a demora ir desconfiando, e dezertando para differentes partes, e o que mais he, confirmarem a opinião que se tem espalhado, de que lhes impeço o ouro, e pode succeder que quando os quizermos para o verdadeiro fim de povoarmos o Tibagy os não tenhamos nem elles queirão acreditar os Bandos que para esse tempo se lançarem; attendendo a esses inconvenientes o que será mais util ao serviço de S. Magestade consolar estes Povos, e animal-os, para que com mais gosto se empreguem na conquista desse Sertão, com a esperança de serem senhores dos grandes haveres que nelles se suppõem, me resolvo a mandar repartir esse descoberto, e V. Mce. assim o determinará mandando fazer a dita repartição succintamente assim como se fez no Descoberto do Rio Assunguy em Paranaguá e parecendo-lhe, lhes signalará tempo certo para haverem de sair para os descobertos grandes que se esperam logo que houver occazião.

Nesta conformidade fará Vmce. a dita repartição, observando em tudo o que dispõem as ordens de Sua Magestade, e o Regimento de minerar.

Deus guarde á Vmce.

S. Paulo, a 23 de Janeiro de 1770.

Snr. Tenente Coronel Affonso Botelho de S. Payo e Souza.

D. Luiz Antonio de Souza.»

— Foi para empresa de tal ordem que o Guarda-Mór Lustoza foi convidado e resolutamente aceitou, com os vencimentos de 15$000 mensaes, e mais uma ajuda de custo de 200$000, paga em duas prestações.

A maneira violenta e desabrida pela qual eram tratados os Commandantes das expedições, são provas cabaes da tyrannia da epoca, mesmo para com os mais extraordinarios servidores.

O Capitão Estevam Ribeiro Bayão, que fez a sua entrada em Junho de 1769 pelo Porto de S. Bento no Rio Tibagy, depois de descobrir o Rio de D. Luiz ou Ivahy, tendo apanhado grave enfermidade no sertão, regressa á sua residencia em S. José dos Pinhaes, onde falleceu em Dezembro desse anno, livrando-se dessa forma das ameaças e maus conceitos que delle fez o Tenente Coronel Affonso Botelho.

«Por ter chegado a ser escandalosa a desobediencia, e audacia, com que se tem portado a Expedição que entrou pelo S. Bento, pois tem chegado á tanto, que o proprio Commandante esquecido de sua honra, e cego á todo o grande mal que commette se retirou para fora sem licença nem ordem de quem lhe podesse dar. Com frivolo pretexto de doente, devendo em razão de seu posto saber, que depois de haver sido encarregado desta tão ardua diligencia do serviço de S. Magestade, e recebido soldo do mesmo Senhor he obrigado a perder a vida no seu Real serviço; e quando sem esta circumstancia, mas só por leal vassallo, por honra, e por brio seu, devia assim obrar; faz tanto pelo contrario, que desprezando todos os avizos, que teve e declarações das culpas que commettião os que desertavam, e dos castigos, de que se faziam merecedores, foi elle hum que com outros mais de tudo se fez merecedor, desertando para fora, sem ter ordem, nem licença para o poder fazer.»

— D. Luiz Antonio de Souza, com grave injustiça manda rescindir, por futil pretexto o contracto feito pelo Tenente Coronel Affonso Botelho, com o Guarda-Mór Lustoza, «porque o Guarda-Mór dessas Minas que se acazo se descobrirem importa immenso cabedal e não é justo que se dê por um serviço pequeno».

Chamar de serviço pequeno as explorações dos invios sertões de Guarapuava e Tibagy, é ter o espirito obliterado pela injustiça! . . .

Por estas e outras é que teve D. Luiz a amargura de vêr todos os seus actos annullados pelo seu rancoroso successor, o Governador Martim Lopes Lobo de Saldanha, chegando mesmo a reformar, por suspeita de incapacidade moral e physica a seu parente o Tenente Coronel Affonso Botelho de Sampaio e Souza.

Vejamos a carta de D. Luiz ao Tenente Coronel Affonso Botelho:

— «Faça Vmce. todo o possivel por desmanchar a promessa que fiz ao Lustoza de se lhe dar Guarda-Mór dessas Minas, pois isto he couza de muito valor e se não pode dar assim, tanto mais depois de elle ter hido a custa da Fazenda Real, alem de que esta promessa já se não lhe deve, porque em primeiro logar, devia eu confirmal-a; em segundo, quando se lhe prometteo, foi quando entrou elle a primeira vez e não descobrio nada; em terceiro porque, ainda nesta funcção e quando entrou, tambem não descobrio couza alguma; quatro porque tudo o que agora fizer, já não faz elle só, e he já com a ajuda dos outros que entrevieram na mesma acção e com muita despeza da Real Fazenda; quinto porque o Guarda-Mór de similhantes minas se acazo se descobrirem, importa immenso cabedal, e não he justo que se dê por hum serviço pequeno em que vence soldo e mantimento para si e seos soldados, tudo a custa da Real Fazenda, e como por estes motivos eu não posso cumprir a promessa que V. Mce. lhe fez, nem he razão que se cumpra para que não se falte a sua palavra, lhe faço este avizo para o que busque pretexto e occazião de se desembaraçar della o melhor que puder, porque assim convem, etc.

S. Paulo, 18 de Outubro de 1771.

D. Luiz Antonio de Souza.

Snr. Tenente Coronel Affonso Botelho de São Payo e Souza.»

— Era esta a moral das autoridades de então. Promessas de honrarias, titulos pomposos aos servidores da Patria com o fim de conseguir delles a descoberta de metaes preciosos, de que tanto necessitava a Corôa Portugueza, para o seu fausto, corrupção e devassidão. Feito isto buscava-se pretexto para faltar-se ás promessas.

Esse facto occorria invariavelmente com todos, desde o miliciano até com o Tenente General e Governador. Mas, apezar da recommendação de D. Luiz, o contracto com o Guarda-Mór Lustoza não foi rescindido pelo menos até 1777.

VIII

Expedições a Guarapuava e Tibagy

A morte do Guarda-Mór Lustoza

Abaixo transcrevemos parte do Relatorio diario feito pelo Commandante das expedições, o Tenente Coronel Affonso Botelho de Sampaio e Souza, na parte referente á 6.ª Expedição, commandada pelo Guarda-Mór Lustoza, e que foi apresentado a D. Luiz Antonio de Souza, que por elle viu quanto foi injusto.

«A sexta Expedição para o descobrimento do Sertão do Tibagy, entrou em 26 de Julho de 1770, fazendo-se a entrada pelo carrapato que fica em meio da entrada do posto de S. Bento e da do rio do Registo para o Sertão por se ter achado noticias seria por alli bôa vereda não só para descobrimento dos Campos, como para a serra da Apucarana visto todas as mais expedições não terem aberto caminho para os campos de Guarapuava; e por esta parte se esperar melhor comodidade de caminho para transportes como a experiencia o mostrou, e se está experimentando. — E' Commandante desta Expedição o Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza com 18 camaradas, que entrando pello dito carrapato passando o rio Guarauna, e 5 leguas de campo que vão até a borda do matto, dentro destas 2 leguas fez uma roça ao pé do rio das Almas; e porque a picada a este tempo proseguia, adiantou outra no lugar chamado S. Philippe, e dahi a sete leguas outra no lugar chamado S. Miguel. E tendo chegado a picada á serra do Capivarussú e por tempo de aguas e outras impossibilidades, sahio para fóra

em fins de Novembro, tendo feito nestes 4 mezes as referidas tres roças, e a picada até a serra de Capivarussú, e grande parte do caminho aberto, se recolheu deixando alguma gente na roça para beneficio della.

«Tornando a dispôr nova entrada pelo mesmo caminho, entrou o Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza, aos 7 de Março com 60 e tantas pessoas, destas 37 vencendo soldo, e os mais Voluntarios, e chegando á Esperança, que é na fralda da Serra, e Capivarussú fez subir a serra, e continuar a picada que com facilidade sahio ao Campo á 21 (ou 2?) de Abril, dia de S. Francisco de Paula que ajudou o feliz successo desta importante diligencia.

«Dando parte de ter sahido a picada ao campo dispôz logo abrir caminho para elle, e botar uma grande roça na Esperança onde se conservou até a minha chegada, e me acompanhou para os Campos.

. . . . . .

«Sustentão-se com o milho e feijão das roças sem que a Fazenda Real dispenda em mantimentos. — No caminho que abriu o Guarda-Mór Lustoza pelo Carrapato para os Campos de Guarapuava, logo na entrada do matto couza de 3 leguas se acha a roça de S. Felippe em que assiste Antonio de Pina com alguns Camaradas, plantou-se 6 alqueires de milho.

«Na Esperança, principio da serra do Capivarussú, onde com 2 dias de viagem podem os Indios de Guarapuava chegar, se acha o Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza presentemente com 40 homens, pouco mais ou menos: Colheo da roça antiga quatro mil duzentas e cincoenta mãos de milho fora o restolho: Plantou este anno 27 alqueires e muito maior seria a roça se mais cedo pudesse principial-a; está fazendo armazem onde recolha todo o trem que hade entrar para Guarapuava quando for tempo: Quarteis para a gente que alli deve fazer alto e reformar o caminho para os Campos que se acha infinitamente embaraçado por cauza das tormentas que tem havido para aquellas partes; alli se deve demorar o dito Guarda-Mór, ou outra pessoa de capacidade por ser o ponto fixo onde se devem dispor todas as prevensoens para a entrada dos Campos.

«Janeiro de 1771.

«Aos 12 do dito mez, subi para a Villa de Curityba e cheguei aos 16; logo despachei o Alferes da Companhia do Capitão Francisco Lopes para o Rio de D. Luiz á fazer canoas para se ir fazer pagamento na nova Villa Real á Comp.ª do dito Capm. acabei de ajustar com o Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza a segunda entrada que o dito fez para os Sertões do Tibagy pelo Morro do Capivarussú; e fazendo pagamento de todos os mantimentos e mais despezas das Expedições fiz apromptar o trem e munições que era preciso para continuar as diligencias e descobrir os grandes haveres dos Sertões do Tibagy, Serra de Apucarana e Campos de Guarapuava. Em o primeiro de Fevereiro fiz entrar o Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza pelo Carrapato e acompanhei até alem do Rio Guarauna, aonde assisti e passei mostra a toda a gente, armas e mais pertences da dita expedição de que era Commandante, e dando-lhe as ordens de procurar as grandezas do morro Capivarussú, e descobrir os Campos de Guarapuava e abrir caminhos para elles, e dando de tudo conta á S. Exa.

«Aos 21 de Novembro parti deste pouzo da Lagoa pelo meio dia com toda a gente, e trem da Expedição, entrei logo ao matto que era ralo a que chamão Cahátanduba, tendo marchado uma legua se chegou á roça que o Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza o anno antecedente tinha alli deitado, aonde estavão 2 paióes de milho, e no fim o Rio a que chamão «das Almas» que ainda bem que seja pequeno, foi preciso descarregar os cavallos e a gente passar por uma pinguela; dilataram-se alli por dispararem alguns cavallos, e quando esteve prompto, marcharão para diante seguindo o mesmo matto e pelas 4 horas chegaram á outra roça á que chamão de S. Felippe, e fica 2 leguas distante da Lagôa da borda do Campo de onde sahirão; assistia na dita roça Antonio de Pina com toda sua familia; estava-se fazendo farinha em 2 Monjollos e um bom forno de cobre que para alli se tinha mandado vir para a roça que tinha plantado e determinou-se o que era precizo para outro dia seguir viagem.

«No dia 22 disse missa o Revdo. Padre Capellão

(que foi a primeira nesta viagem), desobrigou a gente que alli se achava ainda por desobrigar da Quaresma passada, e disposto o que era precizo, se partio desta Roça de S. Felippe pelo meio dia, e tendo andado 3 leguas se arranchara no pouzo novo.

«Aos 23 desappareceram os cavallos, e pelas 2 horas partiram; pois que até uma hora ainda não tinham apparecido, ficando o Sargento José Joaquim e 3 pessoas á procurar os cavallos que faltavão, e tendo marchado legua e meia, se arrancharam no Rio Embetuba.

«No dia 24 pelas 7 horas se disse missa, e chegaram os homens que tinhão ido adiante a fazer caminho; partiram pelas 9 horas, e tendo marchado uma legua toparam outra roça que chamam S. Miguel, que tambem a tinha lançado o outro anno o Guarda-Mór; deu-se milho aos cavallos e continuando a viagem foram pouzar ao «Taquaroba», que fica da roça 2 leguas e meia.

«Aos 26 pela manhã chegou o Sargento José Joaquim que tinha ficado á procurar os cavallos que não appareceram; partirão pelas 9 horas e meia, chegaram ao «Fapuanduba» pelas 2 horas, alli esperaram que chegassem os Cargueiros, e os deixaram a pouzar; partiram pelas 4 horas, e forão dormir á roça da «Esperança» aonde estavão ranchos feitos, e um bom commodo, por ter assistido alli o Guarda-Mór Lustoza, que mandou plantar uma grande roça e tinha partido no dia antecedente com o Capm. Lourenço Ribeiro, e a mais gente que hião á preparar o caminho, e deixaram uma carta e roteiro das viagens que ião fazendo, e das que elles havião de fazer; estavam alli 6 homens e 2 pretas do mesmo Guarda-Mór; nesse dia 4 andaram legua e meia.

. . . . . .

«No dia 6 de Dezembro pela manhã se mandaram algumas partidas á caça; poz-se fogo ao Campo como já se tinha feito no dia antecedente para haver pasto para os cavallos; pelas 3 horas chegou a boiada, e pelas 5 horas se levantou uma grande Cruz benta pelo Padre Capellão. Primeiro signal da Lei de Jesus Christo nos Campos de Guarapuava; deu-se uma salva com uma peça de Artilharia.

. . . . . .

«Aos 26 pelo meio dia embarquei com os 3 Capitães, o Guarda-Mór e o Tenente Candido que tinha chegado aos 18 com toda a gente e o trem que ficou na estacada; e seguindo todos pelo rio acima para assentarem onde devia dar-se principio a Fortaleza, que por não haver paragem commoda para este effeito, voltaram, tendo pegado fogo em um grande campo, e chegaram ainda de dia ao abarracamento.»

— Este Relatorio só comprehende o periodo de 1768 a 1772, sendo porem certo que o Guarda-Mór esteve no Commando da 6.ª Expedição, pelo menos até Maio de 1775, porquanto nessa epoca figura elle recebendo 100$000 de ajuda de custo de 200$000 que lhe foi arbitrada e mais o soldo de 1.º de Janeiro de 1774 á 3 de Maio de 1775, á razão de 10$000 mensaes! . . .

Bello soldo para lutar com milhares de indios por sertões bravios, povoados de féras e matto sem coelho, segundo diz o Cadete Olyntho: « . . . . , amanhã será o dia de sahirmos ao campo, e do contrario, pereceremos á fome, que já himos á Deus de mizericordia, que deste matto não sahe coelho.

«Anda gente adiante á explorar, e a picar os atalhos, gente no serviço do caminho, gente no trem; não he facil separarmos gente para traz com avizo, nem por hora há de que dizer tenhão cautella com as onças que já uma matou á um cachorro entre as pernas de um Camarada.»

Morte dó Guarda-Mór Lustoza

Do Livro II de Obitos da Cathedral de Curityba á fls. 51 v. extrahimos o seguinte:

«Aos desesete dias do mez de Março do anno de 1790, (mil setecentos e noventa), falleceu da vida presente o Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza, viuvo que ficou por fallecimento de Maria Soares de Jesus, de edade de 90 annos pouco mais ou menos. Não recebeu na sua enfermidade sacramento algum; porque deitando-se em saude amanheceu morto na cama. Não fez testamento. Foi recommendado e seu corpo sepultado n'esta Igreja Matriz de N. S. da Luz da Villa de Curityba, de onde foi fre-

guez. Do que para constar, faço este assento. O Vigario, Francisco das Chagas Lima.»

— Assim findou placidamente, sem um gemido, sem um ai! satisfeito pelo dever cumprido, rodeado da estima geral dos seus concidadãos, aos 90 annos de edade, aquelle que teve, desde o p'erdor dos annos, uma vida cheia de attribulações, cheia de lutas renhidas nas quaes, muitas vezes, teve de arcar com as iras e perseguições de potentados, da altura e poder do Capitão General Conde de Bobadella, cujo prestigio e valor são conhecidos de todos.

Não se poderá escrever a historia de S. Paulo e do Paraná, sem relembrar o nome venerando do Sertanista que, desbravou e explorou os nossos rios e os nossos sertões, atravez de todos os perigos e vicissitudes.

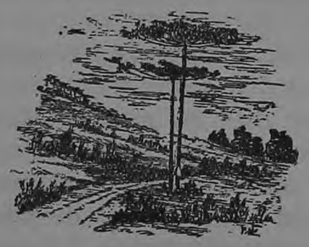
Rendendo esta homenagem á memoria do Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza, praticamos um acto de justiça e gratidão a um dos mais valorosos Sertanistas que tem tido nossa Patria.

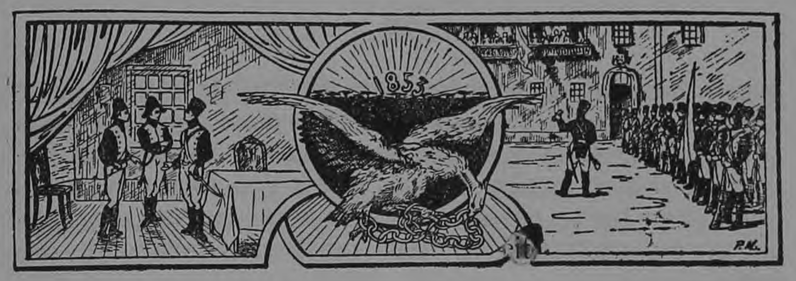
Salve! luctador intemerato!

Curityba, 6 de Julho de 1917.

Francisco Negrão.

(D'«A Tribuna» de Curityba.)





CONJURA SEPARATISTA

Revoluções Brasileiras

(Polemica amistosa.)

«Foi breve sonho a liberdade, á gloria.»
Garrett.

"A Republica de Paranaguá

(1821)

TEMOS na historia de nossa terra um ponto a elucidar. A natureza do facto e o seu insuccesso, fizeram com que fosse transmittido cheio de obscuridades até aos nossos dias, diminuido na sua grandeza, desfigurado nas suas intenções, apagado no proprio fóco onde despertára á luz madrugadora do ideal: «— O acontecimento politico que hoje pretendemos alinhar entre as tentativas precursoras da independencia nacional e do advento da Republica em nossa Patria. —

«Pela sua situação como fóco de população mais meridional da Colonia Lusitana na America, Paranaguá foi por largo tempo a sentinella attenta dos dominios portu-

guezes que dali se estendiam até ao Rio da Prata, constituindo pomos de discordia entre as duas corôas ibericas que se disputavam a posse dessas indelimitadas zonas territoriaes sob os pretextos mais varios e as resoluções mais firmes, que tantas vezes se chocaram no terreno das subtilezas diplomaticas e no das resistencias materiaes das armas.

«Esse facto veio a constituir naquelle ponto do nosso littoral uma forte praça de guerra em torno da qual se incrementou a sua existencia social e politica, equiparada até, nas regalias do seu Senado Municipal, as que então gosava a municipalidade do Porto, em Portugal. Base de operações de tanta transcendencia, de Paranaguá refluiam, para outros pontos da Colonia os elementos mais necessarios ás suas respectivas defezas, e que nesse tempo eram: — o homem e a farinha.

«A todas as praças de guerra, mesmo as mais distantes, Paranaguá remettia o excedente dos seus factores de resistencia material, representados nesses elementos de contribuição defensiva e de manutenção pessoal, escassos na extensa dominação portugueza, quão imprescindiveis á sua politica agitada e aventurosa.

«Crescendo nessa atmosphera de polvora e sentindo que representava um factor preponderante no evoluir da Colonia; vendo que eram seus filhos os que bandeiravam a expansão do territorio, ao lado dos mais audazes, em Igoatemy, no Igoassú, na Vaccaria, no Tibagy e Ouro Preto, em toda a parte emfim, onde se fazia mistér defender o sólo patrio; — com uma geração de bandeirantes e de militares destemerosos e de politicos habeis; — com um celeiro farto, de productos agricolas, da sua actividade e da sua natureza; — a todos dando e de ninguem recebendo: — Paranaguá deixou as suas aspirações de liberdade seguirem o fluxo dessa corrente, e certo dia planeou e executou a insurreição regeneradora e liberal que se traduzio na explosão revolucionaria de 14 de Julho de 1821.

«Este facto é veridico; mas as intenções do motim foram diminuidas, silencionadas ou deturpadas segundo as conveniencias de occasião, naturaes numa epoca em que,

se os ideaes tinham avançado, as medidas repressoras por seu turno, não os perdiam de vista. A carnificina da Conjuração Mineira, opprimia e intimidava ainda.

«Um chronista, 30 annos após o patriotico movimento, descreveu-o, é verdade; mas, ou pensando que a intenção inspiradora da revolta rebaixava os heróes da sua chronica, ou talvez, pelo preconcebimento de sua conhecida submissão á Monarchia e receioso de coparticipar na exaltação de um feito contra ella, — obscureceu a parte mais brilhante desse feito e deturpou-o até, pondo nos labios do heróe submettido, palavras que contradizem o proprio acto da revolta e que hoje um documento da epoca vem felizmente tirar toda a significação e restabelecer a verdade inteira. A despeito das contradições dos homens, a Historia é uma rehabilitadora.

«Esse documento é uma carta de D. Cordula (?), datada de Paranaguá aos 16 dias de Julho de 1821, dois dias após o facto, com assignatura reconhecida pelo Tabellião de Notas da cidade de S. Paulo, e que denota que andou servindo a investigações das autoridades da epoca.

E' a seguinte:

«José.

«Como me déstes notiça da vossa chegada estimarei que achasses a vossa casa em paz. Pelo João Bandeira recebi um recado vosso em que me pedias um bocado de fumo para tabaco. Remeto por Bento Alves, de Campo Largo, hum embrulho com 4 varas. Estimarei saia bom, pois melhor o não ha (quando haja remeterei). Por aqui, presentemente, ha algumas novidades — em Santos as tropas se levantou e deu um saque e morrerão algumas pessoas sendo um o Bott. (?) e me dizem que alguns destes ladroiñs tem aparecido no Barrador (Varadouro). Aqui, no dia de hontem esteve coaje no mesmo em occasião de jurar as vozes da Constituição — que querião aqui Governo Provisorio e tendo virado os Melicianos todos para que não estivessem pelo Governo de S. Paulo.

«Mas algumas pessoas Prudentes desvanecerão tudo, sendo o Brito (?) o que mais trabalhou a semelhante respeito para desvanecer a tropa. E não achando para seu partido senão Francisco (?) Bento e José Ricardo (?), e Capm.

Mór, e Paulinha (?), e Padre Vicente e Antonio José da Costa e tudo mais a favor, e tudo ficou em paz. E já até com deputados aqui nomeados, sendo authores de tudo o Sargento-Mór Rocha e o Sargento-Mór Lustoza; para Presidente tinhão o Governador, e Ouvidor para vice-Presidente. O Sá, dessa para Secretario da Guerra, para o interior José Luiz Pereira. Deputados, pela Agricultura, Bento Gonçalves e José Gonçalves; pelo Comercio, Capm.-Mór e Bentóte; pela Marinha o Capitão Amaral. Do Pilar e pela tropa do Coronel déssa, Jacintho e Sargento-Mór Bastos e pelo Clerigo o Padre Antonio dos Morretes e Padre Manoel. Mas não poderão conseguir tudo isto, o que se deve a Bentóte, e o Alves, e o Brito em que tem tido athé dos seus Emulos vivas pela maneira e valor com que se portou. Querendo estes maos homens dividir isto de S. Paulo sem pés nem cabeça, dia que aqui houve muito medo e no fim não faltarão calças b. . . . . a ponto que Floriano falou ficando como hum negro, e não sei o que se passará com estes cabeças de motim. Maneco (?) foi para S. Paulo e Padre Manoel e Chrispim (?) e sendo hum nomeado Vigario, mas agora deu parte de doente e não vai e hoje penço estão em S. Paulo todos. Deus queira tudo se arrume em bem. Lembranças a Catharina que com mais vagar lhe escreverei e que recebi pela mulher de Joaquim Antonio o que me remeteu e que escreva, e vós o mesmo, pois eu me é necessario pedir a quem me escreva e por isso o não faço mais miudo. Lembranças a tudo quanto vos pertence e o Capitão Simão (?) e José Antonio (?).

Vossa Maim, Córdula.»

«A' margem, no verso desta carta está escripto:

«Eu nada fiz. A Senra. D. Cordula he quem me quer fazer o favor, assim como outras pessoas por me estimar. He necessario lembrar que dos nomiados nenhum convinha e nem aqui se achavão e seu José Luiz unico que aceitaria para melhor roubar e não pagar a quem devem ou saquião. Brito.»

«Aqui deixamos o cabeço de um capitulo de nossa historia. Completem-no melhores investigações.

Ebano Pereira (Romario Martins).

(Do «O Luzitano», de Curityba, de 10 de Junho de 1916.)

"A Conjura Separatista

Episodio Paranaense do periodo da Independencia — revelado por uma carta interessante.

«O agitado periodo da formação politica da nossa nacionalidade teve, tambem, na Ouvidoria de Curityba e Paranaguá, algumas dessas manifestações peculiares a eras revolucionarias.

Desde 1811, a idéa da separação da Comarca, vinha sendo uma legitima aspiração de todos os habitantes desta circumscripção judiciaria: Propagandistas de valor, como Floriano Vianna, Correia Junior e Paula Gomes, não cessavam de batalhar pela installação da nova Provincia, que viesse concorrer para que uma nova era do progresso despertasse os povos da vasta Ouvidoria.

Quando as Côrtes de Lisbôa procuraram dotar ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve de uma Constituição liberal, que cohibisse os frequentes abusos das castas privilegiadas e da Corôa, julgaram os Paranaenses que azado era o momento para levar a effeito, por um golpe de audacia, o antigo sonho da emancipação administrativa.

Sabiamos, por documentos esparsos e vagos, que um movimento sedicioso, de caracter politico, se havia operado, tendo como autor intellectual o Ouvidor Dr. Almeida Torres; mas faltavam-nos esclarecimentos detalhados sobre os fins e a natureza da tentativa revoiucionaria.

Agora, em recente estudo «As Revoluções Brasileiras», o illustre historiographo Romario Martins divulga uma interessante carta de D. Cordula Rodrigues França, datada de 16 de Julho de 1821, que projecta intensa luz sobre o episodio historico da Conjura Separatista. E', pois, um relevante serviço o que o brilhante escriptor Paranaense presta ás letras historicas da nossa terra com a divulgação do valioso depoimento da respeitavel matrona Paranaguense.

A missiva se dirigia ao Capitão José Martins de Araujo, filho de D. Cordula, casado com a sua prima Catharina Leonisia França, então moradora de Curityba, onde ainda hoje tem distincta descendencia.

Antes de apreciarmos as revelações que a epistola maternal encerra, devemos dar alguns traços biographicos da autora do documento.

D. Cordula Rodrigues de França, casada com o Sargento-Mór Custodio Martins de Araujo, descendia do Capitão-Mór João Rodrigues de França, ultimo Governador e sesmeiro da Capitania de Nossa Senhora do Rosario de Paranaguá e das 40 leguas de costa do sul, sendo filha do Capitão José da Costa Rezende e de D. Maria do O. França, por esta, neta do Mestre de Campo André Gonçalves Pinheiro, tambem Capitão-Mór de Paranaguá, e de D. Maria de Ascenção França, filha do Capitão-Mór João Rodrigues França e de D. Francisca Pinheiro.

E' curiosa a circumstancia de ter sido a carta, que se mostra contraria ao movimento separatista, qualificando-o de sem pé nem cabeça, endereçada a um dos mais notaveis chefes da Conjura, que era o, então, tenente José Martins, que mesmo depois do fracasso do motim não esmoreceu o ardor e continuou a servir com dedicação aos ideaes Paranaenses.

Tratava-se de jurar as bases da Constituição decretada pelas Côrtes Constituintes de Lisbôa e um dos juramentos que os Cidadãos deveriam proferir era o de obediencia ao Governo Provisorio da provincia de S. Paulo.

Contra este juramento se rebellavam os Paranaguenses e Curitybanos, que se concertaram para que, no momento do juramento, os povos promettessem obediencia a um governo local, que seria acclamado no acto.

A' frente da sedição se encontravam os vultos mais influentes da comarca a partir da sua principal autoridade, quer em Paranaguá, que era quartel general da sedição, quer em Curityba, em Morretes, em Antonina, etc.

A carta de D. Cordula tem o merito de revelar os segredos da conjura, que os documentos da epoca occultavam sob a ominosa qualificação de «pessimos projectos e machinações com que tentam promover a sizania e discordia neste paiz».

A verdade é que, se os conspiradores de Paranaguá não se deixassem arrastar pela voz da prudencia, que, em taes casos, nem sempre é boa conselheira e pelo recuo da

covardia, que a matrona patricia tão picarescamente descreve, teriamos escripto em nossos annaes, vem vez do 19 de Dezembro, o 15 de Julho de 1821.

A carta de D. Cordula narra que os sediciosos já tinham accordado sobre a Constituição do Governo Provisorio da nova Provincia, que seria assim constituido:

Presidente — João Carlos Augusto de Oeynhausen, Capitão-General Governador de S. Paulo, mais tarde Marquez de Aracaty.

Vice-Presidente — O Dr. José Carlos Pereira de Almeida Torres, então Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca de Curityba e Paranaguá.

Secretario da guerra — O Coronel Ignacio de Sá Sotto Maior, Commandante do Regimento de Cavallaria de Curityba.

Secretario do interior — Capitão José Luiz Pereira.

Deputados pela Agricultura — Bento Gonçalves Cordeiro do Nascimento e José Gonçalves do Nascimento.

Deputados pelo Commercio — Capitão-Mór Manoel Antonio Pereira e Capitão Bento Antonio da Costa.

Deputado pela Marinha — Capitão Amaral, de Antonina.

Deputados pela tropa — Capitão Jacintho Xavier das Neves e Sargento-Mór Bastos.

Deputados pelo Clero — Padre Antonio Rodrigues de Carvalho, de Morretes, e Padre Manoel Antonio da Costa Nogueira.

Eis ahi o mallogrado governo da provincia de Curityba e Paranaguá.

Cumpre-nos fornecer aos leitores alguns dados biographicos dos escolhidos do povo paranaense:

O Presidente João Carlos Augusto de Oeynhausen Grevenberg, mais tarde marquez de Aracaty, foi creado nos paços de D. João VI, sendo filho natural do Conde de Oyenhausen, nobre austriaco, com a famosa Marqueza de Alorna, ao que se diz.

Era, pois, um valido da Corôa o vulto que os Paranaenses collocavam á frente do seu mallogrado governo. Esta eleição demonstrava que não se tratava de um movimento anti-dymnastico, pois, neste caso, não poderiam os

nossos antepassados contar com o apoio do companheiro de estudo e de folguedos de D. Pedro I e de D. Miguel, que tão legitimos motivos tinha de ser devotado á familia reinante.

O Ouvidor Dr. José Carlos Pereira de Almeida Torres era o chefe intellectual do movimento separatista e como tal foi accusado, tendo de sahir da Comarca perseguido. Vice-Presidente, seria elle quem, de facto, teria de installar o novo governo, pois João Carlos, certamente, não deixaria a presidencia de S. Paulo para vir gerir uma provincia que, alem de ser de menor importancia, não seria legalmente instituida.

O Ouvidor Dr. José Carlos merece não somente referencias, que, nos moldes deste ensaio, peccariam por lacunosas, mas um detido estudo biographico como uma das mais illustres victimas da causa da emancipação administrativa do Paraná.

O Secretario dos Negocios de Guerra, Coronel Ignacio de Sá Sotto Maior — o velho — era um dos mais prestigiosos vultos da comarca. Commandante do Regimento de Cavallaria de Curityba, tinha elle dado testemunho eloquente do seu valor militar, mobilisando, em curto prazo, para a defeza de S. Catharina, as forças sob o seu Commando. Fidalgo de origem e portuguez de nascimento, era Sotto Maior um fiel servidor do seu Rei; e comquanto sympathisasse com os ideaes dos seus commandados, não acreditamos que tomasse parte activa na trama sediciosa, muito embora essa não visasse contrariar quaesquer interesses dymnasticos ou do Reino Unido.

Propendemos a acreditar que os conjurados elegeram o seu nome sem previa acquiescencia ou expressa solidariedade politica. Tão significativa foi a prova de confiança que o Presidente Oeynhausen dispensou a Ignacio de Sá, confiando-lhe a delicada missão de prender alguns dos chefes da conspiração, que nos parece excluida a idéa de ter o Commandante da Cavallaria Curitybana, qualquer previo accordo com os conjurados.

Em officio de 4 de Janeiro de 1822, Oeynhausen, como Presidente do Governo de S. Paulo, incumbiu o Coronel Sá de prender e remetter para S. Paulo os con-

jurados Joaquim Firmino, os Bandeiras, (um dos quaes era o João Bandeira, mencionado na carta de D. Cordula), João Gonçalves e o Tenente José Martins, o José, da referida carta. O nome de Ignacio de Sá era, pois, empregado como uma garantia de successo do motim politico projectado.

Do Capitão José Luiz Pereira são escassas as noticias que temos, mas o facto de ter sido indicado para Secretario dos Negocios do Interior, denuncia que se trate de um cavalheiro que dispunha de certas habilitações.

Brito, na nota marginal á carta, demonstrando-se desaffecto de José Luiz declara que era o unico dos indicados que aceitava, com agrado, a incumbencia que lhe fora reservada, dando comtudo a esse acto intuitos condemnaveis.

Bento Gonçalves Cordeiro do Nascimento, Capitão e lavrador, era um dos vultos prestimosos do seu tempo. Filho do Capitão Manoel Gonçalves do Nascimento e de D. Maria da Luz França, estava vinculado, por parentesco, com a maioria dos sediciosos.

O seu Tio, José Gonçalves, tambem indigitado para Deputado, pela Agricultura, era filho do Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes e de D. Catharina de Senne, tronco dos Gonçalves de Moraes, do Paraná.

O Capitão-Mór Manoel Antonio Pereira e seu cunhado Capitão Bento Antonio da Costa, importante negociante em Paranaguá, eram legitimos representantes do commercio.

Manoel Antonio Pereira, era Portuguez, natural da freguezia da Ribeira, comarca de Guimarães, Arcebispado de Braga, filho legitimo de Antonio José Magalhães e de D. Catharina de Oliveira. Emigrou para o Brasil muito jovem e estabeleceu-se em Paranaguá, onde constituio familia, contrahindo nupcias com D. Leocadia Antonia da Costa, filha do Sargento-Mór Manoel Antonio da Costa e de sua mulher D. Maria Clara de Assumpção, esta filha do Capitão Manoel Lobo de Albertim Lanoya, descendente do Duque de Lanoya, Flandres, expulso dos seus dominios por se ter rebellado contra Carlos V.

O Capitão Amaral, de Antonina, representava a Ma-

rinha; talvez fosse este conjurado o dono dos estaleiros do Portinho, onde foi construido o brigue D. Pedro; mas, não temos, no momento, nenhum dado positivo sobre este cavalheiro.

Os Deputados pela tropa seriam o Coronel Ignacio de Sá Sotto Maior, como Secretario dos negocios da Guerra, Jacintho Xavier das Neves e Sargento-Mór Bastos (Antonio José de Leite Bastos?).

Jacintho Xavier das Neves era casado com D. Anna Luiza, filha do Sargento-Mór Basilio José Machado e de D. Maria Ferreira de Oliveira.

Os representantes do Clero — Padre Antonio, de Morretes, e Padre Manoel, citado por D. Cordula, accudiam aos nomes de Antonio Rodrigues de Carvalho e de Manoel Antonio da Costa Nogueira; o primeiro era filho do Sargento-Mór Antonio Rodrigues de Carvalho, fundador e protector da Capella de N. S. do Porto, de Morretes, e de D. Maria Gomes França, neto materno do Mestre de Campo Antonio Gomes Setubal e de D. Anna Pinheiro, da familia Rodrigues França. O Padre Manoel Antonio da Costa Nogueira, era cunhado do Capitão-Mór Manoel Antonio Pereira e irmão do Capitão Bento Antonio da Costa — o Bentote.

Como denuncia D. Cordula, foram attrahidos para a cauza da conjura da separação numerosos membros da familia Silva Freire — Rodrigues França, da qual Antonio Vieira dos Santos, nos legou a «Genealogia».

D. Cordula menciona como chefes do movimento separatista, Francisco, Bento, José Ricardo, Capitão-Mór, Paulinha, Padre Vicente, Antonio José da Costa, citando como autores principaes os Sargentos-Móres Rocha e Lustoza, auxiliados por Floriano Vianna.

O Francisco referido da missiva não podia ser outro a não ser o Sargento-Mór Francisco Ferreira de Oliveira, casado com D. Euphrosina da Silva Freire, a moça. Os demais conjurados eram Bento Gonçalves Cordeiro do Nascimento, José Ricardo do Nascimento, Capitão-Mór Manoel Antonio Pereira, Francisco de Paula Ribeiro, Padre Vicente Ferreira de Oliveira, Sargentos-Móres Francisco Gonçalves da Rocha (?) e Ignacio Lustoza de Andrade.

A respeitavel matrona conta que Floriano Vianna, indignado, ao que conjecturamos, com a deserção dos sediciosos, a ultima hora, falou tanto, que ficou como um negro.

Approximava-se o momento da vereança geral presidida pelo Dr. Juiz de Fóra; quando os sediciosos faziam as ultimas combinações, já tendo obtido a plena adhesão das tropas, alguns espiritos reflectidos e timoratos começaram a demonstrar os perigos que a tentativa sediciosa poderia acarretar. O Capitão Bento Antonio da Costa, o Alves e o Brito, (Francisco José de Brito) procuraram dissuadir os rebeldes, chamando-os á obediencia aos poderes constituidos do Reino Unido.

Francisco José de Brito, segundo narra a valiosa testemunha, um dos pacificadores, conquistou applausos geraes, dizendo a carta que «até dos Emulos teve vivas pela maneira e valor com que se portou».

Deduz-se, pois, desse topico que Brito agiu, á ultima hora, quando o povo já estava reunido em frente aos Paços do Conselho, para jurar as bases da Constituição; pois do contrario não se explicariam os vivas e nem tão pouco a oração inflammada de Floriano Vianna, que «falou ficando como um negro».

D. Cordula diz, depois de referir-se á intervenção do Tenente Floriano, «não sei o que se passará com estes cabeças de motim»; e accrescenta: «queira Deus que tudo se arrume bem».

Tão bem combinado estava o plano que até para S. Paulo os sediciosos mandaram, como emissarios, o Patrão Mór Manoel de Araujo França, filho de D. Cordula, o Padre Manoel Antonio da Costa Nogueira e Chrispim, que certamente iriam procurar para a cauza separatista, a adhesão do Governador Oeynhausen.

Romario Martins, o brilhante escriptor patricio, declara que o documento foi authenticado por um tabellião de S. Paulo, o que prova que delle se utilizou o Capitão José Martins, quando prezo como um dos chefes da conjura, para a sua defeza. A nota marginal de Brito deve ter sido um addendo post factum, que visava innocentar os conjurados, sobrecarregando toda a culpa no Capitão José Luiz Pereira, seu desaffecto.

E tanto houve essa preoccupação, que Brito faltava á verdade quando affirmava que nenhum dos nomeados convinha e nem aqui se achavam, quando facil é provar o contrario.

Demais, D. Cordula Rodrigues França, parente da maioria dos conjurados, não iria transmittir ao filho uma noticia falsa que o proprio Capitão José Martins de Araujo França, tambem membro da conspirata, poderia, desde logo desmentir.

O motim preparado tinha como intuito separar a comarca de Curityba e Paranaguá do Governo de S. Paulo; e sem duvida poderia conseguir os seus fins se, nos ultimos momentos, não se estabelecesse um panico infundado, que nada justificava, visto como, com a sedição estavam toda a tropa e os vultos mais influentes de Paranaguá.

Pena foi que a intervenção de Brito desfizesse um plano que tinha todos os vizos de viabilidade e todas as seguranças de exito.

Antonio Vieira dos Santos, injustificavelmente, silencia sobre esse acontecimento, na «Memoria Historica, Chronologica, Topographica e Descriptiva da Cidade de Paranaguá e do seu Municipio».

---

(1) Os Chefes do movimento, mencionados por D. Cordula, foram os Sargentos-Móres Francisco Gonçalves da Rocha e Ignacio Lustoza de Andrade, auxiliados pelo Sargento Floriano Bento Vianna, que attrahiram á cauza da separação. Os dois referidos Cidadãos foram a casa de Floriano e lhe expuzeram os grandes vexames que estavam soffrendo com as arbitrariedades e despotismos praticados pelos Commandantes militares da Villa, e de outras autoridades por falta de prompto recurso que havia do Governo da Provincia, e depois de muitas ponderaveis justificações propuzeram a Floriano, dar o brado da separação na frente das forças, promettendo que elles dentro da Camara o apoiariam.

Floriano respondeu: "Conheço de mais o que me expõem e se em mim está o bem da minha Patria eu amanhã darei o brado de convite para a nossa separação de S. Paulo, comtanto que não me enganem. No momento aprazado Floriano dando um passo á frente do seu Batalhão dirigiu em alta voz á Camara este requerimento: Illmos. Snrs., temos concluido com o nosso juramento de fidelidade, agora queremos que se nomeie um Governo Provisorio para que nos governe em separado de S. Paulo. Os recursos aos males que soffremos, pela falta de justiça e arbitrariedades, são sempre morosos, pela grande distancia de mais de 110 leguas em que nos achamos de S. Paulo, peço que de tudo se dê parte á S. Magestade."

O Juiz de Fóra Dr. Antonio Azevedo Mello e Carvalho, respondeu — que ainda não era tempo e que com vagar se havia de representar á S. Magestade, replicando-lhe Floriano: "O remedio logo se applica ao mal quando apparece, portanto não ha occasião melhor e nem mais opportuna"

Vieira dos Santos em sua importante "Memoria Historica" de Paranaguá, menciona por essa forma o acontecimento, confirmando a assersão de D. Cordula.

Francisco Negrão.

No 1.º volume deste trabalho, sem duvida valioso, ha sobre a data de 15 de Julho de 1821 a seguinte referencia: «A Camara reunida com assistencia do Juiz de Fóra o Dr. Antonio de Azevedo Mello e Carvalho, foram convocados todos os cidadãos para jurarem as Bases da Constituição decretada pelas Côrtes de Lisbôa que garante a segurança individual, propriedades e direitos dos Cidadãos; para obedecerem ao Muito Alto e Poderoso Senhor, o Senhor D. João VI, nosso Rei Constitucional do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve e a Real Dymnastia de Bragança, e juntamente jurar obediencia ao Governo destacado na Capital da Provincia de S. Paulo, em virtude da ordem de 23 de Julho pp. e achando-se todos postados no largo destes Paços do Conselho e outros dentro da sala, *todos unanimes* juraram o seguinte: Juro as bases da Constituição decretada pelas Côrtes Geraes Extraordinarias e Constituintes de Lisbôa, juro obediencia á S. Magestade o Senhor D. João VI, Rei Constitucional do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve e a S. Alteza Real o Principe Hereditario Regente do Reino do Brasil; e a Real Dymnastia da Serenissima casa de Bragança; juro obediencia ao Governo Provisorio desta Provincia» e mandarão lavrar o termo em que a Camara, Autoridades, tropa e povo que se achavam presentes assignaram, Cincoenta e sete pessôas de Autoridades e Officiaes de Patente.»

— Não quiz o chronista contemporaneo do successo ferir susceptibilidades; e se refugiou no silencio que vale ouro, deixando a prata da palavra para a nossa geração.

E desta forma, por um juramento unanime dos povos de obediencia e de fidelidade, terminou a Conjura Separatista, não sem ter feito victimas illustres, que pagaram, em duro carcere, o crime de afagarem os ideaes Paranaenses.

Junho, 13 de 1916.

Ermelino de Leão.

(Do «Commercio do Paraná», de Curityba, de 21 de Junho de 1916.)

"Conjura Separatista

I

O Illustrado historiographo Dr. Ermelino de Leão, em magnifico artigo sob o titulo acima publicado no «Commercio do Paraná» de 21 do corrente, elucida o assumpto de uma carta, escripta a 16 de Julho de 1821 por D. Cordula, e dirigida a José — divulgada pelo brilhante escriptor e historiador patricio Romario Martins, com sua publicação no «O Lusitano» de 10 do corrente mez.

Ermelino de Leão, bordando varias considerações em torno da referida carta, com fundamento a attribue á D. Cordula Rodrigues de França que a dirigiu a seu filho o Capm. José Martins de Araujo França, fallecido em Curityba em 1837.

Ha pontos porem, n'essa elucidação com os quaes peza-me dizer, não estou de accordo e isso por diversos motivos.

1.º — O ouvidor indicado para Vice-Presidente, a que se refere D. Cordula, sem citar nome e que o meu distincto e particular amigo Dr. Ermelino attribue ao Dr. José Pereira de Almeida Torres, era extranho ao movimento, segundo affirma Vieira dos Santos, tanto que desejando conhecer o facto, escreveu ao intrepido paranaguense Floriano Bento Vianna, factor principal dos acontecimentos, solicitando noticias, e contrahindo com este estreita e duradoura amizade.

2.º — O Governo a que se refere D. Cordula, como indicado para Presidente, não era o Capm. General João Carlos Augusto Oeynhausen (Grevenburg), depois Marquez de Aracaty, como suppõe o Dr. Ermelino e sim o sargento-mór de infantaria de caçadores da praça de Santos, 2.º governador de Paranaguá, José Victoriano da Rocha, cargo esse em que foi empossado em 19 de Agosto de 1810 e no qual servio até 1822.

O Capm. General João Carlos Oeynhausen em a data em que o facto occorreu, 15 de Julho de 1821, já tinha sido eleito pelo povo e acclamado pelas tropas a 23 de Junho de 1821, presidente do governo provisorio de S.

Paulo, em cuja funcção servio até 10 de Setembro de 1822.

O facto narrado pelo illustrado Dr. Ermelino, de que Oeynhausen confiou ao sargento-mór Ignacio de Sá Sottomaior a missão delicada de prender os chefes da conspiração de que o 1.º seria o presidente e o 2.º secretario da guerra, prova de modo eloquente a não comparticipação delles nessa grandiosa e arriscada empreza.

O Capm. José Luiz Pereira, indicado para o lugar de secretario do interior, segundo affirma D. Cordula em sua carta alludida e em relação a quem á margem dessa carta, se vê tão graves referencias, com a assignatura: — Brito —, Francisco José de Brito, segundo Dr. Ermelino, era filho do guarda-mór Luiz Manoel Pereira e sua mulher D. Maria Lemos de Assumpção e casou em Curityba em 26 de Janeiro de 1804 com D. Anna Maria da Luz, filha do sargento-mór Ignacio Lustoza de Andrade, um dos principaes chefes da conspiração malograda. Foi o Capm. José Luiz Pereira o tronco das respeitaveis familias Macedo, França, Roseira, etc.

O sargento-mór Antonio José Leite Bastos, era natural da Villa de Bastos, Portugal, foi assassinado por um escravo, sendo casado com D. Emilia Maria do Rosario, filha do Capm. Antonio da Silva Braga, e de sua mulher D. Maria Pinheiro de França, descendente do Capitão-mór João Rodrigues de França.

Foi o tronco de numerosa prole, sendo uma das suas filhas D. Josepha Leite Bastos, casada com o Snr. Domingos Correia de Freitas, natural da cidade de S. Francisco do Sul, filho do Alferes Manoel Correia de Freitas e de D. Anna Leite de Magalhães.

Foi o sargento-mór Leite Bastos dignissimo mestre em agitações patrioticas, de seu neto o propagandista da Republica, Manoel Correia de Freitas — o temido e querido agitador Defreitas de nossas dias.

Não devo terminar esta longa e estafante explicação que me foi imposta pelo amor á verdade historica, sem fazer uma pequena objecção ao reparo do eminente Dr. Ermelino de Leão, quanto a supposição de que o benemerito historiador Antonio Vieira dos Santos, (avô do al-

mirante Frederico Ferreira de Oliveira, João Ferreira de Oliveira e capitalista Francisco Ferreira de Oliveira) se «tenha, injustificavelmente silenciado sobre esses acontecimentos, na sua «Memoria Historica, Chronologica, Topographica e Descriptiva da Cidade de Paranaguá e do seu municipio»: . . .

« — Não quiz o chronista contemporaneo do successo, ferir susceptibilidades; e se refugiou no silencio que vale ouro, deixando a prata da palavra para a nossa geração.»

— E essa objecção não poderia eu fazer de modo mais eloquente do que o faço, publicando em seguida a narração do facto, feita por Vieira dos Santos em sua citada Memoria e que escapou á argucia do infatigavel investigador, Ermelino de Leão, meu presadissimo amigo dos tempos escolares, que bondoso como é, perdoar-me-a pelo tempo que lhe roubar fazendo-lhe ler esta moxinifada.

No seu erudito artigo «A conjura separatista» diz o Dr. Ermelino de Leão, que em officio de 4 de Janeiro de 1822 o governo de S. Paulo incumbio o Coronel Sá de prender e remetter para S. Paulo os conjurados «Joaquim Firmino, os Bandeiras (um dos quaes era o João Bandeira, mencionado na carta de D. Cordula), João Gonçalves, o tenente José Martins, o José da referida carta». Esta ordem de prizão seria cumprida e remettidos os prezos para S. Paulo? Se ligaria aos factos do anno anterior?

Os Bandeiras, filhos de Antonio José Pinto Bandeira e sua mulher Maria Domingues de Jesus, eram: Joaquim José, Manoel Domingues, José Joaquim e João Nepomuceno Pinto Bandeira.

O coronel Joaquim José Pinto Bandeira, homem de certo cultivo intellectual, collaborador da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, foi mais tarde um dos paladinos ardentes da emancipação politica do Paraná ao lado do grande Paula Gomes, seu enteado. Foi o Presidente da primeira Assembléa Paranaense. A cidade natal, em honra ao filho dedicado, deu o seu nome a uma das suas ruas, por occasião de sua morte; depois a placa foi substituida indevidamente por outra.

Francisco Negrão.

"Conjura Separatista

A rebellião de 1821, em Paranaguá.

II

Eis o trecho das «Memorias de Paranaguá», em que o historiador Vieira dos Santos narra o movimento insurreccional de 1821, para a separação da comarca de Paranaguá, da Provincia de S. Paulo:

Patriotico heroismo do Paranaguense, Floriano Bento Vianna.

— Havendo-se manifestado expontaneamente no anno de 1811 em os membros da Camara Municipal, e de todos os habitantes da Villa de Paranaguá, os ardentes desejos de ser separada esta comarca da provincia de S. Paulo, por se acharem os povos bastantemente magoados, e insofridos de supportarem despotismos e arbitrariedades sob os commandos do governo militar do sargento-Mór Fernando Gomes Pereira da Silva e do coronel José Victorino da Rocha, de alguns ouvidores e juizes de fóra, e de outros motivos que vão exarados, em o n. 708 desta memoria, a camara compenetrada do bem estar publico se vio na precição de representarem em 13 de Julho de 1811, a sua Alteza Real o Principe Regente a justa supplica de sua emancipação na separação d'aquella provincia, esperançosa de que com esta divisão haviam de melhorar os ramos da industria, florescimento da agricultura, desenvolvimento do commercio, confecção de estradas e as rendas publicas melhor fiscalisadas, e finalmente: um prospero futuro. Sua Alteza Real ouvindo benignamente as supplicas de seus povos, mandou enviar pela secretaria do Estado, dos negocios do imperio aquella representação ao governo provisorio, que a informasse com os necessarios esclarecimentos e estes o mesmo governo exigio do Governador de Paranaguá, José Victorino da Rocha, o qual estando a esse tempo em grande opposição com a camara pelo motivo de conflicto de jurisdicções por elle principiado sobre fumaças de duchas que nas festividades nacionaes na Igreja se costumavão dar a camara e que elle queria ter a prefe-

rencia está por isso verificado que, daria ao governo uma informação mui desfavoravel e contraria ao que a camara requeria, e na base della da mesma maneira o governo da provincia outro igual faria, por não ver diminuir sua grandeza e rendimento, com esta separação; ficou portanto sepultada esta primeira representação nos archivos da secretaria do Estado, depois della 10 annos se passaram, ficando taes desejos abafados não só nos corações paranaguenses, mas geralmente em todos os demais povos da comarca, que anhelavão sua independencia territorial, e que com a maior resignação supportaram seu captiveiro como leaes subditos, ao governo da provincia, mas, afinal vendo os povos que suas supplicas nunca seriam attendiveis, por serem lançadas ao esquecimento e desprezo; intentaram fazer a mesma separação por termos legaes, uzando de sua soberania não com vistas de rebeldia, ao legitimo chefe supremo da Nação, mas, para que com a efficacia quizesse attender taes supplicas, do Povo Paranaguense.

Assentarão portanto alguns cidadãos mais enthusiastas de fazerem este mesmo pronunciamento, no dia 15 de Julho de 1821, designado ao Solemne Juramento das Bazes da nova Constituição, dadas pelas Côrtes de Lisbôa, logo depois que o mesmo fosse prestado, mas, não havia hum cidadão dezembaraçado, energico, amante de seu Paiz, e com a necessaria intrepidez de um heroe, que a isto se animasse, lançaram pois as vistas no patriotico Paranaguense, Floriano Bento Vianna, então 1.º sargento da 4.ª Companhia do Regimento de Milicia, e ora Capitão da mesma guarda, condecorado com o habito da Imperial Ordem da Roza.

Para este fim na vespera daquelle dia os cidadãos — Sargento-mór de ordenanças Francisco Gonçalves Rocha; e o Capitão Ignacio Lustoza de Andrade; ambos foram procural-o a sua casa, e lhe expuzeram os grandes vexames que estavam soffrendo, com as arbitrariedades e despotismos praticados pelos commandantes militares daquella Villa, e de outras Auctoridades, por falta de prompto recurso que havia ao Governo da Provincia na distancia de mais de 110 leguas; e que alem disso caminhavam diariamente para a mesma Capital muitos recrutamentos, longe

de sua Patria e familias, ficando estas em tristeza e miseria quando lhes era arrancado hum filho para estas conscripções; que muitas vezes era aquelle o unico que lhes servia de amparo; e alem de tudo grandes sommas de capitaes, desta Comarca seguião para o Deposito da Junta de Fazenda, annualmente ficando esgotada a mesma Comarca de moeda giravel; e outras muitas razões ponderosas, e justificaveis; afinal se declararão dizendo-lhes: — Si voce quizesse dar o Brado da separação nós todos dentro da Comarca o apoiariamos e ficavamos assim desmembrados de S. Paulo. Respondeu a esta proposição o heroico cidadão: — Conheço demais o que me expõem, e se em mim está o bem da minha Patria, amanhã as horas competentes, darei o Brado de convite para nossa separação, de S. Paulo; comtanto que me não enganem. — No solemne dia 15 de Julho estando o Batalhão da Guarda Nacional, postado em frente do Paço da Camara, e muito Povo, chegado que fosse a occasião de prestar o juramento das bases perante a Camara; foram chamados a sala do Conselho, o Chefe do Batalhão e toda a mais officialidade, e prestando seus juramentos volverão a seus respectivos postos; depois chegando as Sacadas da Sala o Juiz de Fóra o Dr. Antonio de Azevedo Mello e Carvalho; e os mais membros da Camara, com o seu Real Estandarte, foi proferido pelo Juiz de Fóra, em alta voz a formula do Juramento, á tropa e povo; os quaes uniformemente responderão — Assim o Juramos — seguirão os Vivas a Religião, Constituição e a El-Rei D. João VI. — Logo em seguida o mesmo Cidadão Paranaguense, Floriano Bento Vianna, dando um passo a frente do mesmo Batalhão dirigio em alta vóz á Camara este Requerimento: — «Illustrissimos Senhores, temos concluido com o nosso Juramento de fidelidade, agora queremos que se nomeie hum governo Provisorio para que nos Governe, em separado da Provincia; tornam-se os nossos recursos . . . . . (moroso, parece ser) e cheios de desespero e que de tudo dê-se parte á sua Magestade.»

O Dr. Juiz de Fóra respondeu: — «Que ainda não era tempo; e que com vagar se havia de representar a S. Magestade.» Replicou o heróe: — «Que o remedio logo

se applicava ao mal quando apparece, e portanto não havia occasião melhor, e nem mais opportuna.»

As vozes daquelle Juiz de Fóra fizeram algum tanto amortecer este pronunciamento e todo o Povo ficou mudo; e em grande quietude; e nem (por — até) aquelles mesmos Cidadãos que influiram a este heróe, emmudeceram, e nem huma só palavra disseram, tão temerosos ficarão em coadjuvar aquellas sagradas vozes Patrioticas, de que poderiam ter hum resultado feliz; e desde então esta rica Comarca ficando no gozo de sua independencia. Eis aqui este grande acontecimento memoravel, digno por certo de ser recordado nos seculos futuros.

Por este facto memoravel, o Ouvidor José Carlos Pereira de Almeida Torres, desejou de o conhecer, louvando-lhe a sua acção heroica e por este motivo contrahio com elle estreita amizade, e os mesmos louvores lhe foram dados por José Innocencio Alves Alvim, não obstante, alguns invejosos relatavam ao Governo de S. Magestade com denegridas cores alheias da real verdade, por cujo motivo foi ordenado ao Dr. Dezembargador José de Azevedo Cabral, inquirisse sobre este acontecimento, nada achou que lhe fosse culpavel a este Cidadão, como orgão da vontade geral de pugnar pela emancipação de sua Patria.

Tão acrysolado Patriotismo, valeu-lhe muitos louvores, mesmo no Rio de Janeiro.

Antonio Vieira dos Santos.»

— Eis ahi, o que nos relata o historiador Antonio Vieira dos Santos, testemunha dos acontecimentos, com a verdade que lhe é peculiar.

Não houve uma conjuração, não houve um levante militar, não houve o pretendido heroismo de Brito ou de Francisco José de Brito.

O que se deu foi uma supplica feita pelo intrepido Sargento Floriano Bento Vianna, em nome do povo reunido em frente do Paço do Conselho Municipal de Paranaguá, quando se jurava fidelidade á futura Constituição que se pretendia outorgar. A' essa supplica do Povo se reuniria a das Tropas, ao Juiz de Fóra, para que se solicitasse de S. Magestade a creação de uma nova Provincia, desmembrada da de S. Paulo, organisando-se um Governo Provisorio, como se haviam organisado em todas as Provincias do Brasil, inclusive S. Paulo, em virtude da Revolução triumphante em Portugal, que estabeleceu um Governo Constitucional em 1820.

Foi o influxo desses acontecimentos que animou aos separatistas do Paraná a promoverem o pronunciamento de 15 de Julho de 1821, em Paranaguá.

Mas, tudo se deu sem luctas, sem agitações, quer de caracter popular, quer militar.

E' verdade que — «alguns invejosos relataram ao Governo de S. Magestade com denegridas côres, alheias da real verdade, por cujo motivo foi ordenado ao Dr. Dezembargador José de Azevedo Cabral, que inquerisse sobre esse acontecimento, mas nada achou elle que fosse culpavel» —, é o que affirma Vieira dos Santos, e o que é exacto.

O proprio Sargento Floriano, não foi prezo, não foi castigado, e pouco tempo depois era elevado a Capitão e a Cavalleiro da Ordem da Roza.

Os inspiradores *do movimento,* Sargentos-Móres Francisco Gonçalves da Rocha e Ignacio Lustoza de Andrade, tambem nada soffreram, e continuaram a gozar sempre da consideração e apreço que sempre gozaram.

Francisco Negrão.

(Da «A Tribuna», de 27 de Junho de 1916.)

"A Conjura Separatista

O meu distincto amigo, Snr. Francisco Negrão, deu-me o prazer de traçar sobre o artigo que despretenciosamente publiquei, com o titulo acima, reproduzindo valiosas considerações que vem projectar novas luzes sobre o successo historico analysado.

Bem sabe o meu illustre amigo, que somente possuo de Antonio Vieira dos Santos, a brochura que a sua obsequiosidade me proporcionou; e que não vae alem das 250 paginas do 1.º tomo da obra. Logo que me foi dado

o prazer de ler o estudo do brilhante escriptor Romario Martins, folheei as preciosas «Memorias Historicas» de Paranaguá, do nosso paciente e benemerito chronista, e nada mais deparei que o topico reproduzido sobre a conspiração de 1821.

Lamentei que, ao registrar a vereança geral do juramento das bases da Constituição do Reino Unido, nada dissesse ou consignasse sobre a conjuração abortada.

O meu amigo Snr. Francisco Negrão, o mais competente dos linhagistas Paranaenses, somente rectificando dois pontos das affirmativas e conjecturas que formulei, commentando a carta de D. Cordula, vem dar um apoio muito ponderavel á critica historica que fiz do documento interessante.

Mas, permitta o illustre amigo, que não aceite a 1.ª oppugnativa opposta ás minhas affirmativas, sem que solicite provas do allegado.

Quando affirmei que o Ouvidor Geral José Carlos Pereira de Almeida Torres, era um dos mais ardentes conjurados, não tive siquer, a meu apoio, o depoimento de D. Cordula; mas, deducções que me parecem logicas levaram-me á conclusão que deixei comprehendida.

Era José Carlos o ouvidor da comarca em exercicio em 1821; e fôra designado para o cargo de Vice-Presidente do governo provisorio que se intentara constituir. Portanto, nenhuma duvida pode haver quanto á circumstancia de ser o ouvidor citado na carta de D. Cordula, o proprio dr. José Carlos, depois Visconde de Macahé, e nem isto contesta o meu amigo Negrão.

O que nega é a actuação do ouvidor na conjura e que nós deduzimos dos seguintes factos.

Contra o ouvidor José Carlos, o governo Provisorio de S. Paulo representou ao principe regente e este, tomando em consideração o exposto, em officio de 15 de Abril de 1822, mandou que o mesmo Governo tomasse as medidas de segurança que julgasse uteis.

Por provisão de 8 de Junho do mesmo anno, foi o Dr. José Carlos suspenso do exercicio do cargo; e para a execução deste acto foi nomeado o Dezembargador José de Azevedo Cabral, Juiz syndicante e ouvidor subrogado da Ouvidoria de Paranaguá, em Curityba.

O Dezembargador Cabral chegou á Paranaguá no dia 10 de Setembro e a 13 do mesmo mez mandou lavrar o auto de suspensão e intimal-o a retirar-se da comarca, dentro do mais curto prazo possivel, intimação que teve lugar no mesmo dia 13.

Qual seria o crime do Visconde de Macahé, sinão a sua comparticipação na Conjura Separatista?

O meu illustre amigo Snr. Francisco Negrão reproduz o topico n. 1038 da «Memoria» de Vieira dos Santos, que somente confirma o que deixei asseverado.

Vejamos porque assim concluo. Se o Ouvidor José Carlos fosse extranho ao movimento revolucionario que se preparava, seria elle, como a unica auctoridade competente da comarca, quem syndicaria dos factos.

Entretanto, o proprio infatigavel chronista é o primeiro a asseverar que «foi ordenado ao Dr. Dezembargador José de Azevedo Cabral que inquerisse sobre este acontecimento, nada achou que lhe fosse culpavel a este Cidadão (o heroico Floriano Vianna) como orgão da vontade geral de pugnar pela emancipação da sua Patria.»

Ora, ao mesmo tempo em que o juiz syndicante innocentava a Floriano Bento Vianna que pelo seu acrysolado patriotismo mereceu tão justos louvores, como narra Vieira dos Santos, condemnava á immediata deportação ao Ouvidor José Carlos, já suspenso do cargo.

As minhas despretenciosas deducções me parecem logicas e concludentes.

Se o meu velho amigo Francisco Negrão quizer certificar-se dos dados em que me baseio, pode solicitar, do meu distincto amigo Dr. Claudino dos Santos um livro de registro que a elle mandei quando Secretario do Interior do passado governo, para consulta, e ahi verá que os dados sobre a expulsão do Ouvidor José Carlos são reaes e bem comprovados.

Por este motivo, continúo a pensar que o autor intellectual do movimento fracassado foi o illustre Dr. José Carlos Pereira de Almeida Torres, mais tarde Visconde de Macahé e vulto notavel, no periodo do 1.º Imperio.

Perdôe o meu illustre amigo Negrão, que ainda borde novas considerações em contrariedade da sua segunda

oppugnativa, que tambem não acceito. Esta missão ficará para o seguinte artigo; e findo este manifestando os meus agradecimentos pela gentileza dos seus conceitos, mais filhas de amizade, que dos meus nullos estudos historicos.

Ermelino de Leão.

(Do «O Commercio do Paraná», de 2 de Julho de 1916.)

Conjura Separatista

Oyenhausen ou José Victorino?

O illustrado genealogista paranaense snr. Francisco Negrão declara-se, em desaccordo com a minha affirmativa, relativamente ao cargo de Presidente do Governo Provisorio da frustrada conspiração de 1821.

A carta de D. Cordula Rodrigues França, somente diz: «para presidente tinham o Governador e o Ouvidor para vice-presidente».

Logo que lemos este topico perguntamos a que governador se referirá D. Cordula? Ao Capitão General Governador de S. Paulo João Carlos de Oyenhausen ou ao Commendador José Victorino da Rocha, governador militar da praça de Paranaguá?

Recordando-me, porem, das narrativas de Vieira dos Santos, pelas quaes se evidenciavam a malquerença geral que o povo nutria contra o governador José Victorino, desde logo exclui o celebre disputador dos ductos de incensos, da candidatura para o primeiro posto do governo da nova provincia. E abrindo a pagina 204, § 667 da «Memoria Historica de Paranaguá», a mesma pagina que trata da vereança historica, li que, pela portaria de 22 de Março de 1821, o General da Provincia João Carlos Augusto de Oyenhausen reprehendia asperamente o governador José Victorino «por suas arbitrariedades em se querer intrometter em negocios civis e criminaes, quando só deveria cuidar no governo militar e nada mais; e que já se via bastantemente affligido com tantas queixas que delle se tem feito».

Como, pois, o povo paranaense que, no dizer do

proprio Vieira dos Santos no topico citado pelo meu amigo Negrão, ardia pela separação da comarca por se achar bastante magoado e insoffrido de supportar despotismos e arbitrariedades sob os commandos do governo militar do sargento-mór Fernando Gomes Pereira, e do Coronel José Victorino da Rocha, etc., etc. hia acclamar este mesmo despota para o seu primeiro magistrado?

Não o cremos, sem que o nosso illustre amigo não nos venha tirar deste ledo engano d'alma como decisiva prova documental, que ninguem poderá exhibir com maior competencia e abundancia, como assiduo compulsador dos nossos alfarrabios.

Apezar da autoridade reconhecida de Francisco Negrão em assumpto de historia e, mormente, da genealogia paranaense, justamente pelo amor á verdade historica, não aceitamos a segunda oppugnativa offerecida á nossa despretenciosa critica historica á preciosa carta de D. Cordula.

Ora, o topico de Vieira dos Santos transcripto pelo meu amigo Negrão, demonstra que o Governador José Victorino foi o oppugnador da representação de 13 de Julho de 1811 que os Paranaguenses dirigiram ao Principe Regente pedindo a elevação da comarca á categoria de Provincia, emittindo parecer contrario. Conta mais, o pae da Historia Paranaense, Vieira dos Santos, que quando os sargentos-móres Francisco Gonçalves da Rocha e Ignacio Lustoza de Andrade foram induzir ao sargento da milicia paranaguense, o glorioso Floriano Bento Vianna, ao levante das tropas e do povo pela causa da emancipação politica, lhe expuzeram os grandes vexames que estavam soffrendo com as arbitrariedades e despotismos praticados pelos Commandantes militares da villa», e depois de outras considerações proferiram as seguintes palavras: — «Si você quizesse dar o Brado da Separação, nós todos dentro da comarca o apoiaremos e ficavamos, assim, desmembrados de S. Paulo».

Se um dos moveis da Conjuração foi o de libertar o povo das oppressões do Governador militar José Victorino, como este mesmo povo iria acclamal-o para presidir os seus destinos?

Ao contrario, a nobre figura do Marquez de Aracaty, tão zeloso em attender ás necessidades da comarca e em reprimir os abusos do poder de José Victorino, vivia cercado de justa popularidade. A sua Proclamação aos Curitybanos quando mandou marchar o Regimento de Cavallaria para a defeza de S. Catharina, deveria tornal-o querido e acatado do povo.

O proprio chronista Vieira dos Santos, que já denominamos o pae da Historia Paranaense, descreve o jubilo com que os cavallarianos de Curityba receberam em Paranaguá a noticia do Decreto de 12 de Dezembro de 1819 que mandava sustar a marcha do Regimento, contando que no dia 2 de Janeiro de 1820 todos voltaram para Curityba muito contentes, com muitas salvas de alegria e vivas á S. Magestade.

Fôra cumprida a promessa feita na Proclamação; e justo devia ser o reconhecimento do povo pelo vulto querido de Sôr Jan Carl, que deixou em todas as capitanias que governou vestigios patentes da grande popularidade que gozou, como nos conta o Visconde de Taunay.

Entre o odiado José Victorino e Oyenhausen, parecenos que por todos os motivos o governador que os paranaenses pretenderam acclamar presidente do seu governo provisorio seria o ultimo e não o primeiro.

Estas pequenas divergencias em que nos encontramos, não invalida, de modo algum, a utilissima elucidação que o meu illustre amigo Negrão trouxe para o perfeito conhecimento do notavel successo que devemos recordar ás jovens gerações apontando os vultos dos conspiradores, desde o heroico Floriano Bento Vianna até os mais humildes dos conjurados, como precursores da emancipação politica de nossa terra.

Bastaria a reproducção fiel da narrativa de Vieira dos Santos, para recommendal-o, se outros titulos, como por exemplo a contribuição que presta ao estudo de José Luiz Pereira, não o validassem com o cunho da real competencia do seu autor.

Terminando estas explanações, mais uma vez agradeço ao meu illustre amigo o testemunho de estima correspondida, com que me favorece, pedindo que releve, se

a minha defeza não corresponde á benevola apreciação com que se digna de honrar-me.

Ermelino de Leão.

(Do «O Commercio do Paraná», de 4 de Julho de 1916.)

A Conjura Separatista

Oyenhausen, não; mas — José Victorino

III

Disse eu, em artigo anterior, que o Ouvidor a que se referia D. Cordula em sua carta a seu filho, e que fôra indicado para vice-presidente do Governo Provisorio que se pretendia estabelecer em Paranaguá no dia 15 de Julho de 1821, não podia ser o Dr. José Pereira de Almeida Torres;

Que o Governador indicado para Presidente desse Governo, não podia ser o Capitão General João Carlos Augusto Oyenhausen, e sim o Sargento-Mór e Governador de Paranaguá, José Victorino da Rocha, em cujo cargo militar se achava investido desde 19 de Agosto de 1810 até 23 de Setembro de 1822.

Para fazer essas affirmativas arrojadas, em contraposição á quem fallava de sua cathédra, partia eu do seguinte presupposto: A gloriosa tentativa de emancipação Paranaense de que Floriano Bento Vianna foi o braço e o executor, e os Sargentos-Móres Ignacio Lustoza de Andrade e Francisco Gonçalves da Rocha os inspiradores, e que estalou (?) á 15 de Julho de 1821, tinha um caracter todo local. Nenhuma repercussão teve nas demais Villas da Comarca. Mas, por julgal-a local, menor não é para mim o valor do facto; maior foi a temerosa empreza.

Paranaguá era então, e foi durante annos, a séde da intellectualidade e do principal commercio do Paraná; alli se tramou a conjura pacifica da jornada de 15 de Julho citado; alli findou ella na minha opinião desautorisada, sem outra consequencia que a merecida glorificação do valoroso Paranaense, Floriano Bento Vianna, que, como

simples primeiro Sargento, que com o seu regimento se achava postado na frente do Conselho, onde estava reunido o Juiz de Fóra e demais Autoridades Civis, Militares e Ecclesiasticas, para jurarem fidelidade ao Rei e á Constituição, fez a já conhecida proclamação em que, em nome do povo pedia que «se nomeasse um Governo Provisorio que nos governe em separado da Provincia e se desse parte de tudo á S. Magestade». Nenhuma pena soffreu elle por esse acto, de alguma forma de indisciplina. Pelo contrario, valeu-lhe o facto grandes elogios, sendo logo após promovido a Official Superior e condecorado com o habito da Imperial Ordem da Rosa. O então Capitão Ignacio Lustoza de Andrade, meu bis-avô, nada soffreu; foi promovido a Sargento-Mór e mudando sua residencia nesse anno para Curityba, foi em seguida eleito Juiz Presidente da Camara.

Mas, porque não soffreram? E' que a agitação e o demagogismo reinava em toda a dominação Portugueza.

Nada soffreram tambem, porque a supplica que fizeram ao Juiz de Fóra, para que se solicitasse de S. Magestade a separação da Comarca de Paranaguá-Curityba, e a installação de um Governo Provisorio separado do Governo de S. Paulo, não constituio um crime.

Era uma aspiração do Povo da Comarca, por vezes formulada desde 1811, em petições, e já como que se achava corporisada.

O facto da supplica ser formulada por um militar á frente da tropa, não tirou o caracter pacifico e justo della. A tropa não se achava reunida especialmente para esse fim, o que si se realisasse seria então uma imposição della.

Tratava-se de uma reunião do povo e das tropas, convocadas pelas autoridades, para o juramento das bases da Constituição que se deveria proclamar em Lisbôa. Feito o juramento de fidelidade á S. Magestade e á Constituição, seguiram-se os vivas do estylo.

Terminadas essas formalidades é que Floriano Bento Vianna, se dirigindo ao Juiz de Fóra, respeitosamente formulou a sua supplica.

Não se venha a extranhar o facto dos Sargentos-Móres Francisco Gonçalves da Rocha e Ignacio Lustoza de Andrade, terem procurado ao Sargento Floriano para formular a supplica ao Juiz de Fóra; e que, meu bis-avô Ignacio Lustoza de Andrade, era amigo de Floriano Bento Vianna, amizade que se tornou mais intima pela circumstancia de serem elles casados com duas primas irmãs, netas do Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes.

A Revolução promovida pelo partido liberal Portuguez, implantando o regimen constitucional á 15 de Setembro de 1820, repercutio no Brasil inteiro.

A 1.º de Janeiro de 1821, no Pará se instituia a primeira junta governativa; segue-se-lhe a Bahia, Maranhão, Parahyba, Piauhy, Ceará, Pernambuco, etc. Na propria Metropole — Rio de Janeiro — houve levante das tropas a que se submetteu o Regente. Amotinam-se os Brasileiros ao conhecerem o plano de recolonisação do Brasil. Scinde-se a população entre Brasileiros e Portuguezes. O Principe Regente procura contemporisar com as duas correntes oppostas, mas, em vão. A ordem dada á D. Pedro, pela Côrte de Lisbôa, mandando-lhe que regressasse á Portugal e outras medidas violentas, terminaram por atiral-o nos braços dos Brasileiros.

S. Paulo assume a direcção do movimento que se tornou vencedor ás margens do Ipiranga.

— «Os Paulistas com os corações electrisados pelos gloriosos acontecimentos Portuguezes, esperavam a occasião favoravel de quebrar os ferros da pezada escravidão que lhes acorrentara aos pés o tyranico e despotico Governador militar.» (João Carlos Augusto de Oyenhausen.) «Não podiam elles supportar por mais tempo o duro regimen de despotismos, nem os males de um abusivo systema governativo.»

«O divorcio entre o povo Paulista e seu Governador militar, era latente; este não se sentindo com forças physicas nem moraes para fazer executar as leis, por tres vezes solicitou ao ministro a sua demissão.

«A sublevação dos soldados do batalhão de caçadores de S. Paulo, veio acabar de convencer aos poucos amigos do Governador (João Carlos Augusto de Oyenhausen) que só um Governo Provisorio constituido pelo povo, poderia restabelecer a ordem.»

Na manhã de 23 de Junho de 1821, o Povo recebia a adhesão da força publica, e no Paço do Conselho, acclamava José Bonifacio de Andrade e Silva para presidir a eleição do Governo Provisorio.

O grande Estadista, medindo a gravidade da situação e a enorme responsabilidade que sobre elle pezaria desse acto, respondeu:

«Pela felicidade de minha Patria eu farei os mais custosos sacrificios até derramar a ultima gotta de meu sangue.

« — Esta eleição, Senhores, só pode ser feita por acclamação unanime; descei á praça, e eu da janella vos proporei aquellas pessôas que por seus talentos, e opiniões . . . . me pareçam dignas de serem eleitas.»

Do publico alguns cidadãos lhe disseram:

«Senhor Conselheiro, veja V. S. que nós não queremos no Governo aquelles que até agora tem sido nossos oppressores,» e queriam personalisar quando o grande brasileiro atalhando-os respondeu:

— «Senhores! Este deve ser o dia da reconciliação geral em todos. Desappareçam odios, inimizades e paixões. A Patria seja nossa unica mira. . . . Se de facto confiais em mim e estaes resolvidos a portar-vos como homens de bem, então eu me encarrego de procurar a vossa felicidade, expondo a propria vida; mas, se outros são os vossos sentimentos, se o vosso fito não se dirige somente ao bem da ordem, se pretendeis manchar a gloria que vos pode resultar d'este dia, e projectaes desordens, então me retiro, ficai e fazei o que quizerdes.»

— «Não, responderam todos, nós temos toda a confiança em V. S., toda, toda!

— O povo desceu as escadas, mettendo-se no meio circulo formado pelas tropas. O estandarte da Camara foi collocado na janella em que estavam o Ouvidor, o Juiz de Fóra, vereadores e o procurador. O Conselheiro apparecendo em outra janella e se dirigindo ao povo e á tropa em energica exhortação, diz:

«Para Presidente — o Illmo. Snr. João Carlos Augusto de Oyenhausen.»

Foi approvado com vivas.

Immediatamente gritam todos:

«Para Vice-Presidente queremos a V. S., Snr. Conselheiro.»

E assim ficou eleito.

Successivamente são acclamados por José Bonifacio e acceitos pelo Povo os demais membros do Governo Provisorio de S. Paulo. Hymnos, festas e o povo em delirio confraternisando com as tropas, percorre as ruas engalanadas. (Apontamentos Historicos — Azevedo Marques.)

— Era o mesmo povo Paulista que ao subir as escadas do Paço do Conselho aos gritos enfurecidos contra o seu Governador militar João Carlos Augusto de Oyenhausen, seu feroz e tyrannico oppressor, que acabava de acclamal-o Presidente do Governo Provisorio que constituia!!!

E porque, pensava eu, não poderia ter-se dado facto identico ao constituir-se o de Paranaguá?

Porque não acclamaria elle Presidente da Junta ao Governador militar José Victorino da Rocha, embora como aquelle — «seu despotico oppressor»?

— No seio do Governo Provisorio de S. Paulo, não reinou por muito tempo a harmonia. Duas oppostas correntes se estabeleceram: Uma, a Nacionalista ou dos Brasileiros natos, era chefiada por José Bonifacio; outra, a dos Portuguezes e dos elementos hostis á primeira, era chefiada por Oyenhausen.

A influencia de José Bonifacio, Ministro dos Negocios Estrangeiros, conseguiu do Principe Regente a 10 de Maio de 1822 que fossem chamados ao Rio o Presidente Oyenhausen e o Ouvidor Costa Carvalho, os quaes ao envez de o fazerem, promoviam a sedição de 23 de Maio de 1822, que depôz do Governo a Martim Francisco e seus partidarios.

O Regente obriga-os a cumprirem a ordem.

E' dissolvido o Governo Provisorio de S. Paulo e ordenada a devassa geral em cujas malhas são colhidos os partidarios de Oyenhausen, entre os quaes Ouvidores e Commandantes de forças militares de Itú, Mogy-Mirim, Taubaté, Santos, etc., que são destituidos de seus cargos.

O Tenente-Coronel Antonio Joaquim da Costa Gavião,

é nomeado Commandante militar da villa de Curityba e seu districto, afim de «acautelar que alguns individuos mal intencionados, d'aquella villa, promovam entre seus moradores a sizania e a discordia propria do tempo».

Si era esse o estado de agitação geral do Paiz, bem se poderia attribuir á essa causa a suspensão do Ouvidor da Comarca de Paranaguá-Curityba, «maximé», sabendo-se que desde os factos de Paranaguá, occorridos á 15 de Julho de 1821 e a data da suspensão do Ouvidor á 23 de Setembro de 1822, foram decretadas amnistias geraes por crimes politicos, facto que poria em esquecimento perpetuo os delictos pelo levante de 15 de Julho.

Pergunta o meu dilecto amigo Dr. Ermelino:

«Qual seria o crime do Visconde de Macahé, sinão a sua comparticipação na conjura separatista?»

— Talvez a sua sympathia por uma das correntes de opiniões em que se bi-partia o governo de S. Paulo; não affirmo, mas, é bem de suppôr, que tivesse elle suas tendencias pelos Nacionalistas de que era chefe o Conselheiro José Bonifacio.

Alem disso, ao negar a comparticipação do Ouvidor José Carlos Pereira de Almeida Torres (Visconde de Macahé) no movimento, baseei-me em Vieira dos Santos, que, investigador e verdadeiro como foi, e mais do que isso, contemporaneo dos acontecimentos que presenciou e descreveu em suas Memorias, onde diz: «Por este facto memoravel, o Ouvidor José Carlos Pereira de Almeida Torres — desejou de o conhecer — louvando-lhe a acção heroica e por esse motivo contrahiu com elle (refere-se a Floriano Bento Vianna) estreita amizade . . . .»

No 2.º volume de suas «Memorias» diz ainda Vieira dos Santos, enumerando os Ouvidores:

«José Carlos Pereira de Almeida Torres, Bahiano. Parece que tomou posse no anno de 1816. Foi suspenso do seu exercicio por «muitas queixas e representações» que dos povos da Comarca contra elle fizerão, em 13 de Setembro de 1822. Foi depois disso Presidente da Provincia de S. Paulo, Ministro e Secretario de Estado, Visconde de Macahé.»

— Essas narrações são confirmadas pelos Officios de 15 de Abril e 30 de Maio de 1822, pelos quaes o Ministro do Reino, Conselheiro José Bonifacio, ordena ao Governo de S. Paulo que — «deve tomar as medidas de segurança que julgar uteis, quanto aos factos que o mesmo Governo levou ao conhecimento de S. Alteza Real, em officio de 1.º de Abril 1822, relativamente aos criminosos procedimentos do Ouvidor da Comarca de Curityba de que se tem queixado differentes pessôas, por elle vexadas com injustiças e violencias, até que suba a Consulta da Meza do Desembargo do Paço e officio do Ouvidor de Curityba, José Carlos Pereira de Almeida Torres, com os documentos que o acompanharam . . . . . para o que foi determinado que o Ouvidor actual da Comarca do Espirito Santo, na qualidade de Ministro Syndicante passe a Villa de Curityba a devassar tanto das culpas imputadas ao referido Ouvidor . . . . como dos factos por elle relatados e que servirão de objecto ao summario.»

— Prevaleço-me do ensejo para affirmar, baseado em informações insuspeitas, de respeitaveis pessoas que procurei ouvir a respeito, que o Snr. José Luiz Pereira, indicado, segundo D. Cordula, para Secretario do Interior do Governo Provisorio, foi homem de alguma cultura intellectual e que gozou sempre até a sua morte, de merecida estima. Era consultado pelos Ouvidores e Juizes de seu tempo.

O mau conceito que sobre elle formou — Brito — é attribuido a interesses contrariados.

O facto de estar indicado o seu nome para Secretario do pretendido Governo Provisorio, é uma prova de sua competencia. Além disso, sendo elle genro do Sargento-Mór Ignacio Lustoza de Andrade, um dos promotores do movimento, naturalmente o seu nome foi indicado por este, como seu representante no Governo, do qual provavelmente, não queria fazer parte.

Francisco Negrão.

A Conjura Separatista

Oyenhausen, não; mas, sim — José Victorino

IV

Quanto ao indigitado para Presidente do Governo de Paranaguá, affirmei ser o Commandante daquella praça e

della Governador José Victorino da Rocha, porque quando D. Cordula, testemunha das occurrencias, diz: — O Governador — se refere claramente ao que lhe ficava mais proximo, do contrario accrescentaria . . . de S. Paulo ou de tal lugar.

E sendo o de Paranaguá José Victorino da Rocha, d'ahi a minha affirmativa, embora se articulasse contra elle queixas por seu tyrannico Governo militar, de que nos dá noticia ainda Vieira dos Santos.

S. Paulo, que contava homens illustrados e competentes, não procedia da mesma forma com o seu tyranno, contra o qual rebellou-se, para meia hora depois acclamal-o entre hymnos, seu Presidente?

Porque os Paranaenses não poderiam ter imitado os Paulistas?

Quando affirmei não ser o Conselheiro João Carlos Oyenhausen o acclamado para Presidente da Junta que se pretendia formar em Paranaguá, para trabalhar em pról da separação da Comarca de Paranaguá-Curityba, da Provincia de S. Paulo, baseava-me em que:

1.º — Sendo elle acclamado justamente um mez antes dos acontecimentos a que me reporto, para Presidente do Governo Provisorio de S. Paulo, do qual faziam parte homens eminentes, entre os quaes o Patriarcha da Independencia José Bonifacio de Andrade e Silva, não lhe ficaria bem aceitar a Presidencia de um Governo Provisorio com fins precisamente hostis ao de que elle fazia parte, como Presidente.

2.º — Sendo elle Capitão General e Governador Militar de S. Paulo, descendente do Conde de Oyenhausen, fidalgo ao serviço de Portugal e primo irmão do Conde de Lippe de nobilissima casa da Allemanha, filho de uma senhora Portugueza da alta gerarchia, tudo no dizer do Visconde de Taunay e Saint Hilaire, não poderia entrar em conspirações d'essa ordem, em uma pequena villa fóra da séde de sua residencia, por mais justa e santa que fosse a causa, como de facto o era.

3.º — Sendo elle um dos aulicos da realeza e amigo do Principe Regente, a tal ponto que em 1823 conseguia deste a destituição do Conselheiro José Bonifacio do cargo de Ministro d'Estado; como tambem a dissolução da Assembléa Constituinte e subsequente prisão e deportação para a Europa, de muitos Representantes da Nação, entre os quaes José Bonifacio, não daria elle sua comparticipação n'um facto de caracter todo local e que não passou de malograda indisciplina da nossa Força miliciana; elle que, mandava enforcar nas vergas dos navios fundeados no Porto de Santos, para exemplo, soldados do 1.º Regimento de Caçadores que precisamente na mesma occasião se insubordinavam, não viria se tornar co-réu na Conjura de Paranaguá.

Conclusão

Esses factos me levaram a fazer as affirmativas que, tão brilhantemente foram contestadas pelo meu distinctissimo amigo Snr. Dr. Ermelino de Leão.

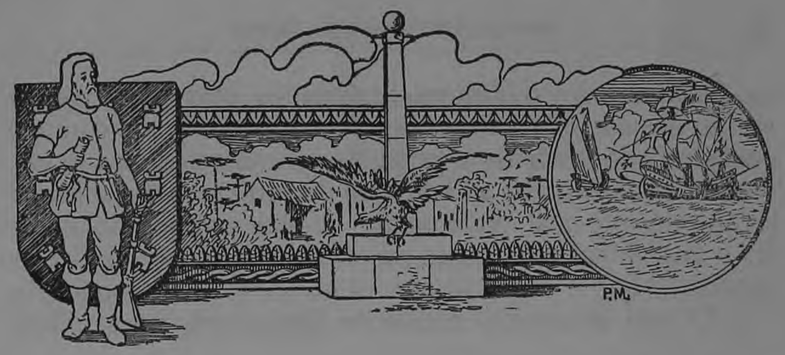
Dito isto, retiro-me da arêna satisfeito e orgulhoso por ver que tive por contendor tão fidalgo adversario que, pelo seu poderoso acervo de dados historicos, documentos e mais do que tudo, pelo seu primoroso talento, poderia me fulminar aos primeiros disparos da sua brilhante dialectica, se não se compadecesse da sorte do obscuro e arrojado contendor, seu particular admirador e amigo desde a infancia.

Com as armas quebradas, as mãos ao alto, solicito a paz, rendendo-me á discripção, compromettendo-me a não mais reincidir no feito de «contestar commentarios» de cartas de D. Cordula, e de assignar com o amigo Dr. Ermelino de Leão o mais solido tratado de amizade indissoluvel e eterna.

Francisco Negrão.

(Da «A Tribuna», de 7 de Julho de 1916.)





GENEALOGIA PARANAENSE

Titulo Rodrigues Seixas

Por vos servir a tudo apparelhados
De vós tão longe sempre obedientes.
Camões — Luziadas — Canto X.

A familia deste appellido teve inicio, no Paraná, em João Rodrigues Seixas, natural da Villa de Vianna, Portugal, filho do Capitão Antonio Rodrigues Seixas e de sua mulher Catharina Martins; era casado com Maria Maciel Barbosa. De sua Patria passou para o Brasil no meiado do seculo XVII. Residiu por alguns annos em Cananéa, onde suppomos, tenha constituido familia, se casando com Maria Maciel Barbosa. Alli teve elle o seu primeiro filho Antonio Rodrigues Seixas, nascido em anno approximado ao de 1670, visto ter fallecido em Curityba em 1735 aos 65 annos de edade. Foi um dos primeiros povoadores de Curityba. Ao ser creada a Justiça e Governo da villa, a 29 de Março de 1693, foi João Rodrigues Seixas nomeado para o lugar de Escrivão

da Camara, pelos 6 eleitores acclamados pelo povo para a eleição dos cargos da Republica. Neste cargo serviu, com dignidade e zelo, ininterruptamente, até o momento de sua morte, occorrida em Curityba a 13 de Abril de 1700, com seu solemne testamento, no qual declarou ter de seu matrimonio um filho e duas filhas, das quaes só menciona uma — Izabel — parecendo que a outra já era morta e sem descendencia.

De seu testamento consta ter tido os seguintes filhos:

1 — Antonio Rodrigues Seixas — Capitulo 1.º
2 — Izabel Rodrigues Seixas — Capitulo 2.º

CAPITULO 1.º

1 — Capitão Antonio Rodrigues Seixas, natural de Cananéa, nascido approximadamente em 1670; veio ainda menino para Curityba, na companhia de seus pais. Aqui se casou antes da morte de seu pai. Exerceu os cargos da Republica, em Curityba, entre os quaes o de Juiz Ordinario e de Orphãos. Era possuidor das terras de Campo Magro, Sambaqui e do Cubatão. Falleceu em Curityba a 20 de Janeiro de 1735 com 65 annos de edade, sendo casado com Maria Soares Paes, natural de Curityba, fallecida a 10 de Maio de 1744 com 70 annos de edade, filha legitima de Manoel Soares, natural de Lisbôa, fallecido com testamento em Curityba a 8 de Fevereiro de 1705, depois de ter exercido os cargos da Republica, entre os quaes o de Juiz Ordinario da primeira Justiça de Curityba, para cujo cargo foi eleito por occasião da creação desta villa, a 29 de Março de 1693, no qual serviu até a sua morte, (Volume 1.º desta Obra, folhas 309); e de sua mulher Maria Paes, natural de Parnahyba; neta pela parte paterna de Gonçalo Rodrigues Soares e de sua mulher Anna Gonçalves, naturaes de Portugal; neta pela parte materna do Capitão Balthazar Carrasco dos Reis, dos fundadores de Curityba, a cuja primeira Justiça pertenceu, e de sua mulher Izabel Antunes da Silva.

Com ascendentes descriptos em Titulo — Carrascos dos Reis.

De seu matrimonio teve 4 filhos: (Cartorio de Orphãos de Curityba.)

1-1 Ignez Rodrigues — § 1.º
1-2 Juliana Rodrigues — § 2.º
1-3 João Rodrigues Seixas — o moço — § 3.º
1-4 Manoel Rodrigues Seixas — § 4.º

§ 1.º

1-1 Ignez Rodrigues, casada com o Tenente Manoel Rodrigues Lisbôa, filho de outro de igual nome e de sua mulher . . .
naturaes de Lisbôa.
De seu matrimonio teve:

2-1 Antonio Rodrigues Lisbôa, casado em Curityba a 23 de Fevereiro de 1759 com Maria Luiz, filha de Antonio Fernandes de Siqueira e de sua mulher Catharina de Siqueira Cortes; neta pela parte paterna de Miguel Fernandes de Siqueira, natural do Rio de S. Francisco, e de sua mulher Maria Luiz, natural de Curityba; neta pela parte materna de Luiz de Góes e de sua mulher Maria de Siqueira Cortes.

§ 2.º

1-2 Juliana Rodrigues, casada com Alexandre Moraes Franco. Foi homem de influencia. Exerceu todos os cargos da Republica, entre os quaes o de Ouvidor interino, em Curityba.

§ 3.º

1-3 João Rodrigues Seixas — o moço —, casado a 19 de Julho de 1734 com Francisca Maciel Sampaio, de quem foi o primeiro marido, filha de Manoel Martins Valença e de sua mulher Joanna Maciel Sampaio,

todos naturaes de Curityba. Falleceu em Curityba a 7 de Abril de 1737, com 36 annos de edade. (C. O. de Curityba.)
Teve a filha unica:

2-1 Joanna Rodrigues Sampaio, nascida em 1737, casada a 23 de Fevereiro de 1754 com o Capitão Manoel Gonçalves Sampaio, natural de Santos, viuvo de Maria Rodrigues Pinto. Ella fallecida a 20 de Julho 1811 e elle em Janeiro de 1794, em Curityba. (C. O. de Curityba.)
Teve os seguintes filhos, em numero de 11:
3-1 Manoel, com 38 annos em 1794.
3-2 Anna, com 36 annos em 1794.
3-3 Alferes Thomaz Gonçalves de Almeida, com 35 annos em 1794, casado em 1803 em Curityba com Maria da Luz Muniz da Camara, filha de Matheus Corrêa Simões e de sua mulher Maria Muniz da Camara.
3-4 Ursula, com 33 annos em 1794.
3-5 Miguel, com 31 annos em 1794.
3-6 Maria, com 29 annos em 1794.
3-7 Izabel Gonçalves de Sampaio, casada em 1803 em Curityba, com 34 annos de edade, com José da Silva dos Santos, natural de Portugal, filho de José Dias Coelho e de sua mulher Maria de Jesus.
3-8 Francisca, com 25 annos.
3-9 Gertrudes, com 25 annos.
3-10 Joaquim, com 18 annos.
3-11 Francisco Pinto Teixeira, já era fallecido em 1794.

§ 4.º

1-4 Tenente Manoel Rodrigues Seixas, nasceu a 4 de Dezembro de 1704 em Curityba, onde falleceu a 20 de Junho de 1785, sendo casado a 2 de Julho de 1738 com Izabel Martins Valença, fallecida a 8 de Fevereiro de 1808, filha de Manoel Martins Valença e de sua mulher Joanna Maciel Sampaio.

Teve os seguintes filhos:

2-1 Escolastica Soares, casada a 21 de Janeiro de 1765 em Curityba com Salvador Diniz Baptista, filho de João Baptista Diniz e de sua mulher Luiza de Araujo; neto pela parte paterna de Francisco Diniz Pinheiro e de sua mulher Clara Pereira Telles; neto pela parte materna de Francisco de Araujo Monteiro e de sua mulher Izabel Barbosa. (C. E. de Curityba.)
Teve:
3-1 Maria Baptista Diniz, casada em Curityba a 9 de Setembro de 1788 com Bernardo da Silva de Abreu, filho de João da Silva de Abreu e de sua mulher Maria Ribeiro; neto pela parte paterna de José de Aguiar e de sua mulher Izabel da Silva; elle de S. José e ella de Jacarehy; neto pela parte materna de Miguel Ribeiro Baptista, natural de Atibaia, e de sua mulher Margarida de Oliveira, de Curityba. (C. E. de Curityba.)
3-2 Gertrudes Baptista Diniz, casada em 13 de Setembro de 1790 em Curityba com Floriano Esmerio Guimarães, filho de Antonio Francisco Guimarães, natural de Portugal, e de sua mulher Margarida Corrêa de Jesus; por esta, neto de João Corrêa de Andrade e de sua mulher Maria Moreira dos Santos, natural de Santos. Neto pela parte paterna de André Francisco, natural da Villa de Guimarães-Braga, e de sua mulher Catharina Francisco. (C. E. de Curityba.)

2-2 Francisco Rodrigues Seixas, casado.
2-3 Miguel Rodrigues Seixas, casado com Maria Vicencia Prestes, filha de Caetano José Prestes e de sua mulher Maria Custodia de Barros, fallecida com testamento em Curityba em 1812.
2-4 Maria Rodrigues Soares Paes, casada com Francisco Araujo Monteiro, natural de Santos, filho de outro de igual nome, natural de Ponte de Lima, e de sua mulher Izabel Rodrigues Barbosa, natural de Santos. (C. E. de Curityba.)
Teve:
3-1 Benedicto Ayres de Araujo, casado na Capella

de N. S. da Conceição de Tamanduá, a 8 de Agosto de 1795 (pelo Reverendo Frei José dos Santos Pinheiro, Superior da Ordem Carmelita) com Maria Rita de Jesus Prestes, fallecida a 20 de Agosto de 1857; filha de Marcelino Gomes da Costa, natural de Lisbôa, e de sua mulher Joanna Francisca de Abreu, natural de Curityba; neta pela parte paterna de Leandro Gomes da Costa e de sua mulher Dionisia Eleonor, ambos naturaes de Lisbôa; neta pela parte materna de Antonio Ferreira de Faria, natural de Braga, e de sua mulher Maria Prestes de Aguiar. (C. O. de Curityba.)
Falleceu com testamento a 7 de Agosto de 1840 em Curityba.
Deixou bens no valor de 23:517$000. (C. O. de Curityba.)
Teve 3 filhos:

4-1 João Ayres de Araujo, casado com sua sobrinha Iria Ayres de Araujo.
4-2 Francisco Ayres de Araujo, era viuvo por occasião da morte de sua mãi, tendo os seguintes filhos: (C. O. de Curityba.)
5-1 Joaquim Ayres de Araujo, casado.
5-2 Candido Ayres de Araujo, casado.
5-3 Antonio Ayres de Araujo, solteiro, com 32 annos.
5-4 Iria Ayres de Araujo, casada com seu tio João Ayres de Araujo.
5-5 Maria Rita de Araujo, casada com Antonio Carvalho da Rocha.
4-3 Virissimo José Marcelino, casado com Querubina Rosa do Carmo.
Já era fallecida em 1852.
Teve uma filha unica:
5-1 Querubina.

3-2 Anna Maria da Conceição, casada com o Tenente Manoel José de Araujo, já descriptos em Titulo Carrascos dos Reis, no primeiro volume desta obra, a pagina 342.
Ahi a descendencia.

3-3 Lourenço Justiniano Ayres de Araujo, filho de Benedicto Ayres de Araujo, foi casado com Maria Perpetua de Siqueira, filha de Bento de Siqueira Cortes e de sua mulher Anna Maria de Jesus. Filhos, por informações:
4-1 Bento de Araujo, fallecido solteiro em Palmas, onde era proprietario da fazenda de S. Bento.
4-2 Francisco Antonio de Araujo, casado com Anna de Jesus Araujo, filha de Theodoro Ferreira Maciel e de sua mulher Rosa de Siqueira Maciel, filha de Bento de Siqueira Cortes e de sua mulher Anna Maria.
4-3 Coronel José Joaquim de Araujo Perpetua, casado com Rosa Ferreira de Araujo Perpetua, filha do Coronel Pedro Ferreira Maciel e de sua mulher Margarida Ferreira Maciel.
4-4 Anna de Araujo, fallecida solteira.
4-5 Maria Aurea de Araujo, foi casada com Antonio de Siqueira Cortes, filho de Bento de Siqueira Cortes e de sua mulher Anna Maria. Sem descendentes.

2-5 Josepha do Espirito Santo, casada com José Ferreira de Lima, que se achava foragido em 1808, segundo se lê no inventario.
2-6 Maria de Jesus, solteira, com 60 annos em 1808.
2-7 Francisca da Conceição, solteira, com 58 annos.
2-8 Anna Maria, solteira, com 56 annos.
2-9 Antonio Rodrigues Seixas, fallecido em 13 de Janeiro de 1798. Casado na Capella de Tamanduá a 11 de Junho de 1785 com Genoveva Soares, nascida em 1769, filha de Manoel Manso de Avellar e de sua mulher Anna Barbosa, fallecida em 1793; neta pela parte paterna de Balthazar Soares, natural de Lisbôa, e de sua mulher Izabel Rodrigues, natural do Rio de Janeiro; neta pela parte materna de Francisco de Araujo Monteiro, natural de Ponte de Lima, e de sua mulher Izabel Barbosa. (C. E. de Curityba.)

Teve 2 filhos:

3-1 Ricardo Rodrigues Seixas, casado em Tamanduá, em primeiras nupcias a 16 de Fevereiro de 1806, com Anna Maria Ferreira, filha de Manoel Ferreira e de sua mulher Luiza Antonia Pires; casado em segundas nupcias com Maria dos Santos Cardoso, filha de Salvador Cardoso dos Santos e de sua mulher Barbara Franco, filha de Antonio Franco de Oliveira e de sua mulher Maria da Trindade.

Filhos, por informações, do 2.º matrimonio:

4-1 Antonio Rodrigues Seixas, casado com Maria da Luz Tibland, filha de Frederico Tibland e de sua mulher Clara Manso dos Santos, filha de Manoel Manso dos Santos; por este, neta de João Pires de Lima e de sua mulher Rosaura Soares.

4-2 Genoveva Seixas Borges, casada com Tiburcio Macedo Borges, filho de Manoel Borges de Sampaio e de sua mulher Gertrudes Natel.

3-2 João Rodrigues Seixas, nascido em 1798. Segundo consta dos autos do inventario, se achava em 1804 atacado de morphéa.

CAPITULO 2.º

2 — Izabel Rodrigues Seixas, natural de Cananéa, fallecida com testamento a 15 de Março de 1744, (C. E. de Curityba), com 90 annos, mais ou menos.

Foi casada com Lourenço de Andrade, natural de Dornellas, junto a N. Senhora da Lapa-Bispado de Vizeu. Filho legitimo de Marcos de Andrade e de sua mulher Catharina Luiz. Elle falleceu com 61 annos, com testamento a 18 de Fevereiro de 1733. Ainda jovem emigrou para o Brasil, aportando em Cananéa nas ultimas decadas do seculo XVII, de onde se transportou para Curityba. Aqui serviu nos cargos da Republica, onde se salientou, representando importante papel. Tornou-se tronco dos Andrades e Lustozas de Andrade, como adiante veremos.

Tiveram, segundo se verifica de seu testamento e inventario (C. O. de Curityba) 3 filhos, a saber:

1-1 Antonio Rodrigues de Andrade § 1.º
1-2 Maria Rodrigues de Andrade § 2.º
1-3 Agostinho Ribeiro de Andrade § 3.º

§ 1.º

1-1 Antonio Rodrigues de Andrade, nascido em Curityba, em 1699. Falleceu aos 70 annos de edade a 29 de Junho de 1769. Foi casado em Curityba, a 25 de Outubro de 1734 com Maria do Valle, baptisada em Curityba a 27 de Julho de 1705. (C. E. de Curityba.) Ambos falleceram sem testamento. Em 1773 foram inventariados os bens que elle possuia, entre os quaes uma morada de casa na rua Fechada, com 10 portas e 8 fechaduras, com 3000 telhas, com muros dividindo com Lourenço Ribeiro de Andrade por um lado, e do outro lado, com Manoel José Teixeira, por 45$000! Outra casa com 2 lances, com 1800 telhas, 6 portas e 4 fechaduras, na rua Nova do Rosario, junto a de Antonio Teixeira de Freitas de um lado e a de Antonio Teixeira Alves d'outro lado, por 35$000. Umas terras com 3 capões no «Tindiquera», no rio Passaúna, junto ao Rio Grande (Iguassú), com suas bemfeitorias, casas e escravos, avaliados em 800$000. Cento e tantas eguas de cria a 2$000 cada uma. Vaccas a 2$000, bois a 1$800. Estas terras elle havia comprado em 1740 por 20$000 e eram juntas ás terras de seu sogro.

Maria do Valle, era filha legitima de João Ribeiro do Valle, natural de S. Mamede do Valongo, bispado do Porto, um dos primeiros moradores de Curityba e talvez um de seus fundadores e povoadores; representou saliente papel em seu tempo, no exercicio de diversos cargos da Republica. Pelo Mestre de Campo Governador do Rio de Janeiro, Gregorio de Castro Moraes, foi concedida uma sesmaria de terras de meia

legua, em Curityba, na paragem chamada — Ponta do Almeida — a João Ribeiro do Valle, o qual já era possuidor de terras em Botiatuva, em Tindiquera, nas bandas do Bariguy, no Capão Grande, em Campo Largo, na Cachoeira, do outro lado do rio Passaúna; bem assim era possuidor de duas casas em Curityba. Segundo declarou em seu testamento, aberto depois de sua morte, a 5 de Abril de 1759, tinha 90 annos de edade, e era filho legitimo de Domingos Francisco e de sua mulher Maria do Valle, sendo casado na Villa de Curityba, com Izabel Soares. Era primo de Luiz Palhano de Azevedo.

Izabel Soares era filha de Manoel Soares, da Governança de Curityba e da sua primeira Justiça, acclamada em 1693; natural de Lisbôa e fallecido com testamento a 8 de Fevereiro de 1705, e de sua mulher Maria Paes; neta pela parte paterna de Gonçalo Rodrigues Soares e de sua mulher Anna Gonçalves, natural de Lisbôa; neta pela parte materna de Balthazar Carrasco dos Reis e de sua mulher Izabel Antunes, dos quaes já tratamos no 1.º Volume desta Obra.

Izabel Soares nasceu em Curityba, onde foi baptisada a 8 de Julho de 1684 pelo Padre João de Souto; sendo seus padrinhos, seus avôs maternos Balthazar Carrasco dos Reis e sua mulher Izabel Antunes (C. E. de Curityba, Livro 1.º de Nascimentos, folhas 27) e falleceu a 11 de Maio de 1760, com testamento.

Pertencia ás Irmandades de N. S. da Luz de Curityba, e para as obras de sua Igreja Matriz, deixou — um poldro de esmola. Pertencia tambem ás Irmandades do «Santissimo Sacramento» e das «Almas».

No dia immediato ao do seu fallecimento, fizeram-lhe um Officio funebre de 9 licções, com a assistencia de 5 padres e o mestre da Capella, com musica e o Officio da sepultura.

João Ribeiro do Valle, seu pai, assignou os Provimentos do Ouvidor Pardinho a 4 de Fevereiro de 1721.

Antonio Rodrigues de Andrade, de seu matrimonio teve os seguintes filhos: (C. O. de Curityba.)

2-1 Izabel Maria de Andrade, nascida em Curityba a 8 de Outubro de 1736 e baptisada a 18 do mesmo mez e anno. Falleceu a 2 de Março de 1788, sendo o

seu corpo sepultado na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz de Curityba, na qual já se tinha casado a 9 de Fevereiro de 1774 com o Tenente Antonio Martins Lustoza, baptisado em Mogy das Cruzes em 23 de Fevereiro de 1733, fallecido sem testamento em Curityba a 15 de Novembro de 1794. Em Dezembro de 1756, o Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza, em carta ao Capitão General Conde de Bobadella, pediu a nomeação de Escrivão para seu filho Antonio Martins Lustoza, allegando a capacidade delle. Em 1755 residia em «Pedras Brancas» do Tibagy, onde seu pai era Guarda-Mór e com elle assignou a acta de ractificação de posse desse continente. Acompanhou seu pai no levante que este promoveu em 1757 contra as autoridades ecclesiasticas e administrativas pela falta de cumprimento da Portaria que o nomeava Guarda-Mór e como tal com direito aos ductos de incenso á entrada das Igrejas.

Era filho do notavel sertanista o Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza, do qual tratamos em uma serie de artigos que publicamos na imprensa diaria de Curityba e cuja biographia se acha no preambulo deste Volume.

Teve de seu matrimonio o filho unico:

3-1 Sargento-Mór Ignacio Lustoza de Andrade, nascido em Curityba em 1776 e fallecido na mesma cidade com testamento, a 20 de Setembro de 1834. Foi homem de grande prestigio e importancia politica e social; representou saliente papel na sociedade em que viveu, exercendo salutar e proveitosa influencia, quer em Curityba, onde nasceu e morreu, quer em Paranaguá, onde viveu alguns annos.

Exerceu diversos cargos de nomeação administrativa e de eleição popular, não só em Paranaguá como tambem em Curityba, taes como: Commissario de Policia, Camarista e Presidente da Camara Municipal de Curityba e Juiz Ordinario.

O Sargento-Mór Ignacio Lustoza foi um dos mais fortes elementos da propaganda da emancipação politica e administrativa do Paraná, propugnando pelo seu desmembramento de S. Paulo, cuja campanha teve inicio em Paranaguá em 1811 que foi reproduzida em

1821, e da qual o insigne historiador Antonio Vieira dos Santos nos dá noticia em sua importante «Memoria Historica de Paranaguá», e D. Cordula Rodrigues de França em sua preciosa carta, que deu lugar a uma polemica amistosa entre nós e o erudito historiador Dr. Ermelino de Leão, como se vê do entroito deste volume a pagina 55, sob o titulo «A Conjura Separatista».

Foi o Sargento-Mór Ignacio Lustoza de Andrade, casado em Paranaguá com Maria Catharina de Moraes Cordeiro, fallecida em Curityba a 5 de Junho de 1844, com seu solemne testamento, no qual declarou ser filha legitima do Tenente Antonio dos Santos Pinheiro e de sua mulher Anna Gonçalves Cordeiro; por esta, neta materna do Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes e de sua mulher Catharina de Senne.

O Tenente Antonio dos Santos Pinheiro era natural de Portugal. Foi Escrivão dos auditorios e ecclesiasticos e Tabellião do Publico, em Paranaguá, anteriormente a 1747. Em 1779 ainda era Tabellião em Paranaguá. Em 1788 já figurava como Tabellião de Curityba, em cujo cargo serviu pelo menos até 15 de Maio de 1805. Em 17 de Setembro de 1805 entrou para a Irmandade de S. Francisco das Chagas, de Paranaguá, estando em — *artigo de morte* —, pelo que pagou de joia 12$000. Por ahi se vê que, para ser Escrivão em 1747, deveria ter pelo menos 20 annos de edade, o que nos faz suppôr que falleceu com 80 annos approximadamente.

Sua mulher se achando doente em 1798, deu 50$000 á Irmandade de S. Francisco das Chagas. Como Escrivão da Ouvidoria Geral, lavrou o termo de erecção da Villa de Castro, em 20 de Janeiro de 1789, e o da erecção da freguezia de N. S. do Pilar da Graciosa, á categoria de Villa, com o nome de Antonina.

Pelo Tenente Antonio dos Santos Pinheiro era neta paterna de Manoel dos Santos Chaves, natural da Praça de Chaves, e de sua mulher Maria Josepha do Nascimento, natural de Setubal.

O Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes, como se vê da Provisão de 23 de Novembro de 1731, em que o

Capitão General-Governador Antonio da Silva Caldeira Pimentel, o nomeia Tabellião de publico, judicial e notas e Escrivão dos Orphãos, das execuções da Camara e Almotaçaria da Villa de Paranaguá, para obter esse lugar allegou ter de sustentar a sua mãe já decrepita, duas irmãs, sobrinhos e sobrinhas. Suppomos ser elle nascido em annos proximos a 1700.

Em 1742, na qualidade de Juiz de Orphãos triennal de Paranaguá, expediu carta precatoria ao Juiz de Curityba, com data de 11 de Maio desse anno, solicitando que se procedesse ao inventario de uma fazenda de creação de gado em Piraquara, pertencente ao Coronel Anastacio de Freitas Trancozo, então fallecido, a requerimento da viuva deste.

Em seu testamento feito em Paranaguá a 16 de Janeiro de 1773 e aberto a 14 de Fevereiro de 1776, (Cartorio do Tabellião Gabriel Ribeiro, de Curityba) declarou o Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes ser natural de Paranaguá, filho legitimo do Capitão Pedro de Moraes Monforte e de sua mulher Catharina de Lemos, já fallecidos; que era casado com Catharina de Senne, de cujo matrimonio teve 9 filhos, dos quaes trataremos em outro volume desta Genealogia.

Declarou ainda em seu testamento que, quando foi Thesoureiro dos ausentes, recebeu da justiça de Iguape, 30$000 do producto de um negro fugido, para recolher ao cofres de Orphãos e Ausentes, e por impossibilidade de o fazer, guardou em sua Caixa, empacotada, separadamente do que era de sua propriedade, e dos das Irmandades de que era Thesoureiro. Esse dinheiro, bem como todo o que possuia, foi roubado, tendo sido a Caixa aberta com chave falsa, como foi constatado. Disse elle que «segundo opiniões de alguns Doutores, não era obrigado a restituir». Mas, que se opiniões divergissem sobre seus solidos fundamentos, seus herdeiros deviam indemnisar pela sua terça, pois — «*não queria encargos para a outra vida*».

Que a fazenda que possuia em Curityba e em Paranaguá, sua mulher e filhos bem sabiam. Entre outros

legados deixou 10$000 á Capella do Senhor Bom Jesus, outros 10$000 para a confraria de N. S. do Rosario dos Pretos; 10$000 á sua neta Maria Catharina, filha de Antonio dos Santos Pinheiro, com o qual «teve contendas» sobre o particular que sua mulher e filhos muito bem o sabiam, e constam dos autos de execução que lhe fez, e pelo qual este lhe ficou restando e que hoje lhe perdôa e pede aos seus herdeiros, pelo amor de Deus, que tambem lhe perdoem, e si algum repugnar perdoar o que seu genro lhe deve, se lhe inteirará o prejuizo *pro rata,* pela sua fazenda.

Sua mulher Catharina de Senne, em seu testamento aberto em Paranaguá a 31 de Outubro de 1778, e existente no Cartorio do Snr. Gabriel Ribeiro, declarou: «Ser natural de Paranaguá, filha legitima do Capitão Francisco Ferreira e de sua mulher Joanna Cordeiro Mathoso, já fallecidos. Que foi casada com o Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes.» O seu testamento foi feito em Paranaguá a 4 de Abril de 1778. Por seu avô materno Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes, era Maria Catharina de Moraes Cordeiro bisneta do Capitão Pedro de Moraes Monforte e de sua mulher Catharina de Lemos; por sua avó materna Catharina de Senne era bisneta do Capitão Francisco Ferreira Pinto do Valle e de sua mulher Joanna Cordeiro Mathoso; por sua bisavó Catharina de Lemos era terceira neta do Provedor Manoel de Lemos Conde e de sua mulher Anna Mathoso Mourato; por esta, quarta neta de Valentim Cordeiro e de sua mulher Anna Mourato; por esta, quinta neta do Capitão Manoel Mourato Coelho, celebre bandeirante, e de sua mulher Maria Rodrigues Alvarenga; por esta, era sexta neta do nobre cidadão Antonio Rodrigues de Alvarenga e de sua mulher Anna Ribeiro; por seu quarto avô Valentim Cordeiro era quinta neta de Gaspar Cordeiro e de sua mulher Anna Mathoso; por seu sexto avô Antonio Rodrigues de Alvarenga era septima neta de Balthazar de Alvarenga e de sua mulher Messia Monteiro; por sua sexta avó Anna Ribeiro era

septima neta do nobre cidadão Estevão Ribeiro Bayão Parente e de sua mulher Magdalena Fernandes Feijó de Madureira; por seu bisavô Capitão Francisco Ferreira Pinto do Valle era terceira neta de Domingos Pinto do Rego e de sua mulher Maria Ferreira do Valle; por seu terceiro avô Domingos Pinto do Rego era quarta neta do Capitão-Mór de S. Paulo, André Cursino de Mattos e de sua mulher Anna Pinto da Silva; por esta, era quinta neta de Diogo Pinto do Rego e de sua mulher Maria de Britto e Silva; por seu quarto avô André Cursino de Mattos era quinta neta do Capitão José Monteiro de Mattos e de sua mulher Anna Violante; pelo Capitão José Monteiro de Mattos era sexta neta de Antonio Monteiro de Mattos e de sua mulher . . . ; por Diogo Pinto do Rego era sexta neta de Antonio Pinto do Rego e de sua mulher Izabel do Rego; por esta, septima neta de Manoel Paes da Costa e de sua mulher Francisca do Rego Pinto; por Izabel do Rego era septima neta de Paulo Rodrigues Brandão e de sua mulher Catharina Paes; por sua quinta avó Maria de Britto e Silva era sexta neta de Domingos de Britto Peixoto e de sua mulher Anna de Guerra Prado; por esta, septima neta de Francisco Rodrigues da Guerra e de sua mulher Lucrecia Leme; por Domingos de Britto Peixoto era septima neta de outro Domingos de Britto Peixoto e de sua mulher Sebastiana da Silva; por sua septima avó Lucrecia Leme era oitava neta de Pedro Leme e de sua mulher Helena do Prado; por esta, nona neta de João do Prado e de sua mulher Felippa Vicente; por esta, decima neta de Pedro Vicente e de sua mulher Maria de Faria; por seu oitavo avô Pedro de Leme era nona neta de Braz Esteves e de sua mulher Leonor Leme; por esta, decima neta de Pedro Leme e de sua segunda mulher Luiza Fernandes; por elle, neta em decimo primeiro gráu de Antão Leme e de sua mulher . . . ; por elle, neta em decimo segundo gráu de Antonio Leme e de sua mulher Catharina de Barros; por esta, neta em decimo terceiro gráu de Pedro Gonçalves da Camara e de

sua mulher Izabel de Barros; por Antonio Leme era neta em decimo terceiro gráu de Martim Leme e de sua mulher . . . ; por este, era neta em decimo quarto gráu de Antonio Leme e de sua mulher . . . ; por este, neta em decimo quinto gráu de Martim Leme e de sua mulher Leonor Rodrigues; por este, neta em decimo sexto gráu de Martim Leme e de sua mulher . . . (Genealogia Paulistana, volume 2.º, paginas 179 a 189); por Pedro Gonçalves da Camara era neta em decimo quarto gráu de outro Pedro Gonçalves da Camara e de sua mulher Joanna d'Eça, filha de João Fogaça; por Pedro Gonçalves da Camara era neta em decimo quinto gráu de João Gonçalves da Camara e de sua mulher Maria de Noronha, filha de D. João Henrique; por este, neta em decimo sexto gráu do Conde de Gijon, filho natural de D. Henrique, Rei de Castella; por João Gonçalves da Camara era neta em decimo sexto gráu de João Gonçalves Zargo e de sua mulher Constança Rodrigues de Almeida, filha de Rodrigues Annes de Sá.

O tronco — Leme —, segundo se vê na «Genealogia Paulistana» do saudoso e illustrado Dr. Silva Leme —, «prendia-se a antiga e nobre familia que da Ilha da Madeira passou á Villa de S. Vicente pelos annos de 1544 a 1550, e que possuia muitos feudos na cidade de Bruges, condado de Fiandres, nos Paizes Baixos. O seu antigo appellido era Lems — argilla ou barro fino e delicado, o qual foi corrompido em Lemes e Leme. Martim Lems, cavalleiro nobre e rico, foi senhor dos feudos de Bruges; seu filho de igual nome passou a Portugal, se estabelecendo em Lisbôa; seu filho Antonio Leme, antes de vir para o Brasil, foi mandado por seu pai, com varios homens de lanças e espingardas em auxilio a expedição de el-rei D. Affonso, em 1463, contra os mouros na Africa; em recompensa el-rei o tomou por fidalgo de sua casa, pelo muito que se distinguiu na tomada de Arzilla e Tanger, em 1463. O brazão de armas dos Lemes é o seguinte:

«Em campo de ouro, cinco melros de preto, em santor, sem pés nem bicos; por timbre um dos melros do escudo em uma aspa de ouro.»

Catharina de Barros, esposa de Antonio Leme — o neto —, foi a instituidora do morgado da villa da Ponta do Sól, na Ilha da Madeira; seu bisavô João Gonçalves da Camara, foi o 2.º Capitão de Funchal, fidalgo da casa real, que foi tido em alta estima pelo rei por grandes serviços que lhe prestára na tomada de Cepta e de Arzilla.

O brazão de armas dos Camaras é o seguinte: — «um escudo preto e ao pé uma montanha verde e sobre esta uma torre de prata entre dous lobos de ouro.»

Pedro Leme passou a Ilha de S. Vicente com sua filha Leonor, já casada com Braz Teves; era natural da Ilha da Madeira, e fidalgo da casa real, passou a S. Vicente antes de 1550, segundo escreveu Pedro Taques, na sua Nobiliarchia Paulistana, com varios criados do seu serviço e ali foi estimado e reconhecido com o caracter de fidalgo e pessoa da maior autoridade da villa.

Braz Teves ou Esteves era proprietario do engenho de assucar chamado de «S. Jorge de Erasmos» e era homem abastado.

João Gonçalves Zargo.

Conta J. P. de Oliveira Martins, em seu precioso livro — «Os filhos de D. João I», que:

«Por occasião da descoberta de Porto Santo, chegaram a Sagres, João Gonçalves Zargo, fidalgo da casa de D. Henrique, e o piloto João de Morales que trazia de Ceuta e contava, por seu turno, uma historia singular. Em 1416, havia quatro annos, morrêra o mestre de Calatrava D. Sancho, infante do Aragão, deixando em testamento uma grossa quantia para o resgate dos captivos. Entre os remidos viera a Ceuta o piloto João de Morales, e ahi conhecera João Gonçalves, a quem communicou a historia ou lenda de Roberto Machin, perdido na praia de uma ilha encoberta. Seria Porto Santo? Pelos signaes não era.

Partiu, pois, a segunda expedição, acompanhando os da primeira, alem de Zargo, Bartholomeu Perestrello. Os navegadores eram todos da *familia* do infante, que tivera de ir pessoalmente a Lisbôa resolver o pae a permittir a viagem. Na côrte, os pregoeiros d'estas novas eram tidos como visionarios e recebidos com escarneos. Partiu a segunda expedição, e chegando a Porto Santo, ao observarem o horisonte, para o sul, viam um nevoeiro constante a assignalar a existencia de terra. Mas alguns, assustados, diziam com pavor que era a ilha de Cipango por mysterio de Deus encoberta, onde os bispos e o povo de Hespanha se asylaram, fugindo aos sarracenos. O mar estava coalhado de lendas, flocos de espuma da imaginação creadora, que agora o vento fresco da vontade ia desmanchando successivamente em fumo. . . Era peccado manifesto, contra a Providencia, querer desvendar o que Deus encobrira! Mas, Zargo, outro phenicio como D. Henrique, ou curioso celta indagador como foi depois D. João de Castro, arrostou com o medo, metteu-se no varinel, e largou. A nevoa caía sobre a agua espessamente. Seria esse o mar tenebroso dos almogarriruns de Lisbôa? Terra não se via, mas ouvia-se tragica a arrebentação do mar. O varinel seguia no meio da nuvem, desflorando as aguas que se abriam espadanando. Cada vez o rugido das ondas era mais distincto; echoava nas sombras em trovões medonhos, reboando e subindo ameaçadores. Já se desenhavam, como gigantes ou monstros, as penedias da costa, destacando-se mais negras no negrume da nevoa. Os marinheiros, brancos, benziam-se, n'uma agonia. Todo o ar lufava medos. . . De repente, viram diante de si estendido um tapete verde de agua clara, e levantando os olhos, um amphitheatro de montes deslumbrantes. Era a praia, era uma bahia: era a Madeira, esse paraiso, que emergia do mar vestida de matas, engrinaldada de flores, ondina encerrada n'uma camara de nuvens desvelada pela vontade audaz de um marinheiro. Perestrello veiu a Lisbôa dar conta do achado, Zargo ficou; o infante repartiu

entre os dois o governo da ilha. Esses primeiros filhos do seu consorcio mystico com o mar, enchendo-o de enthusiasmo, não o desviavam, porem, do proposito de saber como acabava a Africa, e de ganhar para Portugal o imperio do mundo. O desvairamento da monarchia universal, folhas seccas trazidas pelo vento morno da Historia, devia, nos vagos horisontes da imaginação, surgir de um modo remoto ao pensamento do infante; mas como era um espirito positivo e pratico, nem se deixava arrebatar por chimeras, nem pelos sonhos azues da phantasia celtica. As ilhas do mar, encantadas, não o attrahiam como sereias que eram. Da sua torre, no Promontorio Sacro, quasi que via as praças de Marrocos, o seu imperio; e, para o sul, ir descendo, ao longo do mar, a costa, sua esperança.»

. . . . . .

— Como acabamos de vêr, fôra João Gonçalves Zargo o descobridor da ilha da Madeira e o seu primeiro Capitão.

Foi elle casado com Constança Rodrigues de Almeida, filha de Rodrigo Annes de Sá, os quaes, com seus filhos ainda menores, em 1420, foram povoar a ilha da Madeira.

Sobre o principio da nobreza da familia Gonçalves da Camara, de que João Gonçalves Zargo foi o tronco, escreveu o Dr. Gaspar Fructuoso, no seu livro — «Saudades da terra» — segundo o illustre e saudoso Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme na sua preciosissima «Genealogia Paulistana»: — «A illustre progenie dos Capitães do Funchal da Ilha da Madeira e da Ilha de S. Miguel, que d'elles descendem, teve um dos mais altos e honrosos principios que se podem contar, si é verdade o que d'elles se conta.

«Como escrevem os chronistas, em 1415 ou 1416 da nossa éra, partiu de Lisbôa el-rei Dom João I com o principe D. Duarte e os Infantes D. Pedro e D. Henrique seus filhos e outros senhores e nobres do reino para a Africa, e tomou aos mouros por força das armas a gram cidade de Cepta, a qual depois foi cer-

cada dos mouros, e o Infante D. Henrique a foi decercar, e, ou n'esse cerco ou melhor no cerco de Tangere, se acharam João Gonçalves o Zargo e Tristão Vaz, e o fizeram tão honradamente, que o Infante os armou cavalleiros. Ou seja ahi, ou em outra parte, em algum dos lugares da Africa, estando lá um Capitão de el-Rei, aconteceu que correndo mouros ás tranqueiras, d'entre elles sahiu um que a cavallo desafiou os Portuguezes, dizendo que a hum por hum queria mostrar a valia de seu esforço; e se entre elles havia esforçados, que não encubrissem a sua.

Ao qual (entre muitos que se offereceram) sahiu, com licença do capitão, um esforçado de nome entre os christãos, a quem na briga a fortuna tão mal favoreceu, que o mouro com a morte d'elle ficou senhor do campo. Logo sahiu outro de não menos valia, que teve a mesma sorte do primeiro. Ao depois deste, outro e não sei se mais, que todos tiveram o mesmo fim. Vendo o capitão quão mal lhe succederam as cousas n'esse dia, estava tão pesaroso pela perda de seus cavalleiros, que negou licença aos que pediam para vingar a morte de seus companheiros. N'este estado de cousas veiu ao capitão um soldado infante, até então sem nome, e lhe pediu que deixasse sahir ao mouro, que elle com o favor de Deus, esperava vencer e trazer captivo. Respondeu-lhe o capitão que deixasse de tal proposito, pois que elle não poderia fazer aquillo que tantos e tão animosos cavalleiros não fizeram, elle a pé e sem experiencia. Insistiu o soldado dizendo que estando perdidos tantos cavalleiros e de tanto nome perante o capitão e o Rei, pouco se aventurava em perder elle a sua vida. O capitão vendo o animo do soldado, de parecer com outros cavalleiros, concedeu-lhe a licença pedida. E logo o soldado pediu o cavallo de um cavalleiro que para effeito escolheu; e cavalgando n'elle com adarga embraçada e na outra mão um pedaço de páu, caminhou para o mouro, que, em o vendo escaramuçando, se veiu mui soberbo a elle. E todas as vezes que queria ferir ao christão, este não fazia mais que desviar de si a lança do mouro, o que fez até que, tanto que viu tempo e conjuncção, remettendo depressa com o cavallo ao mouro, lhe deu em descoberto tão grande pancada, que, atordoado, o tomou pelos cabellos, e prezo o entregou ao capitão: pelo qual feito foi d'ahi em diante conhecido do Rei. D'este valoroso soldado, dizem, procedeu João Gonçalves o Zargo, seu filho ou neto; e outros dizem que este feito em armas fez o mesmo João Gonçalves, e por o mouro, que elle ou seu pae ou avô matou, se chamar Zargo, lhes ficou a elles ou a elle o mesmo appellido e nome. A informação colhida na ilha da Madeira conta este principio de outra maneira, dizendo que este primeiro capitão do Funchal foi chamado o Zargo, alcunha imposta por honra de sua cavallaria, porque no tempo em que os Infantes D. Henrique e D. Fernando, filhos do Rei D. João I, se foram a cercar Tangere, com tenção de a tomar e sujeitar á corôa de Portugal, foi este capitão João Gonçalves com elles, por ser cavalleiro da casa do dito Infante D. Henrique. Estando, pois, os Infantes n'este cerco vieram sobre elles o Rei de Fez, o Rei de Belez-Lazeraque e cinco Enxouvios e o Rei de Marrocos com todo o seu poder, em que traziam 60.000 cavalleiros e 100.000 infantes; os quaes chegados cercaram logo os Infantes, pelo que lhes foi necessario fazer um palanque, onde se defenderam, com padecerem muitas affrontas e fortes combates, nos quaes se mostrou tão cavalleiro o Zargo, que deu mostras de seu grande esforço, pelejando valorosamente deante dos Infantes, que por essa causa o estimavam muito. E n'este logar do combate recebeu uma ferida em um dos olhos de um virotão que dos inimigos lhe atiraram, com que lhe quebraram um olho. E como n'aquelle tempo se chamava Zargo a quem só tinha um olho, ficou-lhe o nome por insignia e honra de sua cavallaria, porque n'ella deu taes mostras e se assignalou por tão cavalleiro, que não foi pouca a ajuda de seu esforço e industria na guerra, para o Infante D. Henrique se salvar e acolher ao mar, a tempo que já o Infante D.

Fernando ficava captivo por traição e manha. Assim que, com a industria e esforço d'este cavalleiro João Gonçalves o Zargo se recolheu e embarcou o Infante D. Henrique nos navios que no mar estavão para esse effeito, ficando sempre o Zargo em terra recolhendo a gente que pôde, e sustentando esforçadamente o impeto e peso dos mouros, que sobre elle vinham por entrar o Infante. E depois de recolhidos com perda de muitos portuguezes, João Gonçalves se recolheu bem ferido, com trabalho e perigo, sendo os mouros infinitos; por este grande serviço, que este magnanimo João Gonçalves o Zargo fez ao Infante, e por outros que tinha feito a el-Rei, o estimavam muito, e lhe dava el-Rei cargos de substancia, em que sempre se mostrava mui cavalleiro; por essa razão o encarregou, havendo guerras com Castella, de capitão da costa do Algarve, tendo-a bem segura de toda a molestia dos castelhanos.»

* *
*

«Antonio Rodrigues de Alvarenga, falleceu em 1614, era natural de Lamego, casado em S. Vicente com Anna Ribeiro, natural do Porto, filha de Estevão Ribeiro Bayão Parente, natural de Beja, e de sua mulher Magdalena Fernandes Feijó de Madureira, natural do Porto e fallecida em 1647. De Lamego passou a morar em S. Vicente, no principio de sua fundação por Martim Affonso de Souza, e mais tarde em S. Paulo, onde exerceu o officio de Tabellião, como proprietario.

Sobre a nobreza da familia Alvarenga, escreveu Pedro Taques na sua importante «Nobiliarchia Paulistana»: Antonio Rodrigues de Alvarenga passou em serviço do Rei a ser um dos primeiros povoadores da villa de S. Vicente.

N'esta villa se casou com Anna Ribeiro, natural da cidade do Porto, d'onde passou com duas irmãs e varios irmãos na companhia de seus Paes Estevão Ribeiro Bayão Parente, natural de Beja, e de sua mulher Magdalena Fernandes Feijó de Madureira, tambem natural da cidade do Porto.

De S. Vicente passou a S. Paulo com sua mulher, e como pessoa tão distincta, soube conseguir respeito e veneração e foi senhor e proprietario por mercê do donatario, do officio de Tabellião de judicial e notas de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 14 de Setembro de 1614 (C. de O. de S. Paulo); e sua mulher Anna Ribeiro falleceu a 23 de Outubro de 1647 e foi sepultada em jazigo perpetuo da Capella-mór da Igreja dos Carmelitas, no qual já repouzava o seu filho Antonio Pedroso Alvarenga, Sargento-Mór de S. Paulo.

Antonio Rodrigues de Alvarenga, era filho de Balthazar Alvarenga e de sua mulher Messia Monteiro. Era fidalgo de geração da muito illustre familia dos Alvarengas, segundo habilitação produzida por seus ascendentes em 2 de Junho de 1681, em que apresentaram — «7 testemunhas de todo o credito, fóra de suspeita e de toda a excepção, maiores, e as mais d'ellas Cavalleiros do Habito de Christo, naturaes da cidade de Lamego, que depuzeram de facto proprio, sendo proferida a seguinte Sentença: (Genealogia Paulistana, volume V, folhas 216.)

— «Vistos estes Autos de justificação a fls. 2, de Estevão Ribeiro de Alvarenga e seus Irmãos Antonio Pedroso de Alvarenga e os Padres mestres Frei João da Luz e Frei Luiz dos Anjos, carmelitas calçados, das testemunhas a fls. 7, que eu inqueri, e certidões que se juntaram a fls. 8, em diante, se mostra serem os justificantes filhos legitimos de Diogo Martins da Costa e de sua mulher Izabel Ribeiro; netos pela parte paterna de Belchior Martins da Costa e de sua mulher Ignez Martins. Deu aos sobreditos justificantes por filhos legitimos de Diogo Martins da Costa e por descendentes da mui illustre geração e familia dos — Alvarengas e Costa — e os julgo tambem por Christãos velhos sem raça de mouros ou judeos nem de outra qualquer infesta nação, e poderão tirar as suas Sentenças e processo e paguem as custas dos Autos. Lisbôa, 2 de Ju-

nho de 1681. E sendo a dita Sentença assignada pelo meu corregedor, da minha casa e casa da supplicação, tirada do processo e passada pela minha chancellaria, a qual sendo apresentada a meu Rei de armas Portugal, porque a minha tenção é honrar a meus vassallos, ainda aquelles que mais remotos vivem, para que não se extinguam as nobrezas e fidalguias que seus Avós adquiriram e alcançaram. Hei por bem e me apraz de lhe conceder todas as honras, liberdades e isenções que as taes familias de Alvarenga têm e logram n'este meu reino e senhorias de Portugal, e poderão trazer as ditas armas que lhes competem, que são as dos Alvarengas, que visto no livro de armaria, lhes são dadas e conservadas as armas seguintes:

«Um escudo direito com suas orlas e folhagens com um elmo em cima, e sobre o dito elmo um leão rapante com uma espada dourada na mão direita e na mão esquerda uma estrella de prata e o dito escudo orlado com filetes dourados e terá no meio cinco estrellas prateadas em campo azul e as pontas das folhagens serão tambem douradas. Com estas armas poderão uzar d'ellas como suas, por lhes competir e com ellas poderão entrar em festas, carros, justas e torneios, levando-as em seus escudos e rodelas e pondo-as nas portas de suas casas e quintas e mais partes que lhes bem parecer e quizerem e gozarão de toda a nobreza e fidalguia que tem os fidalgos de geração, por lhes competir, etc. etc.

Vai assignada pelo meu Rei de Armas Portugal... E eu Francisco de Moraes Coutinho, escrivão das gerações o subscrevi. Rei das armas Portugal. Cumpra-se e registre-se. S. Paulo, 17 de Abril de 1583.»

De seu casamento com Anna Ribeiro teve entre outros Maria Rodrigues de Alvarenga, que casou com Manoel Mourato Coelho, que falleceu com testamento em 1646 e teve a filha unica:

Anna Mourato, que casou em 1634 em S. Paulo com Valentim Cordeiro, natural de Espinhel, Portugal, filho de Gaspar Cordeiro e de sua mulher Anna Mattozo.

* *
*

Domingos Pinto ou Domingos Pinto de Brito do Rego, conforme consta de uma Procuração datada de Santos a 17 de Setembro de 1738, por sua mulher Maria Ferreira do Valle, em favor do Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes de Paranaguá, na qual dava poderes a este de vender (segundo parece, pois a palavra — vender — está quasi toda roida pelas traças e pela humidade), umas terras que possue para as bandas da Villa de Laguna, que foram doadas em 1728 pelo Tio-avô e padrinho do defunto seu marido, Capitão-mór das mesmas partes, Francisco de Brito Peixoto ao mesmo seu marido; terras estas que confinavão com as de seus cunhados e irmãos de seu marido Diogo Pinto, Francisco Pinto e Joaquim Pinto do Rego e com as de João Baptista Saes, que as receberam em dote de sua sogra Anna Pinto da Silva, viuva de André Cursino de Mattos, mãe do referido seu marido e cunhados.» Esta procuração que é longa e se acha muito estragada, dá poderes a diversas pessoas, não só de Portugal, como a outras da Capitania de S. Vicente e de S. Paulo.

— Por esta Procuração se verifica que Domingos Pinto do Rego era filho do Capitão André Cursino de Mattos e de sua mulher Anna Pinto da Silva; neto pela parte paterna de José Monteiro de Mattos, cavalleiro fidalgo da casa real, mestre de Campo, Governador da Praça de Santos em 1703, e de sua primeira mulher Anna Violante; este, filho de Antonio Monteiro de Mattos. (Genealogia Paulistana, Volume II, paginas 188 e 189.)

Por Anna Pinto da Silva é neto de Maria de Brito e Silva (que é irmã do Capitão-mór Francisco de Brito Peixoto, que como Tio-avô e padrinho de Domingos Pinto do Rego fez-lhe a doação das terras da Laguna, a que se refere a Procuração acima.)

— Maria de Brito e Silva, natural de Santos, foi ca-

sada com o Capitão-mór Governador de S. Vicente e S. Paulo, Diogo Pinto do Rego — o velho.
Ella era filha de Domingos de Brito Peixoto e de sua mulher Anna da Guerra Prado; neta pela parte paterna de Domingos de Brito Peixoto e de sua mulher Sebastiana da Silva; neta pela parte materna de Francisco Rodrigues da Guerra e de sua mulher Lucrecia Leme. (Genealogia Paulistana, Volume II, pagina 188). Por tudo isto se verefica que André Cursino de Mattos e sua mulher Anna Pinto da Silva, tiveram além dos quatro filhos descriptos pelo illustrado genealogista Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, em sua importante «Genealogia Paulistana», mais os seguintes:

1 — Joaquim Pinto do Rego.

2 — Domingos Pinto Brito do Rego, que foi casado com Maria Ferreira do Valle.

— O Capitão André Cursino de Mattos, era natural de Cascaes, filho de José Monteiro de Mattos, cavalleiro fidalgo da casa real, Mestre de Campo, Governador da Praça de Santos em 1703, e de sua primeira mulher Anna Violante.
Neto pela parte paterna de Antonio Monteiro de Mattos.
Em 1748, o mestre de Campo Diogo Pinto do Rego, filho de André Cursino de Mattos, requereu a Sua Magestade o direito de dar em dote á sua filha Anna a propriedade do Officio que tinha sido conferido a seu Avô o Capitão José Monteiro de Mattos pelos serviços prestados a Sua Magestade; para isso justificou ser das principaes familias da terra.

3-1 O Sargento-Mór Ignacio Lustoza de Andrade teve os seguintes filhos: (C. O. de Curityba.)

4-1 Tenente José Lustoza de Andrade, foi casado com Carolina José de Andrade, ambos fallecidos; ella natural da Inglaterra, (por morte de seu marido, se casou em segundas nupcias com João Pedro de Latson, a 10 de Fevereiro de 1827).
Sem descendentes.

4-2 Manoel de Ramos Lustoza de Andrade, falleceu solteiro.

4-3 Benedicta Francisca de Assis de Andrade, fallecida a 23 de Abril de 1845; foi casada a 22 de Agosto de 1833, em primeiras nupcias com Joaquim Pinto Rebello, baptisado a 29 de Julho de 1895, filho legitimo do Capitão Nicoláo Pinto Rebello e de sua mulher Lourença Floriana de Lima; e em segundas nupcias a 7 de Maio de 1846, com Tobias Pinto Rebello, viuvo de Florisbella Maria do Nascimento, e irmão de seu primeiro marido.
Do seu primeiro matrimonio teve:

5-1 Maria das Mercês Pinto Rebello, nascida em 1832 e casada com o Tenente Coronel Manoel Antonio de Andrade, de quem foi a primeira mulher, sendo a segunda mulher Ubaldina Francisca de Assis.
O Tenente Coronel Manoel Antonio de Andrade era filho do Major José de Andrade Pereira e de sua mulher Maria Custodia de Barros; era neto pela parte materna do Capitão Francisco de Paula Xavier Bueno e de sua mulher Victoriana Maria de Lima; bisneto pela parte paterna de Agostinho de Andrade e de sua mulher Gertrudes Pereira Telles, de cujos ascendentes adiante trataremos. Por Maria Custodia de Barros é bisneto de Jeronymo Antunes Maciel e de sua mulher Maria Leite de Barros; por esta, quaterneto de Domingos Rodrigues e de sua mulher Catharina de Almeida. Por Jeronymo Antunes Maciel é terneto do Coronel João Antunes Maciel, Provedor dos Reaes quintos em Cuyabá. Foi Juiz ordinario em S. João del-Rey, onde salvou os Portuguezes cercados pelos Paulistas no fortim do Rio das Mortes na guerra dos emboabas, em 1710; e de sua segunda mulher Maria Paes de Jesus, filha do Capitão Domingos Soares Paes e de sua mulher Maria Leite da Silva, natural de Itú, filha do Capitão Jeronymo Ferraz de Araujo e de sua mulher Maria Riquielme de Gusmão. Veja-se a «Ge-

nealogia Paulistana», volume 6.º, titulo Carrasco dos Reis, fls. 472 em 2-1 de 1-5 do § 5.º, ahi estão descriptos os ascendentes em titulo «Leme». Ver o volume 1.º, fls. 129 em 3-1 de 2-1, da referida obra, e encontrarão ahi os ascendentes do Coronel João Antunes Maciel.

Teve os seguintes filhos:

6-1 Fidelis de Andrade, nascido a 29 de Março de 1851, casado com Ubaldina de Macedo, filha de Manoel Ribeiro de Macedo Junior e de sua mulher Ubaldina Francisca de Assis, de quem foi elle o primeiro marido; neta pela parte paterna de Manoel Ribeiro de Macedo e de sua mulher Leocadia Lourença das Dôres.

Tiveram os seguintes filhos:

7-1 Octavio de Andrade, casado a 12 de Outubro de 1908, com Leticia Maravalhas Walvi de Andrade, filha de Rodolpho Walvi e de sua mulher Narciza Amalia de Jesus.

Filhos:

8-1 Eglé.

8-2 Cléa.

7-2 Maria Elisa de Andrade, casada em 27 de Janeiro de 1909, com Newton Guimarães, filho do Coronel Claro Americo Guimarães e de sua mulher Porcia de Abreu Guimarães.

Teve:

8-1 Fidelis.

8-2 Porcia.

8-3 Tedo.

7-3 Maria Elisa, fallecida em criança.

6-2 Major Manoel Antonio de Andrade Filho, veterinario do Exercito, viuvo de Escolastica de Paula de Andrade, filha do capitalista Coronel Benedicto Enéas de Paula, casado em Curityba a 6 de Maio de 1848, com Zeferina Candida do Nascimento. O Coronel Enéas foi saliente chefe politico do antigo partido liberal do Paraná e representou importante papel no meio social em que viveu. Ao Coronel Benedicto Enéas, bem moço ainda, foi confiada a tarefa de dirigir a construcção de diversas obras publicas.

Desde o verdor dos annos era a sua opinião sempre ouvida e acatada, tal o criterio com que expunha suas idéas, nas mais difficultosas questões politicas e sociaes. Deputado á Assembléa Provincial nos biennios de 1858—1859 a 1860—1861, 1862—1863 a 1864—1865, 1866—1867 a 1878—1879 a 1880—1881 e em outros biennios durante o antigo Regimen.

Tinha verdadeiro prestigio eleitoral no collegio de Curityba. Foi varias vezes thesoureiro do Thesouro Provincial, funcção esta que exerceu no antigo e no novo Regimen. Exerceu o cargo de Camarista e presidente da Camara Municipal de Curityba diversas vezes. Coronel da Guarda Nacional de Curityba.

Foi grande proprietario e capitalista abastado.

A Camara Municipal de Curityba, em homenagem aos seus reaes serviços, deu o seu nome á antiga Praça da Ordem, onde tinha sua residencia.

Fez parte do Commissão que administrou a construcção da magestosa Cathedral de Curityba e do Cemiterio Municipal.

Chefe acatado do antigo Partido Liberal de Curityba, viu o seu prestigio augmentar com a Chefia suprema do Partido, entregue ás mãos firmes do seu genro o Dr Generoso Marques dos Santos, de quem não podemos deixar de neste momento dar a sua biographia:

Nasceu o Dr. Generoso Marques dos Santos, em Curityba, a 13 de Janeiro de 1844; recebeu o gráu de bacharel em sciencias sociaes e juridicas, a 27 de Novembro de 1865, pela Faculdade de Direito de São Paulo.

Em 1866 foi nomeado Inspector geral da Instrucção Publica, interinamente. Deputado á Assembléa Legislativa de 1888 a 1889, foi escolhido para Presidente da Assembléa. Foi chefe primaz do partido liberal do primeiro districto eleitoral da Provincia, e sempre se houve com competencia e dignidade e para com o adversario com cordura e justiça.

Foi nomeado 2.º Vice-Presidente da Provincia. Exerceu com illustração e merito o lugar de lente de Noções de direito publico, geographico e historia no

«Instituto Paranaense», hoje Gymnasio do Estado. De 1878 a 1881 exerceu as funcções de Procurador Fiscal da Thesouraria de Fazenda. Em 1880 foi eleito Vereador municipal do municipio de Curityba, sendo por seus pares elevado a Presidente da Camara.

Em 1881 foi eleito Deputado geral para o triennio que terminou em 1884, tornando-se ahi notavel pelo criterio com que debateu as questões politicas e sociaes. Em 1889, com a ascenção do Gabinete liberal presidido pelo Visconde de Ouro Preto, foi novamente eleito deputado geral, não chegando a tomar conta de sua cadeira, pela dissolução da Camara em consequencia da Proclamação da Republica.

No actual regimen politico, continuou o Dr. Generoso a ter posição de grande destaque. Senador á Constituinte Brasileira; Presidente da primeira Constituinte do Paraná; Deputado estadual em varias legislaturas. Constituido o Estado, foi eleito seu primeiro presidente, mas interesses nacionaes o retiraram da Administração, porque o Senado julgou necessarias as suas luzes ali, creando-lhe uma excepção honrosa, ao declarar não haver incompatibilidade entre o cargo de Presidente do Estado e o de Senador da Republica, por não se acharem ainda regulamentados os casos de incompatibilidades. Só em 19 de Novembro de 1891 assumiu as redeas do Governo do Paraná, e portanto depois do golpe de Estado do Marechal Deodoro e suas fataes consequencias. O que então se passou, melhor o explicará o importante Manifesto, que abaixo transcrevemos, e no qual o Dr. Generoso Marques expõe o historico acontecimento de 29 de Novembro de 1891.

Com a morte irreparavel e sentida do illustre politico Dr. Vicente Machado, deu-se a fuzão dos grupos em que se bi-partia a politica do Paraná; um chefiado superiormente por este estadista, cuja falta tem sido extraordinaria ao Estado; e outro não menos superiormente dirigido pelo illustrado e prestigioso Dr. Generoso Marques, que desde 1891 mantinha o seu partido vigorosamente disciplinado, apezar de 18 an-

nos de ostracismo politico e isto o provam as varias refregas eleitoraes havidas.

Infelizmente essa politica de conciliação não passou de um mytho.

Desde 1909 até hoje, o Dr. Generoso tem ininterruptamente representado o Paraná no Senado da Republica e o faz com assignalado brilho e criterio.

Eis o Manifesto, a que acima alludimos:

«O Presidente do Estado do Paraná ao Povo Paranaense.

«O elevado mandato que o povo paranaense, por seus legitimos representantes, me conferiu no dia 2 de Junho proximo passado e do qual fui violentamente esbulhado pela força militar na manhã de 29 de Novembro, impunha-me o dever de dar immediatamente a elle, unico soberano que reconheço, conta exacta e fiel do modo como foi rasgada a sua Constituição por aquelles mesmos que deviam ser o primeiro sustentaculo das instituições.

«O motivo por que adiei o cumprimento desse dever sabe-o já o publico pela declaração que fiz publicar no Diario do Commercio de 1.º de Dezembro.

«Quando a vida paranaense achava-se, por assim dizer, suspensa, ante o apparato bellico que a população estupefacta presenciou naquelle e nos subsequentes dias; quando todos os direitos estavam ameaçados, as ruas da capital povoadas pela força publica, que apoderava-se do telegrapho, invadia o correio, depunha intendencias e o proprio presidente do Estado ameaçava de violencia pessoal, carecia, por certo de garantias á sua liberdade quem della precisava, plena, completa, não pela segurança individual simplesmente, mas por amor á ordem e tranquillidade publicas, para dizer ao povo a verdade inteira, qual lh'a devia o depositario da suprema autoridade do Estado.

«Quem poderia suppôr, a não serem os favorecidos pela desordem, que a criminosa Junta, que naquelle dia apropriou-se do governo, subsisteria além do tempo strictamente necessario para que o governo federal tivesse perfeito conhecimento do estupendo attentado?

«Hoje, porém, que estão desvanecidas todas as illusões, que os factos denunciam o governo federal como connivente, si não como promotor das deposições systematicas dos governos legaes de quasi todos os Estados da Republica, inutil é esperar pelas garantias asseguradas na lei, e não devendo protrahir indefinidamente a exposição a que me julgo obrigado para com os meus concidadãos, passo a fazel-a, com a calma e serenidade, que nunca abandonam o homem verdadeiro e justo, habituado a olhar com desdem para as injurias de adversarios capazes de tudo, quando devorados pela sêde do poder.

* * *

«Achava-me na Capital Federal, com assento no Senado, quando se deu o golpe de Estado de 3 de Novembro.

«O meu illustre substituto, dezembargador Silveira da Motta, tendo recebido a communicação do acto, respondeu: «Sciente objecto vosso telegramma de hoje, asseguro-vos que o governo deste Estado tem empenho na manutenção da ordem publica e fará o que estiver a seu alcance para que ella não seja alterada.»

«Outra não seria a minha resposta se me achasse no governo.

«Chegando a esta Capital no dia 17, reassumi a 19 o governo do Estado.

«A' excepção do grupo opposicionista que, desde o dia em que lhe escapou das mãos o poder, armava, por todos os meios, a sua reconquista, nenhuma manifestação tinha havido, quer do povo, quer da guarnição, contra o acto do presidente da Republica.

«Longe disso, o unico pronunciamento conhecido da guarnição, indicava a solidariedade della com o procedimento do Generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, é o que consta dos seguintes telegrammas expedidos pelo Commandante deste districto militar ao mesmo Generalissimo, a 15 de Novembro, e publicados no Diario Official de 17:

«Curityba, 15.

«A guarnição militar do Paraná felicita a V. Exa., garantindo a paz e a tranquillidade do Estado. — Roberto Ferreira, Coronel.»

«Curityba, 15.

«Saúdo a V. Exa. em meu nome e no da guarnição deste districto, fazendo votos pela conservação da vossa preciosa saúde para felicidade e prosperidade da Republica Brasileira, da qual fostes o fundador e sempre o maior defensor. — Roberto Ferreira, Coronel.»

«Quem a 15 de Novembro ainda considerava o Generalissimo o maior defensor da Republica Brasileira, certo não reprovava o golpe de Estado de 3 do mesmo mez, nem considerava o seu autor como um criminoso que fosse preciso abater para salvação da Republica.

«No mesmo dia em que reassumi o governo fui informado de que o chefe do grupo opposicionista e redactor da «Republica», Dr. Vicente Machado, que por esse jornal pregava abertamente a revolta, convidára officiaes da guarnição para o levantamento e para acclamação de uma junta governativa provisoria.

«Sendo, como devia ser, minha principal preoccupação a manutenção da ordem publica e da tranquillidade do Estado, entendi-me com o Snr. Coronel Roberto Ferreira, então commandante do districto militar, que me assegurou todo o auxilio das forças sob o seu commando; pedi-lhe

que convocasse os Snrs. Commandantes dos tres corpos da guarnição e tambem o Snr. Capitão Rondot d'Avila para uma conferencia em palacio, ao que accedeu promptamente.

«Nessa conferencia expuz a necessidade que tinha o governo do auxilio da força publica para aquelle fim e, confirmada a informação relativa aos intuitos do Dr. Vicente Machado, declarei que, de accordo com as instrucções que tinha do governo federal, estava resolvido a mandar suspender temporariamente a publicação da «Republica», unica medida que me parecia necessaria.

«Respondeu-me o Snr. Coronel Roberto Ferreira, com assentimento de todos os officiaes presentes, que elles sustentavam o Generalissimo, e estando o governo do Estado de accordo com o presidente da Republica, podia contar com todo o apoio da guarnição; accrescentou o Coronel Roberto que si eu julgasse necessario retirar do Estado o Dr. Vicente Machado (o que aliás lhe não parecia preciso por não ter este cidadão elementos capazes de pôr em perigo a ordem publica), mandasse prendel-o; no caso contrario, achando eu bastante, medidas preventivas, me auxiliaria neste intuito.

«De facto, pelo mesmo Snr. Coronel tive sciencia de que elle mandára, por agentes de sua confiança, vigiar os passos do Dr. Vicente; todas as requisições por mim feitas eram promptamente attendidas.

«No dia 23, apenas recebi o telegramma do Generalissimo, communicando-me haver resignado o cargo de presidente nas mãos do vice-presidente da Republica, fui, em companhia do Snr. Dezembargador Silveira da Motta, ao quartel-general entender-me com o Snr. Coronel Roberto Ferreira, a quem apresentei o telegramma e pedi que reunisse os Snrs. Commandantes dos corpos da guarnição para conferenciarmos. Attendendo a este pedido, declarou-me logo o Snr. Coronel, antes

mesmo de chegarem os Snrs. Commandantes, que, sendo natural que o governo do Marechal Floriano Peixoto sustentasse a Constituição, era consequencia a permanencia do governo legal do Estado e, salvo ordem em contrario, continuaria elle a sustental-o.

«Logo depois, achando-me ainda no quartel-general, recebi o telegramma circular do Marechal Floriano Peixoto, communicando ter assumido o cargo de presidente da Republica, na qualidade de vice-presidente, por tel-o resignado o respectivo presidente.

«Não demoraram os Snrs. Commandantes e, scientes das alludidas communicações, foram accordes com a opinião do Snr. Coronel Roberto Ferreira, assegurando-me todo o apoio; acto continuo o Commandante da guarnição expediu ao Marechal Floriano Peixoto o seguinte telegramma, que vem publicado no «Diario Official» de 25:

«Curityba, 23. — Em meu nome e no da guarnição deste districto, felicito-vos com enthusiasmo por terdes assumido a direcção suprema do paiz, evitando assim derramamento de sangue. Continúo a sustentar o governo legal do Paraná, contendo ordem e tranquillidade publica. — Roberto Ferreira, Coronel.»

«Neste sentido foram tomadas todas as precisas providencias.

«Divulgada a noticia do importante acontecimento, pretendeu o grupo opposicionista que eu lhe entregasse o governo, e disto me fez sciente por intermedio do Snr. Capitão Tenente Justiniano de Oliveira Souza e Mello, deputado á Assembléa do Estado. Respondi que, eleito pelo povo e tendo o dever de defender a autonomia do Estado, a cujo governo não affectavam as mudanças operadas no governo federal, estava resolvido a manter-me no cargo que me fôra confiado.

«No mesmo dia tive conhecimento de que o dito

grupo se dirigiu ao Snr. Coronel Roberto, pedindo-lhe que assumisse o governo do Estado. Dei logo conhecimento desta pretenção ao Snr. Marechal Floriano, a quem solicitei que, qualquer que fosse sua resolução, m'a communicasse com urgencia, para meu governo e a bem da ordem publica.

«A' noite do mesmo dia tive a resposta, pela qual o Snr. Marechal me communicou ter recommendado ao commandante da guarnição que mantivesse a ordem publica e prestasse auxilio ás autoridades legalmente constituidas.

«No dia 26 recebi ainda o seguinte telegramma: «Nesta data recommendo commandante mantenha ordem e tranquillidade publica quando tiver requisição vossa. — Floriano Peixoto.»

«O Snr. Coronel Roberto deu-me conhecimento desta ordem, assim como de outro despacho telegraphico, no qual o Snr. Marechal Floriano dizia ter causado má impressão a deposição de governadores e reiterava a recommendação de prestar auxilio ás autoridades legalmente constituidas.

«Depois deste ultimo telegramma, tive a honra de receber, em minha casa, uma visita do Snr. Coronel Roberto, que mostrou-me a minuta da sua resposta a do Marechal, responsabilisando-se pela manutenção da ordem e do governo legal e declarando que a opposição já se achava desenganada e tinha desistido do seu intento depois de suas investidas.

«Nessa occasião me declarou o Snr. Coronel que havia prohibido ao Dr. Vicente Machado tocar no nome do Generalissimo Deodoro, bem como fazer reuniões sediciosas, accrescentando que se as fizesse mandaria espingardear e por fim disse-me: fique tranquillo; podem ser depostos todos os outros governadores da Republica; o do Paraná não o será.

«Não foi a unica vez, depois do dia 23, que S.S. assim se pronunciou, em sua casa, perante o Snr. Dezembargador Silveira da Motta e a proposito de uma reunião popular que pretendiam fazer os Drs. Alencar Guimarães e Lamenha e que o Snr. Coronel prohibira; declarou que insistindo estes cidadãos, elle lhes dissera que se effectuassem a reunião mandaria correr á bala.

«Devo aqui consignar que é absolutamente falso tivesse eu pedido em qualquer occasião ao Snr. Coronel Roberto ou a quem quer que fosse que mandasse espingardear o povo; nem antes, nem depois de 23 fiz pedido tão contrario á minha indole e aos meus sentimentos; não precisava mesmo fazel-o, porque nunca receei que, sem o auxilio da força, a opposição ousasse tentar a deposição do governo.

«O que sempre exigi foi a manutenção da ordem e do respeito á autoridade e que o Snr. Coronel, como chefe da força militar, tomasse para esse fim as providencias necessarias, sendo algumas indicadas por mim, mas todas unicamente de prevenção.

«A' vista de tão terminantes protestos do Snr. Coronel e da promptidão com que attendia as minhas requisições, estava eu perfeitamente tranquillo, e tão certo de poder contar com a guarnição em qualquer emergencia, que recusei diversos offerecimentos feitos por amigos meus, tanto desta cidade, como de outras localidades do Estado, para reunirem contingentes populares afim de virem em defeza do governo. Para esta recusa concorreu tambem o conselho do Snr. Coronel Roberto, a quem fiz sciente de semelhante disposição dos meus amigos, respondendo-me S.S. que não convinha reunião de povo, do meu lado, porque disposto como estava elle, a dispersar ajuntamentos sediciosos, não poderia, nesse caso, distinguir os individuos que sustentavam o governo dos que lhe fossem infensos.

«Estavam as cousas neste pé quando, ás 6 ho-

ras da manhã do dia 29, procurou-me o Snr. Dr. Menezes Doria, presidente da Assembléa do Estado, afim de prevenir-me que a opposição fazia convites para uma reunião popular, que teria logar no largo Thereza Christina, ás 8 horas, e cujo objectivo era a minha deposição.

«Pedi ao Dr. Menezes Doria que fosse avisar o Snr. Coronel Roberto e mandei immediatamente pôr de promptidão a pequena força policial existente na Capital, fazendo partir uma praça de cavallaria de policia para o logar da reunião, afim de certificar-me do facto, e outra para chamar o Dr. chefe de policia.

«A primeira destas praças voltou immediatamente e disse-me que, com effeito, estava-se formando uma reunião no referido largo, em frente á casa do Dr. Torres.

«Mandei vir a força policial, composta de cerca de 40 praças, mal armadas e ainda peior municiadas, para a frente de minha casa, e fui com o Dr. Menezes Doria á residencia do Snr. Coronel Roberto Ferreira, que é situada em frente do quartel do 17.º batalhão de infantaria; pouco depois ali chegou o Dr. Westphalen, chefe de policia. Communiquei ao Snr. Coronel que era verdadeira a noticia da reunião e lhe requisitei a força precisa para acompanhar o Dr. chefe de policia na deligencia que tinha de fazer ao logar, pois que, sendo evidentemente sediciosa, devia ser dispersada depois das tres admoestações legaes, de conformidade com a disposição do art. 121 do novo Codigo Penal da Republica. Respondeu-me o Snr. Coronel Roberto que já tinha prevenido os Commandantes dos corpos, mas que não interviria na reunião e perguntou-me si, além da força policial, eu não tinha tambem povo para reunir.

«Lembrei-lhe o seu parecer, quando lhe communiquei o offerecimento de amigos meus e a insufficiencia da força policial para semelhante deligencia.

«Então disse-me o Snr. Coronel: — «não dou força para dispersar reuniões; manterei a ordem nas ruas e defenderei a sua pessoa, para o que já mandei reforçar a guarda da thesouraria de fazenda (que é proxima de minha casa).»

«Observei-lhe que, sendo natural que os promotores da pretendida deposição se dirigissem á minha casa, a presença do 17.º batalhão seria sufficiente para burlar o plano, parecendo tambem conveniente que nessa occasião estivesse o commandante da guarnição em minha companhia.

«Com este ultimo alvitre não concordou o Snr. Coronel, allegando ser necessaria a sua presença no quartel-general para expedir suas ordens; accedeu, porém, ao primeiro, assegurando-me que o 17.º batalhão seguiria immediatamente para a frente da minha casa, e que eu voltasse tranquillo.

«Assim o fiz. Chegando á minha casa, encontrei a força policial guardando-a e no escriptorio começavam a reunir-se os meus amigos que iam tendo noticia do facto.

«Decorreu mais de meia hora e o batalhão não appareceu. . .

«Scientificado de que o grupo reunido no largo Thereza Christina já tinha partido e que compunha-se de cerca de cem homens, na maior parte immigrantes, empregados nos trabalhos do prolongamento da estrada de ferro e individuos alliciados na companhia de bonds, quasi todos illudidos sobre o fim da reunião, dispuz-me a resistir com aquella pequena força e com os amigos que me cercavam no momento.

«Os homens da reunião, em vez de se dirigirem á minha casa, encaminharam-se para o quartel-general e dali para o quartel do 17.º, onde pediram ao Snr. Coronel Roberto Ferreira (festivamente, diz este Snr. em seu manifesto), que assumisse o governo do Estado; em vista do que (é ainda o mesmo Snr. Coronel quem o diz) e

quando esperava se desse o facto em minha casa, ordenou que o batalhão seguisse para a frente do quartel-general, onde, reunido ás outras armas para conter a ordem publica, o conseguiu acalmando os animos (Correio Official de 1.º de Dezembro).

«O que, porém, não disse o Snr. Coronel é que aquelle grupo seguiu á frente do batalhão, dando vivas ao mesmo Snr. Coronel.

«Logo depois chegou á minha casa o Snr. Capitão Antonio Lago, que disse-me vir da parte do Snr. Coronel Roberto Ferreira convidar-me para ir ao quartel-general, onde elle se achava.

«Comquanto me parecesse que fôra mais correcto vir o Snr. Coronel á minha casa, na hypothese de não querer communicar-me por escripto o que pretendia, accedi ao convite, porque, estando até aquelle momento nas melhores relações com S.S. e nelle confiando, devia presumir que circumstancias imperiosas e urgentes o aconselharam a assim proceder.

«Dirigi-me incontinente, acompanhado pelos Snrs. Dezembargador Silveira da Motta, Drs. Westphalen, Doria e Cunha Brito, Tenente Coronel Norberto Bezerra, diversos deputados e outros amigos, ao quartel-general, em frente do qual estavam formadas as forças da guarnição, e achava-se tambem o pequeno grupo que pedia a minha deposição, capitaneado pelos Drs. Vicente Machado, Lamenha, Alencar Guimarães, redactores da folha da opposição, e pelos Snrs. Dr. Carvalho de Mendonça, juiz seccional, e Joaquim Monteiro, gerente da Caixa Filial do Banco União.

«Fui recebido á porta principal pelo Snr. alferes Craveiro, que só permittiu subirem commigo os Snrs. Drs. Silveira da Motta, Westphalen e Doria, Tenente Coronel Norberto e Capitão Tenente Justiniano de Mello.

«O Snr. Coronel Roberto nos declarou que precisava conferenciar a sós commigo e, convidando-me para acompanhal-o a um gabinete do interior da casa, disse-me ahi que os meus adversarios politicos ali se achavam reunidos pedindo-lhe a minha deposição e que mandou chamar-me para ouvir-me a respeito, pois receiava empregar a força, do que poderia resultar effusão de sangue.

«Respondi-lhe que aquella pretenção era nada menos do que um crime, que o chefe da força publica não podia tolerar, já em virtude da Constituição e das leis, já em vista das ordens que tinha do presidente da Republica e da minha requisição. Accrescentei que aquelle insignificante grupo de individuos não representava o povo paranaense e não ousaria persistir no seu criminoso intento apenas soubesse não contar com o auxilio da força ali reunida; e para tirar a prova disso bastava que o Snr. Coronel declarasse que não podia permittir, por sediciosa, aquella reunião e mandasse intimar os individuos que a compunham a se dispersarem.

«Replicou-me o Snr. Coronel que para assim proceder precisava ouvir a guarnição. «Os Commandantes dos Corpos?» interroguei-lhe. «Sim», respondeu-me. Concordei e elle foi dar suas ordens para serem chamados os Snrs. Commandantes; o que, tanto o Snr. Coronel, como eu, communicamos aos cidadãos que commigo tinham subido ao pavimento superior do edificio.

«Decorrido o tempo necessario para os avisos, notei que entravam no salão contiguo ao gabinete, em que me achava com o Snr. Coronel e o Tenente Coronel Norberto, não os Commandantes dos corpos somente, mas os officiaes da guarnição. Perguntei ao Snr. Coronel Roberto se já estavam presentes os Commandantes; respondeu-me que tinha resolvido convidar não somente estes, mas todos os officiaes da guarnição, por terem tambem acção sobre a força.

«Nunca suppuz, nem devia suppor, que o Com-

mandante da guarnição fosse submetter á decisão dos Snrs. officiaes a questão da sustentação ou não do governo legal; mas sim a dos meios mais convenientes a empregar para se dissolver a reunião sediciosa e manter a ordem publica.

«Logo desilludi-me; reunidos os officiaes, retirando-se o Tenente Coronel Norberto, disse-lhes o Snr. Coronel Roberto que duas forças oppostas disputavam naquelle momento o governo do Estado, pondo em perigo a ordem publica: o governo legal do Dr. Generoso Marques, e o povo que se achava ali fóra reunido; — que reunira a guarnição para ouvil-a a respeito; que podia ter convidado somente os Snrs. Commandantes dos corpos, mas resolvera convidar todos os seus camaradas para decidirem.

«Obtendo permissão para fazer algumas ponderações, comecei por pedir ao Snr. Coronel Roberto que declarasse quaes as ordens que tinha do Snr. presidente da Republica. Satisfez-me, dizendo que essas ordens já os Snrs. officiaes conheciam e eram para manter a ordem publica e autoridades legalmente constituidas.

«Pois si taes são as ordens, prosegui, parece-me que á guarnição nada mais cumpre fazer se não prestar o seu auxilio ao governo legal para dispersar a reunião sediciosa, que outra cousa não é o pequeno ajuntamento de individuos que aqui estão perturbando a ordem publica.» Interrompido neste ponto pelo Snr. Coronel Roberto, que disse com applausos de alguns Snrs. officiaes, não mandaria atacar o povo; respondi que nem tal era preciso, pois bastava fazer sentir ao grupo que elle não podia contar com a guarnição para o seu criminoso intento e os desordeiros se retirariam. Declarei que persistia no cargo, não por méra ambição do poder, que nunca tive, mas porque, eleito presidente de um Estado autonomo, era meu dever guardar com fidelidade, em quanto me fosse possivel, o deposito que me

fôra confiado e do qual não hesitaria um instante em abrir mão no momento em que a confiança me fosse retirada pela maioria do Estado, com a qual eu contava.

«A apartes de alguns Snrs. officiaes, que allegavam ter eu adherido ao golpe de Estado, respondi que a responsabilidade deste acto era exclusiva do chefe da nação, o qual, com a hombridade e altivez que lhe são proprias, a assumira inteira em sua proclamação, e que no regimen federativo as mutações operadas no governo federal não acarretam igual alteração no governo dos Estados, pois se tal succedesse teriam estes perdido absolutamente sua autonomia. Em summa, não pedi senão o cumprimento da lei e das ordens do Snr. presidente da Republica.

«Si é isto, como diz o Snr. Coronel em seu manifesto «fallar á officialidade qual general em chefe persuadindo suas tropas á victoria e até ameaçando a guarnição com o seu poder no Paraná» — eu confesso que fallece-me o tino administrativo, falta á que S.S. attribue a quéda do meu governo.

«Contestou-me o Snr. Tenente Carlos Cavalcanti de Albuquerque, dizendo que a missão da força armada era garantir a ordem e a autoridade, mas isto em epochas normaes; achando-se, porem, a sociedade fóra da normalidade, pelos ultimos acontecimentos politicos, não podia a guarnição intervir contra o povo e a favor dos que adheriram á dictadura que havia assumido o general Deodoro, entre os quaes se achava o presidente deste Estado, e que por isso acclamava governador do Paraná o Snr. Coronel Roberto Ferreira.

«A acclamação foi applaudida por alguns dos Snrs. officiaes presentes, creio mesmo que pela maioria, sem prostesto dos outros.

«Acceita a acclamação pelo Snr. Coronel Roberto, nada mais tinha eu a fazer no quartel-general e retirei-me para minha casa, acompanhado pelos

meus amigos, pelo official que me fôra convidar em nome do Commandante do districto e pelos Snrs. Coronel Marinho, Tenente Coronel Norberto, Capitães Azevedo e Agnello e Alferes Arcelino e Mesquita.

«Pouco depois tive conhecimento de que, em vez do governador acclamado, estava constituida uma junta governativa composta do Snr. Coronel Roberto e de dois membros do grupo opposicionista.

«Eis aqui expostos com toda a fidelidade possivel a minha memoria, os factos que tiveram por desenlace a suppressão do governo legal do Estado do Paraná.

«Immediatamente communiquei por telegramma o occorrido ao Snr. presidente da Republica, e á noite do mesmo dia recebi a seguinte resposta:

«Urgente.

Governador.

«Sciente factos ahi occorridos, tomei providencias que me cabem conforme Constituição Federal.

Floriano Peixoto.»

«No dia 1.º de Dezembro dirigi, por officio, ao mesmo Snr. presidente da Republica uma exposição circumstanciada dos factos.

«Ás promettidas providencias ainda não appareceram e espero até hoje a resposta do meu officio!

* *
*

«Ou eu nada comprehendo do regimen federativo, ou o que se está passando em quasi todos os Estados da União com acquiescencia, si não por mandado do governo federal, é a destruição do regimen, proclamado a 15 de Novembro, consubstanciado na Constituição Federal e nas dos Estados e acceito por toda a nação.

«E' rudimentar que constitue a base do regimen federativo a autonomia dos Estados.

«Tirai-lhes essa autonomia, fazei o seu governo,

a sua constituição, as suas leis dependentes das mutações do governo federal, e tereis reduzido os Estados á situação das provincias do Imperio, com aquella asphyxiante centralisação que sopeava o seu desenvolvimento.

«Não foi, não podia ser o intuito da revolução de 23 de Novembro supprimir a dictadura no centro e erigil-a em cada um dos Estados; restabelecer a Constituição Federal, ferida em um dos seus pontos, e rasgal-a em outros, despedaçando constituições estaduaes.

«Punir a adhesão, expressa ou tacita, dos governadores ao golpe de Estado com o anniquillamento da autonomia dos Estados, pela força, é uma logica satanica incompativel com o bom senso dos homens da revolução.

«O que se observa no paiz não é senão a resurreição da politica de odios, vinganças e retaliações, que tanto desacreditaram o antigo regimen.

«O poder pelo poder, quaesquer que sejam os meios: eis a licção dos factos, que a nação atemorisada presencia no meio da anarchia que campeia do extremo norte ao extremo sul da Republica.

«Não ha vencedores, nem vencidos,» disse o Marechal Floriano no manifesto que dirigiu á nação no dia de sua elevação ao poder. Mas outra é a realidade que nos offerece o pungente quadro dos Estados, em que a conquista do poder pela força tem sido a apotheose da legalidade triumphante.

«Em cada um desses Estados teremos em breves dias duas constituições, dois governos, dois congressos e duas organisações diversas!

«Qual virá a ser a consequencia?

«Que vigorará hoje uma constituição, amanhã outra; funccionará hoje um governo com a organisação e o congresso respectivos, amanhã outros, conforme a força de que dispuzerem estes

ou aquelles, ou a disposição em que estiver o governo federal.

«Quem de proposito quizesse desmoralisar o regimen federativo não acharia meio mais adequado para chegar a esse desideratum; quem emprehendesse a abominavel obra da completa desorganisação dos Estados, em vão procuraria um plano de mais efficaz resultado.

* *
*

«No Paraná nem siquer procurou-se salvar as apparencias: não houve movimento popular; 100 ou 200 homens qualquer influencia local reune, de um momento para outro, nos mais insignificantes povoados.

«A conquista aqui foi feita só e exclusivamente pela guarnição, composta de um regimento de artilharia, outro de cavallaria e um corpo de infantaria.

«Contra esta força, confesso, eu não podia nem devia reagir. Retire-se a sua intervenção e o governo legal do Estado estará immediatamente restabelecido.

«Foi o que pediu a Assembléa Legislativa do Estado ao Snr. Marechal Floriano Peixoto, afim de que ella pudesse continuar no livre exercicio de suas funcções; tão justa requisição ainda espera por solução.

«A missão da força armada é a defesa da patria no exterior e a manutenção das instituições constitucionaes e das leis no interior (Constituição Federal, art. 14). Desde o momento em que ella impõe governos, a liberdade do cidadão desapparece e o voto é uma irrisão.

«A 15 de Novembro ultimo dizia o proprio Snr. Coronel Roberto Ferreira, na ordem do dia n. 49, publicada no «Diario do Commercio», de 16:

. . . . . .

«Conseguida esta aspiração (a quéda da monarchia), o Exercito e Armada, como lhes cumpria,

recolheram-se a quarteis, deixando o governo do Estado a quem de direito, e até hoje se tem conservado e se conservará na attitude a mais patriotica possivel, não se immiscuindo absolutamente na politica, nem na administração dos negocios publicos, mostrando assim á Nação que o seu unico e justo interesse é que a ordem e tranquillidade publicas sejam mantidas em toda sua plenitude, para que a consolidação da obra de 15 de Novembro de 1889, para a qual tanto concorreram, seja dentro em breve uma realidade.»

* *
*

«Em seu manifesto de 30 de Novembro o Snr. Coronel Roberto Ferreira, recusando a responsabilidade do facto de 29, attribue-o á minha impopularidade para com os meus concidadãos e para com a guarnição deste Estado, «por falta de tino administrativo e de coherencia politica».

«Nunca fiz alarde de popularidade, nem jamais armei a ella.

«Mas a verdade é que tudo quanto tenho sido na minha vida publica de 26 annos devo-o á confiança do povo paranaense, que tem-me investido de todos os cargos de eleição popular, desde o de vereador do municipio até os de presidente do Estado e senador da Republica.

«A consciencia não me accusa de um só acto que me fizesse decahir daquella confiança, e o governo legal do Paraná póde affrontar impavido a sentença dos mais rigorosos, contanto que, insuspeitos juizes.

«Durante os 6 mezes em que geriu os negocios publicos, nenhuma reclamação séria levantou-se contra o seu procedimento.

«Todos os ramos do serviço publico estavam sendo organisados com profundo criterio e os dinheiros publicos administrados com o mais meticuloso escrupulo.

«Na escolha dos funccionarios de todas as ca-

thegorias, procedeu sempre com tal isenção e tolerancia, que entre elles foram os seus adversarios encontrar agora pessoal até para cargos de confiança politica e administrativa, como os de chefe de policia e inspector do Thesouro.

«E' isto o que está na consciencia do povo, juiz por certo mais competente do que o Snr. Coronel Roberto Ferreira, a quem aliás não disputo popularidade para com a guarnição.

«Pelos factos, que acima expuz, o publico julgará si o eclipse que soffreu a legalidade no Paraná foi devido á falta de tino administrativo do presidente do Estado; mas, na hypothese affirmativa, julgará tambem si essa falta consistiu ou não em confiar de mais nos protestos de apoio que até o momento decisivo lhe fazia o commandante da guarnição.

«E' possivel que eu tenha sido incoherente; mas, por que craveira afére o Snr. Coronel Roberto Ferreira a minha coherencia?

«Será por aquella, que a 15 de Novembro de 1891 (12 dias depois do golpe de Estado) fazia-o vêr no Generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca sempre o maior defensor da Republica, e no dia 29 do mesmo mez aconselhava S.S. a depôr o presidente do Estado por não ter-se levantado contra o mesmo Generalissimo?

«Ou por aquella que induzia-o a dizer ao Marechal Floriano Peixoto, a 23 de Novembro: «Continúo a sustentar o governo legal do Paraná», e a 28: «E' absolutamente inexacto que esta guarnição garanta a permanencia do actual presidente deste Estado.» — ? («Diario Official» de 30 de Novembro.)

«Ou ainda por aquella que, a 15 e a 28 de Novembro, levava-o a assegurar: — «A guarnição se conservará na attitude a mais patriotica possivel, não se immiscuindo absolutamente na politica, nem na administração dos negocios publicos», — e a 29 aconselhava-o a sujeitar á guarnição a questão — quem devia governar —, acceitando acto continuo a acclamação por ella feita de sua pessoa para governador do Estado?

«Bem se vê que se alguem tinha o direito de accusar-me de incoherente, esse não podia ser o Snr. Coronel Roberto Ferreira.

* *
*

«Tenho dito ao povo paranaense o que era do meu dever relatar-lhe e quanto basta para que possa elle formar juizo exacto do acontecimento de 29 de Novembro e deliberar sobre o procedimento que as circumstancias lhe dictarem.

«Por minha parte, tranquillo com a consciencia de haver cumprido o meu dever, defendendo o posto que me foi confiado até onde chegaram os recursos que a lei e os meios de que dispunha me permittiram, resta-me somente declarar que não resignei o cargo de presidente eleito do Estado do Paraná e não o resignarei senão quando o possa fazer pelos meios facultados na sua democratica e liberrima Constituição, com a qual pretendia promover o progresso e engrandecimento desta abençoada terra, em que tive a ventura de nascer.

Curityba, 8 de Janeiro de 1892.

(Assignado) *Generoso Marques dos Santos.*»

— Para que se possa bem julgar dos acontecimentos e tão somente com o fim de elucidar tão importante ponto historico de nosso Estado, abaixo transcrevemos o manifesto do Coronel Roberto Ferreira, distribuido em Curityba, em Boletim, a 30 de Novembro de 1891; a elle deu o Dr. Generoso Marques plena e cabal resposta, como atráz ficou dito.

Eis o Manifesto:

BOLETIM.

«O Snr. Dr. Generoso Marques dos Santos pretendeu illudir a opinião publica do Paraná, attri-

buindo-me a autoria do acontecimento de sua retirada do poder, no dia 29 do corrente; e para que os homens sensatos nos julguem, passo a relatar os factos testemunhados por todos os meus companheiros d'arma.

«Sempre tive em vista, segundo as recommendações do Snr. Marechal Floriano Peixoto, em diversos telegrammas, garantir a ordem e a tranquillidade do Paraná, do que dei sciencia a toda a guarnição.

«Por duas vezes com ella resisti á onda popular que delegava-me o governo, não só por não ser politico, como pela obediencia ás ordens do referido Snr. Marechal.

«No dia 27 do corrente, soube que o Snr. Dr. Vicente Machado descera para Paranaguá com direcção á Capital Federal, e que o Snr. Dr. Generoso Marques achava-se tranquillo e satisfeito com o meu correcto procedimento e da guarnição, e para prova d'isso veja-se o «Diario Official» do Estado, do dia 27 do corrente mez, em que o Congresso dirigia-me e aos meus companheiros d'arma uma mensão honrosa.

«Na noite de 28, sabendo eu que o Snr. Dr. Vicente Machado voltára de Paranaguá, ordenei a promptidão á guarnição, recebendo do Snr. Dr. Generoso Marques, por intermedio do então commandante do corpo Policial, um cartão em que se me dizia haver tranquillidade publica e serem falsos os boatos propalados, pelo que dei novas ordens determinando para que as 8 horas da manhã do dia 29 houvesse a formatura dos corpos em seus quarteis, dia em que muito cêdo se me apresentou o Snr. Dr. Menezes Doria dizendo haver ás 8 horas da manhã reunião do povo em massa para depôr o Snr. Dr. Generoso. Immediatamente expedi ordens aos Snrs. Commandantes de Corpos que estivessem vigilantes, apparecendo-me antes dessa hora o Snr. Dr. Generoso Marques pedindo mais protecção do que sua

guarda de pessôa, que reforçava a da thesouraria de fazenda quasi em frente a sua residencia. Respondi-lhe que não tivesse receio e que poderia ir descançado, fazendo em seguida partir um Official do 17.º Batalhão para vigiar as guardas e proteger o então presidente do Estado, que exigindo-me em pessôa a presença do 17.º Batalhão d'Infantaria em sua porta, respondi-lhe que sim, caso fosse intimado a depôr o poder.

«Fiz sahir o Batalhão de seu quartel formando em frente ao pateo; e, ao montar a cavallo para dar outras providencias, fui surprehendido por grande massa de povo que festivamente pedia-me para assumir o governo do Estado, em vista do que e quando esperava se desse o facto em casa do Snr. Dr. Generoso, ordenei que o Batalhão seguisse para a frente do Quartel-General, onde reunido ás outras armas para conter a ordem publica, o que consegui, acalmando os animos; convidei o Snr. Presidente do Estado para que comparecesse ao Quartel-General em companhia de seus amigos, e declarando-lhe não poder dispersar a reunião sem grave perigo da ordem publica, e insistindo elle para que o fizesse, perguntei-lhe quem se responsabilisava pelas consequencias, respondendo-me ser o chefe da guarnição, em vista das ordens do Governo Federal, ao que repliquei-lhe reunindo os Snrs. officiaes da guarnição com assentimento do mesmo Snr. Presidente.

«Presentes os Snrs. officiaes, expuz-lhes que duas forças oppostas ameaçavam a tranquillidade publica, e que o meu programma sobre a politica do Paraná era a ordem e o bem estar do povo Paranaense.

«Depois de assim declarar-lhes, o Snr. Dr. Generoso Marques usando da palavra testemunhada por toda a officialidade da guarnição, fallou-lhe qual general em chefe persuadindo suas tropas á victoria e até ameaçando a guarnição com seu

poder no Paraná, dizendo que seu governo era o da legalidade para apoio do qual contava com toda a guarnição, soffrendo durante a sua locução sérias contestações de toda a officialidade até que retirou-se convencido de seu fraco prestigio no governo.

«Durante o tempo em que o Snr. Dr. Generoso fallou conservei-me a seu lado immovel, recebendo depois, da guarnição e do povo, acclamações repetidas para que accedesse ao seu pedido.

«Assim de posse do Poder para o qual não concorri e nunca o tive em vistas, não posso acceitar a responsabilidade da queda do Snr. Dr. Generoso, que tornou-se impopular para com os seus concidadãos e para a guarnição deste Estado, por falta de tino administrativo e de coherencia na politica.

Curityba, 30 de Novembro de 1891.

(Assignado) O Coronel *Roberto Ferreira.*»

6-2 Major Manoel Antonio de Andrade Filho, se acha casado em segundas nupcias com Sarah Costa de Andrade. Deste segundo matrimonio não tem filhos; do primeiro matrimonio teve os seguintes filhos:
7-1 João, fallecido, gemeo com
7-2 Aristides de Andrade, fallecido solteiro em 1918, de grippe hespanhola.
7-3 Benedicto, fallecido em criança.
7-4 Iphigenio, fallecido em criança.
7-5 Benjamin, fallecido em criança.

6-3 Maria da Luz Andrade, filha de 5-1 de 4-3, casada com seu primo Tenente Coronel Francisco Ribeiro de Macedo, filho de Manoel Ribeiro de Macedo e de sua segunda mulher Francisca de Paula Pereira de Macedo, filha de 4-9 de 3-1, adiante.
Ahi a descendencia.

6-4 Theolindo de Andrade, casado com Jovita Bittencourt, filha do Coronel Joaquim José Bellarmino de Bittencourt e de sua mulher Libania Carneiro Guimarães.

Tiveram os seguintes filhos:
7-1 Ascanio de Andrade, casado com Maria da Conceição Castello Branco, viuva de Florido Cordeiro, commerciante em Curityba, filha de Firmino Castello Branco e de sua mulher Maria da Conceição Castello Branco.
Teve:
8-1 Eros.
7-2 Dinorah de Andrade de Oliveira, casada com Joel Lobo de Oliveira.
Teve:
8-1 Fernando, nascido em Setembro de 1926.

6-5 Joaquim Augusto de Andrade, capitalista, casado com Maria José Pinto Rebello, filha do Coronel José Pinto Rebello e de sua mulher Francisca da Luz dos Santos, 6-3 de 5-6, do titulo — Rodrigues de França.
Sem descendentes.

6-6 Narciza de Andrade Lobo, casada com Diogo Vaz Lobo, filho do Coronel Antonio Emilio Vaz Lobo e de sua mulher Laura Theotonia da Cruz Vaz Lobo; por esta, neto de Antonio Vicente da Cruz e de sua mulher Laura Maria do Nascimento Borges.
Com os seguintes filhos:
7-1 Manoel Vaz Lobo, serventuario Municipal, casado com Idylia Bastos, filha do Dr. Alderico Guimarães Bastos e de sua mulher Esther Guimarães, filha do Coronel Claro Americo Guimarães e de sua mulher Porcia de Abreu Guimarães.
Com os seguintes filhos:
8-1 Narciza.
8-2 Alderico.
8-3 Manoel.
7-2 Maria Julia Vaz Lobo, casada com Emydio Correia.
7-3 Laura Vaz Lobo, casada com João Licio Laynes, empregado federal, filho de Ernesto Frederico Laynes Junior, alto funccionario ferroviario, e de sua mulher Narcinda Laynes.
Teve:
8-1 Lélia.

6-7 Julia de Andrade Moura, viuva do Dezembargador Augusto Lobo de Moura, bacharel em direito. Foi director interino da colonisação do Assunguy, em 1855, depois foi Promotor Publico de Guarapuava em 1867, onde logo depois foi Juiz Municipal em cujo cargo foi reconduzido. A seu pedido foi removido para o termo de Campo Largo, que installou, sendo algum tempo depois nomeado para o lugar de Juiz de Direito. Foi tambem Juiz de Direito da comarca da Posse, da provincia de Goyaz, em 1876. Democrata sincero e convencido, magistrado integerrimo, administrou sempre a Justiça sem paixões politicas ou philosophicas. Jamais transigiu com as suas crenças de politico arraigado, porem, sereno. Abolicionista, muito fez em pról da libertação dos escravos, dando carta de liberdade aos que tinha e tudo fazendo pela libertação dos demais. Com a proclamação da Republica e consequente organisação judiciaria do Estado, foi nomeado Dezembargador do Superior Tribunal de Justiça do Paraná, de cujo cargo foi exonerado em 1894, logo apóz a Revolução Federalista, por Decreto dictatorial do Governo do Estado, como os demais membros d'esse Tribunal, por terem funccionado durante o periodo revolucionario. Esse acto foi annullado por Accordam do Superior Tribunal Federal, sendo porem, o Dezembargador Moura posto em disponibilidade.

Tiveram os seguintes filhos:

7-1 Eurico, fallecido em criança.

7-2 Maria Mercedes, viuva do Capitão Leonidas Marques dos Santos, official do Exercito, fallecido em 1925, em Catanduvas quando em operações militares contra os revolucionarios de S. Paulo, que invadiram o Estado do Paraná.

Teve:

8-1 Augusto.
8-2 Enéas.
8-3 Zeferina.
8-4 Julia.
8-5 Brasilia.

7-3 Augusto Lobo de Moura, casado com Clara Withiman.

Teve 3 filhos:

8-1 Alice.
8-2 Paulo.
8-3 Adilia.

7-4 Eurico de Andrade Moura, fiscal dos impostôs de consumo em Curityba, casado com Esther Ribeiro, filha do Major Benedicto da Motta Ribeiro e de sua mulher Maria de Almeida Ribeiro.

Com os seguintes filhos:

8-1 Osman, estudando no Collegio Militar, com 13 annos.
8-2 Augusto, estudando no Collegio Militar, com 11 annos.
8-3 Lucia, com 10 annos.
8-4 Eurico, com 9 annos.
8-5 Zeny, com 7 annos.
8-6 Esther, com 5 annos.
8-7 Armando Jorge, com 2 annos.

6-8 Brasilia de Andrade Gonçalves dos Santos, casada com Augusto Gonçalves dos Santos, proprietario, filho do capitalista Coronel Manoel Gonçalves dos Santos, que exerceu diversos cargos de eleição popular, entre os quaes o de Juiz de Paz, Vereador e Presidente da Camara Municipal de Curityba, onde gozou sempre de bom conceito pela sua honradez; era homen simples e mui popular, pela maneira affavel com que a todos tratava. Foi negociante em Curityba.

Casado em 7 de Dezembro de 1846 com Maria Rita dos Santos; neto pela parte paterna de Joaquim Gonçalves dos Santos, natural de Portugal, casado em Curityba com Eduwiges Maria dos Santos; neto pela parte materna de Antonio Lourenço dos Santos e de sua mulher Rosa Martins Pereira. (Por informação.)

Tiveram os seguintes filhos:

7-1 Esther, fallecida.

7-2 Plinio Gonçalves dos Santos, casado em primeiras nupcias com Elisa Daldim, e em segundas nupcias com Maria da Conceição Pereira, filha

do Tenente Columbano Pereira e de Maria da Conceição.

7-3 Maria de Lourdes.

6-9 Zulmira de Andrade, filha de 5-1 de 4-3, casada com o Capitão Manoel de Souza Azevedo Junior, guarda-livros da firma Walter & Cia., foi Thesoureiro da Administração dos Correios do Paraná. Prestou relevantes serviços a Republica, em Tijucas, durante a revolução federalista de 1894, se portando com bravura e sangue frio. Filho de Manoel de Souza Azevedo, portuguez, e de sua primeira mulher Iphigenia de Azevedo.
Tiveram os seguintes filhos:

7-1 Romilda de Souza Azevedo Loyola, casada com Humberto Loyola, filho de Agostinho Ferreira de Loyola e de sua mulher Julia Ferreira de Loyola.
Tiveram:

8-1 Diva.

7-2 Iphigenio de Andrade Azevedo.
7-3 Altino de Azevedo.
7-4 Romeu Andrade de Azevedo.
7-5 Levy Andrade de Azevedo.
7-6 Maria Iphigenia.
7-7 Diva.

5-2 Nicolau Pinto Rebello, exerceu diversos cargos de eleição popular, como: Juiz de Paz, Vereador, Presidente da Camara Municipal de Curityba, etc. Foi commerciante e adiantado industrial. Possuia importantes propriedades industriaes no Bariguy, onde tinha a sua residencia.
Nasceu em Abril de 1835, se casou a 8 de Setembro de 1869 com Herminia Leopoldina Marques Rebello, filha do Major João Gonçalves Marques e de sua mulher Leopoldina Leoniza Marques.
Tiveram os seguintes filhos:

6-1 Maria Eugenia Rebello Rossany, nascida a 26 de Setembro de 1870, casada com o General Frederico Luiz Rossany, engenheiro militar.
Tiveram os seguintes filhos:

7-1 Capitão Althair Eugenio Rossany, nascido a 14 de Janeiro de 1895. Capitão do Exercito.
7-2 Zaira Rossany Vasconcellos, casada com Pedro de Vasconcellos.
7-3 Ionny Rossany de Menezes, casada com o Tenente Achilles de Menezes.

6-2 Leopoldina Pinto Rebello Tourinho, casada com seu cunhado Mario Alves Monteiro Tourinho, Coronel do Exercito, engenheiro militar, commandante do 9.º Regimento de Artilharia, filho do Dr. Francisco Antonio Monteiro Tourinho, um dos mais competentes engenheiros militares, que prestou relevantes serviços á Provincia do Paraná, não só na construcção da estrada da Graciosa, como em outros serviços de Engenharia civil e militar (em outro volume desta obra daremos sua biographia), e de sua mulher Maria Leocadia Alves; por esta, neto de Antonio José Alves, natural de Morretes, e de sua primeira mulher Manoela dos Anjos; pela parte paterna era neto do Tenente Coronel reformado do Exercito, Francisco Antonio Tourinho e de sua mulher Maria Carolina Monteiro Tourinho.
O Coronel Mario Alves Monteiro Tourinho, nasceu na cidade de Antonina, a 12 de Setembro de 1871. Seguiu a carreira militar, cursando a Escola Militar da Praia Vermelha, na qual tirou o curso de artilharia. Como segundo tenente foi subalterno da bateria de artilharia que, sob o commando do bravo Coronel Antonio Ernesto Gomes Carneiro, sustentou o cerco de 26 dias, na cidade da Lapa, por occasião da revolução de 1893—1894. Como Capitão, fez parte da columna do sul, no Contestado, commandando a segunda bateria de obuzeiros. Como Major, foi commandante da Força Militar do Estado, cargo que deixou por ter sido nomeado sub-director do Collegio Militar de Barbacena.
Filhos:

7-1 Niel Rebello Tourinho, nascido e fallecido a 29 de Junho de 1904.
7-2 Osminda Rebello Tourinho.
7-3 Mario Alves Monteiro Tourinho Filho.

7-4 Francisco Antonio Monteiro Tourinho Netto.

6-3 Eugenio Pinto Rebello, nascido a 4 de Julho de 1874, Thesoureiro da Delegacia Fiscal do Paraná; é um dos Directores do Banco de Curityba, casado com Messias de Amorim Rebello, filha do General Antonio Felix de Souza Amorim e de sua mulher Francisca Craveiro de Amorim.
Filhos:
7-1 Elvira de Amorim Rebello.
7-2 Marcio Pinto Rebello.
7-3 Rachel de Amorim Rebello.

6-4 Herminia Pinto Rebello, nascida a 23 de Dezembro de 1876, casada a 8 de Dezembro de 1891, com o Coronel de Artilharia, hoje General reformado, Servando de Loyola e Silva, filho de José Ignacio de Loyola e de sua mulher Maria da Luz Loyola. Foi commandante do regimento de segurança do Estado. Prestou serviços de guerra na defeza do littoral paranaense, por occasião da revolta de 6 de Setembro de 1893. E' militar distinctissimo e de grande valor moral.
Teve:
7-1 Capitão Hamilton Rebello de Loyola, medico do exercito, casado com Odette Macedo Loyola.
Teve:
8-1 George Nelson.
8-2 Murillo.
7-2 Dr. Hastimphilo Rebello de Loyola, medico, casado com Olga Xavier de Miranda, filha do capitalista Guilherme Xavier de Miranda e de sua mulher Maria Thereza Bittencourt de Miranda.
Filhos:
8-1 Luiz Gastão.
8-2 Maria Thereza.
8-3 Guilherme.
7-3 Harry Rebello de Loyola, fallecido.
7-4 Stael de Loyola Saboia, casada com o Dr. Domingos Carlos Gerson Saboia, Capitão medico
Teve:
8-1 Maria de Lourdes.
7-5 Izail Rebello de Loyola, solteira.

6-5 Osminda Pinto Rebello, nascida a 16 de Maio de 1879, foi a primeira mulher do Coronel Mario Alves Monteiro Tourinho, de 6-2 de 5-2.
Tiveram os seguintes filhos:
7-1 Pericles, nascido e fallecido em 1896.
7-2 Newton, nascido a 18 de Janeiro de 1899, e fallecido nesse anno.
7-3 Ney, nascido a 14 de Março de 1900.
7-4 Pericles Rebello Tourinho, nascido a 3 de Outubro de 1901, casado com Eunice Miró Tourinho.
Teve:
8-1 Dorah.

5-3 José Pinto Rebello, nascido em 1839, casado com Francisca dos Santos Rebello, filha do abastado capitalista Coronel José Antonio dos Santos e de sua mulher Francisca da Luz Santos. 5-3 de 5-6 do Titulo — Rodrigues de França — desta Obra. O Coronel José Pinto Rebello, nasceu a 27 de Setembro de 1840, falleceu a 24 de Julho de 1918. Foi adiantado industrial e abastado capitalista. Foi camarista municipal e presidente da Camara de Curityba.
Filhos:
6-1 Maria José Pinto Rebello, casada a 8 de Setembro de 1887 com Joaquim Augusto de Andrade, capitalista e proprietario em Curityba, onde nasceu a 18 de Março de 1866; já descriptos em o 1.º volume desta Obra.
Sem descendentes.
6-2 Francisca, fallecida na infancia.
6-3 Dr. Joaquim Pinto Rebello, major medico do corpo de saúde do exercito, nascido a 2 de Fevereiro de 1876.
6-4 Alcide Pinto Rebello Correia, casada a 27 de Julho de 1895 com o Coronel Dr. Olavo Manoel Correia, engenheiro militar.
Sem descendentes.
6-5 Etelvina Pinto Rebello de Camargo, casada a 27 de Abril de 1899, com o Dr. Affonso Alves de Camargo, nascido a 25 de Setembro de 1874,

com ascendentes e traços biographicos já descriptos em o volume 1.º desta Obra, Titulo Carrascos dos Reis.

6-6 Leopoldo, fallecido em 1886.

6-7 Clotilde Pinto Rebello Guimarães, casada a 14 de Setembro de 1901 com o Capitão Joaquim Americo Guimarães, nascido a 4 de Novembro de . . . , ambos fallecidos; elle filho do Major Claro Americo Guimarães e de sua mulher Porcia de Abreu Guimarães, com ascendentes adiante descriptos.

Teve:

7-1 Claro Americo Guimarães Netto.
7-2 Iva.
7-3 Mürat.
7-4 Remy.
7-5 Hebbe.
7-6 Ney.
7-7 Eloah, fallecida.
7-8 Junot.

6-8 Dr. José Pinto Rebello Filho, advogado em Curityba, onde nasceu, casado com Izaura Loureiro, filha do capitalista Alfredo Loureiro e de sua primeira mulher Maria Francisca Biscaia Loureiro.

Filhos:

7-1 Maria Bernardetti.
7-2 José Luiz.

6-9 Celmira Pinto Rebello da Cruz Marques, casada em Curityba a 28 de Setembro de 1912 com o Dr. Lindolpho Pessoa da Cruz Marques, nascido a 11 de Fevereiro de 1882.

O Dr. Lindolpho Pessoa da Cruz Marques é um jurista de fina cultura e que se salientou na magistratura paranaense pela sua rectidão e serenidade, além da firmeza de seus julgados, que constituem excellentes elementos formadores da jurisprudencia patria.

A sua intelligencia e o seu seguro criterio, quer no exercicio dos cargos que tem exercido, quer como homem de letras e membro da sociedade, accentuaram sua personalidade, que se libra numa esphéra de respeito e estima, cercada de um justo prestigio moral.

Nasceu na comarca de Bananeiras, no Estado da Parahyba, em 11 de Fevereiro de 1882. E' filho legitimo do Coronel Antonio Tertuliano da Cruz Marques e de sua mulher D. Leonilla Pessoa da Cruz Marques.

Fez seus preparatorios na Parahyba, se matriculando na Faculdade de Direito do Recife em 1900, bacharelando-se em 1904 em sciencias juridicas e sociaes.

Apenas formado veio para o Paraná com o intuito de exercer aqui sua profissão. Foi, logo ao chegar a Curityba, em 1905, nomeado Promotor Publico de S. José da Boa Vista, em cujo cargo permaneceu apenas 3 mezes, saindo daquella comarca para exercer o cargo de delegado de policia da Capital.

Como autoridade policial o Dr. Lindolpho Pessoa impoz-se ao conceito da população pela sua serenidade e firmeza em seus actos, ao mesmo tempo que revelou a posse de um criterio justo.

Em 1906 foi nomeado Promotor Publico da Capital, se conservando durante quatro annos nesse cargo.

Entrando em concurso para o cargo de Juiz de Direito, obteve classificação em primeiro logar, sendo então nomeado para a comarca de Imbituva, cuja comarca installou, permanecendo naquelle juizado de 1911 até 1915, quando foi a seu pedido removido para a comarca de Campo Largo, que tambem reinstaurou.

Em 1916, ao iniciar-se o governo do Snr. Dr. Affonso Alves de Camargo, foi nomeado Chefe de Policia em commissão, cargo que exerceu durante 4 annos.

Foi Juiz de Direito de Guarapuava e Palmas e por fim da comarca da Capital.

Após deixar o cargo de Chefe de Policia, occupou a vara do civel e commercio da Capital, demittindo-se desse cargo em 1920 para poder apresentar sua candidatura a uma cadeira da representação do Paraná na Camara Federal.

Eleito deputado em 1921, exerceu seu mandato com muito brilho, tendo sido reeleito para a legislatura de 1924—26. Na Camara foi eleito para as Commissões de Poderes, de Constituição e Justiça e de Legislação Social.
Ali proferiu pareceres e discursos de grande valor, destacando-se entre os primeiros, o parecer sobre immunidades parlamentares, quando foi pedido licença para ser processado o deputado Macedo Soares, e, entre os segundos os brilhantes discursos, com que justificou a necessidade da construcção da estrada de ferro Brasil—Assumpção, fazendo a defeza do traçado Paranaguá—Guarapuava.
E' lente cathedratico de Direito Constitucional da Faculdade de Direito do Paraná.
Teve:
7-1 Leonilla.
7-2 Celmira.
7-3 Odette.
7-4 Lindolpho.
7-5 Paulo.
7-6 Regina.
7-7 Alceu, fallecido.

5-4 Ubaldina Francisca de Assis, nascida em 1838, casada em primeiras nupcias com Manoel Ribeiro de Macedo Junior a 16 de Julho de 1853, filho de Manoel Ribeiro de Macedo e de sua primeira mulher Leocadia Lourença das Dôres; neto pela parte paterna de Manoel Ribeiro Callado e de sua mulher Catharina Ribeiro de Macedo; por esta, bisneto de Bento Ribeiro Guimarães e de sua mulher Maria Correia de Macedo, fallecida em Antonina a 22 de Outubro de 1786, filha de João Correia da Fonseca e de sua mulher Catharina de Macedo Baldraga, filha de Duarte de Tavora Gambôa e de sua mulher Maria de Cerqueira Leme. (C. O. de Curityba — Testamentos de Paranaguá — 1799.)
Casada em segundas nupcias com o Tenente Coronel Manoel Antonio de Andrade, 3-1 de 2-2, viuvo de Maria das Mercês Pinto Rebello, 5-1 de 4-3, retro. Ahi os seus descendentes.

Teve do primeiro marido os seguintes filhos:
6-1 Tobias de Macedo, importante capitalista desta Capital e acreditado negociante, fallecido em 1917. Foi casado com Rosa Fonseca de Macedo.
Tiveram os seguintes filhos:
7-1 José Fonseca de Macedo, casado com Esther Guimarães, viuva do Dr. Alberico Guimarães Bastos, filha do Major Claro Americo Guimarães e de sua mulher Porcia de Abreu Guimarães.
Filhos:
8-1 Tobias.
8-2 Maria de Lourdes.
8-3 Esther.
7-2 Maria Stella da Fonseca Macedo, casada com o Dr. José Maria Pinheiro Lima, filho do Coronel Benigno Pinheiro Lima e de sua mulher Maria Geraldina Rosa de Lima, já descriptos no primeiro volume desta obra.
Teve:
8-1 Rosa.
8-2 Rosy.
7-3 Tobias de Macedo Junior, casado em primeiras nupcias com Dolores de Leão Macedo.
Casado em segundas nupcias com sua cunhada Maria Clara Leão. — Titulo Rodrigues França.
Ahi os descendentes.
7-4 Rivadavia Fonseca de Macedo, casado com Alice Vauthier de Macedo, filha do Dr. Gustavo Vauthier, belga, e de sua mulher Conceição Ribas Vauthier, natural de Ponta Grossa.
Filhos:
8-1 Rosa.
8-2 Rivadavia.
8-3 Nancy Maria.
7-5 Nayr Fonseca de Macedo, fallecida solteira.
6-2 Manoel de Macedo, capitalista e importante industrial em Curityba, já fallecido; foi casado em primeiras nupcias

com Maria da Graça Fonseca de Macedo, e em segundas nupcias com sua cunhada Olga Fonseca de Macedo.
Teve do primeiro matrimonio:

7-1 Maria da Graça Fonseca Macedo, casada em primeiras nupcias com Aristides de França, litterato, prematuramente fallecido; publicou um livro de versos «Dolencia Astral», além de varias poesias publicadas na imprensa de Curityba, que tiveram renome; filho do Coronel Ignacio de Paula França e de sua mulher Amelia Pereira Jorge de França, dos quaes trataremos em 7-1 de 6-7. Casada em segundas nupcias com Roberto Machado.
Teve do primeiro matrimonio os seguintes filhos:
8-1 Manoel.
8-2 Orlando.
8-3 Aristides.
Teve do segundo matrimonio:
8-4 Graça.
8-5 Carlos Alberto.

6-2 de seu segundo matrimonio teve:

7-2 José Ubaldino de Macedo, foi casado a 16 de Fevereiro de 1916 com Avany Mäder, filha do Contador Jordão Mäder, socio gerente da firma industrial de matte, B. da Veiga & Cia., e de sua mulher Maria Munhoz Mäder.
Filhos:
8-1 Manoel de Macedo Netto.
8-2 Paulo.
8-3 Maria.

7-3 Odette de Macedo, casada com o Dr. Hamilton de Loyola.
Teve:
8-1 George Nelson, 6 annos em 1925.
8-2 Murillo, 5 annos em 1925.

7-4 Dinorah de Macedo, casada com o Capitão Octavio Saldanha Mazza, official do exercito.
Teve:
8-1 Olga.
8-2 Marina.
8-3 Osmar.

7-5 Zenny de Macedo, casada com Antonio Taulois de Mesquita.
Teve:
8-1 Manoel.

6-3 Virgilia de Macedo Rebello, viuva de seu tio Coronel João Tobias Pinto Rebello, capitalista, residente em Curityba, onde exerceu diversos cargos de eleição popular, entre os quaes o de Camarista e Presidente da Camara; filho do Capitão Tobias Pinto Rebello e de sua mulher Benedicta de Assis Lustoza de Andrade, que foi sua segunda mulher e com a qual casou em Curityba a 7 de Maio de 1844.
Ver 5-6 de 4-3.
Teve:

7-1 Horacio Pinto Rebello, solteiro, industrial.

7-2 Alice Rebello de Queiroz, fallecida, foi casada com o General reformado, Dr. Abeylardo de Queiroz.
Teve:
8-1 Eulalia de Queiroz, casada com o Dr. Luiz Orsini de Castro.
Teve:
9-1 Nelson, fallecido.
9-2 Luiz.
9-3 Lincoln.
8-2 Nelson de Queiroz.
8-3 Lincoln de Queiroz, Capitão de Engenharia, fallecido em 1923.

7-3 Annibal Pinto Rebello, casado com Stella Marcondes, filha do Coronel Amazonas de Araujo Marcondes e de sua segunda mulher Julia Malheiros Marcondes.
Teve:
8-1 Annibal.

7-4 João Tobias Pinto Rebello Junior, proprietario de uma das emprezas de mudanças de Curityba.

7-5 Uriel Pinto Rebello, fallecido em 13 de Dezembro de . . . .

7-6 Mercedes Pinto Rebello Baeta de Faria, casada com o engenheiro militar Dr. Guilhermino Baeta de Faria, lente da Universidade do Paraná, que

a elle deve inestimaveis serviços. Bom desenhista e architecto e constructor.
Teve:
8-1 Carmen.
8-2 Alice.
8-3 Virgilia.
8-4 Elza.
8-5 Mercedes.
8-6 Guilherme.

7-7 Noemia Pinto Rebello, casada com Joaquim de Deus Vieira.
Filhos:
8-1 Maria Virgilia.
8-2 Véra.
8-3 Ivette.
8-4 Noemia, fallecida.
8-5 João.
8-6 Ruy.

7-8 Haydée Pinto Rebello, casada com o Dr. Sebastião Avellar de Azevedo.
Filhos:
8-1 Nelson.
8-2 Sylvio.

7-9 Tobias Pinto Rebello, casado com Irene do Nascimento.

7-10 Palmira, fallecida em criança.

7-11 Palmira, fallecida em criança.

6-4 Ubaldina de Macedo, filha de 5-4, casada em primeiras nupcias com seu primo irmão Fidelles de Andrade, 6-1 de 5-1; ahi a descendencia desse matrimonio.
Casada em segundas nupcias a 8 de Setembro de 1897, com Antonio de Siqueira Cortes, filho de Euphrasio de Siqueira Cortes, nascido na cidade da Lapa a 26 de Novembro de 1832, fallecido em 21 de Outubro de 1912 e casado a 6 de Agosto de 1859 com Maria da Luz Santos, nascida em 8 de Setembro de 1845, filha de Antonio Alves dos Santos e de sua mulher Maria Rosa de Assumpção; pela parte paterna era neto de Joaquim de Siqueira Cortes, nascido

em Curityba em 1790, casado na cidade da Lapa em 1810 com Rosa Xavier da Silveira; elle fallecido em 25 de Maio de 1865 e ella em 14 de Fevereiro de 1867.
Teve desse segundo matrimonio os seguintes filhos:

7-1 Hilda de Macedo Cortes, casada em 8 de Setembro de 1920 com Manoel Pereira de Macedo, filho do Coronel Joaquim Pereira de Macedo e de sua mulher Adelaide Müller de Macedo.
Teve:
8-1 Nicia, nascida em 12 de Setembro de 1921.

7-2 Clovis de Macedo Cortes, casado em 29 de Abril de 1922 com Ondina Correia da Silva, filha do Dr. Delphim Correia da Silva e de sua mulher . . .

7-3 Leony de Macedo Cortes, nascida em 9 de Março de 1901.

7-4 Euthalia de Macedo Cortes, nascida em 11 de Novembro de 1902.

7-5 Olga de Macedo Cortes, nascida em 8 de Março de 1904.

7-6 Javert Macedo Cortes, nascido a 2 de Junho de 1905 e fallecido a 14 de Dezembro do mesmo anno.

7-7 Tobias, nascido a 15 de Junho de 1908 e fallecido com anno e meio de edade.

5-4 Ubaldina Francisca de Assis, teve do seu segundo matrimonio com Manoel Antonio de Andrade os seguintes filhos:

6-5 Alvaro de Andrade, casado com Sylvia da Costa Andrade.
Filhos:
7-1 Léa.
7-2 Sylvia.

6-6 Heitor de Andrade, casado com Paulina Taborda de Andrade, filha de João Lourenço Taborda Ribas e de sua mulher Maria Catharina Taborda Ribas.

Filhos:
7-1 Heitor.
7-2 Zaide.
7-3 Ney.
7-4 Paulina.
7-5 Maria.
7-6 Manoel.

6-7 Eugenia de Andrade Borba, casada com o Capitão Gustavo Ramalho Borba.
Filhos:
7-1 Eugenia.
7-2 Ondina Borba de Araujo, casada com Eduardo Araujo.
Teve:
8-1 Eugenia,
e mais 4 filhos que são fallecidos.
7-3 Alzira Borba da Costa, casada com o Dr. Leopoldo da Costa.
Teve:
8-1 Dora.
8-2 Maria de Lourdes.
7-4 Paulo, fallecido.

5-5 Manoel Pinto Rebello, com 9 annos de edade em 1845, conforme o inventario feito por occasião da morte de sua mãe.

5-6 Paulina Francisca de Assis de Andrade Taborda, nascida em 1840 e casada em 16 de Janeiro de 1858 com seu primo irmão o Capitão Joaquim Taborda Ribas, filho do Capitão Ricardo José Taborda Ribas e de sua mulher Francisca Joaquina de Andrade Taborda Ribas, 4-7 de 3-1.
Filhos:
6-1 Severiano Brasiliense Taborda Ribas, nascido a 8 de Novembro de 1858; distincto cidadão, intelligente, bondoso e muito considerado; exerceu o cargo de Official maior da Secretaria do Governo. Solteiro. Perdeu a luz da razão ha já muitos annos.
6-2 Maria Catharina Taborda Ribas, nascida a 7 de Julho de 1862, casada a 27 de Julho de 1884

com o Coronel João Lourenço Taborda Ribas, nascido a 8 de Janeiro de 1854, capitalista, negociante em Curityba onde exerceu diversos cargos de eleição popular, como: Deputado estadoal, Camarista municipal e Juiz Districtal; filho do Capitão Vasco Taborda Ribas e de sua mulher Maria Joaquina da Conceição, dos quaes adiante trataremos em 4-1 de 3-6.
Filhos:
7-1 Paulina Taborda Ribas, nascida a 1.º de Abril de 1888, casada a 7 de Fevereiro de 1909 com o Tenente Heitor de Andrade, filho do Coronel Manoel Antonio de Andrade e de sua mulher Ubaldina de Andrade.
Filhos:
8-1 Maria da Conceição, fallecida.
8-2 Manoel Ubaldino de Andrade, fallecido.
8-3 Heitor de Andrade Filho, nascido a 9 de Julho de 1915.
8-4 Zaide, nascida a 25 de Janeiro de . . . .
8-5 Ney.
8-6 Paulina.
7-2 Vasco Lourenço Taborda Ribas, nascido a 14 de Junho de 1885; commerciante, socio da Livraria Mundial, casado com Dolores Ribeiro, filha de Feliciano Ribeiro e de sua mulher Arminda Ribeiro.
Filhos:
8-1 E'ros José Taborda Ribas.
8-2 Maria Catharina.
8-3 Leandrina Maria.
8-4 Aglaé.
8-5 Josué de Jesus, nascido em Setembro de 1926.
7-3 Maria Joaquina Taborda Ribas, nascida a 29 de Novembro de 1886, casada em 22 de Julho de 1904, com Augusto Soares da Costa, filho de José Soares da Costa e de sua mulher Elisa Soares da Costa.
Filhos:
8-1 José Messias, fallecido.
8-2 João, fallecido.
8-3 João, fallecido.
8-4 Maria da Luz, nascida a 18 de Julho de 1908.

8-5 Maria Augusta, nascida a 14 de Novembro de 1910.
8-6 Josephina, nascida a 19 de Setembro de 1912.
8-7 Estella, nascida a 7 de Setembro de 1914.
8-8 Marina, nascida a 27 de Setembro de 1916.

7-4 Francisca Taborda Ribas, nascida em 1891, fallecida.

7-5 Brazilia Taborda Ribas, nascida em 16 de Junho de 1893, casada a 1.º de Maio de 1913 com Heitor Stockler de França, nascido na cidade da Palmeira, a 5 de Novembro de 1888.
Dedicou-se com intelligencia á carreira commercial, empregando sua actividade no importante estabelecimento de artes graphicas «Livraria Mundial».
Poeta e escriptor, tem publicado varias obras: *Corollas Rubras* (versos — 1910); *Ave, Lusitania!* (poemeto — 1922) etc.
E' membro do Centro de Letras do Paraná.
Filho de João Araujo de França e de sua mulher Leandra Stockler de França.
Teve:
8-1 Maria Apparecida.
8-2 Ildefonso.
8-3 Mozart.
8-4 Glycinia.
8-5 Arione.
8-6 Apollo.

7-6 Maria do Ceu Taborda Ribas, nascida em 29 de Setembro de 1897. Casada com o Dr. Durval Ribeiro, engenheiro civil, filho do Coronel Feliciano Ribeiro e de sua mulher Arminda Ribeiro.
Teve:
8-1 Delza.

7-7 João Lourenço Taborda Ribas Filho, nascido em 18 de Julho de 1899. Casado com Helena Thomaz Taborda, filha de Gregorio Thomaz e de Domingas Thomaz.

7-8 Cecilia, fallecida em criança.

7-9 Victor, fallecido em criança.

7-10 Mario, fallecido.
7-11 Pedro.

6-3 Francisca, fallecida em criança.

6-4 Capitão Ricardo Campista Taborda Ribas, casado com Maria Magdalena Taborda Ribas, filha de Bento Taborda Ribas e de sua mulher Brasilina de Freitas, 5-6 de 4-1.
Filhos:
7-1 Joaquim, nascido em 14 de Setembro de 1894.
7-2 Paulina, nascida em 1893 e fallecida com 4 annos de edade.
7-3 Maria de Jesus, fallecida em criança.
7-4 Aristides, fallecido em criança.
7-5 Jovina, fallecida em criança.
7-6 Diahir, nascida a 30 de Julho de 1902.
7-7 José Maria } gemeos, fallecidos.
7-8 Maria José }
7-9 Levy.
7-10 Rubem.
7-11 Ricardo.
7-12 Antonio, fallecido em criança.
7-13 Lauro.
7-14 Ruy Barbosa Taborda Ribas, fallecido.

6-5 Ignacio, fallecido em criança.

6-6 Pretextato Pennaforte Taborda Ribas, nascido a 17 de Agosto de 1868, negociante, capitalista e industrial. Foi Camarista Municipal de Curityba e Deputado estadual em varias legislaturas. Casado em 14 de Novembro de 1895 com Julia de Andrade Ribas, filha do Dr. José Pereira dos Santos Andrade, ex-Governador do Paraná, que foi Senador Federal, e de sua mulher Anna Martins de Andrade.
Tiveram os seguintes filhos:
7-1 Joaquim Taborda Ribas, fallecido em Hamburgo em 1915 com 17 annos.
7-2 Hecilda Taborda Ribas da Silva, nascida a 3 de Maio de 1900, casada a 28 de Outubro de 1915 com José Eustachio da Silva, filho de Antonio Eustachio da Silva e de sua mulher Magdalena Fonseca da Silva.

Teve:
8-1 Lenita.
8-2 Antonio Carlos.

7-3 Raul Taborda Ribas, academico de Medicina, nascido a 29 de Janeiro de 1903.

7-4 Pretextato Taborda Ribas Junior, academico de Direito, em 1926.

6-7 Joaquim Ignacio do Brasil Taborda Ribas, abastado commerciante em Curityba, casado com sua prima Magdalena Lycia Taborda Ribas, filha de Ricardo Taborda Ribas e de sua mulher Sylvia Gonçalves Ribas. Titulo Rodrigues de França, desta Obra, ahi os ascendentes.
Filhos:

7-1 Dr. Ary Eloy Taborda Ribas, medico, casado com Carolina da Silva.
Teve:
8-1 Eudéa.
8-2 Pretextato.

7-2 Paulina Taborda de Camargo, casada com David de S. Camargo.
Teve:
8-1 Jayró.
8-2 Stael.

7-3 José Florencio, fallecido.
7-4 Helvidio.
7-5 Olympia Monica.
7-6 Vasco José.
7-7 Stella Leão.
7-8 Joaquim Ignacio.
7-9 Leonidas.
7-10 Sylvia.
7-11 Perola, fallecida.
7-12 Eunice, fallecida.
7-13 Orlando, fallecido.
7-14 Bernardo José.

6-8 Escolastica Taborda Ribas.

6-9 Capitão Bento Manoel de Ramos Taborda Ribas, serventuario municipal, casado com Elvira Carnasciali, filha de Gabriel Carnasciali e de sua mulher Joanna Ciola Carnasciali.

Filhos:

7-1 Tenente José Carlos Taborda, nascido a 27 de Agosto de 1899, Veterinario do Exercito, fallecido em S. Maria em 1.º de Agosto de 1926.

7-2 Paulina Adhair, nascida a 6 de Junho de 1901, casada com Fernando Perracine.
Filhos:
8-1 Clovis.
8-2 Jandyra.

7-3 Lygia, nascida a 17 de Novembro de 1905.
7-4 Joanna, nascida a 4 de Janeiro de 1914.
7-5 Carmen.
7-6 Maria Nazareth.

6-10 Benedicta de Jesus Taborda Ribas de Athayde, nascida a 6 de Agosto de 1880, casada a 8 de Setembro de 1896 com o Capitão Aristides de Souza Athayde, veterinario da Força militar do Estado, nascido a 1.º de Outubro de 1875, filho do Major Manoel Elias de Souza Athayde e de sua mulher Olympia Gonçalves Cordeiro, 7-2 de 6-3.
Teve:

7-1 Alzira de Athayde Leite, casada com Francisco Ferreira Leite, filho do Coronel João Ferreira Leite e de sua mulher Hygina Brandão Ferreira Leite. Nascido em Curityba a 8 de Outubro de 1889. Exerce as funcções de Chefe de secção da Directoria da Fazenda do Estado. E' inspirado poeta e prosador intelligente, dotado de humorismo proprio; tem publicado as seguintes producções litterarias: «Horas» (versos — 1912); «Poentes de Outomno» (versos — 1915); «Vaticinio de cigano» (poemeto — 1919); «A hora da mulher» (conferencia sobre o feminismo — 1920); «Cantigas da infancia» (versos — 1921).
Tem inéditas diversas obras, como: «Arco iris» (versos); «Elogio da vaidade» (prosa); «Cantigas e cantares» (prosa); «Ophir» (poemeto); «Lanterna magica» (versos humoristicos); «Libellula» (contos) e um Estudo sobre a poesia moderna. Dedica-se tambem a litteratura theatral e tem

produzido boas comedias como «Magia de ouro», «Florisbella», etc., algumas das quaes representadas com successo.
E' membro effectivo e Secretario da Academia de Letras do Paraná. Seu pai o Coronel João Ferreira Leite — o João Buava, foi homem estimadissimo, bondoso e intelligente; as suas piadas humoristicas são relembradas constantemente. Delle trataremos no 4.º volume desta obra.
Teve:
8-1 Ophir.
7-2 Dr. Aramis de Athayde, medico, formado pela Academia de Medicina do Paraná.
7-3 Alceu Athayde, serventuario publico.
7-4 Amaury, academico de Direito.
7-5 Aristides, gymnasiano.
7-6 Francisco Athayde.
7-7 Joaquim, fallecido.
7-8 Octavio, fallecido.
7-9 Alice, fallecida.
7-10 Pretextato, fallecido, gemeo com
7-11 Julio, fallecido.
7-12 Pretextato Athayde.
7-13 Maria de Jesus, fallecida.
7-14 Paulina Athayde, professora.

4-3 Benedicta Francisca de Assis de Andrade, do seu segundo matrimonio com Tobias Pinto Rebello, teve os seguintes filhos:
5-7 Major João Tobias Pinto Rebello, nascido em 1844, capitalista, foi Deputado Estadoal, Camarista e Presidente da Camara Municipal de Curityba. Casado com Virgilia de Macedo Rebello, 6-3 de 5-4.
Ahi a descendencia.
5-8 Francisca, fallecida em criança.
5-9 Lourença Francisca de Assis Virmond, nascida a 18 de Fevereiro de 1843, casada com o Coronel

Eduardo Alberto de Andrade Virmond, nascido a 16 de Maio de 18 . . , natural do Paraná, onde foi importante negociante. Homem intelligente, gosou sempre de muito conceito na sociedade em que viveu, pela pureza de caracter e bondade. Falleceu em avançada edade em Curityba, a 23 de Dezembro de 1916.
Filho de Frederico Guilherme Virmond, natural de Colonia, na Allemanha, donde emigrou para o Brasil em 1818; aportando ao Rio de Janeiro, ali se estabeleceu com casa de ferragens, permanecendo 11 annos; se casou com Izabel Maria de Andrade, filha de Manoel Ferreira de Andrade e de sua mulher Edeltrudes de Andrade.
Do Rio de Janeiro passou-se para este Estado, devido ao seu estado precario de saúde, vindo se estabelecer na Lapa, que merecidamente gosava da fama de possuir optimo clima.
Pela parte paterna era neto do Dr. João Mauricio Virmond, medico da cidade de Colonia, onde constituio familia, viveu e morreu deixando os 3 filhos: Frederico Guilherme Virmond, que passou para o Brasil, como já vimos; Henrique Virmond, que passou a estabelecer-se em Pariz, onde constituio familia, e Rodolpho Virmond, que foi para o Mexico, onde casou e falleceu sem deixar descendencia.
A emigração dos membros desta distincta familia foi occasionada pela perseguição politica que se seguio a revogação do Edito de Nantes por Luiz XIV, com o fim manifesto de se tornar agradavel ao Pontifice Romano; acto esse que tantos males causou á França, com a emigração em massa de suas populações, afim de fugir á morte certa que aguardava aos não catholicos.
Filhos deste casal:

6-1 Eugenia Francisca Virmond Supplicy, nascida a 20 de Julho de 1866, casada com Arthur Supplicy, nascido a 4 de Abril de 1866, filho de João Francisco Supplicy e de sua mulher Maria Luiza Virmond.
Filhos:
7-1 João Virmond Supplicy, nascido a 28 de Junho de 1887, casado a 29 de Abril de 1911 com Emilia Rita de Lacerda, filha de Manoel Correia

de Lacerda e de sua mulher Maria Correia de Lacerda.
Filhos:
8-1 Vollanda, nascida em 1912.
8-2 Danillo, nascido em 1913.
8-3 Maria Eugenia, nascida em 1914.
8-4 Alcina.
8-5 José, fallecido.
8-6 Hamilton.
8-7 Odilon, fallecido.
8-8 Aroldo.
8-9
7-2 Maria Izabel, fallecida.
7-3 Aurora Virmond Supplicy do Amaral e Silva, casada com Seraphim Ferreira do Amaral e Silva.
Teve:
8-1 Cenira.
8-2 Yone.
8-3 Julia.
8-4 Arthur.
8-5 Rubens.
8-6 Levy.
8-7 Eugenia.
7-4 Izaura Virmond Supplicy, nascida a 31 de Agosto de 1891, casada a 23 de Setembro de 1911 com Avelino Correia de Lacerda, irmão de Emilia Rita de Lacerda, de 7-1.
Teve:
8-1 João Candido, nascido em 1912.
8-2 Manoel, nascido em 1913.
8-3 Murillo, nascido em 1914.
8-4 Arthur.
8-5 Cid.
8-6 Eugenia.
7-5 Lourença Virmond Vidal, casada com Theophilo Gomes Vidal.
Teve:
8-1 Clarice.
8-2 Maria de Lourdes.
8-3 Dora.

7-6 Alice Virmond Supplicy Lacerda, nascida a 21 de Agosto de 1894, casada a 6 de Fevereiro de 1914 com Alfredo Correia de Lacerda, irmão de Emilia, de 7-1 de 6-1, retro.
Teve:
8-1 Thereza, nascida em 1915.
8-2 Maria de Lourdes, fallecida.
8-3 Renato.
7-7 Olga Virmond Supplicy Almeida, casada com Lizandro de Almeida, filho de Alfredo de Almeida e de sua mulher Maria Grein de Almeida.
Teve:
8-1 Eugenio, fallecido.
8-2 Cyrthe.
8-3 Pery.
7-8 Eduardo Virmond Supplicy, nasceu a 18 de Novembro de 1897, engenheiro agronomo da Escola de Piracicaba.
7-9 Maria Luiza Virmond Supplicy, solteira.
7-10 Nahir Virmond Supplicy, fallecida.
7-11 Helena Virmond Supplicy Lacerda, casada a 8 de Setembro de 1925 com o Dr. Joaquim Linhares de Lacerda, filho de João Lacerda e de sua mulher Othilia Linhares Lacerda.
7-12 Nahir Virmond Supplicy.
6-2 Maria Izabel Virmond, casada em primeiras nupcias com David Gaspar de Oliveira Lima, e em segundas nupcias com o Dr. Reynaldo Machado.
Nasceu o Dr. Reynaldo Machado em S. Francisco, Estado de S. Catharina, a 5 de Fevereiro de 1868. Foram seus Pais Francisco Machado da Luz e Maria Barbara da Conceição Machado, ambos fallecidos.
Seguiu em 1888 para o Rio de Janeiro, onde concluiu o curso de preparatorios, matriculando-se depois na Faculdade de Medicina da mesma cidade. Quando estudava o 4.º anno, em 1893, era interno no Hospital de Marinha, na Ilha das Cobras. Ao rebentar a Revolta da Armada, a 6 de Setembro do referido anno, o Almirante Saldanha da Gama insistiu para que elle ficasse ao serviço da revolta; porem, o no-

bre estudante, republicano sincero, prevendo que a Republica periclitaria, caso vingasse a rebellião dos marinheiros, recusou os grandes offerecimentos do Almirante, e retirou-se do Hospital, então cheio de feridos, e alistou-se no Batalhão Academico, sendo logo nomeado medico de 5.ª classe pelo Marechal Floriano, que mandou pagar-lhe os respectivos vencimentos, a contar do inicio da sedição. Terminada a revolução, a 13 de Março de 1894, o chefe do estado galardoou os bons serviços profissionaes prestados pelo distincto e operoso estudante, nomeando-o Tenente Coronel honorario do Exercito, cuja patente elle não tirou, pois se considerava recompensado, tendo bem cumprido seu dever de patriota e republicano. Em 1895 concluiu o curso medico, tendo defendido these a 4 de Janeiro seguinte. Chegando victorioso ao termo de sua vida academica, entrou desassombradamente, com coragem espartana, para o grande proscenio da vida pratica. Vindo para o Paraná no mesmo anno, foi residir no Rio Negro, mudando-se depois para a Lapa, onde, como em Rio Negro, exerceu a clinica com admiravel successo. Em bôa hora transferiu sua residencia para Curityba, onde erigiu sua tenda de trabalho. Aqui se firmou, aqui logrou merecida fama e honrosa reputação, graças ás suas excelsas e magnificas qualidades moraes e intellectuaes. Em 1900 redactoriou o «Diario da Tarde», e como jornalista nunca procurou atalhos, jamais se desviou da sua directriz austera e impeccavel. A 22 de Maio de 1902 foi nomeado, por concurso, para effectivamente reger a cadeira de Historia Natural do Gymnasio Paranaense e da Escola Normal, cargo que já exercia interinamente desde 5 de Maio de 1899. Neste conceituado instituto de ensino secundario do Paraná, elle sempre honrou a cathedra que lhe foi confiada. A 27 de Fevereiro de 1904, pelo presidente Dr. Vicente Machado, foi

nomeado interinamente Director Geral da Instrucção Publica, permanecendo nesta investidura até 24 de Abril de 1905, data em que foi exonerado a pedido. Em 1908 substituiu o Dr. Arthur Cerqueira, no cargo de Director da Instrucção Publica, por motivo de licença do mesmo.

Em duas legislaturas representou brilhantemente o povo paranaense como deputado ao Congresso Legislativo do Estado, onde sua palavra e acções bem alto o elevaram no conceito de seus concidadãos. Foi tambem um dos mais distinctos membros do Conselho Municipal de Curityba. Soube sempre honrar o cargo de Presidente da Sociedade de Medicina do Paraná, onde deixou um traço luminoso de sua passagem. Em todas essas altas posições a que attingiu pela sua proverbial capacidade e real merecimento, soube cumprir o seu dever com galhardia, reconhecida solicitude e elevado sentimento moral e patriotico. Em Curityba foi um dos mais illustres scientistas, exercendo, com incontestaval valor, a sua profissão de clinico benemerito, humanitario e eminente. Despreoccupado de grandezas, isento de vaidades, o seu trato era singelo e cavalheiresco, affavel e gentil para com todos.

Por isto foi estimado, acatadissimo em toda a sociedade curitybana, que merecidamente o venerava.

Sentindo-se enfermo em Maio de 1918, seguiu para o Rio de Janeiro, afim de procurar allivio para seus soffrimentos physicos.

Alli, a 27 de Julho, após melindrosa intervenção cirurgica, realisada na Beneficencia Portugueza, chegou infelizmente ao termo de sua existencia.

A noticia desse doloroso acontecimento foi recebida, não como uma simples noticia, mas, como uma calamidade!

A 3 de Agosto chegou a Curityba os seus despojos mortuarios, sendo dado a sepultura no mesmo dia com enorme acompanhamento.

O «Paraná Medico», orgão da Sociedade de Medicina do Paraná, em numero especial dedicado á sua memoria, publicou sentidos necrologios assignados pela classe medica de Curityba, dos quaes destacamos os seguintes trechos:

«PARANA' MEDICO.

«O numero de hoje, dedicamos exclusivamente em honra á memoria do nosso desventurado companheiro de redacção — Dr. Reynaldo Machado —, fallecido na Capital Federal a 27 de Julho (1918).

«As publicações que vão em seguida a este artigo, são, em linhas muito suaves e verdadeiras, como a litania da saudade que a classe medica do Paraná entoou em torno do collega difficilmente egualavel, do cidadão sem sulcos e do amigo que foi grande e glorioso até na propria morte! E que na arte de ser medico soube realisar a perfeição.

. . . . . .

Dr. Evangelista Espindola.»

— O Presidente da Sociedade de Medicina do Paraná, Dr. Victor do Amaral, na abertura da Sessão funebre, realisada a 5 de Agosto de 1918, pronunciou a seguinte allocução:

«Presidindo a Sociedade de Medicina do Paraná, na qualidade de seu primeiro Vice-Presidente, declaro aberta a sessão funebre em homenagem a memoria do Dr. Reynaldo Machado, que com tanta competencia exercia o cargo de presidente desta associação.

«Realisando-se esta sessão no recinto das Faculdades de Ensino do Paraná, peço permissão para associar a funcção que exerço de presidente desta solemnidade com a de Director da Faculdade de Medicina do Paraná, que, por meu intermedio, presta assim o mais significativo tributo ao inolvidavel Dr. Reynaldo Machado, que tão dignamente

exercia o cargo de lente cathedratico de Clinica Gynecologica da mesma Faculdade.

«A Faculdade de Medicina do Paraná compartilha, pois, da immensa dôr que a irmana com a Sociedade de Medicina. Este consorcio de sentimentos, num preito simultaneo, num palpitar synchrono de corações, estou certo, só pode augmentar a magnitude desta sessão e exalçar o culto de saudade que aqui estamos celebrando.

«O orador especial, da Sociedade de Medicina, vae em breve ter a palavra para fazer o panegyrico do illustre morto, o que não me inhibe de, do alto desta cathedra que elle tanto dignificou, entoar, eu tambem, a minha desafinada nenia de saudades. E' a voz do coração que me impelle a revivar recordações de um amigo de tantos annos e de um collega que era o prototypo da lealdade e da probidade profissional.

«Tive a ventura de conhecer o Dr. Reynaldo, ainda estudante, em uma rapida excursão que fiz por S. Catharina. N'essa occasião já me attrahia a amenidade de seu tracto e um halo de bondade que circumdava a sua physionomia; mas o que sobretudo me captivou (aqui é o coração do paranaense que falla) foi a sympathia que elle, já nessa época, manifestava pelo Estado do Paraná, que elle então apenas conhecia por tradição e que a mão do destino já lhe apontava como o futuro scenario de sua fecunda actividade, após a terminação de seus estudos academicos.

«Vi-o depois, clinicando no Rio Negro e na Lapa, revelando-se o grande medico que todos vós conhecestes e que tanto se distinguiu n'esta Capital, que acaba de receber o seu corpo inanimado, com uma verdadeira apotheose.

«Quando director geral da Instrucção Publica do Estado, tive a bôa inspiração de attrahil-o para o Gymnasio Paranaense, onde, tendo entrado pela porta larga do concurso, elle exerceu, com brilhantismo, o cargo de professor de Historia Natural.

«Quando se tratou da fundação da Universidade do Paraná, prestou elle a mais efficaz cooperação, cabendo-lhe a cadeira de Gynecologia, que elle ia leccionar no anno vindouro, para o que já havia delineado o seu programma.

«Exerceu, com a sua reconhecida competencia e abnegação, o cargo de chefe de clinica da Maternidade do Paraná, ficando assim o seu nome ligado, por traços indeleveis, áquella casa de caridade, de que elle foi um dos fundadores.

«Exerceu, em duas legislaturas, o mandato de deputado estadoal, e, em uma, o de camarista municipal, desempenhando-se dessas elevadas investiduras com o patriotismo e a superioridade, que eram o seu apanagio; mas não logrou fazer carreira politica, porque era um caracter austéro e independente, que difficilmente se amoldava á malleabilidade de nossa politica de campanario.

«Militou na imprensa como redactor do «Diario da Tarde», tendo se revelado um jornalista de pulso que empunhava a penna com maestria e elegancia.

«Na presidencia d'esta Sociedade, a sua palavra sensata e erudita por vezes se fez ouvir com os ensinamentos de sua criteriosa experiencia e o fulgor de sua intelligencia.

«Além de seu tino medico e de sua alta capacidade scientifica, o que encantava, no Dr. Reynaldo, era a sua modestia sem par e a sua affabilidade para com todos, ricos e pobres, sabios e ignorantes, e a sua lealdade para com os seus confrades, sem a mais leve infracção da ethica medica. Esposo dedicado e pae amantissimo, era o Dr. Reynaldo um modelo de virtudes domesticas, digno de ser imitado.

«O Dr. Reynaldo, em sua curta mas fecunda trajectoria por este mundo, só soube espargir o bem; por isso a sua memoria será sempre abençoada por todos aquelles que tiveram a ventura de o conhecer de perto e receberam os beneficos effluvios que emanavam de sua empolgante individualidade.

«Eis o que, em ligeira synthese, me aprouve dizer de quem com tanta proficiencia e bondade soube fazer da medicina um verdadeiro sacerdocio, de que se servia para os mais nobilitantes actos de caridade e philanthropia.

«Melhor que eu e com mais amplitude, dirá de suas inestimaveis virtudes e seus reconhecidos meritos, o illustre orador da Sociedade de Medicina do Paraná.»

— O distincto medico operador Dr. Simão Kossobudzki, assim se expressa:

«Reynaldo Machado, como todos sabem, apezar de se dedicar especialmente á obstetricia e á gynecologia, era tambem um operador procurado e feliz.

«Os bons conhecimentos anatomicos, a mão firme, a vista bôa, o sangue frio, o modo de tratar os doentes, bondoso e animador, amparados pela leitura assidua dos jornaes medicos e dos tratados de cirurgia, que o collocava sempre a par dos progressos modernos da sciencia cirurgica, diagnostico facil, penetrante e logico, completa dominação da asepsia, modo cavalheiroso com que tratava os seus auxiliares, emfim, as suas idéas sobre a profissão medica, idéas não mer-

cantis mas verdadeiramente sacerdotaes, tudo isso podia e devia fazer do nosso pranteado e querido collega um dos primeiros cirurgiões do Brasil.

«Gostava de cirurgia, como de sciencia e, com grande interesse, sem inveja alguma, acompanhava os trabalhos de outros collegas, sempre prompto a auxilial-os com a sua sabedoria, com a sua mão agil.

«Faltava-lhe a vontade de ser cirurgião com todas as suas responsabilidades, seus contentamentos e desgostos. . . .

«Quando era necessario, quando uma operação era inadiavel e inevitavel, elle operava e operava bem, mas quando podia entregar o bisturil a um outro operador, fazia-o com satisfacção nos casos de alta cirurgia.

«O coração bondoso daquella generosa individualidade, a serenidade daquella alma cheia de ternura, não se conformavam com as responsabilidades angustiosas que atormentam a alma de um cirurgião . . . com a necessidade de arriscar. . . Quando necessario, operava, mas soffria. . .

«O cirurgião, grosseiramente, pode ser comparado ao commandante d'uma força armada em combate. Este para attingir o seu objectivo, expõe os milhares de seus soldados á morte, aos soffrimentos, aos esforços sobrehumanos; aquelle tambem expõe ao perigo da morte e á dôr, que prolonga conforme as indicações.

«Ambos progridem atravez dos gritos, dos gemidos, das lagrimas e contorsões de soffrimento.

«Sangue e cheiro de carne humana. . .

«Pouca certeza, mais as probabilidades. . .

«Graças a sua estructura psychica, Reynaldo não poderia ser commandante d'uma força armada em combate, como contra a

sua vontade tantas vezes vestia o avental de cirurgião.

«Ultimamente era elle, para nós cirurgiões, o que para os militares é um chefe do estado maior, que imagina, estuda, prepara, mas não executa as batalhas; um consultor, um preceptor, um guia, um collaborador intelligente, dedicado e experimentado, sem inveja, sem rivalidade, sem fins mercantis, sempre dedicado para com os doentes, sempre leal para com os collegas.»

— São do notavel medico occulista, Dr. Julio Szymanski, as seguintes palavras:

« . . . . Chegando ao Brasil, necessitava legalisar alguns documentos no Rio de Janeiro e, sendo um extrangeiro, naturalmente teria certas difficuldades a vencer, principalmente por não conhecer a lingua do paiz. Logo ao desembarcar encontrei Reynaldo, que disse-me: «Vamos ao Grande Hotel, lá estão todos os paranaenses e assim ficará familiarisado.»

«Convidou-me a jantar na mesa de sua familia, apresentou-me aos outros filhos do Paraná e com seus bondosos conselhos, sempre sorridente e amavel, auxiliou-me em tudo.

«Desde esse encontro, que não posso esquecer, comecei a amar, em sua pessoa, a terra e o povo brasileiro.

«Sempre que nos encontravamos na vida profissional, deparava eu mais motivos para estimar, atravez de sua destacada figura, a nobre classe medica deste paiz.

«Certa vez fui honrado com a visita de Reynaldo e de sua familia no Sanatorio que mantenho em Araucaria.

«Lembro-me que passeiamos juntos por entre as plantações de eucalyptos e cyprestes.

Era elle um amador apaixonado da Natureza, e tão bem falou sobre a flora do Brasil, com tantos detalhes technicos, que me admirei de ver nesse medico um grande naturalista.

«O destino me obrigou a percorrer, no exercicio da profissão, diversas regiões do globo — na America, Europa e Asia. Recordando-me do convivio que tive com os collegas, tenho a satisfacção de dizer que de nenhum guardo lembrança tão viva, tão carinhosa, tão agradavel, como desse estimado amigo e competente profissional que a morte acaba de nos roubar.

«Bem merece o reinado da gloria quem neste mundo só teve amigos!»

6-2 Maria Izabel Virmond teve do primeiro matrimonio:
- 7-1 Dr. Eduardo Virmond Lima, nascido a 28 de Dezembro de 1887, medico de nomeada, residente em Curityba, casado com Izarina Granemann Virmond Lima, filha de Messias Granemann e de sua mulher Carolina Granemann.
  Filhos:
  - 8-1 Reynaldo.
  - 8-2 Renato.
- 7-2 Braulio Virmond de Oliveira Lima, nascido a 28 de Julho de 1889, Guarda-Livros e socio da firma industrial David Carneiro & Cia. desta praça. Casado com Aurea Pessôa Virmond Lima, filha do Dr. Benjamim Americo de Freitas Pessôa e de sua mulher Constança de Faria, filha do Dr. Joaquim de Almeida Faria Sobrinho e de sua mulher Joaquina Faria.
  Filhos:
  - 8-1 David Benjamim.

- 8-2 Maria.

6-2 Do segundo matrimonio teve:
- 7-3 Reynaldo Machado Filho, academico de medicina, nascido a 25 de Janeiro de 1908.

6-3 Nestor Virmond, casado com Lina Richter Virmond. Filhos:
- 7-1 Eduardo, fallecido.
- 7-2 Ottilia Virmond Olsen, casada com Luiz Olsen.
- 7-3 Elvira Richter Virmond, diplomada pela Escola Normal.
- 7-4 Eduardo Richter Virmond, commerciante.
- 7-5 Leonor Richter Virmond Leitão, casada com o Dr. Oscar Leitão.
- 7-6 Leony Richter Virmond.

6-4 Eduardo Virmond Filho, fallecido, foi casado com Balbina Guimarães Virmond.
Teve o filho unico:
- 7-1 Eduardo Guimarães Virmond, casado com Aracy Macedo Rocha Virmond, filha de Herculano Alves da Rocha e de sua mulher Laurinda de Macedo Rocha, adiante descriptos.

6-5 Ovidio Virmond, casado com Josepha Westphalen Porto Virmond. Filhos:
- 7-1 Nicanor.
- 7-2 Arnaldo.
- 7-3 Lourenço.
- 7-4 Pericles.

NOTA. — De Frederico Guilherme Virmond e de sua mulher Izabel de Andrade, nasceram os seguintes filhos:
1 — Maria Luiza Virmond Supplicy, casada com João Francisco Supplicy, natural de Toulouse.
2 — Carolina Amalia Virmond Marcondes, casada com Manoel Marcondes de Sá, filho de Domingos Ignacio de Araujo.
3 — Frederico Guilherme Virmond, casado com Maria do Belém, filha de Manoel Mendes de Araujo.
4 — Sophia Mariana Virmond, casada com João de Almeida Queiroz, de Sorocaba
5 — Emilia Virmond Taques, casada com Francisco Xavier Taques Alvim, de S. Paulo.
6 — Eugenio E. Virmond, casado com Leonor Taques
7 — Gustavo A Virmond, casado com Luiza Schel
8 — Eduardo Alberto Virmond, casado com Lourença Francisca de Assis Virmond.
9 — Esther Virmond, casada na Colonia.
10 — Leonor Virmond, casada na Colonia.

7-5 Levy.
7-6 Therezio.
7-7 Saulo.

6-6 Carolina, fallecida em criança.

6-7 Nestor, fallecido em criança.

6-8 Paulina Virmond Carnasciali, casada a 11 de Julho de 1904 com Olivo Carnasciali, negociante e industrial desta praça; foi Deputado Estadoal no biennio de 1916 á 1917, filho de Antonio Carnasciali e de sua mulher Angelina Ciola Carnasciali, naturaes da Italia (1).

(1) Tiveram Antonio Carnasciali, proprietario e capitalista, e sua mulher Angelina Ciola Carnasciali, já fallecida, além do filho Olivo Carnasciali, acima descripto, mais os seguintes: (Por informações.)

1 — Diomira Carnasciali Grisólia, viuva de Braz Grisólia, natural da Italia e que foi commerciante em Curityba.
Teve o filho unico:
a) Normando Grisólia, commerciante, casado com sua prima Annunciata Grisólia, filha de Angelo Grisólia, já fallecido, e de sua mulher Angela Grisólia.
Teve:
1 b) Alceu.

2 — Colombina Carnasciali da Costa, casada com o Major Manoel Cyriaco da Costa, natural de Antonina, proprietario e commerciante em Curityba, filho de José Miguel da Costa e de sua mulher Marinha Pedrosa da Costa.
Teve:
a) José Colombino da Costa, guarda livros, nascido em Paranaguá, casado com Maria Christina Macedo da Costa, adiante descriptos neste volume.
Teve:
1 b) Aimée.
2 b) Edmée.
b) Dr. Carlos Osborne da Costa, medico illustrado e estudioso, possuindo importante gabinete radiologico de grande efficacia nos diagnosticos de molestias dos orgãos internos, em Curityba.
c) Dr. Manoel Bernardino da Costa, medico veterinario do Exercito.
d) João Damasceno da Costa, estudante.
e) Heliodoro da Costa, estudante
f) Marilia da Costa
g) Judith da Costa.
h) Calliope da Costa, estudante da Escola de Pharmacia da Universidade do Paraná

3 — Henriqueta Carnasciali de Oliveira, casada com Benjamin Lucas de Oliveira, natural de S. Catharina, filho de José Estevam de Oliveira e de sua mulher Carolina Carvalho de Oliveira.
Teve:
a) Carolina Angelina de Oliveira Gomes, casada com o Dr. Paulo de Almeida Gomes, nascido em Cananéa, filho de . . . de Almeida Gomes e de sua mulher Izabel de Almeida Gomes.
Teve:
1 b) Luiz Gonzaga.
2 b) Bartyra.

Filhos:
7-1 Marina Virmond Carnasciali, casada a 10 de Abril de 1926 com Carlos Breithaupt, empregado no commercio, filho de Theodoro Breithaupt e de sua mulher Anna Furtado.
7-2 Tito Livio, empregado no commercio.
7-3 Lourença.
7-4 Ruy.

4-4 Izabel Lustoza de Andrade, filha de 3-1, casada com Manoel Lobo da Silva Passos.
Filha unica:
5-1 Izabel, fallecida solteira.

4-5 Balduina Lustoza de Andrade, filha de 3-1, casada com seu cunhado Manoel Lobo da Silva Passos por morte de sua irmã Izabel, 4-4 acima.

b) Diomira Avellina de Oliveira Guérios, casada com Sezefredo Pacheco Guérios, commerciante em Curityba, filho de José Antonio Guérios e de sua mulher Sarah Pacheco Guérios.
Teve:
1 b) Aglaé.
c) Antonio Estevam de Oliveira, commerciante.
d) Maria da Graça.
e) Laura.

4 — Humberto Carnasciali, commerciante em Curityba, casado com Ellen Westermann, filha do Dr. Carlos Westermann e de sua mulher Bertha Westermann.
Filhos:
a) Rubens, estudante.
b) Isolda
c) Arnaldo.
d) Carlos Celso.

5 — Aurora Carnasciali da Costa, casada com João Soriano da Costa, commerciante, residente em Curityba, filho do Coronel Domingos Soriano da Costa, Deputado Estadual e capitalista, e de sua mulher Maria Joanna da Costa, já fallecida.
Teve:
a) Nelson.
b) Linneu.

6 — Herminia Carnasciali Nociti, casada com João Nociti, natural da Italia, filho de José Nociti, fallecido, e de sua mulher Lecticia Nociti.
Teve:
a) José.
b) Francisco.

7 — Nery Antonio Carnasciali, industrial na cidade da Lapa, casado com Elvira Lima Carnasciali, filha de Antonio Lima e de sua mulher Sidonia Lima.
Teve:
a) Daisy.
b) Doris.
c) Dercy.

Filhos:

5-1 Balduina Maria Lustoza Lobo Passos, casada a 19 de Abril de 1838 em primeiras nupcias com seu tio Fernando Lustoza de Andrade, filho natural do Sargento-Mór Ignacio Lustoza de Andrade.
Casada em segundas nupcias com Joaquim José de Sant'Anna.
Teve do primeiro matrimonio:
6-1 Manoel Lobo de Andrade, que falleceu em estado de solteiro.
6-2 João Lobo, fallecido solteiro.
6-3 Ignacio Lobo, fallecido solteiro.
Do segundo matrimonio teve 5-1 os seguintes filhos:
6-4 Maria das Dôres, fallecida solteira.
6-5 Sebastião de Sant'Anna Lobo, importante negociante e capitalista. Homem geralmente estimado e considerado; por vezes representou a sua cidade de natal — Paranaguá — no Congresso Legislativo do Paraná. Foi casado em primeiras nupcias com Josephina Pereira da Costa Lobo, filha do Major Commendador Antonio Pereira da Costa e de sua mulher Hyppolita Pereira Alves da Costa. Neta pela parte paterna do Capitão-Mór Manoel Antonio Pereira e de sua mulher Leocadia Antonia da Costa Pereira; por esta, bisneta do Sargento-Mór Manoel Antonio da Costa Nogueira e de sua mulher Maria Clara de Assumpção; neta pela parte materna do Capitão Antonio José Pereira e de sua mulher Anna Maria Alves; por elle, bisneta de Antonio José de Magalhães e de sua mulher Marianna de Oliveira, naturaes de Ribeiros, comarca de Guimarães-Braga-Portugal. Por Anna Maria Alves é bisneta de Manoel José Alves e de sua mulher Seraphina Rodrigues Ferreira. Casado em segundas nupcias com Maria José Fonseca Lobo, filha de José de Barros Fonseca e de sua mulher Maria da Luz Gonçalves dos Santos. Em terceiras nupcias foi casado com Ernestina Loureiro, viuva de Luiz Braga de Carvalho.

Teve do primeiro matrimonio o filho unico:

7-1 Antonio de Sant'Anna Lobo (Tonhá), casado com Thessalia Branco Lobo, filha de Victor Alves Branco e de sua mulher Edeltrudes de Siqueira Branco; neta pela parte paterna do Coronel Romão Rodrigues de Oliveira Branco, casado em Antonina, a 18 de Setembro de 1858, e fallecido em Curityba a 8 de Setembro de 1917, e de sua mulher Anna Balbina Alves Branco; neta pela parte materna do Capitão Caetano de Souza Pinto e de sua mulher Brigida de Souza Pinto. Pelo Coronel Romão Branco é bisneta de Manoel Rodrigues de Oliveira Branco, nascido em 1803, e de sua segunda mulher Thereza Ansuateguy, natural de S. Miguel-Uruguay. Vêr Genealogia Paulistana, volume 1.º, fls. 453, os ascendentes em 7-1, in fine. Por Brigida de Souza Pinto é bisneta do Coronel João Manoel da Cunha — o velho —, natural de S. Paulo.
Teve:
8-1 Victor Branco Lobo, nascido em 1909, academico.

Do segundo matrimonio teve 6-5 os seguintes filhos:

7-2 José Fonseca Lobo (Zézito), casado com Laura Pereira de Azevedo, 8-3 de 7-3. Titulo Rodrigues de França.
Filhos:
8-1 Maria Domitilla.
8-2 Nelly.
8-3 Eglée.
8-4 Jorge.
8-5 Ivone.

7-3 Maria da Luz Lobo, casada com Arcezio Guimarães, 8-3 de 7-3, deste Titulo.
Filhos:
8-1 Erasto.
8-2 Maria José.
8-3 Noel.

7-4 Dr. Joaquim da Fonseca Lobo, advogado, residente em Ponta Grossa, casado com Diahir Souza, filha do Coronel Herculano Franco de Souza e de sua primeira mulher Francisca Macedo.

Filhos:
8-1 Ninon.
8-2 Glacy.

7-5 Fernando da Fonseca Lobo, casado com Dometilla Camargo, filha de Affonso Camargo Penteado e de sua mulher Ernestina Pereira Camargo.
Filhos:
8-1 Regina.
8-2 Mary.

7-6 Djahir da Fonseca Lobo, casada com o Capitão do Exercito F. Adriano Saldanha Mazza, filha do Capitão Adriano Catão Mazza e de sua mulher Henriqueta Saldanha Mazza.
Teve:
8-1 Arnoldo.
8-2 Aroldo.
8-3 Ivan.

4-6 Rita Maria Lustoza de Andrade Negrão, filha de 3-1, nascida a 15 de Outubro de 1807 e fallecida em 28 de Fevereiro de 1870; sendo casada a 11 de Setembro de 1828, em Curityba, com o Capitão João de Souza Dias Negrão — o velho — nascido em Maio de 1789, em Fermelã-S. Miguel, do conselho de Estarrego, bispado de Aveiro, Portugal, e fallecido em Curityba a 28 de Setembro de 1866.
Ainda muito jovem emigrou para o Brasil, aportando em S. Salvador, Bahia, onde se estabeleceu de sociedade com um seu amigo e companheiro de viagem chamado — Fulano de tal Negrão, o que deu origem a ter elle adoptado esse appellido, devido ser a sua casa commercial conhecida por: A casa dos — Negrãos.
Seu pai, João de Souza Dias, era proprietario de um navio que navegava para as Indias, onde elle negociava; n'uma dessas viagens naufragou o navio, perdendo toda a carga e perecendo toda a tripulação, inclusive elle e seu filho Domingos.
Esse facto cauzou tal abalo em sua mãi Joanna Dias,

que poucos dias apoz a morte tragica de seu marido, succumbiu de desgostos, deixando 3 filhos menores: João, Anna e Antonio, dos quaes o primeiro veio logo depois para o Brasil, ficando os demais em Fermelã, onde se casou Anna, ignorando-se a sorte de Antonio. Da Bahia passou o Capitão João de Souza Dias Negrão á Paranaguá, onde aportou a 7 de Junho de 1814 e foi negociante e exportador de madeiras e betas. Alli se casou em primeiras nupcias a 3 de Outubro de 1815 com Onistarda Maria do Rosario, fallecida a 7 de Maio de 1826, filha de Angelo Custodio de Sampaio e de sua mulher Francisca.
Foi um dos primeiros beneficiadores de herva-matte no Estado, cujo serviço era feito em pilões, por braço escravo. Depois passou a residir em Morretes, onde continuou com o mesmo ramo de negocio. Em 1834 ou 1835, transferiu sua residencia para Curityba, onde se estabeleceu na Praça do Mercado, hoje Praça Municipal, em frente ao actual Palacio da Municipalidade, com negocio de fazendas, armarinhos, seccos e molhados, fazendo construir um Engenho de beneficiar herva-matte movido a força hydraulica, cuja propriedade pertence hoje aos herdeiros do Coronel Joaquim Ventura de Almeida Torres, na Praça Senador Correia.
Teve regular bens de fortuna e foi um dos principaes homens de Paranaguá e Curityba; por seus multiplos affazeres commerciaes recuzou sempre aceitar cargos da governança; comtudo exerceu os de Juiz Ordinario, Camarista em Paranaguá e Commissario de policia de Curityba, em cujos cargos se houve com intelligencia, zelo e justiça. Gozou de muita estima e consideração. Foi modelar chefe de familia e foi homem de grande valor moral, de energia ferrea e caracter inquebrantavel. Nos ultimos annos de sua vida, teve a desventura de ficar cégo e hydropico, o

que fez com que terminasse os seus dias pobremente e soccorrido por seus filhos João e Ricardo que, no verdor dos annos tiveram a sagrada missão de velar por seus irmãos, quasi todos creanças ainda então e de sustentar os seus velhos Paes, encargos estes de que nobremente se desempenharam.

De seu matrimonio teve 4-6 onze filhos:

5-1 Capitão João de Souza Dias Negrão, que foi casado com Maria Francisca da Luz Negrão, filha do Capitão Manoel Cordeiro Gomes e de sua mulher Maria Francisca da Luz Gomes, com ascendentes descriptos em 5-5 de 4-5 de 3-2 do Cap. 2.º, § 1.º, do Titulo Rodrigues de França, 3.º volume desta Obra.

O professor Lindolpho Pombo em seu livro didactico «Leituras Progressivas», edição de 1902, referindo-se a meu Pai o Capitão João de Souza Dias Negrão, de quem publicou o retrato, diz:

«Exerceu muitos empregos de nomeação do Governo e de eleição popular, taes como: Collector da cidade da Lapa, Secretario da Instrucção Publica, Official da Secretaria do Governo da Provincia, Administrador da Barreira do Itararé, Tabellião de notas desta Cidade de 1852 a 1853, Inspector Parochial na Villa do Porto de Cima, Deputado á Assembléa Provincial, Administrador da Barreira da Gracioza, cargo em que foi aposentado e varios outros, desempenhando-os sempre com muita hombridade, solicitude e patriotismo.

«Alma nobre, homem de caracter diamantino e dotado das mais santas virtudes civicas, o Capitão João de Souza Dias Negrão, era geralmente estimado e respeitado em todo o Paraná pelo seu nobre coração, pelo seu sincero patriotismo e pelos relevantes serviços que prestou á sua terra, serviços que a Camara Municipal de Curityba relembra com o seu nome dado a uma das mais importantes ruas da Capital.

«Um dos factos mais importantes de sua preciosa existencia foi tomar sobre os seus debeis hombros, pois tinha apenas 15 annos de edade, o nobilissimo encargo de velar pela familia, aliás numerosa, em consequencia de ter ficado cégo o seu digno Pai. . .

«Politico moderado, justo e generoso, muito influio na Politica da Provincia, onde foi um dos membros proeminentes do extincto Partido Conservador.

«Falleceu a 2 de Abril de 1887, sendo a sua morte muito pranteada, tal era a consideração e alta estima de que gozava entre os seus compatriotas pelos nobres sentimentos que tanto o distinguiram como um dos mais bellos caracteres de seu tempo.

«Foi um filho exemplar, um esposo digno, um pai amantissimo, um irmão dedicado e um amigo leal.

«Que a mocidade saiba seguir pari-passo os exemplos fecundos e proveitosos daquelle grande coração.»

— Meu Pai, referindo-se a sua chegada a Curityba, para onde veio de mudança de S. João da Gracioza, disse, em uma pagina de seu livro de lembranças:

«Cheguei em Curityba com toda a familia, em 31 de Janeiro de 1884, ás 3 horas da tarde, tendo tido a noite em minha casa uma esplendida manifestação a que assistio quasi todo o partido Conservador da Capital e Amigos Liberaes.»

— A «Gazeta Paranaense», numero 289, de 1.º de Fevereiro de 1884, assim se refere a sua chegada á Curityba:

«Distincto Amigo.

«Acha-se entre nós, de mudança, o nosso distincto Amigo o Capitão João de Souza Dias Negrão, que aqui chegou hontem com

sua Exma. familia. Digno de todo o apreço e gozando de estima geral, pelo seu elevado caracter e nobres sentimentos, foi o illustre hospede recebido com um acolhimento que patenteou a sympathia e muita estima que lhe votão numerosos amigos. Hontem á noite grande numero de pessoas acompanhadas de uma banda de musica, foram cumprimentar o prestigioso e honrado Cidadão, á casa de sua residencia onde se achavam reunidas muitas familias. Depois de haver o Snr. Miguel Schleder proferido uma bonita allocução bem expressiva dos sentimentos de amizade que aquella reunião significava, foi servido um copo d'agua em que se levantarão diversos brindes ao nosso Amigo, como exemplar chefe de familia, cidadão honestissimo e leal correligionario politico. Os Snrs. Drs. Manoel Euphrasio Correia e Faria Sobrinho, dirigiram-lhe lisongeiras expressões; e tambem fallaram com enthusiasmo os Snrs. Major Menezes, João Manoel da Cunha Sobrinho e outros. Finalisou-se essa amistosa festa com uma improvisada, mas muito animada soirée. Felicitando ao nosso bom Amigo pela merecida manifestação de apreço que acaba de receber, fazemos votos pela sua permanencia entre nós.»

— Bem curta foi a sua permanencia em Curityba, pois, apenas eram decorridos 3 annos, a morte veio surprehendel-o, fallecendo a 2 de Abril de 1887, aos 53 annos de edade!

O «Dezenove de Dezembro», orgam do Partido Liberal do Paraná, em seu numero 76 de 4 de Abril de 1887, assim noticia a sua morte:

«O Snr. João de Souza Dias Negrão.

«Após longos dias de graves padecimentos, causados por molestia rebelde que zombou de todos os recursos medicos, rendeu a alma ao Creador, ante-hontem, ás 9 horas da noite, e baixou hontem ao tumulo, o estimado cidadão Snr. João de Souza Dias Negrão, chefe de numerosa e respeitavel familia e ornamento de virtudes. Exerceu o finado diversos cargos publicos provinciaes, sendo o ultimo o de administrador da barreira da Graciosa, no qual aposentou-se.

«Como homem particular era um modelo de dedicação á familia e aos amigos, de uma affabilidade rara para com todos com quem tratava, de sentimentos nobres e de um desinteresse pouco vulgar.

«Como homem politico, conservador decidido e intransigente, desde sua juventude, era de uma dedicação sem limites ao seu partido, que a ninguem mais do que a elle devia aturados e relevantes serviços; sem, comtudo, esquecer jamais os deveres de urbanidade e consideração para com os adversarios, que lhe retribuiam com o trato attencioso que lhe deviam.

«A estima de que gozava foi demonstrada em seu enterro, um dos mais concorridos que se tem visto nesta capital.

«A' sua desolada esposa, aos seus extremosos irmãos e á toda consternada familia do finado, enviamos as nossas condolencias.»

— A Camara Municipal de Curityba em signal de pezar pelo seu fallecimento, approvou a seguinte indicação:

«Indicamos que esta camara officie á Exma. Familia do finado Capitão João de Souza Dias Negrão, significando profundo pezar pela sua prematura morte. — Sala das sessões, 11 de Abril de 1887. — A. Ricardo do Nascimento — Tobias de Macedo — José de Freitas — José Pinto — Eugenio Bendazeski. — Approvada. — Indicamos que se denomine «Rua João Negrão» a actual «Rua Rio Paraná» como prova do grande

apreço em que é tido na Provincia o nome desse illustre finado. — Sala das sessões, 11 de Abril de 1887. — A. Ricardo do Nascimento — Tobias de Macedo — Guilherme Xavier — Eugenio Bendazeski — José Carvalho — João Pinto — Freitas. — Approvada.»

— A sua familia recebeu uma serie infinita de manifestações de pezar, quer pessoaes, quer em cartas e telegrammas, não só de todo o Estado, como de fóra delle. O meu tio Manoel Negrão, em seu livro de memorias de familia, referindo-se á morte de meu Pai, diz:

« . . . . Como o maior desastre para toda a familia, falleceu elle no dia 2 de Abril de 1887, de uma — diabetes — ou do coração. «Foi-nos pungente este tristissimo acontecimento. Nada podia ferir-nos mais a alma. Chefe de toda a familia, elle teve em sua vida um principio revelador de sua grande alma, de sua entidade humana que sobrevive sem macula, na mais pura intenção e desinteresse: Esta qualidade em si peculiar, que fazia o apanagio do seu precioso ser, grande e elevadissimo pelo caracter, dos mais sãos conhecimentos, onde a honestidade formava com toda essa grandeza bondosa de cavalheiro perfeito, um conjuncto de attracção sincera para os seus coevos. Nem mais alto podia se encarar um homem no mundo, tomado por este lado da communidade da vida. Elle possuia de sobra aquillo que mais distingue o ser humano: o caracter, a honra e o exemplo da affeição, do puritanismo como chefe de familia, como bom amigo, desinteressado e bom cidadão. Elle e o meu irmão Ricardo Negrão, foram o arrimo dos nossos Pais e de todos os nossos irmãos e parentes. Forte e alegre, elle animava, dava forças áquelles que o pro-

curavam. Caridoso em extremo, não podia ver o soffrimento alheio que não procurasse dar um lenitivo. Para se calcular da estima que gozava, da grande consideração em que era tido na sociedade, basta dizer que foi o seu enterro o mais concorrido que se presenciou em Curityba até hoje 2 de Abril de 1892.»

Esta opinião era a de todos os irmãos e de toda a familia.

Temendo que houvesse nessas palavras, não direi exageros, mas, bondosas manifestações de amigos, sempre propensos a elogiar, muito principalmente ás pessoas já mortas; e como era eu muito criança ainda, por occasião da morte de meu Pae, desse vulto para mim tão venerando, julguei acertado ouvir a opinião de varias pessoas que o conheceram, formulando diversos quesitos, afim de que pelas respostas d'elles, podesse eu bem conhecer algumas particularidades da vida de meu Pae, pelo que resolvi me dirigir á alguns Paranaenses, seus contemporaneos, seus antigos correligionarios e mesmo a alguns adversarios politicos, solicitando delles que, com a maxima franqueza me informassem qual o juizo que formavam do caracter de meu Pae, quer como homem politico, quer como particular. Solicitando que me declarassem si conheciam factos de sua vida que o podessem desabonar, compromettendo-me previamente, em não discutir nem me molestar com essas declarações, por mais desfavoraveis que fossem. De todas as cartas que dirigi, em numero de 24, só não me foram respondidas 2 por motivos que ignoro; das demais darei um pequeno extracto dellas, como abaixo se vê:

«Seu Pae era um homem honesto e trabalhador. Como politico, militou sempre no Partido Conservador. Era um verdadeiro fidalgo em sua casa, tratando a todos que

passavam pela estrada da Gracioza, onde residia, com muita lhaneza. . .» (Do Coronel João Guilherme Guimarães.)

«Do seu caracter como homem politico, fiz sempre o melhor conceito, e nesse juizo sou insuspeito, pois tive nelle sempre um adversario intransigente, porem, muito leal, havendo militado no antigo partido Conservador, durante toda a sua vida, extincta ainda no regimen monarchico.

«Quanto ao seu caracter na vida particular, seu Pae foi sempre considerado como exemplar chefe de familia e merecedor do maior apreço dos seus amigos.

«Exerceu com muita competencia diversos cargos publicos, entre os quaes os de Escrivão da Collectoria desta Capital e Administrador da Barreira da Gracioza, havendo nelles prestado muitos serviços á Provincia que representou na Assembléa Provincal...» (Do Dr. Generoso Marques dos Santos.)

«Sempre ouvi fazerem-se as melhores referencias a respeito delle, quer como homem publico, quer como particular. . .

«Os meus Amigos Antonio e Manoel Negrão, seus irmãos, tinham por elle verdadeira idolatria. . . .» (Do Coronel Luiz F. França.)

«Como homem publico foi intransigente, e formo do seu caracter o melhor conceito. Militamos sempre em campos oppostos nas luctas eleitoraes; como particular considereio sempre um homem de bem. . .» (Do Coronel Romão Rodrigues de Oliveira Branco.)

«Foi no meu entender, um caracter digno, em toda a extenção da palavra. Si no nosso querido Paraná existissem tres homens da estatura moral do Capitão João de Souza Dias Negrão, outra seria a nossa situação actual...» (Do Snr. José Maximiano de Faria.)

«Regressava eu com minha irmã, nomeada professora desta Capital, por intervenção toda de seu bondoso Pae, que com sua influencia politica e grandes amizades conseguiu para ella a creação de uma 3.ª cadeira em que foi provida. Desde então fiquei conhecendo em seu Pae o predominio de sentimentos affectivos e a largueza de sua caridade e philanthropia. Homem operoso e intelligente, vivia em uma esphera elevada de verdadeiras sympathias. Era esforçado partidario conservador e convivia com o pessoal mais elevado do mundo politico, sendo igualmente muito apreciado por seus adversarios. Prevalecia-se de suas relações politicas ou pessoaes, para fazer o bem. . . . Conhecido em todo o Paraná e mesmo fóra, era um symbolo na pratica de beneficios. Quando em 1887 fomos levar o seu caixão, acompanhado de enorme multidão, para o cemiterio, lembro-me bem ter ouvido ao Commendador Antonio Martins Franco, estas palavras: «Talvez aqui não vá uma unica pessôa que não deva a este homem uma prova de hospitalidade.» Com franqueza natural dizia á quem passava em sua porta, em «S. João da Graciosa»: «Apeie-se, venha descançar um pouco, tomar um café ou comer alguma cousa; passará mal, mas, viajará melhor.» Todos aproveitavam a hospitalidade do bondoso Paranaense. . . Sei que ao morrer deixou sua familia sem recursos, o que muito o teria affligido em seus ultimos momentos. . .» (Do Coronel João Eugenio Gonçalves Marques.)

«Exactor da Barreira da Gracioza, onde se conduzio por muitos annos, com a honorabilidade peculiar a seu caracter e real competencia, cumprindo fielmente as ordens emanadas de seus superiores hierarchicos, aco-

lhido pela sympathia geral e distinguido por seus numerosos amigos. . . Militou sempre nas fileiras do partido conservador, prestando poderoso e real concurso ao mesmo, com o seu valioso prestigio. As suas virtudes enalteceram o seu nome e immortalisaram a sua memoria. . .» (Do Coronel Jesuino da Silva Pereira Ribas.)

« . . . tive a ventura de conhecer seu Pae por apresentação dos finados e prestantes conterraneos Coroneis Mathias Taborda Ribas e Manoel José Correia de Bittencourt, que delle me transmittiram o mais lisongeiro conceito. Pouco cultivamos essas relações, porque algum tempo depois foi elle acommettido da molestia que o victimou, para cujo tratamento fui ouvido, já nos ultimos momentos, em conferencia medica. . .» (Do Dr. Victor Ferreira do Amaral.)

«A impressão que tive desse encontro com seu venerando Pae, foi muito agradavel e duradoura, reconheci nelle um homem chão, affavel e cheio de bondades. . . .» (Do Dr. Jayme Ballão.)

«Meu finado Pae sempre fallava nelle, dizendo que era um distincto Cidadão. . . .» (Do Coronel Manoel Euphrasio de Siqueira Cortes.)

«Conheci muito seu digno Pae e meu amigo saudoso Snr. João Negrão. Assisti-o como Medico, até os ultimos momentos de sua vida. Fui seu intimo. De nossas palestras faziam parte Mathias Taborda, Manoel Bittencourt, Joaquim Bittencourt, Manoel Elias, Dr. Manoel Euphrasio, todos já desincarnados e todos meus amigos intimos, muito embora fossem elles conservadores e eu liberal. Seu Pae foi conservador intransigente, co-religionario dedicado, sincero, sempre na vanguarda, quando seus serviços eram exigidos pelo seu partido. Chefe de familia exemplar, amigo leal e dedicado, não olhando nem medindo sacrificios. Verdadeiro, caridoso, altruistico, o seu cavalheirismo foi sempre proverbial. Hospitaleiro, justo, honesto e bom. Penso que deve orgulhar-se, meu bom Amigo, de ser filho do sempre lembrado João Negrão. . .» (Do Dr. Trajano Joaquim dos Reis.)

«Só tenho motivos para aureolar a memoria do illustre e proeminente membro da distincta familia Negrão. Como politico, vi-o sempre nas mesmas fileiras a que eu pertencia, sob a honrada chefia do inesquecivel e grande homem Dr. Manoel Euphrasio Correia. Sempre constante e leal ao seu partido. Exemplarissimo chefe de familia. . . . Coração aberto aos mais nobres sentimentos, foi modelo de Amigo. Sempre ouvi dizer-se: «O João Negrão foi um amigo como hoje é difficil encontrar-se», juizo que eu sou feliz em poder confirmar. . . .» (Do Commendador Alfredo Caetano Munhoz.)

«Fui seu collega no collegio do Professor Manoel Marques dos Santos. Foi bom filho, bom irmão, excellente amigo. Cumpridor de seus deveres com escrupulosa rectidão. . . Foi um exemplo vivo de honestidade, honrando esta patria Paranaense, e deixando um vacuo immenso aos seus conterraneos e amigos como eu que tenho delle saudosas recordações. . .» (Do Coronel Emilio Silveira de Miranda.)

«Não tive a honra de o conhecer pessoalmente, sei porem, por informações e tradicções, que foi elle um desinteressado servidor da Patria. . .» (Do Coronel Frederico Ernesto Virmond, de Guarapuava.)

« . . . . . as particularidades que sei a seu favor, são innumeras. Quando tive noticia

de seu fallecimento, soffri um rude golpe, e por essa occasião escrevi um artigo, o qual sei que ainda existe em poder do meu velho e particular amigo Ricardo de Souza Dias Negrão. Procure o amigo obter uma copia, e nesse trabalho encontrará melhor do que tudo o que eu agora pudesse dizer, subsidio para a investigação por demais louvavel que deseja fazer. . .» (Do Coronel Antonio Ribeiro de Macedo, de Antonina.)

« . . . . . conheci-o como membro proeminente do Partido Conservador, formando ao lado dos eminentes Chefes politicos, Exmos. Snrs. Visconde de Nacar e Dr. Manoel Euphrasio Correia, com aquella autoridade que lhe davam o seu caracter franco e leal e o largo prestigio politico de que dispunha no Paraná. Figura de maior destaque na sociedade, por sua bem cultivada intelligencia, caracter immaculo e coração bem formado. Fez honra á sua terra e á sua respeitavel Familia. . .» (Do Coronel Theodorico Julio dos Santos.)

«Chefe de familia exemplar . . . correctissimo e honesto funccionario publico. Harmonisava os interesses do fisco com o das partes, facilitando á estas quanto possivel, pelo que era tão estimado. Hospedava a todos com o mais fidalgo cavalheirismo e satisfação.

«Os paranaenses só podem dizer bem delle, tecer louvores á sua memoria, pois, homens de sua envergadura, já não são communs, as virtudes civicas vão se apagando á olhos vistos, e esta é a razão porque devemos ter saudades dos homens que as possuiram, como seu Pae. . .» (Do Coronel Eduardo Virmond.)

«Formei sempre de seu caracter o melhor juizo que se pode fazer de um homem honrado, leal, justo e bom. . .» (Do Coronel José Francisco de Oliveira Marques.)

«Comprehendo bem o que se passa em seu espirito, em relação a seu Pae, á memoria de quem deve votar justa e profunda veneração . . . . lembro-me bem que, vindo do Rio em 1869, estive com elle na Barreira da Gracioza, onde tratou-me como cavalheiro . . . . era elle considerado o Chefe da Familia Negrão e os seus correligionarios o tinham em evidencia. . .» (Do Dr. Emydio Westphalen.)

« . . . . . tive a fortuna de conhecer o seu digno Pae . . . . privei quasi intimamente com elle. Nada conheço que lhe possa deslustrar a memoria como homem politico. Honestissimo. As suas qualidades de homem particular e de chefe de familia (não faço mais do que reflectir a opinião geral daquelle tempo) eram as mais nobres e excellentes. . .» (Do Snr. José Francisco da Rocha Pombo, do Rio.)

«Tive a grata satisfação de conhecer o meu saudoso Amigo Capitão João de Souza Dias Negrão, desde a minha infancia e sua adolescencia, durante o longo periodo de 38 annos, que decorre desde 1849 até a sua morte em 1887, onde pude devidamente apreciar o seu caracter diamantino, a sua natural e robusta intelligencia, aprimorada por variados conhecimentos, conseguidos por esforços proprios, com a leitura de bons livros que, com a rara faculdade de assimilação que possuia, o tornaram um homem culto e de valor no nosso meio social. O seu cavalheirismo, unido a natos sentimentos altruisticos, tocava ás raias da abnegação; a sua bolsa estava sempre aberta aos que della careciam, e aos desherdados da fortuna, por isso, não obstante o labutar

constante, não só como funccionario publico distincto, com bons vencimentos, como depois industrial activo e intelligente, não poude accumular capital. Bom filho e irmão, teve que dedicar desde cedo todo o resultado do seu trabalho á manutenção da familia, porque o seu Pae, que foi um negociante honrado, teve a infelicidade de ficar cego, quando os filhos eram todos pequenos, tendo o mais velho dos varões que era o João Negrão, talvez 16 annos de edade. A estagnação dos lucros de seu Avô pela cegueira, as viagens para recobrar a vista, que não conseguio, e todo o cortejo de despezas inherentes a casos taes, collocaram seu Pae na contingencia de tornar-se prematuramente homem, para poder enfrentar a embaraçosa situação da sua numerosissima familia. Não esmoreceu. Entrou aos 16 annos na vida e na luta sem treguas, que a sorte lhe tinha reservado. Mais tarde teve como collaborador o seu dilecto e digno irmão, meu particular amigo Ricardo Negrão, mas este que era 2 annos mais moço, o que poderia fazer nesta conjunctura? Para ambos a luta foi colossal, o trabalho herculeo. Mas triumpharam brilhantemente. . . . E' um exemplo raro de devotação á familia, digno de ser imitado . . . . teve a felicidade de ver correspondido os seus desvellos, pela esposa carinhosa e virtuosa, sua collaboradora na titanica luta. . . . Pertencia eu a mesma aggremiação politica e militavamos juntos, mantendo-se sempre elle com muita hombridade e como companheiro de lutas, tive a felicidade de conhecer-lhe a absoluta lealdade e a inteiresa de seu caracter. Não obstante o seu valor, era modesto e abnegado, por isso, com quanto chefe prestigioso, não aspirava posições de destaque, para

as quaes não lhe faltava competencia, aceitando apenas, por condescendencia para com os Amigos, o mandato de Deputado Provincial, que desempenhou magistralmente. . . Quanto patriotismo não albergava aquelle peito, e quantos serviços á causa publica e á humanidade não prestou elle no decorrer de sua existencia? Foi um benemerito. Eis a recordação saudosa que conservo de seu Pae e meu dedicado Amigo, cuja memoria está indelevelmente gravada em meu coração. . .» (Do Commendador José Ribeiro de Macedo.)

— Eis, o que pelo meu inquerito, consegui colher em Janeiro de 1914, relativamente á meu Pae. Não tive ao fazel-o, pretenciosa vaidade de ouvir elogios ao ente que tão caro me foi na vida, e que por sua morte prematura, envolveu-nos em eterna tristeza. Era meu desejo inteirar-me de factos que, os meus 16 annos impediram-me de conhecer.

O «O Itiberê», importante revista mensal, que Zenon Leite superiormente dirige, em seu numero 43, de Novembro de 1922, na sua «Galeria nobre», publica a seguinte biographia de meu Pae, escripta pelo Coronel Antonio Ribeiro de Macedo:

«João de Souza Dias Negrão.

«O Capitão João de Souza Dias Negrão, estimado industrial e politico paranaense, nasceu em Morretes, da quinta comarca de S. Paulo, depois provincia do Paraná, em 19 de Dezembro de 1833 e falleceu em Curityba a 2 de Abril de 1887, contando 54 annos incompletos de edade.

«Era filho legitimo do Capitão João de Souza Dias Negrão, natural de Portugal e que fôra negociante em grosso de fazendas e armarinho, e tambem de madeiras, e de D. Rita Maria Lustoza de Andrade Negrão, perten-

cente a familia Lustoza, uma das mais importantes da quinta comarca de S. Paulo. Neto pela parte materna do Sargento-Mór Ignacio Lustoza de Andrade, (cuja biographia já publicamos), e de sua mulher D. Maria Catharina de Moraes Cordeiro.

«Ainda bem jovem, João Negrão foi ferido pela adversidade, tendo a desdita de ver ficar o seu velho Pae completamente cego e pobre.

«Manifestando desde então a energia que depois demonstrou em toda a sua vida, não desanimou: dedicou-se, com seu irmão Ricardo Negrão, outro bello caracter, que ainda existe, (o respeitavel paranaense Snr. Major Ricardo de Souza Dias Negrão falleceu em Curityba, aos 87 annos de edade, a 1.º de Outubro de 1921), ao funccionalismo publico e com os escassos vencimentos dos empregos que lhes foi possivel obter, supportaram ambos com todas as despezas da familia.

«Muitos annos ainda viveu seu velho e honrado Pae depois que ficou privado da vista; ainda por mais tempo viveu sua Mãe idosa e enferma, porem nada faltou-lhes e nem ás filhas e filhos menores que compunham a familia, porque João Negrão e seu digno irmão a tudo proviam com solicito desvelo.

«João Negrão pois, foi um bom e excellente filho e irmão.

«Em 1860, é que teve esse cidadão occasião de mostrar melhor a inquebrantavel energia de seu caracter.

«Adepto convencido das idéas conservadoras, que para si constituiam uma segunda religião, viu-se collocado em uma contingencia verdadeiramente difficil: ou transigir com suas idéas e votar no Governo, ou ser demittido.

«A demissão tinha por consequencia a miseria, e esta tanto mais horrivel, quanto não o alcançava só e ia tambem affectar a seus amados Paes e a sua estremecida familia.

«Quantos outros, a não serem dotados de caracter espartano, não fraquearíam em semelhante emergencia?

«João Negrão, porem, e seu irmão e dedicado companheiro, ameaçado do mesmo golpe, não hesitaram levar á urna a cedula de seu partido, e foram immediatamente demittidos.

«Atravessaram os dias da provação com difficuldade, porem sempre com honra e dignidade; felizmente isto não durou muito, porque o Presidente que veio substituir aquelle que os havia demittido, apreciando a hombridade de caracter e nobreza de que haviam dado provas os dois irmãos, deu-lhes novos empregos.

«Passados alguns annos melhorou João Negrão de posição, sendo em primeiro lugar Escrivão e depois Administrador da barreira da Graciosa.

«Vendo a sorte sorrir-lhe mais propicia, vendo que aos vencimentos do emprego accresciam os lucros que lhe dava o fornecimento que fazia para os trabalhadores da estrada da Graciosa, nesse tempo em construcção, resolveu constituir familia e no dia 24 de Novembro de 1866 ligou-se pelos laços matrimoniaes a D. Maria Francisca da Luz Negrão, nascida no municipio de Antonina, a 24 de Julho de 1850 e filha legitima do Capitão Manoel Cordeiro Gomes e de sua mulher D. Maria Francisca da Luz Gomes.

«Por muitos annos desfructou as alegrias do lar, augmentado por alguns interessantes filhinhos e quatro irmãs que sempre se conservaram em sua companhia.

«Em 1877 foi aposentado no emprego que exercia de Administrador da barreira da Graciosa, transferindo então a residencia para a sua vivenda de S. João da Graciosa, occupando-se em beneficiar herva matte e em serviços da lavoura.

«Gozando de legitimo prestigio em seu partido, para cuja elevação grandemente concorreu, aceitou no biennio de 1874 a 1875 o cargo de membro da Assembléa Legislativa Provincial, que desempenhou com intelligencia e patriotismo, não tornando a occupal-o, apezar das instancias dos amigos, por retrahirem-o disso os seus habitos modestos.

«Posto que jamais se dedicasse a trabalhos litterarios, era dotado de robusta e clara intelligencia.

«Dotado de bom senso e de um juizo esclarecido e recto, sabia collocar as questões de modo a fazer logo co-participarem de suas opiniões os seus amigos.

«Deu sempre o exemplo do amor fraternal, no que teve plena retribuição da parte dos irmãos que o estremeciam.

«Como amigo, sempre foi leal e dedicado.

«Além deste attributo, uma das faces salientes de seu caracter, era a bondade inexhaurivel de seu coração.

«A sua casa era de todos, e proverbial era a fidalga hospitalidade que João Negrão, assistido pela esposa e dedicada companheira de sua vida, proporcionavam a todos os que naquelles tempos viajavam pela estrada da Graciosa.

«Nunca necessidade alguma chegou ao seu conhecimento que não fosse por elle soccorrida; nunca desvalido algum bateu á sua hospitaleira morada que não recebesse uma bôa esmola.

«Occupando um bom emprego, e tendo depois uma fabrica industrial que lhe augmentava os rendimentos, poderia ter reunido alguma fortuna para deixar á sua familia, mas o seu coração bondoso não o permittio e apenas lhe legou, o que é mais valioso, um nome honrado e respeitado.

«Nada guardou porque o dinheiro rolava-lhe pelas mãos, e sempre que via uma necessidade a attender, sempre que comprehendia que com o ouro podia fazer estancar uma lagrima, estava prompto a retirar o ultimo ceitil de seu cofre.

«Em 30 de Janeiro de 1884 mudou a sua residencia para Curityba para dar melhor educação e instrucção a seus filhos. Na capital o aguardavam novos soffrimentos, sendo o seu coração de Pae extremoso ferido com o fallecimento de seu filho João, de 10 annos de edade.

«Desde então não teve mais alegria; a doença começou a minar-lhe o organismo até que o prostrou sem vida a 2 de Abril de 1887.

«Geral foi a consternação que se manifestou pelo infausto acontecimento.

«E' que homens destes, são raros, e por isso todos os jornaes, mesmo os do partido que lhe era adverso, teceram longas e sentidas necrologias homenageando a sua memoria.

«O sahimento de seu corpo para o cemiterio teve um acompanhamento de tal forma numeroso, como talvez não se tenha visto em Curityba.

«A Camara Municipal da Capital deu o nome de «João Negrão» a uma das ruas da cidade, aquella na qual até agora reside a digna viuva, que só conta para suavisar-lhe os longos annos de saudosa viuvez, os ex-

tremos e os carinhos de seus distinctos filhos. (Infelizmente a minha Mãe falleceu a 9 de Dezembro de 1923, aos 73 annos de edade.)

«Dos filhos que ficaram do casal, só existem: Francisco de Paula Dias Negrão, capitão honorario do exercito por serviços prestados durante a revolta de 1893—1894, casado com D. Astrogilda Serra de Sant'Anna Negrão; é um estudioso e intelligente investigador das cousas passadas e por meio de pacientes trabalhos e exame nos archivos, tem conseguido reunir valiosos subsidios para a nossa historia.

«D. Esther da Luz Negrão, professora diplomada pela Escola Normal e casada com seu primo capitão Ricardo Negrão Filho.

«Exerceu João Negrão diversos empregos, nos quaes teve occasião de prestar inestimaveis serviços ao Estado e ao paiz, sendo:

«Em 1852, contando 19 annos de edade, escrivão do Juiz Municipal de Curityba.

«Nesse mesmo anno foi nomeado 2.º Tabellião de Notas de Curityba.

«A 15 de Março de 1855 foi nomeado interinamente administrador da agencia de Itararé e transferido, a pedido, para Collector da Villa do Principe.

«A 9 de Junho de 1854 foi nomeado administrador interino da barreira do Rio do Pinto.

«Foi official da Secretaria do Governo a 27 de Agosto de 1856.

«Pediu demissão desse cargo a 9 de Março de 1857.

«Em Outubro de 1858 foi nomeado escrivão da Collectoria da Capital, que exerceu até 20 de Fevereiro de 1860.

«Logo depois foi nomeado Secretario da Repartição de Estatistica, sendo em 1863 addido á Secretaria do Governo.

«Em 9 de Junho de 1863 foi nomeado escrivão do Registro do Rio Negro, cargo que não chegou a exercer por haver sido nomeado, a 24 de Agosto de 1863, escrivão da Barreira da Graciosa.

«Em Janeiro de 1864, assumiu interinamente o logar de Administrador da Barreira, cargo para o qual obteve a nomeação effectiva, até aposentar-se em 1877.

«Depois de aposentado exerceu o cargo de Inspector Escolar de Porto de Cima, no qual prestou muitos serviços á causa da instrucção.

«Eis em resumo os feitos e a brilhante fé de officio do benemerito cidadão que em vida se chamou — João de Souza Dias Negrão.

Antonina, 13 de Dezembro de 1919.

(assignado) *Antonio Ribeiro de Macedo.*»

De seu matrimonio nasceram os seguintes filhos:

6-1 Francisco de Paula Dias Negrão, autor deste trabalho, Capitão honorario do Exercito por serviços de guerra prestados á Republica durante a Revolta da Armada, de 1893. Membro effectivo e 2.º Thesoureiro do Instituto Historico e Geographico Paranaense; Membro do Centro de Letras do Paraná e da Associação da Imprensa; Membro da Commissão Central — Secção de Historia — do Diccionario Historico e Geographico Brasileiro, nomeado pela Commissão Central Directora desse Instituto. Director do Boletim do Archivo Municipal de Curityba (publicação mensal official), do qual já foram publicados 23 volumes, com 100 paginas cada um. E' autor das «As minas de ouro da Capitania de Paranaguá» (1920); do estudo sobre o «Guarda-Mór Francisco Martins

Lustoza» (1917); da «A Conjura Separatista de 1821» (polemica amistosa — 1916); da «Memoria Historica Paranaense» (1925); tem no prelo a «Genealogia Paranaense», obra em 5 volumes, com cerca de 3000 paginas, da qual já appareceu o 1.º volume, com 625 paginas, estando o 2.º volume com sua composição typographica muito adiantada e os demais promptos para entrarem para o prelo. E' autor das «Ephemerides Paranaenses», publicadas no jornal «O Estado do Paraná», durante todo o anno de 1925, e que vae ser reeditada em um livro com cerca de 400 paginas. E' autor do «Esboço para a Historia do Paraná», trabalho inédito em 6 cadernos com mais de 600 paginas; bem como dos «Vultos notaveis do Paraná», trabalho que foi destinado ao «Diccionario Historico e Geographico Brasileiro», como contribuição do Paraná. E' empregado de Fazenda e dirige presentemente o «Armazem de Encommendas Postaes» de Curityba, (Secção aduaneira). Nascido a 13 de Agosto de 1871, em S. João da Graciosa, na antiga Barreira. Casado a 20 de Julho de 1895, na cidade de Paranaguá onde residia, com Astrogilda Serra de Sant'Anna Negrão que, efficazmente tem auxiliado ao autor desta Obra na confecção da «Genealogia Paranaense»; nascida na cidade do Rio de Janeiro, filha legitima do Dr. Antonio José de Sant'Anna, cuja biographia publicada no «O Itiberê», de Setembro de 1923, na sua «Galeria Nobre», abaixo transcrevemos; e de sua mulher Joanna Moreira Serra de Sant'Anna, filha do Major João Capistrano Moreira Serra e de sua mulher Umbelina dos Prazeres Ozorio.

Biographia do Dr. Antonio José de Sant'Anna.

«Natural da Cidade de Oeiras, então Capital da Provincia do Piauhy. Nasceu aos 15 de Fevereiro de 1838. Filho legitimo do Tenente Manoel José de Sant'Anna e de sua mulher Francisca Carolina de Faria, descendente das distinctas familias Furtado de Mendonça, Correia Lima e Alencar, do Ceará.

«Casado em Cuyabá, Estado de Matto Grosso, a 21 de Fevereiro de 1871 com Joanna Moreira Serra de Sant'Anna, natural de Cuyabá, filha legitima do abastado Fazendeiro Major João Capistrano Moreira Serra e de sua mulher Umbelina Ozorio Serra, ambos de alta gerarchia, pelo nascimento e trato.

«Pelo Major João Capistrano Moreira Serra é bisneta do Sargento-Mór Antonio Joaquim Moreira Serra e de sua mulher D. Maria Ignacia de Brito Serra.

«Por sua Avó D. Umbelina dos Prazeres Ozorio é bisneta do Tenente Coronel Albano de Souza Ozorio e de sua mulher D. Francisca da Silva Albuquerque.

«Falleceu em Curityba, a 20 de Agosto de 1923.

«Aos 6 annos de edade matriculou-se em uma escola de 1.as lettras, revelando logo a intelligencia promissora de que era dotado e que viria a demonstrar mais tarde nas innumeras commissões que com tanto brilho desempenhou e nos salientes cargos que exerceu com tanta dedicação e competencia.

Em 1854 foi admittido como collaborador na Thesouraria de Fazenda do Piauhy, já nesse anno funccionando na nova Capital — Therezina, accumulando esse cargo com o de auxiliar da Secretaria do Governo.

«Aperfeiçoou-se no estudo de latim, cuja lingua conhecia a fundo, repetindo até a pouco tempo, trechos inteiros de autores celebres que conhecia de cór. A sua predilecção porem, foi para o estudo da mathematica.

«A 23 de Maio de 1855 assentou praça voluntariamente no Meio Batalhão de Caçadores de Piauhy, sendo reconhecido soldado particular ou cadete. Logo em seguida foi nomeado Amanuense da sala de Ordens, em cujo emprego esteve até 27 de Outubro de 1856, quando partiu para a Côrte, onde chegou a 11 de Dezembro, sendo no mesmo dia empregado no Quartel General do Exercito.

«Em 1857 fez exames de preparatorios na Escola de applicação do Exercito.

«Cursou com brilhantismo a Escola Militar da Praia Vermelha e Escola Central do Exercito, então unificada á Escola Polytechnica, recebendo o gráu de engenheiro militar, sendo ainda praça de pret: Praça particular e 2.º Sargento.

«Por Carta Patente Imperial, de 20 de Maio de 1861, foi promovido ao posto de 2.º Tenente do 2.º Batalhão de Artilharia a pé, do Exercito. O seu genio altivo e independente não lhe prognosticava grande futuro na vida militar de então, com a ferrea disciplina passiva a Conde de Lippe. Apezar de formado em engenharia militar, procurou preparar-se á vida civil, pois viu logo que, mais cedo ou mais tarde, teria de abandonar a carreira militar. Assim, matriculou-se e obteve o Titulo de Agrimensor civil pela Secretaria de Estado de Negocios da Agricultura nos termos do Decreto n.º 3198 de 16 de Dezembro de 1863.

«Marchou com o Exercito Brasileiro em 1864 por occasião da Campanha do Uruguay, tendo tomado parte no cerco e rendição de Montevidéo, d'onde partiu para o Paraguay, no exercito sob as ordens do Marechal de Campo João Procopio Menna Barreto. Recebeu os Diplomas e Medalhas da

Campanha do Uruguay por Titulo de 29 de Setembro de 1866 e do Paraguay a 6 de Julho de 1872. Em attenção aos relevantes serviços militares e civis prestados nas campanhas referidas e em diversos empregos e commissões, foi nomeado Cavalleiro da Ordem da Rosa aos 18 de Janeiro de 1877. Abalado em sua saude, pelos serviços de campanha, foi a 17 de Outubro de 1865 inspeccionado de saude no Hospital Militar do Salto, sendo julgado incapaz para o serviço do Exercito por soffrer de rheumatismo articular na columna vertebral, palpitações nervosas do coração e hepatite chronica, pelo que foi reformado no posto de 1.º Tenente de Artilharia, recolhendo-se ao Rio de Janeiro em 1866.

«Achando-se em concurso o lugar de Escripturario da Secretaria da Guerra, concorreu a elle, sendo classificado em 1.º lugar e em acto continuo, nomeado em vista do brilhantismo das provas.

«Tinha como companheiros nesse concurso pessoas habilitadas e fortemente protegidas, mas triumphou o merito. Serviu nesse emprego sob a Direcção do Visconde de Camamú que ficou votando-lhe paternal amizade e muito o protegia; indicando o seu nome ao Barão de Caruarú para servir de seu Secretario quando foi elle em 1870 nomeado Presidente da Provincia de Matto Grosso; por Carta Imperial de 20 de Agosto de 1870 foi nomeado Secretario da Provincia de Matto Grosso, onde serviu até 29 de Agosto de 1871, quando o Barão de Caruarú deixou a presidencia.

«Ahi teve occasião de revelar toda a sua grande competencia e illustração, pois a Provincia vinha de ser invadida pelos Paraguayos e se tornava necessario restaural-a

após 5 annos de guerra. Voltou a reassumir o seu cargo na Secretaria da Guerra, até que por Carta Imperial de 24 de Abril de 1875 foi nomeado Secretario do Governo de sua Provincia natal, da qual foi nomeado Presidente o Conselheiro Dr. Delphino Augusto Cavalcanti de Albuquerque. N'esse cargo serviu até 29 de Maio de 1877.

«O Conselheiro Gaspar Silveira Martins reconhecendo os meritos do nosso biographado, convidou-o a aceitar um emprego de Fazenda e por Decreto de 28 de Outubro de 1878 o nomeou para o lugar de 1.º Escripturario da Alfandega de Corumbá, sem ter percorrido os cargos inferiores, e quinze dias depois de empossado assumiu interinamente o lugar de Inspector da mesma Alfandega no qual foi effectivado por Titulo de 16 de Agosto de 1882. Por Carta Imperial de 6 de Dezembro de 1884 foi nomeado a seu pedido para o lugar de Contador da Thesouraria de Fazenda de Cuyabá, de cuja repartição foi Inspector.

«Com a queda do Partido Liberal, foi por Carta Imperial de 14 de Agosto de 1886 nomeado para o lugar de 1.º Escripturario da Thesouraria de Pernambuco, onde serviu sempre de Secretario da Junta de Fazenda e Contador, sendo ahi Inspector de facto da repartição.

«Foi em 1891 nomeado Contador da Thesouraria de Porto Alegre, cargo de que não se empossou por ter sido nomeado Inspector da Alfandega de Paranaguá, do qual tomou posse a 11 de Novembro de 1891 e onde serviu até Março de 1897, quando foi aposentado a seu pedido. Em 1894 foi nomeado pelo Marechal Floriano para o lugar de Inspector da Alfandega de Juiz de Fóra que havia sido creada, e do qual não foi empossado por não se haver installado a referida Alfandega.

«Homem de gabinete, funccionario de grande tirocinio, proferia as suas decisões nas mais complicadas questões administrativas, ao correr da penna e sem vacillações. Não possuia nenhuma nota sobre assumptos da sua repartição, confiando na sua previlegiada memoria que conservou até a morte.

«Quando consultado sobre qualquer assumpto de legislação geral ou de Fazenda, reflectia um momento e dizia: «Consulte as Leis ou decisões de tal anno ou tal data, que resolve a sua duvida.» Até hoje é considerado como o mais completo Administrador que teve a nossa Alfandega.

«Nos biennios de 1880—1881 e 1882—1883 foi eleito Deputado Provincial por Matto Grosso em cujo mandato prestou relevantes serviços á Provincia, entre os quaes o do serviço de abastecimento de agua á população de Cuyabá, de cujos estudos e orçamentos foi o auctor. Foi Lente interino de Geometria e Algebra do Lyceu de Cuyabá, bem como Inspector Parochial e Engenheiro da Camara de Corumbá. O grande Floriano Peixoto ao deixar o cargo de Presidente da Provincia, em 5 de Outubro de 1885, em honroso officio o louvou pelo zelo, intelligencia e rara dedicação com que se houve, durante sua Administração, no cargo de Inspector da Thesouraria, e pela coadjuvação franca que de sua parte encontrou no desempenho dos seus arduos deveres.

«Exerceu em 1875, quando Secretario do Governo, o cargo de Lente de Geometria do Lyceu de Therezina.

«Desde 1891 que residiu no Paraná, primeiro na cidade de Paranaguá, e depois de 1919 em Curityba para onde transferiu sua

residencia e onde veio a fallecer a 20 de Agosto de 1923, cercado da estima e consideração geral a que tinha direito pelo seu modo affavel e cavalheiresco.

«Modesto e democrata por indole, bondoso e leal amigo, fazia-se estimar e admirar por todos que com elle tratavam.

«Exerceu no Paraná diversos cargos de eleição popular, taes como Deputado Estadoal em diversas legislaturas e Camarista e Presidente da Camara Municipal de Paranaguá por muitos annos. Nesses cargos houve-se sempre com brilhantismo, dignidade e competencia, honrando e dignificando os cargos que merecidamente exerceu.

«No 2.º Governo do Dr. Francisco Xavier da Silva, foi convidado para exercer o honroso cargo de Procurador Geral da Justiça do Estado, por intermedio do Snr. Coronel Joaquim Pereira de Macedo. Com modestia recusou aceitar esse cargo de confiança, allegando não ser formado em Direito e sim em engenharia, acrescentando: «Não aceitarei um cargo para o qual falta-me a competencia legal.»

«Muito trabalhou pela instrucção publica, quer no Congresso do Estado, quer quando exerceu o lugar de Inspector Escolar de Paranaguá.

«Temperamento impetuoso, caracter illibado, politico de convicções, pertenceu sempre ao Partido Liberal, obedecendo a direcção do seu grande Amigo, Patricio e Protector: — o Marquez de Paranaguá, por quem tinha verdadeira admiração e amizade correspondida.

«Jornalista brilhante, polemista fogoso, debateu pela imprensa por toda a parte por onde andou, as mais importantes e transcendentes questões politicas, economicas e sociaes, sem nunca ter descido a retaliações pessoaes. Fundou e superiormente dirigiu o importante bi-semanal «O Democrata» em Paranaguá, que ahi está para demonstrar o seu valor de fidalgo combativista e illustrado jornalista.

Homem de caracter retemperado nas lutas, acostumado ao trabalho, mesmo aos 85 annos dedicava-se a elle, escrevendo com sua letra firme e bella calligraphia, bôas poesias, de que fora cultor na mocidade.

«Desenhista de renome, deixou importantissimo trabalho inedito, com bellos desenhos sobre alta mechanica industrial, sobre architectura, sobre construcções de pontes, fortificações, etc. Esses trabalhos foram muito elogiados pela Administração do Paiz, e só não foi editado pela grande difficuldade material que havia e ha hoje em serem gravados ou lithographados trabalhos dessa especie. Quanta emoção sentia elle ao folhear esse trabalho!?

«Ao lado do Visconde do Rio Branco e de Saldanha Marinho, unificou a maçonaria, formando o Grande Oriente do Brasil.

«Velho e já viuvo, doente e alquebrado, procurou a companhia de suas filhas já casadas e residentes em Curityba, e cercado sempre dos carinhos e desvellos dellas e de seus genros que o presavam como a um pae, succumbiu aos 85 annos de respeitosa e proficua existencia.

«Chefe de familia modelar, soube educar os seus filhos com a austeridade de costumes da antiga educação brasileira, tão cheia de bondades e de virtudes, de simplicidades e honestidade.

«A verdade e a franqueza, alliadas á modestia e a bondade, foram o caracteristico de sua vida.

«Amigo sincero, leal e dedicado, deixou um vacuo enorme no meio de seus Amigos e Parentes.
Eis, em pallidas palavras, quem foi o velho servidor da Patria que acaba de desapparecer do scenario da vida.
«Rendendo-lhe esta pequena homenagem, cumpro um dever de gratidão para o grande Amigo que tanto me distinguio e á minha familia e a quem tanto prezamos e admiramos (1).

Paranaguá, Setembro de 1923.

Francisco Negrão.»

(1) O Dr. Antonio José de Sant'Anna teve de seu casamento com Joanna Moreira Serra de Sant'Anna, alem da filha:
Astrogilda Sant'Anna Negrão, casada com o autor d'esta obra, mais os seguintes filhos:
1 — João Capistrano de Sant'Anna, foi Guarda-Mór da Alfandega de Corumbá, no exercicio de cujo cargo falleceu a 21 de Abril de 1913.
Foi casado com Emerentina da Costa Sant'Anna, filha do Capitão João Machado da Costa e de sua mulher Maria Vieira da Costa, naturaes de S. Catharina.
Teve de seu matrimonio que realisou-se em Itajahy, Estado de S. Catharina, a 28 de Setembro de 1904, os seguintes filhos:
a) Gilda Sant'Anna, casada a 17 de Outubro de 1926 com o Dr. Gentil da Rocha Pacheco, medico, residente em S. Paulo, donde é natural.
b) João Capistrano, fallecido em criança.
2 — Izaura de Sant'Anna Sottomaior, casada com Octavio de Sá Sottomaior, 1.º Escripturario da Delegacia Fiscal do Paraná, filho do Coronel Ignacio de Sá Sottomaior e de sua mulher Januaria Enéas de Paula Sottomaior.
Teve:
a) Isahir.
b) Liseth.
c) Ignacio.
3 — Euthalia de Sant'Anna Lobo, casada com José Bittencourt Lobo, 1.º Official dos Correios do Paraná, filho do Major Manoel Moreira Lobo e de sua mulher Brigida Bittencourt Lobo.
Teve:
a) Eweraldo Sant'Anna Lobo, empregado no commercio de Curityba.
b) Lauro Sant'Anna Lobo, estudante.
c) Diva Sant'Anna Lobo, com 10 annos de edade.
d) Mario Sant'Anna Lobo, com 12 annos.
e) Joselia Sant'Anna Lobo, com 4 annos.
4 — Oswaldo Terencio de Sant'Anna, 1.º Escripturario da Alfandega de Pelotas, casado com Branca Cerdá de Sant'Anna, filha de João Cerdá e de sua mulher Aurelia Cerdá.

6-1 Capitão Francisco de Paula Dias Negrão, de seu matrimonio não teve descendentes.
6-2 João, nascido a 13 de Outubro de 1872 e fallecido a 1.º de Agosto de 1873.
6-3 João de Souza Dias Negrão, nascido na Barreira da Graciosa a 30 de Dezembro de 1873; dotado de grande intelligencia, aos 11 annos era admirado por seus professores, visto sempre se avantajar de seus companheiros de classe. Falleceu em Curityba a 27 de Junho de 1884.
6-4 Tenente José de Souza Dias Negrão, nascido em S. João da Graciosa, a 17 de Julho de 1875. Fez parte, como Sargento da Guarda Nacional, das forças legaes que combateram no littoral de Paranaguá, contra as hostes revolucionarias da Esquadra, ao mando do Almirante Custodio de Mello. Prestou optimos serviços. Modesto, dedicado e bom. Succumbiu a 25 de Setembro de 1898, em estado de solteiro. Foi commerciante em Paranaguá e em Curityba.
6-5 Octavio, nascido a 28 de Dezembro de 1876, fallecido a 22 de Dezembro de 1877.
6-6 Alvaro, nascido a 14 e fallecido a 30 de Setembro de 1878.
6-7 Antonio, fallecido com um dia de vida, a 24 de Novembro de 1879.
6-8 Maria Francisca da Luz Negrão Filha (Nenê), nascida a 24 de Outubro de 1881, em S. João da Graciosa, casada a 19 de Novembro de 1898 em Curityba, com

Teve:
a) Maria de Lourdes Cerdá de Sant'Anna.
b) Iollanda, fallecida.
c) Orita, fallecida.
d) Maria Odila Cerdá de Sant'Anna.
e) Maria Gilda Cerdá de Sant'Anna.
f) Oswaldo, fallecido.
g) José Oravio, fallecido.
h) Luiz, fallecido.
i) Oswaldo de Sant'Anna Filho.
5 — Ubaldino Terencio de Sant'Anna, Escripturario da Delegacia Fiscal do Paraná. Casado com Alice Frecceiro de Sant'Anna, filha de João Baptista Frecceiro e de sua mulher Gabriella do Nascimento Frecceiro.
Sem filhos.
6 — Democrito Climaco de Sant'Anna, fallecido em plena mocidade, em 15 de Agosto de 1921.

seu primo irmão Capitão Ricardo de Souza Dias Negrão Filho, 6-4 de 5-2, de quem foi a primeira mulher. Docil, meiga e boa. Falleceu a 2 de Fevereiro de 1900, sem filhos, aos 18 annos de edade.

6-9 Eugenio de Souza Dias Negrão, nasceu a 11 de Outubro de 1883, e falleceu em Paranaguá a 3 de Novembro de 1891; sendo mais tarde os seus despojos transladados para Curityba.

6-10 Maria, fallecida com 4 dias de vida em Maio de 1884, em Curityba.

6-11 Esther da Luz Negrão, diplomada pela Escola Normal, nascida a 23 de Agosto de 1886; é a segunda mulher de seu cunhado o Capitão Ricardo Negrão Filho, 6-4 de 5-2.

Tiveram os seguintes filhos:

7-1 Maria, fallecida com um mez de edade.

7-2 Ricardo Negrão Neto, nascido a 8 de Março de 1923.

5-2 Major Ricardo de Souza Dias Negrão, filho de 4-6, nascido a 24 de Janeiro de 1835.

Foi um dos fortes esteios do Partido Conservador do

NOTA. O Capitão João de Souza Dias Negrão, no seu tempo de solteiro, teve com Carmelina Maria de Jesus, mulher solteira e branca, de boa familia, os seguintes filhos, que, se não reconheceu, comtudo os acolheu em sua casa, com o consentimento de sua esposa, logo após a morte da mãe das crianças, que ficaram em tenra edade:

1 — Manoel Augusto Negrão, foi estabelecido na cidade de Franca, no Estado de S. Paulo, onde chegou a possuir bôa fortuna, que depois de sua morte veio a dissipar-se. Foi casado com Cecilia Correia

Teve os seguintes filhos:

a) Sebastiana Negrão Bizarro, nascida em 1887, casada com Julio Bizarro

Teve:

aa) Maria José, nascida em 1912.

ab) Nayr.

ac) Iracema.

ad) Abigahyr.

b) Octaciano Negrão, nascido no Amparo a 26 de Maio de 1891, casado em 1917 com Francisca de Lima.

c) Manoel Augusto Negrão, nascido a 26 de Fevereiro de 1897, casado a 15 de Março de 1920 com Adalgisa Camargo, de 21 annos de edade, filha de Roberto Camargo.

2 — Sebastião de Souza Dias Negrão, nasceu em Morretes onde se baptisou com 5 mezes de edade, a 6 de Junho de 1867 Reside em S. Paulo desde 1886, na cidade de Ityrapina, Linha Paulista. E' solteiro.

Paraná e foi sempre ouvido e acatado pelos Chefes desse Partido. Com seu irmão o Capitão João de Souza Dias Negrão, foi o apoio solido de toda a familia e desde tenros annos tiveram o encargo sacrosanto de sustentar seu desditoso Pae cégo, sua Mãe, e seus irmãos menores. Empregado publico desde os 17 annos de edade, desempenhou sempre suas funcções publicas com maximo zelo, criterio, intelligencia e honradez.

O Major Ricardo Negrão foi sempre um homem intelligente e dirigiu com competencia o jornal combativista «O Democrata» e fez parte da redacção do «O Pionier», nos ultimos annos do Imperio e que tão temerosa campanha fez ao Partido Conservador, a que sempre pertenceu, devido a forte divergencia estabelecida dentro do proprio partido, logo após a morte do prestigioso Chefe Conservador Dr. Manoel Euphrazio Correia, que, presidindo a Provincia de Pernambuco, alli fallecera.

Teve como companheiros de redacção, no «O Pionier» os Drs. Tertuliano Teixeira de Freitas, Francisco Cordeiro Gomes, Coriolano da Motta e outros.

O «O Democrata» já na Republica, quiz encaminhar a opinião do Estado para a democracia, procurando afastal-a do caminho seguido pelos partidos extinctos — Conservador e Liberal — quando estava em vesperas de colher os fructos dessa brilhante campanha, eis que a revolta federalista de 1894, com a invasão do Estado e subsequentes perseguições de parte a parte, tudo destruiu.

Espirito forte e retemperado nas duras refregas das lutas politicas, nunca transigiu em suas convicções e pode-se dizer que viveu sempre voluntariamente no ostracismo, apezar do conceito em que era tido pelos Chefes do Partido.

Residiu por longos annos no «Anhaya», bello arrabalde de Morretes, do qual fez a sua encan-

tadora vivenda. Alli teve engenho de beneficiar herva-matte e intensa lavoura. Em tal conceito era tido, tal era o prestigio de seu nome, que diversos Presidentes da Provincia foram ao «Anhaya» especialmente visital-o, entre elles os saudosos Drs. Adolpho Lamenha Lins e Alfredo de Escragnolle Taunay, intimos Amigos seu e de seu irmão João Negrão.

O «Anhaya» como que conserva ainda as recordações saudosas, os exemplos de honradez, de virtudes, de energia e de amor desse Patriarcha do Estado.

Conhecedor profundo dos homens e das cousas do tempo do Imperio, repetia factos occorridos ha 50 e mais annos, citando nomes, datas e trechos inteiros dos seus discursos no Parlamento Brasileiro, como se fossem factos passados agora. Comparava os homens, os estadistas de então, com os da Republica, mostrando positivamente por factos, que temos retrogradado mais de 50 annos, e isto o fazia entristecido, pois sempre teve ideias liberaes e adiantadas, apezar de ter pertencido sempre ao Partido Conservador.

O Major Ricardo Negrão foi uma reliquia do passado que venturosamente chegou até nós, e que tivemos a desventura de perder a 1.º de Outubro de 1921.

O Dr. Sebastião Paraná escreveu a sua biographia por occasião de sua morte, publicando-a na «A Republica», jornal da Capital, a qual abaixo transcrevemos:

«*Ricardo Negrão.*

«Sabbado, ás 21 horas, a parca insaciavel atirou ao tumulo mais um representante da geração que descambou na encosta do passado, — o Major Ricardo de Souza Dias Negrão.

«Este paranaense foi uma figura inteiriça de varão respeitavel.

«Nasceu em Curityba, a 24 de Janeiro de 1835.

«Filho legitimo do Capitão João de Souza Dias Negrão, natural de Portugal, e de sua segunda esposa D. Rita Maria Lustoza de Andrade Negrão.

«Em 3 de Agosto de 1862 casou-se com sua prima, D. Maria Euphrasia da Luz Negrão, nascida a 15 de Maio de 1844 e fallecida a 12 de Dezembro de 1911, filha do Capitão Manoel Cordeiro Gomes e sua consorte D. Maria Francisca da Luz Gomes.

«Teve os seguintes filhos: Maria Ricardina Negrão; Manoel Ricardo Negrão, agente da Companhia de Loterias Nacionaes no Paraná; Arthur Ricardo Negrão; Ricardo Negrão Filho, Secretario aposentado da Repartição do Serviço Sanitario do Estado; João Ricardo Negrão e Celina da Luz Negrão.

No tempo do Imperio, o Major Ricardo Negrão e seu digno irmão, Capitão João de Souza Dias Negrão, de saudosa memoria, foram fortes columnas do Partido Conservador, sendo suas opiniões politicas sempre ouvidas e acatadas pelos chefes desse Partido e pelos administradores da Provincia.

«Por força das circumstancias, dedicou-se, desde a juventude, á vida burocratica. Aos 17 annos de edade começou a exercer importantes funcções publicas, taes como as seguintes: Escrivão do Juiz de Paz, Escrivão e Administrador das Barreiras do Rio do Pinto e da Graciosa, aposentando-se no cargo de Administrador da primeira d'ellas; Praticante da Thesouraria de Fazenda do Paraná; Administrador do Mercado Publico de Curityba.

«Exerceu tambem diversos cargos de eleição popular, como: Camarista Municipal de Morretes, Juiz de Paz, Deputado a Assem-

bléa Legislativa Provincial, Inspector Escolar de Morretes.

«Quando exercia este cargo, dirigiu um appello ao Barão de Macahubas, solicitando livros escolares. Foi attendido; aquelle benemerito educador remetteu-lhe numerosas obras didacticas, que foram prudentemente distribuidas ás crianças pobres de Morretes.

«Como jornalista collaborou no «Diario do Commercio» e no «Sete de Março», jornal politico redigido pelo Dr. Justiniano de Mello e Silva.

«Foi um dos redactores d'«O Pionier», orgão combativista, mantido pela formidavel dissidencia do Partido Conservador em 1887, contra a administração do Dr. Joaquim de Almeida Faria Sobrinho.

«Foi director e redactor-chefe d'«O Democrata», importante folha politica, orgão do Partido Democrata e que se publicou na capital do Estado, logo após a proclamação da Republica.

«Espirito forte, resoluto, de esclarecida intelligencia, retemperado nas refregas da vida, nunca transigiu, nunca desertou de suas convicções, de seus ideaes alevantados, altruistas.

«Desde 1886 entregou-se voluntariamente ao ostracismo, por se não poder conformar com a orientação politica de seus proselytos e com a ingratidão destes, que atiravam á margem os mais prestigiosos baluartes do Partido, a que se haviam tanto sacrificado.

«Durante muito tempo residiu no Anhaya, municipio de Morretes, onde foi adiantado agricultor.

«Por occasião, porem, do fallecimento de seu dilecto irmão, capitão João de Souza Dias Negrão, occorrido a 2 de Abril de 1887, mudou-se para Curityba, onde mais facilmente poderia dar instrucção a seus filhos.

«Dotado de memoria prodigiosa, relatava factos e occurrencias de sua infancia com precisão admiravel. Descrevia a chegada em 1853 do primeiro Presidente da Provincia do Paraná, Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, a administração deste e de seus successores, tudo com clareza, com os mais insignificantes pormenores.

Ainda ultimamente, reproduzia fielmente artigos e discursos que havia lido ha 50 annos! Isto é tanto mais para admirar, sabendo-se que contava agora 86 annos de edade, de uma vida cheia de labutações, mas, que não o privavam de acompanhar com interesse a marcha dos acontecimentos da Patria, mostrando-se devotado aos seus destinos.

«Era dotado de coração generoso e de nobreza de alma.

«Bello caracter e bello proceder no lar e na sociedade, podendo servir de exemplo de virtudes.

«Filho exemplarissimo foi, com seu referido irmão, o amparo de seu Pae, cego, bem como de sua veneranda Mãe e irmãos, pelo que eram idolatrados pela illustre e respeitavel familia Negrão, de que foi chefe estremecido.

«Viveu cercado de conforto e carinho dispensados por seus dignos filhos, no bairro do Ahú, em sua pittoresca vivenda, por elle cultivada intelligentemente, e onde se extinguiu sua preciosa existencia.

«Realisou-se sua inhumação hontem, ás 17 horas.

«Seus sagrados despojos mortaes seguiram para o campo santo afogados em uma onda odorifica de flores naturaes e acompanhados do séquito volumoso de seus amigos.

«E, assim, desceu o panno! . . .

Sebastião Paraná.»

De seu matrimonio houveram os seguintes filhos:

6-1 Maria Ricardina Negrão (Nharica), dotada de talento musical e bastante instruida. Digna filha desse casal, de quem herdou as virtudes. Foi a companheira desvellada de seus Paes, a quem cercou de affecto e carinho. Na escola do trabalho, onde se educou, tem por unica distracção as occupações domesticas.

6-2 Manoel Ricardo Negrão, solteiro, nascido a 26 de Maio de 1867. E' activo agente da Companhia de Loterias Nacionaes, no Paraná. Desempenhou com competencia e zelo diversos cargos publicos, entre os quaes o de Praticante da Administração dos Correios do Paraná, auxiliar da Agencia Fiscal do Barracão, tendo assignado a acta da Commissão demarcadora dos limites entre a Argentina e o Brasil.
Foi exactor da barreira do Rio Preto, etc.

6-3 Capitão Arthur Ricardo Negrão, foi adjunto do Promotor de Imbituva, depois de ser negociante em Agua Amarella e Portão, no municipio da Lapa. Foi auxiliar do engenheiro Sebastião Ed. Saporsky nas medições de terras no valle do Iguassú, o qual muito o considerava. Foi casado com sua prima Maria Amelia de Oliveira, filha de João Ferreira de Oliveira e de sua mulher Amelia Gomes de Oliveira, 6-3 de 5-1 de 4-1 de 3-1 de 2-7, § 1.º do Capitulo 2.º do Titulo Rodrigues de França, 3.º volume desta Obra.
Teve a filha unica:

7-1 Elvira de Oliveira Negrão, nascida em 1.º de Outubro de 1898 e fallecida em Maio de 1909.

6-4 Capitão Ricardo de Souza Dias Negrão Filho, nascido a 20 de Janeiro de 1871. Exerceu o lugar de Secretario da Directoria do Serviço Sanitario do Estado, desde 1898 até 1925 quando se aposentou nesse cargo, que desempenhou sempre com grande competencia e dedicação. Foi o organisador da Estatistica Demographo-Sanitaria, desde o inicio della. Esse serviço foi pelos competentes, classificado como o mais perfeito do Brasil. Tem sido eleito repetidas vezes Veneravel da Benemerita Loja Capitular «Fraternidade Paranaense», de Curityba. E' membro do Instituto

Historico Paranaense. Muito contribuiu, pela tenacidade de seus esforços, para que o Estado construisse um estabelecimento dotado das exigencias scientificas para recolhimento dos infelizes morpheticos existentes no Paraná. A sua idéa acaba de ser executada com a magestosa construcção da Leproseria de Deodoro, recem-inaugurada.
Como Secretario da Directoria do Serviço Sanitario, prestou assignalados serviços a população de Curityba por occasião das varias epidemias que irromperam no Paraná, taes como por occasião da variola, do typho e da grippe hespanhola. Apezar de não ser medico, a sua acção se fez sempre sentir ao lado dos que soffriam, sem medir sacrificios e com abnegação e desvello, o que lhe valeu as extraordinarias relações de amizade de que goza geralmente. Os elogios que mereceu sempre de seus superiores hierarchicos, nos Relatorios apresentados ao Governo, fallam de modo eloquente sobre o valor desse funccionario modelar.
Foi casado em primeiras nupcias a 19 de Novembro de 1898, com sua prima irmã Maria Francisca da Luz Negrão (Nenê), filha do Capitão João de Souza Dias Negrão e de sua mulher Maria Francisca da Luz Negrão, dos quaes já tratamos em 6-8 de 5-1.
Casou-se em segundas nupcias com sua cunhada Esther da Luz Negrão, a 12 de Outubro de 1909.
Não teve filhos do primeiro matrimonio.
Do segundo matrimonio teve:

7-1 Maria, nascida em Curityba, em 14 de Agosto de 1916, fallecida a 30 de Setembro de 1916.

7-2 Ricardo Negrão Neto, nascido a 8 de Março de 1923.

6-5 João, fallecido em criança.

6-6 João Ricardo Negrão, Ajudante de Promotor Publico do Serro Azul, onde falleceu, rodeado dos desvellos da população do Municipio. Falleceu aos 24 annos de edade, em estado de solteiro.

6-7 Beliza, fallecida em criança.

6-8 Celina da Luz Negrão, fallecida aos 16 annos de edade a 13 de Março de 1894 no Porto do Amazonas, para onde fôra em busca de melhoras á sua

saúde já bastante alterada. O «Diario do Commercio» de 14 desse mez, assim noticia o fatal acontecimento: «Recebemos a dolorosissima noticia de haver fallecido no Porto do Amazonas a gentilissima Celina, filha mais moça do nosso particular amigo Snr. Ricardo de Souza Dias Negrão. No verdor dos annos, ainda criança, a desditosa moça morreu quando apenas a aurora da existencia lhe mostrava os primeiros fulgores. Um mimo de bondade essa menina; parecia antes um dom do céu do que uma creatura mortal. Alegre e affavel antes de doente, intelligente e bôa, ella tornou-se triste depois de comprehender pela sua doença, a falta que iria estabelecer o vacuo, no seio de toda sua amorosa familia. Ave mimosa, deixou o seu ninho vasio . . . . . quão triste e deserto deixaste o lar que te viu sorrir, o lar que te viu cantar, ó passaro festivo, ó alegre e divina creatura. Os teus Paes e os teus irmãos não teem consolação. O nosso coração sente-se estrangulado de tristeza e não encontra palavras de consolo para enviar á desolada familia. Sobre o teu caixão azul, creança desditosa, desfolhamos as nossas saudades immortaes. . . .»

Estas palavras bem traduziram a dôr de seus Paes e de seus irmãos!

5-3 Luiza Maria Negrão Lisbôa, nascida em 19 de Agosto de 1829 em Curityba, casada em 17 de Julho de 1845 com Antonio José da Costa Lisbôa, natural de Portugal, filho legitimo de Gonçalo José da Costa e de sua mulher Anna Maria de S. José Costa, natural de Portugal.

Tiveram os seguintes filhos:

6-1 Presciliana da Costa Lisbôa Abreu, fallecida a 11 de Outubro de 1920, professora publica aposentada, viuva do Capitão Manoel do Nascimento Abreu, de quem foi ella a segunda mulher. Foi Solicitador, e figurou em numerosas causas. Homem intelligente e dotado de energia e activi-

dade, amava a polemica. Gosava de prestigio no Estado a ponto de se fazer eleger Deputado Provincial, extra-chapa. Natural de N. S. de Nazareth, Villa de Mearim, no Maranhão, era filho de João Antonio de Abreu e de sua mulher Rosa Helena do Nascimento Abreu.

Filhos desse matrimonio:

7-1 Sergio Pretextato de Abreu, nascido a 24 de Fevereiro de 1872, em S. João da Graciosa.

Fez parte das forças legaes durante a revolta de 1893—1894, prestando relevantes serviços no Batalhão Patriotico 23 de Novembro, á que pertencia.

Esteve guarnecendo o littoral em Paranaguá, e em posto avançado nas linhas telegraphicas em Cannavieiras, donde foi chamado pelo General Pêgo para guarnecer Morretes, por occasião da tomada de Paranaguá, pela esquadra revoltosa.

Foi aposentado no cargo de Chefe de Secção dos Correios do Amazonas, depois de ter feito sua carreira até 1.º Official na Administração dos Correios do Paraná. Espirito lucido e clarividente, foi serventuario modelar, pela sua competencia e amor ao trabalho, predicados estes alliados a uma honestidade fóra do commum. A obstinação com que defendia as suas idéas, o prejudicava um pouco. Foi nomeado para o lugar de Contador dos Correios de Sergipe, onde se houve com muito criterio e zelo. Promovido a Chefe de Secção do Amazonas, não foi assumir o lugar porque a Directoria Geral dos Correios entendeu approveitar os seus serviços alli, onde gozou sempre de grande prestigio.

Aposentado, voltou á Curityba, onde logo depois de 3 annos, succumbiu a 24 de Janeiro de 1916, em estado de solteiro.

Tomou a seu cargo a educação de 4 sobrinhos, orphãos de mãe, que viviam em sua companhia, missão essa que interrompida por sua morte, foi heroicamente continuada por sua veneranda Mãe, hoje tambem já fallecida.

7-2 Manoel do Nascimento Abreu, fallecido a 21 de Novembro de 1918. Foi negociante no interior do Esta-

do e quando falleceu era Tabellião de Campina Grande.
Foi casado em primeiras nupcias com Orlandina de Oliveira Abreu e em segundas nupcias com sua cunhada Maria de Oliveira Abreu, irmã da precedente, filha de Joaquim de Oliveira Braga e de sua mulher Escolastica Gomes de Oliveira.
Do primeiro matrimonio teve os seguintes filhos:
8-1 Joaquim de Oliveira Abreu.
8-2 Manoel de Oliveira Abreu.
8-3 Presciliana de Abreu Soffiati, casada com Amanzor Soffiati, filho de Guerino Soffiati e de sua mulher Rosa Soffiati.
Filhos:
9-1 Nelson.
9-2 . . . .
8-4 André de Oliveira Abreu.
Do segundo matrimonio teve:
8-5 Amelia.
8-6 Dalmira.
8-7 Hilda.
8-8 Ruy.
7-3 Felippe, fallecido em criança.
7-4 Manoel, fallecido em criança.

6-2 Francisca Lisbôa da Rocha, fallecida em 1909 em Ponta Grossa, foi casada em 12 de Julho de 1873 com Luciano Ignacio da Rocha, conceituado negociante e capitalista, natural da Laguna, Estado de S. Catharina, filho de Manoel Ignacio da Rocha, de S. Catharina.
Tiveram os seguintes filhos:
7-1 Francisca da Rocha Faria, casada com José Maximiano da Costa Faria, filho de José Maximiano de Faria Junior e de sua mulher Maria da Gloria Costa Faria.
Filhos:
8-1 Luciano, fallecido.
8-2 Maria da Gloria Faria.
8-3 Oswaldo.
8-4 Milton, fallecido.

8-5 José.
8-6 Athos.
8-7 Orlando.
8-8 Miriam.
8-9 Antonio.
7-2 Antonio Ignacio da Rocha, casado com Maria Izabel da Borda Rocha, em Ponta Grossa a 7 de Janeiro de 1905. Sem filhos.
7-3 Luciano Rocha Junior, espirito lucido e acatado negociante, casado com sua prima irmã Mathilde Lisbôa Taddei da Rocha, 7-2 de 6-5.
Filhos:
8-1 Moacyr Taddei da Rocha.
8-2 Francisca (Chiquita).
8-3 Ludovico, fallecido na infancia.
8-4 Heloina, fallecida na infancia.
8-5 Luciano, fallecido na infancia.
7-4 Maria Luiza da Rocha Ballão, por morte de sua tia Anna Aurea Lisbôa Ballão, 6-7 de 5-3, se casou em 21 de Março de 1904 com o Dr. Jayme Ballão, nascido em Curityba, a 10 de Fevereiro de 1869.
Em 1886 tirou a carta de professor normalista.
A 15 de Novembro de 1893 fundou o «Diario do Commercio», mantendo-o durante o periodo revolucionario, até fins de Fevereiro de 1894.
Publicou em 1896, o poemeto «Cecy», collectanea de versos á memoria de sua filha.
Em 1894 publicou o romance «Martyr».
Foi camarista municipal para o quatriennio de 1912—1916 e 1916—1920.
Dirigiu durante 3 annos o «Diario da Tarde».
Escreveu em 1912 o libreto da opera «Sideria», do musicista Augusto Stresser, que foi levada a scena com grande successo, nesta Capital e Ponta Grossa, por artistas amadores, sob a competente direcção do maestro Léo Kessler.
Foi eleito Deputado Estadual em varias legislaturas.
Pelo Ministro Paula Ramos, foi nomeado para a Commissão de Propaganda dos Productos Brasileiros na Europa, onde esteve alguns annos.

Cursou a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, sendo formado em sciencias sociaes e juridicas em 1923.
Escreveu um trabalho descriptivo sobre a excursão ás cataractas do Iguassú e Sete Quedas. Jornalista e litterato de valor vem collaborando em quasi todos os jornaes do Paraná. Foi redactor-secretario da «A Republica», orgão do Partido Republicano Paranaense. E' actualmente Escrivão do 2.º Cartorio de Titulos e Hypothecas nesta Capital.
Filho de José de Sá Ballão e de sua mulher Carolina da Purificação Schleder; neto pela parte paterna de José de Sá Gambôa e de sua mulher Dorothea Rodrigues da Silva, naturaes de Portugal; neto pela parte materna de Miguel Schleder, casado em Curityba a 12 de Junho de 1841, e de sua mulher Mariana Pletz; por esta bisneto de João Pletz e de sua mulher Margarida Schmitz; por Miguel Schleder é bisneto de Pedro Schleder e de sua mulher Luiza Redomarques.
Teve:
8-1 José, fallecido em criança.
8-2 Véra.
8-3 Everardo, gemeo com
8-4 Evandro, fallecido em criança.

7-5 Olga Lisbôa da Rocha, falleceu solteira em plena mocidade; era alumna da Escola Normal de Curityba.

7-6 Esther Lisbôa da Rocha Xavier, casada com Julio Xavier, natural de Portugal.
Sem filhos.

7-7 Elvira Lisbôa da Rocha Soares, fallecida, casada com Arthur Soares, fallecido em 1917, telegraphista do Estado que pouco tempo sobreviveu a sua mulher, deixando na orphandade um casal de filhos menores:
8-1 José Carlos.
8-2 Rosemary.

7-8 Leonor da Rocha Xavier, casada com Alberto Xavier, irmão de Julio Xavier, 7-6 acima, natural de Portugal.
Teve:
8-1 Julio.
8-2 Maria de Lourdes.

8-3 Palmira.
8-4 Esther.
8-5 Ruth.
8-6 Nilsa.
8-7 Olga, fallecida.

7-9 Julio Ignacio da Rocha, dentista, diplomado pela Universidade do Paraná, casado com Eulezia Gomes, filha do Coronel Emilio Baptista Gomes e de sua mulher Etelvina de Andrade Gomes.
Teve:
8-1 Jeda, fallecida.
8-2 Nice, fallecida.
8-3 Newton.
8-4 Lucy.

7-10 Emanuel Vicente da Rocha, dentista, diplomado em 1917 pela Universidade do Paraná; casado com Enizilla Munhoz da Rocha, filha do Major Raul Munhoz e de sua mulher Haydée da Silva Pereira Munhoz.
Filhos:
8-1 Amaury.
8-2 Maria Olga.

6-3 Rita Lisbôa de Moraes, casada com o Capitão Antonio Modesto Gonçalves de Moraes, 5-11 de 4-7, Titulo Rodrigues de França.
Sem descendencia.

6-4 Manoel José da Costa Lisbôa (Nhônhô), nasceu a 21 de Novembro de 1860.
Foi casado em primeiras nupcias com Joaquina Adilia de Macedo Lisbôa, filha do Commendador José Ribeiro de Macedo e de sua mulher Laurinda de Loyola Macedo. Espirito emprehendedor e lucido, reside no Rio de Janeiro, onde goza de largas e optimas relações. Casado em segundas nupcias em 1917 com Analia Lisbôa.
Sem filhos.

6-5 Guilhermina da Costa Lisbôa, fallecida em Abril de 1912 com 46 annos. Professora Publica da Capital, foi casada em primeiras nupcias com o Agrimensor italiano Ludovico Taddei, optimo desenhista.

Ludovico Taddei, nasceu na cidade de Verona, Italia, no anno de 1849.
Era filho de Luiz Taddei, fidalgo de uma nobre familia, já fallecido, e de sua mulher Joanna Corbelto, condessa de Murari Bra, esposa do conde de Murari Bra, importante cidadão residente na mesma cidade. Dotado de finissima educação, que o tornava altamente estimado por todos.
Veio para o Brasil em 1874, e a 4 de Junho de 1880 casou com Guilhermina Lisbôa.
Nesta Provincia exerceu com zelo e intelligencia os cargos: de encarregado do serviço de medição dos terrenos destinados á colonisação russo-allemã; de juiz commissario interino da comarca de Castro e Ponta Grossa; de engenheiro no serviço da estrada do Assunguy; de ajudante do engenheiro da linha ferrea de Paranaguá a Curityba.
Serviu na commissão de demarcação de limites entre esta provincia e a de S. Catharina, em cujo cargo tomou a si o trabalho do levantamento da planta e outros, que valerão alguma nomeada ao chefe dessa commissão; e finalmente occupava o cargo de engenheiro da camara da Capital, no qual deixou publico attestado de seu elevado merecimento, aptidão e notavel capacidade de trabalho.
Por seu provado criterio, mereceu ainda a honrosa nomeação de agente consular da Italia.
Falleceu em Curityba a 25 de Agosto de 1884.
Ao ter sciencia do luctuoso acontecimento, o consul geral da Italia telegraphou á viuva do finado manifestando a sua consternação profunda; ao Dr. Grillo, adherindo a ideia de levantar um patrimonio para a familia que acabava de perder o chefe; e ao Dr. Guaita, incumbiu de representar o consulado no funeral.

Tudo quanto laconicamente havemos traçado sobre o caracter de Ludovico Taddei, está solemnemente confirmado no interesse que durante a sua enfermidade manifestou em geral o povo curitybano; e, por ultimo no seu funeral, concorrido por grande massa de povo.
A população italiana unida em um só corpo tributou as ultimas homenagens ao seu dilecto bemfeitor; a ella associou-se a população curitybana.
No momento de baixarem os despojos mortaes ao tumulo, o representante da sociedade beneficiente italiana, tendo nas mãos o respectivo estandarte coberto de crepe, traduziu fielmente em phrases sentimentaes o pezar da corporação, symbolisada naquelle estandarte.
O Dr. Grillo, ao ver desapparecer para sempre o amigo devotado, fallou do intimo do coração, vertendo o pranto da gratidão.
Em nome da Camara Municipal, o Snr. vereador João Taborda Ribas manifestou o sentimento da municipalidade, que acabava de perder o empregado modelo.
Esta scena lugubre imprimiu a tristeza no coração da grande massa de povo presente, que não poude conter as suas lagrimas.
Mantinha um acreditado gabinete de engenharia em Curityba, do qual eram associados os engenheiros Ernesto Guaita e Pinot, onde se tratava de todos os mysteres de sua ardua profissão. Espirito folgazão e communicativo, dotado de aprimorada e fina educação, tornava-se estimado dos que com elle tratavam.
Prestou relevantes serviços a sua Patria adoptiva, vindo a morrer, pode-se dizer, no

trabalho, pois no dia em que enfermou e cahiu de cama esteve em serviços de medições em terrenos municipaes.
Foi casada em segundas nupcias com Joaquim Rodrigues Gomes, natural de Portugal, importante chefe politico e negociante em Rio dos Patos, S. Matheus e Porto da União. Intelligencia lucida, caracter diamantino, foi sempre respeitado e acatado geralmente pela sua bondade.
Do primeiro matrimonio teve:
7-1 Heitor Taddei, 3.º Official dos Correios do Paraná. Fallecido a 14 de Novembro de 1918, victimado pela grippe hespanhola.
7-2 Mathilde Taddei da Rocha, casada com seu primo Luciano Rocha Junior, 7-3 de 6-2, retro. Ahi a descendencia.
Do segundo matrimonio teve:
7-3 Raul Rodrigues Gomes, Professor normalista, litterato e jornalista, casado com Carmen Scharffenberg de Quadros Gomes.
O Professor Raul Rodrigues Gomes, nasceu em Piraquara a 27 de Abril de 1889.
Fez seus estudos secundarios no Gymnasio Paranaense e Escola Normal de Curityba, recebendo nesta ultima o diploma de Professor Normalista.
Com forte inclinação para o magisterio, dedicou grande parte de sua vida ao ensino da mocidade; e, si bem que tenha abandonado o professorado publico, ainda hoje, obedecendo a sua inclinação, mantem um importante curso commercial de escripturação mercantil, pratico e theorico e de dactylographia, sem prejuizo das suas funcções de Guarda-livros na sub-Contadoria Seccional da Administração dos Correios no Paraná.
Foi Inspector Escolar no Paraná e Director do Grupo Conselheiro Mafra, em Joinville. E' trabalhador infatigavel e nos meios litterarios goza de renome. Vem collaborando com assiduidade na imprensa diaria do Paraná. Foi fundador dos jornaes «Relampago», «A Noite», e da revista «Olho da Rua», e por duas vezes secretariou o «Diario da Tarde».
Collabora tambem, em jornaes do Rio de Janeiro, de S. Catharina e de outros Estados. Tem publicado varios trabalhos, taes como: «Acção e civismo» (conferencia); «A população do Paraná»; «Instrucção publica do Paraná»; «Historias rudes» (contos); «Versa tribunicia» (orações patrioticas); «Palavra de todos», Diccionario de brasileirismo, publicado na integra no «Diario da Tarde», em suas edições de Julho a Dezembro de 1921. E neste momento acaba de publicar a notavel novella «Desespero de Cham», da «Empreza Novella Mensal», e que está recebendo a consagração do meio litterario. Este trabalho, já não é um ensaio de adolescente, é o fructo de uma intelligencia amadurecida e que bem revela o talento de seu autor.
E' membro effectivo do Centro de Lettras do Paraná.
Um dos maiores serviços que está prestando á sua terra é o esforço que vem empregando no intercambio intellectual entre o Paraná e os demais Estados da Federação Brasileira. A sua acção secundada pela do nosso digno patricio Snr. Sebastião Iphigenio Vianna, actual Administrador dos Correios do Rio Grande do Norte, é obra meritoria que deve ser imitada, por proveitosa e fecunda.
Filhos:
8-1 Glycéra Maria de Quadros Gomes.
8-2 Danillo Antonio.
8-3 Raul Joaquim.
8-4 Carmen Guilhermina.
7-4 Luiza Lisbôa Gomes, professora normalista da Capital, casada com o Capitão do Exercito Dr. Euclides Pereira Bueno, engenheiro civil.
Filhos:
8-1 Omar.
8-2 Yeda.

8-3 Euclides.
8-4 Carlos Alberto.
8-5 Renato Orlando.
8-6 Hilda, fallecida.

7-5 Carmen Lisbôa Gomes, casada com Alvaro Hamlet David, activo commerciante em Paranaguá.
Teve:
8-1 Maria de Lourdes, fallecida.
8-2 Egypcialinda.
8-3 Joaquim.
8-4 Hamlet Raul.
8-5 Gastão.
8-6 Fernanda Angela.
8-7 Danton Robespierre.
8-8 Carlos Alberto.
8-9 Carlos Emilio, nascido em Agosto de 1926.

7-6 Antonio Rodrigues Gomes, empregado ferroviario, casado com Sarah Petersen Gomes.
Filhos:
8-1 Guilhermina.
8-2 Jurandyr Ubirajara.
8-3 Iracema, fallecida.
8-4 Carmen Dolores.
8-5 Hilda.
8-6 Aracy.
8-7 Julio Cezar.
8-8 Eloah, nascida em Julho de 1926.

7-7 Alberto Rodrigues Gomes, solteiro, Tenente Commissionado do Exercito.
7-8 Joaquim Rodrigues Gomes, solteiro.
7-9 Euzebio, fallecido em criança.
7-10 Hilda Lisbôa Gomes, falleceu solteira em plena mocidade a 18 de Novembro de 1914.

6-6 Maria da Luz Lisbôa, fallecida em Curityba a 6 de Janeiro de 1918, casada em primeiras nupcias com Frederico da Silva Coelho, e em segundas nupcias com José Muniz de Figueiredo Junior, fallecido de variola em 6 de Setembro de 1901, no Rio de Janeiro, filho de José Muniz de Figueiredo e de sua mulher Leonidia de Figueiredo, naturaes da Bahia.

Teve do primeiro matrimonio:

7-1 Ayda Lisbôa Coelho Pavelski, fallecida, foi casada com Alexandre Pavelski, serventuario postal, já fallecido.
Filhos: 2 nati-mortus.

6-6 Teve do segundo matrimonio:

7-2 João Muniz de Figueiredo (Jóca), fallecido a 18 de Março de 1918, era casado com Angelina David, filha de Francisco David e de sua mulher Maria Zanithe David, naturaes da Italia.
Foi empregado ferroviario.
Filho:
8-1 José, nascido a 6 de Janeiro de 1916.

7-3 Glaucia Muniz de Figueiredo, casada com Arthur Martins Lopes Filho, empregado Federal, filho do Major Arthur Martins Lopes e de sua mulher Guilhermina da Cunha Lopes. Neto pela parte paterna de Candido Martins Lopes e de sua mulher Gertrudes da Silva Lopes; neto pela parte materna do Maestro Jacintho Manoel da Cunha e de sua mulher Joaquina Maria da Cunha, 5-5 de 4-2, pagina 282, do 1.º Volume desta Obra.
Teve:
8-1 Nice.
8-2 Caetano.
8-3 João.

7-4 Alba Muniz de Figueiredo, viuva de Alexandre Pavelski, seu cunhado, de quem foi a segunda mulher.
Filha:
8-1 Maria da Luz.

7-5 José, fallecido.
7-6 Narcizo Muniz de Figueiredo, solteiro.

7-7 Maria José Muniz de Figueiredo, nascida a 21 Abril de 1902, após a morte prematura de seu pae que não teve a ventura de conhecer.
Casada com Daniel Diz Martins, funccionario da Secretaria de Policia.
Filhos:

8-1 Luiz.
8-2 Léa.

6-7 Anna Aurea Lisbôa Ballão, fallecida. Casou-se a 22 de Março de 1890 com o Dr. Jayme Ballão, 7-4 de 6-2, que por sua morte passou a segundas nupcias com sua sobrinha Maria Luiza da Rocha Ballão, 7-4 de 6-2 retro.
Filhos:
7-1 Dr. Jayme Ballão Junior, bacharel em direito, belletrista, tem produzido obras de valor litterario que muito o recommendam.
7-2 Antonio Ballão, musicista e compositor musical de renome. Falleceu em plena mocidade, em estado de solteiro.
7-3 Cecy, fallecida.
7-4 Plauto, fallecido.
7-5 Aurea Lisbôa Ballão, fallecida a 29 de Junho de 1926. Solteira.
6-8 Anna, fallecida em criança.
6-9 Manoel, fallecido em criança.

5-4 Francisca Negrão Rangel, nasceu a 30 de Novembro de 1831, falleceu em 1912. Foi casada com Antonio Rodrigues dos Santos Rangel, natural do Espirito-Santo, Victoria, filho de Francisco Rodrigues dos Santos e de sua mulher Luiza Pinto Rangel.
Sem filhos.

5-5 João, fallecido em criança.

5-6 José de Souza Dias Negrão, nasceu a 22 de Maio de 1836 e falleceu em 30 de Abril de 1850.

5-7 Balbina Negrão, nascida a 2 de Abril de 1843, fallecida em Agosto de 1898, foi casada em primeiras nupcias com João Luiz de Bittencourt, natural de Santos, filho legitimo de Luiz Joaquim de Bittencourt e de sua muiher Felisbina Canuto de Bittencourt; casada em segundas nupcias com José Beline, natural da Italia.
Sem filhos deste matrimonio.
Do primeiro matrimonio teve:
6-1 Iphigenia Negrão de Bittencourt, nascida em 23 de Abril de 1862, casada com Henrique Ricardo dos Santos, 6-7 de 5-5, Titulo Rodrigues de França. Ahi a ascendencia. Foi ella Professora publica na colonia «Maria Luiza», em Paranaguá, onde falleceu em consequencia de um parto, em 1892.
Deixou 2 filhas:
7-1 Mercedes Ricardina dos Santos Walbach, casada com Arthur Walbach, negociante estabelecido em Curityba, filho de Jorge Walbach, fallecido em Curityba a 19 de Setembro de 1904, e de sua mulher Isabella Schmidt; por esta, neto de Frederico Schmidt e de sua mulher Christina Schmidt, fallecida em Curityba em 5 de Maio de 1898. E' ella Professora normalista do Grupo Escolar «Xavier da Silva» da Capital.
Tem os seguintes filhos:
8-1 Jorge dos Santos Walbach, nascido a 1.º de Agosto de 1911, gymnasiano.
8-2 Lygia, fallecida em criança.
8-3 Rubens.
8-4 Odilon.
8-5 Ivette.
8-6 Arthur, fallecido com 15 dias.
7-2 Iphigenia dos Santos Walbach, casada com Albino Walbach, irmão de Arthur Walbach, de 7-1.
Com os seguintes filhos:
8-1 Zilah.
8-2 Ivonne.
8-3 Dirceu.
8-4 Diva.
8-5 Albino.

6-2 Francisca Bittencourt dos Santos, nascida a 30 de Junho de 1864 e fallecida a 20 de Agosto de 1917, foi casada com seu cunhado Henrique Ricardo dos Santos.
Deixou os seguintes filhos:
7-1 João Ricardo dos Santos Sobrinho, casado com Aida de Souza, filha de Manoel Augusto de Souza e de sua mulher Rosa dos Santos Souza.
Filhos:
8-1 Oswaldo.

8-2
8-3
8-4
8-5

7-2 Lauro Ricardo dos Santos, solteiro, foi empregado na Alfandega de Paranaguá e hoje faz parte da força militar do Estado.

7-3 Mauricio Ricardo dos Santos, solteiro, empregado no commercio.

7-4 Marietta, fallecida em criança.

6-3 Antonio Tupinambá de Bittencourt, nascido a 29 de Abril de 1866, casado a 22 de Junho de 1897, com Helena Hansch, filha de Guilherme Hansch, natural da Allemanha, e de sua mulher Dulcia Gonçalves.
Serviu, por occasião da revolta da Armada, á favor da legalidade, prestando relevantes serviços. E' laborioso lavrador em Piraquara.
Com os seguintes filhos:

7-1 João, nascido em 15 de Maio de 1898.

7-2 Pedro, nascido em 26 de Novembro de 1901.

7-3 Mario, nascido em 13 de Abril de 1904.

7-4 Didio, nascido em 26 de Novembro de 1906.

7-5 Octavio, fallecido em criança.

7-6 Guilherme, nascido em 17 de Setembro de 1910.

7-7 Annibal, nascido em 19 de Outubro de 1905.

6-4 Maria da Luz Bittencourt Branco, casada em 1890 com o Capitão Octavio Rodrigues Branco, filho do Coronel João Rodrigues Branco e de sua mulher Luiza da Silva Branco; neto pela parte paterna de José Rodrigues Branco; neto pela parte materna de José Manoel da Silva e de sua mulher Maria Francisca Gonçalves.
Tiveram os seguintes filhos:

7-1 Hilda, fallecida em criança.

7-2 João Rodrigues Branco Neto (Jango), nasceu em Paranaguá a 20 de Fevereiro de 1892 e falleceu tragicamente na barra do Norte de Paranaguá, proximo ao Pharol, na occasião em que brincava com outras pessoas, entre as quaes suas primas Juannita e Ady, a primeira de 17 annos e casada com Acrisio Guimarães, socio da firma Guimarães & Cia., e a segunda com 14 annos, solteira; (filhas do Capitão Euripedes Branco e de sua mulher Hermilia da Costa Branco), as quaes com elle foram arrastadas pelas ondas de onde foram retiradas já mortas. O desditoso Jango só foi encontrado alguns dias depois. Este fatal acontecimento occorreu a 21 de Abril de 1912 e abalou profundamente a população Paranaguense. Era elle noivo de sua prima Iphigenia dos Santos.

7-3 Gastão Bittencourt Branco, Guarda da Policia Aduaneira da Alfandega de Paranaguá, casado com Clotilde Pinto Branco.
Sem filhos.

7-4 Flavio Rodrigues Branco, empregado na Companhia de Navegação Costeira em Paranaguá, casado com Maria da Silva Branco.
Filhos:

8-1 Laertes.

8-2 Maria da Luz.

8-3 Enedina.

7-5 Lauro, fallecido em criança.

5-8 Major Antonio Ricardo de Souza Dias Negrão, nasceu em 14 de Agosto de 1846 e falleceu em 9 de Agosto de 1912, foi casado a 2 de Setembro de 1882, com Nercindia da Motta Negrão, filha do Capitão José da Motta Ribeiro e de sua mulher Izabel da Motta Ribeiro.
Foi solicitador do Fôro de Curityba. Influente politico do Partido Conservador, gozava de grande consideração do Partido e de seu Chefe Dr. Manoel Euphrasio Correia. Exerceu muitos cargos publicos, entre os quaes os de Deputado Provincial, Juiz de Paz, Commissario de Policia de Curityba, Contador dos Correios do Paraná, Administrador da Barreira do Timbutuva e Escrivão de Orphãos, cargos que desempenhou com honestidade, zelo, intelligencia e criterio. No Fôro, apaixonava-se pelas causas de seus

constituintes a ponto de discutir calorosamente com Juizes e Tabelliães. Espirito independente e forte, nunca curvou-se a potentados. Honesto ao extremo, só poude legar á familia um nome querido e sem manchas. Firme em suas convicções, conservou-se sempre adepto das idéas monarchicas. Em 1891 na eleição da Constituinte Republicana, deu os seus tres votos secretos a Senadores, a D. Pedro II, Visconde de Ouro Preto e ao Conselheiro João Alfredo; ao ser apurada a cedula, houve riso por parte da mesa, ao que Antonio Negrão, batendo fortemente no peito, exclamou: «O voto é meu, orgulho-me disso».

Filhos desse matrimonio:

6-1 Thucidedes da Motta Negrão, nascido em 5 de Agosto de 1883, foi casado com Maria Joaquina Vianna Negrão, fallecida na Palmeira, filha de João da Cunha Vianna e de sua mulher Maria Candida Marcondes Vianna; neta pela parte paterna de Joaquim da Cunha Vianna e de sua mulher Maria Clara de Bittencourt Vianna; neta pela parte materna de José Prudencio Marcondes e de sua mulher Candida Branco Marcondes.
Filhos:
7-1 Odysséa da Motta Vianna Negrão.
7-2 Antonio da Motta Vianna Negrão.
7-3 Maria Izabel da Motta Negrão.
Casado em segundas nupcias em S. Paulo.

6-2 Themis da Motta Negrão, nascida a 9 de Agosto de 1884, fallecida de variola no anno de 1890.

6-3 Themira, fallecida em criança.

5-9 Major Manoel de Souza Dias Negrão, nascido a 29 de Outubro de 1848.
Fallecido em 5 de Julho de 1895. Foi um espirito esclarecido. Jornalista e polemista; foi membro de destaque do Partido Conservador. Foi Deputado Provincial, Secretario da Camara Municipal de Curityba, Official maior da Secretaria do Governo, Secretario da Instrucção Publica, Redactor dos debates do Congresso do Estado. Era um grande patriota, de idéas avançadas. Foi casado a 19 de Fevereiro de 1870,

com Augusta Candida Munhoz Negrão, filha do Coronel Caetano José Munhoz, importante industrial e capitalista, e de sua mulher Francisca de Oliveira Franco.
Com ascendentes de ambos descriptos em 5-3, pagina 246, do 1.º Volume desta Obra.
Filhos:

6-1 Rita Negrão de Faria e Albuquerque, nascida em Curityba, a 1.º de Abril de 1871, casada a 1.º de Abril de 1885, com o General reformado do Exercito Manoel José de Faria e Albuquerque. Foi commandante da Escola Militar de Porto Alegre; presidente do Congresso Legislativo do Estado do Paraná; filho do Tenente Coronel do Exercito Caetano de Faria e Albuquerque e de sua mulher Francelina da Silva e Albuquerque.
Tiveram a filha unica:
7-1 Carmen de Faria Albuquerque Pereira, nascida a 10 de Fevereiro de 1888, casada aos 15 annos com o Capitão, hoje Coronel do Exercito, engenheiro, Dr. João Dionisio da Silva Pereira, seu primo, filho do Coronel Antonio Romualdo da Silva Pereira e de sua mulher . . . , do Estado de Matto Grosso.
Filhos:
8-1 Alayde.
8-2 Alvaro.
8-3 Aracy.
8-4 Aydé.
8-5 Armando.
8-6 Aylda.
8-7 Alberto.

6-2 Francisca Negrão de Assis Correia, nascida na Barreira da Graciosa a 7 de Janeiro de 1873, casada em 1894 com o Tenente Benedicto de Assis Correia, de quem foi a primeira mulher. Falleceu em 17 de Novembro de 1912, em Florianopolis.
Filhos:
7-1 Leonor, fallecida em criança.
7-2 Orlando de Assis Correia, Sargento do Exercito, casado com Laura Rodrigues.
Teve:

8-1 Hiedy, nascido em Curityba a 27 de Julho de 1926.

7-3 Eleonora Correia de Aquino, casada com Felizardo Thomaz de Aquino.
Filhos:
8-1 Elsa.
8-2 Elba.
8-3 Elilia.

7-4 Dinorah Correia, solteira.

7-5 Ernani de Assis Correia, solteiro.

6-3 João de Souza Dias Negrão, Tenente reformado do Exercito, nascido a 6 de Junho de 1875. Prestou relevantes serviços a Republica, durante a Revolta da Armada de 6 de Setembro de 1893, no littoral em Paranaguá. Foi ahi commissionado em Official pelos serviços prestados á legalidade. Foi casado a 27 de Outubro de 1923 com sua prima Julia Adolphina Gomes, filha do Capitão Manoel Cordeiro Gomes e de sua mulher Unistarda Nogueira Gomes. Falleceu elle a 3 de Maio de 1924, com 7 mezes apenas de casado.

6-4 Maria Narciza, nascida e fallecida em 1876.

6-5 Manoel, nascido e fallecido em 1878.

6-6 Manoel de Souza Dias Negrão, nascido a 5 de Janeiro de 1880, 2.º Tenente reformado do Exercito, casado com Aurora Schleder, filha de Antonio Schleder e de sua mulher Gabriella Müller Schleder.
Filhos:
7-1 Auroél.
7-2 Maria de Lourdes.
7-3 Antonio.
7-4 Francisco, fallecido em criança.
7-5 Francisco.
7-6 Maria Apparecida.
7-7 Gabriel.
7-8 Osmar.

6-7 Alfredo de Souza Dias Negrão, nascido a 15 de Março de 1882, 1.º Official da Administração dos Correios do Paraná, casado com Maria Clara dos Santos Negrão, filha do Major José Agostinho dos Santos e de sua mulher Maria Clara Ferreira dos Santos.

Filhos:
7-1 Anaracy.
7-2 Addyr.
7-3 Adhemar.
7-4 Alfredo.

6-8 Sylvio de Souza Dias Negrão, empregado ferroviario, nascido a 10 de Maio de 1884. Casado com Julia Dutra Negrão.
Filhos:
7-1 Admir, fallecido em criança.
7-2 Zaide.
7-3 Admir.

6-9 José, fallecido em criança.

6-10 Carlos Munhoz Negrão, serventuario federal da fiscalisação das estradas de ferro. Nascido a 9 de Março de 1886. Casado com Cherubina Marcondes de Albuquerque, 7-7 de 6-1, Titulo Rodrigues de França. Ahi a descendencia.
Filhos:
7-1 Gastão.
7-2 Zilah.
7-3 Ivette.
7-4 Maria.
7-5 Carlos.
7-6 Beatriz.
7-7 Clotilde.

6-11 Clodomira, nascida a 8 de Julho de 1887 e fallecida em criança.

6-12 Julieta Negrão de Albuquerque, nascida a 25 de Outubro de 1889, casada com Moysés Marcondes de Albuquerque, 7-2 de 6-1, Titulo Rodrigues de França. Ahi a ascendencia.
Filhos:
7-1 Lilia.
7-2 Cid.
7-3 Mario.
7-4 Francisco.
7-5 João.

5-10 Guilhermina de Souza Dias Negrão, nascida a 24 de Março de 1838. Creatura bondosa e santa, viveu

sempre em companhia de seu irmão João e sua irmã Beliza. Não casou. Falleceu fulminada por um raio em 17 de Outubro de 1900.

5-11 Beliza Candida Negrão, nasceu a 3 de Outubro de 1840. Prototypo de todas as virtudes, viveu em estado de solteira em companhia de seu irmão João Negrão. Falleceu em Curityba a 25 de Setembro de 1912.

NOTA — O Capitão João de Souza Dias Negrão, tronco da familia de seu appellido, foi casado a primeira vez com Onistarda Maria do Rosario, natural de Paranaguá, a 3 de Outubro de 1815 e fallecida a 7 de Maio de 1826; filha de Angelo Custodio Sampaio, um dos primeiros exportadores de madeira, betas e cordoalhas, de Paranaguá. Era possuidor de uma barca que fazia o serviço de cabotagem entre Paranaguá e Rio de Janeiro, desde antes do anno de 1796, e de sua mulher Francisca Sampaio.

Desse primeiro matrimonio teve os seguintes filhos:

1 — Maria de Souza Dias Negrão Ribas, nascida em Paranaguá a 26 de Maio de 1819, falleceu em Curityba em Outubro de 1907. Foi casada em 29 de Agosto de 1837, em Curityba, com Francisco de Paula Ribas.
Teve 2 filhos:
a) Joaquim, fallecido em criança.
b) João de Paula Negrão Ribas, fallecido aos 21 annos de edade, solteiro. Era muito intelligente e bom.

2 — Maria, fallecida com 10 annos.

3 — Francisca, fallecida em criança.

4 — Francisca, fallecida com 10 annos.

5 — José, fallecido em criança.

6 — Izabel Maria Negrão Nogueira de Barros, nascida em Paranaguá a 28 de Junho de 1822, fallecida em S. Paulo, sendo casada a 10 de Novembro de 1846, em Curityba, com Francisco Teixeira Nogueira de Barros, filho de Angelo Custodio Teixeira Nogueira e de sua mulher Maria Ferraz de Camargo; neto pela parte paterna do Sargento-Mór Joaquim José Teixeira Nogueira e de sua mulher Angela Izabel de Souza Camargo; neto pela parte materna do Capitão Theodoro Ferraz Leite e de sua mulher Francisca Franco da Silva. 5-3 de 4-1, pagina 231, Titulo — Camargos — da Genealogia Paulistana, vol. 1.º Ahi a ascendencia.
Filhos:
a) Deolinda, fallecida em criança.
b) João, fallecido em criança.
c) João Nogueira de Barros, solteiro, morreu em combate na guerra do Paraguay.
d) Francisca, fallecida em criança.
e) Maria da Gloria Nogueira de Barros, conserva-se em estado de solteira. Nasceu em 15 de Novembro de 1854.
f) Ramiro Negrão Nogueira de Barros, casado em S. Paulo, onde reside, com....
Filhos:
aa) Regina.
ab) Maria.
ac) Izaias.
ad) Angelo, fallecido em criança.
g) Estellina Nogueira de Barros Magro, fallecida, foi casada com Vicente Ferreira Magro, tambem fallecido.
Tiveram 2 filhos, fallecidos ao nascer.

h) Unistarda Nogueira de Barros Gomes, casada com Manoel Cordeiro Gomes, filho do Capitão Manoel Cordeiro Gomes e de sua mulher Maria Francisca da Luz Gomes. Com ascendentes descriptos em 5-5 de 4-5 de 3-2 do Capitulo 2.º, § 1.º, Titulo Rodrigues de França.
Ahi os descendentes.

7 — Anna Negrão Mendes do Amaral, nascida a 21 de Janeiro de 1826, teve a desventura de perder sua mãe em 7 de Maio desse mesmo anno, aos 4 mezes de nascida, tendo o seu pae necessidade de entregal-a á mulher de Antonio Mires, para amamental-a até 1 anno, sendo por elles muito bem tratada.
Foi casada com Manoel Mendes do Amaral, que falleceu deixando-a com 6 filhinhos de tenra edade, em Porto de Cima, onde residiram por muitos annos.
Falleceu em Curityba em 13 de Junho de 1884, em casa de seu irmão João Negrão.
Deixou os seguintes filhos:
a) Firmino Mendes do Amaral, fallecido, sendo casado com Rita da Silva do Amaral.
Filhos:
aa) Noemia.
ab) Firmino.
b) Maria Mendes do Amaral, casada com João Baptista dos Santos, 6-1 de 5-5, Titulo Rodrigues de França. (Maria Mendes do Amaral, teve os filhos abaixo descriptos e mais 6 fallecidos em criança, que são: Julio, Julieta, Maria Julia, Maria Clara, Brazilino e Francisca.)
Filhos:
aa) Brasilia Candida de Souza, casada com João Bink.
Filhos:
A — Julieta, casada com Miguel Navarro.
Teve:
1 — Ismenia.
2 — Lourival.
3 — Maria de Lourdes.
4 — Lauro.
B — Manoel, fallecido.
C — Antonio, fallecido.
D — Celina, fallecida aos 5 annos.
E — Luciano, fallecido.
ab) Virgilia dos Santos, casada com Victorino Laio.
Filhos:
A — Athanagildo, com 18 annos.
B — Durvalina, com 14 annos.
C — Antonio, com 16 annos.
E mais 2 fallecidos em criança: Maria e Luiza.
ac) Rosa dos Santos, fallecida solteira.
ad) Celina dos Santos Kendrick, fallecida, foi casada com Jorge Kendrick, deixando os seguintes filhos:
A — Beliza.
B — Alice.
C — Olivio.
D — Elvira, fallecida.
E — Edelvira, fallecida.
ae) Placido dos Santos.
af) Rosamiro Eduardo de Souza, casado com Marciana Ribeiro dos Santos.
Filhos:
A — Laurentino.
B — Maria.

C — Uma menina fallecida em criança.
ag) João dos Santos.
ah) Joaquim Leoncio de Souza, casado com Ocalina Dias Baptista.
Filhos:
A — Antonio de Souza, fallecido com 17 annos.
B — Celina, casada com Hyppolito de Christo.
Teve:
1 — Oswaldo.
2 — Arthur.
C — Maria, casada com Felix Galdino.
D — Noemia.
E — Justiniana.
F — Mario.
G — Ocalina.
H — Sebastião.
E mais 4 filhos fallecidos em criança: João Baptista, Cyra, Manoel e Maria.
c) Izabel Mendes do Amaral, fallecida solteira.
d) Ricardo, fallecido em criança.
e) Narcizo Mendes do Amaral Negrão, fallecido em 1909, foi negociante em Curityba; dado á litteratura, foi casado com Estephania Pinto do Amaral.
Filhos:
aa) Annita, falleceu em plena mocidade, aos 17 annos de edade.
ab) Aydée, falleceu em plena mocidade, aos 17 annos de edade.
ac) Aline do Amaral, solteira, Professora Normalista, muito intelligente e dedicada ao magisterio publico. E' Professora em um dos Grupos da Capital.
ad) Aracy Mendes do Amaral.
ae) Amazonas, fallecido em criança.
f) Saturnino Mendes do Amaral, casado com sua prima Beliza Mendes do Amaral, já fallecida, sem geração.

O Capitão João de Souza Dias Negrão — o Velho —, entre o seu primeiro e o ultimo casamento teve o filho Antonio de Souza Dias Negrão, que foi honrado negociante em Morretes e chegou a possuir regular fortuna e que foi casado com Izabel Soares de Massaneiro Negrão, filha de Antonio José de Massaneiro e de sua mulher Anna Soares de Massaneiro.
Teve o filho unico:
1 — Capitão João Negrão, nascido em Paranaguá a 5 de Março de 1851, conceituado negociante em Morretes e na freguezia de S. Pedro do Anhaya, onde sempre gozou de prestigio e respeito pela sua honradez, bondade e operosidade. Militou nas fileiras do antigo partido liberal. Falleceu em Morretes em 1921. Foi casado a 15 de Abril de 1874 com Candida Gomes Negrão, nascida na Lapa, a 21 de Novembro de 1857, filha de Luiz Gomes de Amorim e de sua mulher Anna Januaria Mendes; neta pela parte paterna de Bernardo Gomes de Amorim e de sua mulher Joanna Gomes de Amorim; neta pela parte materna de Joaquim Mendes e de sua mulher Maria Rosa Mendes.
Teve:
a) Capitão João Negrão Junior, nascido no Anhaya a 23 de Julho de 1876, conceituado negociante em Teixeira Soares, linha S. Paulo—Rio Grande, onde, activo e emprehendedor, conseguiu constituir bôa fortuna. Foi Prefeito municipal naquella villa por muitos annos. Casado a 21 de Maio de 1898 com Carolina Schroeder, filha de Theodoro Schroeder e de sua mulher Bertha Legambre Schroeder, que residiram em Imbituva (Cupim).
Teve:

aa) João Negrão Netto, casado a 21 de Maio de 1924 com Yolanda Molinari, filha do abastado industrial Domingos Molinari, residente em Teixeira Soares e de sua mulher....
Teve:
ba) Maria da Conceição, nascida em 1925.
ab) Aline, fallecida em criança.
b) Antonio Candido Negrão, commerciante, residente em Morretes; nasceu em S. Pedro do Anhaya a 22 de Novembro de 1877 e se casou a 30 de Maio de 1903 com Dora Cit Negrão, filha de João Baptista Cit e de sua mulher Maria Bassani Cit; neta pela parte paterna de João Maria Cit e de sua mulher Dorothea Martinate Cit; neta pela parte materna de Jacomo Bassani e Jacomina Bassani.
Teve:
aa) Manoel, fallecido na infancia.
ab) Odilon Negrão, affeito aos estudos litterarios, para os quaes tem grande vocação; é serventuario do Estado.
ac) Orlando.
ad) Perola.
ae) Primavera.
c) Capitão Manoel Negrão, nascido no Anhaya a 16 de Setembro de 1879, falleceu em Curityba a 7 de Fevereiro de 1926; residiu em Marechal Mallet, linha S. Paulo—Rio Grande, onde foi acatado politico e Prefeito municipal. Foi casado a 22 de Junho de 1910 com Maria Augusta Macchiavelli.
Sem geração.
d) Prescilliano Negrão, nascido no Anhaya a 31 de Dezembro de 1881, conceituado commerciante em Ponta Grossa, onde goza de verdadeira popularidade, como em todo o interior do Paraná. Casado a 21 de Maio de 1907 com Vitalina Monteiro, filha de Marcolino Monteiro e de sua mulher Coleta Faria Monteiro.
Sem geração.
e) Pedro Negrão, telegraphista federal em Morretes; nasceu no Anhaya a 4 de Setembro de 1905 e se casou em 27 de Dezembro de 1913 com Maria Augusta Scarpim, filha de Pedro Scarpim e Maria Delaine Scarpim.
Teve:
aa) Lycurgo.
ab) Pedro.
ac) Douglas.
ad) Renaut.
f) Maria Candida Negrão Bellegard, nascida em Morretes, onde casou a 14 de Novembro de 1893 com Amelio Ferreira Bellegard.
Teve:
aa) Maria do Rosario Bellegard, casada com José Bellegard, Guarda-livros da firma Leão Junior & Cia. desta Praça, filho de Theophilo Nunes Bellegard e de sua mulher Maria Domitilla de Freitas Maia Bellegard, filha de José Ferreira de Freitas Maia, que foi escripturario da Alfandega de Paranaguá.
Sem descendentes.
ab) Hasdrubal Bellegard, agronomo.
ac) Amelia Bellegard Cit, casada a 28 de Junho de 1922 com José Cit, Professor normalista, hoje representante da firma industrial e commercial Souza Araujo & Cia. de Curityba, filho de João Baptista Cit e de sua mulher Maria Bassani. Foi elle casado em primeiras nupcias com Marcia Nogueira Cit.

4-7 Francisca Joaquina de Andrade Taborda Ribas, filha de 3-1. Fallecida a 21 de Fevereiro de 1888. Casada em 4 de Maio de 1826, com o Capitão Ricardo José Taborda Ribas (viuvo de Maria de Paula Bueno, de cujo matrimonio não tiveram filhos). Foi recrutado e serviu na primeira linha na fronteira do Sul até 1809. Possuia bôa fortuna em terras, propriedades em Curityba na rua do Rosario e dinheiro em ouro; seus bens foram inventariados e avaliados em 17:554$000, cabendo metade á sua esposa e a outra metade foi partilhada entre seus 8 filhos, dos quaes um era natural. Possuia muitas terras de criação de gado e de planta, em «Taquarova», «Boqueirão», «Sabiá», «Ribeirão», «Passaúna», «Cercado», uma fazenda com casas, bemfeitorias e gados em «Tindiquera», terras em «Cachoeirinha», no «Faxinal», etc.

(Continuação.)

Sem filhos.

ad) Amelio Bellegard, fallecido aos 22 annos de edade, a 10 de Janeiro de 1923, nos Campos do Jordão, onde se achava em tratamento.

ae) Edmundo Bellegard, solteiro.

g) José Negrão, nascido no Anhaya, a 30 de Março de 1889, negociante em Morretes, casado a 24 de Setembro de 1920 com Izabel Cit Negrão, filha de João Baptista Cit e de sua mulher Maria Bassani Cit.
Sem geração.

h) Izabel Negrão de Mello, casada a 25 de Dezembro de 1909 com Euzinio de Mello, filho de José da Cunha Mello e de sua primeira mulher Eliza Martins de Mello.
Sem geração.

i) Olympia Negrão de Faria, casada a 27 de Dezembro de 1909 com Ildefonso Faria, filho de José Faria e Emiliana Gomes.
Teve:
aa) Ivette, fallecida na infancia.
ab) José, fallecido na infancia.
ac) Maria da Penha.
ad) Izabel.

j) Maria da Luz Negrão Picanço, casada em 22 de Abril de 1911 com Alcides Picanço, filho de Luiz Victorino Picanço e de sua mulher Ariadenes Lobo Picanço.
Teve:
aa) Rubens, fallecido na infancia.

k) Alice Negrão Villa Nova, casada em 7 de Setembro de 1912 com Julio Villa Nova Junior, Agente ferroviario em Morretes, filho de Julio Villa Nova e de sua mulher Francisca Pereira Villa Nova.
Teve:
aa) Maria da Conceição, fallecida na infancia.
ab) José, fallecido na infancia.
ac) João, fallecido na infancia.
ad) Luiz, fallecido na infancia.

Falleceu com testamento em 18 de Abril de 1840, era filho do Capitão Manoel José Taborda Ribas (Capitão Nano) e de sua mulher Maria Rita de Lima, fallecida com testamento a 12 de Outubro de 1843.
Filhos:

5-1 Manoel Taborda Ribas, baptisado em Curityba, a 21 de Março de 1827.
Falleceu com testamento a 24 de Janeiro de 1889.
Teve com Francisca de Paula Ribas, os seguintes filhos:

6-1 Manoel Ludgero Taborda Ribas, nasceu a 16 de Março de 1860, foi casado com Maria da Gloria Gonçalves Ferreira.
Filhos:
7-1 Manoel, fallecido.
7-2 Joaquim Ludgero Taborda Ribas, casado com Domitilla Franco Taborba Ribas.

6-2 Ricardo de Paula Taborda Ribas, nascido a 3 de Junho de 1857, casado com Sylvia Gonçalves Cordeiro Ribas, 6-8 de 5-3.
Com descendencia ahi.

6-3 Maria da Gloria Taborda Ribas, casada com João de Oliveira Franco. (C. O. C.)

6-4 Maria do Céu Taborda Ribas, casada com Otto Ziemer. (C. O. C.)

5-2 Maria da Gloria Taborda, nascida em 1825, casada a 29 de Março de 1842, com Luiz José de Oliveira Franco, filho do Ajudante João Gonçalves de Oliveira Franco e de sua mulher Escolastica Angélica Bernardina.
Sem descendencia.

5-3 Capitão Joaquim Taborda Ribas, baptisado a 17 de Janeiro de 1830, casado com Paulina Francisca de Assis de Andrade, 5-6 de 4-3, de pagina 158 deste volume. Fallecido em Curityba a 7 de Janeiro de 1879.
Ahi a descendencia.

5-4 Commendador Mathias Taborda Ribas, baptisado a 21 de Setembro de 1833. Falleceu com testamento a 5 de Janeiro de 1891.
Importante industrial de Herva-Matte. Foi um cidadão

muito considerado na sociedade; foi por vezes Deputado Provincial. Casado com Balbina Munhoz Taborda Ribas, fallecida a 29 de Abril de 1888. Commendador da Ordem da Rosa.
Sem descendencia.

5-5 Capitão Lourenço Taborda Ribas de Andrade, baptisado a 27 de Abril de 1835 e fallecido a 13 de Agosto de 1878. Foi Presidente da Camara Municipal de Curityba e Deputado Provincial pelo Paraná, foi casado com Maria José dos Santos, filha de José dos Santos.
Sem descendencia.

5-6 Maria do Céu Taborda Ribas, casada aos 15 annos a 25 de Agosto de 1852, com Bento Florencio Munhoz, filho do Tenente Florencio José Munhoz e de sua mulher Luiza Licia de Lima.
Falleceram sem descendencia.

5-7 José Ricardo Taborda Ribas, nascido a 20 de Janeiro de 1839, foi casado com Carolina Alves Ribas, filha de Joaquim Rodrigues Alves e de sua mulher Anna Joaquina de Oliveira Lima.
Sem filhos.

O Capitão Ricardo José Taborda Ribas, de 4-7, teve com Maria Ortiz, o filho seguinte que reconheceu:

5-8 João Taborda Ribas, residente no Rio Negro, com 18 annos em 1843, falleceu em avançada edade, casado com Rosa do Prado Ribas.
Filhos:

6-1 Narciza Taborda Ribas.

6-2 Antonio Taborda Juck.

4-8 Tenente Coronel Ricardo Lustoza de Andrade, filho de 3-1.
Official da Ordem do Cruzeiro e Cavalleiro da de Christo. Foi Collector das rendas em Curityba em 1836. Representou saliente papel social e politico, gozando de largo prestigio; exerceu os elevados cargos da Republica, com intelligencia, honestidade e justiça. Foi provedor de diversas irmandades religiosas. Casado a 7 de Janeiro de 1822, com Francisca das Chagas Carrão, fallecida a 8 de Novembro de 1870,

filha do Portuguez Capitão Antonio José da Silva Carrão e de sua mulher Anna Maria Cortes; por esta, neta do Capitão Domingos de Siqueira Cortes e de sua mulher Maria Francisca da Costa, fallecida em 1792.
Filhos:

5-1 Francisca Leocadia Lustoza de Andrade Ribas, casada em Curityba a 20 de Maio de 1844, com o Brigadeiro Manoel Ferreira Ribas, natural de Castro, o qual exerceu diversos cargos entre os quaes o de Deputado Estadual nos biennios de 1874 a 1875; 1876 a 1877; 1878 a 1879. Um dos mais prestigiosos chefes politicos do interior do Paraná. Foi Director geral dos indios. Era filho do Sargento-Mór Benedicto Mariano Ribas e de sua mulher Maria Ferreira do Nascimento Ribas; neto pela parte paterna de Victor Mariano Ribas e de sua mulher Mariana Prestes, dos quaes trataremos em 5-4 de 4-1 adiante.
Foram os membros desta familia os fundadores de Pitanguy-Ponta Grossa.
Filhos:

6-1 Sebastião Damaceno Ribas, casado com Merlinda da Motta.
Filho unico:

7-1 José da Motta Ribas, casado com Maria José de Camargo Ribas.
Filha unica:

8-1 Zaira Ribas de Macedo, casada com Arnaldo Macedo, filho do Coronel Agostinho Ribeiro de Macedo e de sua mulher Gabriella de Souza Macedo.

6-2 Commendador Augusto Lustoza de Andrade Ribas, gozou de vasto prestigio não só em Ponta Grossa, onde residiu, como em todo o Estado. Era o seu nome verdadeiramente popular. Exerceu forte influencia politica e social no interior do Estado. Foi Deputado Provincial, Camarista e Presidente da Camara Municipal de Ponta Grossa. Era casado com Pureza Maria da Conceição Branco de Carvalho.
Teve:

7-1 Manoel Ferreira Ribas, casado com Zelinda da Fonseca Ribas.
Filhos:
8-1 Odette Ribas Paternot, casada com Edgard Paternot, natural da Belgica.
Sem filhos.
8-2 Prudencia Ribas, solteira.
8-3 Augusta Ribas de Macedo, casada com Francisco Rodrigues de Macedo, filho de Indalecio Rodrigues de Macedo.
Teve:
9-1 Maria Angelica.
8-4 Gustavo Ribas, solteiro.
8-5 Maria Ribas Curcio, casada com Luiz Curcio.
Sem filhos.
8-6 Helena Ribas, solteira.
7-2 Maria da Conceição Ribas Vauthier, casada com o Dr. Gustavo Carlos Vauthier, engenheiro civil, natural da Belgica.
Teve:
8-1 Suzana Pureza Vauthier Guidoux, casada com Marcel Guidoux.
Teve:
9-1 Carlos.
9-2 Nancy, fallecida.
9-3 Alberto.
8-2 Helena Vauthier de Souza, casada com o Dr. Alberto de Souza, medico.
Teve:
9-1 Paulo Roberto.
8-3 Alice Vauthier de Macedo, casada com o Dr. Rivadavia de Macedo, engenheiro civil, filho do capitalista Tobias de Macedo e de sua mulher Rosa Fonseca de Macedo.
Teve:
9-1 Rosa.
9-2 Rivadavia.
9-3 Nancy Maria.
7-3 José Lustoza Ribas, casado com Etelvina Erichsen, filha do Dezembargador Conrado Erichsen e de sua mulher Etelvina de França Martins Erichsen.

Filhos:
8-1 Augusto.
8-2 Marina.
7-4 Francisca de Carvalho Ribas de Moraes, casada com Brasiliano de Moraes.
Teve:
8-1 José Carlos, fallecido.
8-2 Estella Ribas de Moraes, casada com o 1.º Tenente Gabriel Ferrugem de Mello Mattos.
8-3 Indio.
7-5 Augusto de Andrade Ribas, casado com Dolca Vicent von Dabercoff.
Filhos:
8-1 Conceição.
8-2 Neuza, fallecida.
8-3 Léa, fallecida.
8-4 Armando.
7-6 Carlos, fallecido.
7-7 Pureza de Carvalho Ribas, casada com o Dr. Eduardo Emiliano Pereira dos Santos, medico.
Teve:
8-1 Alfredo.
8-2 Irene.
8-3 Jorge.
7-8 Maria Emilia Ribas, fallecida, foi casada com Florencio Monteiro.
Teve:
8-1 Severino.
7-9 Antonio de Andrade Ribas, casado com Corina Cambaim.
Teve:
8-1 José.
7-10 Joaquina Ribas, fallecida solteira.
6-3 João Baptista Lustoza Ribas de Andrade (Laluca), foi Deputado Provincial, casado com Anna Rosa Guimarães Ribas. Fallecido em 1926.
Filhos:
7-1 Augusto, fallecido.
7-2 Ernesto, fallecido.
7-3 Capitão Ricardo Lustoza Ribas, actual Thesou-

reiro da Agencia do Correio de Ponta Grossa, casado com Balbina Martins Ribas, filha do Coronel Generoso Martins de Araujo e de sua mulher Maria Magdalena Branco Martins.
Filhos:
8-1 Maria Magdalena, fallecida.
8-2 Odilon Lustoza Ribas, casado com Durvalina de Almeida Ribas, filha do Capitão Custodio Borges de Almeida e de sua mulher Carolina Bahles de Almeida.
Filhos:
9-1 Odette.
9-2 Diva.
9-3 Edith.
9-4 Romeu.
9-5 Arlette.
8-3 João Lustoza Ribas.
8-4 Osmario Lustoza Ribas.
8-5 Jacy, fallecido.
8-6 Darcy.
8-7 Caio, fallecido.
8-8 Sebastião, fallecido.
8-9 Maria, fallecida.
8-10 Generoso, fallecido.
8-11 Hamilton, fallecido.
8-12 José Lustoza Ribas.
8-13 Ricardo Ribas.
8-14 Romeu Lustoza Ribas.
7-4 João Baptista Ribas Junior, casado com Julieta de Araujo Ribas, filha de Eduardo Manoel de Araujo e de sua mulher Antonina de Araujo.
Teve:
8-1 Carlos.
8-2 João.
8-3 Nocly.
8-4 Ary, fallecido.
8-5 Vanette.
7-5 Manoel Lustoza Ribas, casado com Lucia Teixeira Ribas, filha de Joaquim Teixeira Duarte e de sua mulher Balbina Lustoza Teixeira.

Teve:
8-1 João.
8-2 Lourival.
8-3 Edu.
8-4 Levy.
7-6 Ismael Lustoza Ribas, solteiro.
6-4 Joaquina Lustoza Ribas, casada com o Coronel Cezar Mariano Ribas, que por morte de sua primeira mulher passou a segundas nupcias com Pureza Ribas.
Filhos:
7-1 Maria Christina Lustoza Ribas, fallecida, foi casada com o Coronel Ernesto Guimarães Villela, importante capitalista e Chefe politico em Ponta Grossa, onde goza de grande prestigio. Foi Prefeito Municipal, Deputado Estadoal e Vice-Presidente do Estado, filho do Commendador Bonifacio José Villela e de sua mulher Placidina Guimarães Villela (1). Com 8 filhos nati-mortus.
8-1 Cezar Ribas Villela, solteiro.
7-2 Anna Maria, fallecida.
5-2 Tenente-Coronel Antonio Ricardo Lustoza de Andrade, nasceu em 1823, em Curityba. Foi casado com Gabriella Franco Lustoza de Andrade, filha do Ajudante João Gonçalves Franco e de sua mulher Escolastica Angelica Bernardina. Elle natural da Villa Nova de Covas de Cerveira, arcebispado de Braga-Portugal, onde nasceu em 1777 e fallecido em Curityba a 19 de Junho de 1853; ella natural de Lages, Santa Catharina, onde nasceu a 28 de Outubro de 1790. Neta pela parte paterna do Tenente Luiz Antonio Gonçalves Franco e de sua mulher Ignacia Maria da Cruz, naturaes da Villa Nova de Covas; neta pela parte materna do Tenente-Coronel Manoel Teixeira de Oliveira Cardoso, natural da Ci-

(1) O Coronel Ernesto Guimarães Villela, por morte de sua primeira mulher passou a segundas nupcias com Maria Sophia Novaes, viuva do Coronel João Mariano Ribas, e filha do Coronel Jordão do Canto e Silva e de sua mulher Maria Marques.
Desse seu segundo casamento teve dois filhos: Cyro e Ernesto.

dade do Porto-Portugal, onde nasceu a 5 de Março de 1765, e de sua primeira mulher Anna Maria do Sacramento; por esta, bisneta do Capitão Bernardino da Costa Filgueiras e de sua mulher Margarida Cardoso de Jesus. Occupou diversos cargos publicos, durante o imperio; serviu de Secretario do Governo da Provincia do Paraná; por mais de uma vez foi eleito Deputado Provincial. Foi Thesoureiro da Thesouraria Geral de Fazenda da antiga Provincia, cargo esse que desempenhou com honestidade, zelo e competencia, até sua morte, registrada a 29 de Novembro de 1884, na cidade de Curityba.

Durante sua vida dedicou-se com devotamento a todas as cauzas que se prendiam ao adiantamento moral e material da sociedade, sempre cercado de respeito e consideração dos seus concidadãos.

Pelo Governo da então Provincia, foi encarregado da construcção do edificio da Escola Oliveira Bello, nesta Capital, que foi inaugurado a 28 de Setembro de 1884, como tambem da reconstrucção da igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, cujas obras sob a sua fiscalisação foram levadas a cabo a contento de todos. Escreveu bôa monographia sobre as Ordens Terceiras de Curityba.

Foi membro da commissão de uma exposição de productos da Provincia e attento aos seus relevantes serviços nesta commissão, foi agraciado com a Commenda da Rosa. Collaborou em diversos jornaes do Paraná, taes como, no «Dezenove de Dezembro» e na «Provincia do Paraná», occupando-se sempre em seus trabalhos, de assumptos relevantes e de altos interesses economicos e sociaes.

Escreveu varios artigos sobre o plantio do trigo, deixando nesse sentido preciosa monographia.

O Tenente-Coronel Antonio Ricardo Lustoza de Andrade, forneceu ao Dr. José Lourenço de Magalhães as necessarias informações a respeito da morphéa na Provincia do Paraná, o qual dellas se serviu para a importante obra que publicou sobre essa molestia.

Filhos:

6-1 Major João Lustoza de Andrade, importante capitalista e proprietario em Curityba, onde foi estabelecido e onde exerceu varios cargos, entre os quaes o de Vereador e Presidente da Camara, Juiz de Paz, etc. Gozou de consideração e respeito e teve valor politico, pertencendo sempre ao antigo partido liberal. Foi casado com Anna Flora Rodrigo de Andrade, filha do abastado capitalista Antonio José Rodrigo e de sua mulher Maria da Gloria Tinoco; por esta, neta de Antonio José Pereira Tinoco, natural de S. Eulalia de Crespos, arcebispado de Braga-Portugal, fallecido em Curityba com testamento a 1.º de Março de 1856, e de sua mulher Senhorinha Maria Ferreira, fallecida em 1872; por esta, bisneta de Catharina Ferreira; por seu avô Antonio José Pereira Tinoco era bisneta de Francisco Pereira de Araujo e de sua mulher Josepha Rosa Tinoco, naturaes de S. Eulalia. Foram possuidores de terras no Xaxim, arrabalde junto ao bairro do Portão, em Curityba.

Filhos:

7-1 Octavio Lustoza de Andrade, pharmaceutico, já fallecido, foi casado com Emilia Bendazeski, filha do commerciante Eugenio Bendazeski, antigo socio da importante firma Alfredo, Eugenio & Cia., já extincta, e de sua mulher Olga Bendazeski.

Filhos:

8-1 Flora.
8-2 Antonio Ricardo.
8-3 Arnaldo.
8-4 Maria da Luz.
8-5 Lygia.

7-2 Waldomiro Lustoza de Andrade, casado com Dulce Figueiredo, filha do Dr. Alberto Figueiredo e de sua mulher Sylvia Rocha.

Teve:

8-1 Yedda.

7-3 Dermeval Lustoza de Andrade, Pharmaceutico, casado com Stella de Carvalho, filha do Major João Carvalho de Oliveira Junior e de sua mulher Maria Rufina Borges de Macedo; neta pela parte parterna do capitalista João Carvalho de Oliveira e de sua mulher Francisca Rosa de Bittencourt. Neta pela parte materna do Capitão Tiburcio Borges de Macedo e de sua mulher Anna Rufina Ribas.

Sem descendentes.

7-4 Heitor Lustoza de Andrade.

7-5 Dinarte Lustoza de Andrade, casado com Mary Kaled de Andrade.
Teve:
8-1 Maria da Conceição, nascida em Setembro de 1926.

7-6 Antonio
7-7 Gabriella
7-8 João
7-9 Celmira
7-10 Raul
7-11 Antonio
7-12 Maria da Luz
7-13 Manoel
7-14 Maria
} fallecidos em criança.

6-2 Maria Christina Lustoza de Carvalho, viuva de Manoel Pereira Leite de Carvalho, que foi negociante atacadista no Rio de Janeiro, natural de Portugal.
Filhos:

7-1 Aristides Lustoza de Carvalho, foi casado com Dulcina de Carvalho. Fallecido.
Teve:
8-1 Manoel Pereira Leite de Carvalho Netto.

7-2 Noemy de Carvalho Mattos, casada com o Dr. Capitão da Armada Edgard Xavier de Mattos.
Teve:
8-1 Lourdes de Carvalho Mattos.

7-3 Maria Henriqueta de Carvalho Marques, casada com o Dr. Plinio Gonçalves Marques, medico, residente no Rio de Janeiro, Deputado Federal pelo Paraná. Filho do Coronel João Eugenio Gonçalves Marques e de sua mulher Josephina de Lacerda Marques, 6-1 de 5-11 de 4-4 de 3-2 de 2-7 do § 1.º, Capitulo 2.º, Titulo Rodrigues de França.
Filhos:

8-1 Maria Marques, casada com o Dr. Oscar de Mendonça, engenheiro civil.
Teve:

9-1 Pedro Paulo, nascido a 23 de Outubro de 1926.

8-2 Véra.

8-3 Heloisa.

8-4 Zélia Marques, casada a 8 de Dezembro de 1926 com seu primo Ennio Marques Filho, socio da firma industrial João Eugenio & Cia., filho do capitalista Ennio Gonçalves Marques, laborioso e adiantadissimo industrial, tão cedo fallecido, socio da referida firma, e de sua mulher Nathalia Stolle Marques.

8-5 Lydia.

7-4 Gabriella
7-5 Manoel
7-6 Leonor
} fallecidos em criança.

6-3 Gabriella Lustoza de Andrade Carrão, fallecida, foi casada a 6 de Janeiro de 1873 com o Capitão Benedicto Pereira da Silva Carrão, Escrivão do Registro Civil de Curityba, foi fundador, director e proprietario da «Gazeta Paranaense», orgam do Partido Conservador do Paraná.
Foi Deputado provincial e estadual e como tal Secretario do Congresso.
Foi Commissario de Policia chegando a assumir o lugar de Chefe de Policia. Filho de Manoel José Pereira dos Santos, casado a 11 de Maio de 1845 com Maria Joanna da Silva; neto pela parte paterna de João José Pereira Borges e de sua mulher Maria Francisca; neto pela parte materna do Capitão Antonio José da Silva Carrão, natural da Sé, Cidade do Porto, casado em Curityba a 21 de Janeiro de 1796 com Anna Maria Côrtes, natural de Curityba; por seu avô Capitão Antonio da Silva Carrão era bisneto de Manoel Francisco Ayrão, natural da freguezia de Lora-Porto, e de sua mulher Rosa Joaquina do Espirito Santo, da Sé-Porto. Por Anna Maria Côrtes era bisneto de Domingos Fernandes Côrtes, natural de Braga, e de sua mulher Maria Francisca da Costa, natural de Curityba; por esta, bisneto de João da Costa Rosa e de sua mulher Maria Cardoso, naturaes de Curityba.

Teve o filho unico:

7-1 Dr. Manoel Antonio Lustoza Carrão, medico da Directoria do Serviço Sanitario do Estado, viuvo de Elisa de Miranda Carrão, fallecida, 7-1 de 6-9, Titulo Rodrigues de França.
Ahi a descendencia.

6-4 Maria da Conceição Lustoza Munhoz, viuva do Coronel Caetano Alberto Munhoz, viuvo de Leonidia da Silva Pereira, 6-3 de 5-7. Foi Inspector da Alfandega de Paranaguá, Chefe de Secção da Alfandega de S. Paulo, Delegado Fiscal do Thesouro Nacional, no Paraná, Secretario do Interior do Governo do Estado, tendo exercido innumeras e importantes commissões de confiança governamental. Filho do Tenente-Coronel Caetano José Munhoz, fallecido, que foi importante industrial de herva matte em Curityba, proprietario do engenho de herva matte conhecido por «Engenho Caetaninho» (hoje pertencente a viuva Bernardo da Veiga), natural de Paranaguá; e de sua mulher Francisca de Assis Oliveira Munhoz; neto pela parte paterna do Tenente de milicias Florencio José Munhoz e de sua mulher Luiza Licia de Lima, naturaes de Paranaguá. Neto pela parte materna do Ajudante João Gonçalves Franco, natural de Portugal, e de sua mulher Escolastica Angelica Bernardina, natural de Lages; por seu avô materno é bisneto de Luiz Antonio Gonçalves Franco e de sua mulher Ignacia Maria da Cruz; por sua avó materna é bisneto do Tenente-Coronel Manoel Teixeira de Oliveira Cardoso e de sua mulher Anna Maria do Sacramento.
Filhos:

7-1 Dr. Alberto Lustoza Munhoz, Bacharel, Empregado de Fazenda.

7-2 Dr. Ademaro Lustoza Munhoz, engenheiro civil, Director Geral das Obras Publicas do Estado.
Casado com Ignez Colle, filha do Cavalheiro Santiago M. Colle e de sua mulher Annita Colle.
Teve:

8-1 Caetano Santiago.

7-3 Manoel, fallecido em criança.

7-4 Aristophanes, fallecido em criança.

6-5 Escolastica Lustoza de Barros, casada com o Commendador Antonio de Barros, natural de Portugal e viuvo de Thereza de Lima Barros. Foi negociante, Guarda-livros, Camarista municipal e Thesoureiro da Camara de Curityba.
Era filho de José D. . . . . de Barros e de Joaquina Pereira de Barros. Falleceu a 14 de Janeiro de 1925.
Teve:

7-1 Maria Rosa Lustoza de Barros, casada a 15 de Fevereiro de 1913 com Olegario Ribas de Paula Marcondes, 7-1 de 6-1 de 4-6 de 3-5, adiante.
Sem geração.

7-2 Dagmar de Barros Almeida, casada com Plinio Rodrigues de Almeida, filho do capitalista José Rodrigues da Almeida e de sua primeira mulher Gertrudes da Silva Almeida.
Teve:

8-1 Antonio José, nascido a 17 de Maio de 1920.

8-2 Maria Apparecida, nascida a 30 de Dezembro de 1922.

7-3 Conceição de Barros Lima, casada com Arcezio Correia de Lima, filho de Agostinho Pereira Lima e de sua mulher Lucilia Correia Lima.
Teve:

8-1 Agostinho Antonio, nascido a 11 de Fevereiro de 1920.

8-2 Arcezio, nascido a 28 de Setembro de 1924.

7-4 Lygia de Barros Bruni, casada com o Dr. Attilio Bruni, filho de José Bruni e de sua mulher Margarida Ursine Bruni.
Teve:

8-1 Antonio Carlos, nascido a 26 de Junho de 1923.

8-2 Gabriel, fallecido.

7-5 Marcello, fallecido.

7-6 Laura, fallecida.

7-7 Nahyr, fallecida.

7-8 Antonietta, fallecida.

7-9 Gabriella Lustoza de Barros.

6-6 Major Ricardo Lustoza de Andrade, casado com Emilia Pray de Andrade.
Filhos:
7-1 Gabriella de Andrade, casada com José Ballão.
Teve:
8-1 Glacy.
8-2 Galileu.
8-3 Nahyr.
7-2 Noemy.
7-3 Romeu.
7-4 Anna.
7-5 Esther.
7-6 Ricardo.
7-7 Oscar.
7-8 Yeda.

6-7 Leonor Lustoza Barroso, casada com o Tenente-Coronel João Moreira Cezar Barroso, Official de Artilharia Montada do Exercito.
Filhos:
7-1 Aracy Barroso de Oliveira, casada com Ernani de Oliveira.
Teve:
8-1 Paulo Expedicto.
7-2 Jandyra.
7-3 Armando.
7-4 Zilda.

6-8 Mario Lustoza de Andrade, Tenente veterinario do Exercito, fallecido, casado com Aggripina Bonoso de Andrade, filha do Capitão Sigismundo Bonoso, Official de Cavallaria do Exercito, fallecido, casado em Curityba a 15 de Novembro de 1871 com Idalina dos Prazeres de Bittencourt.
Neta pela parte paterna de João Leonardo Bonoso e de sua mulher Adelaide Emydia Cardez. Neta pela parte materna de João José Correia de Bittencourt, natural da Ilha da Graciosa-Portugal, casado em Curityba a 2 de Setembro de 1837 com Maria da Conceição Dias; por elle, bisneta de José Correia de Bittencourt e de sua mulher Rosa Maria de Bittencourt, naturaes de N. S. de Guadelupe, da Ilha da Graciosa-Portugal.

Filho:
7-1 Napoleão.

6-9 Anna Maria
6-10 Francisca
6-11 Antonio
6-12 Francisco
6-13 Antonio
6-14 Maximiano
6-15 Eugenio
6-16 Francisca
} fallecidos em criança.

4-9 Anna Maria de Jesus Lustoza de Andrade, fallecida com cerca de 100 annos de edade a 19 de Fevereiro de 1879, filha de 3-1, casada em 26 de Janeiro de 1804, em Curityba, com o Tenente José Luiz Pereira, filho do Guarda-mór Luiz Manoel Pereira, fallecido com testamento em Paranaguá a 23 de Fevereiro de 1811 (que foi casado em primeiras nupcias com Rita Neves das Mercês, sem filhos) e de sua segunda mulher Maria Laynes de Assumpção. Neto pela parte paterna de Diogo Pereira de Araujo e de sua mulher Valerianna Maria de Amorim, naturaes da freguezia de N. S. das Neves de Covas — termo da Villa da Brama de Valões — (Archivo de Braga-Portugal).
Filhos:
5-1 Manoel Luiz Pereira, casado com Maria Aurea Bastos.
Filhos:
6-1 Maria, fallecida em criança.
6-2 Tito, fallecido em criança.
6-3 Thereza, fallecida em criança.
6-4 Anna de Andrade Pereira.
5-2 Pedro José Pereira, solteiro.
5-3 Joaquina Rosa Pereira de França, casada com o Capitão Francisco de Paula França, filho de Manoel José de França e de Maria da Conceição; neto pela parte paterna de José Francisco Correia e de sua mulher Anna Maria da Conceição; por este, bisneto do Sargento-mór Simão Gonçalves de Andrade, natural da Ilha do Pico da Madeira, cidade de Funchal (filho de outro de igual nome e de sua mulher Clara Munhoz Ca-

mara) casado em Curityba a 15 de Julho de 1738 com Escolastica Soares do Valle; por esta, terneto de João Ribeiro do Valle e de sua mulher Izabel Soares, dos fundadores de Curityba.

Filhos:

6-1 Anna, fallecida.
6-2 Mario, fallecido.
6-3 José, fallecido.
6-4 Francisco, fallecido.
6-5 Maria Rosa de França, casada em Curityba a 14 de Novembro de 1868 com o Capitão João Ferreira Gomes, filho de Manoel Narcizo Bello e de sua mulher Francisca de Paula França.

Filhos:

7-1 Iphigenia de França Macedo, casada com o Tenente-Coronel Manoel Ribeiro de Macedo, foi industrial de herva-matte, Presidente da Camara Municipal de Curityba, 6-9 de 5-4 adiante, era viuvo de Benedicta França de Macedo, 6-8 adiante. Ahi a descendencia.
7-2 Capitão Antonio de Paula França Gomes, do 15.º Batalhão de Infantaria do Exercito.
(Apezar de numerosas diligencias, não conseguimos colher dados informativos sobre os descendentes do Capitão João Ferreira Gomes. Nossos pedidos verbaes e cartas reiteradas não tiveram solução.)
7-3 Maria Rosa França Gomes.
7-4 Amelia de França Gomes, Professora publica da Capital, viuva de . . . .
7-5 Benedicto
7-6 Iphigenia
7-7 Joaquim
7-8 Maria
} fallecidos em criança.

6-6 Paulina Pereira de França Gomes, fallecida em Novembro de 1926, casada com Manoel Agostinho Martins do Nascimento. (Não conseguimos informações completas sobre a descendencia deste casal, apezar de reiteradas solicitações nossas.)

Filhos:

7-1 Francisco França do Nascimento, foi commissario de Policia da Capital, falleceu solteiro.
7-2 Theodorico França do Nascimento.
7-3 Jovita.
7-4 Manoel.
7-5 Paulino.
7-6 Agostinho.
7-7 Jovita
7-8 Abilio
7-9 Francisco
} fallecidos em criança.

6-7 Coronel Ignacio de Paula França, foi por vezes camarista municipal de Curityba e Presidente da Camara, era abastado industrial. Foi Thesoureiro da Delegacia Fiscal do Thesouro Nacional em Curityba. Foi casado em primeiras nupcias com Amelia Pereira Jorge, e em segundas nupcias com Izabel Cortes de França.

Teve do primeiro matrimonio o filho unico:

7-1 Aristides de França, primoroso litterato, prematuramente fallecido, casado com Maria da Graça Fonseca Macedo, 7-1 de 6-2.
Ahi a descendencia.

Teve do segundo matrimonio:

7-2 Sylvia, fallecida.
7-3 Noemia França Pinheiro Lima, casada com o Coronel Benigno Lima Filho, funccionario municipal de Curityba, filho do Coronel Benigno Augusto de Lima e de sua mulher Maria Geraldina Pinheiro Lima.
Teve:
8-1 Maria de Lourdes Lima.
8-2 Zair Lima.
8-3 Izabel, fallecida com $1^1/_2$ annos de edade.
7-4 Elvira França Piedade, casada com o Dr. José de Alencar Piedade.
Teve:
8-1 Maria Lygia.
8-2 Ernani.
8-3 Renato.
8-4 Eunice.

7-5 Osminda França Curtes, casada com Antonio Bernardino Curtes.
Teve 1 filho.
7-6 Francisco de Paula França, fallecido aos 20 annos de edade a 1.º de Outubro de 1917.
7-7 Jayme de Paula França, solteiro em 1925.
7-8 Ignacio de Paula França, solteiro em 1925.
6-8 Benedicta França de Macedo, foi a primeira mulher do Coronel Manoel Ribeiro de Macedo, 6-9 de 5-4 adiante.
Teve:
7-1 Iphigenia de Macedo Munhoz, casada com Alcides Munhoz, filho do Coronel Caetano Alberto Munhoz e de sua primeira mulher Leonidia da Silva Pereira, 5-2 de 4-1, de pagina 242 do 1.º Volume desta Obra.
Ahi os seus ascendentes.
Nasceu Alcides Munhoz em Curityba, a 2 de Agosto de 1873. Tem exercido os seguintes cargos: Official da Secretaria de Finanças do Estado; Chefe de Secção; Director do Expediente e Contabilidade; Director Geral da Secretaria de Fazenda; Director Geral da Secretaria Geral do Estado, exercendo actualmente o elevado cargo de Secretario Geral do Estado. Litterato dos salientes, tem o seu nome em evidencia na litteratura paranaense, e grande é a sua bagagem litteraria. E' membro effectivo do Centro de Letras do Paraná, do Instituto Historico e Geographico Paranaense e Presidente da Academia de Letras do Paraná. Tem publicado as seguintes Obras:
Romances: Pathmos (1903); Mbá (1904); O Grande Theatro (1905).
Polemicas: O Snr. Sylvio Romero e o allemanismo no sul do Brasil (1907); A Teutophobia do Snr. Sylvio Romero (1910).
Propaganda: Le Paraná pour l'Etrangèr (1907); O Pão Brasileiro (1912); Observações Geraes sobre o Estado do Paraná (1918); O Paraná e o Trigo (1919).

Politica: Dr. Vicente Machado (Esboço politico — 1905).
Burocracia: Indicador do Funccionario de Fazenda do Estado, 2 edições (1910 e 1922); Relatorio do Delegado Executivo da Producção Nacional (1919).
Critica: O Cerebro de um Duque (1922).
Theatro: D. Luxo (comedia — 1922); Idyllio do Tempo (poemeto — 1922); Comedia Paranaense (1921) contendo: O Vigilado; As meias de Seda; Castor e Pollux; Flor do Campo; Estrella Polar; A cabeça do Ministro, em 3 actos.
Conferencias: Club Catholico (1902); 10 paginas, impressão de Cezar Schulz, Curityba; A Caridade (1921); Victor Hugo (1922); Trilogia Precursora (1922); A Musia (1923); Licção de Civismo (1924); Independencia Americana (1925); A Nobreza (1926). Essas conferencias formam um volume denominado: Conferencias e discursos.
Alem desses livros publicou mais: Notas de Curityba (1906), no Diario Popular de São Paulo; Cartas Paranaenses (1907), nesse mesmo Diario; Autos de Fé (1905), no rodapé d'A Republica; O Presente de Anno Bom (conto — 1905); Os chinellos (contos). Ultimamente publicou importantes Relatorios sobre negocios publicos, de assumptos que correm pela Secretaria Geral do Estado que superiormente dirige.
No jornalismo tem collaborado em quasi toda a imprensa do Paraná, redactoriando em Julho e Agosto de 1915 «A Republica»; tem collaborado no jornalismo de fóra do Paraná, e foi correspondente telegraphico em Curityba, do «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro; do «Correio Paulistano» e

da «Agencia Americana». Tem cooperado efficazmente para o progresso material e intellectual do Estado. (Estes dados foram colhidos em grande parte do pequeno opusculo: Alcides Munhoz, de Leocadio Correia — 1922.)

Teve desse consorcio os seguintes filhos:

8-1 Dr. Laertes de Macedo Munhoz, formado pela Faculdade de Direito do Paraná; actualmente exerce o cargo de Promotor Publico da Comarca da Palmeira. Casado com Heloisa de Souza Munhoz, filha de José Conrado de Souza e de sua mulher Carlota de Quadros Souza.

8-2 Dr. Milton de Macedo Munhoz, medico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. E' clinico em Curityba.

8-3 Alcides Munhoz Junior, agrimensor pelo Collegio Militar do Rio de Janeiro e Aspirante do Exercito, por haver terminado o Curso da Escola Militar do Realengo.

8-4 Manoel Alberto de Macedo Munhoz, 4.º annista do Gymnasio Paranaense de Curityba.

8-5 Lelia de Macedo Munhoz, com o Curso do Collegio da Divina Providencia, de Curityba.

8-6 Laura de Macedo Munhoz, 2.º annista da Escola Normal Secundaria de Curityba.

8-7 Lygia de Macedo Munhoz, alumna primaria do Curso annexo da Escola Normal.

8-8 Maria da Luz de Macedo Munhoz, alumna primaria do Curso annexo da Escola Normal.

7-2 Joaquina de Macedo Lopes, casada com

Francisco das Chagas Lopes, filho do Coronel Jesuino da Silva Lopes e de sua mulher Amelia da Silva Pereira, casado a 14 de Agosto de 1875; neto pela parte paterna de Candido Martins Lopes, distincto cidadão, introductor da imprensa no Paraná por occasião da sua emancipação politica em 1853, e de sua mulher Gertrudes da Silva Lopes. Foi o proprietario do «Dezenove de Dezembro», jornal que suspendeu sua publicação em 1889 por occasião da proclamação da Republica. Neto pela parte materna de Francisco da Silva Pereira e de sua mulher Constancia Bertholina de Sá Ribas, já referidos em 7-1 acima. Ver 7-1 de 6-4.

Filhos:

8-1 Maria da Luz, nascida a 2 de Fevereiro de 1902.

8-2 Yone Lopes Borio, casada com Olavo Borio, filho de Secundino Borio e de sua mulher Francisca Pinheiro.

Teve:

9-1 Leonidas.

9-2 Gelta.

8-3 Hebréa Lopes, fallecida em 1910.

8-4 Clotario Lopes, nascido a 17 de Dezembro de 1909.

8-5 Claudio Lopes, nascido a 2 de Março de 1911.

8-6 Hebréa Lopes, nascida a 29 de Julho de 1912.

8-7 Helgo Lopes, nascido a 9 de Abril de 1914.

8-8 Leonidas Lopes.

8-9 Alceu Lopes.

8-10 Ruth Lopes.

6-9 Francisca de Paula França, falleceu em estado de solteira em Dezembro de 1904.

5-4 Francisca de Paula Pereira de Macedo, filha de 4-9, nascida em 1825, casada a 9 de Abril de 1839 com Manoel Ribeiro de Macedo — o velho —, viuvo de Leocadia Lourença das Dôres, filho de Manoel Ri-

beiro Callado e de sua mulher Catharina Ribeiro de Macedo; neto pela parte materna de Bento Ribeiro Guimarães e de sua mulher Maria Correia de Macedo; por esta, bisneto de João Correia da Fonseca e de sua mulher Catharina de Macedo Baldraga, 4-2 de 3-2 de 2-2, § 6.º, Capitulo 5.º, do Titulo Borges de Cerqueira, da «Genealogia Paulistana», pagina 537, volume 3.º.

O Capitão Manoel Ribeiro de Macedo — o Velho —, foi o tronco da familia de seu appellido, do Paraná. Homem de valor, negociante probo, adiantado industrial, chefe politico de prestigio em Porto de Cima.

Em 1854, exercia as funcções de Administrador da Barreira de «Itupava», em lugar proximo ao viaducto S. João, na actual Estrada de ferro do Paraná, na raiz da Serra. O Conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos ao assumir a Presidencia da Provincia que installára, procurou substituir os velhos funccionarios nomeados pelo governo Paulista; entendia elle que uma nova Provincia devia ser constituida por funccionarios novos e activos. O Capitão Macedo, si bem que fosse homem ainda forte, era comtudo, carregado de familia, o que o obrigava a permanecer longo tempo no Porto de Cima. Julgou o Conselheiro Zacharias que esse facto prejudicava os interesses da arrecadação provincial e o exonerou. Quando o Administrador Macedo assumiu o cargo na Barreira do Itupava, foi residir em um predio sem conforto, sem vidraças, sem fôrro para os dormitorios, sem lugar apropriado para o archivo, emfim, encontrou um verdadeiro rancho, sem commodidades. Pedir á administração paulista os concertos ou reforma do predio, seria bradar no deserto. Assim, mandou collocar uns caibros de madeira em dois compartimentos do edificio, á sua custa, e sobre elles fez collocar umas 20 tabôas em forma de fôrro; ficando assim o edificio mais confortavel.

Ao saber, porem, que fôra exonerado do lugar de Administrador da Barreira, tres dias antes de entregal-a ao seu substituto, com escravos seus vindos do Porto de Cima, fez retirar as tabôas do fôrro, que eram de sua propriedade, bem assim, retirou um armario tôsco de madeira que tambem lhe pertencia. Isso o fez depois de haver offerecido venda de tudo ao seu substituto, que recuzou comprar. As tabôas foram despregadas dos barrotes collocados pelo Capitão Macedo e que, como áquellas, lhe pertenciam. Não houve portanto, destruição dos bens pertencentes á Fazenda provincial. Além disso, um dos escravos que era pedreiro, munido dos respectivos apetrechos, subiu ao telhado e retelhou toda a casa.

Não houve protesto por parte de pessôa alguma, nem troca de palavras, mesmo porque, quando esse facto se deu, o seu substituto não havia sido ainda empossado. Tendo porem, a Presidencia da Provincia sido scientificada, ordenou ao novo Administrador Antonio Francisco Carneiro que representasse immediatamente sobre o caso. Com a nova Provincia que se installava, queria o Conselheiro Zacharias praticar um acto de energia, que servisse de exemplo, evitando a reproducção do facto e de outros semelhantes. Não percebeu, porem, que com esse acto de energia praticava grave injustiça que tão profundamente feria um respeitabilissimo chefe de familia.

Eis o officio pelo qual o Administrador Carneiro relatou os factos ao Inspector da Thesouraria:

«Illmo. Snr.
«Em cumprimento ao ordenado por V.ª S.ª em Portaria de 31 do mez findo, pela qual ordena informe á esta Thesouraria, com urgencia, sobre o facto de ter o ex-Administrador desta Barreira Manoel Ribeiro de Macedo, ao entregar a mesma por demissão que foi concedida, arrancado fôrros de quartos da casa da Administração e varias peças da mesma casa, com grave prejuizo do predio, cumpre-me responder á V.ª S.ª que quando me foi entregue a dita casa, pelo Administrador Antonio Francisco Carneiro, que veio substituir o dito Macedo, me mostrou o dito Carneiro os vestigios que ainda existem e podem ser examinados, de ter o mesmo Macedo arrancado o fôrro da alcova desta casa e prateleiras que tinha na varanda, e além disto, é patente que, por não ter a mesma casa sido retelhada em tempo, as muitas goteiras abertas pelos ventos, detrioraram as paredes a ponto de se acharem ameaçando ruina, e querendo fazer uma vistoria na mesma casa para remetter á V.ª S.ª, não me foi possivel, por não haver neste lugar pessôas profissionaes na materia, he quanto posso informar a V.ª S.ª á respeito.
«Deus guarde a V.ª S.ª muitos annos.
«Barreira do Itoupava, 7 de Abril de 1854.
«Illmo. Snr. Commendador João Caetano da Silva, Dig.mo Inspector da Thesouraria da Provincia do Paraná.
«O Administrador interino, David Antonio da Silva Carneiro.»
— O Inspector da Thesouraria ouvio a respeito o Dr. Procurador Fiscal sobre o assumpto deste Officio, base primordial do importante processo que se seguio e do qual se sahiu airosamente o ex-Administrador Macedo, como adiante se verá.

O Dr. Procurador Fiscal opinou pelo archivamento do officio, por não encontrar culpabilidade no acto do ex-Administrador Macedo.
O Snr. Inspector da Thesouraria divergiu dessa opinião, e, em officio ao Presidente da Provincia, pedindo providencias e suggestionando-lhe a conveniencia de severo castigo, por «convir muito para exemplo, fazer cessar e castigar esses abusos e violencias, e não continuar a ser desrespeitados os actos do Governo e estabelecimentos publicos».
O Presidente Conselheiro Zacharias, em officio de 17 de Maio de 1854, ao Snr. Dr. Chefe de Policia, determinou-lhe que procedesse com energia contra o culposo, ordenando-lhe que «na primeira occasião que descer a marinha, conhecesse desse facto com toda deligencia, para que o acto de severidade que recahir no referido Macedo, sirva de exemplo e cohiba a petulancia de outros que acaso se lembrem ainda de querer ter igual procedimento».
O Dr. Chefe de Policia desceu immediatamente ao Porto de Cima, a syndicar dos factos e passando pela Barreira do Itupava, verificou os vestigios deixados pelo arrancamento das tabôas do fôrro. Ao chegar ao Porto de Cima, foi visitado logo pelo Capitão Manoel Ribeiro de Macedo, que lhe expôz os factos com sinceridade e verdade, recebendo em seguida vóz de prisão por parte do Dr. Chefe de Policia que ordenou a sua partida immediata para Curityba. Ordenou mais a autoridade policial, que fosse iniciado um processo sobre o caso, contra o accusado, o que foi feito, sendo interrogado o Snr. Macedo, que declarou que «não teve nem tem indisposições contra o Snr.

Antonio Francisco Carneiro, nem tampouco com o seu irmão David Antonio da Silva Carneiro, com os quaes sempre viveu em perfeita paz; que nunca apresentou contas á Thesouraria dos beneficios que fez na casa da Barreira; nem nunca foi indemnisado dellas, pois queria ter sempre o direito de retirar as tabôas que para seu uso tinha deitado na casa, que serviam de fôrro da alcova e que estavam postas a esmo sobre tres barrotes, apenas pregadas algumas tabôas, que estavam empenadas, ignorando que deveria se dirigir á Thesouraria para solicitar licença; que antes de arrancar o taboado, offereceu a venda á seu substituto Antonio Francisco Carneiro, que não quiz ficar com elle e que este o autorizou a arrancar».

A primeira testemunha ouvida a respeito, foi David Antonio da Silva Carneiro, irmão do ex-Administrador Antonio Francisco Carneiro.

Disse que, «indo no dia 19 de Março de 1854 á Barreira, viu ainda uns vestigios do arrancamento do fôrro da alcova e prateleiras da varanda e que seu irmão, que até então servia de Administrador, lhe dissera que fôra aquillo praticado por Manoel Ribeiro de Macedo, pela sua demissão, e ahi, com seu filho (Manoel Ribeiro de Macedo Filho, do 1.º matrimonio) e escravos, que arrancaram os fôrros e prateleiras, o qual no dia seguinte lhe appareceu para fazer entrega das contas da Barreira; que elle testemunha o achou, a elle Macedo, muito pacato e sem proferir expressão alguma mais forte; que seu finado irmão exercia o lugar de Escrivão quando o Snr. Macedo era Exactor, e que em tal caracter recebeu a administração interina, fazendo entrega dos trastes e mais objectos pertencentes ao Snr. Macedo, sendo que este, só entregára os valores e livros á elle testemunha».

Pelo procurador do accusado, foi contestado este depoimento, sendo a testemunha inquinada de suspeição por ser irmão e genro do ex-Escrivão.

A segunda testemunha José Gomes Correia, Guarda Nacional, destacado na Barreira, declarou que, «vira o accusado chegar lá com quatro escravos, um dos quaes levava uma torquez e outro, uma colher de pedreiro e ahi arrancaram o fôrro da alcova que estava pregado, para o que foi preciso bater com um pedaço de páu que um dos pretos pedio para esse fim; disse que, os instrumentos de pedreiro eram para os empregar no retelhamento de uma gotteira da beirada da casa; que, antes do accusado mandar tirar o taboado, dissera á elle testemunha, que o tinha offerecido ao fallecido Administrador Carneiro, e que por este não querer, o arrancára, e que nessa occasião ainda era Administrador e que dahi a 2 ou 3 dias, é que entregou a Barreira ao Escrivão Carneiro; que nada ouvio de offensivo, nem palavras alteradas entre Macedo e Carneiro, não havendo solicitação da força da qual elle testemunha era o Commandante do destacamento.»

A terceira testemunha José Maria de Castro e Brito, morador ao pé da casa da Barreira, declarou que «não ouvio vozeria alguma na casa da Barreira, antes, na occasião de sahir os trastes e o taboado, o accusado Macedo se achava na porta da casa de José Gomes Correia, tomando matte; que o accusado é homem pacifico como talvez não haja outro no lugar.»

A quarta testemunha, Pedro Gonçalves da Rocha, morador no Itupava, tendo a sua

casa e engenho proximo a Barreira, disse que «o accusado Macedo ainda era Administrador da Barreira quando tirou as tabôas e os seus trastes; disse que conhece o accusado desde criança e que o reconhece como homem de bem e morigerado, e nunca viu nem ouviu dizer, que elle tratasse mal a quem quer que seja».

— Todas as testemunhas que depuzeram no processo não foram contestadas, assistindo a todo o interrogatorio o Dr. Chefe de Policia Antonio Manoel Fernandes Junior, que assignou conjunctamente com as testemunhas e o Juiz. O Processo depois de percorrer todos os tramites legaes, teve a seguinte sentença:

«Vistos estes autos, etc. Pelos officios apresentados ao Governo da Provincia, inquirições de testemunhas, e confissão do Réu, reconhece com evidencia que, sem ordem ou licença da Thesouraria o Réu se apresentou com seus escravos na casa da Administração da Barreira do Itupava e arrancou o fôrro da alcova e prateleiras da varanda que ahi se achavam, com o que causou damno á casa, visto que foi preciso empregar o martello e despregar tabôas que estavam presas á casa; e supposto estas tabôas fossem do Réu, o que aliás não provou, como era necessario, nunca devia ir arrancal-as sem que obtivesse licença da Thesouraria ou soubesse se ella lhe queria levar em conta e pois que, não se offerecem circumstancias aggravantes, antes o Réu se defende, com a falta de pleno conhecimento do mal, e directa intenção de a praticar, o julgo incurso no artigo 266 do Codigo Criminal, gráu minimo, e o condemno á pena de 10 dias de prisão, e multa de 5% do valor do que foi destruido ou damnificado com o acto que praticou, custas e sellos. Designo a cadeia de Curityba para cumprimento da pena. — Porto de Cima, 29 de Maio de 1854. — Antonio Manoel Fernandes Junior.»

— D'essa sentença teve sciencia o Capitão Manoel Ribeiro de Macedo, que se achava preso na cadeia de Curityba, o qual constituio logo, como seus Procuradores, os Drs. Francisco José Correia e José Mathias Ferreira de Abreu, que recorreram da sentença para a instancia superior, e moveram um processo-crime contra o Dr. Chefe de Policia Fernandes Junior, por excesso de poder e arbitrariedades praticadas contra o seu constituinte.

O «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro», de 3 de Abril de 1855, publica o Accordam do Tribunal da Relação da Côrte, da seguinte forma:

PARANA'.

«O egregio Tribunal da Côrte acaba de pronunciar como incurso no artigo 181 do Codigo Criminal, o ex-Chefe de Policia da Provincia do Paraná, o Snr. Dezembargador Antonio Manoel Fernandes, firmando o seguinte:

«Accordam em Relação, etc., proposta a preliminar da competencia do tribunal para conhecer da responsabilidade do querellado, relativa ao tempo em que era juiz de direito e funccionava como chefe de policia da provincia do Paraná, visto ter sido posteriormente nomeado dezembargador da relação do Maranhão, segundo allega a folhas 47, decidiu-se affirmativamente, porque ainda dando-se por provada tal allegação, não pode ella prejudicar a competencia do tribunal, uma vez que o querellado não tomou posse nem entrou no exercicio do cargo de dezem-

bargador, ao qual somente é que está inherente o previlegio de fôro no artigo 164, § 2.º da constituição, com a qual está de accordo o espirito de outras leis que podem ter applicação no caso vertente. Tomando pois conhecimento da queixa, a julgão procedente e o querellado Antonio Manoel Fernandes obrigado a livramento com suspensão das funcções publicas como incurso no artigo 181 do codigo penal, por ter ordenado a prisão do queixoso antes da culpa formada em caso que nem era de flagrante delicto nem de crime inafiançavel, porquanto mostra-se do processo que o facto arguido ao queixoso constante do officio do governo provincial e dos demais copiados desde folhas 24, teve lugar em 31 de Março, entretanto que, a prisão foi feita quasi 2 mezes depois, isto é, em 28 de Maio, quando se instaurou o processo a folhas 20, e pois fica evidente não ter sido em flagrante, e nem esse facto constituia crime inafiançavel, sendo como foi classificado na sancção do artigo 178 do citado codigo, cuja pena maxima admitte fiança, attenta a disposição clara e terminante do artigo 101 do codigo do processo criminal e do 38 da lei de 3 de Dezembro de 1841. O que tudo manifesta a illegalidade da prisão do queixoso e a competente responsabilidade do querellado á face do artigo 181 já citado, ainda mais porque no delicto pelo qual incompetentemente foi processado e condemnado o queixoso, nem mesmo havia necessidade de fiança, e podia elle livrar-se solto como é de lei. Longe porem, disto, tornou-se natural o abuzo do poder pelo acto de que dá noticia o documento folhas 41, que demonstra ter sido o queixoso conservado preso a pretexto de cumprir a pena de dez dias de prisão, antes que a sentença passasse em julgado, e sem que ao menos lhe tivesse sido intimada, segundo se mostra na maior evidencia pela confrontação das datas do despacho folhas 41 e da certidão fls. 35 v. A' vista do exposto, não suffraga ao querellado quando allegou na resposta de fls. 49, na qual confessa não só que ordenára a prisão do queixoso, mas que o fizera seguir escoltado por soldados para a Coritiba, onde o deteve na cadeia sem culpa formada e antes de ser exequivel a sentença de fls. 35. Não procede porem a queixa em relação aos outros delictos indicados na petição de fls. 2, porque, ou não se deram as especies do codigo criminal, ou estão comprehendidos na disposição do artigo 181, em que o querellado foi pronunciado, e mandão que o seu nome seja lançado no ról dos culpados. «Rio, 6 de Março de 1855. — (Assignados) Queiroz, presidente — Tosta — Marianni — Velloso, vencido quanto á preliminar.»

— O alto prestigio do Dr. Fernandes Junior demonstrado com a sua nomeação de Dezembargador da Relação da Bahia, e Officialato da Ordem da Rosa, fez com que a sentença acima não se effectivasse e que fosse mesmo ella reformada pelo Accordam abaixo:

«Accordão do Supremo Tribunal.

«Numero 125. Visto, e relatado o presente processo de responsabilidade entre partes querellante Manoel Ribeiro de Macedo, e querellado o ex-chefe de policia da provincia do Paraná Antonio Manoel Fernandes Junior, não sustentão a pronuncia a fls. 57, porquanto limitando-se esta somente ao ponto da queixa (julgando-as nos demais improcedentes) de ter o querellado ordenado a prisão do queixoso antes de culpa forma-

da em caso, que não era de flagrante delicto nem de crime inafiançavel, e por isso incurso no artigo 181 do codigo criminal, do processo se mostra não ter sido o queixoso recolhido á cadeia antes da sentença, e sim em cumprimento da sentença, como noticia o documento fls. 20, apresentado pelo mesmo queixoso, e não antes da formação da culpa, como se colhe da petição de fls. 41, em que requereu prestação de fiança, e seu despacho; e o querellado obrando em virtude de ordem superior da presidencia, e na qualidade de chefe de policia, procedeu segundo as attribuições conferidas pela lei de 3 de Dezembro de 1841 no artigo 4.º, § 1.º, que são as mesmas que o codigo do processo dava aos juizes de paz, no artigo 12.º Portanto, e pelo mais que o querellado expende em sua resposta a fls. 47, mandão que se lhe dê baixa na culpa, pagas pelo queixoso as custas. — Rio, 20 de Junho de 1855. — (Assignados) Nabuco, presidente interino — Perdigão Malheiros — Almeida — Veiga.»

— Tivemos em mão o inquerito acima referido d'onde extrahimos a parte que inserimos neste volume.

Por nimia delicadeza do Coronel Antonio Ribeiro de Macedo examinamos tambem um livro intimo de familia, de sua auctoria, do qual não podemos evitar a transcripção que fazemos abaixo sob o titulo:

Apontamentos biographicos da familia Macedo do Estado. — Por Antonio Ribeiro de Macedo.

«Meu pai, Manoel Ribeiro de Macedo, nasceu na villa de Cananéa a 28 de Fevereiro de 1804; ali era então estabelecido com intensa lavoura, meu avô Manoel Ribeiro Callado. Mais tarde se estabeleceu meu avô com negocio de fazendas, em Cananéa, sendo meu pai seu auxiliar.

«Em Cananéa affeiçôou-se meu pai a Leocadia Lourença das Dôres, filha de Joaquim Antonio Nobrega, então residente dessa villa, o qual transferindo sua residencia para Paranaguá, tornou-se o tronco da respeitavel familia Nobrega do Paraná. Em época proxima a 1828, realisou meu pai o seu casamento, em Paranaguá, com Leocadia Lourença das Dôres, o qual foi o seu primeiro matrimonio; mudando-se então, meu pai, com sua mãe já viuva, para esta cidade. Do seu primeiro matrimonio teve meu pai os seguintes filhos:

«1 — Maria Leocadia de Macedo, que se casou com D. Romão José da Gracia, natural de Montevidéo.

«2 — Manoel Ribeiro de Macedo Junior, que se casou com Ubaldina de Assis Macedo. Falleceu este meu irmão em 1866, com 32 annos de edade. Não deve ser elle confundido com outro irmão de igual nome, do segundo matrimonio de meu pai.

«Por morte de sua mulher em 1837, contrahiu segundas nupcias, em 1839, com Francisca de Paula Pereira de Macedo, minha mãe, filha do Capitão José Luiz Pereira e de sua mulher Anna Maria da Luz.

«De Paranaguá passou a Morretes, onde se estabeleceu e d'ahi se mudou para o Porto de Cima, onde construiu casa de morada e engenho de herva matte. No anno de 1851, o seu compadre e velho amigo Commendador Manoel Antonio Guimarães, depois Visconde de Nacar, solicitado pelo presidente da provincia para indicar o nome de uma pessoa de confiança e de inteira responsabilidade, para administrador da Barreira do

Ytupava, que então era a estrada principal da provincia, lembrou-se de meu pae e indicou o seu nome, sem fazer-lhe consulta, por ser essa difficil, por estar elle commendador, exercendo as funcções de Deputado Provincial em São Paulo, para onde nessa época as communicações não eram faceis. Meu pae não contava com tal nomeação, que não havia pedido, pois naquelle tempo os empregos não eram solicitados e por isso ficou com ella surprehendido, mas para satisfazer o amigo que havia indicado o seu nome, aceitou.

«Dahi começou uma serie de desastres commerciaes para meu pae. Os seus negocios de herva matte no Porto de Cima que deixára entregue a seu filho Manoel Ribeiro de Macedo Junior, do primeiro matrimonio, começaram a decahir por ter sobrevindo uma crise nesse negocio, e quando deixou a barreira por ter pedido demissão, que só obteve depois de muitas instancias, sahiu com os seus poucos haveres reduzidos, em relação aos que tinha, quando para lá entrara.

«Deixando a barreira, não podia prever o que lhe seria preparado pela perversidade de um despeitado para encher de amargor a sua velhice honrada.

A prisão.

«A casa da barreira, que meu pae foi occupar com a familia, acabava de ser construida, sendo abandonada a antiga casa, na qual não podia ser bem feita a arrecadação, por existirem engenhos de herva matte acima, nos quaes podiam os tropeiros vender a sua herva matte e voltarem sem pagar o imposto de pedagio.

«Foi pois meu pae, o primeiro occupante dessa casa.

«Estava porem ella em pessimas condições de habitabilidade.

«Era toda assoalhada, mas não tinha fôrro em compartimento algum, de forma que, o frio que durante o inverno era rigoroso naquelle lugar, tornava-se insupportavel para quem não estava acostumado a morar em casa naquellas condições. Não tinha vidraça alguma nas janellas, e por esse motivo, quando ventava e chovia por leve que fosse o vento, e pequena que fosse a chuva, era preciso fechar as janellas, ficando a casa ás escuras, afim de não ficar alagada. Meu pae, acostumado a gosar de relativo conforto, não podia continuar a viver assim.

«Mandou pôr vidraças nas janellas, e collocar tabôas avulsas, sem sepilhar, por cima das vigas para servirem de fôrro, não as mandando pregar afim de retiral-as quando deixasse o emprego.

«Das vidraças prestou contas ao Governo que nunca se resolveu a mandal-as pagar.

«Quando obteve demissão, entendeu-se com o Escrivão que teve ordem de tomar posse, offerecendo vender-lhe o taboado.

«Elle se recusou a comprar, pelo que meu pae que era ainda dono da casa, porque nessa occasião é que ia entregar a barreira, mandou por seus escravos tirar as tabôas, sem violencia alguma, porque como já disse, ellas não estavam pregadas, e conduzil-as para o Porto de Cima, onde residia, mandando tambem conduzir umas prateleiras avulsas que tinha na sala de jantar para guardar a louça. Deixou as vidraças que tambem eram suas, por estarem pregadas. O escrivão nada disse, mas pelo que se soube depois ficou zangadissimo por ficar sem o conforto de que queria continuar a gozar, embora a custa de meu pae. Na primeira

vez que foi a Curityba, contou o facto da tirada das taboas, sem duvida ennegrecendo as côres, de modo que, mesmo na sala da Thesouraria, onde elle fizera a narração, lhe foi dictada uma queixa (tambem se soube disso depois) contra meu pae pelo crime de destruição feita em um proprio provincial.

«Levada a queixa ao presidente da provincia, o Conselheiro Zacharias de Goes e Vasconcellos, este, conforme disse em seu relatorio, deu ordem ao chefe de policia que na primeira vez que fosse a marinha, tomasse conhecimento do facto praticado por Manoel Ribeiro de Macedo, que com filho e escravos armados destruiu um edificio da provincia, arrancando fôrros e prateleiras, e que (elle chefe de policia) providenciasse de modo a cohibir a petulancia de outros que como Manoel Ribeiro de Macedo tivessem igual procedimento. Quanta injustiça!

«Meu santo pae, o homem pacifico e respeitador dos direitos alheios, por excellencia, accusado de um ataque a propriedade alheia por meio de violencia! Veio o chefe de policia e chegou ao Porto de Cima em 28 de Maio de 1854, dois mezes e onze dias depois do supposto attentado, pois que meu pae entregara a barreira em 17 de Março do mesmo anno. Chegou acompanhado de soldados, todos a cavallo, e apeiou-se em casa do Tenente Coronel Manoel Gonçalves Marques, chefe do partido liberal da localidade. Meu pae era chefe do partido conservador, mas como era de uso commum nessa epoca, entretinha relações de amizade com o chefe adversario. Sabendo da chegada do chefe de policia o Dezembargador Antonio Manoel Fernandes Junior, dirigiu-se meu pae a casa do Tenente Coronel Marques, afim de visital-o.

«Feitas as apresentações, ficou meu pae surprehendido com as palavras do chefe de policia que disse que tinha queixa contra elle, e sem admittir justificativa, declarou-lhe com modo brusco: «O Snr. está preso.» Nada podendo fazer contra o acto de prepotencia, meu pae pediu licença para ir á casa communicar o occorrido, a qual lhe foi concedida sob a fiança verbal do Tenente Coronel Marques.

«Chegando á casa, mandou chamar em Morretes um rabula que alli existia de nome Antonio Luiz Gomes, por alcunha «o Maneta» e voltando á casa onde estava o chefe de policia, este lhe disse que no dia seguinte ia a Antonina, ficando meu pae entregue a duas praças que o deveriam conduzir a Curityba. Veio no mesmo dia o advogado Gomes que fez um requerimento ao chefe de policia, pedindo a soltura, visto que, mesmo que crime houvesse, não fora preso em flagrante.

«Isso succedia no anno de 1854, sob o regimen do codigo do processo e das garantias constitucionaes concedidas pela constituição de 1823, mas o chefe despachou: «Não preciso de conselhos», e manteve a prisão.

«Foi meu pae para a nossa casa acompanhado dos soldados, aos quaes fora entregue. Estes porem eram homens de coração. Comprehenderam que meu pae não era criminoso, mas sim um homem digno e victima de atroz perseguição. De sentinella se converteram em ordenanças e passaram a obedecer a meu pae que se preparou a partir; e como ante a inqualificavel violencia não sabia se a prisão era curta ou longa, ou se alguma nova Siberia lhe estava reservada, levou minha mãe e toda a familia. Resolveu

ir pela estrada da Graciosa, que nesse tempo dava transito com difficuldade, mesmo para pessoas a cavallo, e como depois de passar os dois rios Ytupava ou Ypiranga e Mãe Cathira (convem lembrar que nesse tempo não havia ponte no Porto de Cima) o tempo que já estava de chuva, peiorou muito, fez pouso no logar denominado «Esperança», a meia legua mais ou menos do Porto de Cima, em casa de José Joaquim da Cunha Vianna que alli tinha casa contigua ao engenho de herva matte.

«Os dois bons soldados a cuja guarda estava confiado, apresentaram-se a meu pae, dizendo-lhe:

«Queremos que V. S. nos dê licença para irmos ao Porto de Cima.» Meu pae respondeu: «Vão, mas portem-se bem para que não haja motivo de queixa quando vier o seu chefe.»

«Foram e voltaram, não havendo deslise algum do procedimento correcto que sempre tiveram durante toda a viagem.

«Tendo meu pae noticia de que a estrada da Graciosa estava intransitavel, tornou a passar os dois rios e continuou a viagem pelo Ytupava, com grande acompanhamento de pessoas, todas a cavallo.

«Quando subiamos a serra e tinhamos apeiado em um logar para descanço, alcançou-nos o chefe de policia, que vinha de Antonina com os seus soldados, e ficou admirado da grande comitiva que acompanhava meu pae.

«Eram, minha mãe com todos os filhos pequenos, sendo o maior meu irmão José, que então contava quatorze annos; o filho mais velho de meu pae do primeiro matrimonio, Manoel Ribeiro de Macedo Junior, genro, irmãos, alguns parentes, escravos conduzindo

cargueiros com a bagagem, etc. Parecia o sequito de um potentado.

«O chefe de policia apeiou-se, e com uma gentileza que contrastava com a grosseria que manifestára, quando effectuou a arbitraria prisão, acariciou a criança que minha mãe tinha ao collo e a convidou para hospedar-se com a familia em casa delle (chefe da policia) em Curityba. Minha mãe agradeceu.

«Continuamos a viagem, fazendo pouso na Borda do Campo, em um rancho. Pouco antes de chegarmos, vimos que vinha um official a cavallo. Era o então Alferes Manoel Euphrasio de Assumpção, mais tarde Commandante da força policial, que ao encontrar meu pae parou e lhe disse que vinha encarregado de acompanhal-o, dispensando os soldados, o que fez, depois de ter meu pae a estes agradecido as attenções que lhe tinham dispensado.

«Chegamos a Curityba, acompanhados do Official, sendo meu pae recolhido á casa da camara; uma sala perfeitamente mobiliada e um quarto contiguo que servia de dormitorio. Minha mãe hospedou-se em casa de uma parenta, D. Lourença, mãe do Capitão Tobias Pinto Rebello, pae do Major João Tobias.

«A prisão de meu pae, que era conhecido como homem ordeiro, abalou toda Curityba, que não era a Curityba de hoje, mas uma cidade pequena em que todos se conheciam.

«Em signal de protesto, a parte mais selecta da população apressou-se a visital-o, estando a sala da Camara, cuja entrada era franca de dia, completamente cheia, salientando-se entre as outras visitas, a do Tenente Coronel Henrique de Beaurepaire Ro-

han, Vice-Presidente, que depois assumiu a administração da Provincia, e mais tarde foi Marechal, Ministro da Guerra e Visconde. Era elle um visitante assiduo.

«Explorando elle como engenheiro a estrada do Ytupava, conhecera meu pae no Porto de Cima e travára com elle relações de amizade. Tambem por comprehender que não se tratava de um criminoso, mas apenas de uma victima.

«O Chefe de Policia deu sua sentença no processo, condemnando a meu pae a dez dias de prisão, minimo da pena do crime de damno, e não sei como explicou a prisão preventiva que fizera, em um crime que, mesmo que se tivesse dado, era d'aquelles em que, pela legislação da epoca, citada pelo advogado Gomes, os reus se livram soltos. Cumprida a pena, foi meu pae restituido a liberdade.

«A opinião publica foi toda a seu favor.

«Admira que um espirito esclarecido como o do Conselheiro Zacharias, Presidente da Provincia, não cedendo á evidencia, considerasse o facto um crime, chegando a incluil-o no seu primeiro relatorio á Assembléa Provincial!

«E' que elle errara, e quiz sustentar o seu acto.

«Um deputado porem á mesma Assemblea, o Dr. Francisco José Correia, da Lapa, revelando coragem que a todos admirou, porque todos temiam o potentado do dia, referindo-se á essa parte do relatorio, profligou o acto do Chefe de Policia, prendendo um cidadão pacifico, e que não havia commettido crime algum.

«A imprensa tambem debateu o assumpto. O habil advogado Dr. José Mathias Ferreira de Abreu, em bem lançados artigos publicados em um jornal de São Paulo, por não haver aqui senão o periodico «Dezenove de Dezembro», orgão do Governo, discutiu juridica e proficientemente o assumpto, mostrando a toda a evidencia a violencia commettida; e meu pae por seu lado, deu queixa contra o Chefe de Policia, que por esse motivo foi chamado ao Rio de Janeiro para responder a processo perante o Supremo Tribunal, a cuja jurisdicção estava sujeito na qualidade de Dezembargador. Não voltou mais ao Paraná.

«Apezar das provas apresentadas, foi entretanto elle absolvido pelo motivo de estar cumprindo ordens superiores, como se um Juiz e principalmente um Juiz togado, ignorasse que ordens illegaes não se cumprem.

«Eis ahi narrado em phrases toscas, porem verdadeiras, a perseguição que soffreu meu pae, e de que fui testemunha ocular, porque apezar de contar então onze annos, de tudo me recordo, como se succedesse hontem. E' que foi um facto tão extraordinario, acontecido no scenario da vida, até então tão sereno de nossa familia e de que se continuou a falar por muito tempo, que ficou indelevelmente gravado em minha memoria de criança.

«Depois desse acontecimento, meu pae voltou para o Porto de Cima, onde continuou com o seu negocio de herva matte e de vendas de fazendas. Não lhe correndo bem porem os negocios, resolveu mudar-se para o Campo Largo, onde, por estar no centro dos hervaes, lhe poderia ser o negocio mais remunerativo. Em fins do anno de 1861 effectuou a mudança, levando toda a familia inclusive meu irmão José Ribeiro de Macedo e eu, que então contavamos, elle 21 annos e eu 18; ambos voltamos depois para

o Porto de Cima. Em Campo Largo meu pae, valendo-se do credito que tinha, fez novo estabelecimento, em substituição ao que deixara no Porto de Cima, isto é, engenho de herva matte e casa de morada. Com esses elementos conseguio recursos para manter a numerosa familia. Não tomou mais parte saliente na politica, limitando-se a dar nas eleições o seu voto na chapa do partido conservador a que sempre pertencera. Falleceu no dia 25 de Junho de 1879 com a edade de 75 annos, pranteado pela numerosa familia, já então accrescida com genros, noras e netos, e rodeado do respeito e da consideração de todos. Meu pae era muito religioso, e assistia ao sacrificio da missa todos os domingos e sempre que podia. Era extremosissimo para os filhos e para a boa e dedicada companheira de sua vida. Por elles estava sempre disposto a fazer quaesquer sacrificios, sendo o seu anhelo poder rodeal-os da maior somma de conforto e bem estar. Já septuagenario, ainda fazia a penosa viagem a cavallo, por não haver estrada de rodagem, de Campo Largo a Porto de Cima, afim de visitar os filhos que alli residiam. Exercia em toda a sua plenitude a virtude da caridade. Aos pobres dava tudo o que podia. Tratava bem a todos sem se preoccupar com a differença das posições sociaes. Era elle um homem considerado em sua localidade; exerceu cargos de autoridade publica; por tudo isso ou ainda mais por seu caracter, era por todos respeitado.

«Os filhos do segundo matrimonio de meu pae, foram:

«1 — Commendador José Ribeiro de Macedo, casado com D. Laurinda Loyola de Macedo.

«2 — Coronel Antonio Ribeiro de Macedo, casado com D. Sylvia Loyola de Macedo.

«3 — Coronel João Ribeiro de Macedo, casado com D. Anna Maria Azevedo Macedo.

«4 — Coronel Agostinho Ribeiro de Macedo, casado com D. Gabriella de Souza Macedo.

«5 — Capitão Francisco Ribeiro de Macedo, casado com D. Maria da Luz Andrade de Macedo.

«6 — Capitão Manoel Ribeiro de Macedo, casado em primeiras nupcias com D. Benedicta Paula de Macedo e em segundas nupcias com D. Iphigenia Gomes de Macedo.

«7 — Coronel Joaquim Pereira de Macedo, casado com D. Adelaide Müller de Macedo.

«8 — D. Anna de Macedo Portugal, viuva do Tenente Coronel James Pinto de Azevedo Portugal.

«9 — D. Joaquina Macedo Xavier, viuva do Tenente Coronel Zacharias de Paula Xavier.

«10 — Maria de Macedo Souza, viuva do Capitão Frederico Carlos de Souza.

Minha Mãe.

«Era uma verdadeira santa. Não pelo mysticismo, porque apezar de ser devota e crente nos dogmas da Igreja Catholica, somente ia uma ou outra vez ás Igrejas, pelo motivo de ter tambem em seu lar deveres sagrados a cumprir; mas santa pela mansidão, pela bondade e pelas virtudes elevadas ao seu mais alto gráu.

«O seu maior prazer era estar em casa, tratando dos serviços da economia domestica, no cuidado do marido e na educação dos filhos.

«Em nossa casa não entrava a maledicencia.

«Mãe extremosissima e esposa amantissima.

«Rodeada de todos os filhos e netos falle-

ceu em Curityba de 1908, pranteada por todos os que tinham apreciado as qualidades excelsas que a caracterisavam, e com a edade de 83 annos. Recebeu os ultimos soccorros espirituaes da religião de que fôra sincera crente. — Antonio Ribeiro de Macedo.»

Teve os seguintes filhos:

6-1 Commendador José Ribeiro de Macedo, filho de 5-4 de pagina 267, nascido na Villa do Porto de Cima em 12 de Agosto de 1840.

Da Polyanthéa publicada por occasião de sua morte, occorrida em 27 de Julho de 1917, extrahimos alguns dados biographicos relativos a esse illustre paranaense:

« . . . . A extrema bondade era um dos seus traços caracteristicos. Quem não o conheceu atravez daquella bondade, daquelle espirito lhano e cortez, eivado de um profundo altruismo? Que foi a sua vida? O apostolado do Trabalho. . . Poucos homens terão passado pela terra, como elle, nella demoradamente pregando o Bem. . . E é por isso que seu nome nunca será esquecido por todos aquelles que ainda contemplam hoje, cheios de saudade, a obra paciente, grandiosa, que elle emprehendeu, vencendo sempre na pertinacia do forte.

« . . . . A sua grande alma, a sua figura de relevo, pelo seu valor, caracter e pela benemerencia de seu coração bondoso, cheio de simplicidade, bem merece as homenagens de grande estima e respeito que lhe foram consagrados.

« . . . . Deixou uma brilhante linha traçada para os seus filhos e póde servir de modelo ás gerações presente e futura.

« . . . . O Paraná, com o desapparecimento deste varão illustre, perde um filho que não poupava esforços para o engrandecimento

do seu Estado natal, cujo nome procurava elevar por todos os meios ao seu alcance. A vida do Commendador Macedo poderá servir de exemplo a todo aquelle que queira ser digno da admiração dos seus contemporaneos, porque foi sempre moldada pelo mais estricto cumprimento de todos os deveres de bom cidadão, bom amigo, bom chefe de familia, agindo sempre com a mais absoluta correcção, com dignidade, collimando em primeiro lugar o interesse da collectividade, com toda a elevação de espirito, antes de qualquer preoccupação ou interesse de ordem privada.

« . . . . Difficil atravessar uma existencia longa sem deixar após si a sombra de um resentimento, de uma magua. . . . Pois elle, isso conseguiu, porque era um Forte, um Justo, um Bom.»

. . . . . .

Do Boletim da Associação Commercial do Paraná, n.os 64 e 65, de Agosto e Setembro de 1917:

«Commendador José Ribeiro de Macedo.

«E' com a mais profunda magua que empunhamos a penna neste momento para registrar a perda que acaba de soffrer a nossa Associação e todo o Commercio do Paraná.

«Deu-se no dia 27 de Julho proximo passado o passamento do nosso Socio benemerito — Commendador José Ribeiro de Macedo.

«Aquelle nobre ancião que não ha muito viamos sentado na cadeira da Presidencia desta sociedade, pugnando com ardor, desusado na sua edade, pelos interesses de nossa classe, acaba de obedecer á lei da fragilidade da materia, descambando para o tumulo.

« . . . . De quanto patriotismo, de quantas virtudes, de quanto desinteresse e grandeza d'alma se abrigavam no coração daquelle homem benemerito, poderão dar testemunho todos aquelles que o conheceram.

«Foi elle um homem cuja vida perscrutada sob qualquer aspecto, não apresenta nenhuma falha. Esposo, foi amantissimo, rodeado de todos os carinhos daquella que foi a dedicada companheira de sua vida, e partilhando durante a longa enfermidade que a levou ao tumulo, de todas as dores que a affligiram. Pae, dedicou sempre aos filhos e filhas os maiores extremos, tendo a fortuna de ver que todos se tornaram por indole e pela educação que receberam, os continuadores do bom nome que lhes legára. Cidadão, exerceu os cargos de Vice-Presidente da Provincia e Deputado provincial no antigo regimem, e muitos outros de eleição popular e de nomeação, não remunerados, do Governo. Quando em exercicio de qualquer cargo, tomava tão a serio o seu desempenho, que até preteria os seus interesses particulares, não se furtando a despezas de que não apresentava conta, para que o serviço de que se encarregára fosse devidamente executado. Assim prestou os mais relevantes serviços á Instrucção Publica, nos cargos de Inspector Escolar e Chefe da Superintendencia do Ensino Obrigatorio no tempo do Presidente Oliveira Bello, e á Causa da Colonisação, como Presidente da Sociedade de Immigração, quando exercia o cargo de Presidente da Provincia o Dr. Taunay. Por serviços que prestou por occasião do recenseamento effectuado em 1872, foi condecorado pelo Governo, no tempo da Monarchia.

«Abolicionista convicto, nunca quiz, apezar de possuir meios, comprar escravo algum, a

não ser para dar-lhe liberdade, por entender que um homem assenhorear-se de outro homem, como propriedade sua, apezar de permittido pela lei, constituia uma aberração do direito. Por occasião de erguer-se de um extremo a outro do paiz a cruzada libertadora, teve occasião de realizar o ideal que ha muito tempo afagava, e a 25 de Dezembro de 1887, isto é, cinco mezes antes de despontar no horizonte a aurora do grande dia 13 de Maio de 1888, conseguiu que no Porto de Cima, de cuja camara era presidente, fossem libertados todos os escravos! Isto consta das actas das sessões da Camara da mesma localidade, e de telegrammas passados pelo Senador Correia e outros, publicados nos jornaes da época.

«Commerciante, observou desde moço a maior lisura em todos os seus negocios, tendo em todas as suas transacções commerciaes a honra por divisa. Bondoso por indole, caritativo em extremo, sentia immenso prazer no dia em que lhe era dado fazer bem; affavel e de trato obsequioso e attrahente para com todos, possuia entretanto uma vontade de ferro, quando se tratava de defender uma ideia proveitosa á causa publica. . . .

«Presidente desta Associação Commercial do Paraná, applicou todo o esforço para que ella cumprisse com a sua missão de defender os interesses do commercio, e todos são testemunhas de quanto empenho elle empregou, para o cabal desempenho dessa tarefa.

«De sua primeira administração deixou elle traços indeleveis, obtendo depois de incessantes esforços as modificações das tarifas moveis da estrada de ferro, além de muitos outros serviços. Nas suas segunda e

ultima gerencia, foram muitos os serviços que prestou, notando-se a conclusão do edificio da Associação e a diminuição da divida que foi preciso contrahir para ser effectuada essa obra; diminuição devida principalmente ao auxilio dos dignos socios, e aos esforços delle e do dedicado Thesoureiro Coronel Herculano Carlos Franco de Souza. Na presidencia do Comité Central de limites, na questão com Santa Catharina, esquecendo-se da edade, por um esforço supremo da vontade, empregou ardores de moço, multiplicando-se e apparecendo em toda a parte; escrevendo artigos, expedindo extensos telegrammas á sua custa, a bem da magna causa. Só deixou o cargo, quando a molestia que já o chamava ao tumulo, o impediu de continuar.

«Eis ligeiramente descripto o homem extraordinario que esta Sociedade teve a fortuna de ter durante tres periodos administrativos á frente de seus trabalhos.

«A' sua memoria honrada, deve esta Associação o preito que ora tributamos.»

(Boletim da Associação Commercial do Paraná, numeros 64 e 65, de Agosto e Setembro de 1917.)

— «A illustre casa dos Macedos, que tantos cidadãos uteis tem dado para todos os ramos da actividade collectiva, perdeu, sem duvida, uma das mais fortes de suas solidas columnas.

«As manifestações de pezar sincero que de toda parte brotaram ao desapparecer o varão conspicuo que foi o venerando Commendador José Ribeiro de Macedo, dão bem a medida do que valia esse homem, que até aos ultimos sóes que lhe precederam o occaso eterno, dedicou-se abnegadamente aos interesses da communidade em que vivemos,

sem procurar o repouso egoistico em que se retrahem os inuteis. Desnecessario, pois, retraçar o que de proficua foi a sua vida, quer pela fecundidade em serviços ao nosso Estado, quer pela abundancia em exemplo de esforço inquebrantavel, de honestidade immacula e da bondade inexcedivel, que nimbava de luz a fronte veneravel do austero ancião.

«Quem escreve estas linhas, que sempre admirou as excelsas qualidades do illustre paranaense, tinha especial motivo para ser grato a essa bondade, que era um firme traço caracteristico do seu grande coração, como vou narrar: «Tres estudantes, dois collegas e eu, gozavamos das nossas ferias neste Estado, quando nas vesperas de retornarmos ás lides academicas, premidos pelo prazo fatal das matriculas, tivemos noticia de um desmoronamento na serra, que deveria obstar, por muitos dias, a passagem de trens. Nessas criticas circumstancias o recurso que se nos deparou foi irmos para Antonina, em busca de um vapor, pela estrada da Graciosa, já abandonada desde 1885.

«De facto, tomando uma deligencia, rumamos para a cidade maritima. Foi nosso companheiro de viagem o Commendador José Macedo. No alto da serra, quebrou-se, irremediavelmente, uma das rodas do vehiculo. Sem outro recurso, tivemos de continuar o caminho a pé, isto já pelas quatro horas da tarde. O Commendador Macedo, conhecedor da região, deliberou tomar um atalho a vêr se encontrava alguma das carroças que lhe transportavam matte, afim de, no caso de topar, fazel-a esperar-nos para nos conduzir. Nesse atalhar, porém, o Commendador encontrou-se em critica situação, pois que achou-se em logar do qual não podia al-

cançar de novo o plano da estrada, nem descer para alcançar o nivel inferior.

«Contou-me elle: «em tal apuro não perdi o animo. Resolutamente deixei-me rolar pela rampa, até chegar á estrada que passava em baixo. Não encontrando carroça alguma, teve o Commendador, que assim atalhando nos precedia, de caminhar a pé até o Porto de Cima.

«Por nossa vez fomos seguindo a estrada já escura, até que chegamos ao mesmo ponto, Porto de Cima. Ali, indagamos de um vendeiro se não seria possivel encontrar-se uma conducção para Antonina. Respondeu-nos o negociante que o Commendador José Macedo havia deixado o seu carro á disposição de uns moços que deviam ali chegar, que de certo eramos nós.

«Um viva ao Commendador Macedo rebentou unisono dos nossos peitos arquejantes. O respeitavel ancião, embora fatigado por uma penosa viagem a pé, deu expansão ao seu bello coração, privando-se de sua viatura, para mitigar o soffrimento a nós moços, que melhor poderiamos supportar as fadigas da viagem, e seguio a pé para sua residencia. Esse gesto generoso jamais esqueci e decerto não o esqueceram os meus collegas e companheiros de jornada.

«Embora sempre testemunhasse ao velho paranaense o meu reconhecimento por esse seu acto verdadeiramente paternal, não o deveria esquecer hoje, quando é opportuno deixar bem patente a bondade de alma do saudoso morto.

«Que estas linhas sejam a minha modesta homenagem, entre os eloquentes testemunhos de admiração que esta polyanthea registra.

Dr. Pamphilo d'Assumpção.»

« . . . . A morte deste varão illustre não veio apenas privar uma familia do chefe querido — privou o Paraná de um dos mais abnegados propugnadores do seu progresso, da sua grandeza e do seu civismo. Homem dotado de vasta illustração e de uma capacidade invejavel de trabalho, vinha o Commendador José Ribeiro de Macedo, desde a sua infancia se batendo com fé e patriotismo em todas as luctas em pról dos vitaes interesses da sua terra. Cada etapa vencida ficava assignalada pelo traço firme e luminoso do seu espirito esclarecido e mais que isso: pelo cunho inconfundivel do seu grande coração de patriota.

«Ahi está a Associação Commercial — monumento de trabalho e ordem, cuja existencia muito deve ao esforço do venerando extincto.

«A sua acção á frente dessa instituição das classes conservadoras, foi sempre a mais proficua e brilhante possivel. Ao seu devotamento ás causas publicas devem o commercio e o Estado sommas apreciaveis de beneficios. Ainda perduram na memoria de todos, os detalhes da intensa campanha chefiada pelo Commendador José Ribeiro de Macedo, que com a intelligente collaboração do Commendador Antonio de Barros e outros companheiros de directoria da Associação Commercial, pleiteou e obteve no Governo de Prudente de Moraes a modificação das tarifas ferroviarias e a reducção de 20% nas mesmas tarifas. Quantos milhares de contos daquella época até aqui tem ficado no Estado com essa victoria da Associação? Só este facto seria o bastante para recommendar o nome do querido morto á gratidão de um povo. Mas não, ha outros de maiores relevos onde os seus gestos fa-

ziam á distancia quedar de joelhos multidões, para admiral-o com esse carinho com que se costuma contemplar a effigie veneravel de um santo.

«Por qualquer lado que se queira analysar a vida do Commendador Macedo, ha sempre exemplos a imitar. Como patriota ahi está a sua abnegada conducta á frente da Commissão Central de Limites, falando mais alto do que aquillo que por ventura pudessemos dizer neste particular da vida do eminente paranaense.

«Foi entretanto neste posto de sacrificio, onde tivemos occasião de melhor apreciar as virtudes civicas desse velhinho estoico, que para se lembrar da sua terra exclusivamente, muitas vezes despresava o peso dos annos que lhe vergava os hombros e suffocava no silencio do peito decepções amargas da vida.

«Alma extremamente sensivel, radicalmente identificada com a Causa Paranaense, não foi sem um profundo abalo moral que o Commendador José Ribeiro de Macedo, viu o bruxulear e o apagar da ultima esperança que aquecia o seu espirito ardente de patriota. Tanto é verdade, que horas antes da sua morte, seus labios numa contracção suave se entreabriram illuminados de um sorriso doce para balbuciar com carinho o nome do Paraná! E, então, seus olhos, numa contemplação mystica, perderam-se no vago como que evocando reminiscencias de um passado distante. . . .

«E, assim, com a imagem da sua terra no peito, orvalhado pelas lagrimas da familia, encerrou-se o cyclo da vida de um benemerito.

«Como cidadão, como chefe de familia e como amigo, foi o Commendador José Ribeiro de Macedo um modelo. D'ahi esse pezar immenso que envolveu a alma paranaense pelo seu brusco desapparecimento e a pompa desusada e grandiosa que revestiu os seus funeraes, tornando-se uma verdadeira apotheose. E' que o Commendador José Ribeiro de Macedo, já era um homem consagrado em vida pelas suas excelsas virtudes e morto será sempre um desses nomes invocados pela patria e uma fonte perenne de patriotismo e honradez.

R. Junior.»

— « . . . . Em mira o honroso objectivo de render expressiva homenagem de admiração e respeito ao vulto austero do Commendador José Ribeiro de Macedo, cuja morte produziu um vacuo profundo no seio da collectividade paranaense, mas a tarefa é difficil, visto o complexo dos matizes de sua grande alma e outros mais adestrados realisarão estou certo, esse nobre desideratum. Esse velho de espirito moço morreu com a fronte cingida pela aureola da dignidade, para continuar a viver sempre em muitos corações amigos, beneficiados pelas lidimas acções de sua extraordinaria actividade humanitaria. Seu nome refulge em seus actos publicos e particulares, sem uma macula siquer a marcar-lhe a reputação, porque elle foi um bom, estando sempre ao lado das causas fortes da justiça e da liberdade, mesmo depois de alquebrado pelos annos impiedosos, que jamais tolheram o seu espirito pujante de combativista intemerato. Não são muitos os homens que tiveram a ventura desse sympathico velhinho, que sem offender quem quer que seja, vencia na vida, vendo triumphar os seus ideaes, pois, sempre trabalhava pelas concepções grandiosas do bem geral.

Para nós espiritualistas a morte nada quebranta, apenas transforma o ser, dando-se a queda da materia e effectuando-se a liberdade d'alma que nesse estado immaterial, contribua a cultivar amisades e affectos. Baseado nessa theoria o Commendador Macedo não morreu, vive em espirito e nos corações de seus innumeros admiradores, como um exemplo sempiterno de virtudes, de civismo e de bondade infindas. Homenagear assim um digno, um puro, que se librou ás paragens do alem tumulo, chorado e bemdicto, é um dever cumprido, é uma prova dignificante de gratidão e affectos desinteressados.

«Relembrar a sua vida estoica, cheia de actos dignos e feitos honrosos, é uma acção de fina amisade e sentimentos nobres.

«Gloria pois, ao vulto austero do Commendador José Ribeiro de Macedo!

Lopes Netto.»

— « . . . . Illustrado e bondoso, caracter diamantino, integro, jamais sentimentos que não fossem orientados pelo crysol da honra, mereceriam a sua protecção. . . . Espirito culto, galgou, por insophismavel merecimento, sempre na firme erecção dos puros, as mais elevadas etapes da vida publica. . . . Vimol-o, então, irradiar no zenith da consideração de sua Terra natal, em todo o Brasil, alem mesmo do perimetro da Patria!

« . . . . Nestas linhas, graphadas no mais absoluto alcandoramento de espirito, vendo no firmamento, brilharem mundos luminosos mais bellos e mais puros, num elance de coração agradecido e saturado de dôr, genuflexos, erguemos respeitosos, a tarja que enlucta nossa alma para oscular-lhe as cinzas venerandas, associando-nos á dôr que

punge a sua respeitavel familia, que sangra o coração de nossa Terra! E, espiritualmente, sobre os seus pés, esfolhamos a dyalipétala bistre da nossa dôr, da nossa gratidão, da nossa saudade!

Isidoro Costa Pinto.»

— « . . . . A figura do Commendador José Ribeiro de Macedo avultava por uma curiosa afluencia de contrastes: a par com o fidalgo da mais irreprehensivel linha e do mais invejavel e bello aprumo, notava-se, exuberante de vida e de ardor, o democrata indefesso, que fundava jornaes e pelejava valentemente pela victoria das mais caras liberdades e mais aspirados direitos populares. A severidade de seu calmo semblante e de sua compostura impecavel não repelia a adoravel jovialidade de seu temperamento, afeito a aceitar, sem rancores e sem azedumes, o quartel final de longa e trabalhosa existencia, pontilhada no seu transcurso de amarguras e dôres. . . . Como ardoroso patriota, nem a Patria, nem o Paraná sentiram jamais uma dôr ou celebraram um triumpho que não repercutissem na sua generosa alma e no seu bondosissimo coração. . . . . Na sua devoção patriotica não havia só platonismo: conhecendo, intelligentemente, que um povo só se torna forte pela educação e uma terra só se torna grande pelo aproveitamento de suas riquezas, o Commendador Macedo, nos postos que ocupou, batalhou incessantemente pelo desenvolvimento social e economico do Brasil, com especialidade do Paraná. D'ahi a popularidade e a consideração que cercavam seu nome. . . . Distincto por indole, nobre por familia, honrado por tradição, digno por temperamento, fidalgo por educação, sem vaidades, sem

vãos orgulhos e morbidas impafias, era o Commendador José Ribeiro de Macedo um verdadeiro gentilhomem da democracia.

Raul Gomes.»

— « . . . . Quando um homem consegue attingir a ultima etapa de uma larga existencia, mantendo inquebrantavel a linha recta do dever e da honra, é que esse homem possuia qualidades de caracter, que o elevavam no seu meio social. O Commendador José Ribeiro de Macedo foi um desses homens — hoje não muito communs — cuja acção se desenvolve serena e proficuamente em demanda de um ideal alevantado. A sua constante collaboração em quasi todas as reformas liberaes, desde a emancipação dos escravos, o seu concurso em prol da instrucção publica, o seu esforço em favor do desenvolvimento economico do Paraná, são a prova de uma nobre tendencia pelo ideal, que o seduzia. . . . Em todas as contingencias de sua vida, sempre conservou a linha de independencia. . . . A sua collaboração na imprensa, os seus trabalhos de gabinete, atacando e resolvendo com superioridade de vistas varias questões economicas de alta relevancia para o Estado, demonstram a competencia do extincto nos mais variados campos de actividade. . . . A bondade era o caracteristico de sua alma e a rectidão a linha de seu caracter.

« . . . . Eu me descubro respeitoso diante do tumulo que se fecha, guardando os despojos do venerando ancião e o aponto á mocidade do Paraná como um exemplo digno de ser imitado.

Jayme Ballão.»

— « . . . . Curityba toda experimentou hon-

tem o abalo tremendo de uma noticia verdadeiramente triste e lutuosa: Morrera o preclaro cidadão Commendador José Ribeiro de Macedo. . . . E' que o Commendador José Ribeiro de Macedo sempre fôra um bom, um digno e um forte. Todos nós admiravamos aquella sua linha serena de conducta, o seu espirito, que nunca envelheceu, a sua energia de lutador e de patriota. Era um exemplo vivo de virtudes impereciveis e de nobreza de alma. Nunca alimentou odios. Não tinha desaffectos. Era bello vel-o, coberto pela brancura dos annos, mas sempre risonho, sempre gentil e sempre bom. Não era ambicioso. Cumpungia-lhe a sorte dos infelizes, a quem não se furtava de estender a mão. Era o amparo da pobreza, o conselheiro dos que soffriam. Como chefe de familia, o venerando morto, se elevara á altura de um verdadeiro deus. O seu lar sempre fora o santuario de onde irradiavam ensinamentos de virtudes e de caracter. . . . . Como politico militante teve as suas convicções, não menosprezando nunca as convicções alheias. Era dos que pensavam que politica, embora estabeleça a diversidade de ideias, não deve separar os homens. Esse mais um motivo do alto gráo de estima em que era tido no seio da nossa sociedade, o Snr. Commendador Macedo.

« . . . . A sua morte não só abriu enorme vacuo no seio da sua familia e dos amigos que o veneravam. Não. A sua perda é tambem lamentada pelo Estado inteiro. E isto pelo facto de aliar elle ás suas qualidades de homem particular, a magestade respeitavel de homem publico de alta linhagem.

« . . . . Descubramo-nos, pois, á passagem do corpo inanimado desse varão venerando, que soube se impor pelo seu caracter, pela

sua grandeza de alma e pelo amor que tinha pelo seu Estado.

Gastão Faria.»

— « . . . . O Commendador José Ribeiro de Macedo era um dos poucos sobreviventes de paranaenses á antiga, da velha guarda patricia. O bom nome do Paraná, representado por todas as coisas: — o céo e a terra; as florestas e os mares; os passaros e as borboletas; a intelligencia e o trabalho; o passado, o presente, o futuro; a tudo quanto era representativo desta terra tão boa e tão má para todos nós, esse caricioso velhinho ligava um apreço inestimavel, apreço de colleccionador de reliquias, como de um desses valores arrolados pelo seu affecto, lhe surtisse n'alma sonhadora uma lembrança amiga e no coração bonissimo uma infinita saudade!

«De — Lembrança e de Saudade — sejam pois, tambem feitas, as corôas que depomos á sua passagem para o Além.

Romario Martins.»

— « . . . . Era um varão de Plutarcho.

«Espirito lucido, coração patriota, não trepidava em abandonar o interesse proprio e a commodidade pessoal, pela causa publica.

«Mais de uma vez o vi na estacada, pugnando pela causa do Commercio e das Industrias paranaenses na Associação Commercial, de que foi presidente e com a qual se havia consubstanciado. Onde estivesse em jogo o bem publico e periclitasse a causa popular, lá se achava elle, firme e resoluto, identificado com o interesse do povo.

«Nessa lucta renhida que o Paraná tem tido com o visinho Estado do Sueste, era bello e admiravel ver o Commendador Macedo,

erecto e solemne, com as cans a nevar-lhe a fronte, esquecido dos setenta e muitos annos que lhe pezavam sobre os hombros, comparecer pressuroso aos comicios populares. Ainda ultimamente, com abnegação, zelo e ardor patriotico, presidia o comité de limites, não poupando sacrificios, seja pecuniarios, seja de actividade pessoal, em pról dos sagrados direitos do Estado do Paraná.

«Como seu companheiro n'essas pugnas civicas, procurando seguir-lhe as pégadas, rendo-lhe hoje o meu preito de saudades, enaltecendo-lhe as virtudes civicas e privadas e recommendando á mocidade a sua vida como um modelo digno de ser imitado.

Dr. Victor do Amaral.»

— « . . . . A triste nova do fallecimento do inolvidavel conterraneo foi para o ignaro signatario destas pobres linhas um verdadeiro abalo moral, porque a figura ora desapparecida, alem de lhe haver inspirado profunda sympathia pessoal, se lhe impunha preciosa em nosso meio, pelos serviços que vinha prestando e benefica influencia que vinha exercendo sobre as novas gerações.

« . . . . a lembrança do grande patriota, que se extenuava, em plena senectude, pelo bem estar de sua terra, que transmudava, pelo poder da vontade, a fraqueza organica no envoltorio aligero de uma alma sempre moça e vibrante de ideaes excelsos, perdurará inextinguivel.

«Exaltar a memoria de semelhantes homens, cujas vidas constituem fonte de salutares ensinamentos aos que iniciam a *luta,* eis um dever imperioso. Dever imperioso e grato, que me sinto feliz de cumprir, nesta hora, posto que de modo imperfeito, por me fallecerem dotes literarios com que pudesse

entretecer um festão condigno, de accordo com a altura onde paira o homenageado.

José Guahiba.»

— « . . . . Trinta dias são passados que pesa sobre os nossos corações a dôr de uma saudade, lançando-a na mais profunda magua, chorando o desapparecimento d'um filho que tanto a idolatrou e dignificou — o Commendador José Ribeiro de Macedo. « . . . . Todas as grandes almas, todas as figuras de relevo, todas as creaturas de valor, pelo caracter e pela benemerencia do coração bondoso bem merecem as homenagens de estima e respeito e mais as elevam e realçam os encantos e as virtudes das suas obras bemfazejas. O Commendador José Ribeiro de Macedo deixou uma brilhante linha traçada para os seus filhos e pode servir de modelo as gerações presente e futura. . . . . Assim como sóes que retornam quando a primavera renova em cada flôr os dois grandes mysterios da fecundação e da vida — a belleza e o perfume —, assim tambem os homens rectos pelas suas ideias, pelo seu espirito, e sobretudo por suas acções, revivem nas gerações sãs que os succedem.... Paz ao illuminado espirito do Commendador José Ribeiro de Macedo e que ao lado dos bons e justos derrame sobre a humanidade a misericordia de sua consoladora bondade.

O. Secundino.»

— « . . . . . .
« . . . . Foi elle um dos heroes do trabalho, descerrou as portas e janellas desta vastissima casa paranaense, aberta por todos os lados para o sol e para a luz, para a civilisação.

« . . . . Homem centro, homem fóco, homem pharol, homem conductor de homens, missionario, arregimentou o commercio e a industria na Associação Commercial do Paraná. E esse baluarte das classes productoras é como um ariete rasgando as muralhas que nos impeçam o progresso. . . . Morreu um homem honrado —, é a voz publica. E este murmurio popular é uma oração sublime. . . .

Hugo dos Reis.»

— De um livro intimo de meu Tio Ricardo Negrão, extrahi as seguintes palavras despretenciosamente escriptas, no proprio momento em que se realisavam os funeraes do Commendador José Ribeiro de Macedo. São expressões sinceras escriptas por um velho de 82 annos e já bastante doente, e que, sem preoccupações literarias escrevia no seu livro intimo, referindo-se a um outro velho amigo dos tempos escolares. Com esse gesto, quiz unicamente meu Tio demonstrar a sua grande amisade e alto conceito que sempre formou do caracter do Commendador Macedo salientando o acabrunhamento que sentiu ao ver desapparecer o seu ultimo amigo e companheiro de infancia e de luctas sociaes e politicas:

«Falleceu nesta cidade no dia 27 de Julho de 1917, as $2^1/_2$ horas da tarde, o meu bom, leal e velho amigo e primo, José Ribeiro de Macedo, cuja morte bastante me tem acabrunhado, pois, era o unico parente que, desde menino ainda, sempre me dispensou grande amisade e attenção.

«Sinto-me, repito, acabrunhado com o seu desapparecimento; José Ribeiro de Macedo foi sempre um paranaense distincto e que gosava da maior estima e consideração pelo

seu caracter puro e honrado. Foi bom filho, bom irmão, bom esposo e pae exemplar. Possa a sua grande prole seguir sempre os exemplos fecundos e proveitosos de seu chorado e querido progenitor. O mau tempo e o meu estado de saude, inhibiram-me de ir vel-o e acompanhal-o até a sua ultima morada. Deus se amerceie de sua alma e sobre os seus filhos e netos derrame a sua benção e protecção.

(Assignado) *O Velho Ricardo Negrão.*

Chacara do Ahú, 28 de Julho de 1917, as 2 horas da tarde, hora de seu enterramento.»

— Foi casado a 25 de Dezembro de 1870 com Laurinda Rosa de Loyola Macedo, fallecida, filha do importante capitalista Antonio de Loyola e Silva e de sua mulher Joaquina Maria Rosa de Loyola; por esta, neta de Manoel Gonçalves do Nascimento e de sua mulher Rosa Maria de Lima; por esta, bisneta do Sargento-mór Antonio Ricardo dos Santos e de sua mulher Maria da Luz Paraizo, filha de Manoel Gonçalves do Nascimento e de sua mulher Maria da Luz.
(Com ascendentes descriptos no 3.º volume desta obra.)
Tiveram os seguintes filhos:

7-1 Joaquina Adilia de Macedo Lisbôa, nascida a 4 de Novembro de 1871, fallecida a 21 de Agosto de 1914, foi casada a 22 de Novembro de 1890 com o Coronel Manoel José da Costa Lisbôa, que foi acreditado industrial de herva matte em Curityba, filho de Antonio José da Costa Lisbôa, natural de Portugal, e de sua mulher Luiza Maria Negrão Lisbôa, 6-4 de 5-3 de 4-6 de 3-1, de pagina 227 deste livro.

Sem filhos.

7-2 Manoel, fallecido em criança.

7-3 Coronel José Ribeiro de Macedo Junior, foi socio de seu pae na industria do matte e hoje é gerente da firma Macedo & Cia., da qual é socio seu irmão Manoel Valdomiro. E' Deputado ao Congresso Legislativo do Estado. Casado a 2 de Fevereiro de 1895 com sua prima Clotelvina Portugal de Macedo, 7-3 de 6-4 adiante.
Filhos:

8-1 Adalgiza de Macedo, casada com seu primo Dr. José de Azevedo Macedo, medico, filho do Coronel João Ribeiro de Macedo e de sua mulher Anna Maria de Azevedo Macedo, 6-6 adiante.
Filhos:

9-1 Thyrso, fallecido.
9-2 Adalgiza.
9-3 Anna.
9-4 Eunice.
9-5 Thyrcelia.

8-2 James, fallecido com 2 annos.

8-3 José Portugal Macedo, casado com Esther Portugal Soares Pereira de Macedo.
Filhos:

9-1 Clodomira, fallecida.
9-2 Maria da Gloria, fallecida, gemea com
9-3 Maria de Jesus, fallecida.
9-4 José Francisco, fallecido.

8-4 Aldo Portugal Macedo.
8-5 Thalia Portugal Macedo.

7-4 Francisca de Macedo Souza, fallecida em 4 de Abril de 1913, foi casada a 25 de Dezembro de 1895 com o Coronel Herculano Carlos Franco de Souza, filho de Carlos José de Oliveira e Souza e de sua mulhe Rita de Azevedo Souza.
Nasceu o Coronel Herculano Souza, em Campo Largo, a 2 de Abril de 1871. Socio commanditario da importante firma commercial H. Souza & Cia. Em 1909 foi nomeado Vice-Presidente da Associação Commercial. E' Deputado da Junta Commercial, Presidente da

Sociedade «Soccorro aos Necessitados», fundada em 20 de Setembro de 1921, onde tem prestado inolvidaveis serviços, pela solicitude e esforços empregados desde sua fundação, dedicando-se com desvelado carinho á causa de seus semelhantes.
Tiveram os seguintes filhos:

8-1 Diahir de Macedo Souza Lobo, casada com o Dr. Joaquim Fonseca de Sant'Anna Lobo, filho do fallecido capitalista Sebastião de Sant'Anna Lobo e de sua segunda mulher Maria José Fonseca Lobo.
Teve:
9-1 Ninon.
9-2 Glacy.
9-3 Alceu, fallecido.
9-4 Miryam.

8-2 Dr. João de Macedo Souza, engenheiro civil, nascido em 24 de Junho de 1899.

8-3 Dagmar de Macedo Souza Bittencourt, casada com o Tenente do Exercito Luiz Antonio Bittencourt.
Teve:
9-1 Luiz Carlos.
9-2 Lyncoln Eduardo.

8-4 Herculano Carlos Franco de Souza Filho, estudante do Gymnasio.

8-5 Helly de Macedo Souza.

8-6 Francisca de Macedo Souza.

8-7 José Carlos, fallecido.

8-8 Laurita, fallecida.

7-5 Laurinda de Macedo Rocha, casada a 21 de Dezembro de 1895 com o Coronel Herculano Alves da Rocha, filho de Lucidio Alves da Rocha e Souza e de sua mulher Maria das Dôres de Andrade e Souza.
Teve:

8-1 Homero, fallecido em criança.

8-2 Alinda de Macedo Rocha Pereira, casada com o Tenente do Exercito Izaac Viegas Pereira, filho do Dr. Luiz José Pereira e de sua mulher Leopoldina Viegas Pereira.

Teve:
9-1 Priscilla, nascida a 15 de Maio de 1922.

8-3 Alcina de Macedo Rocha Miró, casada a 11 de Fevereiro de 1926 com Ascanio Miro Filho, filho do capitalista Ascanio Miró e de sua mulher Maria Clara de Abreu Miró.
Teve:
9-1 Léa.

8-4 Aracy de Macedo Rocha Virmond, casada a 31 de Janeiro de 1923 com Eduardo Virmond Filho, filho do Coronel Eduardo Alberto Virmond e de sua mulher Lourença Francisca de Assis, 6-4 de pagina 177 deste volume.
Teve:
9-1 Ney, fallecido.

8-5 Maria da Luz Rocha Braga, casada com Otero Pereira Braga, filho do estimado commerciante desta cidade Antonio da Silva Braga, natural de Portugal, e de sua mulher Etelvina Pereira Braga.
Teve:
9-1 Alvaro.
9-2

8-6 Edith Macedo Rocha, solteira.

8-7 Renato de Macedo Rocha, estudante.

8-8 Hercules de Macedo Rocha, estudante.

7-6 Sylvio, fallecido.

7-7 Dr. Antonio de Loyola Macedo, medico, casado com Julina Sotto-Maior Ramos Macedo, filha de Manoel Ramos, Contador da Delegacia Fiscal do Paraná, e de sua mulher Maria da Conceição Ramos.
Sem filhos.

7-8 Semiramis de Macedo Seiler, casada a 25 de Setembro de 1909 com João Vianna Seiler, filho de José Gustavo Seiler e de sua mulher Justina Vianna Seiler; neto pela parte paterna de João Jacob Seiler e de sua mulher Christina Winterhalter; neto pela parte materna de Joaquim da Cunha Vianna e de sua mulher Maria Clara Correia de Bittencourt; por esta, bisneto de Francisco José Correia de Bittencourt e de sua mulher Anna Euphrasia Maria de Jesus.

Filhos:
8-1 Semiramis.
8-2 Laurinda Rosa.
8-3 José Gustavo.
8-4 Justina.
8-5 João.
8-6 Marina, gemea com
8-7 Omar, fallecido.

7-9 Valdomiro } fallecidos em criança.
7-10 Laurinda }

7-11 Manoel Valdomiro de Macedo, casado a 16 de Junho de 1923 com Aurelia Dacheux do Nascimento Macedo, filha de Leandro Dacheux do Nascimento e de sua mulher Edeltrudes Nery da Fonseca.
Filhos:
8-1 José Valdomiro.
8-2 Eurico.

7-12 Odaléa de Macedo Caron, casada a 12 de Agosto de 1917 com Mario Caron, filho de Manoel Caron, fallecido, que foi por longos annos Agente da Estrada de Ferro de Curityba, cargo esse que desempenhou sempre com dedicação, bondade e honestidade, e de sua mulher Luiza Toscani Caron.
Filhos:
8-1 Laurinda Luiza.
8-2 Yolanda.
8-3 Odaléa, fallecida.
8-4 Mario.
8-5 Rachel, nascida em Setembro de 1926.

7-13 Eurico, fallecido em criança.

7-14 Rosa de Macedo Bueno, casada a 14 de Outubro de 1922 com João Lycio Garcez Bueno, filho de Napoleão Garcez Bueno e de sua mulher Maria da Conceição Garcez Bueno.

6-2 Manoel, fallecido em criança.

6-3 Coronel Antonio Ribeiro de Macedo, nasceu no Porto de Cima a 15 de Fevereiro de 1843.
Desde o verdor da edade revelou a sua intelligencia, pelo que, seu pae procurou bons professores para guiar-lhe o ensino, não só do portuguez como do latim, francez, etc. O ensino de francez foi confiado a Nöel Guillet, que com bom methodo obrigava aos alumnos a só fallarem naquelle idioma. O Coronel Antonio de Macedo registra em suas memorias o optimo serviço prestado pelo professor Nöel e sua esposa, os quaes não só ministravam instrucção solida, como tambem ensinavam aos alumnos a pratica do bem e da virtude em todas as suas modalidades, procurando com seus conselhos paternaes instruir e formar o seu caracter.

Nöel Guillet executava bellos retratos a oleo, e em 1853 tirou em Morretes varios retratos de pessoas conceituadas, entre as quaes o do historiador Antonio Vieira dos Santos, que *posou* especialmente para que o artista executasse o seu bello retrato, hoje pertencente ao autor desta Genealogia, o qual foi encommendado pelo Commendador Antonio Alves de Araujo que o offereceu a Vieira dos Santos.
Outros retratos foram tirados, taes como: os do Commendador Modesto Gonçalves Cordeiro, Commendador Antonio Ricardo dos Santos, Commendador Antonio Alves de Araujo, etc.
Completando o seu estudo primario, procurou aperfeiçoal-o em seu gabinete, com boa leitura, o que conseguiu galhardamente. Na vida commercial dedicou-se sempre ao commercio, especialmente no beneficio da herva matte, em cuja industria foi estabelecido em Porto de Cima, S. João da Graciosa, Antonina, Paranaguá, Campo Largo, Morretes, desde 1861 até este momento.
Tem exercido varios cargos de nomeação e eleição popular, cargos que tem desempenhado com competencia, intelligencia e dignidade; são elles: Sargento ajudante e ama-

nuense do Commando superior da Guarda Nacional em 1865, por occasião da formação das forças que se destinavam ao Paraguay; Supplente de Delegado de Policia do Porto de Cima, desde 1868; Juiz de Paz e Vereador, em Morretes; Supplente do Juiz Municipal, em 1870; Deputado á Assembléa Legislativa Provincial, em 1876; Presidente da Camara do Porto de Cima; Delegado de Policia de Campo Largo; Inspector parochial e Chefe da Superintendencia do ensino obrigatorio, em 1885; Coronel Commandante Superior da Guarda Nacional, em 1887; Inspector escolar de Paranaguá, em 1890; Prefeito Municipal de Antonina, de 1894 a 1909 e de 1912 a 1916; Provedor da Santa Casa de Caridade de Antonina durante muitos annos. Foi veneravel da Loja maçonica de Antonina.

Em suas memorias declara que só no anno de 1884 é que poude descançar dos labores da vida publica, e isso por ter nesse anno se mudado para Campo Largo. Com a edade de 73 annos retirou-se á vida privada, recusando aceitar cargos publicos.

Para melhor salientar o valor de sua preciosa vida publica e commercial, resolvemos fazer um extracto de sua Memoria de familia, onde se encontra a sua auto-biographia:

. . . . . .

Guerra com o Paraguay.

«No anno de 1864, rebentou a guerra com o Paraguay.

«O serviço de remessa dos contingentes de soldados, era feito pela Guarda Nacional, então perfeitamente organisada com soldados e officiaes, havendo exercicios mensaes em todos os logares.

«O commando superior da Guarda Nacional, era exercido pelo Tenente Coronel Manoel Gonçalves Marques que occupava o commando na falta do effectivo que se achava licenciado, o Coronel Modesto Gonçalves Cordeiro.

«O Tenente Coronel Marques morava no Porto de Cima e o Capitão Secretario Geral em Morretes, e por isso sendo difficil ser feito por este, o serviço, fui, como permittia a lei, nomeado amanuense da secretaria do commando. A esse tempo occupava eu o posto de Sargento Ajudante, communmente chamado Sargento de Brigada.

«Tomando conta do cargo, ficou pesando sobre mim todo o serviço da secretaria que era gratuito, assim como eram todos os que faziam os officiaes da Guarda Nacional, cujos postos eram solicitados com empenho, apezar de serem obrigados a fardarem-se a sua custa.

«Dava porem por bem empregado o meu esforço, porque estava trabalhando para a Patria.

«Em fins de 1865, houve uma revista no batalhão de Guardas Nacionaes de Morretes, assim como em todos os demais subordinados ao Commando Superior, em obediencia á ordem do Governo para promover a acquisição de voluntarios para a guerra.

«Aos Corpos que se estavam organisando para esse fim, foram dados os nomes de «Voluntarios da Patria».

«O Commandante do Batalhão de Morretes, depois de ler a ordem do dia declarou que todos os que quizessem se alistar como voluntarios dessem um passo á frente. Caso raro e que abona o alto patriotismo do povo de Morretes: todo o Batalhão se apresentou, sem excepção de um só homem.

«O Commandante Major José Antonio dos Santos declarou que tambem seguiria com

o Batalhão. O facto de haver todo o Batalhão se apresentado, provocou grande enthusiasmo, porque na Guarda Nacional se achavam alistados todos os cidadãos até 50 annos de edade.

«Era a flôr da população, promovendo a sua partida para a guerra em desafronta do brio nacional ultrajado, mas tambem era a desorganisação completa da lavoura, da industria e do commercio do municipio, no qual somente ficariam os jovens de menos de 18 annos e os homens de mais de 50; accrescendo que não havia isempção alguma e que os casados e viuvos tambem queriam seguir.

«O Paraná inteiro applaudio o acto de elevado patriotismo de que o povo de Morretes déra prova, mas o Presidente da Provincia comprehendendo a desorganisação que isso traria para a vida de Morretes, agradecendo effusivamente a communicação, respondeu que não era preciso tamanho sacrificio de uma só localidade; que o commandante escolhesse 50 homens dentre os apresentados, e que com elles seguisse para Curityba.

«O Commandante deu execução á ordem, sendo eu, que então contava 22 annos, um dos escolhidos.

«Seguimos incontinente pela Graciosa, uns a pé e outros a cavallo, e com a despreoccupação da mocidade, iamos alegres e contentes como se fossemos a uma festa, quando seguiamos talvez ao encontro da morte, como succedeu a quasi todos esses patriotas, pois, poucos dos voluntarios foram os que voltaram do Paraguay.

«Fomos admittidos no Batalhão que estava sendo organisado em Curityba e que fazia exercicios duas vezes por dia, no campo

onde hoje se acha o Hospital de Misericordia.

«No referido Batalhão, já se achava preenchido o posto que eu occupava, de Sargento de Brigada, e por isso depois de estar aquartelado durante uns 15 dias, fui dispensado pelo Presidente da Provincia, com pezar meu e gaudio de meus paes.

Vida politica.

«Desde moço dediquei-me á politica, filiando-me ao partido Conservador a que toda a minha familia sempre pertenceu e do qual meu pae foi prestigioso Chefe, no Porto de Cima. A esse partido servi com lealdade e firmeza, prestando-lhe relevantes serviços, e votando-lhe o melhor tempo de minha vida.

«Trabalhei com afinco no sentido de que o traçado da Estrada de Ferro de Paranaguá—Curityba, passasse pelo Porto de Cima; empenhei os melhores esforços nesse sentido; fui vencido. Mais tarde bati-me para que a Estrada de Ferro de penetração, que, de Curityba se dirigia para os Campos Geraes, passasse por Campo Largo, demonstrando por todos os meios as vantagens desse traçado. Fui ainda uma vez vencido. Esses factos cauzaram-me decepções profundas. Afastei-me da politica cheio de desillusões.

«O 15 de Novembro de 1889, veio encontrar-me já desligado da politica.

«Eu era um admirador do caracter do Imperador, mas não lamentei a sua sorte, porque sempre entendi que ninguem tem o direito de governar os outros; que o trabalho do governo é mais um onus do que um gozo para quem o exerce.

Novo partido.

«Estudando o regimem que se inaugurava,

eu e meu irmão José Ribeiro de Macedo, com o qual sempre fôra solidario em politica, como em tudo, entendemos que havia um grande defeito no systema presidencial: A perpetuidade do poder.

«Pensamos que o meio de sanar esse defeito, seria o de crear um partido que tivesse por lemma a plena liberdade de voto, sendo garantido a todos, os empregos ou subvenções que tivessem no caso de votarem contra o Governo, e adoptando-se providencias para ser garantido ao partido da opposição, o terço no Congresso.

«Pondo em pratica as nossas ideias, creamos um novo partido de que era Chefe o meu citado irmão e no qual demos a denominação de — Partido Democratico.

«Esse partido que foi logo aceito em diversas localidades creou um orgão na imprensa de Curityba de que foi director o meu primo e amigo Ricardo de Souza Dias Negrão, e redactor o insigne jornalista José Francisco da Rocha Pombo.

«Chegou a ser organisada chapa para Governador e para o terço do Congresso do Estado, mas dado o balanço dos elementos com que contava o partido nas diversas localidades, conheceu-se que era baldado o empenho de regenerar o paiz por meio do voto: que a grande maioria acompanhava o Governo por causa dos empregos e das posições e que por isso o resultado seria para nós negativo. Abandonamos pois a lucta.

«Extincto o partido democratico, o Dr. Vicente Machado, um dos Chefes de mais alta visão e de maior prestigio que o partido republicano tem tido até agora no Paraná, applicou os maiores esforços para nos attrahir ao seu partido.

«Incluio-me, sem me communicar, na chapa

para vice-presidente do Estado, do que avisado por dois amigos, os Snrs. Sebastião Sant'Anna Lobo e José Olyntho Mendes de Sá que me telegrapharam felicitando, expedi no mesmo instante um telegramma agradecendo ao Dr. Vicente Machado; agradecendo, mas pedindo escusa por não querer envolver-me em politica.

«Foi o meu nome retirado da chapa antes de ser publicada.

«Mais de uma vez convidou-me para o logar de deputado ao Congresso do Estado, que tambem não aceitei.

«Suppondo que a minha recusa era devido a aspirar posição mais elevada, mandou em um dos quatriennios um emissario de Curityba a Antonina, e meu irmão Joaquim Pereira de Macedo, convidar-me para o cargo de Presidente do Estado.

«Tambem não aceitei, porque não desejava posições salientes e me contentava com a minha mediania.

«De outra vez, mandou por intermedio de meu amigo Coronel Joaquim Loyola, offerecer-me o cargo de senador federal, que recusei pelos mesmos motivos.

Prefeitura de Antonina.

«No anno de 1892, mudei-me de Paranaguá para Antonina.

«Um anno mais ou menos depois, vagou o cargo de prefeito desse municipio.

«O Chefe do partido situacionista, que era o meu antigo amigo, Coronel Joaquim de Loyola, offereceu-me o referido cargo.

«Escusei-me, mas elle voltou tantas vezes e com tal insistencia, dizendo que o municipio precisava de meus serviços, que eu acabei por declarar-lhe que poderia aceitar por dever de patriotismo, mas com a condição

expressa de fazer somente administração e não me envolver em politica, da qual me achava arredado, declarando-lhe:

«Snr. Loyola, o Snr. se arrependerá; hade vir pedir alguma coisa que eu não possa fazer na posição neutra em que me acho, e por isso é melhor que escolha para prefeito um correligionario que attenda as necessidades do partido.

«Aquelle saudoso amigo com a bonhomia que lhe era habitual respondeu: Aceito assim mesmo, porque o conheço e sei que nada fará que não seja a bem do municipio.

«Em consequencia, incluio-me na chapa na qual não houve pleito, sendo que dos eleitores que compareceram, tive votação unanime.

«No meu papel de neutro não compareci a eleição e nem soube quem em mim votou.

«Nesse quatriennio e no que se lhe seguiu, em que aceitei nas mesmas condições a reeleição para concluir os melhoramentos que tinha iniciado, fiz o que me foi possivel em pról do municipio.

«Antonina não tinha mercado e entendi que isso constituia uma lacuna que se tornava necessario preencher.

«Como a renda não chegava e porque era uma obra de vulto, desisti dos vencimentos de prefeito para applicar a esse serviço, e comecei e conclui o mercado, que é o unico que até agora existe. Esse mercado produz actualmente para o municipio a renda de oito contos de reis por anno; por isso nos 27 annos decorridos da data de sua construcção até hoje, mesmo que nos principios não rendesse tanto, tem concorrido com mais de cem contos para os cofres do municipio, o que posso dizer sem falsa modestia, é devido á minha acção pessoal.

«Não havia casa para as sessões da Camara; comprei uma casa de sobrado antiga e fil-a reconstruir, tornando-se um bom predio, onde funccionou a Camara e Prefeitura até 1914, anno em que foi tudo mudado para outra casa á rua 15 de Novembro, que tambem comprei e fiz reconstruir em outra minha administração, sendo a antiga casa vendida pelo meu successor.

«A agua para o consumo da população, obtida no logar denominado — Larangeira — era conduzida em carroças ou por particulares para a cidade, onde não havia chafariz.

«Por falta de regular captação das aguas, e consequente reservatorio, a agua corria dia e noite por uma bica, com grave desperdicio; para melhor aproveital-a, mandei fazer uma caixa d'agua no logar onde existia a bica e trazer em canos até dois chafarizes que mandei construir e que até agora existem.

Nova Prefeitura.

«No anno de 1912, tinha de se realisar a eleição municipal para um novo quatriennio. Diversos amigos novamente insistiram para que eu aceitasse mais uma vez a indicação do meu nome para occupar o lugar de Prefeito.

«Com reluctancia aceitei, porque como das outras vezes, as posições não me seduziam.

«Fizera nos quatriennios anteriores, administrações a contento geral, e por isso foi grande a minha surpreza, por ter sido a minha nova candidatura recebida com hostilidade imprevista e injustificada.

«Eu não desejava o cargo, porem, me vi obrigado a aceitar a luta que foi uma das mais empenhadas que tem havido no Paraná. A eleição correu renhida, e debatida perante os tribunaes, tive ganho de cauza.

Minha terceira administração.

«Investido do cargo, tomei posse no dia 21 de Setembro de 1912.

«Comecei logo a fazer melhoramentos na cidade, de accordo com os recursos orçamentarios.

«Como o Governo do Estado tivesse realisado um emprestimo externo para applicar em melhoramentos publicos, e estivesse fazendo emprestimo a outros municipios, solicitei de accordo com a Camara Municipal, um emprestimo de seiscentos contos de reis para pagar a divida contrahida por outra Administração, para a illuminação electrica, calçar as ruas a parallelepipedos e realisar melhoramentos.

«O Governo accedeu e foi effectuado o emprestimo.

«Com esses recursos, remodelei a cidade, calçando as ruas, comprando e fazendo reconstruir um sobrado para palacio municipal; dotando a Cidade com uma bella praça ajardinada que nada ficava a dever as melhores do Estado; estabelecendo um guindaste a vapor afim de ficar o porto apparelhado a receber as cargas de grande pezo; mandando arborisar as ruas; construindo um novo armazem de alvenaria junto ao antigo barracão, para augmentar os depositos do porto, no sentido de facilitar a carga e a descarga; fazendo construir uma ponte unida ao mesmo barracão para embarque dos viajantes, sem ser pelo meio das cargas e carroças como antes se fazia, com perigo para o povo, e fazendo a conservação de tudo, de modo que deixando a Administração em 21 de Setembro de 1916, Antonina era outra do que fora quatro annos antes.

«Não descuidei tambem do problema do abastecimento d'agua de que já me havia occupado, fazendo chafarizes em uma de minhas administrações anteriores.

«Indo ao logar denominado Saivá, verifiquei que alli havia boa e abundante agua, e feitos os estudos precisos e obtida a autorisação da Camara, contractei o serviço com o Snr. Henrique Frank que fez uma solida barragem, gastando nella 250 barricas de cimento por conta da municipalidade.

«Para encaminhar a agua, somente faltava collocar os canos, mas, não tendo o Snr. Frank podido terminar o serviço no prazo designado no contracto, requereu á Camara novo prazo que não lhe foi concedido.

«Nesse estado ficou o serviço quando deixei o cargo, por ter findado o meu quatriennio.

«Da illustre Camara Municipal que funccionou no quatriennio que se seguio ao meu, recebi a seguinte moção que reconhecido guardo entre os meus papeis:

«A Camara Municipal desta cidade, tendo em attenção os relevantes serviços prestados pelo benemerito cidadão Coronel Antonio Ribeiro de Macedo durante o periodo de sua prefeitura no quatriennio findo, já na reforma da cidade, remodelando as suas ruas pelo actual calçamento e outros melhoramentos publicos, já facilitando ao publico em suas reconstrucções, já finalmente suavisando a cobrança dos impostos e conservando as antigas taxas, alem de sua reconhecida e proverbial honestidade, deliberou votar esta moção de reconhecimento ao venerando paranaense para que fique transcripta na acta desta primeira sessão e da qual se extrahirá copia para enviar ao preclaro ex-prefeito municipal de Antonina o Coronel Antonio Ribeiro de Macedo, afim

de affirmar no presente e no futuro que o povo desta cidade sabe ser grato aquelles que dedicam seus esforços pela prosperidade de Antonina. Sala das sessões em 27 de Novembro de 1916. — (Assignados) Sebastião Damaso de Souza, Presidente e demais Camaristas.

Meus escriptos.

«Os meus primeiros escriptos dados a luz da publicidade foram de polemica amistosa com o Snr. Capitão Manoel do Nascimento Abreu, talentoso advogado provisionado (Maranhense), que foi deputado provincial e fez saliente figura nas lutas politicas do tempo.
«Depois continuei a escrever artigos nos jornaes deste Estado, desde a mocidade, sobre commercio, politica, industria, lavoura, colonisação, portos, cambio, instrucção publica, estradas de rodagem e de ferro, minas, questão de limites, descripções de viagens, relatorios, alem de polemicas sobre diversos assumptos.
«Em 1902 fundei o jornal «O Progresso» que tratava de assumptos economicos e de interesses geraes.
«Este jornal fez época.
«Publiquei em folhetos:
«A miseria é ou não possivel de evitar?», fazendo delle distribuição gratis. «Questão de limites com S. Catharina». — «Salvae o Paraná» (sobre herva matte, a custa de associações que tambem distribuiram gratuitamente).
«Escrevi uma «Historia do Porto de Cima» que emprestei e não me foi restituida, não tendo guardado a copia.
«Na Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, foi publicado um trabalho meu, denominado: «Breves informações sobre a Provincia do Paraná». Essa instituição me deu o titulo de socio correspondente.

«Rudimentos de Astronomia e meteorologia.»
«Este pequeno trabalho fiz com o intento de diffundir entre as classes populares, conhecimentos que todos devem possuir, para que o homem do povo, mesmo o menos instruido, conheça a causa dos phenomenos que todos os dias está vendo, para que não faça ideias absurdas e disparatadas dos phenomenos os mais simples, como das causas dos eclypses, das marés, dos ventos e de todos os outros.
«Taes conhecimentos se poderá adquirir praticamente por meio da leitura desse pequeno livro de 82 paginas, em que com clareza e precisão e em linguagem ao alcance de todas as intelligencias, para que não se ignorem, são explicadas as causas de todos esses phenomenos, e tambem o que se sabe relativamente a marcha dos astros e planetas no espaço infinito; parecendo que seria de real utilidade para o povo, que o ensino assim praticamente dado, fosse incluido entre as materias a serem estudadas pelos alumnos que já soubessem ler nas escolas primarias.
«Muito mais difficil é o ensino da grammatica, e entretanto figura entre as materias do curso primario, sem que haja a pretenção de que os homens do povo — lavradores e operarios — sejam todos grammaticos ou litteratos.
«De todos os meus trabalhos, aquelle a que eu ligo maior apreço, é o que se refere a questão social da miseria.
«Estudando o assumpto que foi objecto de constantes cogitações desde a minha mocidade, cheguei a conclusão de que a miseria

podia ser abolida por meio das medidas que indiquei em meu folheto.

«Muitas felicitações recebi quando o dei a publicidade, mas nisso consistio o apoio que tive.

«Suppondo que todos deviam se interessar pelo assumpto, cheguei a fazer uma petição ao Poder Legislativo Federal, pedindo auxilio para a creação de um nucleo agricola modelo, que eu me propunha a ir pessoalmente administrar para executar o meu plano. Enviei muitos exemplares de meu folheto acompanhando essa petição. Retirei porem o pedido, mesmo antes de ser discutido, por comprehender desde logo pela linguagem de alguns deputados com os quaes me entendi, que não teria decisão favoravel.

«Falando de deputados devo fazer uma excepção: a do Snr. Dr. Carlos Cavalcanti, que então exercia esse cargo, que esposando sempre as boas causas, mostrou boa vontade em auxiliar-me.

«Annos depois um illustre deputado federal, ardoroso e brilhante tribuno, que eu não conhecia, o Dr. Estevão Lobo, filho do eminentissimo brasileiro Dr. Americo Lobo Leite Pereira, de saudosa memoria, que foi Governador do Paraná no Governo Provisorio e Ministro do Supremo Tribunal Federal, tendo tido occasião de fazer a leitura de meu folheto, de que, em viagem de vapor lhe foi offerecido por meu irmão, de saudosa memoria, José Ribeiro de Macedo, mostrou-se de inteiro accordo com as minhas ideias e escreveu-me uma longa carta, encarecendo o meu trabalho e lembrando que o convertesse em um projecto de lei, remettendo-o a elle para apresental-o a Camara dos Deputados de que fazia parte.

«Foi para mim motivo de alegria, encontrar

assim inesperadamente um homem que me tinha comprehendido e que estava no caso de auxiliar-me, mas, essa alegria foi de pouca duração por que, antes de fazer o trabalho por elle indicado, falleceu aquelle apostolo do bem, ficando o assumpto sem o menor seguimento.

«Resolvi mais tarde escrever ao grande Ruy Barbosa, cuja candidatura ao cargo de Presidente da Republica eu havia apoiado com esforço, pelo que elle havia dirigido a mim individualmente, um telegramma expressivo de agradecimento.

«Com a carta que escrevi, enviei um exemplar do folheto, e pedia ao grande tribuno o seu valioso apoio a um pedido que eu dirigiria ao Poder Legislativo para a creação de um Centro Agricola modelo, caso elle se prestasse a patrocinal-o.

«Nem me respondeu.

«Seria porque pairando elle nas alturas a que o elevavam as grandes questões de que se occupava, tendentes a alargar as liberdadades publicas, julgava demasiado prosaico investigar se o povo tinha ou não fome?

«Ou se perderiam a minha carta e folheto, não chegando ao seu conhecimento?

«E' a hypothese mais plausivel, porque proceder de accordo com a primeira, não seria proprio do grande cidadão.

«Tendo sido publicado o meu trabalho em 1902 e por isso ha 24 annos, pensei que muitos não deviam conhecel-o, e que seria de bom aviso reedital-o.

«Fil-o effectivamente em uma serie de artigos publicados na «Gazeta do Povo» no anno de 1924. A ideia porem está absolutamente estacionaria.

«Si, porem, não tem caminhado quanto a organisação com que sonhei para extinguir

a miseria, tem progredido e muito em relação pratica da caridade que, se não dá golpe de morte ao mal, diminue-o de modo sensivel.

Conclusão.

«Termino aqui estas memorias no anno de 1925, aos 83 annos de edade. Não sei ainda por quanto tempo me será permittido manter-me nesta peregrinação terreste; mas o certo é que, a minha vida litteraria já terminou por me ser necessario, segundo prescripção medica, abster-me de todo o trabalho intellectual, que pode prejudicar a minha saude; optima até o anno que findou, mas, desde esse tempo, seriamente abalada. «O meu ultimo trabalho, foi a Descripção da passagem de D. Pedro II pelo Porto de Cima, publicado na Revista do Instituto Historico do Paraná, em 2 de Dezembro de 1925.

«Esse foi o meu «Canto do Cysne».

— Casou-se o Coronel Antonio Ribeiro de Macedo a 17 de Novembro de 1883, com Sylvia Loyola de Macedo, nascida em 22 de Julho de 1868, filha de Antonio Loyola e Silva, abastado capitalista e adiantado industrial e commerciante de herva matte, e de sua mulher Joaquina Maria Rosa de Loyola, successora de seu marido na industria de herva matte.

Filhos:

7-1 Eugenio Loyola de Macedo, serventuario da policia aduaneira da Alfandega de Paranaguá, nascido em 28 de Agosto de 1893.

Casado a 4 de Agosto de 1917 com Carmen Rotoli de Macedo, filha de Alcebiades Rotoli e de sua mulher Rufina Bastos Rotoli.

Filhos:

8-1 Myrthes, nascido em 7 de Fevereiro de 1920.

8-2 Alcebiades, nascido em 15 de Março de 1923.

7-2 Carmen Macedo Pilotto, casada em 25 de Outubro de 1919 com Hercinio Pilotto, filho de Angelo Pilotto e de sua mulher Marietta Pilotto.

Teve:

8-1 Osmario, nascido em 15 de Junho de 1921.

8-2 Sylvia, nascida em 23 de Junho de 1923.

7-3 Augusto Loyola de Macedo, nascido a 20 de Abril de 1899.

7-4 Paulino Loyola de Macedo, nascido a 11 de Janeiro de 1902.

7-5 Eurico Loyola de Macedo, nascido a 27 de Março de 1906.

6-4 Anna Rosa de Macedo Portugal, casada com o Coronel Jayme Pinto de Azevedo Portugal, em 26 de Agosto de 1870, filho de Francisco Pinto de Azevedo Portugal, nascido em Atalaia, na expedição á Guarapuava, a 2 de Abril de 1814, casado em Curityba a 24 de Junho de 1834 com Maria Joaquina da Paixão, nascida em Curityba a 10 de Abril de 1816; por esta, neto materno do Tenente Coronel Manoel Teixeira de Oliveira Cardoso e de sua mulher Anna Joaquina. Neto pela parte paterna do Coronel Diogo Pinto de Azevedo e que mais tarde adoptou o appellido de Portugal, pelo qual era conhecido, por ser o lugar de sua naturalidade, (viuvo de Escolastica da Annunciação) e de sua segunda mulher Rita Ferreira de Oliveira Bueno; por esta, bisneto do Sargento-Mór Francisco Xavier Pinto, natural da Alfandega da Fé, comarca da Torre de Moncorvo, bispado de Braga, e de sua mulher Rita Ferreira Bueno; pelo Sargento-Mór Francisco Xavier Pinto, é terneto de André Esteves e de sua mulher Magdalena Pinto; por sua bisavó Rita Ferreira Bueno é terneto de João Ferreira de Oliveira e de sua mulher Maria Bueno.

Filhos:

7-1 Clotilde de Azevedo Portugal Macedo, casada

com o Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, 7-1 de 6-6 adiante.
Filhos:
8-1 Annete de Macedo, solteira, Professora Normalista da Capital.
8-2 Lauro de Macedo, industrial, casado com Emilia Lima Macedo, filha de Eduardo de Lima e de sua mulher . . . . Eyting.
8-3 Inah, fallecida em criança.
8-4 Dr. James Portugal de Macedo, advogado, casado com Maria Luiza Romaguera Macedo, filha de Luiz dos Santos Romaguera, acreditado industrial e exportador de madeira, e de sua mulher Sarah dos Santos Romaguera.
8-5 Inah, fallecida em criança.
8-6 João Arthur, estudante.
8-7 Helena.
8-8 Sylvia, fallecida com 3 annos.
8-9 Maria.

7-2 Clodomira de Macedo Pereira, casada com Francisco Cezar Soares Pereira.
Filhos:
8-1 Dermeval Soares Pereira, casado com Anyole Pessôa, filha do Dr. Benjamim Americo de Freitas Pessôa e de sua mulher Maria Constança de Faria Pessôa.
8-2 Oscar Soares Pereira.
8-3 Anna.
8-4 Esther Pereira Macedo, casada com José Portugal de Macedo, filho de José Ribeiro de Macedo Junior, 7-3 de 6-1 retro.
8-5 Oswaldo.

7-3 Clotelvina de Azevedo Portugal de Macedo, casada com o Coronel José Ribeiro de Macedo Junior, 7-3 de 6-1.
Ahi a descendencia.

7-4 Dr. Clotario de Azevedo Macedo Portugal, nascido em Campo Largo a 8 de Junho de 1881. Formou-se em sciencias juridicas e sociaes a 28 de Novembro de 1905. Tem exercido diversos cargos: Promotor publico da comarca do Tibagy; Juiz de direito de Jaguariahyva, da União da Victoria e mais tarde foi distinguido com a nomeação de Procurador geral da justiça do Estado, e depois para o cargo de Juiz do civel e commercio da Capital e Procurador geral, Corregedor geral das Comarcas do Estado e Lente cathedratico de Direito Penal da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná. E' uma das figuras de maior destaque da magistratura do Estado, quer pela sua cultura juridica, quer como Juiz integerrimo. Actualmente exerce o cargo de Chefe de Policia para o qual foi nomeado por Decreto Presidencial de 1926.
Casou-se em 24 de Maio de 1906 com Anna de Azevedo Macedo Portugal, filha do Coronel João Ribeiro de Macedo, 7-8 de pagina 337.
Ahi os seus descendentes.

7-5 Clodoaldo de Macedo Portugal, casado com Alayde Pereira Portugal, filha de Manoel da Silva Pereira e de sua mulher . . .
7-6 Clodorico de Macedo Portugal, casado com Clotelvina Portugal, filha de 7-3 de 6-1 retro.

6-5 Joaquim, fallecido.

6-6 Coronel João Ribeiro de Macedo, nascido em 18 de Novembro de 1850, fallecido em 22 de Junho de 1912. Foi casado com Anna Maria de Azevedo Macedo, cuja vida feita para o bem e para a caridade, foi sempre abençoada por todos.
Industrial e commerciante, desde a adolescencia. Chefe politico em Campo Largo, gozou alli sempre de grande prestigio. Sacrificou-se pela politica, gastando fortuna e notavel esforço. Por occasião da revolução de 1893, passou a residir em Curityba, onde continuou como industrial de herva matte. Espirito adiantado e emprehendedor, não lhe faltaram iniciativas, cooperando para a riqueza e desenvolvimento de seu Estado natal. Foi, pode-se dizer, o fundador de Teiveira Soares, hoje prospera e futurosa Villa, da comarca de Ponta Grossa.

Ali montou um engenho de matte, quando havia apenas uma casa, alem da Estação da Estrada de ferro; engenho este que ficou sob a direcção de seu filho Manoel de Azevedo Macedo, ainda hoje importante industrial ali. Descobriu e explorou as fontes de agua mineral de Ouro Fino, á qual se dedicou com muito carinho e esforço, com a visão clara da importancia da mesma agua, hoje positivada no enorme conceito de que goza em todos os mercados. Foi Presidente da Associação Commercial do Paraná, á qual deu grande relevo, tendo então montado o jornal «Commercio do Paraná», orgam da classe, que teve uma vida brilhante e altamente benefica. Chefe de numerosa familia, legou a seus filhos um nome honrado, como os que mais o sejam, tendo a todos elles dado fina educação e conseguindo formar quatro delles: dois em direito, um em medicina e um em engenharia.

Tiveram os seguintes filhos:

7-1 Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, nascido em Campo Largo aos 5 dias do mez de Julho de 1872. Formado em Sciencias Juridicas e Sociaes, a 11 de Dezembro de 1893, na Faculdade de Direitos de S. Paulo. Com o Dr. Ermelino de Leão, dirigiu em 1894, um collegio de curso primario e secundario, fundado pelos mesmos com o nome de Instituto Curitybano, que relevantes serviços prestou á educação da nossa mocidade.

Exerceu os seguintes cargos:

1893 a 1894 — Foi Official de Gabinete do Dr. Vicente Machado, vice-presidente do Estado, em exercicio.
1894 a 1896 — Foi Procurador Fiscal do Estado.
1898 a 1901 — Foi Procurador Geral da Justiça do Estado.
1906 a 1908 — Lente interino de Pedagogia da Escola Normal e de Logica do Gymnasio.
1909 a 1911 — Lente interino de Portuguez da Escola Normal e Portuguez e Literatura do Gymnasio Paranaense.
1911 a 1916 — Lente effectivo de Portuguez da Escola Normal e de Portuguez e Literatura do Gymnasio, nomeado mediante concurso.

1913 a 1915 — Foi Director Geral da Instrucção Publica, com funcções de Director do Gymnasio e da Escola Normal.
Remodelou o ensino na Escola Normal e iniciou a remodelação do ensino primario, como consta de seus relatorios apresentados ao Governo em Dezembro de 1914 e de 1915. Organisou o Codigo do Ensino.
1916 — Lente de Pedagogia e Noções de Moral, Direito Patrio e Economia Politica da Escola Normal.
1920 — Lente interino de Psychologia, Logica e Historia de Philosophia do Gymnasio.
Deputado ao Congresso Legislativo do Estado em diversas legislaturas. Lente de Economia Politica e Finanças da Faculdade de Direito, na Universidade do Paraná, desde a fundação desta, em 19 de Dezembro de 1912.
Alem de muitos outros trabalhos literarios, merecem menção as seguintes obras:
1 — Estudos de Direito (1900).
2 — Apontamentos sobre o Ministerio Publico do Paraná (1900).
3 — Codificação do Processo Criminal (1909).
4 — Cooperativismo, publicação da «Casa do Lavrador», importante revista agricola que infelizmente não existe mais, publicada sob a direcção do illustre e saudoso Julio Pernetta.
5 — Codigo do Ensino (1915).
6 — Codigo de Posturas de Curityba, convertido em lei (1918).
7 — Organização Judiciaria do Estado do Paraná, projecto convertido em lei (1919).
8 — Codigo do Processo Criminal, projecto convertido em lei (1919).
9 — Codigo do Processo Civil e Commercial, projecto tambem convertido em lei (1919).
A «Lei Judiciaria» e os dois «Codigos Processuaes».
No jornalismo foi redactor-chefe do «Diario do Paraná», da «A Republica» e do «O Commercio». Durante alguns annos trabalhou no escriptorio do Dr. Vicente Machado, onde desenvolveu sua cultura profissional.

Casado com sua prima Clotilde Portugal de Azevedo Macedo, 7-1 de 6-4 retro.
Ahi a descendencia.

7-2 Othilia Macedo de Loyola, casada com Jayme Loyola, industrial em Teixeira Soares, filho do Coronel Antonio de Loyola e Silva e de sua mulher Joaquina Rosa de Loyola, já fallecidos.
Descendentes descriptos em 6-5 de 5-3.

7-3 Flavio de Azevedo Macedo, commerciante em Curityba, casado com Francisca Ribas de Macedo, filha de José de Paula Ribas e de sua mulher Maria Marques Ribas.
Filhos:
8-1 Clovis, fallecido.
8-2 Levi.
8-3 Diva.
8-4 Flavio.
8-5 João.
8-6 Alceste.
8-7 Moacyr.
8-8 Clovis.
8-9 Emerson, fallecido.

7-4 Manoel de Azevedo Macedo, nascido em 19 de Dezembro de 1879.
Ainda quasi criança, abraçou a carreira industrial, dirigindo em Curityba o importante engenho de matte de seu pae Coronel João Ribeiro de Macedo. Em Teixeira Soares, ha vinte annos, mais ou menos, tomou a direcção de outro engenho de matte montado por seu pae, quando o logar da elegante Villa, que hoje se mostra progressista e adiantada, não possuia mais de uma ou duas casas. Teve então por companheiros na realisação do progresso local, os dignos Snrs. Antonio Correia de Sá, adiantado commerciante e industrial de madeira e proprietario do magnifico salão de diversões, onde funcciona o Cinema, bem como o Snr. João Negrão Junior, o abastado commerciante e exportador, que foi o primeiro Prefeito Municipal da Villa, cargo para o qual foi reeleito por varias vezes.

Montou após uma serraria annexa ao engenho de matte, bem como uma optima Uzina, que fornece a luz electrica para a illuminação publica e particular da Villa, desenvolvendo-a grandemente e construindo algumas dezenas de casas na mesma Villa de Teixeira Soares, que tudo lhe deve, nada se emprehendendo sem que esteja ligado o nome de — Manoel de Azevedo Macedo, cujo amor e dedicação pela sua urbs, tem conseguido fazel-a o que hoje ella é: Um centro desenvolvido, cheio de construcções elegantes e bem cuidadas, ruas largas e alinhadas, dotada de melhoramentos e diversões que o tornam aprasivel e querido por todos.
O traço predominante do moral de Manoel de Azevedo Macedo é uma bondade infinita, alliada a uma inteireza de caracter a toda a prova.
Casado com sua prima Leonidia de Souza Macedo, filha do Coronel Agostinho Ribeiro de Macedo e de sua mulher Gabriella de Souza Macedo.
Filhos:
8-1 Celina de Macedo.
8-2 Helio de Macedo, estudante.
8-3 Leonidia.
8-4 Eloyna.
8-5 Leony.
8-6 João Noel.
8-7 Aroldo, fallecido.
8-8 Nilce.
8-9 Rubens.

7-5 João Arthur de Macedo, fallecido.

7-6 Elisa de Azevedo Macedo, casada com seu primo Placido Ribeiro de Macedo, 7-1 de 6-8.
Teve:
8-1 Altamiro de Macedo.
8-2 Maria Elisa de Macedo.
8-3 Odilia.
8-4 Ivette.
8-5 Marietta.
8-6 Placido, fallecido.
8-7 Placido, fallecido.

8-8 Yony, fallecido.

7-7 Dr. João Ribeiro de Azevedo Macedo, advogado. Nascido a 21 de Setembro de 1883, em Campo Largo. Cursou o Gymnasio Paranaense. Abraçou a carreira do Commercio, trabalhando como guarda-livros. Resolveu retornar os estudos, concluindo os preparatorios em 1903, matriculando-se em 1904 na Faculdade de Direito de S. Paulo, onde recebeu o gráu de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, a 2 de Dezembro de 1908. Voltando ao Paraná, foi nomeado Delegado de Policia da Capital, demonstrando por essa occasião grande ponderação e criterio em momento assáz grave da vida paranaense. Exonerando-se, abraçou a nobre carreira da advocacia. Nessa profissão tem trabalhado sempre, conquistando logar de destaque entre os seus collegas e tendo sob seu patrocinio causas de grande vulto. Foi um dos fundadores da Universidade do Paraná, professando a cadeira de Direito Commercial da Faculdade de Direito, na qual se mantem até hoje, com real efficiencia, sendo as suas licções assimiladas pelas gerações que se tem succedido. Eleito Secretario da Faculdade em 1918, o seu amor pela instituição tem se revelado de forma notavel, sendo um dos poucos idealistas que por aquella epoca acreditavam na victoria do ensino superior no Paraná. Era de ver o enthusiasmo e a argumentação cerrada que desenvolvia a todo o momento, ante aquelles membros do corpo docente que desanimados, começavam a fraquear na cruzada sagrada. Victoriosas as Faculdades pela conquista do reconhecimento pelo Governo Federal, foi o orador official na Sessão Solemne em que se festejou o triumpho. A sua oração, considerada notavel, é um repositorio historico da Universidade, em que se põe em destaque os lances de heroismo e de abnegação a custa dos quaes conseguio se manter a bella instituição que tanto nos honra. Em 1922, escreveu uma memoria sobre a capacidade das nossas escolas superiores para serem novamente reunidas em Universidade, pelos moldes da do Rio de Janeiro e esse

trabalho serviu de base ao projecto apresentado na Camara pela representação paranaense. Representou a Faculdade de Direito no Congresso do Ensino Superior. Ali defendeu a these do ensino Universitario. Tem exercido em varios periodos o cargo de Auditor da Justiça Militar, com muito criterio e elevação de vistas. Advogado do Municipio de Curityba, no cargo de Procurador Fiscal, tem prestado á administração operosa do illustre Dr. Moreira Garcez, a sua cooperação proveitosa. Ultimamente convidado por um grupo de industriaes para com elles cooperar na organisação do Syndicato de Madeiras do Brasil, votou-se a esse emprehendimento com dedicação e esforço, organisando os seus estatutos e dirigindo toda a parte juridica da instituição. Hoje victoriosa a organisação, já com apreciaveis fructos e fazendo-se descortinar um futuro grandioso para a industria da Madeira, o Dr. João Macedo Filho é o seu Consultor Juridico acclamado em Assembléa geral de installação. Casado com Francisca Adelaide de Macedo, filha do Coronel Joaquim Pereira de Macedo e de sua mulher Adelaide Müller de Macedo, 6-10 de 5-4.

Filhos:

8-1 Nahir.
8-2 Eurico, fallecido.
8-3 Maria da Conceição.
8-4 Ivonnette.
8-5 Edith, fallecida.
8-6 Alceu.
8-7 Aline.
8-8 Edith.
8-9 Estella.
8-10 João Ney.
8-11 Lais.

7-8 Anna de Azevedo Macedo, casada com o Dezembargador Clotario de Macedo Portugal, Chefe de Policia do Estado, 7-4 de 6-4 de pagina 331.

Ahi a biographia.

Teve:

8-1 Alice.

8-2 Adilia, fallecida.
8-3 James, fallecido.
8-4 João Cid.
8-5 Clotario.
8-6 Annita.

7-9 Dr. José de Azevedo Macedo, medico, casado com Adalgisa Portugal Macedo, filha de José Ribeiro de Macedo Junior e de sua mulher Clotelvina Portugal de Macedo.
Filhos:
8-1 Adalgisa.
8-2 Tyrso, fallecido.
8-3 Anna.
8-4 Eunice.
8-5 Tyrcilia.

7-10 Sylvia de Azevedo Macedo, fallecida em 1913, foi casada com seu primo Dr. José Pereira de Macedo, medico, filho do Coronel Joaquim Pereira de Macedo.
Sem filhos.

7-11 Raul de Azevedo Macedo, casado com Damasina Bittencourt Macedo, filha de Damaso Correia Bittencourt e de sua mulher Christina Bittencourt.
Teve:
8-1 Dirce.
8-2 Cassio.
8-3 Raul.

6-7 Coronel Agostinho Ribeiro de Macedo, nascido na villa do Porto de Cima a 28 de Agosto de 1852. Residiu em Campo Largo onde se dedicou a industria da herva matte e ao commercio, desde 1870 a 1898, anno este em que transferiu sua residencia para Curityba. Em Campo Largo foi vereador da Camara Municipal em 1880; Prefeito Municipal em 1897; supplente de juiz municipal em 1889; inspector escolar em 1895. Em 22 de Março de 1900 foi nomeado Thesoureiro do Estado. Por decreto de 4 de Junho de 1906 foi nomeado Coronel Commandante da 15.ª Brigada da Guarda Nacional da comarca de

Campo Largo. Por decreto de 15 de Março de 1922 foi aposentado no cargo de Thesoureiro do Estado. Hoje se dedica a industria extrativa da herva matte e da madeira. Casou-se a 2 de Fevereiro de 1878 com Gabriella Souza de Macedo, nascida em 13 de Junho de 1861, filha do Tenente Coronel Carlos José de Oliveira Souza e de sua mulher Rita de Azevedo Souza, já fallecidos.
Tiveram os seguintes filhos:

7-1 Manoel Ribeiro de Macedo Netto, fallecido, foi casado com Anna Pinto de Macedo, filha do Major Ignacio da Costa Pinto, de Antonina, e de sua mulher . . . .
Filhos:
8-1 Corintha, fallecida.
8-2 Ignacio.
8-3 Maria do Carmo.
8-4 Iva.
8-5 Odette.
8-6 Agostinho.

7-2 Augusta de Macedo Soares Pereira, casada com José Soares Pereira, negociante em Teixeira Soares.
Teve:
8-1 Jaél Macedo Soares Pereira, casada com João Schemin Junior, industrial em Teixeira Soares.
8-2 Aylton.
8-3 Lilia.
8-4 Domingos.
8-5 Joél.
8-6 Augusta.
8-7 Antonietta.
8-8 Rachel.

7-3 Agostinho Ribeiro de Macedo Filho, serventuario do Estado em S. João do Triumpho, casado com Ernestina Franco de Macedo, professora normalista, filha do Coronel Evaristo Martins Franco e de sua mulher Maria Josephina de Souza Franco.
Filhos:
8-1 Maria.
8-2 Antonio.
8-3 Claudio.

8-4 Evaristo.

7-4 Leonidia de Macedo, casada com seu primo Manoel de Azevedo Macedo, importante industrial em Teixeira Soares, 7-4 de 6-6 retro.
Ahi a geração.

7-5 José Ribeiro de Macedo Sobrinho, engenheiro agronomo, Thesoureiro estadoal, casado com Elzira Faria de Macedo, filha do Dr. Joaquim de Almeida Faria Sobrinho, fallecido, e de sua mulher Joaquina da Silva Faria, dos quaes trataremos adiante.
Filhos:
8-1 Maria.
8-2 Epaminondas.
8-3 Manoel.
8-4 Eny.
8-5 Fernando.

7-6 Gabriella, fallecida.

7-7 Gabriella de Macedo, solteira.

7-8 Dr. Carlos Ribeiro de Macedo, medico, residente em Teixeira Soares, casado com Emma Constantino de Macedo, filha do engenheiro Francisco Constantino, natural da Italia, e de sua mulher Evangelina Constantino.
Filhos:
8-1 Clyce.
8-2 Clyceu.
8-3 Cleon.

7-8 Francisco Ribeiro de Macedo Sobrinho.

7-9 Arnaldo Ribeiro de Macedo, casado com Zaira Ribas de Macedo, filha de José da Motta Ribas e de sua mulher Zelinda da Fonseca Ribas.

7-10 Hugo Ribeiro de Macedo.

7-11 Francisca de Macedo Gutierrez, professora normalista, casada com o Dr. Romulo Gutierrez, filho do Dr. João Carlos Gutierrez, competente engenheiro, e de sua mulher Maria Harthley Gutierrez.
Teve:
8-1 Ivo.

8-2 Olga.
8-3 João Carlos.
8-4 Zilda.

6-8 Capitão Francisco Ribeiro de Macedo, nascido a 27 de Julho de 1854, casado com Maria da Luz Andrade de Macedo, nascida a 9 de Fevereiro de 1859. Foi importante chefe politico e commerciante no interior do Estado; hoje reside nesta Capital, onde é estabelecido com acreditada casa commercial.
Filhos:

7-1 Belmira de Macedo Saboia, casada com Antonio Teixeira Saboia, negociante no Iraty, filho de Francisco Teixeira Saboia e de sua mulher Maria das Dôres Saboia.
Teve:
8-1 Evandro Saboia, casado com Dulce Bley Saboia.
Filhos:
9-1 Zoé.
9-2 Izabel.
9-3 Evandrolina.
8-2 Adelaide Saboia.
8-3 João.
8-4 Cyrenne.
8-5 Mercedes.
8-6 Francisco, fallecido.
8-7 Jair, fallecida.
8-8 Maria da Luz, fallecida.

7-2 Placido Ribeiro de Macedo, casado com sua prima Elisa de Macedo, 7-6 de 6-6 retro.
Ahi a descendencia.

7-3 Maria da Luz Macedo Natel, fallecida, foi casada com Antonio Natel.
Teve:
8-1 Francisco.
8-2 Alvaro.

7-4 Francisca de Macedo Cortes, casada com Narcizo de Siqueira Cortes, acreditado commerciante em Curityba.
Teve:

8-1 Maria da Luz.
8-2 Leonidas.
8-3 Nathalia.
8-4 Neuza.
8-5 Oswaldo.
8-6 Ivonne.
8-7 Aglacy.

7-5 Nathalia de Macedo Correia, casada com Manoel Gomes Correia.
Teve:
8-1 Nelson.
8-2 Marina.

7-6 Antonio Ribeiro de Macedo Sobrinho, solteiro.
7-7 Theodomiro, fallecido.
7-8 Francisco, fallecido.
7-9 Manoel, fallecido.

6-9 Coronel Manoel Ribeiro de Macedo Junior, casado em primeiras nupcias com Benedicta França de Macedo e em segundas nupcias com Iphigenia França de Macedo, 6-8 de pagina 264.
Teve do primeiro matrimonio:
7-1 Iphigenia Macedo Munhoz, casada com Alcides Munhoz, 7-1 de 6-8 de pagina 264 deste.
7-2 Joaquina Macedo Lopes, casada com Francisco das Chagas Lopes, 7-2 de 6-8 de pagina 267.
Teve do segundo matrimonio:
7-3 Palmyra.
7-4 Eleosina.
7-5 Antonio.
7-6 Rosa.
7-7 Manoel, fallecido.
7-8 Francisco, fallecido.

6-10 Coronel Joaquim Pereira de Macedo, nasceu na villa do Porto de Cima, a 16 de Fevereiro de 1858. Casou-se em Campo Largo, a 3 de Julho de 1881, com Adelaide Müller de Macedo, filha de José Mathias Müller e de sua mulher Adelaide de Azevedo Müller; neta pela parte paterna de Miguel Müller, natural da Allemanha, e de sua mulher Anna Maria Krones, casados em Curityba a 26 de Setembro de 1833; neta pela parte materna de Francisco Pinto de Azevedo Portugal, nascido em Atalaia-Guarapuava a 2 de Abril de 1814, e de sua mulher Maria Joaquina da Paixão, casada em Curityba a 24 de Junho de 1834, dos quaes trataremos no volume 4.º desta obra.

Tem exercido varios cargos de eleição popular e de nomeação, taes como: Superintendente do ensino obrigatorio na villa do Porto de Cima.
Major Commandante da Guarda Nacional da Palmeira.
Delegado de Policia, Vogal da Intendencia, Vice-Presidente e Presidente da Intendencia da Palmeira.
Coronel Commandante Superior da Guarda Nacional da comarca da Palmeira.
Foi Commandante da Guarda Nacional desta Capital.
Deputado ao Congresso Legislativo do Estado, tendo feito parte da Constituinte Republicana. Foi segundo Vice-Governador do Estado.
Camarista do municipio de Curityba. Prefeito Municipal da Capital, onde com descortinio e patriotismo prestou relevantes serviços ao Municipio e com os parcos rendimentos da Camara, remodelou parte do centro da Cidade, tendo reformado o calçamento da rua 15 de Novembro, principalmente nos passeios lateraes que até hoje existem nessa rua. Melhorou as finanças do Municipio, effectuando os pagamentos, não só do pessoal, como dos demais serviços, em moeda corrente.
Bom caracter, recto a toda prova, quer na vida publica, quer na particular. Industrial adiantado, espirito emprehendedor, montou em Curityba o primeiro moinho de trigo existente no Estado, ao lado do qual manteve um importante engenho de beneficiar herva matte, com modernos machinismos.
Honra e trabalho foi sempre o seu lemma. Cheio de vigor moral, jamais perdeu a fortaleza de animo nas vicissitudes da vida.
E' um espirito dos mais intemeratos e de maior valia do Paraná.
Filhos:
7-1 Dr. José Pereira de Macedo, nascido a 13 de Setembro de 1883.

Casado em primeiras nupcias com sua prima Sylvia de Azevedo Macedo e em segundas nupcias com a Dra. Maria Falce de Macedo.
Formado em medicina, elle e sua esposa, pela Faculdade de Medicina do Paraná, desde logo na pratica, conquistou um nome de clinico abalisado e respeitado. Como professor da mesma Faculdade, tem honrado a cathedra que lhe foi confiada, sendo as suas licções ouvidas com acatamento. Medico legista desde muitos annos, a sua acção, nesse cargo, tem sido de invariavel rectidão.
Juntamente com sua esposa, fundou um Laboratorio de pesquizas chimicas que tem prestado inestimaveis serviços á classe medica e ao povo em geral, pelos diagnosticos seguros que se baseiam nos resultados dos exames acurados e meticulosos.
Eleito Presidente da Sociedade Soccorro aos Necessitados, benemerita instituição fundada por Herculano Souza, a este substituiu dignamente, desenvolvendo um trabalho ingente e sem treguas a bem da pobreza desvalida.
Tanto elle, como sua esposa, aperfeiçoaram os seus estudos de pesquizas bactereologicas, no importante Instituto «Oswaldo Cruz».
Sem filhos de ambos os matrimonios.

7-2 Francisca Adelaide de Macedo, casada com o Dr. João Ribeiro de Macedo Filho, 7-7 de 6-6 retro.

7-3 Joaquim Pereira de Macedo Filho, casado com Alzira Neiva de Lima Macedo.
Filhos:
8-1 José.
8-2 Alzira.
8-3 Adelaide.
8-4 Joaquim.
8-5 Maria do Carmo.

7-4 Adelaide de Macedo.

7-5 Dr. Manoel Pereira de Macedo, bacharel em direito, casado com Hilda Cortes de Macedo, filha de Antonio de Siqueira Cortes e de sua mulher Ubaldina Rebello de Macedo.

Teve:
8-1 Nicia.

7-6 Dr. João Pereira de Macedo, engenheiro, casado com Judith Schleder de Macedo.
Filhos:
8-1 José.
8-2 Francisco.
8-3 Maria.
8-4 Paulo.

7-7 Maria Christina de Macedo Costa, casada com José Colombino da Costa, guarda-livros, filho do capitalista Manoel Cyriaco da Costa e de sua mulher Colombina Carnascialli da Costa.
Teve:
8-1 Aimée.
8-2 Edmée.

7-8 Floriano Pereira de Macedo, funccionario do Banco do Brasil.

7-9 Oswaldo Pereira de Macedo, guarda-livros.

7-10 Odette Adelaide de Macedo.

7-11 Eurico Macedo, estudante.

7-12 Alcina Adelaide de Macedo.

6-11 Maria Christina de Macedo, fallecida.

6-12 Joaquina de Macedo Xavier, viuva do Coronel Zacharias de Paula Xavier, nascido em Campo Largo a 2 de Janeiro de 1854, fallecido em S. Matheus em 1925. Dedicou-se desde moço á carreira commercial, em que foi sempre bem succedido devido a sua actividade e natural pendor para essa honrosa profissão. Foi um luctador, um espirito emprehendedor e tenaz, como deu prova com a sua fabrica de louça «Colombo», que apezar de ter encontrado serias difficuldades, não se deu por vencido, tanto que, conseguindo aperfeiçoar os seus productos, poude introduzil-o em todo o paiz, devido a sua optima qualidade; sendo esses productos galardoados em diversas exposições nacionaes. Empregou grande parte de sua fortuna no aperfeiçoamento de sua fabrica de louça, sem poupar sacrificios de especie alguma, e isso no momento em que a industria ceramica, então insipiente,

era desconhecida no Brasil, sendo a fabrica «Colombo», mais tarde «S. Zacharias», a primeira que se fundou no Paiz. A ideia da fundação dessa fabrica, devemos comtudo ao adiantado industrial Francisco Buzzato, a quem o Coronel Zacharias em bôa hora deu a mão, a elle se associando e succedendo. Foi o Coronel Zacharias possuidor de vastos latifundios em varios pontos do Estado. Foi um chefe de familia exemplar e deixou um nome acatado por todos. Foram seus paes o Major Antonio de Paula Xavier e sua mulher Leocadia Franco de Paula. Com ascendentes descriptos no 1.º volume desta Obra, a pagina 484. Tiveram os seguintes filhos:

7-1 Francisca de Macedo Xavier Müller, casada com o Major Hormino Müller, da Força Policial do Rio de Janeiro, filho de Miguel Mathias Müller e de sua mulher Adelaide de Azevedo Müller.
Teve:
8-1 Adelaide de Macedo Müller.
8-2 Miguel, fallecido.
8-3 Zacharias.
8-4 Joaquina, fallecida.
8-5 Cid.
8-6 Lauro.
8-7 Diva.
8-8 Estella.
8-9 Tude.
8-10 Azor.

7-2 Leocadia, fallecida.

7-3 Laurinda de Macedo Xavier Villanova, casada com o Dr. Francisco Gonçalez Villanova, advogado.
Teve:
8-1 Laufran.
8-2 Orion.
8-3 Xenophonte.

7-4 Orminda de Macedo Xavier Salmon, professora normalista da Capital, casada com Carlos Salmon, empregado ferroviario.
Teve:
8-1 Yone.
8-2 Joffre.

8-3 Gelta.
8-4 Lincoln.
8-5 Zacharias.

7-5 Zacharias de Paula Xavier Filho, fallecido, foi casado com Durvalina Garcez Xavier.
Deixou um filho:
8-1 Ismail.

7-6 Antonio Zacharias de Paula Xavier, commerciante, casado com Maria de Jesus Portugal Xavier.
Filhos:
8-1 Euterpe.
8-2 Leny.
8-3 Lisette.
8-4 Buridan.
8-5 Jesuan.
8-6 Sedy.

7-7 Maria da Conceição Xavier Guimarães, casada a 31 de Maio de 1926 com Romeu Guimarães, filho do fallecido commerciante Pacifico Guimarães, natural de Portugal, e de sua mulher Mincia Guimarães; foi este, laborioso commerciante em Curityba, onde deixou vasto circulo de amisades pelo seu trato ameno. Dotado de ideias adiantadas, philantropico e bom, foi a sua morte muito sentida, principalmente pela pobreza que tinha n'elle forte amparo. Fez parte por muitos annos da firma Manoel Cunha & Cia. e extincta esta, adquirio por compra a Fabrica de moer café conhecida por — «Café móca» — muitissimo acreditada pela pureza de seus productos.

7-8 Leocadia de Macedo Xavier Roth, casada com Adão Roth.
Teve:
8-1 Maria de Lourdes.
8-2 Alcione.
8-3 Rita.

7-9 Euterpe de Macedo Xavier, casada em Setembro de 1926 com Lauro Portugal Tavares, academico de medicina.

6-13 Maria Catharina de Macedo Souza, casada a 26 de

Julho de 1885 com Frederico Carlos Franco de Souza, filho do Capitão Carlos José de Oliveira e Souza e de sua mulher Rita de Azevedo e Souza; neto pela parte paterna do Capitão Manoel Joaquim de Souza e de sua mulher Carlota Angelica Franco de Souza; neto pela parte materna do Tenente Coronel Francisco Pinto de Azevedo Portugal e de sua mulher Maria Joaquina da Paixão.
Teve:

7-1 Ernestina de Macedo Souza, casada com Paulino de Siqueira Côrtes, pharmaceutico, residente em S. José dos Pinhaes, filho de Euphrasio de Siqueira Côrtes, já fallecido, e de sua mulher Maria da Luz Siqueira Côrtes.
Teve:
8-1 Maria Iphigenia.
8-2 Francisca.
8-3 Sebastião.
8-4 Maria da Piedade.
8-5 Ernestina.

7-2 Astolpho Macedo Souza, industrial de madeira em Ponta Grossa, casado com Marina Marés de Souza, filha do Corrector e Traductor publico juramentado da Capital, Gumercindo Marés, natural de Hespanha, e de sua mulher Maria da Luz Marés.
Filhos:
8-1 Fredericindo.
8-2 Lenyr.
8-3 Carlos.
8-4 Astolpho.
8-5 Dirceu.
8-6 Helly.

7-3 Frederico de Macedo Souza, commerciante residente em Curityba, casado com Jovina Franco de Souza, filha do Coronel Evaristo Martins Franco e de sua mulher Maria Josephina de Souza Franco, já fallecida.
Filhos:
8-1 Maria Angela, fallecida.
8-2 Frederico.
8-3 Lenyra.
8-4 Reynaldo.
8-5 Nice.

7-4 Manoel, fallecido.
7-5 Nercinda, fallecida.
7-6 Marietta, fallecida.
7-7 Carlos de Macedo Souza, industrial residente em Ponta Grossa, casado com Palmyra Cunha, filha de Hyppolito Cunha, já fallecido, e de sua mulher Amelia Cunha.
Sem filhos.

7-8 Manoel de Macedo Souza, commerciante residente em Curityba, casado com Rita Edith Franco de Souza, filha do Coronel Evaristo Martins Franco e de sua mulher Maria Josephina de Souza Franco, já fallecida.
Filhos:
8-1 Emmanuel, fallecido.
8-2 Maria Josephina.
8-3 Heitor.
8-4 Natalia.

7-9 Marietta de Macedo Souza e Silva, casada com Hannibal Silva, industrial residente em Curityba, filho de Antonio Manoel da Silva, natural de Portugal, e de sua mulher Gabriella Ballão da Silva.
Teve:
8-1 Thales.
8-2 Thayr.
8-3 Thamires.

5-5 Capitão Bento Marcolino Pereira, casado em Curityba a 20 de Julho de 1847, com Anna Antonia Ferreira, filha de João Chaves da Camara e de sua mulher Rita Maria Ferreira.
Apezar de varias diligencias, nada conseguimos saber a respeito de seus descendentes.

5-6 Maria Rosa de Moraes Roseira, casada em Paranaguá a 23 de Dezembro de 1820 com o Commendador Manoel Gonçalves de Moraes Roseira, proeminente politico e homem da Governança. Foi destacado cidadão e benefica influencia exerceu na sociedade. Residiu em S. José dos Pinhaes e era homem abastado. Filho do Capitão Antonio Gonçalves de Moraes e de

sua mulher Escolastica; neto pela parte paterna do Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes e de sua mulher Catharina de Senne, de 5-5 de 4-5 do Titulo Rodrigues de França, onde daremos a sua ascendencia e biographia.

O Commendador Roseira fez parte da primeira Assembléa da Provincia do Paraná. Fez parte da lista triplice para Senador do Imperio que se realisou no Paraná em 28 de Março de 1854, no qual foi escolhido Senador o Barão de Antonina.

A 2 de Dezembro de 1854 foi agraciado com a Commenda da Ordem de Christo.

Por Decreto Imperial de 3 de Fevereiro de 1855 foi nomeado Thesoureiro da Thesouraria de Curityba.

Teve a filha unica:

6-1 Anna de Moraes Roseira, que foi a primeira mulher do Tenente Coronel Firmino Gonçalves Cordeiro, cujos ascendentes e descendentes daremos no 3.º volume desta Obra.

5-7 Izabel Luiza Pereira, casada com Bento Alves Fontes.
Teve:

6-1 Maria Alves da Conceição, casada com Felinto José da Camara.
Sem descendentes.

6-2 Francisca Alves Pereira Cordeiro, foi a segunda mulher do Tenente Coronel Firmino Gonçalves Cordeiro, cuja descendencia daremos no 3.º volume desta Obra.

6-3 Anna Alves Pereira, fallecida em estado de solteira.

6-4 Joaquim Alves Pereira Fontes, fallecido, foi casado com Umbelina Fagundes.
Sem descendencia.

6-5 Francisco Alves Pereira Fontes, fallecido.

6-6 Anna Alves Pereira de Carvalho, casada com Joaquim Franco de Carvalho.
Teve:

7-1 Benedicto Alves de Carvalho, casado com Francisca de Carvalho, filha de João Carvalho e de sua mulher Gertrudes Dias de Camargo.

Teve:

7-1 Benedicto Alves de Carvalho, casado com Francisca de Carvalho, filha de João Carvalho e de sua mulher Gertrudes Dias de Camargo.
Filhos:
8-1 Maria Camargo de Carvalho, casada.
8-2 Lydia Camargo de Carvalho, solteira.
8-3 Francisca Camargo de Carvalho, casada.
8-4 Lourenço Camargo de Carvalho.
8-5 Leriosa Camargo de Carvalho, casada.
8-6 Anna Camargo de Carvalho, solteira.
8-7 Davina Camargo de Carvalho, solteira.
8-8 Silvana Camargo de Carvalho, solteira.
8-9 Lindolpho Camargo de Carvalho, solteiro.

7-2 Pedro Alves de Carvalho, casado com Aurea Gonçalves Cordeiro.
Filhos:
8-1 Brasilino.
8-2 Elvira.
8-3 Estacio.
8-4 Demetrio.
8-5 Pedro.
8-6 Maria.

7-3 Maria da Gloria Carvalho, casada com Guilherme Buher.
Teve:
8-1 Gustavo de Carvalho Buher, casado.
8-2 Dorico de Carvalho Buher, casado.
8-3 Marcilio de Carvalho Buher, casado.
8-4 Jovita de Carvalho Buher, casada.

7-4 Bento Alves de Carvalho, solteiro.
7-5 Narciso Alves de Carvalho, solteiro.
7-6 Miguel Alves de Carvalho, casado.
7-7 João Alves de Carvalho, fallecido.
7-8 Francisco Alves de Carvalho, casado.
7-9 Anna Alves de Carvalho, casada.

6-7 Leocadia Alves Pereira Nogueira, foi casada com o Coronel Marcellino José Nogueira, ambos fallecidos; foi elle importante chefe politico em S. José dos Pinhaes e abastado capitalista.

Teve:
7-1 Dr. Antonio Celso Alves Nogueira, já fallecido, foi Promotor publico de Ponta Grossa; foi casado com Leontina Martins.
Filhos:
8-1 Marcellino Nogueira Sobrinho, academico de direito.
8-2 João Baptista Martins Nogueira, academico de direito.
8-3 Antonio Celso Nogueira Junior, academico de direito.
7-2 Bento Alves Nogueira, fallecido solteiro.
7-3 Olivia Alves Nogueira, casada com Narciso Pereira Machado.
Teve:
8-1 Flavio Nogueira Machado, solteiro.
8-2 Jandyra, fallecida.
8-3 Narciso Nogueira Machado, solteiro.
8-4 Manoel Nogueira Machado, solteiro.
8-5 Cyrillo Nogueira Machado, de menor edade.
7-4 Maria Alves Nogueira, casada em primeiras nupcias com Moyses Carvalho de Oliveira e em segundas nupcias com Honorio Quintiliano da Silva.
Teve do primeiro matrimonio:
8-1 Attilio.
Teve do segundo matrimonio:
8-2 Leocadia.
8-3 Jorge.
8-4 José.
8-5 Diva.
7-5 Deusdedit Alves Nogueira, já fallecido, foi casado com Annita Fernandina Roderjan Nogueira.
Filhos:
8-1 Fernando Celso Nogueira, fallecido em criança.
6-8 Joaquina Alves Pereira dos Santos, casada com Antonio Paulino dos Santos.
Teve:
7-1 Maria Joanna Alves de Souza, casada com Emygdio Ferreira de Souza.

Teve:
8-1 Maria.
8-2 Davina.
7-2 Idalina Alves Ferreira, casada com Lourenço Alves Ferreira.
Teve:
8-1 Francisca.
8-2 Joaquim.
7-3 Francisco Antonio Alves, casado.
7-4 Gregorio Alves Pereira dos Santos, casado.
7-5 Maria Joaquina Alves.
7-6 Maria da Luz Alves, casada com Francisco Alves de Carvalho, filho de Joaquim de Carvalho e de sua mulher Anna Alves de Carvalho.
7-7 Joaquim Antonio Alves dos Santos, casado.
6-9 Escolastica Alves Pereira, já fallecida, foi casada com Manoel dos Santos Camargo, tambem fallecido.
Teve:
7-1 Francisco.
7-2 Maria das Dôres, fallecida.
7-3 Maria, fallecida.
2-2 Pedro Ribeiro de Andrade, filho do § 1.º, d'este Capitulo.
Nascido a 25 de Fevereiro de 1739, fallecido a 30 de Julho de 1779. Casado a 13 de Fevereiro de 1764 com Luiza Vaz Torres, fallecida em 1803, filha de Manoel Vaz Torres, natural de S. João Baptista de Romanoes, termo da villa de Melgaço, Comarca de Valença do Minho, arcebispado de Braga, e de sua mulher Josepha Alvares de Araujo, natural de Curityba; neta pela parte paterna de Duarte Vaz Torres e de sua mulher Luiza Esteves; e pela parte materna de Gabriel Alvares de Araujo e de sua mulher Catharina Martins de Souto.

Filhos:

3-1 Maria Vaz de Andrade, nascida em 1774 e fallecida em Abril de 1813. Foi casada com João Pereira, natural da Ilha de S. Miguel, filho de Manoel Pereira e de sua mulher Antonia do Espirito Santo.
Filhos:
4-1 Anna Vaz.
4-2 Maria do Pilar, casada em Curityba a 16 de Janeiro de 1809 com Bento José Nabo, filho de Miguel Quirino de Carvalho e de sua mulher Maria Francisca de Lima, 3-7 de 2-2 de 1-6 do § 6.º, Titulo Carrasco dos Reis, d'esta Obra.
4-3 Francisca Vaz.
4 4 Joaquim Vaz.
4-5 Gertrudes Vaz.
4-6 Maria Vaz, casada com Bento Quirino de Carvalho.
4-7 Manoel Pereira de Andrade, casado em Curityba a 21 de Julho de 1807 com Escolastica Maria de Lima, filha de Miguel Quirino de Carvalho e de sua mulher Maria Francisca de Lima; por esta, neta de Miguel Gonçalves de Lima, casado em Curityba a 26 de Setembro de 1740, e de sua mulher Maria Paes dos Santos, fallecida com testamento em 1791, no qual declarou ser natural de Curityba, filha de Sebastião dos Santos Pereira, natural de Viseu, e de sua mulher Joanna Garcia das Neves, natural de Curityba, § 6.º, Capitulo 5.º, do Titulo Carrasco dos Reis.
Filhos:
5-1 João Pereira de Andrade, casado a 29 de Abril de 1828 com Antonia da Trindade Bueno, filha de Francisco de Paula Xavier Bueno e de sua mulher Victoriana Maria de Lima.
5-2 Luiza Dina de Andrade, casada a 31 de Julho de 1838 com José de Freitas Saldanha Netto, filho de Antonio José de Freitas Saldanha e de sua mulher Anna Maria de Jesus; neto pela parte paterna de José de Freitas Saldanha, natural da Villa do Conde, termo da Barca, arcebispado de Braga, e de sua mulher Anna Joaquina Ferreira, fallecida em Curityba a 20 de Dezembro de 1790; neto pela parte materna de Caetano da Silva Pimentel e de sua mulher Francisca Joaquina de Jesus; pelo Capitão José de Freitas Saldanha é bisneto de Domingos de Freitas Saldanha, natural de S. Simão de Novaes, termo de Barcellos, e de sua mulher Custodia de Souza Alvim, natural de Aguas Santas-Porto; por Domingos de Freitas Saldanha é terceiro neto de Antonio de Freitas Saldanha e de sua mulher Maria Alvares, de S. Simão; por Custodia de Souza Alvim é terceiro neto de Pedro Alvim e de sua mulher Maria Ferreira, de Aguas Santas.
Teve:

6-1 Zeferina Luiza Saldanha, casada em Curityba a 21 de Abril de 1857 com seu tio João José de Freitas Saldanha.
Teve:
7-1 Dr. José de Freitas Saldanha Sobrinho.
Doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Nascido em Curityba. Exerceu sua clinica em S. Paulo, Campinas, Jahú e Santos, durante muitos annos.
Em Maio de 1921 regressou á sua cidade natal onde abriu consultorio.
E' lente da cadeira de Clinica Medica da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná; tendo regido tambem a de Arte de Formular e de Pharmacologia.
Literato primoroso, collaborou na imprensa Curitybana e na Paulistana, não só sobre assumptos literarios como tambem sobre assumptos scientificos.
O Dr. Saldanha Sobrinho é casado com sua prima Emilia Saldanha, filha do Coronel José de Freitas Saldanha e de sua mulher Maria Rosa Bandeira; por esta, neta do Capitão Antonio Leme do Prado e de sua mulher Gertrudes Rosa Bandeira. Emilia Saldanha era viuva do Major Silverio Furtado, natural de Pernambuco, de cujo matrimonio não teve filhos.

7-2 Luiza Candida Pereira da Cunha, distincta educadora; em 1884 requereu á Assembléa Provincial do Paraná, permissão para matricular-se no curso normal, até então só permittido a pessoas do sexo masculino. Cabe-lhe a primasia desse tentamen, com o qual abriu as portas da Escola Normal á mulher paranaense. Casada com Manoel Pereira da Cunha, natural de Pernambuco. Sem descendentes.

7-3 Maria Clara Saldanha, solteira.

7-4 Eugenia Saldanha de Miranda, casada com Francisco Corrêa de Miranda, pharmaceutico em Santos e fazendeiro de café.
Teve:
8-1 Gracita Saldanha de Miranda.
8-2 Paulo Saldanha de Miranda.

6-2 Escolastica de Lima Saldanha, fallecida em Santos em estado de solteira.

6-3 Luiz de Freitas Saldanha, nascido em 1856 em Curityba, foi guarda-livros de nomeada. Casado com Emilia Nunes Corrêa de Menezes (Nenê), filha de Emilio Nunes Corrêa de Menezes e de sua mulher Maria Emilia de Menezes.
Teve:
7-1 Mercedes, fallecida solteira.
7-2 Noemia, fallecida solteira.

6-4 Anna de Jesus Saldanha, casada com o Dr. Ernesto Dias Larangeira, natural da Bahia, sendo por muitos annos Juiz de Direito em Guarapuava, e Dezembargador da Relação da Bahia, no tempo do Imperio. Ambos fallecidos na Bahia.
Teve:
7-1 Ernesto Dias Larangeira Junior, nascido em Guarapuava e residente na Bahia.

6-5 Major Antonio de Freitas Saldanha, baptisado em Curityba a 22 de Agosto de 1839, major do 47.º corpo de Voluntarios da Patria, fallecido no hospital de sangue de Lomas Valentinas, no Paraguay, a 25 de Dezembro de 1868, em consequencia de um ferimento que recebeu no combate de 21 de Dezembro desse anno.

6-6 João de Freitas Saldanha, baptisado com 9 dias de edade, a 25 de Fevereiro de 1854. Falleceu com 15 annos a 24 de Dezembro de 1868.

6-7 Coronel José de Freitas Saldanha, nascido em Curityba a 3 de Novembro de 1841, passando em 1864 a residir em Guarapuava, onde viveu por espaço de 34 annos. Falleceu em Curityba em Agosto de 1898. Em Guarapuava tornou-se abastado negociante, fazendeiro de criação e proprietario; ali se casou com Maria Rosa Bandeira Saldanha, filha de Antonio Leme do Prado e de sua mulher Gertrudes Rosa Bandeira.
Na politica gozou de posição de destaque no partido liberal a que pertenceu, exercendo os lugares de Deputado provincial, Vereador, Juiz de paz, Presidente da Camara. Foi Coronel Commandante Superior da Guarda Nacional de Guarapuava. Foi vulto de prestigio social e politico.
Teve:
7-1 Alzira Saldanha Branco, casada com o Coronel Eugenio Lopes Branco.
Teve:
8-1 Maria das Dôres Branco Ribeiro, casada em primeiras nupcias com o Dr. João Capistrano de Souza Ribeiro, que foi Juiz de Direito em Guarapuava, e em segundas nupcias com seu cunhado Arlindo Ribeiro.
Teve do primeiro matrimonio:
9-1 Irene.
9-2 Aristeo.
9-3 Inah Branco Ribeiro Loures, casada com Antonio Saldanha Loures.
Teve:
10-1 Neuza.
10-2 Nilza, fallecida.
10-3 João Francisco.
Teve do segundo matrimonio:
9-4 Maria Eugenia.
9-5 Erminia.
9-6 Alzira.
9-7 Anna.

9-8 Diogo.
9-9 Maria José.
9-10 Luiz.
9-11 Maria da Apparecida.
9-12 José Maria.

8-2 Erminia Branco Ribeiro, fallecida, foi casada com Arlindo Ribeiro.
Teve:
9-1 Eurico Branco Ribeiro, academico de medicina da Faculdade de S. Paulo, sendo jornalista e escriptor de talento.

7-2 Julieta Saldanha Branco, fallecida, foi casada com Joaquim Lopes Branco.
Teve:
8-1 Olivia Branco Pinheiro, casada com Justiniano Pinheiro; residentes em Ponta Grossa.
Teve:
9-1 Sybélle.
9-2 Delambre.

7-3 Luiza Saldanha Bandeira, casada com Candido Ayres Bandeira, fazendeiro em Guarapuava; já fallecidos.
Teve:
8-1 Diva Bandeira Martins, fallecida, foi casada com Horacio Martins.
8-2 Aurora Bandeira, casada com seu cunhado Horacio Martins.
Teve:
9-1 Maria Candida.
9-2 Ernani.
9-3 Maria Luiza.
9-4 Ivone.
8-3 Lelio, solteiro.
8-4 Olivia Bandeira, casada com Emerico Singer.
Teve:
9-1 Americo.
9-2 Henrique.
9-3 Luiza.
8-5 Raul Bandeira, casado com Maria Cordeiro.
Sem descendencia.
8-6 José, solteiro.

8-7 Ocalina, fallecida.
8-8 Maria Rosa.
8-9 Erminia.
8-10 Djanira.

7-4 Maria da Conceição Saldanha, casada com Ponciano de Abreu Araujo.
Teve:
8-1 Ubaldina Saldanha Araujo Maingue, casada com . . . Maingue.
Teve:
9-1 Diomar.
9-2 Maria Ruth.
9-3 Edy.
9-4 Édola.
9-5 Dalma.
8-2 Trajano Saldanha Araujo, casado com Orvalina Araujo.
Teve:
9-1 Maria.
9-2 Ponciano, fallecido.
8-3 Diva Saldanha Araujo Siqueira, casada com Romão Siqueira.
Sem geração.
8-4 Lavinia Saldanha Araujo Gomes, casada com Olegario Gomes.
Teve:
9-1 Nelly.
9-2 Darcy.
8-5 Odilla.
8-6 José, fallecido.
8-7 José.
8-8 Sybelle.

7-5 Mercedes Saldanha Loures, casada com Francisco Loures de Almeida França.
Teve:
8-1 Gertrudes, fallecida.
8-2 Maria, fallecida.
8-3 Eugenia, fallecida.
8-4 José.
8-5 Alzira Loures França, casada com José Alves Loures.

Teve:
9-1 Maria.

8-6 Antonio Saldanha Loures, casado com Inah Branco Ribeiro, 9-3 de 8-1 de pagina 357.
Ahi a descendencia.

8-7 Erminia Loures Lustoza, casada com Pedro Lustoza Netto.
Teve:
9-1 Marietta.
9-2 Mercedes.
9-3 Pedro.

8-8 Noemia de França Araujo, casada com Antenor de Araujo.
Teve:
9-1 Tany.
9-2 Mercedes.

7-6 Henriquetta Saldanha, casada em primeiras nupcias com o capitão do Exercito Antonio Catão Mazza e em segundas nupcias com o capitão do Exercito Cezar Augusto de Souza Franco. Ambos já fallecidos.
Do primeiro matrimonio, teve:

8-1 Capitão Octavio Saldanha Mazza, casado com Dinorah de Macedo Mazza, filha do industrial Manoel de Macedo e de sua mulher Olga Fonseca de Macedo.
Teve:
9-1 Olga.
9-2 Marina.
9-3 Omar.

8-2 1.º Tenente Adriano Saldanha Mazza, casado com Djahir Lobo Mazza, filha do Coronel Sebastião de Sant'Anna Lobo e de sua mulher Maria José Fonseca Lobo.
Teve:
9-1 Arnoldo.
9-2 Aroldo.
9-3 Ivan.

Do segundo matrimonio, teve:

8-3 Janina Saldanha Franco, distincta pianista, fallecida em plena mocidade em 1917.

8-4 Eulina Saldanha Franco, solteira.

8-5 Irene Franco Chaves, casada com o Dr. Gastão Chaves, engenheiro electricista, filho do Coronel Eduardo Augusto de Vasconcellos Chaves e de sua mulher Maria Eulalia Chaves.
Teve:
9-1 Maria Helena.
9-2 Roberto Eduardo.

8-6 Jalfe Saldanha Franco, 2.º Tenente do Exercito.

8-7 Nilo Saldanha Franco, estudante da Universidade do Paraná.

8-8 Heitor Saldanha Franco.

7-7 Nercinda Saldanha, casada em primeiras nupcias com o Major do Exercito Lelio Martins Rangel e em segundas nupcias com José Corrêa Junior, collector estadoal em Guarapuava. Sem descendentes do primeiro matrimonio.
Teve de seu segundo matrimonio:

8-1 Alina Corrêa Mendes, casada com Juvenal Mendes.
Teve:
9-1 Nercinda.
9-2 Mathias.
9-3 José, fallecido.
9-4 Anna, fallecida.

8-2 Itacilina Corrêa, solteira.

7-8 José de Freitas Saldanha Junior, fallecido solteiro.

7-9 Gertrudes Saldanha de Araujo, casada com José Gabriel de Araujo, fallecido.
Teve:

8-1 Maria, fallecida.

8-2 Olivia Saldanha de Araujo Passarelli, casada com Leopoldo Passarelli.

8-3 Ovidio Saldanha de Araujo, casado com Nahir Branco.
Sem descendentes.

8-4 Ondina de Araujo Lisbôa, casada com Annibal Lisbôa, filho do abastado commerciante Fernando Marques Lisbôa e de sua mulher Adelia Arantes Lisbôa, já fallecida.

8-5 Olinda de Araujo Teixeira, casada com Alcindo Teixeira.

8-6 Octavio Saldanha de Araujo.
8-7 Oswaldo Saldanha de Araujo.
8-8 Olegario Saldanha de Araujo.
8-9 Maria Rosa Saldanha de Araujo.
8-10 José Saldanha de Araujo.
8-11 Erminia Saldanha de Araujo.
8-12 Aline Saldanha de Araujo.
8-13 Candido Saldanha de Araujo.
8-14 Ubaldina Saldanha de Araujo.
8-15 Osmindo Saldanha de Araujo.
8-16 Maria de Lourdes Saldanha de Araujo.

7-10 Odilla Saldanha de Faria, casada com o Dr. Alcebiades de Almeida Faria, nascido na Lapa, a 8 de Janeiro de 1868.
Filho do Coronel Constantino de Almeida Faria e de sua mulher Geslina de Almeida Faria.
Bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade do Recife, onde collou gráu em 1894. Foi Promotor Publico das comarcas da Palmeira, Castro, Palmas e Lapa.
Em 1902, foi nomeado Juiz de Direito da comarca de Guarapuava, onde serviu durante 13 annos, sendo transferido respectivamente para as comarcas de Serro Azul, Antonina e Ponta Grossa, d'onde em 1920 foi removido para a segunda vara criminal e de casamentos da comarca de Curityba, em cujo cargo serviu até 1926 com irreprehensivel conducta de verdadeiro Juiz integerrimo, probo e incorruptivel. Por muitas vezes foi convocado para funccionar no Superior Tribunal do Estado, até que por fim foi por Decreto do Presidente do Estado, nomeado em 1926, Desembargador do Superior Tribunal de Justiça do Estado, e logo em seguida foi nomeado Corregedor Geral do Estado.
Filhos:
8-1 Alceu Saldanha de Faria, academico de direito.
8-2 Ney Saldanha de Faria.
8-3 José Saldanha de Faria.
8-4 Maria de Lourdes Saldanha de Faria.
8-5 Aristeo Saldanha de Faria.

8-6 Luiz Saldanha de Faria.
8-7 Maria Rosa Saldanha de Faria.
8-8 Ivo Saldanha de Faria.
8-9 Maria Constantina Saldanha de Faria.
8-10 Joaquim Saldanha de Faria.

7-11 Emilia Saldanha, casada em primeiras nupcias com o Major do Exercito Silverio Furtado e em segundas nupcias com seu primo o Dr. José de Freitas Saldanha Sobrinho, 7-1 de 6-1 de pagina 355.
Sem filhos do primeiro matrimonio.
Do segundo matrimonio teve um nati-morto.

7-12 Antonio de Freitas Saldanha, nascido a 19 de Junho de 1886, em Guarapuava; casado com Carlinda Camargo Saldanha.
Teve:
8-1 José.
8-2 Henriquetta.
8-3 Luiz.
8-4 Maria Rosa.
8-5 Antonio.
8-6 Nilo Cairo.

5-3 Manoella Pereira da Cruz, filha de Manoel Pereira de Andrade, 4-7 de 3-1 retro, fallecida com testamento, em Curityba, a 23 de Janeiro de 1893, no qual declarou que era casada com Generoso Leme do Prado e que não teve filhos.
Libertou os seus escravos á quem doou as suas propriedades. (C. O. de Curityba.)

5-4 Maria Rita Pereira, casada a 30 de Junho de 1840, com Manoel Pires da Cruz, filho de Miguel Ferreira da Cruz e de sua mulher Florentina Maria do Espirito Santo.
Filhos:
6-1 . . .

5-5 Capitão José de Andrade Pereira, casado a 11 de Agosto de 1840 com Rosa Maria de Andrade, fallecida a 14 de Março de 1861, filha de João Baptista de Andrade e de sua mulher Maria de Deus Ferreira. Residiam em Campo Magro, com propriedades em Curityba.

Filhos: (C. O. de Curityba.) Não nos foi possivel conseguir dados completos relativamente a este ramo.

6-1 João Baptista de Andrade Pereira, nascido em 1845.

6-2 Manoel Pereira de Andrade, casado em Campo Largo a 20 de Março de 1863, com Maria Ferreira da Luz, filha de Antonio José da Luz e de sua mulher Felicidade Maria do Placido.

6-3 Miguel de Jesus Pereira de Andrade, casado em Curityba a 19 de Novembro de 1870, com Adelaide Porcina Falcão, filha legitima de Lino Teixeira Falcão e de sua mulher Emilia Rosa da Trindade. (C. O. de Curityba.)

6-4 Antonio Pereira de Andrade, baptisado em Curityba com 8 dias, a 4 de Fevereiro de 1854.

6-5 Francisco Pereira de Andrade, baptisado em Curityba a 7 de Dezembro de 1855.

6-6 Francisca Pereira de Andrade, casada com Gabriel Ferreira da Motta.

6-7 Maria de Deus Pereira de Andrade, com 21 annos em 1879.

5-6 Joaquim Pereira de Andrade, casado em Curityba a 9 de Maio de 1843 com Escolastica Maria, filha de Joaquim Pereira de Jesus e de sua mulher Maria de Deus.
Teve:

6-1 João Pereira de Andrade, casado em primeiras nupcias em Curityba, a 30 de Dezembro de 1874 com Angelica Lara Bastos, filha de Firmiano José de Bastos e de sua mulher Francisca Lourença de Lara. Casado em segundas nupcias em 15 de Julho de 1875 com Rita Vieira de Bastos, filha de João Antonio Vieira e de sua mulher Maria Pereira de Bastos.

3-2 Francisco Borges de Andrade, filho de 2-2. Nasceu em 1776, falleceu em 17 de Agosto de 1802, com testamento. Casado a 4 de Outubro de 1793, com Maria do Rosario, filha do Tenente Braz Alvares Natél, casado em Curityba a 22 de Setembro de 1767 com Margarida Leme de Sant'-Anna, elle natural da Ilha Grande e esta de Curityba. Neto pela parte paterna de João Lucas Araujo e de sua mulher Margarida Pires; neto pela parte materna de Pedro Dias Cortes e de sua mulher . . .

Teve o filho unico:

4-1 Francisco do Rosario de Andrade, nascido em 1802.
Ignoramos se foi casado. Só encontramos o nome dos seguintes netos:
1 — Francisco Ignacio de Andrade.
2 — José Jacintho do Prado.
3 — Francisco Felix do Prado.
4 — Manoel Denis Leme.
5 — Benedicto Leme do Prado.
6 — João Leme do Prado.
7 — Izabel Maria, casada com Francisco de Paula Freitas.
8 — Maria do Bom Jesus, casada com Custodio José Natél.
(Todos irmãos, segundo se verifica de uma justificação que produziram em Juizo.)

2-3 Antonio José de Andrade, filho do § 1.º.
Nasceu a 24 de Setembro de 1741. Foi Juiz Ordinario de Curityba em 1786.
Falleceu com 60 annos, a 10 de Dezembro de 1805, sendo casado com Anna Gertrudes do Espirito Santo, filha de João Baptista Diniz e de sua mulher Luiza de Araujo. Neta pela parte paterna de Francisco Diniz Pinheiro e de sua mulher Clara Pereira; neta pela parte materna de Francisco de Araujo Monteiro e de sua mulher Izabel Mendes Barbudo.
Filhos:

3-1 Francisca de Paula Andrade, casada a 20 de Janeiro de 1801 com Manoel Caetano Prestes, fi-

lho de José Caetano Prestes e de sua mulher Maria Custodia de Barros. (C. O. de Curityba.)

3-2 João de Andrade, nasceu em 1794 e falleceu a 26 de Maio de 1806.

3-3 Maria Angelica da Trindade, casada a 20 de Agosto de 1863 com Lourenço de Oliveira, filho de João de Oliveira e de sua mulher Appollonia do Valle. (C. E. de Curityba.)

3-4 José Manoel de Andrade, casado a 31 de Janeiro de 1809 com Anna Maria de Jesus, filha de Bento Diniz e de sua mulher Anna Maria de Jesus. (C. E. de Curityba.)

Teve:

4-1 Jesuina Maria de Jesus Andrade, casada em 28 de Fevereiro de 1832 com seu tio Antonio Ricardo de Andrade, 3-5 abaixo. (C. E. de Curityba.)

3-5 Antonio Ricardo de Andrade, casado a 28 de Fevereiro de 1832 com sua sobrinha, 4-1 de 3-4, Jesuina Maria de Jesus Andrade, filha de José Manoel de Andrade e de sua mulher Anna Maria. (C. O. de Curityba.)

Elle fallecido no Campo Cumprido a 26 de Março de 1881. (C. O. de Curityba.)

Filhos:

4-1 Manoel Ricardo de Andrade, casado com . . . .

4-2 Maria Benedicta de Andrade, casada com Serafim Francisco Soares.

4-3 Francisca de Borja de Andrade, casada com Luiz Antonio de Moura.

4-4 João Marciano de Andrade, casado com . . . .

4-5 Rita de Andrade, casada com Francisco Teixeira da Cruz.

4-6 Anna Antonia de Andrade, fallecida, foi casada com João Francisco Loures.

Filhos:

5-1 Maria de Andrade, solteira, com 15 annos em 1884.

5-2 Pedro de Andrade, com 10 annos.

5-3 José de Andrade, com 7 annos.

5-4 Belisario de Andrade, com 4 annos.

5-5 Francisco, com 3 annos.

3-6 Manoel de Andrade, miliciano, em 1811 se achava em serviço militar no Continente do Sul.

2-4 Lourenço Ribeiro de Andrade, do § 1.º, nascido em 1744 em Curityba, casado com Genoveva do Rosario Santos, fallecida em Curityba a 7 de Fevereiro de 1804, com 40 annos, mais ou menos. Filhos:

3-1 Maria Ribeiro da Luz, casada em Curityba a 31 de Maio de 1803 com Manoel Polycarpo Alvares, filho de Jeronymo Alvares Pereira e de sua mulher Maria de Jesus Costa. (C. E. de Curityba.)

§ 2.º

1-2 Maria Rodrigues de Andrade, filha de Lourenço de Andrade e de sua mulher Izabel Rodrigues Seixas — Capitulo 2.º. Nascida a 15 de Agosto de 1706 e fallecida em 1730. Era natural de Curityba, casada com o Capitão Miguel Rodrigues Ribas, natural de Villa Franca de Vianna, arcebispado de Braga, onde nasceu em 1694 e falleceu em Curityba, a 15 de Novembro de 1774, onde exerceu os cargos da Governança entre os quaes o de Juiz de Orphãos.

Teve alem dos filhos fallecidos em criança, os seguintes:

2-1 Izabel Ribeiro Ribas, nascida a 24 de Fevereiro de 1721, fallecida com testamento a 21 de Agosto de 1793 em estado de solteira.

2-2 Capitão Miguel Ribeiro Ribas, nascido a 25 de Maio de 1722 e fallecido a 26 de Setembro de 1795. Foi da Governança de Curityba. Casado com Clara Maria Domingues de Moraes, natural de Curityba, filha do Capitão Amaro de Borba Pontes e de sua segunda mulher Izabel Cardoso de Moraes, natural de Guarulhos.

Teve os seguintes filhos:

3-1 Victor Marianno Ribeiro Ribas, nascido a 3

de Fevereiro de 1747, casado com Marianna Ferreira Prestes. Teve (por informações de seu descendente Coronel Rodolpho de Macedo Ribas) um filho unico:

4-1 Sargento-mór Benedicto Marianna Ribas, fallecido antes de Maio de 1844, casado com Maria da Luz Ferreira do Sacramento Ribas.
Filhos:

5-1 Capitão Benedicto Marianno Ribas, casado com Maria do Rosario Carneiro.
Filhos:

6-1 Major Dulcio Marianno Ribas, casado com sua prima Francisca de Macedo Ribas, filha do Commendador Francisco de Assis Ribas e de sua mulher Maria Balduina de Macedo Taques, 6-10 de 5-3 adiante.
Ahi os descendentes.

6-2 Dr. José de Souza Ribas, natural de Ponta Grossa, onde teve escriptorio de advocacia e onde falleceu em Fevereiro de 1879. Foi Juiz Municipal em Castro, Juiz de Direito em Cintra, no Pará, e Chefe de Policia no Paraná.
Foi casado em primeiras nupcias com Guilhermina de Macedo Ribas, filha do Commendador Tenente Coronel Francisco de Assis Ribas e de sua primeira mulher Maria Balduina de Macedo Taques.
Casado em segundas nupcias com sua prima Maria Magdalena de Macedo Ribas, filha do Capitão Tiburcio Borges de Macedo e de sua mulher Anna Carneiro Ribas, 7-2 de 6-4 adiante.
Filhos do primeiro matrimonio:

7-1 Theophilo, fallecido.

7-2 Benedicto de Souza Ribas, casado em primeiras nupcias com Francisca Guimarães Ribas e em segundas nupcias com . . . .
Teve do primeiro matrimonio:

8-1 José, fallecido.

8-2 Rodolpho, fallecido.
8-3 Dulcio, fallecido.
8-4 Joaquim, fallecido.
8-5 Guilhermina, fallecida.
8-6 Maria da Luz, fallecida.

8-7 Braulio Guimarães Ribas, casado com Hilda Penteado Ribas.
Teve:

9-1 Francisca.

8-8 Rosalina Ribas de Bittencourt, casada com Pedro de Sá Bittencourt.
Teve:

9-1 Nahir.
9-2 Leony.

8-9 Mario de Souza Ribas.
Do segundo matrimonio teve:
8-10 Hamilton.
8-11 José.
8-12 Ivonne.
8-13 Rubens, fallecido.
8-14 Ivonnette, fallecida.

7-3 Paulo, fallecido.

7-4 Guilhermina Ribas Bueno (Sarica), fallecida, casada com Christiano Bueno.
Com descendentes.

O Dr. José de Souza Ribas, do seu segundo matrimonio teve o filho unico:

7-5 José de Macedo Ribas, fallecido impubere.

6-3 Rufina Ribas Carneiro, casada com Joaquim Cesario Carneiro, eram proprietarios da Fazenda sobre o Rio Tibagy que antes pertenceu ao Capitão Jeremias Carneiro.
Teve 3 filhas já fallecidas:

7-1 Maria Benedicta Carneiro Ribas, casada com o Major Fernando Ribas França, 6-8 adiante.
Teve os seguintes filhos:

8-1 Emilia Ribas, casada com o Coronel Salathiel de Paula, que foi prestigioso politico em Ponta Grossa.

8-2 Maria da Conceição Ribas, casada com José Ferreira Penteado.

8-3 Zoraide Ribas, casada com Antonio Alves Natel.
8-4 Maria da Luz Ribas, casada com José Bento Veiga.
8-5 Edgard Ribas, casado com Annita Lapida Ribeiro.
8-6 Geny Ribas, solteira.
8-7 Normelia Ribas, solteira.
8-8 Epaminondas Ribas, solteiro.
8-9 Rufina.
8-10 Fernando.
8-11 Genaro.
8-12 Flavio.
8-13 Maria.

7-2 Guilhermina Ribas, casada com Ovidio Ribas, fallecido.
Teve:
8-1 João Carneiro Ribas, casado.
8-2 Alcina Ribas, casada.
8-3 Olivia Ribas, casada.
8-4 Joaquim Carneiro Ribas, casado.
8-5 Danthon Ribas, solteiro.

7-3 Ocarlina Ribas, casada com Reinaldo Silveira Loureiro.
Teve:
8-1 Reinaldo Ribas Silveira, solteiro.
8-2 Sezefredo Ribas Silveira, solteiro.

6-4 Anna Rufina Ribas de Macedo, nascida em Ponta Grossa a 29 de Julho de 1842 e fallecida a 13 de Maio de 1870, casada com o Capitão Tiburcio Borges de Macedo, nascido a 3 de Março de 1829 e fallecido a 17 de Maio de 1877, filho do Ajudante José Borges de Macedo, fallecido em 1844, natural de Castro, e de sua mulher Maria Rosa Floriano de Lima; por esta, neto do Capitão Nicolau Pinto Rebello e de sua mulher Lourença Floriano de Lima.
Teve:

7-1 José Borges de Macedo Ribas, nascido a 10 de Fevereiro de 1863, casado em primeiras nupcias com Maria Miró Alves; casado em segundas nupcias com sua cunhada Maria Julia Miró Alves.

Filhos do primeiro matrimonio:

8-1 Anna Borges de Macedo, nascida a 16 de Julho de 1889, casada com Alfredo Guimarães Villela. Com ascendentes no 4.º volume desta Genealogia, onde daremos seus traços biographicos.
Teve:
9-1 Sylvio Guimarães Villela, primeiro annista da Academia de Medicina do Paraná, fallecido solteiro em 18 de Dezembro de 1926, em Curityba, sendo seu corpo transportado para Ponta Grossa, onde residem seus paes.
9-2 Alfredo Villela Filho.

8-2 José Borges de Macedo Filho, nascido em 13 de Setembro de 1890, casado com Carmen de Carvalho Borges, filha do Coronel João Carvalho de Oliveira Junior e de sua mulher Maria Rufina de Macedo Oliveira.
Filhos:
9-1 Carmen Maria, nascida em 25 de Março de 1916 e fallecida a 12 de Agosto de 1923.
9-2 Maria José, nascida a 8 de Fevereiro de 1919.

8-3 Oscar Borges de Macedo, nascido a 6 de Março de 1893. Bacharel formado na Academia de Direito de Curityba, é casado com Nadyr Junqueira.

Teve do segundo matrimonio:
8-4 Leopoldo, nascido a 10 de Julho de 1902, solteiro.
8-5 Euclides, solteiro.
8-6 Stella, nascida em 29 de Maio de 1908, solteira.
8-7 Cenira, nascida a 12 de Junho de 1906, solteira.
8-8 Oswaldo, nascido em 1911 e fallecido em 1912.

7-2 Maria Magdalena de Macedo Ribas, nascida em 19 de Dezembro de 1861, casada em primeiras nupcias com o Dr. José de Souza Ribas, faliecido em 3 de Março de 1879; e em segundas nupcias com o Major Manoel Claudino de Andrade e Silva, nascido em 11 de Julho de 1848 e fallecido a 21 de Novembro de 1921.
Teve do primeiro matrimonio:

8-1 José de Macedo Ribas, nascido a 21 de Agosto de 1878 e fallecido a 6 de Janeiro de 1879.

Teve do segundo matrimonio:

8-2 Maria da Luz, fallecida em menina.

8-3 Iphigenia de Andrade, nascida a 13 de Setembro de 1884, casada em primeiras nupcias com Sebastião Gonçalves Pereira e em segundas nupcias com Domingos del'Claro.

Teve do primeiro matrimonio:

9-1 Juracy, nascida a 13 de Outubro de 1902, casada com Atilio Palermo.

Tem uma filha.

9-2 Izaura, nascida a 14 de Setembro de 1906, solteira.

9-3 Leony, nascida a 16 de Setembro de 1911, solteira.

Teve do segundo matrimonio:

9-4 Lourival, nascido a 11 de Janeiro de 1915, solteira.

9-5 Nedia, nascida a 25 de Março de 1916.

8-4 Sarah de Andrade, nascida a 22 de Outubro de 1886, casada com Alfredo Schmalz.

Teve:

9-1 Walter, solteiro.

8-5 Rosa de Andrade, nascida em 14 de Outubro de 1888, casada com Tertuliano Custodio Rosas.

Teve:

9-1 Levy, nascido a 16 de Outubro de 1918, solteiro.

8-6 Annita de Macedo, nascida a 30 de Dezembro de 1890, casada com João Theophilo Gomy Junior, professor normalista, Bacharel em Direito pela Universidade do Paraná, filho de João Theophilo Gomy, antigo empregado ferroviario.

Teve:

9-1 Clotilde, nascida em 22 de Maio, solteira.

9-2 Yone, nascida em 23 de Outubro de 1915, solteira.

8-7 Eloyna, nascida a 19 de Outubro de 1892, solteira.

8-8 Izaias, nascido em 24 de Janeiro de 1894, casado com Olinda Chaurais, que falleceu a 6 de Março de 1920.

Teve:

9-1 Olinda, nascida em 3 de Janeiro de 1920.

8-9 Tiburcio, nascido em 26 de Setembro de 1895, casado com . . . .

Teve:

9-1

8-10 João Damasceno, fallecido em criança, nascido em 5 de Maio de 1897.

8-11 Orlando, nascido a 9 de Agosto de 1898, solteiro.

8-12 Raul, nascido em 21 de Maio de 1901, casado com Helena de Andrade.

Teve:

9-1 Manoel de Jesus, nascido em 27 de Novembro de 1926.

8-13 Oscar, nascido a 1.º de Setembro de 1902, solteiro.

7-3 Maria Rufina Borges de Macedo, fallecida, nascida a 14 de Outubro de 1889 e fallecida a 1.º de Novembro de 1916, casada com o Major João Carvalho de Oliveira Junior, filho de João Carvalho de Oliveira, natural de Portugal, e de sua primeira mulher Francisca Bittencourt e Oliveira; neto pela parte paterna de José Carvalho de Oliveira, natural de Landim, Villa Nova de Familicão do Minho, e de sua mulher Maria Rita de Oliveira; neto pela parte materna de João José Correia de Bittencourt, fallecido a 14 de Fevereiro de 1885, casado com Maria da Conceição Dias, nascida em 1822 e fallecida a 19 de Junho de 1875. E' Tabellião resignatario do segundo Cartorio Civil de Curityba. E' serventuario do Estado do Paraná. Prestou relevantes serviços de guerra, no littoral, durante a revolução de 1893/4, por cujos serviços obteve as honras de Major do exercito.

Teve:

8-1 Francisca Carvalho de Oliveira, nascida a 25 de Agosto de 1878, casada a 6 de Maio de 1905 com João Soares Barcellos, Bacharel em Direito, formado pela Universidade do Paraná.

Teve a filha unica:

9-1 Eunice, nascida a 2 de Junho de 1909, solteira.

8-2 Alcides Carvalho, nascido a 5 de Novembro de 1880 e fallecido a 12 de Fevereiro de 1882.

8-3 João Alfredo, nascido em 1881 e fallecido em 1895.

8-4 Maria da Luz, nascida em 1885 e fallecida em 1888, gemea com

8-5 Maria Magdalena, fallecida em 1888.

8-6 Manoel Euphrasio de Carvalho, nascido em 14 de Outubro de 1887, casado com Izabel Borges de Macedo.
Teve:

9-1 Maria Izabel, nascida em 10 de Março de 1925.

8-7 Stella de Carvalho, nascida em 29 de Março de 1889, casada a 18 de Fevereiro de 1911 com Dermeval Lustoza de Andrade, filho do Major João Lustoza de Andrade e de sua mulher Anna Flora Rodrigues de Andrade, 7-3 de 6-1 de pagina 255 deste Volume.
Sem descendentes.

8-8 Dr. Tiburcio Carvalho de Oliveira, fallecido em 13 de Julho de 1922. Engenheiro civil pela Universidade do Paraná, nascido a 15 de Agosto de 1890, casado a 30 de Abril de 1912 com Camilla Santiago, filha de Francisco Januario de Santiago e de sua segunda mulher Roseta Pirracine.
Filhos:

9-1 Ernani, nascido a 20 de Dezembro de 1912.

9-2 Fausto, nascido a 3 de Abril de 1918.

9-3 Yvone, nascida a 15 de Fevereiro de 1920.

9-4 Leonor, nascida a 12 de Julho de 1914 e fallecida a 4 de Outubro de 1917.

8-9 Carmen Carvalho de Oliveira, nascida a 28 de Maio de 1892, casada a 3 de Maio de 1913 com José Borges de Macedo Ribas Filho, 8-2 de 7-1 de 6-4 retro.

7-4 Josino Borges de Macedo, nascido a 3 de Novembro de 1860, fallecido solteiro.

7-5 Alvaro Borges de Macedo, nascido em 19 de Março de 1868, casado com Marina Ribas.

6-5 Major Dulcio Macedo, casado com Francisca de Macedo Ribas, 6-1 de 5-1 de 4-1 de 3-1 de 2-2 do § 2.º, Capitulo 2.º deste Titulo.
Ahi a descendencia.

5-2 Capitão João Marianno Ferreira Ribas, filho de 4-1 de 3-1, casado com Maria Joanna de França Ribas. Teve 12 filhos:

6-1 Coronel Cezar Marianno Ribas, commerciante, casou em primeiras nupcias com Joaquina Lustoza Ribas, 6-4 de 5-1 de 4-8 de pagina 253; casado em segundas nupcias com Pureza Ribas. Filhos do primeiro matrimonio:

7-1 Anna Maria, fallecida.

7-2 Maria Christina, que foi a primeira mulher do Coronel Ernesto Guimarães Villela, 7-1 de 6-4 de pagina 253, deste volume.

6-2 Pedro Marianno Ribas, fazendeiro nos campos de Ponta Grossa, proximo ao povoado dos «Pellados», casado em 14 de Abril de 1866 com Maria Manoella de Pinho Ribas, filha do Capitão Manoel de Pinho Mourão e de sua mulher Delphina Ribas Pinho.
Teve os seguintes filhos:

7-1 Idalina Ribas dos Santos, nascida a 22 de Agosto de 1868, já fallecida, foi casada com Benedicto dos Santos.
Teve:

8-1 João Ribas dos Santos, casado com ... Teve 5 filhos.

8-2 Manoel, fallecido.

8-3 Moysés Ribas dos Santos, casado com ... Sem descendentes.

7-2 Coronel Brasilio Ribas, nascido em Ponta Grossa a 20 de Setembro de 1870, onde se casou a 7 de Janeiro de 1893, com sua prima Maria da Conceição Ribas, filha de Domingos Ignacio de Araujo Ribas, 6-3 adiante.

Em 1908, foi eleito para o lugar de Camarista Municipal de Ponta Grossa e logo em seguida Presidente dessa corporação, em cujo cargo permaneceu até 1916, quando foi escolhido para o cargo de Prefeito Municipal de sua terra natal, como candidato de conciliação, visto a divergencia politica alli reinante. A sua eleição foi sem competidor. Administrou o municipio com intelligencia e zelo, durante 16 annos, dos quaes, 8 annos como Prefeito, realisando importantes serviços de embellezamento da Cidade, impulsionando o calçamento de suas ruas e praças, com o que prestou relevantes e inestimaveis serviços, que tiveram o poder de animar a vida commercial e industrial da Cidade, que, quadruplicou de tamanho, pois, de 800 predios urbanos, passou a contar mais de 3000 predios. A renda do Municipio, de 70 contos, passou a quasi 300 contos annuaes. Tem sido Deputado ao Congresso Legislativo do Estado, por varias vezes. E' abastado proprietario e adiantado fazendeiro no Municipio de Ponta Grossa, onde goza de larga estima e consideração, pelos seus predicados moraes.

A sua fazenda da «Lagôa Dourada», em «Desvio Ribas», conta 3 maravilhas do Paraná: — *Villa Velha,* os *Tres grandes poços* e *Lagôa Dourada,* que constituem o encanto dos touristes e têm sido decantadas em prosa e em versos.

Teve a filha unica:

8-1 Izaura, nascida em 27 de Março de 1910, solteira.

7-3 Manoel Pedro Ribas, fazendeiro, nascido em 7 de Setembro de 1872, fallecido a 5 de Julho de 1925, foi casado com Francisca Martins Ribas.

Filhos:

8-1 Pedro Amazonas Ribas, casado com Ely Branco Ribas, sua prima, filha de 7-5 adiante.
Teve 2 filhos.

8-2 Homero.

8-3 Sebastião.

8-4 Brasilio.

8-5 Idalina.

8-6 Acacia.

8-7 Marina.

8-8 Ondina.

8-9 Maria.

7-4 Maria Rita Ribas Teixeira, nascida em 26 de Setembro de 1875, fallecida em 18 de Fevereiro de 1917, foi casada com Pedro de Paula Teixeira.

Teve:

8-1 Antonio.

8-2 Sylvia.

8-3 Eurydice.

8-4 Edith.

7-5 Deodato Pedro Ribas, fiscal geral de Ponta Grossa, nascido em 23 de Março de 1877, casado com Palmyra Branco Ribas.

Filhos:

8-1 Pedro Ribas Netto, casado com Maria Julia Jorge Ribas, filha de Alberto Pereira Jorge.
Sem filhos.

8-2 Domingos Branco Ribas, casado no Rio Grande do Sul com Elisa Ribas.
Teve 1 filha.

8-3 Ely Branco Ribas, casada com seu primo Pedro Amazonas Ribas, filho de 7-3 retro.

8-4 José Branco Ribas, solteiro.

8-5 Anna Branco Ribas, solteira.

8-6 Laura Branco Ribas, solteira.

8-7 Maria Branco Ribas, solteira.

7-6 Maria Joanna Ribas, nascida em 10 de Novembro de 1880, viuva de seu primo Francisco de Assis Ribas.

Teve:

8-1 Augusto Ribas, solteiro.

8-2 Idalina Ribas, solteira.

7-7 Aarão Pedro Ribas, nascido a 1.º de Abril de 1874, casado com Maria da Conceição Ribas, sua prima.

Filhos:

8-1 Maria Joanna.

8-2 Idalina.

8-3 Leonor.

8-4 Delphina.
8-5 Aurora.
8-6 Antonio.
8-7 Maria de Lourdes, fallecida, foi casada com seu primo Francisco Juvencio Ferreira.
Teve:
9-1 Lauro.

7-8 Bonifacio Pedro Ribas, commerciante, casado com sua prima Eurydice Mascarenhas.
Filhos:
8-1 Herundina.
8-2 Pedro.
8-3 Eurides.

7-9 Alfredo Pedro Ribas, industrial, nascido em 18 de Outubro de 1886, casado a 7 de Junho de 1913 com Maria Magdalena Martins Ribas.
Filhos:
8-1 Pedro.
8-2 Dulceria.
8-3 Maria.
8-4 Uma recem-nascida.

7-10 João Pedro Ribas, nascido em 6 de Agosto de 1879, casado com Margarida Peixoto Ribas.
Sem descendentes.

6-3 Domingos Ignacio de Araujo Ribas, fazendeiro em *Ignacio Dias,* proximo de Ponta Grossa, casado com Clara Guimarães Ribas, ambos já fallecidos.
Filhos:

7-1 Maria da Conceição Ribas, nascida em 7 de Dezembro de 1873, casada com seu primo Brasilio Ribas, 7-2 de 6-2 retro.
Ahi a descendencia.

7-2 João Manoel Ribas, commerciante, casado com sua prima Rosalina Ribas.
Filhos:
8-1 Deociria.
8-2 Domingos.
8-3 Luiz.
8-4 Linneu.
8-5 Ritta.

8-6 João.
8-7 José.
8-8 Osmario, gemeo com
8-9 Omario.

7-3 Maria Josepha Ribas, fallecida, foi casada com Jordão Silva.
Teve 8 filhos:

8-1 Maria da Conceição Ribas de Oliveira, casada em primeiras nupcias com João Ribas Sobrinho e em segundas nupcias com o Dr. Rivadavia de Oliveira.
Teve do 1.º matrimonio:
9-1 Maria da Luz.
9-2 Cyrene.
Teve do 2.º matrimonio:
9-3 Lelia.
9-4 Rivadavia.

8-2 Domingos Ribas da Silva, commerciante, casado com Antonia Xavier.
Filhos:
9-1 Maria José.
9-2 Cecy.
9-3 Lucy.

8-3 Nestor Ribas da Silva, contador da empreza Prado Electricidade, casado com Maria Clara Bond, filha de Ernesto Bond, alto funccionario dos Telegraphos, e de sua mulher Maria das Dôres Pombo Bond.
Filhos:
9-1 Odette.
9-2 Ivette.

8-4 Cezar Ribas da Silva, commerciante, solteiro.
8-5 Claudio.
8-6 Pureza.
8-7 José.
8-8 Vital.

6-4 Coronel João Marianno Ribas Filho, fazendeiro em Castro, casado em primeiras nupcias com Maria do Carmo Novaes e em segundas nupcias com Maria Sophia do Canto e Silva, ambas filhas do Coronel

Jordão do Canto e Silva e de sua mulher Maria Marques.
Teve do primeiro matrimonio:
7-1 Jonas, fallecido.
7-2 Maria Joanna Ribas, casada com José Carlos de Oliveira.
7-3 Etelvina Ribas, casada com o Dr. Joaquim de Paula Braga.
Teve:
8-1 Laura.
8-2 Neuza.
Teve do segundo matrimonio:
7-4 João Brasilio Ribas, solteiro.
7-5 Judith Ribas, casada com o Dr. Aldrovando Fleury.
Teve:
8-1 Alice.
8-2 João.
6-5 Capitão Ovidio Marianno Ribas, negociante e fazendeiro em Ponta Grossa, casado com Guilhermina Carneiro Ribas.
Filhos:
7-1 João Carneiro Ribas, casado com Placidina Villela Bittencourt Ribas, com ascendentes no 4.º volume desta Genealogia.
Filhos:
8-1 Nadhyr.
8-2 Ovidio.
8-3 Lauro.
8-4 Maria Stella.
7-2 Joaquim Carneiro Ribas, casado com Alcina Penteado Ribas.
Filhos:
8-1 Ovidia.
8-2 Clovis.
8-3 Marina.
7-3 Olivia Ribas Guimarães, casada com Flavio Villela Guimarães.
Teve:
8-1 Eloyna.
8-2 Eugenia.

8-3 Nahir.
8-4 Aracy.
7-4 Alcino Carneiro Ribas, casado com Franquelina Neves Ribas.
Filhos:
8-1 Maria Guilhermina.
8-2 Fabio.
7-5 Danton Carneiro Ribas, solteiro.
6-6 Alfredo Araujo Ribas, fazendeiro em Butuquara, casado com Unistarda de Novaes Ribas.
Filhos:
7-1 Manoel Alfredo Ribas, casado com Maria da Conceição Correia.
Teve dois filhos.
7-2 Amazonas Ribas, casado com Cacilda Novaes.
Com quatro filhos.
7-3 Lauro Ribas, casado com Stella Capelleti.
Com dois filhos.
7-4 Danton Ribas, casado com Sylvia Martins.
Com dois filhos.
7-5 Aurora Ribas, casada com Nelson Martins.
Com dois filhos.
6-7 Brasilio Marianno Ribas, fallecido aos 18 annos de edade.
6-8 Benedicta Ribas Taques, casada com Joaquim de Almeida Taques.
Teve:
7-1 Alonso de Almeida Taques, viuvo de . . . .
Tiveram 5 filhos.
7-2 Maria Joaquina, fallecida, foi casada com Joaquim Alves Loires, fallecido.
Tiveram 3 filhos.
7-3 Joaquim, solteiro.
7-4 Herculano Taques, casado com Gertrudes Bastos.
7-5 Pedro, solteiro.
7-6 Theodosio Taques, casado com Emilia Taques.
Tiveram 3 filhos.
7-7 Domingos, fallecido.
6-9 Maria Josepha Ribas, casada com o Coronel Sebastião José Madureira, 5-2 de 4-1 de pagina 415 do 1.º volume desta Obra.

Ahi os descendentes.

6-10 Anna Rita Ribas Guimarães, casada com o Coronel Claudio Guimarães, fallecido.
Teve:

7-1 Tenente Coronel Nestor Gonçalves Guimarães, casado com Rosalina Villela Guimarães.
Filhos:

8-1 Raul.

8-2 Placidina Guimarães Osternack, casada com Rodolpho Osternack.
Teve:

9-1 Orlando.
9-2 Alda.
9-3 Lauro.
9-4 Nestor.
9-5 Odette.
9-6 Anna Rosa.

8-3 Odette Guimarães Santos, casada com Elias Zacharias dos Santos.

8-4 Rita Guimarães Pimenta, casada com Carlos da Costa Pimenta.
Teve:

9-1 Alberto.
9-2 Maria Emilia.

7-2 Deuciria Guimarães Martins, casada com Josino de Araujo Martins, ambos fallecidos.
Filhos:

8-1 João Guimarães Martins, casado com Candida Rodrigues Martins.
Filhos:

9-1 Josino.
9-2 Deuciria.
9-3 Maria Joanna.
9-4 Maria de Jesus.
9-5 Lauro.
9-6 Hamilton.
9 7 Ottilia.

8-2 Ozorio Guimarães Martins, casado com Maria da Conceição Teixeira Martins.
Filhos:

9-1 Deuciria.
9-2 Josephina.
9-3 Valdyr.
9-4 Neuza.
9-5 Maria.

8-3 Pericles Guimarães Martins, casado com Ottilia Carneiro Martins.
Filhos:

9-1 Claudio.
9-2 Maria.
9-3 Deuciria.
9-4 Anna Dirce.

8-4 Rosalina Martins Ribas, casada com João Manoel Ribas.
Filhos:

9-1 Deuciria.
9-2 Domingos.
9-3 Luiz.
9-4 Linneu.
9-5 Rita.
9-6 João Cicero.
9-7 José Maria.
9-8 Mario, gemeo com
9-9 Osmario.

8-5 Maria Magdalena Ribas, casada com Alfredo Pedro Ribas.
Teve:

9-1 Pedro.
9-2 Deuciria.
9-3 Maria.
9-4 Rita.

7-3 Maria Rosa Guimarães Mascarenhas, viuva de José Mascarenhas.
Teve:

8-1 Ulysses.

8-2 Anna Rita, casada com René Divisé.

8-3 Claudio Mascarenhas, casado com Aida Correia Mascarenhas, filha do Dr. Manoel Francisco Ferreira Correia e de sua primeira mulher Adelaide Müller Caillot, filha de Pedro Affonso Caillot,

natural de St. Julien, Paris, e de sua mulher Francisca de Paula Müller, natural de Curityba; neta pela parte paterna de Pedro Adrien Caillot e de sua mulher Julia Adelaide Callop; neta pela parte materna de Miguel Müller e de sua mulher Anna Maria Krones.

8-4 Euridyce Mascarenhas Ribas, casada com Bonifacio Ribas.
Filhos:
9-1 Erundina.
9-2 Pedro Moacyr.
9-3 Eurides.

8-5 Ermantina Mascarenhas, solteira.

7-4 Dr. Ozorio Guimarães, nascido a 7 de Março de 1870, engenheiro civil. Foi engenheiro da Camara Municipal de Curityba e da Secretaria de Obras Publicas do Estado. Deputado ao Congresso do Estado. Socio de importante fabrica de tecidos de Ponta Grossa. Foi um dos proprietarios das Uzinas de electricidade, que fornece luz a Ponta Grossa. Foi presidente da Camara Municipal dessa Cidade. Casado com Emilia Erichsen, filha do Dr. Dezembargador Conrado Manoel Erichsen e de sua mulher Etelvina Martins Erichsen. Com ascendentes descriptos no 3.º volume desta Genealogia.
Filhos:
8-1 Conrado.
8-2 Ozorio.
8-3 Nestor.
8-4 Estella.
8-5 Zidah.
8-6 Emy.

7-5 Maria Joanna Guimarães de Almeida, casada com Henrique Alves de Almeida.
Teve:
8-1 Rita de Almeida Correia, casada com Claudio de Madureira Correia.
8-2 Claudio.
8-3 Henrique.

6-11 Anna Candida Ribas, casada com Balduino Ribas, 6-5 de 5-3.
Sem descendentes.

6-12 Maria da Luz Ribas, casada com Benedicto Ribas, 6-6 de 5-3 adiante.
Ahi a geração.

5-3 Commendador Tenente Coronel Francisco de Assis Ribas, casado em primeiras nupcias com Maria Balduina de Macedo Taques, casado em segundas nupcias com Damazia da Rocha Ribas. Falleceu em Curityba a 5 de Abril de 1879.
Teve do primeiro matrimonio:
6-1 Francisco de Assis Ribas, fallecido solteiro.
6-2 Maria Ubaldina Taques, fallecida solteira.
6-3 Amelia Ribas, fallecida solteira.
6-4 Laurindo Ribas, fallecido solteiro.
6-5 Balduino de Assis Ribas, casado com Anna Cantidia Ribas, 6-11 de 5-2.
Sem geração.

6-6 Benedicto Marianno Ribas, casado com Maria da Luz Ribas, 6-12 de 5-2 retro.
Filhos:
7-1 João
7-2 Aristides
7-3 Maria da Luz
7-4 José
} fallecidos.

7-5 Jorge Marianno Ribas, casado com Emilia Lacerda.
Filhos:
8-1 Marietta Lacerda Ribas, casada com Dinarte de Araujo.
8-2 José.
8-3 Nilda.
8-4 Idalina.
8-5 Maria.
8-6 Laura.

7-6 João Soter Ribas, casado em primeiras nupcias com Octavia Lacerda e em segundas nupcias com Maria da Conceição da Silva Ribas. Do primeiro matrimonio não teve filhos.

Do segundo matrimonio teve:
8-1 Clara.
8-2 Maria da Luz.
8-3 Cyrene.

7-7 Francisco de Assis Ribas, fallecido, foi casado com Maria Joanna Ribas.
Filhos:
8-1 Augusto.
8-2 Idalina.
8-3 Abdon.
8-4 Maria da Luz.

7-8 Maria dos Anjos Ribas, solteira.

7-9 Octavio Ribas, casado com Esther Ferreira Ribas.
Sem geração.

7-10 Marianna Ribas, viuva de Alvaro Borges de Macedo Ribas.
Sem geração.

7-11 Alfredo Ribas Sobrinho, casado com Nincia Ferreira Ribas.
Filhos:
8-1 Maria da Luz.
8-2 João Brasilio.
8-3 Eracina.
8-4 Neuza.
8-5 Maria.
8-6 Ophelia.
8-7 Usyrsan.
8-8 Anna Maria.

7-12 Cezar Ribas, casado com Nilda Molleta.
Teve:
8-1 Nilsen.

7-13 Maria Joaquina Ribas, casada com Aristides Rocha.
Sem filhos.

7-14 Durval Ribas, casado com Erminia de Camargo Ribas.
Teve:
8-1 Wilson.

6-7 Coronel Rodolpho de Macedo Ribas, Agente aposentado do Correio de Ponta Grossa, foi influente politico n'aquella Cidade, onde gosa de grande estima e consideração social. A elle deve o autor deste trabalho as informações da descendencia de Victor Marianno Ribas, a que o informante pertence. Casado com Ernestina de Madureira, filha do Coronel Sebastião José de Madureira, 5-2 de 4-1 do 1.º volume, pagina 414 desta Genealogia.
Filhos:
7-1 Maria
7-2 Epaminondas } fallecidos.
7-3 Irany

7-4 Guilhermina Ribas Villela, casada com Arthur Villela.
Teve:
8-1 Iva Villela dos Santos, casada com Benedicto dos Santos.
Teve:
9-1 Lygia.
8-2 Nelson.
8-3 Ivone.

7-5 Octaviano de Macedo Ribas, casado com Lavinia Novaes Ribas.
Teve:
8-1 Octaviano, fallecido.
8-2 Volando, fallecido.
8-3 Epaminondas.
8-4 Leoncio.
8-5 Ida.
8-6 Edith.
8-7 Maria.

7-6 Palmyra Ribas Brasil, casada com Virgolino Brasil, cirurgião dentista, professor da cadeira de clinica dentaria da Academia de Medicina do Paraná, filho do Major Joaquim Virgolino Gomes e de sua mulher Maria Rita da Purificação Braga, com ascendentes descriptos no 1.º volume, pagina 417 desta obra.
Teve:
8-1 Eurico.
8-2 Irany.
8-3 Marina.
8-4 Venicio.
8-5 Armando

8-6 Renato.
8-7 Virgolino.

7-7 Dulvina Ribas Jucksch, casada com José Waldemar Jucksch.
Filhos:
8-1 Sydney Joel.

7-8 Maria Josepha.
7-9 Dinorah.
7-10 Avany.
7-11 Rodolpho Ribas Junior.
7-12 Newton.

6-8 Major Fernando Ribas de França, casado com Maria Benedicta Carneiro Ribas, 7-1 de 6-3 retro.
Filhos:
7-1 Rufina.
7-2 Fernando.
7-3 Genara.
7-4 Flavio.
7-5 Maria.

7-6 Emilia Ribas França de Paula, casada com o Coronel Salathiel de Paula, que foi politico de actividade em Ponta Grossa.
Teve:
8-1 Nelson, fallecido.
8-2 Nercinda, fallecida.
8-3 Oscar, fallecido.
8-4 Ozaria.

8-5 Ondina de Paula, casada com o Capitão Dr Benjamim Costa Ribeiro.
Teve:
9-1 Milla, fallecida.
9-2 Benjamim, fallecido.
9-3 Maria, fallecida.
9-4 Uriel.
9-5 Urice.
9-6 Urilla.
9-7 Urillo.

7-7 Zoraide, casada com Antonio Alves Natel. Sem filhos.
7-8 Maria da Conceição, casada com José Ferreira Penteado.

7-9 Edgard França, casado com Annita Lapida Ribeiro.
Teve:
8-1 Siltahan.

7-10 Maria da Luz, casada com José Bento Veiga.
Teve:
8-1 Irene.
8-2 Alceu.

7-11 Geny.
7-12 Normelia.
7-13 Epaminondas.

6-9 Guilhermina Macedo Ribas, casada com o Dr. José de Souza Ribas, 6-2 de 5-1. Ahi a descendencia.

6-10 Francisca de Macedo Ribas, casada com o Major Dulcio Marianno Ribas, filho do Capitão Benedicto Marianno Ribas, 6-5 de 5-1 de 4-1 de 3-1 de pagina 375.
Teve:
7-1 Francisco.

7-2 Maria de Jesus Ribas, casada em primeiras nupcias com Augusto Taques e em segundas nupcias com Pedro de Paula Teixeira.
Do primeiro matrimonio teve:
8-1 Augusto.
Do segundo matrimonio teve:
8-2 Dulcio.
8-3 Maria da Conceição, solteira.

8-4 Dejanira, casada com Alfredo Osternack.
Teve:
9-1 Carlos.
9-2 Walter.
9-3 Altair.
9-4 Leonidas.

8-5 Maria Teixeira de Castro e Silva, casada com Antonio de Castro e Silva.
Teve:
9-1 Nahyr.
9-2 Djalma.

5-3 Do seu segundo matrimonio teve:

6-11 Major Laurindo de Assis Ribas, casado com Ambrosia dos Santos Ribas.
Filhos:
7-1 Francisco
7-2 Clementina
7-3 João
7-4 Amelia
7-5 Abdon
7-6 Maria
} fallecidos.
7-7 Ernestina, casada em primeiras nupcias com Manoel Firminio e em segundas nupcias com Ernesto Lucas dos Santos.
Sem descendencia.
7-8 José Ribas.
7-9 Maria da Conceição Ribas.

6-12 José de Assis Ribas, fallecido em estado de solteiro, victima da revolução de 1893.

6-13 Amelia Ribas, casada com Amantino Barbosa de Macedo.
Teve:
7-1 Francisca.
7-2 Luiz Barbosa de Macedo, casado com Ilda Zimmermann.
Teve:
8-1 Orley.
7-3 Laurindo Barbosa de Macedo, casado com Zica de Macedo.
Com 5 filhos menores.
7-4 Wantuil Estrellatito Barbosa.
7-5 Honorina Barbosa e Silva, casada com Eudes de Mello e Silva.
Teve:
8-1 Ariel.

6-14 Maria Eulalia Ribas, casada com Arthur Barbosa.
Filhos:
7-1 Clementina Barbosa Scallati, casada com Francisco Scallati.
Teve:
8-1 Yolanda.
8-2 Sebastião.

8-3 Romulo.
8-4 Arthur.
8-5 Um recem-nascido.

7-2 José Ribas Barbosa, casado com Astrogilda de Mello Barbosa.
Filhos:
8-1 Etelvina.
8-2 . . . .

7-3 Etelvina Barbosa Romanoski, casada com Ladislau Romanoski.
Teve:
8-1 Lady.

7-4 Emilia Barbosa Walter, casada com . . . . Walter.
Teve:
8-1 Uma recem-nascida.

7-5 Jacy.
7-6 Lauro.
7-7 Alfredo.
7-8 Lolinha.

5-4 Brigadeiro Manoel Ferreira Ribas, natural de Castro. Casou-se em Curityba, a 20 de Maio de 1844, com Francisca Leocadia Lustoza de Andrade, natural de Curityba, filha do Coronel Ricardo Lustoza de Andrade, Official da Ordem da Rosa, e de sua mulher Francisca das Chagas Silva Carrão. Neta pelo lado paterno do Sargento-Mór Ignacio Lustoza de Andrade e de Maria Catharina de Moraes Cordeiro; neta pela parte materna do Capitão Antonio José da Silva Carrão, natural da Sé do Porto, e de sua mulher Anna Maria Cortes.
Foi brigadeiro e administrador dos Indios dos Campos Geraes.
Homem de grande prestigio no Paraná, exerceu com destaque diversos cargos de eleição popular, taes como: Camarista Municipal de Ponta Grossa e Deputado á Assembléa Legislativa da Provincia em diversas legislaturas.
A esposa do Brigadeiro Ribas — D. Chiquinha Ribas — foi uma matrona respeitabilissima, sendo o

prototypo de todas as virtudes. Era considerada — santa, tal a sua excelsa bondade, devotando-se ao bem, com modestia e sem ostentação, 5-1 de 4-8 de pagina 95, deste Volume.
Ahi os descendentes.

5-5 Victor Marianno Ribas Filho, falleceu aos 18 annos.

5-6 Marianna Ribas, casada com Manoel Antonio dos Santos.
Teve:

6-1 Francisco dos Santos Ribas, foi voluntario na guerra contra o Paraguay, onde falleceu em combate.

6-2 João Antonio dos Santos, casado com Idalina Rocha.
Filhos: (10 filhos e 26 netos).

6-3 Joaquim Antonio dos Santos, casado com Alzira Braga.
Filhos: (4 filhos e 12 netos).
7-1
7-2
7-3
7-4

6-4 Maria Joaquina dos Santos, casada com o Major Luiz Ayres.
Sem filhos.

6-5 Maria Ferreira dos Santos, casada com o Capitão Salvador Rolim Ayres.

6-6 Maria da Luz Santos, casada com Balduino Taques.

6-7 Francisca dos Santos, casada com Henrique Pupo.
Filho unico:
7-1 . . . .

6-8 Barbara dos Santos, casada com Frederico Bahls.

5-7 Maria Joaquina Ribas, filha de 4-1 de 3-1. Casada com o Coronel Paulino Ayres de Aguirre. Foram improfiquas as nossas deligencias para conseguir dados mais desenvolvidos sobre este ramo.
Filhos:

6-1 Paulino Ayres de Aguirre Filho, casado com Amelia Alves.

6-2 Brasilio Ayres de Aguirre, casado com Julia França.

5-8 Clementina Ribas, casada com o Dr. José do Amaral Gurgel.
Teve:

6-1 José do Amaral Gurgel Filho, casado com Anna do Pilar.

6-2 Fabio do Amaral Ribas, casado com Maria de Almeida.

6-3 Maria do Amaral, casada com o Dr. José Rolim Ayres.

6-4 Anna, fallecida solteira.

5-9 Manoella Ribas Taques, casada com o Capitão José Borges de Almeida Taques, filho do Coronel Balduino de Almeida Taques e de sua mulher Maria Antonia Borges de Macedo, filha do Capitão Cyrino Borges de Macedo.
Filhos:

6-1 Capitão Julio Taques, fallecido solteiro, foi Collector Federal em Tibagy.

6-2 Anna Maria de Macedo Taques, casada com o Capitão Carlos Taques.
Tiveram 12 filhos:

7-1 Maria Amelia Taques de Bittencourt, casada com o Tenente Coronel Luiz Barbosa de Sá Bittencourt, filho de José Florentino de Sá Bittencourt Filho e de sua primeira mulher Placidina Barbosa de Bittencourt; neto pela parte paterna do Tenente Coronel José Florentino de Sá Bittencourt e de sua mulher Anna Rosa Borges de Macedo (filha do Capitão Cyrino Borges de Macedo); neto pela parte materna de José Barbosa Caldeira e de sua mulher Francisca Borges de Macedo (filha do Capitão Cyrino Borges de Macedo).
Teve:

8-1 Placidina, casada em primeiras nupcias com João Mendes, fallecido no Rio Grande do Sul.

Sem filhos d'esse matrimonio:
Casada em segundas nupcias com seu tio Jocelym Taques.
Filhos d'esse segundo matrimonio:
9-1 Baldomero Taques, casado com Alvina Penteado.
Filhos:
10-1 Lauro.
10-2 Placidina.
9-2 Leoveral, casado com Jovelina Penteado.
Teve:
10-1 Dorival.
9-3 Luiz Adolpho, solteiro.
9-4 Lucia, solteira.

8-2 Laurentina Bittencourt Mercer, casada com o Agrimensor Edmundo Mercer, nascido a 6 de Outubro de 1880, foi Prefeito, Juiz de Direito supplente, Camarista de Tibagy e é actualmente Commissario de Terras d'ali. E' homem de bom cultivo intellectual e de valor politico e social.
Teve:
9-1 Mathilde, casada com Guataçara Borba Carneiro.
Teve:
10-1 Paulo.
9-2 Maria Amelia, solteira.
9-3 Aracy, solteira.
9-4 Herbert Harrison Mercer.
9-5 Edmundo Mercer Junior.
9-6 Yollanda, nascida em Março de 1910 e fallecida em Novembro do mesmo anno.
9-7 Luiz Leopoldo.
9-8 Laurentino.

8-3 Uricena Bittencourt, casada com o Capitão João José de Sá Mercer.
Sem filhos.

8-4 José Florentino de Sá Bittencourt, casado com Alcina Maia Bittencourt.
Filhos:
9-1 Maria José.
9-2 Genaro.
9-3 José Luiz.

9-4 Maria Amelia.
9-5 Carolina.

8-5 Gasparino de Sá Bittencourt, casado com Francisca Mercer Bittencourt.
Filhos:
9-1 Uricena.
9-2 Luiz Alberto.
9-3 Alice.
9-4 Placidina.
9-5 Maria.
9-6 Epitacio.
9-7 Auro.
9-8 Aline.

8-6 Adelaide Bittencourt Taques, casada com seu tio Antonio Taques Sinhô, filho de Carlos Taques.
Teve:
9-1 Herminia.
9-2 Algacyr, fallecido.
9-3 Luiz Carlos.
9-4 Antonio.
9-5 Sarah.
9-6 Celeste.
9-7 Enéas, fallecido.
9-8 Placidina, fallecida.
9-9 Venicios Lindauro.
9-10 Nelson.
9-11 Maria de Lourdes.

8-7 Sylvia Bittencourt Ferreira, casada com Domingos Ferreira Ribas.
Teve:
9-1 Mario.
9-2 Annita.
9-3 Oswaldo, fallecido.
9-4 Haydée.
9-5 Aurora, fallecida.
9-6 Domingos.

8-8 Luiz Barbosa de Sá Bittencourt Filho, casado com Honorina Mathias Bittencourt.
Filhos:
9-1 Ondina.

9-2 Argentina.
9-3 Maria Amelia.

8-9 Pedro Barbosa de Sá Bittencourt, casado com Rosalina Ribas, filha de Benedicto de Souza Ribas e de sua mulher Urezina Guimarães Ribas.
Teve:
9-1 Nair.

8-10 Accacio de Sá Bittencourt, casado com Emma de Gouveia Bittencourt.

8-11 Lauro de Sá Bittencourt, casado com Francisca Barbosa de Sá Bittencourt.
Teve:
9-1 Luiz Edmundo.

8-12 Honorina Bittencourt, solteira.

8-13 Pelagio, fallecido.

7-2 Adelaide Taques Bahls, casada com Augusto Frederico Bahls, filho do Major Frederico Martinho Bahls e de sua primeira mulher Anna Perpetua da Rocha Bahls, filha do Major Miguel da Rocha Ferreira Carvalhaes, um dos fundadores de Ponta Grossa, e de sua mulher Maria Rodugela (?) da Rocha Carvalhaes, natural do Rio Grande do Sul e seu marido natural de São Paulo; neto paterno de Martinho Bahls e de sua mulher Maria Luiza.
Em 1828, desembarcaram em Santos, Estado de São Paulo, diversas familias allemães que vieram expontaneamente para o Brasil, procurando o Sul do Paraná, estabelecendo suas tendas de trabalho no Rio Negro, d'este Estado, que estava sendo colonisado pelo Barão de Antonina. Os primeiros colonos allemães chegaram ao Rio Negro a 16 de Fevereiro de 1829, sendo seus passaportes expedidos em Bremen em 2 de Abril de 1828 e visados no Consulado allemão do Rio de Janeiro a 30 de Setembro de 1828. Essa leva era composta de 12 familias com 60 pessoas.
Entre essas familias se achava Martinho Bahls e sua mulher Maria Luiza Bahls; porem, como sua profissão não permittia residir nos sertões, fixou sua residencia na freguezia de Ponta Grossa, se estabelecendo com officina de alfaiate. Alli formou elle a sua prole,

vindo a fallecer com a edade de 76 annos e sua mulher com 99 annos.
Teve os seguintes filhos:

8-1 Avelino Bahls, casado com Adelina Maia Bahls.
Tiveram 4 filhos.

8-2 Ermelino Bahls, casado com Yollanda Bahls.
Tiveram 3 filhos.

8-3 Eurides Bahls, casado com Maria Rosa Bahls.
Tiveram 4 filhos.

8-4 Augusto Bahls Filho, casado com Carlota Bahls.
Tiveram 4 filhos.

8-5 Altamiro Bahls, casado com Maria Branca Bahls.
Sem filhos.

8-6 Oliverio Bahls.

8-7 Gasparino Bahls.

8-8 João Bahls.

8-9 Carmelita Bahls, casada com Sergio Pupo Ferreira.
Tiveram 9 filhos.

8-10 Herminia Bahls, casada com Manoel de Araujo.
Teve 12 filhos.

8-11 Alcina Bahls, casada com Joaquim Pedro de Souza.
Teve 13 filhos.

8-12 Antonietta Bahls, casada em primeiras nupcias com Theophilo Taques e em segundas nupcias com José Maria Vianna.
Teve 4 filhos do primeiro matrimonio.
Do segundo matrimonio teve 3 filhos.

8-13 Josephina Bahls, casada com Augusto de Quadros.
Sem filhos.

8-14 Waldomira Bahls, casada com Amando Veiga.
Teve 3 filhos.

8-15 Deocleciana Bahls, casada com Alexandre Hârdemann.
Teve 5 filhos.

8-16 Dolores Bahls, solteira.

7-3 Hortencia Taques Salgado, casada com Accacio Maria Salgado, natural de Portugal.
Teve:

8-1 Zelinda Taques Salgado, casada com Durval Pinto.

8-2 Anna Maria Bueno, casada com Jonathas Baptista Bueno.
8-3 João Baptista Salgado, solteiro.
8-4 Maria da Gloria, solteira.
8-5 Antonio, fallecido em criança.

7-4 Adolpho Taques, casado com Ernestina Coelho de Oliveira Taques, fallecida, natural de Tatuhy-S. Paulo. Sem filhos.

7-5 José Maria Taques, casado com Clementina Grein Taques, filha de Miguel José Grein, do Rio Negro. Filhos:
8-1 Braulio Grein Taques, casado com Etelvina Torres; fallecido em Guarapuava, na campanha revolucionaria.
8-2 Dorival, fallecido solteiro.
8-3 Maria Luiza Taques, casada com João Taques, filho de Athayde dos Santos Taques.
Teve 2 filhos.
8-4 Miguel.
8-5 Algeu.
8-6 Alceu.
8-7 Carlos.
8-8 Julio.
8-9 Santinha.

7-6 Vicentina Taques Borba, casada com Eusebio Borba, fallecido, filho do Coronel Telemaco Borba.
Teve:
8-1 Gumercindo Borba, solteiro.
8-2 Alayde, solteira.
8-3 Telemaco Taques Borba, casado com Geny Lagos Borba.
Teve:
9-1 . . . .
8-4 Cid Borba, casado com Odette Borba, sua prima, filha de Martiniano Borba e de sua mulher Francisca Guimarães Borba.
8-5 Haydée Borba, casada com Affonso Larocca.
Teve:
9-1 Osmundo.
8-6 Herminia Borba, solteira.

8-7 Fanny Borba, solteira.

7-7 Capitão Jocelym Taques, casado em primeiras nupcias com Placidina Bittencourt, sua sobrinha, filha do Tenente Coronel Luiz Barbosa de Sá Bittencourt, e em segundas nupcias com Etelvina Penteado Taques.
Do primeiro matrimonio teve 4 filhos já descriptos em 5-1 de 4-1 de 3-1 de 2-2 de 1-2, § 2.º, deste Capitulo.
Do segundo matrimonio teve 7 filhos.

7-8 Theophilo Taques, morreu assassinado em Aguas Claras-Tibagy, era gemeo com seu irmão Jocelym, 7-3 acima, foi casado com Antonietta Bahls, sua sobrinha, filha de Augusto Bahls.
Deixou 4 filhos.

7-9 Capitão Victor Taques Bilé, casado com Maria da Luz Bittencourt, filha do Tenente Coronel José Thimoteo de Sá Bittencourt e de sua mulher Marianna Ferreira Bittencourt.
Filhos:
8-1 Odemar.
8-2 Dinorah.
8-3 Maria.
8-4 Olga.
8-5 José.

7-10 Athanaysa Taques Mercer, fallecida, foi casada com Euclides Mercer, filho de Frederico Mercer.
Teve:
8-1 Ario.
8-2 Nelsinda.
8-3 Alice.
8-4 Yollanda.
8-5 Antenor.

7-11 Antonio Taques Sinhô, casado em primeiras nupcias com Herminia Borba, filha do Coronel Telemaco Borba, e em segundas nupcias com sua sobrinha Adelaide Bittencourt, filha do Tenente Coronel Luiz Barbosa de Sá Bittencourt.
Do primeiro matrimonio não teve filhos.
Do segundo tem:
8-1 Herminia.

8-2 Luiz Carlos.
8-3 Antonio.
8-4 Celeste.
8-5 Sarah.
8-6 Vinicius.
8-7 Nelson.
8-8 Maria de Lourdes.

6-3 Maria Antonia Taques, casada com Elias de Assumpção Taques.
Teve:
7-1 Amazonas Taques, solteiro.
7-2 Napoleão Taques, Collector Federal em Tibagy. Solteiro.
7-3 Maria das Dôres Taques, solteira.
7-4 Marietta Taques, solteira.
7-5 Clementina Taques, casada com Lucas Fernandes de Araujo, natural de Itapetininga.
Teve 8 filhos.

6-4 Andrelina Taques Ribas, casada com Generoso Ribeiro, filho de Manoel Ribeiro, natural de S. Paulo.
Sem filhos.

6-5 Maria do Nascimento, casada com Amantino Barbosa de Macedo, filho de José Barbosa Caldeira e de sua mulher Francisca Borges de Macedo, irmã do ajudante José Borges de Macedo.
Teve:
7-1 José de Macedo Taques, casado com Herminia Queiroz Taques, filha de Ernesto Frederico de Queiroz.
Filhos:
8-1 Altahir.
8-2 Ivonette.
8-3 Yollanda.
8-4 Léa.
8-5 Edgard.
7-2 Amador Taques, casado com . . . .
7-3 Rosa Taques, fallecida, foi casada com Francisco Ribeiro Taques.
E mais outros filhos cujos nomes não descobrimos.

6-6 Zenobia Taques, casada com Amantino Barbosa.

Filhos:
7-1 . . . .

5-10 Anna do Nascimento Ribas, filha de 4-1 de 3-1, casada com Candido Xavier.
Filhos:
6-1 Coronel Sebastião de Camargo Ribas, casado em primeiras nupcias com Maria de Lacerda e em segundas nupcias com Maria de Barros.
Apezar de varias tentativas, as nossas deligencias no sentido de conseguir melhores dados sobre este ramo, foram sem resultado.
6-2 João de Camargo Ribas, casado com Maria de Paula.
6-3 Miguel de Camargo Ribas, casado com Graciliana Alves.
6-4 Maria Candida de Camargo Ribas, casada com o Coronel José Borges de Almeida Taques.
6-5 Ignez de Camargo Ribas, casada em primeiras nupcias com Joaquim José Correia; casada em segundas nupcias com o Capitão Feliciano Ferreira.

5-11 Luiza Ribas, casada com o Capitão Joaquim José Correia.
Filhos:
6-1 Benedicto Correia
6-2 José Correia
6-3 Joaquim Correia
6-4 João Correia
} fallecidos solteiros.
6-5 Conceição Correia, casada com o Major Antonio Alves.
6-6 Maria Correia, casada com Francisco Martins.
6-7 Joaquina Correia, casada com Jeremias Ferreira.
6-8 Adelina Correia, casada com José Caetano de Miranda.
Não tiveram filhos.
6-9 Damazo Correia Ribas, casado com Senhorinha Antunes.
6-10 Affonso Correia Ribas, casado em primeiras nupcias com Francisca Marques e em segundas nupcias com Balbina Marques.

5-12 Delphina Ribas, filha de 4-1 de 3-1. Casada com Manoel de Pinho Mourão. Foram sem resultado as tentativas em obter melhores informações sobre este ramo.
Filhos:
6-1 Victor Pinho Ribas, casado com Lydia de Paula.
6-2 Torquato de Pinho Ribas, casado com Maria Taques.
6-3 Maria da Gloria Ribas, casada com Francisco de Paula . . . .
6-4 Felicidade Ribas, casada com o Dr. José Lourenço de Sá Ribas.
Sem descendencia,
6-5 Maria da Conceição Ribas, casada com Mathias Lourenço de Sá Ribas.
6-6 Jesobina Pinho, casada com Libero Teixeira.
Sem filhos.
6-7 Maria Manoella Ribas, casada com Pedro Ribas.
6-8 Anna Pinho, casada com Francisco Branco.
5-13 Mecias Ribas, desappareceu em Pitanguy aos 8 annos de edade. Não foi encontrada, apezar de ingentes pesquizas durante mais de um mez, por cerca de 200 pessoas.

3-2 Antonia Maria Rodrigues Ribas, filha de 2-2 do § 2.º Casada com Manoel José Ferreira.

3-3 Benedicta Maria Rodrigues, filha de 2-2 do § 2.º Casada com Francisco Adão.

3-4 Gertrudes Maria Rodrigues, filha de 2-2 do § 2.º Casada com o Alferes Manoel Alves Gusmão, em 1771 em Curityba, filho de Mathias Alvares Gusmão, natural de S. Sebastião, e de sua mulher Maria da Silva Pinheiro, natural de S. Paulo.

3-5 Sargento-Mór Joaquim Ribeiro Ribas, filho de 2-2 do § 2.º
Casado com Maria Rita Ferreira Bueno. Elle fallecido em Curityba a 13 de Maio de 1836.

Foi morador das terras de «Santa Barbara», em «Uberaba», municipio de Curityba.
Ella falleceu a 27 de Julho de 1850. (C. O. de Curityba.)
Filhos:

4-1 João Baptista de Oliveira Ribas, casado em Palmeira a 5 de Outubro de 1823, com Emiliana Amalia França, 4-8 de 3-5, Titulo Rodrigues de França.
Ahi a descendencia.

4-2 Americo de Oliveira Ribas, foi casado e residente no Rio Grande do Sul.

4-3 Felisberto de Oliveira Ribas, casado no Sul antes da morte de seu pae. Ahi residia ainda por occasião da morte de sua mãe.

4-4 Candido de Oliveira Ribas.

4-5 Joaquim Manoel de Oliveira Ribas.

4-6 Commendador Serafim de Oliveira Ribas, filho de 3-5. Casado com Marianna de Siqueira Moraes, filha de Antonio Joaquim de Camargo e de sua mulher Mathilde Umbelina.
(Vêr o 1.º volume desta Genealogia, pagina 350, ahi a ascendencia.)
Teve 3 filhos, segundo informações:

5-1 Major Joaquim Marianno de Sá Ribas, nasceu na Palmeira a 3 de Agosto de 1835, casado em Guarapuava a 22 de Fevereiro de 1859 com Laurinda de Paula Ribas, filha de Hermenegildo Alves de Araujo e de sua mulher Dina de Paula Lima Xavier; neta pela parte paterna de Antonio Alves de Araujo e de sua mulher Francisca Clara das Chagas; neta pela parte materna do Sargento-Mór Francisco de Paula Xavier Bueno e de sua mulher Victoriana Maria de Lima; por esta, bisneta do Sargento-Mór João Ferreira de Oliveira e de sua mulher Maria Bueno; por seu avô Sargento-Mór Francisco de Paula Xavier Bueno é bisneta do Sargento-Mór Francisco Xavier Pinto e de sua mulher Magdalena Pinto. Foi Promotor Publico de Guarapuava, onde falleceu a 28 de Outubro de 1908.
Filhos:

6-1 Sizinia Ribas Camargo, casada com Diogo de França Camargo.
Teve:
7-1 Olympio Ribas Camargo, casado com Ernestina Taques Camargo.
Filhos:
8-1 Heraclides Taques Camargo.
8-2 Alberony Taques Camargo.
8-3 Lindaura Taques Camargo.
8-4 Carlinda Taques Camargo.
8-5 Claudira Taques Camargo, fallecida.
8-6 Balduino Taques Camargo.
8-7 Naylor Taques Camargo.
8-8 Odomiro Taques Camargo.
8-9 Sizinia Taques Camargo, fallecida.
7-2 Ismael Ribas Camargo, casado com Alda Maciel.
Filho:
8-1 Aroldo Maciel Camargo.
7-3 Cherubina Ribas Camargo, casada com João Simão Gonçalves de Andrade.
Teve:
8-1 Cacilda Camargo Rocha, casada com Lauro Martins.
Teve:
9-1 Dulcy Rocha Martins.
9-2 Cyro Rocha Martins.
8-2 Acacia Camargo Rocha, solteira.
8-3 Laura Camargo Rocha, solteira.
8-4 Francisco Ferreira da Rocha Loures.
8-5 Antonio de França Loures Neto, fallecido.
8-6 Acirema Camargo Rocha.
8-7 Leony Camargo Rocha.
7-4 Maria Rosa Ribas Camargo, casada com Cincinato Moraes Rozeira.
Teve:
8-1 Thereza Camargo Rozeira.
8-2 Robety Camargo Rozeira.
8-3 Edith Camargo Rozeira, fallecida.
8-4 Edyr Camargo Rozeira, fallecido.
8-5 Sizinia Camargo Rozeira, fallecida.

8-6 Lauro Camargo Rozeira.
8-7 Wilson Camargo Rozeira.
8-8 Amaury Camargo Rozeira.
8-9 Maria de Lourdes Camargo Rozeira.
7-5 Maria Minervina Ribas Camargo, solteira.
7-6 Maria da Luz Ribas Camargo, casada com Domingos Siqueira Cortes.
Teve:
8-1 Adaly Camargo Cortes.
8-2 Sebastiana Camargo Cortes.
8-3 Herizor Camargo Cortes.
8-4 Sidney Camargo Cortes.
8-5 Balbina Camargo Cortes.
7-7 João Ribas Camargo, casado com Helena Ciscato.
Filhos:
8-1 Alba Ciscato Camargo.
8-2 Maria de Lourdes, fallecida.
8-3 Osmar Ciscato Camargo.
8-4 Dirceu Ciscato Camargo.
7-8 Etelvina Ribas Camargo, viuva de Ismael Virmond de Queiroz.
Teve:
8-1 Ernesto Queiroz Neto.
8-2 Ennio Camargo Queiroz.
7-9 Maria Ritta Ribas Camargo, fallecida.
7-10 Herminia Ribas Camargo, casada com Ubaldino Taques.
Teve:
8-1 Heliomar Taques Camargo.
8-2 Neuza Taques Camargo.
8-3 Sideria Taques Camargo, fallecida.
8-4 Arthur Osny Taques de Camargo.
7-11 Antenor Ribas Camargo, solteiro.
6-2 Deocleciano de Sá Ribas, casado em primeiras nupcias com Maria Joanna de Faria Ribas e em segundas nupcias com Francisca de Macedo Ribas.
Filhos do primeiro matrimonio:
7-1 Darvina de Sá Ribas, casada com Bernardo de Lacerda.
Teve:

8-1 José.
8-2 Maria Joanna.
8-3 Flavio.

7-2 Edelmira Ribas de Souza, casada com Manoel Correia de Souza.
Teve:
8-1 Rivadavia, nascido a 31 de Julho de 1912.

7-3 Araldina Ribas Marcondes, casada com Ernesto de Lacerda Marcondes.
Teve:
8-1 Mario.
8-2 Marcio.
8-3 Moacyr.
8-4 Mercedes.
8-5 Maria.

7-4 Maria Joanna, solteira.

Do segundo matrimonio teve:

7-5 Alcebiades.
7-6 Juvenilho.
7-7 Lauro.
7-8 Rosa.
7-9 Serafim.
7-10 Ruy.

6-3 Domingos de Camargo Ribas, fallecido solteiro em Morretes, em 1902.

6-4 Ignez de Paula Marcondes, casada com Hermenegildo Alves Marcondes, filho de Verissimo Marcondes e de sua mulher Laurinda de Paula Ribas, filha de Hermenegildo Alves de Araujo e de sua mulher Dina de Paula Xavier, já descriptos em 5-1 de 4-6.
Teve:

7-1 Olegario Ribas de Paula Marcondes, nascido a 20 de Junho de 1883, foi negociante em Curityba com casas de fumo, e salões de bilhar, sendo actualmente Director Thesoureiro da Camara Municipal, casado com Rosa Lustoza de Barros, filha do Commendador Antonio de Barros e de sua mulher Escolastica Lustoza de Barros, 7-1 de 6-5.
Sem filhos.

7-2 Emilia Ribas de Paula Marcondes, casada com Jacquelino Ferreira Ramos.
Teve:
8-1 Elpidio.
8-2 Laurinda.
8-3 Plinio.

8-4 Alba Marcondes, casada com Elzimo Mauricio Wanderley.
Teve:
9-1 Alcidomira.

7-3 Ernesto Lacrose Marcondes, casado com Araldina Faria Ribas.
Filhos:
8-1 Mario.
8-2 Maria.
8-3 Marcio.
8-4 Moacyr.
8-5 Mercedes.

7-4 Garmendio de Paula Ribas, casado com Paulina Ribas.
Sem filhos.

7-5 Maria Rosa, casada a 28 de Junho de 1925 com João Henrique Wischeral.
7-6 João Maria Marcondes.

6-5 Maria da Gloria de Oliveira Ribas, casada com Jorge de Oliveira Silveira, fallecido a 13 de Junho de 1923.
Teve:

7-1 Laurinda Ribas de Araujo, casada com José Saul de Araujo.
Teve:
8-1 Jurandyr.
8-2 Jahyr.
8-3 Horacio.
8-4 Mercedes.

7-2 Mercedes, fallecida solteira na Fóz do Iguassú.

7-3 Magdalena Silveira Vianna, casada com Manoel Vianna Junior.
Teve:
8-1 Aracy.
8-2 Yára.

8-3 Irene.
8-4 Moacyr.
7-4 Carmelia.
7-5 Aristides } gemeos
7-6 Alcebiades }
7-7 Cicero, com 14 annos.

6-6 Serafim de Oliveira Ribas, nasceu em Guarapuava a 4 de Março de 1871, casado em Guarapuava a 26 de Novembro de 1898 com Maria de Belem Loures, filha do Tenente Coronel Antonio de França Loures e de sua mulher Maria Alexandrina de França. E' adiantado industrial em Guarapuava, onde possue importantissima serraria a vapor e machinismos de marcenaria, carpintaria, serraria para construcção de casas, de carroças, etc. Foi proprietario do jornal «O Guayra», que sob a superior direcção do venerando Luiz Daniel Cleves se publicou em Guarapuava. E' abastado proprietario de terras.
Filhos:
7-1 Rutilio, solteiro.
7-2 Haydée.
7-3 Haydo.
7-4 Judith, fallecida.
7-5 Cid.
7-6 Kermite.
7-7 Ardei.
7-8 Arlete.
7-9 Sarah.
7-10 Corina.
7-11 Serafim.
7-12 Rivadavia.
7-13 Morel.

6-7 Coriolano de Sá Ribas, casado com Messia de Moraes Rozeira Ribas.
Sem filhos.

5-2 Domingos de Camargo Ribas, filho de 4-6. Casado com Messia de Camargo Ribas.
Sem filhos.

5-3 Eugenio, fallecido impubere.

4-7 Coronel Antonio de Oliveira Ribas, filho de 3-5. Casado com Rufina Mauricia de Sá, filha do Tenente Antonio Joaquim de Camargo e de sua mulher Mathilde Umbelina da Gloria.
Filhos: (por informações)

5-1 Antonio de Sá Ribas, casado com Maria Josepha de Souza Ribas, filha de Manoel Mendes de Souza e de sua mulher Cezarina Mendes.
Filhos:
6-1 Antonio, fallecido em criança.
6-2 Maria, fallecida em criança.
6-3 Darvina Ribas Ferreira, casada com José Ferreira dos Santos.
Teve:
7-1 Epaminondas Ferreira Ribas, casado com Julia Penteado Ribas.
Sem geração.
7-2 Gelinda Ferreira Ribas, fallecida, casada com Luiz Pahim.
Sem filhos.
7-3 Luiza Ferreira Ribas, solteira.
7-4 Dario Ferreira Ribas, solteiro.

6-4 Rita Ribas Pimpão, casada com José Ferreira Pimpão.
Teve:
7-1 Maria Pimpão Franco, casada com José Aristides Franco, filho de Ignacio Franco.
Teve:
8-1 Izaura.
8-2 Ary.
7-2 Dalvina Ribas Pimpão, casada com Mabio Palhano.
Teve:
8-1 Dalbio.
7-3 Cirila Ribas Pimpão, casada com Alfredo Cirnello.
Teve:
8-1 Enise.
7-4 Djanira Ribas Pimpão, casada com Luiz Ferreira.

Teve:
8-1 Luiz.
7-5 José Ribas Pimpão, solteiro.
7-6 Antonio, fallecido.
7-7 Francisco.

6-5 Rutilio Ribas, casado com Julia Baptista.
Filhos:
7-1 Velson.
7-2 Ulisses, fallecido.
7-3 Antonio.
7-4 Rutilio, fallecido.
7-5 Maria Rosa.
7-6 Cecilia.
7-7 Nilem.
7-8 Bonifacio.

6-6 Antonio de Sá Ribas, casado com Maria Rita Guimarães.
Filhos:
7-1 Antonio.
7-2 João.
7-3 Olintho } gemeos.
7-4 Rutilio, fallecido }
7-5 Nabor.

5-2 Maria Rufina de França Ribas, casada com Manoel José de França Borges.
Sem filhos.

5-3 João Baptista de Sá Ribas, solteiro.

5-4 Raphael Tobias de Sá Ribas, solteiro.

5-5 Cherubina do Nascimento Ribas, casada a 27 de Abril de 1870, com o Coronel Alipio José do Nascimento Souza, nascido na Palmeira a 27 de Outubro de 1845, onde reside ainda hoje, cercado do respeito e consideração geral a que fez juz por uma vida cheia de serviços a sua terra natal e por seu inquebrantavel caracter e altas virtudes. E' prestigioso chefe politico, tendo sido acreditado commerciante em Curityba.
Filho de Estevão Ribeiro do Nascimento e de sua mulher Gertrudes Maria de Almeida e Sá, natural da Palmeira e elle de Entre Rios, antigo Carrapatos; neto pela parte paterna de Estevão Ribeiro de Almeida, natural de S. Catharina, e de sua mulher Maria Luiza de Almeida, natural de S. Paulo; neto pela parte materna de Antonio Joaquim de Camargo e de sua mulher Mathilde Umbelina da Gloria.
Sem descendentes.

5-6 Pedro de Sá Ribas (Nhonhô), nasceu em Palmas a 26 de Abril de 1847, e alli falleceu a 18 de Outubro de 1924. Foi Camarista e Prefeito municipal em Palmas, onde gosou sempre de grande conceito. Casado com Maria Izabel de França Ribas, filha de Francisco de Paula Camargo e de sua mulher Rita Rosa de França.
Filhos:

6-1 Raphael Ribas, foi Camarista em Palmas, casado em primeiras nupcias com Maria da Luz Gonçalves e em segundas nupcias com Adelina Cavalheiro Ribas.
Teve do primeiro matrimonio:
7-1 Pedro Gonçalves Ribas, solteiro.
Teve do segundo matrimonio:
7-2 Alipio Cavalheiro Ribas.
7-3 Florencio.
7-4 Saldanha da Gama Cavalheiro Ribas.
7-5 Maria da Luz.
7-6 Cherubina.
7-7 Osminda.

6-2 Maria Rita Ribas de Albuquerque, casada com Antonio Marcondes de Albuquerque.
Teve:
7-1 Venina de Albuquerque Ferreira, casada com Almanzor Gonçalves Ferreira.
Teve:
8-1 Gladys.
8-2 Haroldo.
7-2 Djanira, solteira.

6-3 Manoel, fallecido em criança.

6-4 Alipio Ribas, casado com Alzira Cavalheiro.
Sem filhos.

6-5 Antonio de Oliveira Ribas, foi Prefeito Municipal da Palmeira, casado com Lavinia de Camargo Ribas.

Filhos:
7-1 Rubens de Camargo Ribas.
7-2 Pedro Alipio, fallecido.

6-6 Francisco de Sá Ribas, casado com Esther de Oliveira Ribas.
Filhos:
7-1 Clarice, fallecida.
7-2 Ademira, fallecida.
7-3 Claire, fallecida.
7-4 Maria Ondina.

6-7 Magno de Sá Ribas, fazendeiro em Campo Erê, casado com Anna Pacheco.

6-8 Epaminondas Ribas, solteiro, criador e fazendeiro em Palmas.

6-9 Nonezia Ribas de Souza, casada com Pedro Laurindo de Souza, Tabellião em Palmeira.
Teve:
7-1 Benoni Laurindo Ribas.
7-2 Maria Angelica, fallecida.
7-3 Amilcar Laurindo Ribas.
7-4 Pedro Laurindo Ribas.

6-10 Amilcar Ribas, fallecido.

6-11 Dogomier Ribas, fazendeiro e criador em Palmas, casado com Augusta Stalschmidt Ribas.
Teve:
7-1 Ruy.

6-12 Gumercindo Ribas, fazendeiro e criador em Palmas, casado com Haydée Ribas.

6-13 Osminda Ribas de Almeida, casada com José Ribas de Almeida, fazendeiro e criador.
Teve:
7-1 Gelta.
7-2 Maria Izabel.

6-14 Semiramis Ribas Mello, casada com Euclides de Mello.
Teve:
7-1 Antonio Ribas de Mello.

6-15 Mauro Ribas, solteiro, dentista em Palmas.

6-16 Persevanda Ribas.

4-8 Rita de Oliveira Ribas, fallecida a 15 de Dezembro de 1857. Casada em Curityba a 8 de Abril de 1831 com o Major Norberto Nunes Barbosa, cidadão venerando, cheio de bondades e de virtudes civicas, exerceu varios cargos publicos. Foi proprietario da fazenda «Santa Barbara» no Uberaba-Curityba, onde falleceu em avançada edade. Filho de Miguel Nunes Barbosa e de sua mulher Victoriana Antonia da Cruz; por esta, neto do Capitão Gaspar da Rocha, fallecido em Paranaguá em 25 de Julho de 1730, e de sua mulher Anna Antonia da Cruz; por elle, bisneto de Luiz da Rocha e de sua mulher Catharina da Veiga.
Teve de seu matrimonio os seguintes filhos:

5-1 João Chrisostomo Barbosa Ribas, nascido em 1836. Foi mencionado no inventario feito por occasião da morte de sua mãe.

5-2 Marianno Nunes Barbosa, falleceu na campanha do Paraguay, em estado de solteiro.

5-3 Coronel Antonio Firmino Barbosa, nasceu a 25 de Setembro de 1844 e falleceu a 26 de Abril de 1915, casado com Anna Maria do Carmo Ribas, filha de José Pinto de Azevedo Portugal e de sua mulher Francisca de Paula Ribas, 5-9 de 4-10.
Filhos:

6-1 Alferes Elias Justino Barbosa Ribas, Juiz municipal supplente de S. João do Triumpho, casado em primeiras nupcias com Eugenia de Sá Ribas; casado em segundas nupcias com Josepha Bello.
Filhos:

7-1 Helena de Sá Ribas, casada com Olegario Pires Ribas, industrial em Entre Rios.
Teve:
8-1 Alvina.

7-2 Eugenia de Sá Ribas, casada em primeiras nupcias com Bruno Jorge Prohmann e em segundas nupcias com Eulalio Ferreira Nunes, proprietario no Passo do Meio-São Matheus.
Filhos do primeiro matrimonio:
8-1 Eugenio Ribas Prohmann.
8-2 Cremilda Ribas Prohmann.
8-3 Doralice Ribas Prohmann.

8-4 Julieta.
8-5 Bruno.
8-6 Carlos.
Do segundo matrimonio teve:
8-7 Uma filha fallecida ao nascer.

7-3 Clotilde Ribas de Paula, casada com João de Paula Sobrinho. Commerciante no Portão, Curityba.
Teve:
8-1 Eugenio.
8-2 Antonio.
E duas filhas fallecidas na primeira infancia.

6-2 Elyseu Justino Barbosa Ribas (gemeo com Elias Justino Barbosa Ribas), casado com Joaquina da Cunha Ribas, filha de João da Cunha e de sua mulher . . . da Lapa.
Filhos:

7-1 Etelvina Ribas, casada com o Capitão Antonio Koslowski.
Filhos:
8-1 Julio.
8-2 Lydia.
8-3 Emilia.
8-4 Theophilo, gemeo com
8-5 Thadeu.
8-6 Nathalia, fallecida.
8-7 Maria.
8-8 Victor, fallecido.
8-9 Leonardo.
8-10 Anna.
8-11 Aluizio.

7-2 Ernesto da Cunha Ribas, casado com Rosa Elki Ribas.
Teve:
8-1 Waldir.
8-2 Leny.
8-3 Olga.

7-3 Genezio da Cunha Ribas, casado com Maria Brudzinski.
Sem filhos.

7-4 Manoel, fallecido.
7-5 Sezinando da Cunha Ribas, casado com Ochesia Bompeche Ribas.
7-6 Elysio da Cunha Ribas Junior, pintor, com 23 annos de edade, solteiro.
7-7 Euclides da Cunha Ribas, com 21 annos de edade, industrial, solteiro.
7-8 Ondina, com 19 annos de edade.
7-9 Juvelina, com 17 annos de edade.
7-10 Olinda, com 13 annos de edade.
7-11 Epaminondas.
7-12 Eraclides.
7-13 Paulo.

6-3 Francisca de Azevedo Ribas, casada com Custodio Mattoso.
Sem descendentes.

6-4 João de Azevedo Barbosa Ribas, funccionario do Estado do Paraná. Foi Collector de Rendas de Antonina, da Foz do Iguassú e de Paranaguá. A' elle e a seu irmão Elysio devemos parte das informações da descendencia de seus avós Norberto Nunes e Rosa Barbosa. Casado em primeiras nupcias com Maria da Luz Sotto-Maior Ribas, filha de João de Abreu Sá Sotto-Maior e de sua mulher Gertrudes Ferreira de Sá; casado em segundas nupcias com Carolina Dalledonne.
Sem descendentes do primeiro matrimonio.
Do segundo matrimonio teve:
7-1 José Maria.
7-2 Maria de Lourdes.

6-5 Joaquim Barbosa Ribas, casado em primeiras nupcias com Luiza Machado Ribas, em segundas nupcias com Maria Joanna da Costa Ribas e em terceiras nupcias com Reynalda da Costa.
Teve do primeiro matrimonio:

7-1 Juvenal Machado Ribas, commerciante, casado com Catharina Schen.
Teve:
8-1 Parahilio.

7-2 Joaquim Machado Ribas, serventuario publico, solteiro.

7-3 Manoel Machado Ribas, fallecido.
Teve do segundo matrimonio:
7-4 Judith.
7-5 Maria Lydia.
7-6 Helena.
7-7 Maria.
7-8 Raul.
Do terceiro matrimonio teve:
7-9 Izauro.
7-10 Joel.

6-6 Alzira Azevedo Ribas Sampaio, casada com Urbano José Sampaio.
Teve:
7-1 Abnel, fallecido.

6-7 Mizael Barbosa Ribas, casado com Maria da Conceição Ferreira Ribas.
Filhos:
7-1 João Vidal Ribas.
7-2 Euclides.
7-3 Nahir, fallecida.
7-4 Julieta.
7-5 Antonio.
7-6 Nahir.
7-7 Waldomiro.
7-8 Avany, fallecida.
7-9 Waldevino.
7-10 Norberto, fallecido.
7-11 Antonio, fallecido.

6-8 Alfredina Ribas de Oliveira, casada com Augusto Flavio de Oliveira, commerciante.
Filhos:
7-1 Nahir.
7-2 Avany.
7-3 Gelcy.
7-4 Oswaldo.
7-5 Julina.
7-6 Deuscelia.
7-7 Maria.
7-8 Augusto.
7-9 Levy.

7-10 Benjamim.
7-11 Norberto, fallecido.
7-12 Euclides, fallecido aos 14 annos de edade.

6-9 Norberto.

6-10 Benjamim Barbosa Ribas, commerciante, casado com Jacquelina de Oliveira Ribas.
Teve:
7-1 Vidalvina.
7-2 Anna, fallecida.

5-4 João Baptista Barbosa Ribas (que não deve ser confundido com seu irmão João Chrisosthomo), nasceu em 1849, foi casado com Honorina Ribas.
Filhos:
6-1 João Baptista Barbosa Ribas Filho, residente no Cupim, casado com Julia Ribas.
6-2 Alfredo.
6-3 Francisco.
6-4 Alvaro.
6-5 Narciso.
6-6 Joaquim.
6-7 Julia.
6-8 Honorina Ribas, casada com Manoel Gomes Veiga, viuvo de Emma Werner.

5-5 Francisca das Chagas de Assis Ribas, casada em Curityba a 21 de Junho de 1854 com José de Sá e Oliveira Ribas, filho de Felisberto Mariano de Oliveira Ribas e de sua mulher Carlota Carolina de Sá. Residem na Palmeira.
Teve um filho unico, fallecido aos 14 annos de edade.

4-9 Gertrudes de Oliveira Ribas, filha de 3-5 de 2-2. Casada com Antonio dos Santos Pinheiro, filho do Sargento-Mór Francisco dos Santos Pinheiro e de sua mulher Anna Maria Francisca Xavier Neves; neto pela parte paterna do Tenente Antonio dos Santos Pinheiro e de sua mulher Anna Gonçalves Cordeiro.
Filhos:

5-1 Joaquim Mariano Ribas, casado com Joanna Ribas.
5-2 Alferes Sinfronio Ribas, fallecido em consequencia de ferimentos recebidos no Paraguay. Foi casado com Escolastica Annunciação Ribas, fallecida em Curityba em Novembro de 1926.
Sem filhos.
5-3 Ricardo dos Santos Ribas, casado com Rosaria Ribas, fallecidos.
Filhos:
6-1 Gertrudes Ribas, casada com Constante da Silva.
Sem filhos.
6-2 Constança Ribas, casada com Clarindo . . . .
Filhos:
7-1
7-2
7-3
5-4 Maria da Gloria Ribas, casada em Curityba a 19 de Dezembro de 1853, com Salvador Antunes, natural de Sorocaba, viuvo de Francisca de Paula. Residem em Cruz Alta-Rio Grande do Sul.
Filhos:
6-1 Serafim Ribas Antunes.
6-2 Thomaz Ribas Antunes.
6-3 Gertrudes Ribas Antunes.
6-4 Bibiana Ribas Antunes.
6-5 Anna Ribas Antunes.
6-6 Antonio Ribas Antunes.
5-5 Antonio dos Santos Ribas, casado em Curityba a 8 de Janeiro de 1868 com Izabel Alves do Prado, filha de Jacintho Leme do Prado e de sua mulher Anna Joaquina Alves de Araujo.
Filhos:
6-1 Lydia, fallecida solteira.
6-2 Ermelina Ribas, solteira.
5-6 João Baptista de Oliveira Ribas, solteiro.
5-7 Francisco dos Santos Ribas, falleceu solteiro.
5-8 Major João Evangelista dos Santos Ribas, com 76 annos de edade, reside em Tamandaré, foi casado com Maria da Conceição Garcez, fallecida com 60 annos de edade, filha de Joaquim Moreira Garcez e de sua

mulher Maria do Rosario Borges de Macedo, dos quaes trataremos no 4.º volume desta Genealogia.
Filhos:
6-1 Iphigenio Garcez Ribas, com 48 annos de edade, casado com Escolastica Franco Ribas.
Sem descendentes.
6-2 João Baptista Ribas, casado com Christina Moreira Ribas.
Teve:
7-1 Maria da Luz de Lara, casada com Diamiro de Lara.
7-2 Esther.
6-3 Joaquim Garcez Ribas, com 38 annos de edade, casado com Maria Felicia da Silva Ribas. Residem na Palmeirinha.
Com 4 filhos.
4-10 Francisca de Paula de Oliveira Ribas, filha de 3-5 de 2-2.
Casada a 19 de Dezembro de 1837 com José Ferreira Pinto de Azevedo Portugal, filho do Coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal e de sua mulher Rita Ferreira de Oliveira Bueno, dos quaes trataremos n'outro volume desta obra.
Teve:
5-1 Maria da Luz Cercal, casada com Manoel de Oliveira Cercal, filho de Manoel de Oliveira Cercal e de sua mulher Maria Munhoz; por esta, neto de Bento Antonio Munhoz e de sua mulher Michelina de Assumpção, naturaes de Cadiz; por seu avô Bento era bisneto de Bernardo Munhoz e de sua mulher Rosa Maria; por sua avó Michelina era bisneto de Manoel Ignacio do Valle e de sua mulher Lourença Maria.
Maria Munhoz, casada com Manoel de Oliveira Cercal, era irmã do Tenente Florencio José Munhoz, casado com Luiza Licia de Lima; de Francisca Munhoz de Siqueira, casada com o Tenente Bento José de Siqueira; de Balbina Maria de Assumpção, casada com o Sargento-Mór Antonio

José de Carvalho, dos quaes trataremos em outro volume desta obra.
Teve:

6-1 Alfredo Luiz de Oliveira Cercal, nascido em Julho de 1855. Foi professor em S. João da Graciosa, Campo Largo e Ponta Grossa; exercendo mais tarde a advocacia em diversas comarcas do Estado. Escreveu peças theatraes, entre ellas: «As victimas do jogo», de collaboração com o professor Serapião do Nascimento. Casado com Maria Olympia de Oliveira Cercal.
Filhos:

7-1 Walfredo Miranda Cercal, casado com Innocencia Prestes Cercal, filha de Joaquim Prestes e de sua mulher Luiza Prestes.
Filhos:

8-1 Walfredina Cercal, casada com Italo Palermo.
Teve:

9-1 Italfredina.
9-2 Innocencia.

8-2 Emilia.
8-3 Maria Luiza.
8-4 Ondina.
8-5 Osny, fallecido.
8-6 Antonio, fallecido.

7-2 Alfredina Cercal Caldeira de Andrade, casada com Luiz Caldeira de Andrade, filho de Felisberto Caldeira de Andrade.
Teve:

8-1 Ary.
8-2 Pery.
8-3 Aracy.
8-4 Osny.
8-5 Darcy.

7-3 Alfredo de Miranda Cercal, casado com Nathalia Rolim de Moura, filha de José Rolim de Moura e de sua mulher Maria Rolim de Moura.
Filhos:

8-1 Eunice.
8-2 Raul.
8-3 Lygia.

8-4 Neuza.
8-5 Alfredina.
8-6 Achilles.

7-4 Leufredina Cercal de Andrade Figueira, casada com Domingos de Andrade Figueira, filho do Conselheiro Domingos de Andrade Figueira e de sua mulher Theodora de Albuquerque Marcondes Andrade Figueira.
Teve:

8-1 Roberto.
8-2 Maria de Lourdes.
8-3 Milton.
8-4 Lygia.
8-5 Domingos.
8-6 Arnaldo.
8-7 Nelson.
8-8 Eunice.
E mais 2 fallecidos.

7-5 Elfrida de Miranda Cercal Assy, casada com José Salomão Assy.
Teve:

8-1 Judith.
8-2 Dalba.
8-3 Pedro.
8-4 Julieta.
8-5 Thereza.
8-6 Walfredo.

7-6 Maria Thereza Cercal Corrêa, musicista e professora da Escola Normal de Ponta Grossa, casada com João Jacundino Corrêa, filho de José Antonio Corrêa e de sua mulher Maria Antonia Corrêa.
Teve:

8-1 Ayrton Corrêa.

6-2 Luiz Ignacio de Oliveira Cercal, foi Tabellião em Campo Largo, Secretario da Corregedoria e hoje é Escrivão do 2.º Cartorio do Civel e Commercio da Capital. Casado em primeiras nupcias com Maria da Luz Souza, em segundas nupcias com Maria Petronilha de Souza (6-3 de 5-7) e em terceiras nupcias

com Magdalena Portella, filha do Coronel Lauro Portella.
Filhos do primeiro matrimonio:
7-1 Helena.
Do segundo matrimonio:
7-2 Luzino.
7-3 Cid de Oliveira Cercal, funccionario da Administração dos Correios do Paraná.
7-4 Maria da Luz.
7-5 Ary.
7-6 Cecy.
7-7 Fanny.
Do terceiro matrimonio não teve filhos.

6-3 Maria dos Anjos Cercal de Siqueira, fallecida, foi casada com Joaquim Alves de Siqueira, filho de Fernando Alves de Siqueira e de sua mulher Maria Alves de Siqueira.
Teve:
7-1 Palmyra Cercal de Siqueira, casada com Ignacio de Sá Sotto Maior Ramos, 7-2 de 6-2.
Teve:
8-1 Ayrton.
8-2 Milton.
8-3 Odigton.
8-4 Reny.
7-2 Aggripina Cercal da Silva, casada com Jorge Soares da Silva, filho de Manoel Bernardo da Silva e de sua mulher Emilia Soares da Silva.
Teve:
8-1 Isis.
8-2 Amneris Soares Silva.
8-3 Arielli.
8-4 Belkis.
8-5 Ivis.
8-6 Ely, fallecida.
7-3 Amenayde Cercal.
7-4 Pery Siqueira, casado com Zoraide de Siqueira.

6-4 Maria da Luz Cercal, casada com Bernardo Marques da Silva, natural de Portugal; ambos fallecidos.
Teve:

7-1 Maria.
7-2 Naura.
7-3 Sylvestre, fallecido.
7-4 Sylvestre, fallecido.
7-5 Benjamim Cercal, solteiro.
7-6 Bernardino Marques da Silva, casado com Anastacia Cantor da Silva, filha de Brasilio Cantor e Maria Amalia, naturaes da Austria.
Filhos:
8-1 Elohy.
8-2 Vollanda.
8-3 Diva.
8-4 Didimo.
8-5 Yone.
8-6 Homero.
8-7 Eloah.

6-5 Maria Augusta Cercal de Paula, casada com Francisco de Paula Xavier.
Teve:
7-1 Deocleciano de Paula Xavier, casado com Maria da Luz Cordeiro.
Teve:
8-1 Arioly.
7-2 Accacio de Paula Xavier, casado com Julieta Toppel, filha de Julio Toppel.
Sem filhos.

6-6 Maria Adelaide Cercal de Souza, casada com Verissimo de Souza, 6-2 de 5-7 adiante.
Teve:
7-1 Levy, failecido.
7-2 Abnél, fallecido.
7-3 Manoel, fallecido.

6-7 Abnél de Oliveira Cercal, casado com Herminia Natel de Paula Cercal, filha de Guilherme de Paula Xavier e de sua mulher Francisca Natel de Paula.
Filhos:
7-1 Helena.
7-2 Nahir.
7-3 Cyro.
7-4 Manoel, fallecido.

7-5 Lygia.

6-8 Manoel de Oliveira Cercal, casado com Domitilla Portella, filha do Coronel Daniel de Oliveira Portella e de sua mulher Maria do Céo Portella.
Teve:
7-1 Luiz Cercal Sobrinho, solteiro.

5-2 Geraldo Ferreira Pinto de Azevedo Portugal, casado com Ambrosina Taques, irmã de Balduino Taques.
Sem filhos.

5-3 Manoel Pinto de Azevedo Portugal, fallecido solteiro.

5-4 Gertrudes Ferreira Sotto Maior, casada com João de Abreu Sotto Maior, fallecidos.
Filhos:
6-1 Ignacio de Sá Sotto Maior, fazendeiro na Fóz do Iguassú, se casou em primeiras nupcias com Rita Amorim, a qual falleceu sem deixar filhos. Casado em segundas nupcias com Rita Guimarães.
Filhos do segundo matrimonio:
7-1 Sylvio de Sá Sotto Maior, commerciante em Ponta Grossa, casado com Malvina Rocha.
Filhos:
8-1 Carlos.
8-2 Sylvia.
8-3 Jupyra, fallecida.
8-4 Luiza, fallecida.
8-5 Maria da Conceição.
8-6 Rita.

7-2 Semyramis Sotto Maior Ferreira, casada com Joaquim da Silva Guimarães Ferreira, funccionario federal em Victoria (Estado do Espirito Santo).
Filhos:
8-1 Guiomar, fallecida.
8-2 Manoel.
8-3 Maria de Lourdes.
8-4 Stella.
8-5 Flora.
8-6 Torquata Rita.
8-7 Semyramis.

7-3 Sibylla Sotto Maior Ferreira, casada com Candido das Chagas Ferreira, commerciante na Fóz do Iguassú.
Filhos:
8-1 Iguassuína.
8-2 João.
8-3 Saulo.
8-4 Aroldo.
8-5 Ruy.
8-6 Maria de Lourdes.
8-7 Irene, fallecida.
8-8 David, fallecido.

7-4 Selmyro Sotto Maior, fallecido.

7-5 Sara Sotto Maior Pedroso, casada com Accacio Pedroso, commerciante na Fóz do Iguassú.
Filhos:
8-1 Ignacio.
8-2 Ruth.

7-6 Salomão.

7-7 Selmira.

7-8 Saul.

7-9 Saruina.

7-10 Sirth.

6-2 Maria da Conceição Sotto Maior Ramos, casada com Manoel Ramos, contador aposentado da Delegacia Fiscal do Thesouro Nacional em Curityba.
Filhos:
7-1 Judith Ramos de Sá, casada com João Enéas de Sá, chefe de secção da Administração dos Correios do Paraná, filho do Coronel Ignacio de Sá Sotto Maior, que foi correcto e competente funccionario da Fazenda, e de sua mulher Januaria de Paula Sotto Maior.
Filhos:
8-1 Flavio, funccionario ferroviario.
8-2 Lauro.
8-3 David.
8-4 Alice.
8-5 Virgilio.
8-6 João.
8-7 Judith.

7-2 Ignacio Sotto Maior Ramos, funccionario federal na Fóz do Iguassú, casado com Palmyra Cercal.
Filhos:
8-1 Ayrton.
8-2 Milton.
8-3 Reny Argentina.
8-4 Oddinghton.

7-3 Josima Ramos de Neiva, casada com Manrique Neiva de Lima, fazendeiro em S. Jeronymo.
Filhos:
8-1 Maria da Conceição.
8-2 José.
8-3 Maria Alzira.
8-4 Maria Honorina.
8-5 Maria Adelaide.
8-6 Manrique.
8-7 Alvaro, fallecido.
8-8 Maria de Lourdes.
8-9 João Manoel.
8-10 Maria José.
8-11 Jeronymo.

7-4 Isauro Sotto Maior Ramos, funccionario da Delegacia Fiscal em Curityba, casado com Amelia Fleischfresser.
Filhos:
8-1 Osmira.
8-2 Oruasi.
8-3 Maria da Conceição.
8-4 Idamys.
8-5 Lucy.

7-5 Julina Ramos de Macedo, professora normalista, casada com o Dr. Antonio Loyola de Macedo, medico, residentes em Tibagy, 7-7 de pagina 311 deste volume.
Sem filhos.

7-6 Juvelina Ramos de Alegre, casada com Fernando Alegre de Alarcon, natural do Paraguay, Consul da Republica Argentina no Paraná.
Filhos:
8-1 Hygino Manoel.
8-2 Ricardo Roberto.
8-3 Maria Sophia.

8-4 Maria Judith.
8-5 Carlos Alberto.
8-6 Fernando Raul.
8-7 Maria Thereza.

7-7 Erothides Sotto Maior Ramos, industrial em Curityba, casado com Julia Bentim da Costa.
Teve:
8-1 Maria da Conceição.

7-8 Ibrantino Sotto Maior Ramos, funccionario publico no Districto Federal, casado com Junia Sotto Maior Lagos, 8-7 de 7-4 adiante.
Filhos:
8-1 Jaziél.
8-2 Ulysses.
8-3 Nilsen.

7-9 Javina Ramos Lagos, casada com o Dr. Joel Antonio Sotto Maior Lagos, medico, residente em Jacarésinho, 8-1 de 7-4 adiante.
Teve:
8-1 Annita Apparecida.

7-10 Jesielita, solteira.
E mais seis filhos fallecidos em tenra edade.

6-3 Francisca Sá Pereira de Souza, fallecida, foi casada com Manoel Pereira de Souza, funccionario estadoal e jornalista, tambem fallecido.
Filhos:

7-1 Rosa Sá Pereira de Carvalho, professora normalista, com exercicio no curso intermediario da Escola Normal da Capital, casada com Raul Carvalho, engenheiro agronomo e funccionario ferroviario.
Filhos:
8-1 Marius Julius, fallecido.
8-2 Aramis.
8-3 Francisco Manoel, fallecido.
8-4 José Maria, fallecido.

7-2 Tullio Sá Pereira de Souza, 1.º official da Repartição Central de Policia, solteiro.
7-3 Maria de Jesus, solteira.
7-4 Amelia Sotto Maior Lagos, fallecida, foi casada

com João Borges Lagos, funccionario da Recebedoria do Districto Federal.
Filhos:
8-1 Dr. Joel Antonio Sotto Maior Lagos, medico, residente em Jacarésinho, casado com Javina Ramos, 7-9 de 6-2 retro.
Teve:
9-1 Annita Apparecida.
8-2 Annita, fallecida.
8-3 Dr. Jacy Sotto Maior Lagos, funccionario da Recebedoria do Districto Federal, engenheiro agronomo, casado com Eulina Gonçalves.
Teve:
9-1 Amelia.
8-4 Jenny Sotto Maior Lagos, pharmaceutica, solteira.
8-5 Jairo Sotto Maior Lagos, fazendeiro em S. Jeronymo, solteiro.
8-6 Jessé Sotto Maior Lagos, estudante de medicina em Curityba, solteiro.
8-7 Junia Sotto Maior Lagos Ramos, casada com Ibrantino Ramos, funccionario federal, 7-8 de 6-2 retro.
Filhos:
9-1 Jaziél.
9-2 Ulysses.
9-3 Nilsen.
8-8 Jaziél Sotto Maior Lagos, veterinario, residente em Campo Grande (Estado de Matto Grosso), solteiro.

6-4 Olympio de Sá Sotto Maior Sobrinho, funccionario da Collectoria Estadoal em Jacarésinho, casado em primeiras nupcias com Arminda do Paranapanema Borba, casado em segundas nupcias com Elisa Guimarães.
Filhos do primeiro matrimonio:
7-1 Arlindo, fallecido.
7-2 Boanerges Borba Sotto Maior, escrivão na Fóz do Iguassú, casado com Vicenta Sotto Maior.
Filhos:
8-1 José Olympio.

8-2 Maria Cacilda.
8-3 Ignacio.
7-3 Cacilda Borba Sotto Maior, casada com João de Sá Sotto Maior, funccionario estadoal em Porto Amazonas, 6-5 de 5-4.
Filhos:
8-1 Maria José.
8-2 Dimas.
8-3 Ranulpho.
8-4 José Maria.
8-5 Sebastião, fallecido.
8-6 Lygia.
7-4 Dalila, fallecida.
7-5 Esther Borba Sotto Maior Bianchini, casada com Carlos Bianchini, viajante do commercio.
Sem filhos.
7-6 Fulvio Borba Sotto Maior, funccionario da Collectoria Estadoal de Araucaria, casado com Laura Ferreira.
Não teve filhos.
Filhos do segundo matrimonio:
7-7 Geny, solteira.
7-8 Hildo, fallecido.
7-9 Isauro, fallecido.
7-10 Jahir, solteiro.
7-11 Kildo, solteiro.
7-12 Lelio, solteiro.
7-13 Maria de Lourdes, solteira.
7-14 Newton.
7-15 Orpheu, fallecido.
7-16 Plinio, fallecido.
7-17 Therezinha de Jesus.
6-5 Maria da Luz Sotto Maior Ribas, fallecida, foi casada com João de Azevedo Barbosa Ribas, funccionario estadoal.
Não teve filhos.
6-6 João de Sá Sotto Maior, funccionario estadoal em Porto Amazonas, casado com Cacilda Borba Sotto Maior, 7-3 de 6-4 retro.
Filhos:

7-1 Maria José.
7-2 Dimas.
7-3 Ranulpho.
7-4 José Maria.
7-5 Sebastião, fallecido.
7-6 Lygia.

6-7 Maria da Trindade Sotto Maior Santos, casada com Emiliano Santos, commerciante em Ponta Porã (Estado de Matto Grosso).
Filhos:
7-1 Lauro Sotto Maior Santos, fazendeiro em Matto Grosso, casado com Estephania da Silveira.
Filhos:
8-1 Raul, fallecido.
8-2 Tullio.
8-3 Heitor.
7-2 Dalila Santos Barros, casada com Leonel de Souza Barros, commerciante em Matto Grosso.
Filhos:
8-1 Adelia.
8-2 Miracy.
8-3 Mauro.
8-4 Ary.
7-3 Maria Adila de Lamonica, casada com Alberto Dulce de Lamonica, commerciante em Matto Grosso.
Teve:
8-1 Luiz.
7-4 Nathalia Santos Cassia, casada com Domingos Cassia, fazendeiro em Matto Grosso.
Filhos:
8-1 Mariano Heitor.
8-2 Patricio Manoel.
7-5 Raul, fallecido aos 7 annos de edade.
7-6 Raulino, solteiro.
7-7 Elisa, solteira.
7-8 Nahir, solteira.
7-9 Flavio, solteiro.

6-8 Manoel de Sá Sotto Maior, fallecido, era funccionario publico estadoal e casado com Hercilia Pinheiro Lima, filha do Coronel Benigno Augusto Pinheiro Lima e de sua mulher Maria Geraldina Rosa de Lima.
Filhos:
7-1 Manoel de Assis.
7-2 Aracybilla.
7-3 Leonidas.
7-4 Hernani.
7-5 Joel.
7-6 Maria Gertrudes.
7-7 Flora.

6-9 Mario de Sá Sotto Maior, fazendeiro em S. Jeronymo, casado com Aurea Guimarães.
Filhos:
7-1 Julieta.
7-2 Esmeraldo.
7-3 Celanira.
7-4 Isaura.
7-5 Maria Gertrudes.

6-10 Maria Honorina Sotto Maior Mendes, fallecida, foi casada com Pedro Mendes, industrial no Estado de S. Paulo.
Filhos:
7-1 Ignez.
7-2 Cecilia, fallecida.
E mais 6 filhos fallecidos em criança.

5-6 Maria de Jesus Ferreira Vidal, casada com Bento Ferreira Vidal, filho de João Ferreira Nunes e de sua mulher Izabel Nunes.
Teve:
6-1 Waldomiro Ferreira Vidal, casado com Hercilia Maria de Ramos Vidal, filha de Francisco de Ramos e de sua mulher Joaquina Ferreira de Ramos.
Filhos:
7-1 João.
7-2 Maria de Jesus.
7-3 Octavio.
7-4 Herminia.
7-5 Adilia.
7-6 Clodomira.
7-7 Joaquina, fallecida.

6-2 Maria da Conceição Vidal Ribas, fallecida com 75 annos em Palmyra, casada com Misael Barbosa Ribas, fallecido em 1915 aos 71 annos de edade, filho de Antonio Firmino Barbosa Ribas e de sua mulher Anna Maria do Carmo Ribas, 5-3 de pagina 413.
Teve:
7-1 João.
7-2 Julieta.
7-3 Euclides.
7-4 Avany, fallecida.
7-5 Norberto, fallecido com 4 mezes.
7-6 Antonio, fallecido com 2 annos.
7-7 Antonio.
7-8 Nair, fallecida.
7-9 Waldomiro.
7-10 Waldevino.
7-11 Nair.
7-12 Maria, fallecida.

6-3 Izabel Vidal Ramos, casada com João Victor Ramos, filho de Braz Ribeiro Gomes e de sua mulher Anna Maria Ribeiro.
Teve:
7-1 Eduardo.
7-2 Elisa.
7-3 Emilio.
7-4 Elias.
7-5 Ermelino.
7-6 Hercilia.

6-4 Gertrudes Vidal Taborda, casada com João Taborda, filho de Ponciano Taborda e de sua mulher Maria Taborda.
Teve:
7-1 Juvenal.
7-2 José.
7-3 Victalina.
7-4 Ramiro.
7-5 Julieta.
7-6 Julia.

6-5 João Ferreira Vidal, casado com Julia Maria do Nascimento Ribas.

Filhos:
7-1 Albino.
7-2 João Maria.
7-3 Nair.
7-4 Nisia.
7-5 Abnel, fallecido.
7-6 Arlindo, fallecido.

6-6 José Ferreira Vidal, casado com Maria da Conceição de Paiva Vidal, filha de Balduino Vidal e de sua mulher . . . . Vidal.
Filhos:
7-1 Adir, fallecido.
7-2 Bento, fallecido.

6-7 Maria Magdalena Vidal, casada com Zacharias Ferreira Ramos, filho de Sebastião de Ramos e de sua mulher Geraldina Ferreira da Luz.
6-8 Francisca.
6-9 João, fallecido.
6-10 José, fallecido.

5-7 Paulina Ferreira de Souza, professora publica, aposentada, fallecida a 5 de Fevereiro de 1919, casada com o Capitão Firmino Lourenço de Souza, nascido em Campo Largo a 10 de Agosto de 1845, filho de Verissimo Antonio de Souza Junior, fallecido em 1848, que foi casado em Curityba a 1.º de Março de 1803 com Maria Izabel dos Santos e Souza; neto pela parte paterna do Capitão Verissimo Antonio de Souza (consta ser de ascendencia regia pela parte paterna; foi Mordomo da casa imperial), Capitão Medico de Milicias, casado com Joaquina Rosa de Souza, natural da cidade de Angra (segundo informações que nos foram fornecidas). Neto pela parte materna de Salvador dos Santos Ribas e de sua mulher Romana Cordeiro; neto pela parte materna de Salvador dos Santos Ribeiro e de sua mulher Thomazia Cordeiro.
O Professor Firmino Lourenço de Souza possuia inclinação para o magisterio, e por muitos annos entregou-se ao ensino gratuito dos filhos dos lavradores pobres de Campo Largo, demonstrando intuição

da sciencia de educar e incutir em seus alumnos o amor ao estudo.
Foi propagandista da Republica e da emancipação dos escravos.
Em 1886, abraçou a religião Evangelica.
Teve:
6-1 Maria, fallecida ao nascer.
6-2 Professor Verissimo Antonio de Souza, matriculou-se em 1891 na Escola Normal de Curityba, que frequentou com seu irmão Dr. Lourenço de Souza, com o Dr. M. A. Silveira Netto, Dr. Ernesto de Oliveira e D. Julia Wanderley Petriche. Exerceu o magisterio publico no Paraná, durante 29 annos, em varias cidades e na Capital. Em Curityba tomou parte no «Congresso Maçonico», representando a Loja S. Antonio da Lapa; no «Congresso dos Professores» e no «Segundo Congresso Nacional de Geographia», como adherente, e como delegado do «Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas». Em collaboração com o Dr. Lourenço de Souza publicou: «Pontos de Nossa Historia (já em 7.ª edição) e longa serie de artigos de polemica, historico-religioso, em defesa do referido livro, respondendo aos Drs. Carlos de Laet, Affonso Celso, Lacerda de Almeida, Lucio dos Santos e padre Fernando Taddei.
Escreveu na «Escola», «Estudos sobre a letra — A» (crase) e em folheto «Reflexões sobre a lingua allemã e a inglesa» (these de concurso). Tem em preparo a traducção de um livro de contos allemães. Ardorosamente advogou pela imprensa a liberdade espiritual e a reforma do ensino adoptada nas republicas Platinas. Na imprensa e na mencionada «Escola» publicou trabalhos literarios, pedagogicos e religiosos. Collaborou em jornaes e revistas do Paraná, S. Paulo, Capital Federal, Minas e Pernambuco, sendo: Revistas — «Escola», «A casa do Lavrador», «Revista do Centro de Letras», «Myrto e Acacia», «Ordem e Trabalho» e «Anthos»; jornaes: — Diario da Tarde, Gazeta do Povo, Correio do Sul, Commercio, Tribuna, Republica, Folha Rosea Campolarguense (Paraná), Puritano (Rio), Estandarte, Concordia (S. Paulo), O Reformador (Minas), O Norte Evangelico, O Expositor (Pernambuco).
E' do Centro de Letras do Paraná (fundador) e socio correspondente do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas.
Casado com Adelaide Cercal de Souza, filha de Manoel Oliveira Cercal e de sua mulher Maria de Souza Cercal.
Filhos:
7-1 Levy, fallecido.
7-2 Abnél, fallecido.
7-3 Manoel, fallecido.
6-3 Maria Dallila de Souza, casada com João Chenosky.
Teve:
7-1 Generoso.
7-2 Nair.
6-4 Dr. Lourenço Antonio de Souza, nascido em Campo Largo a 23 de Outubro de 1875. Em 1892 diplomou-se na Escola Normal de Curityba, sendo por varios annos professor publico da Capital.
Sem medir sacrificios e com uma tenacidade sem limites, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Paraná, conquistando o gráu de Doutor em 5 de Janeiro de 1920.
Em collaboração com seu irmão Verissimo Antonio de Souza, escreveu o livro didactico «Pontos de Nossa Historia».
Escreveu mais: «Educação da Mulher», «Influencia de Jesus no mundo», «Educação da Memoria», «Brevidade da Vida», «Puericultura», «Ruptura do utero» (these inaugural).
Deixou o magisterio para exercer a medicina.
Casado com Maria da Conceição Martins, filha de Francisco Correia Martins e de sua mulher Maria Araujo Martins. E' divorciado judicialmente.
Filhos nascidos na constancia do matrimonio:
7-1 Allyrio de Souza, tenente do Corpo de veterinaria do exercito.
7-2 Cynira.

7-3 Eurico.
7-4 Ruy.
7-5 Paulo.
7-6 Ondina.
7-7 Paulina.

6-5 Maria da Luz Cercal, fallecida, foi casada com Luiz Ignacio de Oliveira Cercal.
Teve:
7-1 Helena, fallecida.

6-6 Maria Petronilha de Souza Cercal, casada com Luiz Ignacio de Oliveira Cercal, 6-2 de 5-1 de 4-10 de 3-5 de 2-2 retro.
Ahi a geração.

6-7 Professora Maria Esther de Souza Knerr, casada com Augusto Knerr, filho de Guilherme Knerr e de sua mulher Maria Knerr.
Teve:
7-1 Clotilde.
7-2 Elza.
7-3 Nilo.
7-4 Arnoldo.

6-8 Maria Placidia de Souza, fallecida, foi casada com Ignacio Alves de Souza Filho, filho de outro de igual nome e de sua mulher Thereza Alves de Souza.
Teve:
7-1 Oswaldo.
7-2 Ignacio.
7-3 Thereza.
7-4 Christovam Colombo.
7-5 Ary, fallecido.
7-6 Alzira, fallecida.
7-7 Oscar, fallecido.

6-9 Elias, fallecido.
6-10 Helena, fallecida.
6-11 Maria da Gloria, fallecida.
6-12 Manoel, fallecido.
6-13 Izaias.
6-14 Maria de Jesus, fallecida.

5-8 Maria Magdalena Rüppel, casada com Sylverio Rüppel, filho de João José Rüppel e de sua mulher Virginia Martins Rüppel.
Teve:

6-1 Sylvia Rüppel Abdalla, casada com Gabriel Abdalla.
Teve:
7-1 Sylverio.
7-2 Zaira.
7-3 Jorge.
7-4 Cenuci.
7-5 Carine.
7-5 Antonia.
7-7 Zayo.
7-8 Nascibel, fallecida.

6-2 Sylvina Rüppel de Castro, casada com João de Deus Castro.
Teve:
7-1 Juracy.
7-2 Laerzio.
7-3 Oalvo, fallecido.
7-4 Maria Iphigenia, fallecida.
7-5 Maria Celina.
7-6 Roberto, fallecido.

6-3 Sylmira Rüppel de Bittencourt, casada com o Major Antonio Thomaz de Bittencourt, prestigioso chefe politico em Campina Grande, Quatro Barras e Deodoro.
Teve:
7-1 Lourival.
7-2 Levy.
7-3 Leony.
7-4 Azyoleh.
7-5 Leizer.
7-6 Aydyl.
7-7 Avany.
7-8 Altahir, fallecido.

6-4 Sylvio Rüppel, casado com Lydia Gau.
Filhos:
7-1 Oswaldo.
7-2 Jayr.

6-5 Sylvanira Rüppel de Mattos, casada com Mario de Mattos.

Teve:
7-1 Hamilton.
7-2 Véra.
7-3 Marinha, fallecida.
7-4 Sidney.
7-5 Igey,

6-6 Severo Rüppel, casado com Ricardina dos Santos.
Filhos:
7-1 Antonio.
7-2 Alinda.
7-3 Ivan.

6-7 Sylvira Rüppel Glück, casada com Luiz Carmeliano Glück.
Teve:
7-1 Augusto.
7-2 Maria Luiza.

5-9 Anna Maria do Carmo Ribas, casada com o Coronel Antonio Firmino Barbosa Ribas, 5-2 de 4-8 de 3-5 de 2-2 retro.
Ahi a geração.

5-10 Galdina Pinto Ribas Padilha, casada com José Gonçalves Padilha, filho de José Maria Padilha e de sua mulher Josepha Thereza Bastos Padilha, dos quaes trataremos no 3.º volume desta Genealogia.
Teve:

6-1 Manoel da Trindade Padilha.

6-2 Francisca Padilha Rüppel, casada com Antonio Rüppel, filho de João José Rüppel e de sua mulher Virginia Martins.
Sem filhos.

6-3 Sezefredo Padilha, casado com Clara Florencia Padilha.
Filhos:
7-1 Rodolpho.
7-2 Walfrido.
7-3 João.
7-4 Leofredo.
7-5 Sylvanira.

6-4 Abel Padilha, casado com Maria da Luz Bittencourt.

Filhos:
7-1 . . . .
7-2 Altevir.

6-5 Rodolpho Padilha, fallecido.

5-11 Rita, fallecida solteira.

5-12 José Ferreira de Azevedo Portugal Filho, fallecido solteiro.

5-13 Francisco Ferreira Pinto de Azevedo Portugal.

4-11 Anna Maria de Oliveira Ribas, filha de 3-5 de 2-2 do § 2.º retro, casada com Antonio Antunes da Costa, importante estancieiro no Rio Grande do Sul.
Teve:

5-1 Salvador Antunes Ribas ou da Costa, casado com Bibiana Ribas.

5-2 Barbara Ribas Pinheiro, viuva de Joaquim Pinheiro Machado.

5-3 Emilia Ribas Machado, viuva de Francisco das Chagas Machado.

5-4 José Antunes Ribas.

5-5 João Antunes Ribas.

5-6 Dezembargador Antonio Antunes Ribas, nascido a 8 de Outubro de 1844, no municipio de Santo Angelo, Rio Grande do Sul.
Fez o seu curso de preparatorios em Porto Alegre, seguindo a matricular-se na Faculdade de Direitos de S. Paulo.
Sentindo vibrar-lhe no peito a fibra varonil, obedecendo aos impulsos do patriotismo, interrompeu os seus estudos para, encorporado aos Voluntarios da Patria, marchar para o Paraguay em desafronta dos brios offendidos da nacionalidade brasileira; d'ahi voltou, apóz haver conquistado por serviços relevantes, o posto de Tenente de Cavallaria. A sua saude alterada, não lhe permittiu continuar na acção militar; voltou á Patria e á Paulicéa, onde completou o curso academico em 1868, quando recebeu o gráu de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. Ao regressar ao Rio Grande, passou pelo Paraná, contrahindo nupcias em Curityba, a 2 de Março de

1869, com Lydia Rozeira Ribas, filha do Tenente Coronel Firmino Gonçalves Cordeiro e de sua mulher Anna de Moraes Rozeira; neta pela parte paterna do Coronel Modesto Gonçalves Cordeiro, um dos mais prestigiosos chefes politicos do Paraná, e de sua mulher Justina Rodrigues da Trindade; neta pela parte materna do Commendador Manoel Gonçalves de Moraes Rozeira e de sua mulher Maria Rosa Pereira Rozeira. Chegado á terra natal estabeleceu domicilio em Cruz Alta, onde exerceu o cargo de Promotor Publico, com inteireza de caracter, austeridade e culto á justiça. Em 1872, residia em Porto Alegre, onde redigiu a «Reforma», importante orgão liberal do Rio Grande, que exerceu forte influencia durante a agitação da imprensa partidaria; como tambem, servindo as tradicções liberaes, prestou relevantes serviços agindo na tribuna e nos comicios. De 1874 a 1878, exerceu as funcções de Juiz Municipal e de Orphãos. Adoptando a direcção do chefe do partido liberal, Conselheiro Gaspar da Silveira Martins, foi eleito deputado á Assembléa Provincial, onde representou saliente papel. Divergencias com o chefe do seu partido, o levaram a dissidencia, revelando-se de uma aproveitavel competencia directora, quando enfrentando o poderio de seu chefe, abalou o prestigio do grande tribuno, demonstrando o seu valor quando pleiteou a sua propria eleição de deputado geral, pelo segundo districto do Rio Grande do Sul. Na Camara alta representou saliente papel. Essas qualidades superiores o indicaram aos homens da Republica que se acabava de proclamar.

O General José Simeão de Oliveira, nomeado governador provisorio de Pernambuco, o convidou para chefe de policia daquelle Estado; nesse cargo teve opportunidade de revelar as suas altas qualidades e invejavel actividade. Regressando ao seu Estado natal, foi eleito deputado á Constituinte republicana que organisou e decretou a Constituição Rio-Grandense de 14 de Julho, tendo tido occasião de demonstrar o seu valor moral e rija tempera, alliados a uma competencia pouco vulgar. Constituido o Estado, o seu nome foi incluido na organisação do Superior Tribunal, do qual foi eleito successivamente Vice-Presidente. Magistrado integro, cultor sereno da justiça, soube se ro-

dear da estima e do respeito dos seus pares e de seus concidadãos.

O Dr. Julio de Castilhos, eleito presidente do Estado, ahi o foi buscar para confiar-lhe mais uma vez o cargo de Chefe de Policia. No periodo da Lucta, foi de uma actividade espantosa, de uma energia de vontade sem par, prestando reaes serviços á sua terra. O advento da Republica o veio encontrar, não como um adherente, mas como um convicto. As suas idéas altamente liberaes, o desilludiram dos processos do extincto regimen e as suas sympathias voltaram-se para a Republica. Na Maçonaria Rio-Grandense exerceu posição de notavel destaque; e aos seus ingentes esforços se deve a interferencia dessa instituição nos destinos sociaes. Como grão-mestre da Maçonaria Rio-Grandense, cargo que exerceu durante 10 annos, prestou relevantissimos serviços a essa instituição a que se consagrou, fazendo por ella todos os sacrificios, com desinteresse e abnegação sem par. No periodo agitado da lucta, quando os maçons Rio-Grandenses se separaram do Grande Oriente do Rio de Janeiro, se constituindo em potencia autonoma, foi um combatente de primeira linha, de ardor e energia incomparaveis, como foi depois chefe calmo e conciliador, quando aquella instituição entrou no seu estadio de organisação definitiva. Espirito viril, voluntarioso, mas, tolerante e justiceiro, o Dezembargador Antunes Ribas como chefe da Maçonaria Rio Grandense, revelou admiraveis qualidades de governo, d'ahi a inalteravel estima que geralmente gozou. Fundou escolas em todos os recantos do Rio Grande, onde o ensino leigo era ministrado gratuitamente a todos, principalmente aos filhos de operarios, lavradores e demais pessoas pobres. Fundou centros em varios pontos do Estado, onde se debatiam as idéas liberaes, e onde se dava formidavel combate ao ultramontanismo avassalador.

Falleceu este grande liberal em Porto Alegre, em 21 de Junho de 1904.

Teve de seu matrimonio:

6-1 Anna Ribas Antunes de Ramos, casada com José Maria Antunes de Ramos.

6-2 Mario Antunes Ribas casado com Zulmira Antunes Ribas.

Sem filhos.

6-3 Lydia Ribas Perdigão, casada com o Coronel Manoel da Silva Perdigão, official do exercito da guarnição de Curityba, filho de Marcellino José de Azevedo Perdigão e de sua mulher Marianna Serra da Silva Perdigão, naturaes do Maranhão.
Teve:
7-1 Marcellino Ribas Perdigão.
7-2 Mario Ribas Perdigão.
7-3 Eduardo Ribas Perdigão.
7-4 Eunice.
7-5 Edith.
7-6 Marianna.
7-7 Lydia.
7-8 Carlos.
7-9 Nelly.
7-10 Zayla.
7-11 Therezinha.

6-4 Malvina Antunes Ribas, professora publica em Porto Alegre, solteira.

6-5 Antonio Antunes Ribas, cirurgião dentista, residente em Lages, S. Catharina. Casado com Guilhermina Nervas Ribas.
Filhos:
7-1 Martinho Nervas Ribas.
7-2 Ulysses Nervas Ribas.

4-12 Maria Magdalena de Oliveira Ribas, foi casada com o Capitão José de Sá Sotto Maior, residente na Lapa. Era negociante de tropa de animaes. Em uma de suas viagens para o Sul, em 1832, desappareceu de forma a não mais ser encontrado. Pelos vestigios que deixou escripto em cascas de palmito, se verificou haver sido prezo pelos indigenas; entre esses escriptos foi encontrado um com os seguintes dizeres: «Aqui vae José de Sá prezo pelos indios; acudam-me pelo amor de Deus». Diversas escoltas o procuraram em todas as direcções, sem resultado. Era filho do Coronel Ignacio de Sá Sotto Maior e de sua mulher Anna Maria Bueno, fallecida com testamento em 1842;

neto pela parte paterna de Leonel Abreu Sotto Maior e de sua mulher Feliciana Luiza Pereira de Magalhães, naturaes de S. Martinho de Gandara-Portugal; neto pela parte materna do Tenente Coronel Francisco Xavier Pinto e de sua mulher Rita Ferreira Bueno.
Deixou 2 filhos: (C. O. de Curityba.)
5-1 Maria
5-2 Joaquina } gemeas, com 10 annos em 1842.

4-13 João Evangelista de Oliveira Ribas, falleceu em 17 de Fevereiro de 1836, sendo casado com Francisca Maria de Santa Ursula. Moradores na Palmeira. Ella ainda era viva em 1856. (C. O. de Curityba.)
Teve:
5-1 Anna de Oliveira Ribas, que em 1853 já era casada com João Antonio Ferreira.
5-2 Francisca Rosa Ribas, casada antes de 1853, com Antonio Joaquim de Barros.
5-3 Maria Benedicta Ribas, casada antes de 1853, com Tristão Alves do Nascimento.
5-4 Joaquim Marcondes Ribas, com 8 annos em 1836.
5-5 Maria Rosa, com 4 annos em 1836.
5-6 Gertrudes Ribas, com 2 annos em 1836.
5-7 Branca Ribas, com 3 mezes em 1836.

3-6 José Maria Ribeiro Ribas, filho de 2-2 do § 2.º Solteiro em 1796, com 30 annos de edade.

3-7 Maria Clara Ribas, nascida em 1768, casada com Thomé José Monteiro Braga.

3-8 Gabriel Ribeiro Ribas, solteiro com 26 annos em 1770.

3-9 Raphael Ribeiro Ribas, nascido em 1769.

3-10 Serafim Ribeiro Ribas, filho de 2-2 do § 2.º Solteiro com 24 annos em 1796.

3-11 Clara Maria Rodrigues, filha de 2-2 do § 2.º, casada com Francisco José de Almeida, fallecido a 29 de Maio de 1796.

3-12 Cordula Maria Rodrigues Ribas, falleceu solteira com 61 annos, a 17 de Junho de 1826, em Curityba, com testamento.

3-13 Victoriana, nascida a 26 de Novembro de 1748 e fallecida a 25 de Maio de 1768.

3-14 Maria, fallecida aos 19 annos, solteira, a 29 de Maio de 1769. Filha de 2-2 do § 2.º

2-3 Dr. Lourenço Ribeiro de Andrade, filho do Capitão Miguel Rodrigues Ribas e de sua mulher Maria Rodrigues de Andrade do § 2.º, Capitulo 2.º deste Titulo. Nasceu em Curityba a 24 de Setembro de 1724 e falleceu em 1799. Foi Capitão-Mór de Curityba, onde exerceu outros cargos da Governança. Gozou de grande prestigio entre os seus concidadãos. Fez parte das Expedições ao Tibagy e Guarapuava em 1769, ao mando do Tenente Coronel Affonso Botelho de Sampaio e Souza, na qualidade de Thesoureiro da expedição. Mantinha grandes rivalidades e disputas com o Sargento-Mór Simão Gonçalves de Andrade, disputas que foram partilhadas e continuadas por seus descendentes. (Vêr justificação de pagina 550 do 1.º volume desta obra.)

Perante o Conselho da Camara, reunido em sessão de 1.º de Janeiro de 1762, compareceu o licenciado Lourenço Ribeiro de Andrade e requereu ao Ouvidor da comarca que suspendesse e impedisse a posse do Juiz eleito Manoel de Souza Castro, por ter sido a sua eleição feita por «afetassão do Juiz Presidente», que então era o Sargento-Mór Simão Gonçalves de Andrade.

Sendo uma eleição feita a bico de penna (de ganço) não podia ella produzir os seus effeitos, muito embora o eleito já estivesse reconhecido, pois a isso equivalia o acto do Ouvidor geral, reconhecendo a validade d'ella, tanto que expediu o mandado de usança. Pouco importava que o Juiz Presidente que simulou a eleição fosse um homem do valor incontestavel do Sargento-Mór Simão Gonçalves de Andrade e o eleito fosse outro homem de não menos valor, qual o Juiz Manoel de Souza Castro. A representação de Lourenço de Andrade fez com que não se desse a posse ao eleito e o vereador José dos Santos Pacheco Lima requereu que, «afim de que podesse a camara deliberar com liberdade, se fizesse arredar do recinto o Juiz Manoel de Souza Castro, «homem poderoso da terra», por ser prohibido por leis de S. Magestade, que ás deliberações da Camara assistissem «homens poderosos». O Sargento-Mór Simão Gonçalves de Andrade, opiniatico e tão poderoso quanto o seu rancoroso inimigo, abandonou o cargo de Juiz Presidente da Camara e tratou de transferir a sua residencia para Paranaguá, com toda sua familia, «*depois de ter disposto de todos os seus bens*», como nos dá noticia o Termo de vereança de 15 de Janeiro de 1763.

Apezar da impugnação feita á posse do Juiz Manoei de Souza Castro, pelo licenciado Lourenço de Andrade, em sessão de 1.º de Janeiro de 1762, já em sessão de 18 desse mesmo mez se achava elle no exercicio de seu cargo, em virtude da carta de usança do Ouvidor geral da comarca, cujo mandado teve de ser executado, apezar do recurso interposto contra elle, pelo licenciado Lourenço de Andrade, que applicou todo o seu prestigio na demanda, cujo resultado lhe foi inteiramente favoravel; e em sessão de 26 de Outubro do mesmo anno, compareceu perante o corpo da Camara reunido em Conselho e por elle — «*foi apresentado um mandado com o theor do accordam da superior extancia da Rellassam do estado da Cidade do Rio de Janeyro para por vertude delle — «ser apeado do cargo» — da ocupaçam de Juiz ordinario Manoel de Souza Castro.*»

Seus filhos e genros foram todos pessoas de respeito e valor, sendo que, um delles succedeu-lhe no cargo de Capitão-Mór de Curityba, outro foi Coronel Commandante das milicias de Castro e Guarapuava em substituição ao Coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal. As suas relações com o Tenente Coronel Affonso Botelho, Commandante da Expedição a Guarapuava, tornou a familia protegida por D. Luiz Antonio de Souza, Capitão General e Governador de S. Paulo.

Foi casado com Izabel de Borba Pontes, fallecida em Curityba a 13 de Outubro de 1771, filha do Capitão Amaro de Borba Pontes e de sua segunda mulher Izabel Cardoso de Moraes, natural de Guarulhos; neto pela parte ma-

terna de Francisco Barreto Cardoso e de sua mulher Ignez Pedroso de Moraes; neto pela parte paterna de Belchior de Borba Paes, casado em 1687 em S. Amaro com Maria Domingues. Vêr ascendentes na «Genealogia Paulistana», volume 4.º, pagina 454, Titulo Tenorios, 2-1 de 1-1, § 1.º do Capitulo 3.º

Filhos:

3-1 Anna Maria do Espirito Santo Ribas, com 12 annos em 1771 quando falleceu sua mãe, já fallecida em 1793, foi casada em Curityba a 8 de Outubro de 1781 com João Antonio Pinto, da Governança de Curityba, natural de Lamego, Portugal, filho de Manoel Antonio Faria e de sua mulher L . . . . de Mendonça. (C. E. de Curityba.)

Teve o filho unico:

4-1 Capitão Lourenço Pinto de Sá Ribas, homem de valor e prestigio social e politico. Antes da emancipação politica do Paraná, foi deputado pela 5.ª comarca á Assembléa provincial Paulista. Foi Presidente da Camara de Curityba, e como tal muito trabalhou pela emancipação politica do Paraná.

Casado em 16 de Julho de 1816, em Curityba, com Joaquina Francisca da Purificação.

Teve:

5-1 Dr. José Lourenço de Sá Ribas, nasceu em 1820, foi casado com Felicidade Mourão de Pinho, filha de Manoel de Pinho Mourão e de sua mulher Delfina Ribas, 5-12 de 4-1. Desse matrimonio não teve filhos. Teve, porem, segundo informações que nos foram prestadas pelo General Agnello Pinto de Sá Ribas, os seguintes filhos:

6-1 General reformado do Exercito Agnello Pinto de Sá Ribas.

6-2 Angelo Pinto de Sá Ribas, telegraphista aposentado.

6-3 Josephina de Sá Ribas.

6-4 Julia de Sá Ribas.

6-5 Capitão Luiz Pinto de Sá Ribas, official do Exercito, já fallecido, em estado de solteiro.

5-2 Capitão Mathias Lourenço de Sá Ribas, nascido em 1825, fallecido em 30 de Junho de 1891, foi casado com Maria da Conceição Mourão Pinto Ribas.

Filhos:

6-1 João Manoel de Sá Ribas, com 18 annos em 1891, casado a 7 de Maio de 1892 com Targina Agner Mendes, filha do Tenente Coronel Manoel de Oliveira Mendes e de sua mulher Carolina Agner Mendes, 7-2 de 6-2 de 5-8 adiante.

6-2 Maria Joaquina Ribas da Paixão, casada com Manoel Fernandes da Paixão.

6-3 Maria da Luz Sá Ribas, solteira em 1891.

5-3 Capitão Joaquim Lourenço de Sá Ribas, falleceu solteiro a 27 de Novembro de 1885. (C. O. de Curityba.)

5-4 Lourenço, fallecido em criança.

5-5 Lourenço de Sá Ribas, nascido em 1830 e fallecido solteiro.

5-6 Maria Angela de Sá Ribas, fallecida solteira.

5-7 Constança Bertholina Ribas, nascida em 1829, se casou em 1.º de Julho de 1849 com o Coronel Francisco da Silva Pereira, natural de S. Gabriel, o qual por sua morte veio a se casar em segundas nupcias com Benedicta de Andrade, de cujo matrimonio teve uma filha de nome Marfisa. Foi homem de valor politico e social e exerceu diversos cargos publicos. Era filho de Francisco da Silva Pereira e de sua mulher Jesuina Ferreira da Silva.

Filhos:

6-1 Joaquina da Silva Pereira Faria, casada em 18 de Maio de 1872 com o Dr. Joaquim de Almeida Faria Sobrinho, que foi Presidente da Provincia do Paraná, no ultimo quartel do Imperio. Exerceu diversos cargos publicos, entre os quaes o de Audictor de Guerra em que permaneceu até a sua morte. Foi deputado provincial, no Imperio.

Filhos de seu matrimonio:

7-1 Maria Constança de Faria Pessôa, casada com o Dr. Benjamim Americo de Freitas Pessôa, Audictor de Guerra, nomeado na vaga deixada por seu sogro. Foi por muitos annos Deputado Estadoal ao Congresso do Paraná.
Filhos:
8-1 Aurea Pessôa Virmond de Lima, casada com Braulio Virmond de Lima, filho de David Gaspar de Oliveira Lima, nascido a 4 de Outubro de 1859 em Sorocaba e fallecido em 1892, e de sua mulher Maria Izabel Virmond.
Filhos:
9-1 David.
9-2 Maria.
9-3
8-2 Amary Pessôa.
8-3 Aniole Pessôa Portugal, casada com Dermeval Soares Portugal.
8-4 Arian Pessôa, casado com Edith Vasconcellos.
7-2 Ignacio de Almeida Faria, fallecido, foi serventuario do Estado, casado com Adolphina Guillau Faria, filha de Adolpho Frederico Guillau e de sua mulher Catharina Müller Guillau; neta pela parte paterna de Guilherme Guillau e de sua mulher Maria Kleemann; neta pela parte materna de Miguel Müller, casado em Curityba a 26 de Setembro de 1833 com Anna Maria Krones; por esta, bisneta de Americo Krones e de sua mulher Barbara Praiser, naturaes da Allemanha; por seu avô Miguel Müller era bisneta de Felippe Müller e de sua mulher Anna Margarida.
Filhos:
8-1 Joaquim, fallecido.
8-2 Adolpho Faria.
8-3 Eloyna Faria.
8-4 Doutora Vollanda de Almeida Faria, medica, formada em Dezembro de 1926 pela Academia de Medicina do Paraná.
8-5 Germano de Almeida Faria.
8-6 Miguel de Almeida Faria.
7-3 Dr. Raul de Almeida Faria, Bacharel em Direitos, foi

Promotor Publico da Capital. Jornalista brilhante, foi redactor chefe do jornal diario «A Tribuna», e como tal, forte baluarte da defeza da integridade do nosso Estado. Poeta e escriptor.
Já fallecido, foi casado com Maria Beltrão Faria, filha do Dezembargador Francisco da Cunha Machado Beltrão, magistrado integro, e de sua mulher Rosa Correia Guttierrez Beltrão.
Filhos:
8-1 Yone.
8-2 Cid.
8-3 Nory.
8-4 Rubens.
7-4 Eloyna de Almeida Faria.
7-5 Leonidas, fallecido.
7-6 Hercilia Faria da Costa, casada com Mario Jordão Affonso da Costa, filho de José de Santo Elias Affonso da Costa e de sua mulher Julia Müller Caillot da Costa.
Filhos:
8-1 Edegardo.
8-2 Milton.
8-3 Eleonora de Faria Affonso da Costa, casada em Curityba a 11 de Novembro de 1926 com Ives Fonseca da Silva.
8-4 Djanira.
8-5 Eunice.
8-6 Oswaldo.
8-7 Glauco.
8-8 Mozart.
8-9 Cleon Renato.
7-7 Joaquim, fallecido.
7-8 Epaminondas Faria, estudante, falleceu em plena mocidade.
7-9 Herminia de Faria Lins, casada com o Dr. Benjamim Baptista Lins de Albuquerque, advogado notavel no fôro de Curityba.
Filhos:
8-1 Nelson.
8-2 Flora.

8-3 Rachel.
8-4 Anna.
8-5 Enólea.

7-10 Elzira de Almeida Faria Macedo, casada com José Macedo Sobrinho, filho do Coronel Agostinho Ribeiro de Macedo e de sua mulher Gabriella de Souza Macedo.
Filhos:
8-1 Maria.
8-2 Epaminondas.
8-3 Eny.
8-4 Fernando.
8-5 Joaquim.

7-11 Olivia de Almeida Faria, casada com o Capitão-Tenente Didio Iratym Affonso da Costa.
Nasceu na cidade de Guarapuava a 17 de Agosto de 1881. Filho do Major José de Santo Elias Affonso da Costa, que foi Chefe das Estações telegraphicas, de Morretes e depois de Curityba, e de sua mulher Julia Guilhermina Caillot Affonso da Costa; por esta, neto de Pedro Affonso Caillot, natural de St. Julien-Pariz, e de sua mulher Francisca de Paula Müller, natural de Curityba; por seu avô Pedro Affonso Caillot é bisneto de Pedro Adrien Caillot e de sua mulher Julia Adelaide Caillot, naturaes de França; por sua avó Francisca Müller é bisneto de Miguel Müller e de sua mulher Anna Maria Krones.
Depois de haver concluido o curso de preparatorios no Gymnasio Paranaense, se matriculou na Escola Naval do Rio de Janeiro, onde fez o seu curso. Como official da Marinha de Guerra Brasileira, tem exercido diversos cargos importantes, quer em terra, como embarcado. Commandou a Escola de Aprendizes Marinheiros do Estado do Paraná; serviu no Estado Maior da Armada; foi immediato de destroyers; representou o Ministro da Marinha no 3.º Congresso Brasileiro de Geographia; exerceu as funcções de ajudante de ordens do Inspector do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro; do Superintendente de Navegação, do Chefe do Estado Maior da Armada e do Ministro da Marinha.

Teve longa permanencia nos Estados Unidos, nos estaleiros de Brooklyn, assistindo tambem aos grandes exercicios da esquadra americana do Atlantico. Tem diversas producções technicas, algumas das quaes publicadas no «Boletim do Club Naval» e na «Revista Maritima Brasileira», alem de outras nos archivos militares.
Das suas excellentes producções litterarias ha algumas reunidas em brochura, sob o titulo «Aspectos» (1912). Tem collaborado na imprensa não só do Paraná, como fóra delle. E' assiduo collaborador da «Revista Maritima Brasileira» e do «Boletim do Club Naval». E' deputado ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná; esteve em commissão nos Estados Unidos, por parte do Governo do Estado, commissão esta, de caracter financeiro, economico, commercial e industrial, promovendo a introducção da herva-matte naquelle Paiz. Actualmente foi commissionado pelo Governo do Paraná para superintender o serviço de fiscalisação das obras do Porto de Paranaguá.
Filhos:
8-1 Regina de Faria Affonso da Costa, casada em Curityba a 11 de Novembro de 1926 com Eduardo Virmond Supplicy.
8-2 Rachel.
8-3 Roberto.
8-4 Reynaldo.

7-12 Leonidas, fallecido.
7-13 Maria Joaquina.

6-2 Julia da Silva Pereira, casada a 2 de Setembro de 1871 com seu primo Julio de Oliveira Ribas Franco, 6-6 de 5-9.
Ahi a geração.

6-3 Leonidia da Silva Pereira Munhoz, casada a 18 de Maio de 1872 com o Coronel Caetano Alberto Munhoz, já descripto em 6-4 em seu segundo matrimonio.
Filhos:
7-1 Alcides Munhoz, Secretario Geral do Gover-

no, casado com Iphigenia de Macedo Munhoz, 7-1 de 6-8. Ahi a geração.

7-2 Francisca Munhoz Pereira, já fallecida, foi casada com Lothario da Silva Pereira, filho de Tristão da Silva Pereira e de sua segunda mulher Benedicta do Carmo Britto.
Filhos:
8-1 Leonidia Munhoz Pereira de Lacerda, casada com Arthur Supplicy de Lacerda.
Teve:
9-1 Arthur.
8-2 Odette Pereira de Leão, casada com Ermelino Agostinho de Leão Junior, filho do capitalista Agostinho Ermelino de Leão, já fallecido, e de sua mulher Maria Clara Ferreira de Abreu.
Filhos:
9-1
9-2
8-3 Carmen Pereira Cartaxo, casada com Alcibiades Cartaxo.
Teve:
9-1 Beatriz.
9-2 Dulce.
8-4 Lothario.
8-5 Cecilia.

7-3 Lucilla Pereira Munhoz Moreira, casada com o Tenente Coronel Arthur Xavier Moreira.
Filhos:
8-1 Debbora.
8-2 Aristoteles.
8-3 Ernestina.
8-4 Archimedes.
8-5 Aristarcho.
8-6 Beatriz.

6-4 Amelia da Silva Pereira Lopes, casada a 14 de Agosto de 1875 com o Coronel Jesuino da Silva Lopes, homem de rija fibra, de, antes quebrar do que torcer; foi proprietario do «Dezenove de Dezembro», o primeiro jornal que appareceu no Paraná em 1854, creado por seu pae. Foi gerente das officinas da Impressora Paranaense, da direcção da «A Republica» e Thesoureiro da Delegacia Fiscal de Curityba, cargo que exerceu com grande competencia, criterio e honestidade, até o seu fallecimento.

Filho de Candido Martins Lopes, distincto cidadão que tão relevantes serviços prestou ao Paraná, contribuindo com a imprensa, de que foi o precursor no Estado, para o progresso intellectual.

A' elle muito deve o Paraná, que pagou a divida dando o seu nome á uma das ruas da nossa Capital. Falleceu em Curityba a 27 de Dezembro de 1871, sendo casado com Gertrudes da Silva Lopes.

O Coronel Jesuino da Silva Lopes, nasceu em Curityba, a 9 de Novembro de 1855 e falleceu a 2 de Dezembro de 1918.

Filhos:

7-1 Francisco das Chagas Lopes, alto funccionario ferroviario, nascido a 28 de Novembro de 1876, casado a 4 de Outubro de 1900, com Joaquina de Macedo Lopes, 7-2 de 6-8.
Ahi a descendencia.

7-2 Izaura Lopes.

7-3 Eleodoro da Silva Lopes, serventuario federal, nascido a 5 de Janeiro de 1880, casado com Maria Luiza Werneck Lopes, nascida a 13 de Maio de 1887, filha de Luiz Henrique Werneck, nascido a 3 de Julho de 1850, e de sua mulher Maria Neves Werneck, nascida a 7 de Dezembro de 1861.
Filhos:
8-1 Eleodoro Lopes Junior, nascido a 7 de Abril de 1907.
8-2 Eugenio Lopes, nascido a 4 de Julho de 1908.
8-3 Othelo, nascido a 15 de Outubro de 1910.
8-4 Nelson, nascido a 2 de Abril de 1912.
8-5 Elzira, nascida a 28 de Novembro de 1914.
8-6 Eunice.
8-7 Regina.
8-8 Rachel, fallecida.
8-9 Rachel.

7-4 Gertrudes Lopes Werneck, nascida a 6 de Novembro de 1883, casada com Julio Jorge Werneck.
Teve:
8-1 Odilio.

7-5 Clotario Lopes, nascido a 17 de Julho de 1884, casado a 14 de Agosto de 1907 com Ernestina de Araujo Lopes, filha de Tristão José de Araujo e de sua mulher Carolina dos Santos Araujo. Falleceu a 6 de Janeiro de 1909.
Teve:
8-1 Jesuino, nascido a 8 de Julho de 1908.

7-6 Leonor Lopes da Silva, nascida a 25 de Novembro de 1885, fallecida a 8 de Outubro de 1924, casada com o Dr. Nilo Cairo da Silva, nascido em Paranaguá a 12 de Novembro de 1874. Filho de Simplicio Manoel da Silva Junior e de sua mulher Alzira Paula da Costa e Silva. E' engenheiro militar.
Em 1903 recebeu o gráu de doutor pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. E' notavel medico homopatha.
Fundou com a collaboração do Dr. Victor Ferreira do Amaral e de outros, a Universidade do Paraná, realização que parecia a todos os Paranaenses, ao principio, uma verdadeira utopia.
Tem produzido diversas obras sobre assumptos variados: «Similia Similibus Curantur», these (1903); «Tratamento homopathico da Coqueluche», (1906); «Tratamento homopathico da Influenza», (1907); «Tratamento homopathico das Molestias Tropicaes», (1909); «Guia de Medicina Homopathica», (1912); «A Cultura da Terra», (1920); «Guia Pratico da Cultura do Fumo», (1922) e muitos outros trabalhos. Acaba de publicar: «Pathologia Geral» (1925), livro reputado de grande valor scientifico e «Elementos de Physiologia».
Filhos:
8-1 Sarah, nascida a 31 de Dezembro de 1910.
8-2 Eugenio.

7-7 Sarah Lopes, nascida a 10 de Novembro de 1892, casada a 14 de Abril de 1910 com o Dr. Flavio Luz,

nascido a 18 de Agosto de 1887, filho do Coronel José Ferreira da Luz, nascido a 30 de Dezembro de 1861 e fallecido a 27 de Outubro de 1914, e de sua mulher Bertholina da Silva, 6-10 de pagina 458.
Filhos:
8-1 Cid, nascido a 10 de Janeiro de 1911.
8-2 Clotilde, nascida a 16 de Dezembro de 1912.
8-3 José, nascido a 8 de Março de 1914.
8-4 Ruy, nascido a 23 de Julho de 1915.
8-5 Laura, nascida a 21 de Setembro de 1920.

7-8 Gumercindo Lopes, nascido a 14 de Novembro de 1893, casado a 1.º de Janeiro de 1913 com Amelia Saraiva Lopes, nascida a 14 de Novembro de 1896.
Teve:
8-1 Alcina, nascida a 11 de Outubro de 1914.

7-9 Luiz Felippe Lopes, nascido a 2 de Setembro de 1896 e casado a 5 de Janeiro de 1922 com Germaine Cord'Homme Lopes, filha de Gabriel Cord'Homme e de sua mulher Jeanne Vauden Brande Cord'Homme.
Teve:
8-1 Ivette.

7-10 Aida Lopes, nascida a 19 de Dezembro de 1885.

7-11 Euribiades da Silva Lopes, casado a 17 de Fevereiro de 1912 com Maria da Luz de Lima Lopes, filha de Francisco Gonçalves da Silva Lima, já fallecido e que foi telegraphista do Telegrapho Nacional, em cujo cargo foi aposentado, e de sua mulher Joaquina Arantes de Lima.
Filhos:
8-1 Lygia.
8-2 Levy.
8-3 Lycio.
8-4 Leony.
8-5 Lilia.
8-6 Livio.

6-5 Francisca Jesuina da Silva Pereira Bello, casada a 18 de Maio de 1872 com Constantino Ferreira Bello, viuvo de Francisca de Paula Vaz Lobo.

Sem descendentes.

6-6 Capitão Gabriel da Silva Pereira, nascido em S. Paulo a 10 de Junho de 1852, fallecido; casado em primeiras nupcias com Julia Godoy, filha do General reformado Francisco Xavier de Godoy e de sua mulher Firmina de Godoy; casado em segundas nupcias com Elisabeth Pereira.
Sem filhos do primeiro matrimonio.
Do segundo matrimonio teve:
7-1 Neudo da Silva Pereira, casado com Olympia Pereira.
7-2 Albelina Pereira, casada com João Ourivío.
Teve:
8-1 Claudia.
8-2 Oscar.
8-3 Mario.

6-7 Major Jesuino da Silva Pereira, casado a 27 de Janeiro de 1883 com Maria Candida dos Reis, filha de Joaquim José dos Reis, fallecido, natural de Portugal, e de sua mulher Emilia Pereira dos Reis, natural da Bahia.
Teve:
7-1 Dr. Helvidio da Silva Pereira, bacharel em Direitos pela Academia de Pernambuco, onde casou com Hermelinda de Barros Pereira, filha do Commendador Manoel Honorato de Barros e de sua mulher Maria Menezes de Barros. Elle nascido a 25 de Novembro de 1883.
Filhos:
8-1 Newton, nascido a 22 de Novembro de 1909, em Recife, gymnasiano.
8-2 Hudson, nascido a 18 de Novembro de 1912, em Recife.
8-3 Harvey, nascido a 30 de Maio de 1915, em Recife.
7-2 Newton, nascido a 2 de Outubro de 1885 e fallecido a 12 de Dezembro de 1895.
7-3 Celmira, nascida a 15 de Abril de 1887.
7-4 Maria Ocarlina, nascida a 27 de Outubro de 1888.

7-5 Hayton da Silva Pereira, nascido a 7 de Abril de 1890, Director da Pagadoria da Secretaria do Estado, casado com Maria Etelvina Nigro.
Filhos:
8-1 Harly.
8-2 Maria de Lourdes.
8-3 Vole.
7-6 Emilia Constança, nascida a 13 de Novembro de 1892, casada com Alberto Alvim Schimmelpheng, a 31 de Junho de 1908.
Filhos:
8-1 Elzéa, nascida a 22 de Março de 1915.
8-2 Elzevir, fallecida.
8-3 Deleusa.
8-4 Emilton.
7-7 Andocid da Silva Pereira, telegraphista federal, nascido a 9 de Junho de 1895, casado com Francisca Volto.
Sem filhos.
7-8 Constança, nascida a 9 de Dezembro de 1897, fallecida na primeira infancia.
7-9 Leomenia, nascida a 26 de Maio de 1899, casada com Izalco Sandenberg.
Teve:
8-1 Izalco.
8-2 Walterson.
8-3 Walkyria.
7-10 Holkár da Silva Pereira, nascido a 18 de Novembro de 1902, Director da Secretaria da Academia de Direito do Paraná.
7-11 Maria, nascida a 18 de Janeiro de 1905, fallecida na primeira infancia.

6-8 Escoiastica da Silva Pereira, casada com Iphigenio Borges, filho de Julio Franco e de sua mulher Julia Pereira Franco, 7-1 de 6-6.

6-9 Manoel da Silva Pereira, casado com Adelina dos Reis Pereira, filha de Joaquim José dos Reis e de sua mulher Emilia Pereira dos Reis.
Teve:
7-1 Idalia Pereira Cordeiro, fallecida; foi a primeira

mulher do Capitão Manoel Antonio Cordeiro, filho do Capitão Manoel Antonio Cordeiro e de sua mulher Maria Candida Alves Cordeiro.
Teve:
8-1 Aguilar Cordeiro, casado com Rosa Rodrigues.
Teve:
9-1 Idalia.
8-2 Gastão Cordeiro.
8-3 Glauco Cordeiro, casado com Sarah Sandringes.
Teve:
9-1 Ignez.
8-4 Maria da Luz Cordeiro de Lacerda, casada com Raul Supplicy de Lacerda.
8-5 Lauro Cordeiro.
8-6 Ormuz.
8-7 Maria de Nazareth.
7-2 Alayde Pereira Portugal, casada com Clodoaldo de Macedo Portugal, 7-5 de 6-4 de pagina 331 deste volume.
Não tem filhos.
7-3 Maria Lucia Pereira, foi casada com José Rincoski, de quem é divorciada.
Teve:
8-1 Osman.
7-4 Dicezar, fallecido.
7-5 Trajano, fallecido.
7-6 Lucia, fallecida.
7-7 Dicezar da Silva Pereira, casado com Luiza Rister Pereira.
Tem uma filha.
7-8 Manoel Pereira.
7-9 Adalgisa Pereira, casada com Albion Grigolletto.
6-10 Bertholina Pereira Luz, nascida em 16 de Março de 1864, viuva do Major José Ferreira da Luz, filho de Vicente Ferreira da Luz e de sua mulher Florencia do Amaral.
Filhos:
7-1 Dr. Flavio Ferreira da Luz, casado com sua prima Sarah Lopes, 7-7 de 6-4 de pagina 454. Ahi a descendencia.

7-2 Heloysa Ferreira da Luz, casada com Fausto Ferreira da Luz, filho do Dr. Brasilio Luz.
Teve:
8-1 Nelson.
8-2 Maria José.
7-3 Eloyna.
7-4 Stella da Luz Bittencourt, casada com Alcides de Madureira Bittencourt, filho do Coronel Fernando de Bittencourt e de sua mulher Paula de Madureira.
Teve:
8-1 Edgar.
8-2 Eleonora.
7-5 Eunice.
6-11 Lourenço da Silva Pereira, casado a 31 de Dezembro de 1887 com Julia Ribeiro Pereira, filha de João Baptista Ribeiro e de sua mulher Tiburcia de Freitas Ferreira.
Filhos:
7-1 Lauro da Silva Pereira, fallecido, casado com Lucia Grillo, filha de Sebastião Grillo e de sua mulher Lucia Silveira.
Teve:
8-1 Lauro, fallecido.
7-2 Aristides da Silva Pereira, casado com Judith Dacheux, fallecida em 29 de Dezembro de 1926, filha de Henrique Dacheux do Nascimento e de sua mulher Thereza Christina Dacheux do Nascimento.
Filhos:
8-1 Lygia.
8-2 Eloah.
8-3 Dagoberto.
8-4 Ayrton.
7-3 Arnoldo da Silva Pereira.
7-4 Epaminondas, fallecido.
7-5 Jayme da Silva Pereira.
7-6 Maria Candida.
7-7 Alcides.

7-8 Amelia.
7-9 Laura, fallecida aos 12 annos.
7-10 Olivia da Silva Pereira.

6-12 Urbano da Silva Pereira, casado a 21 de Janeiro de 1911 com Constantina de Faria, natural da Lapa, filha de Constantino de Almeida Faria e de sua mulher Geslina de Almeida Faria.
Teve:
7-1 Maria de Lourdes.

6-13 Maria das Dôres Pereira Ribas, casada com Francisco Ribas, filho do Major Theolindo Ferreira Ribas e de sua mulher Januaria Souza Ribas, 6-4 de 5-8 adiante. Ahi os ascendentes.
Filhos:
7-1 Dr. Olavo Ferreira Ribas, solteiro, engenheiro.
7-2 Esther Ribas Moreira, casada com o Dr. Henrique Estrella Moreira, engenheiro.
7-3 Dr. Theolindo Ferreira Ribas Netto, engenheiro, casado com Daltiva Marques Ribas.
7-4 Francisca Ribas Artigas, casada com Leonardo Artigas.

5-8 Florinda Mauricia de Sá Ribas, filha do Capitão Lourenço Pinto, 4-1. Casada a 4 de Janeiro de 1832 com o Coronel Manoel Antonio Ferreira, fallecido com testamento aos 80 annos de edade a 25 de Agosto de 1885, filho do Sargento-Mór Antonio José Ferreira e de sua segunda mulher Maria Caetana de Jesus, fallecida a 15 de Julho de 1810. Neto pela parte paterna de José Ferreira e de sua mulher Thereza de Araujo, naturaes da cidade de Braga.
Foi Chefe de destaque e de prestigio do Partido Conservador, gozando sempre de grande consideração de seus comprovincianos. Em Maio de 1863 foi nomeado Inspector da Estrada de Curityba á Lapa; nesse mesmo anno, sendo 2.º Vice-Presidente, assumiu o exercicio do cargo de Presidente da Provincia do Paraná, estando em exercicio de 16 de Março a 3 de Junho de 1863. Fez parte da 1.ª Assembléa Provincial, eleita logo apoz a installação da Provincia, sendo eleito Vice-Presidente della. Foi Deputado Provincial nas Legislaturas de 1854—1855, 1858—1859, 1860—1861, 1862—1863 e 1866—1867.
Em 1855 foi nomeado Collector Geral de Curityba.
Em Fevereiro de 1855 foi nomeado Tenente Coronel Commandante do 1.º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional, sendo em Janeiro de 1863 elevado a Commandante Superior da mesma Guarda Nacional da Comarca da Capital.
Foi proprietario da Fazenda do Boqueirão, no Xaxim, do municipio de Curityba, então avaliada em 19:000$000; hoje pertence essa propriedade ao Dr. Victor Ferreira do Amaral. E' uma propriedade de grande valor pela sua extensão territorial, vastas mattas e pastagens, e por ser situada á pequena distancia da Capital. Filhos:

6-1 Dr. João Luiz de França Miranda, bacharel em Direito, foi Juiz de Direito em Nictheroy, onde constituiu familia. Filhos:
7-1 Dr. Mario de França Miranda, engenheiro, residente no Rio de Janeiro.
7-2 Ivan de França Miranda.
7-3 Izabel de França Miranda.

6-2 Lourenço Ferreira de Sá Ribas, fallecido, foi casado com Joaquina de Souza Guimarães Ribas. Sem descendentes.
6-3 Ubaldina Ferreira de Sá Ribas, solteira.
6-4 Major Theolindo Ferreira Ribas, casado com Januaria de Souza Guimarães Ribas, filha de José de Souza Guimarães e de sua mulher Anna Maria da Purificação Ribas, 5-10. Falleceu em Curityba, ha uns 6 annos, em avançada edade.
Teve o filho unico:
7-1 Francisco Ferreira Ribas, foi casado com Maria das Dôres Pereira Ribas, 6-13 de 5-7 retro. Ahi a descendencia.

O Coronel Manoel Antonio Ferreira deixou 2 filhos naturaes:
6-5 José Antonio Ferreira Sobrinho, casado.
6-6 Laura Ferreira, casada com Joaquim Gonçalves Palhano.

5-9 Escolastica Joaquina de Sá Ribas, casada em Curityba

a 22 de Fevereiro de 1838 com o Brigadeiro Manoel de Oliveira Franco, filho do Ajudante de Milicia João Gonçalves Franco, natural do Arcebispado de Braga-Portugal, onde nasceu em 1777, fallecendo em Curityba a 19 de Junho de 1853, depois de ter sido casado a 29 de Novembro de 1807, com Escolastica Angelica Bernardina, nascida em Lages a 28 de Outubro de 1790; por esta, neto do Tenente Coronel Manoel Teixeira de Oliveira Cardoso, natural do Porto, onde nasceu a 5 de Maio de 1765, que foi casado em primeiras nupcias em Lages com Anna Maria do Sacramento; por esta, bisneto do Capitão Bernardino da Costa Filgueiras e de sua mulher Margarida Cardoso de Jesus; pelo Ajudante de Milicias João Gonçalves Franco, era neto do Tenente Luiz Antonio Gonçalves Franco e de sua mulher Ignacia Maria da Cruz, naturaes da Villa Nova de Covas de Serveira, arcebispado de Braga. Chefe politico de incontrastavel prestigio, o Brigadeiro Franco imprimiu grande relevo á posição e ao conceito social que herdára de seu pae, já naquelles tempos Juiz Ordinario da Villa de Curityba. Assim é que «esse homem, sem outro auxilio senão o proprio merecimento», se constituiu, desde muito moço, chefe do Partido Conservador. E' tal a nobreza de sua conducta, em meio das refregas partidarias, que o «Dezenove de Dezembro», apreciava a significação das homenagens que lhe foram prestadas por occasião de sua morte, aos 31 de Dezembro de 1875, dizendo: «O Brigadeiro Franco merecia: Elle era uma alma nobre e generosa. Si fosse preciso provar, um facto só bastava: Elle trabalhou, soffreu e não gozou. Ha creaturas assim, a quem Deus parece acompanhar attentamente todos os seus passos, para, sempre, depois de trabalhos e fadigas cercear-lhes o fructo que elles iam colher como que se elle quizesse que suas creaturas, deste mundo, não tivessem senão o desgosto. Tal foi este homem. Rude trabalhador, e incançavel; como particular elle poderia ter tido só prosperidade, uma vida suave e até opulenta no seio de sua familia, entretanto na posição que occupou só teve occasião de dispender a sua fortuna, fructo de suado trabalho.» Por carta Imperial de 24 de Julho de 1844, foi nomeado Cavalleiro da Ordem de Christo. Em uma chapa

para Deputados na qual figuravam verdadeiras notabilidades nacionaes como, os Conselheiros Raphael Tobias, Barão de Ramalho, Carneiro de Campos, Martim Francisco e outros, o nome do Brigadeiro Franco figurou em collocação honrosa para Deputado á Assembléa Legislativa de S. Paulo; esse mandato lhe foi renovado na legislatura de 1853—1854. Outorgada a emancipação politica ao Paraná, em 1853, foi o Brigadeiro Franco eleito Deputado á primeira Assembléa Legislativa da nova Provincia, em 1854, mandato que lhe foi renovado em legislaturas posteriores.

Na vigencia da Lei Saraiva, em 1860, foi o eleitor mais votado dos 41 eleitores da Parochia de Curityba. Em 1871 foi nomeado Director Geral dos Indios da Provincia do Paraná, cargo que lhe deu direito as honras de Brigadeiro. Foi um propugnador tenaz em pról da emancipação da quinta Comarca de S. Paulo, trabalho esse em que tomára parte saliente o seu cunhado Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Motta. Exerceu tambem o cargo de Juiz de Paz e de Orphãos e de Presidente da Camara de Curityba.

Em 1870 explorou a navegabilidade do Rio Negro, entre Porto da União e a cidade do Rio Negro, sendo o descobridor dessa navegação. Fez construir lanchões para esse fim, com os quaes explorou o serviço fluvial.

Em Abril de 1871 obteve um privilegio de navegação por 50 annos, para vapores nos rios Iguassú, Varzea, Negro e seus tributarios. Estava diligenciando pôr em execução o serviço de navegação desses rios quando a morte o surprehendeu a 31 de Dezembro de 1875.

Filhos deste matrimonio:

6-1 Escolastica Franco de Bittencourt, casada com o Brigadeiro José Correia de Bittencourt, proeminente membro do Partido Conservador, durante o Imperio, no qual gozou de prestigio e consideração.
Exerceu os cargos publicos não só durante o Imperio como na Republica, em cujo periodo exerceu o cargo de Administrador dos Correios do Paraná. Era filho do Tenente Coronel Manoel José da Cunha Bittencourt, casado em Curityba a 12 de Maio de 1819 com Anna Mauricia. Neto pela parte paterna de

José Correia de Bittencourt e de sua mulher Rosa Maria, naturaes de N. S. de Guadelupe, ilha da Graciosa, Portugal. Neto pela parte materna de Manoel Dias da Costa, natural de Portugal, e de sua mulher Anna Joaquina dos Santos, natural de Curityba; por esta, bisneto de Manoel João dos Santos, casado em Curityba a 9 de Abril de 1782 com Francisca dos Santos Almeida; por esta, terneto de Antonio Pereira de Almeida (filho de João Pereira de Almeida e de sua mulher Maria Passos de Oliveira) e de sua mulher Quiteria Pedrosa de Lima (filha de Antonio Dias Leme e de sua mulher Maria Pedrosa de Lima). Apezar de reiteradas tentativas, não conseguimos dados completos sobre este ramo e seus descendentes.

Filhos:

7-1 Coronel João Gualberto de Bittencourt, chefe politico em Colombo, onde foi Prefeito municipal, casado com Ercilia Espinola, filha de Francisco Cezar Espinola e de sua mulher Maria Leocadia de Lima Espinola, dos quaes daremos os ascendentes no volume 3.º desta obra.

Filhos:

8-1 José Correia de Bittencourt Netto, casado com Julia Rueda.

Filhos:

9-1 Diva.

9-2 Nilvana.

8-2 Clodoaldo de Bittencourt, casado com Athalia Gomes de Miranda.

8-3 João Gualberto de Bittencourt Filho, fallecido, foi casado com . . .

8-4 Zeneida de Bittencourt.

8-5 Orlando de Bittencourt.

8-6 Zorah de Bittencourt.

7-2 Major Octavio Leão Franco de Bittencourt, fallecido a 5 de Agosto de 1894, foi casado com Leopoldina Francisca de Camargo.

Teve:

8-1 Walfrido Franco de Camargo Bittencourt, nascido em 1884.

8-2 Maria da Luz.

8-3 Maria Olympia.

8-4 Maria Magdalena.

8-5 Maria Josepha, nascida em 1893.

7-3 Anna Mauricia de Bittencourt, casada com o Major de Artilharia do Exercito, João Carlos de Vasconcellos, fá fallecido.

Teve:

8-1 Amphiloquio.

7-4 Virgilio Franco de Bittencourt, falleceu solteiro.

7-5 Maria Clara de Bittencourt Coelho, fallecida, foi casada com Luiz Antonio da Silva Coelho, tambem fallecido.

Teve:

8-1 Ercilia Coelho de Paiva, viuva que foi de Armando Paiva, se casou em segundas nupcias com o Dr. Caio Gracho Machado Lima, filho do Dr. Vicente Machado da Silva Lima e de sua primeira mulher Maria Antonia Moreira Lima.

Sem descendentes de seus dous matrimonios.

7-6 Olympia de Bittencourt Miranda Rego, casada com Henrique de Miranda Rego.

Teve a filha unica:

8-1 Maria Olympia.

6-2 Joaquina de Oliveira Franco de Barros, fallecida, foi casada em Curityba a 6 de Julho de 1858 com o Dezembargador Bento Fernandes de Barros, tambem fallecido, natural da cidade de Fortaleza-Ceará, filho do Major Miguel Joaquim Fernandes de Barros e de sua mulher Francisca Josephina de Barros.

O Dr. Bento Fernandes de Barros se formou em sciencias sociaes e juridicas pela Faculdade de Direito da Cidade de Olinda, em 18 de Outubro de 1853. Espirito altamente culto, profundo cultor do Direito, o Dr. Bento Fernandes de Barros veiu para o Paraná logo apoz a installação da Provincia, tendo aqui iniciado a sua carreira publica.

Em 1859 foi nomeado Chefe de Policia interino; em 1871 foi effectivado nesse cargo. Em 1871 foi nomeado Juiz de Direito de Guarapuava. Em 1874 exerceu

o cargo de Inspector do Thesouro Provincial. Em 9 de Setembro de 1875 foi nomeado pelo Governo Imperial para exercer o cargo de Chefe de Policia do Estado de Minas Geraes, funcção que desempenhou com elevação de vistas e competencia, como mostram os seus relatorios, nos quaes se destacam importantes estudos sobre «O movimento progressivo da Criminalidade», «A Organisação da Policia administrativa e judiciaria», etc.

Foi com muito brilho Deputado provincial e teve notavel destaque no biennio de 1878 a 1879.

Magistrado integro, correu todos os gráus da magistratura, distinguindo-se sempre pela rectidão de sua conducta e pela sua competencia como jurista.

Assim chegou a exercer o cargo de membro do Superior Tribunal de Justiça, já no periodo Republicano, cargo no qual foi aposentado na epocha da revolução por decreto dictatorial do Governo do Dr. Vicente Machado.

Foi um amigo dedicado do Paraná, cujo partido esposou na contenda com Santa Catharina, e de tal modo o fez, que tendo sido nomeado Juiz de Direito de Joinville, não conseguiu obter nessa cidade uma casa que habitasse, nem commerciante que lhe quizesse vender, nem escola para seus filhos. O Dr. Bento Fernandes de Barros foi jornalista vigoroso e escriptor de merito, tendo entre seus trabalhos, editado uma notavel «Noticia sobre o Paraná».

Teve os seguintes filhos:

7-1 Maria Christina Fernandes de Barros, já fallecida, foi casada com o General João Luiz (?).
Sem descendentes.

7-2 Maria Julia de Barros Guimarães, fallecida, casada com o Professor Francisco de Paula Guimarães, tambem fallecido. Camarista Municipal e Deputado Estadoal do Paraná. Foi professor publico, sendo Director do importante Collegio Santa Julia (1).

(1) Era irmão do insigne perceptor Professor Julio Theodorico Guimarães, um dos caracteres mais bem formados da geração actual. Fez parte do curso preparatoriano no Instituto Paranaense, fazendo com brilhantismo o Curso Normal. Foi professor publico de Paranaguá, onde tambem leccionou particularmente. Como guarda-livros entrou para a firma commercial de Theodorico dos Santos & Cia., da qual logo depois se tornou socio solidario, tal a competencia que revelou para o commercio. Mais tarde as más condições commerciaes da firma obrigaram-n'o a della se retirar. Atirou-se resolutamente ao magisterio particular com grande proveito para seus alumnos, dos quaes era verdadeiramente adorado. Graves encommodos de saude que ameaçaram a sua existencia, determinaram a sua mudança para sua cidade natal – Curityba, onde dirigiu uma cadeira de instrucção publica por algum tempo até que montou o seu «Collegio Julio Theodorico» que em pouco tempo se tornou o primeiro na especie; activo, bondoso e digno; era um trabalhador opiniatico, não descançava um momento. Auxiliado efficazmente por sua digna esposa Olga Guimarães, por sua gentilissima e prendada filha unica Alba Guimarães e por sua sogra Maria Lucia da Silva, os seus negocios correram admiravelmente, tendo adquirido bôa fortuna. Foi por muito tempo Director do Banco de Curityba e membro proeminente da Directoria do Club Curitybano que, sob sua administração construiu a sua sumptuosa sede social. Espirito communicativo, folgasão e philantropico, se fazia geralmente estimado, e a sua morte occorrida nesta cidade a 19 de Junho de 1921, foi fundo golpe para o auctor deste trabalho, seu amigo de infancia e eterno admirador, e seu compadre
Era irmão tambem da Professora normalista Izabel Guimarães Schmidt, já aposentada.

Filhos:

8-1 Heloisa de Barros Guimarães, professora de piano, casada com Julio Guimarães, filho do Professor Ercilio Guimarães e de sua mulher Elvira Bittencourt Guimarães.

8-2 Joaquina de Barros Guimarães.

8-3 Dionisia de Barros Guimarães.

8-4 José de Barros Guimarães, academico.

8-5 Maria de Barros Guimarães, violinista, fallecida.

7-3 Maria Amelia de Barros Motta, eximia pintora, viuva do Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Motta Junior, 7-1 de 6-1.
Casada em segundas nupcias com o Dr. João Pamphilo de Assumpção.
Teve do seu primeiro matrimonio:

8-1 Joaquim Silveira da Motta, casado com Maria da Luz Motta.
Teve:

9-1 Ivone.

O Dr. João Pamphilo de Assumpção, nasceu em Curityba no dia 7 de Setembro de 1868, sendo seus paes o Coronel Manoel Euphrasio d'Assumpção e Germina Velloso, já fallecidos.

Recebeu em 7 de Novembro de 1889 o gráu de Bacharel em sciencias sociaes e juridicas, pela Faculdade de Direito de S. Paulo.

Defendeu these em 1897, e foi habilitado para lente da citada Faculdade, em concurso feito para a cadeira de Economia Politica, sciencias das Finanças, Direito Administrativo e sciencia da Administração, tendo por isso conquistado brilhantemente o gráu de doutor em sciencias juridicas e sociaes.

São da sua autoria as seguintes obras:

«Extradição perante o Direito Criminal Moderno»; «Habeas-Corpus»; «Livro dos Direitos da mulher»; «Do Testamento»; «Do Processo Summarissimo»; «Critica Juridica»; «Rios e aguas correntes».

Vem collaborando na imprensa paranaense e brasileira sobre todos os assumptos sociaes e politicos.

E' lente cathedratico da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, occupando a cadeira de Direito das Obrigações.

Foi consultor juridico do Estado e presidente da Associação Commercial, pelo espaço de 6 annos.

Casou-se a 26 de Outubro de 1920 com Maria Amelia de Barros, possuidora de uma grande cultura pictural, revelando o seu talento artistico em duas exposições realizadas em 1921 e 1925, no salão nobre do edificio da Associação Commercial do Paraná.

O seu pendor esthetico é para a factura de telas sobre a plastica pictural da natureza-morta onde soube incarnar com tal precisão os contornos das figuras e os matizes dos objectos, que, sem contestação alguma, representa hoje em dia um dos expoentes maximos da pintura brasileira neste genero artistico.

O Dr. Pamphilo de Assumpção é membro do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, da Sociedade Scientifica de S. Paulo, do Centro de Letras do Paraná, de que é presidente e presidente do Instituto dos Advogados do Paraná.

7-4 Augusto Franco Fernandes de Barros, 1.º Tenente do Exercito, casado com Heronites Couto Fernandes de Barros.
Teve:
8-1 Genny.
8-2 Maria de Lourdes.

8-3 Bento.
8-4 Maria da Luz.

7-5 Dr. Arthur Franco Fernandes de Barros, formado com distincção em Direitos, pela Faculdade de S. Paulo, fallecido em estado de solteiro.

7-6 Aristides Franco Fernandes de Barros, já fallecido, casado com Jenny Rumbehn.
Teve:
8-1 Raul.
8-2 Amelia.
8-3 Eugenio.
8-4 Olivia.
8-5 Alvaro.

7-7 Leonidas Franco Fernandes de Barros, subsecretario do Banco do Brasil, casado com Adelia Moura de Barros, filha do Dezembargador Augusto Lobo de Moura e de sua primeira mulher... Sem filhos.

7-8 Maria Augusta Fernandes de Barros, solteira.

7-9 Maria Clotilde Fernandes de Barros, solteira.

6-3 Francisca de Sá Ribas, casada a 2 de Setembro de 1871, com José Lourenço de Vasconcellos Chaves, filho de Joaquim Gonçalves Chaves e de sua mulher Maria Bernardina de Carvalho.
Filhos:
7-1 Corina Chaves.
7-2 Julieta Chaves.

6-4 Thalia de Sá Ribas, fallecida, foi casada com seu primo Coriolano Silveira da Motta, fallecido. 6-5 de 5-11. Ahi a descendencia.

6-5 Major Adolpho Ribas de Oliveira Franco, fallecido, foi casado com Anna Rosa Garcez de Oliveira Franco, esta natural de Castro e elle de Curityba.
Filhos:
7-1 Dr. Manoel de Oliveira Franco, nascido em Curityba, a 30 de Setembro de 1884.
Formado em sciencias sociaes e juridicas, pela Faculdade de Direito de S. Paulo, a 19 de Dezembro de 1906. E' lente cathedratico da Faculdade de Direito do Paraná.

Foi promotor publico das comarcas de Jaguariahyva e de Ponta Grossa, e mais tarde da segunda vara da Capital.
Em Junho de 1919 foi nomeado Secretario de Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrucção Publica, servindo até o fim da administração do Dr. Affonso Alves de Camargo. Desde 1922 que vem sendo eleito deputado ao Congresso Legislativo do Estado, do qual foi primeiro Secretario, sendo actualmente «leader» da maioria.
Redactoriou com seu irmão Dr. João Franco, o «Estado do Paraná» no inicio da sua publicação e agora retomou o lugar de redactor desse jornal.

7-2 Julio de Oliveira Franco, dentista, é serventuario da Inspectoria Geral de Rendas do Estado, casado em primeiras nupcias em Curityba, com Maria José Ramos de Franco, filha de José Ramos e de sua mulher Carolina Ribas, ambos fallecidos; casado em segundas nupcias com Zaida Barreto Pinto, filha do Dr. Barreto Pinto e de sua mulher . . .
Filhos do primeiro matrimonio:
8-1 Maria da Luz.
8-2 Adolpho, fallecido.
8-3 José, fallecido.
8-4 Adolpho, fallecido.
Teve do segundo matrimonio:
8-5 Eunice.
8-6 Dirce.
8-7 Maria de Lourdes.

7-3 Dr. Theodorico de Oliveira Franco, formado em Direitos e alto funccionario do Estado. Casado com Maria Olympia Pinto de Oliveira Franco, filha do Coronel Constante de Souza Pinto e de sua primeira mulher Francisca Correia de Souza Pinto.
Filhos:
8-1 Adolpho, fallecido.
8-2 Manoel de Oliveira Franco Sobrinho.
8-3 Maria Rosa.

7-4 Dr. João de Oliveira Franco, bacharel em Direito, formado em 1912 pela Faculdade de Direitos do Rio de Janeiro; é advogado no fôro desta Capital. Foi promotor publico e inspector escolar da comarca de Paranaguá, para cujo cargo foi nomeado quando 4.º annista de Direito. Terminado o curso juridico, solicitou sua exoneração, vindo para a cidade de Ponta Grossa, onde durante dois annos exerceu a sua profissão de advogado.
Em 1917 transferiu sua residencia para esta Capital, onde abriu banca de advogado.
E' Delegado do Departamento Nacional do Ensino junto ao Gymnasio do Estado, em cujo posto tem se esforçado para elevar o nome desse estabelecimento. Os seus trabalhos teem sido julgados paradigmas pelo Conselho Nacional do Ensino. Muito trabalhou e se esforçou pela creação do Internato do Gymnasio Paranaense, e bem assim pela equiparação das escolas superiores que constituem a Universidade do Paraná.
Foi representante do Estado do Paraná no Congresso de Ensino Secundario e Superior reunido no Rio de Janeiro, em commemoração á data do Centenario de nossa independencia. Fez parte da quinta commissão desse Congresso, cabendo-lhe relatar varias theses.
Foi um dos fundadores do jornal «Estado do Paraná», sendo o seu primeiro director.
Casado com Hilda Faro de Oliveira Franco, natural do Rio de Janeiro. Filha do Marechal reformado do Exercito Antonio Netto de Oliveira da Silva Faro e de sua mulher Victoria da Silva Faro. Esta natural do Rio de Janeiro e elle do Estado de Minas Geraes.
Filhos:
8-1 Hilton de Oliveira Franco.
8-2 Adolpho de Oliveira Franco.
8-3 Mireide de Oliveira Franco.
8-4 Hilda de Oliveira Franco.
8-5 João Franco Filho.

6-6 Julio de Oliveira Ribas Franco, casado a 2 de Setembro de 1871, com sua prima Julia da Silva Pereira, 6-2 de 5-7.

Filhos:

7-1 Escolastica Franco Garcez, casada com Iphigenio Garcez.

7-2 Constança Franco da Silva, fallecida, foi casada com João Natividade da Silva.
Sem filhos.

7-3 José Julio de Oliveira Franco, casado com Augusta Franco.
Filhos:
8-1 Maria Julia.
8-2 Aidil Mercedes.
8-3 José.
8-4 Epaminondas.
8-5 Carlos.
8-6 Maria da Luz.
8-7 Arthur.

7-4 Maria Julia.

5-10 Anna Maria da Purificação Ribas, nascida em 1815, casada em primeiras nupcias com José de Souza Guimarães, viuvo de Emilia das Dôres, e em segundas nupcias com Manoel Leocadio de Oliveira, 5-1 de 4-1, Titulo Rodrigues França.
José de Souza Guimarães, primeiro marido de 5-10, era natural de Cananéa, filho do Capitão-Mór Alexandre de Souza Guimarães e de sua mulher Izabel Mauricio de Sampaio.
Neto pela parte paterna do Capitão-Mór de Cananéa, Alexandre de Souza Guimarães e de sua mulher Izabel Martins Novaes; por esta, bisneto de Pedro Martins Novaes e de sua mulher Maria Pereira do Valle.
José de Souza Guimarães, era viuvo de Anna Alexandrina, fallecido com testamento, em Paranaguá, a 31 de Agosto de 1846.
Filhos do primeiro matrimonio:

6-1 Joaquina de Souza Guimarães Ribas, viuva em 1885.

6-2 Lourenço (não figura no ról dos herdeiros de seu tio o Capitão Joaquim Lourenço de Sá Ribas, fallecido em 27 de Novembro de 1885, que, por ter fallecido sem herdeiros instituiu seus sobrinhos).

6-3 Januaria de Souza Guimarães, casada com o Major Theolindo Ferreira Ribas, 6-4 de 5-8. Ahi a descendencia.
Figura no inventario de Anna Maria da Purificação Ribas, sem declarar si era de seu primeiro ou segundo matrimonio a filha: Anna Maria.

6-4 Maria Magdalena, casada com o Dr. José Arthur de Murinelli, engenheiro de notoriedade.

5-11 Maria Theolinda da Conceição Ribas Silveira da Motta, filha de 4-1. Casada em 1842 com o Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Motta, medico, filho do Dezembargador Joaquim Ignacio Silveira da Motta e de sua mulher Anna Luiza da Gama; nascido na Bahia no anno de 1818 e fallecido no Rio de Janeiro a 19 de Agosto de 1891.
Fez os seus estudos na Allemanha, onde se formou em medicina. De regresso ao Brasil foi eleito deputado provincial em S. Paulo.
Exerceu o cargo de Vice-Presidente do Paraná e tambem o de Director geral da Instrucção publica. Foi representante d'esta Provincia na Camara dos Deputados.
Escreveu: These para receber o gráu de doutor em medicina; Discurso proferido na Assembléa provincial de S. Paulo, por occasião da segunda discussão da fixação de força policial, em que se discutiram os successos de S. José dos Pinhaes (S. Paulo, 1853, in-4.º); Relatorio com que passou a administração da provincia do Paraná ao Illmo. e Exmo. Snr. Dr. Francisco Liberato de Mattos, etc. (Curityba, 1857, in-4.º); Relatorio que ao Illmo. e Exmo. Snr. Presidente da provincia do Paraná, Dr. Francisco Liberato de Mattos, apresenta o Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Motta, Inspector geral da Instrucção Publica da mesma Provincia (Curityba, 1858, 64 paginas, in-4.º com appendice); Conferencias officiaes sobre instrucção publica e educação nacional (Rio de Janeiro, 1878, 174 paginas, in-8.º); Hygiene das Escolas (Rio de Janeiro, 1887, in-8.º); Plantes utiles du Bresil, encontra-se no «Repertoire Pharmacien», tom. XXV; Plantes medici-

nales et industrielles du Brèsil, acha-se na mesma revista, tom. XXVI; Note sur les plantes très utiles du Brèsil, extraite du Boletin de Therapeutique medicale et cirurgicale, n.es de Juillet de 1879 et suivants (Paris, 1880, 40 pags. in-8.º)
D. Maria Theolinda da Conceição Ribas Silveira da Motta, era filha do Capitão Lourenço Pinto de Sá Ribas e de sua mulher Joaquina Francisca da Purificação, casados em Curityba a 16 de Julho de 1816; era neta pela parte paterna do Capitão João Antonio Pinto e de sua mulher Anna Maria do Espirito Santo Ribas, natural de Curityba, onde se casou a 8 de Outubro de 1871; por esta, bisneta do Capitão-Mór de Curityba Lourenço Ribeiro de Andrade, nascido a 24 de Setembro de 1724 e fallecido em 1799, e de sua mulher Izabel da Borba Pontes, fallecida em 15 de Outubro de 1771.
Filhos:

6-1 Dezembargador Joaquim Ignacio Silveira da Motta, Juiz e Magistrado integro e politico de grande valor. Foi 1.º Vice-Presidente do Estado do Paraná e como tal, esteve no exercicio do cargo de Presidente do Estado, no periodo em que se deu a deposição do Presidente, em 1891.
A vida deste proeminente cidadão não pode ser melhor descripta do que o foi pelo seu amigo, collega e companheiro de turma e formatura, o illustrado Senador Dr. Generoso Marques dos Santos, por occasião de seu fallecimento:

« — O Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Motta nasceu nesta cidade no dia 24 de Agosto de 1844.
Foram seus paes o Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Motta, illustre medico, politico e homem de lettras, e D. Maria da Conceição Ribas Silveira da Motta, pertencente a uma das mais importantes familias do Paraná.
Recebeu de seus paes a mais esmerada educação e nos estudos primarios já revelou a vigorosa intelligencia que lhe predestinava os triumphos que foi progressivamente conquistando.
Encontramo-nos nos bancos do antigo Lyceu de Curityba, quando, em 1858, fundou-se esse notavel instituto de ensino secundario, onde Silveira da Motta figurou na primeira linha, entre os mais distinctos alumnos.
No anno seguinte partiu para o Rio de Janeiro, continuando alli, em um dos mais importantes collegios, os estudos preparatorios, que foi concluir brilhantemente em S. Paulo, onde novamente nos encontramos no Collegio Ferrão, em 1860.
Matriculou-se no 1.º anno da Faculdade de Direito d'aquella cidade em 1861, com o numero 73; eu occupava o numero 72.
Fez com brilhantismo todo o curso juridico, obtendo em todos os annos e materias approvações plenas, a maior nota naquella epocha, e recebendo o gráu de bacharel no dia 29 de Novembro de 1865; ainda nesse acto tive a honra de achar-me a seu lado.
Terminados assim os estudos academicos, voltou, no principio do anno seguinte, á terra natal, onde iniciou a sua carreira na advocacia.
Foi eleito deputado provincial na legislatura de 1872—1873, mandato que desempenhou com toda hombridade e competencia.
Deixando então a advocacia, abraçou a magistratura, carreira para a qual o chamava a mais decidida e legitima vocação.
Iniciou-a no cargo de Juiz Municipal do Termo da Lapa, do qual foi removido para o desta capital, em 1874.
Fez aqui um brilhante quatriennio, sendo as suas sentenças verdadeiros modelos de saber e rectidão, pelo que foi reconduzido no cargo em 1878, e apenas recomeçava o seu novo quatriennio, foi distinguido pelo governo imperial com a nomeação de Juiz de Direito para a Comarca de S. José dos Pinhaes, muito ambicionada naquelle tempo, por ser a sua séde quasi um arrabalde da capital.

Alli continuou o illustre magistrado, por sete annos, a prestar os mais preciosos serviços á administração da justiça, grangeando, assim pelo acerto e imparcialidade das suas decisões, como pela amenidade de seu trato, a veneração e a estima geral da população.
Em 31 de Maio de 1874 contrahiu, na cidade da Lapa, casamento com a Exma. Snra. D. Etelvina de Oliveira Lima Silveira da Motta, filha do notavel magistrado, já então finado, Dr. José Gaspar dos Santos Lima, e irmã dos distinctos paranaenses Drs. Manoel Pedro dos Santos Lima e José Pacheco dos Santos Lima.
Em 1886 foi removido para a comarca de Santa Christina do Pinhal, de 2.ª entrancia, na provincia do Rio Grande do Sul, d'onde, logo depois da posse, voltou para esta cidade, com licença.
Em 1888 foi removido para a comarca da Victoria, capital do Espirito Santo, para onde seguiu com sua familia, já então numerosa.
Lá, como em S. José, como em toda a parte onde exerceu jurisdicção ou habitou, o illustre magistrado fez-se respeitado e querido pela correcção do seu procedimento, tanto publico como particular.
Em 1889, nomeado Chefe de Policia desta provincia, regressou á sua terra natal, assumindo e exercendo esse cargo até o dia da proclamação da Republica.
Pouco antes, o governo imperial o havia distinguido com as honras de Dezembargador.
Tendo ficado avulso, o Governo Provisorio, em 1890, lhe designou a comarca desta capital, que fora sempre a sua maior aspiração.
Em 1891, eleito 1.º Vice-Presidente deste Estado, assumiu o governo como substituto legal do autor destas linhas, que teve de ir tomar assento no Senado Federal, do qual era membro.
Coube-lhe, nessa posição, promulgar a primeira Constituição do Estado.

Deposto no fim desse anno o governo do qual fazia parte, o Dr. Silveira da Motta acompanhou, com a lealdade e firmeza de seu caracter adamantino, os seus amigos no ostracismo, e nelle permaneceu, sempre intrepido e animado, até o ultimo momento de sua gloriosa existencia.
Era n'aquella occasião Dezembargador do Tribunal de Appellação deste Estado.
Dissolvido esse 1.º Tribunal, ficou em disponibilidade, como juiz de direito, por força da Constituição Federal, percebendo somente o antigo ordenado de 200$000 reis por mez.
Volveu então á sua banca de advogado, profissão da qual fez um verdadeiro sacerdocio e tirava os meios de subsistencia para sua familia, emquanto o estado de sua saude lhe permittiu exercel-a.
Eis em rapidos traços o que foi a vida publica do benemerito paranaense.
Na vida particular, foi um modelo de virtudes; filho estremoso e bom, esposo exemplar, pae amantissimo e correcto educador.
No culto á amizade, ninguem o excedeu em lealdade e dedicação.
O que, sobretudo, caracterisava a sua personalidade, publica e particular, era a severidade do seu caracter, a sua absoluta intransigencia para com tudo que não fosse nobre, digno, justo e honesto.»
Filhos:
7-1 Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Motta, engenheiro civil, foi casado com sua prima Maria Amelia, 7-2 de 6-2, de quem foi o primeiro marido.
Engenheiro distincto e de rara competencia profissional. Foi engenheiro da Camara Municipal de Curityba, tendo por auxiliar o Agrimensor André Jouve, que sempre assim se manifestava: — A Secção Technica Municipal nunca tivera um profissional de igual competencia e capacidade de trabalho, ape-

zar de já ser assaz melindroso, nessa epoca, o seu estado de saude.»
Filho unico:
8-1 Joaquim Silveira da Motta, casado com Maria da Luz Motta, filha do Major Benedicto da Motta Bandeira e de sua mulher Maria da Luz Almeida da Motta.
Teve:
9-1 Ivone.
7-2 Dr. José Silveira da Motta, medico, fallecido solteiro aos 28 annos.
7-3 Julieta Silveira da Motta, casada com o Coronel Augusto Vieira da Costa, official do Exercito, filho do Coronel Augusto Vieira da Costa e de sua mulher Zelie da Costa.
Filhos:
8-1 Zelia Vieira de Castro, casada com o Tenente Catão Menna Barretto Monclaro.
Filhos:
9-1 Pedro.
9-2 Augusto.
9-3 Paulo.
8-2 Christovão da Motta Vieira da Costa, Tenente do Exercito.
8-3 Etelvina.
8-4 Maria Luiza.
7-4 Dr. Manoel Silveira da Motta, bacharel em direitos, fallecido; foi casado com Carmen Lima, filha do Major Agostinho José Pereira Lima e de sua mulher Lucilla Correia Lima.
Filhos:
8-1 Iza.
8-2 Izette.
7-5 Thalia Silveira da Motta, solteira.
7-6 Maria Elisa Silveira da Motta, fallecida solteira aos 20 annos.
7-7 Leonor da Motta Garcez, casada a 18 de Julho de 1908 com o Dr. João Moreira Garcez, filho do abastado e conceituado commerciante Theophilo Moreira Garcez e de sua mulher Philomenia Vianna Garcez.
Nasceu em Curityba a 17 de Março de 1885.

Formado em engenharia civil a 29 de Junho de 1910, pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.
Exerceu de 1909 a 1912 o cargo de auxiliar do engenheiro Dr. José Pereira Rebouças, na Companhia Mogyana, em S. Paulo.
No Governo do Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque exerceu o cargo de Engenheiro Director de Obras e Viação do Estado.
Em 1916 exerceu o cargo de engenheiro chefe da Commissão Geographica do Estado, fiscalizando os trabalhos de demarcação de limites entre o Paraná e Santa Catharina.
Em 22 de Fevereiro de 1919, foi nomeado, juntamente com o Dr. Ermelino de Leão, perito do Estado para o estudo de limites de S. Paulo, organizando então um mappa regional das terras em litigio, o qual, annexado ao memorial escripto por seu illustre companheiro, serviu de base solida e irrefutavel para o laudo arbitral do Dr. Epitacio Pessôa, a 25 de Junho de 1920, dando ganho de causa ao Paraná.
Exerce o cargo de Prefeito Municipal de Curityba, já em dois quatriennios. Como Prefeito tem desenvolvido a sua benefica actividade, reformando ruas e praças, promovendo o seu embellezamento e realizando grandes obras, quer de calçamento geral, quer de canalisação das aguas fluviaes.
Só o serviço de remodelação da rua 15 de Novembro, com o seu alargamento e asphaltamento, constituiriam merito e direito a benemerencia, si outros relevantes serviços que tem prestado, já não lhe dessem direito a esse titulo. O asphaltamento dessa rua, inaugurado a 19 de Dezembro de 1926, marcará em caracteres indeleveis a grande etapa do progresso de Curityba.
Todos esses emprehendimentos vêm se fazendo com os proprios recursos orçamentarios, sem impostos onerosos ou gravames para o futuro; em-

prehendimentos esses que lhe dão todo o direito a gratidão de seus patricios. Cumulativamente ao exercicio da Prefeitura, vem exercendo competentemente o lugar de director representante da Companhia de Estrada de Ferro S. Paulo — Rio Grande e Paraná. E' lente cathedratico de Navegação Interior, Rios, Portos e Pharóes, da Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná.
Tem publicado diversas obras: «Regimen das Estradas de Rodagem», trabalho esse apresentado ao Congresso Nacional de Estradas de Rodagens, a 12 de Outubro, que mereceu os mais enthusiasticos elogios do Dr. Sampaio Correia, Presidente da Commissão Technica do mesmo Congresso. — «Memorial», folheto em que aponta com profundeza e competencia todas as vantagens existentes em a ligação ferroviaria, Brasil — Paraguay, defendendo o traçado pelo nosso Estado. Tem publicado tambem diversos relatorios sobre assumptos diversos, evidenciando em todos esses trabalhos o maximo da sua apurada competencia e operosidade sem par.
E' presidente do Instituto Historico e Geographico do Paraná.
Teve:
8-1 Nydia.
8-2 Leonor.
8-3 João.

7-8 Julio Silveira da Motta, telegraphista nacional, presentemente serve na Sub-Contadoria da Republica, junto a Delegacia Fiscal do Paraná, casado com Izaura Silveira da Motta.
Filhos:
8-1 Renato.
8-2 Saulo, fallecido.
8-3 Lilia.
8-4 Lelia.

7-9 Godofredo Silveira da Motta, fallecido solteiro aos 22 annos.

7-10 David Silveira da Motta, casado com Walkyria Chaves, filha do Dr. Antonio Augusto de Carvalho Chaves e de sua mulher Rosa Chaves.
Filhos:
8-1 Regina.
8-2 Ruth, gemea com
8-3 Rachel.

7-11 Dr. Coriolano Silveira da Motta, medico, casado com Cecilia Caldas.
Filha:
8-1 Maria.

7-12 Manoel, fallecido em criança.

6-2 Anna Luiza Silveira da Motta, casada com João Rodrigues de Souza Xisto, filho de João Rodrigues de Souza Xisto e de sua mulher Anna Maria Pilar de Souza; neto pela parte paterna de Fabricio de Souza Xisto, de Portugal, e de sua mulher Maria Alexandrina Nobrega; neto pela parte materna do Capitão Manoel Joaquim de Souza e de sua mulher Anna Maria do Pilar.
Sem filhos.

6-3 Dr. Theodosio Silveira da Motta, engenheiro.

6-4 Dr. Eusebio Silveira da Motta, nasceu em Curityba a 30 de Janeiro de 1847, Dezembargador do Tribunal de Justiça do Paraná. Juiz probo, justo e criterioso. Homem de lettras e philologo distincto. Gozou de grande consideração no Estado. Faileceu em estado de solteiro no Rio de Janeiro, onde se achava em tratamento de saude, a 22 de Setembro de 1920.
Com a devida venia abaixo publicamos na integra a magistral peça oratoria, que o illustrado Professor Dario Vellozo pronunciou na Academia de Letras do Paraná, ao occupar a cadeira que lhe foi confiada e da qual é Patrono o Dr. Euzebio Silveira da Motta, fazendo o elogio do Patrono:
«Exmo. Snr. Desembargador Presidente da Academia de Letras;
Exmas. Senhoras;
Senhores Academicos;
Meus Senhores.
Em Krotona, o fundador da Escola Italica ou Pythagorica ensinava o culto dos Deozes immortaes, dos

Heroes magnanimos, dos Espiritos superiores. E os «Versos de Ouro» — de Lysis, — o aedo fidedigno, — vieram da Grande Grecia á hora presente os echos propagando dos principios iniciaticos do Philosopho:

«Aos Deozes immortaes o culto consagrado
Rende; e tua fé conserva. Prestigia
Dos sublimes Heroes a immarcida lembrança
E a memoria etheral dos supernos Espiritos »

O grato dever não fora de render ao Mestre, de que fui humillimo discipulo, preito e culto que lhe cabem por tantos meritos, — Presidente de Honra do Instituto Neo-Pythagorico, desde seo ingresso a seo passamento, durante propicio septenario de estudos, — Amigo inconsutil, — arguto, subtil, emerito philosopho; — certo, Senhores, eo não viera trazer á limpidez espiritual desta Academia, opulenta em espiritos cultos, em almas transparentes e austeros caracteres de recommendavel elevação moral, a rude sombra de meo tosco e rude perfil selvagem, merencoreo e vencido anachoreta, só familiarizado com a solitude do Retiro Saudoso, — que não com o fulgor, a magnitude, o encanto, o deslumbramento, a gloriosa exaltação de mentes bem fadadas, neste augusto recinto reunidas para alto e mais bello exalçar a formosissima, estremecida Terra Paranaense.

Só os que sentem passar bem proximo o sopro gelido e fanador do exilio, avaliam-lhe avaramente os thesouros espirituaes, as meiguices de arminho, o sandalo, a verbena, a gardenia, a acariciadora promessa de suas auroras, a macia consolação de seos poentes.

Quiz a Academia, em sua magnanimidade, haver-me por um de seos fundadores e destinar-me a cadeira que tem por patrono o Dr. Euzebio Motta.

Duplamente gentil: já porque buscasse attrair da penumbra o solitario, já principalmente porque confiasse ao discipulo o nome e a memoria do Mestre.

De um Platão carecia o Socrates paranaense para exaltar-lhe meritos e virtudes, a exemplo do que fez com fulgencia o Desembargador Santa Ritta, nas paginas magistraes de Solitaria Luz.

— Que poderei, Senhores Academicos? Que poderei, Senhores?

Que se affirme agradecimento ao acto da Academia de Letras do Paraná, em trazendo-me, mal grado meo, a tão edificante convivio, mormente porque me proporcionassem motivo de elevar ao Mestre a oblata de minha amizade.

* *
*

Esta pagina cabe de direito á dignissima Familia do Dr. Euzebio Motta, a suas gentilissimas sobrinhas que conheci meninas, a seos sobrinhos, — alguns alumnos meos que foram, — e ficaram meos amigos.

Permittam, a offereça e deponha nas mãos de alguem que tambem tive a honra de haver como alumno, e, por vinte annos já, se vem conservando meo amigo; alguem que fez de meiguissima sobrinha do Dr. Euzebio Motta dilectissima Esposa, — mente culta, alma lidima, caracter impolluto, que bem merece do Paraná, e bem merece estima e respeito de quantos se prezem de possuir coração bem formado. Refiro-me ao Dr. Moreira Garcez.

Sabe elle quanto lhe devo de conforto moral, nesta hora acerba que atravesso, neste proximo alvorecer de meo exilio. . . E que ineffavel ventura a minha a de poder, com a pagina que lhe offerto, repetir perante o nobre areopago, constituido de tantas almas affectuosas e distinctas:

-- Obrigado, meo Amigo!

Excuzae a fragilidade do pensamento, acceitae o ouro antigo da amizade pythagorica, a pagina sincera que elevo ao espirito do Mestre.

* *
*

REMINICENCIAS . . .

Senhores.

Não ha, no fugitivo destas linhas rapidas, affirmar do Mestre o perfil magnifico. Apenas, — e malmente, porque exiguo o meo engenho e fragil o meo espirito, que mal resurge debil e timido, — delinear facetas da personalidade excelsa, procurando induzir o logar de honra que lhe cabe na historia da evolução do espirito humano, o concurso que sua intelligencia trouxe á elucidação de problemas millenares, algo do valor de seo ensinamento, da elevação de seos conceitos, de seo profundo saber historico, de seo

nitido conhecimento philosophico, de sua limpida videncia. Raro escrevia. Afora estudo, publicado, ha quasi quarenta annos, na «Revista Paranaense», acerca do Evolucionismo de Spencer, já abordado o problema do Methodo Philosophico e seo valor, estudadas a Inducção e a Deducção; e, ultimamente, a nosso pedido, alguns fragmentos de Pedagogia e Logica, publicados em «Patria e Lar» e no «Myrtho e Acacia»; e mais o inicio de estudo sobre a «Noção de Constituição», apparecido, em Março de 1914, na «Revista do Centro de Letras»; afora fragmentos e notas, bem raros, não sei que o Dr. Euzebio Motta deixasse outros estudos. Soia, por vezes, annotar a margem dos livros. E, quem sabe, nas obras que lhe constituiam a bibliotheca, se encontrassem informações preciosas. Infelizmente, porem, máu grado nosso esforço, não nos foi possivel conseguir que os livros do Mestre, Presidente que fora do Instituto Neo-Pythagorico, ficassem reunidos aos da bibliotheca do Templo das Muzas. O ouro de lei de seos ensinamentos elle o dava nas aulas, nas confabulações intimas, nas palestras encantadoras. Do que pude recolher e guardar, recordação e reminicencias, é que formei do valor do Mestre a opinião que exponho, e espero se traduza em prova, á luz dos factos.

Conheci o Dr. Euzebio Motta em 1887. Era, então, lente de Portuguez no Parthenon Paranaense, dirigido pelo Dr. Laurentino de Azambuja, de serena memoria. Tinha eo 17 annos. Lembro-me daquelle esclarecido Corpo Docente, não excedido ainda em collegios desta Capital. Faziam parte os Drs. João Pereira Lagos, Franco Valle, Martins de Mello e o Snr. Custodio Raposo, rijo caracter e nobre sentimento. Não fui, por esse tempo, alumno do Dr. Euzebio. Mas, se me gravou aquelle pensativo perfil, elegante e austero, a fronte ampla, grave e bondoso sorriso, sobrio em palavras, o olhar velado em scismas, como se volvido para o mundo interior, no cogitar das ideias que lhe dominavam a mente, no reavivar intimo de recordações, quiçá pungentes, que lhe alanceassem a alma.

Inspirava estima e respeito: a estima que os seres de bons sentimentos irradiam, o respeito que as almas superiores despertam.

Mais tarde, annos volvidos, em 1911, encontramo-nos no Gymnasio Paranaense. O Mestre honrava e abrilhantava a Congregação daquelle estabelecimento de ensino, á frente da cadeira de Pedagogia, e logo depois da de Psychologia e Logica. Foi, então, que nos intimizamos. Foi então que lhe segui com assiduidade o curso de Philosophia, no enlevo daquelle espirito profundo, daquella alma desatada em peregrinas bondades, sempre sereno, sempre fidalgo, sempre magnanimo, ponderado sempre, e sempre carinhoso, sempre bom, sempre impeccavel em pensamentos, palavras e actos.

Nas aulas, no convivio com os alumnos, nas bancas de exame, no trato com os collegas, no modo de dirigir-se e ouvir os empregados de modesta categoria, revelava-se, imperturbavelmente, a sua aristocratica delicadeza, a sua animadora affabilidade, a sua esmeradissima educação antiga, ao molde das familias do Imperio, educação brazileira, cuja elevação de sentimentos não fulgia em brazões, mas refulgia em preceitos e actos.

Vinha eo de ultrapassar a fronteira dos quarenta annos. A palavra do Mestre calou profunda e clara em meo espirito. Pude comprehendel-o, senão nos perfeitos remigios de seo pensamento, nas linhas geraes de suas ideias, graças á intimidade de bons livros que eo vinha desfructando já, por vinte annos, em minha solitude. Pude encontrar directrizes no cahos das opiniões, na vertigem das doutrinas e das escolas, no acerado das seitas, nos meandros dos partidos. Espontou em meo ser guiadora luz. Das cimeiras da Ideia os turbilhões, os vortices, as vertigens fizeram-se harmonia. A luz espiritual, que baixava das alturas, asserenava as paizagens do mundo interior. E tudo era paz, magestade, belleza, silencio. . . E a Voz do Silencio se me fez ouvir: voz de intuitivas, intima, persuasiva e casta, voz da consciencia, alfim lapidada á ganga dos preconceitos, dos erros que enfurecem, dos particularismos que segregam, dividem, retalham, suffocam, esmagam; dos particularismos que são sementeiras de odio, de paixões convulsionantes, de hostilidades barbaras, de vinganças deprimentes e deshumanas.

Devo ao Mestre a luz que me aclarou os arcanos de mim

mesmo, a nitida comprehensão das Ideias Geraes, o rhythmo da Historia, o conhecimento dos «Principios elementares do ser», o valor do Methodo Philosophico, o imprecindivel concurso da Philosophia, *em si,* na orientação do espirito e na elucidação dos problemas que affectam e assoberbam a sociedade.
Devo ao Mestre a caracteristica da civilisação Oriental e Occidental, a decisiva e lucida visão espiritual da Natureza, o immanente principio de justiça, no Kosmos.
Sim! era o Mestre «grande e solitaria luz».
Estudou, interpretou, elucidou e fixou definitivamente certos problemas transcendentes, entrevistos, abordados, meditados por espiritos de primeira ordem, mas perturbados pelas ficções das doutrinas, dos systemas, dos pontos de vista particulares e restrictos.
Nessa prodigiosa altura o philosopho paranaense libra-se fora dos limites do Estado e da Patria, e incorpora-se, com justiça, á pleiade dos architectos do pensamento.

* *
*

TRAÇOS BIOGRAPHICOS

Filho da Exma. Snra. D. Maria da Conceição Silveira da Motta e do Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Motta, — um dos homens mais illustres que no Paraná examinaram o problema da instrucção e da educação popular, havendo deixado, quando exercia o cargo de Inspector do ensino, ao tempo do antigo regimen, serie de conferencias pedagogicas ainda hoje plenas de interesse e actualidade, — o Dr. Euzebio Silveira da Motta nasceo, em Coritiba, aos 30 de Janeiro de 1847.
Apoz o curso de preparatorios, matriculou-se na Faculdade de Direitos de S. Paulo, diplomando-se em 1870.
Durante o curso academico tratou com o Professor Karl Frank, que o Mestre me dizia possuir seguros estudos de Historia.
Ha iniciação scientifica, e tambem philosophica. Os cursos não comportam minucias da materia, a pormenorizada exposição da genese dos factos, das leis, do exacto criterio da Historia, no dedalo millenar dos successos, na transição perenne dos phenomenos, e somente o permitte o assiduo convivio com os mestres esclarecidos e altruistas.

Karl Frank, cuja recordação subsiste na lembrança das natas academicas, ao succeder das turmas, desvendou ao Mestre horizontes amplos e ineditos.
A Historia appareceo-lhe, a comprovar o conceito: «a grande mestra de vida». E á luz da philosophia da Historia a marcha do espirito humano se lhe desennastrou rutila e aclaradora.
De volta ao Paraná, exerceu o Dr. Euzebio Motta a magistratura, até 1892. Desembargador em 1917, para logo apozentando-se.
Quando afastado da magistratura, praticou a advocacia com inilludivel escrupulo e leccionou varias disciplinas com superior agrado.
De 1908 a Maio de 1914, encontramol-o no Gymnasio Paranaense e na Escola Normal, já na cathedra de Philosophia, já na de Portuguez, já na de Pedagogia.
Exonerou-se de lente em 1914. Depois de apozentado, soia procurar no clima da Capital Federal, durante o inverno, ambiente mais propicio á saude. E na Capital Federal, em 1920, no mez de Setembro, fatidico a meo coração desde a infancia, finou-se o Mestre, a 22, ao alvorecer da primavera, onze dias apoz a partida de Alyr, o menor de meos filhos.
Dos dous golpes que me alancearam fundo, não ha retemperar coração e alma. Perdi, quasi simultaneamente, as duas azas de sonho que me alcandoravam o ser e teciam de ideaes a ordidura de minha existencia.
A um tempo, se me fanaram a primavera do lar e o estio da ideia. De ambos ficaram, porem as sombras amigas. Seguindo-as no trilho estreito do dever inadiavel caminho para o Grande Silencio.
Logo que a noticia do passamento do Mestre reboou em Coritiba, todos os corações que o comprehendiam e estimavam, vestiram-se de luto.
Não lhe faltaram preitos.
São do estimavel Desembargador Emygdio Westphalen, seo amigo da juventude á morte, bem como o integro Desembargador Conrado Erichsen que, com o Dr. Euze-

bio Motta, perfaziam a triade da amizade sublime, as seguintes palavras:

«O Desembargador Euzebio Motta não expandiu o seo espirito em escriptos especiaes e nem no jornalismo; o seo maior gosto era o estudo de obras philosophicas, as quaes lia com avidez. Ensinando a seos discipulos e palestrando com os seos amigos, revelava a facilidade com que apprehendia e guardava os assumptos varios, aos quaes dedicava o seo interesse de scientista.

«Sabia guardar a fidalga compostura dos homens bem educados e conscientes de si.

«Dedicando muito amor á Patria, que tambem é nossa, tinha a comprehensão dos difficeis problemas a resolver sobre nossa nacionalidade. . .

«E' de lamentar que elle não tivesse especializado os seos estudos, transmittindo por escripto o resultado de suas locubrações, para se manter o seo justo renome de homem de talento e saber.»

Disse o Dr. Sebastião Paraná:

«Não é sem emoção que me apresento para dizer sobre a individualidade serena do Dr. Euzebio Motta, nome acatado, personalidade insigne que deixa de seo passado limpido a constellação augusta de sua cultura, de sua mansidão, de sua bondade nazarena. . . Quer no Gymnasio, quer na Escola Normal, foi merecidamente estimado, devido a sua elevada illustração, ao seo coração generoso, á nobreza de sua alma evoluida e de seo caracter diamantino.»

O Dr. Hugo de Barros escreveo:

«A amizade tem seo culto firmado entre todos os povos. A heroica e genial Grecia cultivava-a sob a effigie de uma donzela, com a cabeça descoberta, envolta em custosa e alva tunica, tendo sobre o coração uma das mãos e a outra sobre um olmo fendido pelo raio, em torno do qual se entrelaçava elegante videira. O olmo significava o infortunio e a videira o vinculo seguro que liga os corações amigos.»

Em um artigo de Nestor Victor encontramos:

«Quem com elle podia conviver, forçosamente reconhecia, de facto, naquelle espirito uma intelligencia fora do commum, naquella consciencia a consciencia de um justo, naquelle coração o coração de um bom.

«Aqui, no Rio, quando vinha passar entre nós os mezes de inverno que em Coritiba já eram demasiado rigorosos para elle, foi-se formando, pouco a pouco, e cada vez mais numeroso em torno desse velho, um circulo de Amigos e veneradores que poucos na vida conseguem.

«Não eram apenas patricios que o rodeavam; eram tambem varios representantes da mais fina intelligencia. . .

«Pouco a pouco, por esse modo, Euzebio Motta se nos foi revelando no seo verdadeiro pensamento. . . de maneira que afinal pudemos em nosso espirito reunir esses fragmentos, ver-lhes a cohesão, achar-lhes o eixo, convencendo-nos de que tinhamos deante de nós um verdadeiro philosopho. Sim, um philosopho com feição propria, até com systema seo, e tão lindo, tal systema, como os mais lindos que o espirito humano tenha concebido até aqui.»

Assim se expressa Nestor Victor que affirma ter podido, no Rio, «apanhar de um modo mais consideravel» as ideas do Dr. Euzebio Motta.

Reproduzir com acerto, elevação, propriedade e exacto criterio philosophico as «ideas» do Mestre, sempre joven de espirito e avançado nos conceitos, não é facil empenho. Indispensavel nos familiarizarmos com o percurso mental que fizera atravéz da Historia da Philosophia, cujos systemas expunha e examinava.

Cultivava a Philosophia «em si», a philosophia pura, acryzolando as Ideias Geraes que o faziam perfeito pythagorico. Adoptara no INP o nome symbolico de «Empedocles», que bem lhe define as predilecções supernas.

Testemunhou-lhe o Instituto o reconhecimento, em reunião especial, presidida pelo Desembargador Emygdio Westphalen.

Para ser lida na reunião do INP, escreveo o desembargador Santa Ritta — «Solitaria Luz» — pagina impeccavel, de limpidas intuições, recamos de estylo, observação criteriosa e fidedigno estudo da psykê do Mestre.

Assim aprecia o desembargador Santa Ritta a inconfundivel personalidade:

«Com a subita partida do desembargador Euzebio Silveira

da Motta para a outra margem da vida, o Paraná perdeo um dos seos mais nobres e profundos espiritos. Era um serio pensador, duma personalidade original, de fortes relevos. Senhor de uma vasta cultura, de uma intelligencia percuciente e subtil, das mais subtis que temos conhecido, alliando a esses grandes predicados uma alta distincção de maneiras e de caracter, gestos sobrios, a physionomia veneranda dum velho philosopho grego, afinada pela tortura de seculos de scepticismo, grave e meiga, simultaneamente, a sua conversação era um verdadeiro encanto espiritual. Em phrases incisivas e breves, duma synthese poderosa, com simplicidade magnifica, fazia o balanço das ideas fundamentaes dos systemas philosophicos, que maior influxo teem exercido sobre a cultura occidental, analyzava-os, criticava-os com uma superioridade tão rara, que mereceo a admiração do grande Farias Brito, que affirmou espontaneamente a Nestor Victor que nenhum outro brazileiro, falando sobre Logica, o satisfizera tanto como Euzebio Motta. Dissertando entre intellectuaes, elle tinha sempre, a proposito, as mais finas e curiosas anedoctas sobre os grandes typos historicos e, muitas vezes, phrases de ouro legitimo, em que havia irisações de diamantes peregrinos, precisamente porque não procurava nunca effeitos de méras sonoridades verbaes.»

De «Luz de Krotona», orgam do INP, extrahimos:

«Ponderado, austero, nobre de sentimentos, impunha-se pelo criterio das palavras e dos actos; encantava pela affabilidade do trato, pela delicadeza; piedoso sem alarde, jovial sem arruido, conciliador e tolerante.

«No INP orientava as mentes e confortava as almas. Não desfolhava *as rosas da Esperança;* não abatia os animos, não evocava a duvida, não attrahia o tédio.

«Experiente sem pessimismo, confiante sem exaggero, meticuloso sem enfado, esmiuçava e analizava os problemas com a perseverança de um alchimista e a subtileza de um metaphysico.

«Profundo em Historia, mestre em Philosophia, dava as ideas precisões de prova e evidencias de axioma.

«Apresentava os factos sob aspectos, por vezes, inteiramente novos, com ancenubios inéditos que, á primeira vista, pareciam paradoxaes ou sophisticos. Impunha-se, emtanto, sua clarividencia á meditação e ao exame; e suas affirmativas acabavam impondo-se á consciencia esclarecida que lhe seguisse os testemunhos historicos ou psychologicos.

«Pensador, pythagorico por excellencia, não se apaixonava pelas opiniões, nem espozava os vicios, falhas e excessos dos systemas, nem resvalava no particularismo das ideas sectarias e exclusivistas, — procurando sempre, com o criterio que lhe era peculiar, corrigir as hostilidades dos pontos de vista restrictos pelas harmonias das Ideas Geraes.

«O Methodo era sua lampada. Tinha dos valores do Methodo juizo elevado; conhecia-lhe a força dynamica, e entendia que os vicios da Civilização Occidental, suas lacunas, crimes, a impossibilidade em que se encontra de solucionar graves problemas, decorrem do esquecimento em que vive, quanto á influencia que exerce na ordem das ideas o Methodo Philosophico.

«O INP deve ao Mestre . . . *a lampada de ouro,* capaz de aclarar as consciencias e permittir a Concordia e Harmonia dos Seres, sem attrictos sectaristas, em inalteravel conciliação da Razão e dos Sentimentos, o que não foi possivel ainda, em cerca de dez mil annos de vida social, mao grado o valor das doutrinas e systemas religiosos, philosophicos, politicos e sociaes, no afan insano de se entre-substituirem, olvidados da heterogeneidade dos estados da consciencia humana, resultantes de graos diversos de evolução, educação e conhecimento, — irreductiveis ao criterio de Força.

«Como o philosopho grego que fizera seo paranympho, visava «*um unico objectivo: desprender o homem ás cousas sensiveis, eleval-o ás cousas supernas, assim restabelecendo na Terra a edade de ouro, edade de paz e harmonia.*»

Os excerptos reproduzidos firmam traços do perfil do Mestre.

Tentemos penetrar um momento, rapida e superficialmente, no mundo de suas ideas, haurindo o saber de seos admiraveis conceitos.

* *
*

DOS PRINCIPIOS ELEMENTARES DO SER — NA HISTORIA

Dizer Historia, é dizer civilização, cultura.
E' seguir a trajectoria humana, das edades megalithicas á epocha do submarino e da aeronave; é vir das origens do Homem, do autochtone da Lemuria remota, da Atlantida historica — somente deslobrigada pela myopia mental dos que não podem ver as dezenas de phanaes accesos no ultimo meio seculo de investigações scientificas, — ao homem fossil da America, da Azia, da Africa, da Australia, de Sumatra e Java; é estudar o enigma e o conflicto das raças, a lingoagem, os ritos, as mythologias, os tabus, os cultos, superstições e crendices; é seguir o percurso da familia, do clan, da tribu, aos periodos do matriarcado e do patriarcado; é assistir á formação das sociedades, á expansão dos nucleos humanos, suas migrações, á formação e embate de sub-raças; é acompanhar o nascer e o declinio dos povos.
O surto das letras, as maravilhas da Arte em suas varias modalidades estheticas, a eclosão e o desabrochamento da Sciencia, o florescer da idea philosophica, o alor da mente para o infinito impressionaram profundamente as laminas da Historia, e bem assim o resurgir e expandir do commercio e das industrias, desde a hora remota das eras prehistoricas — ao tempo das caravanas que cruzavam a Arabia e a Syria, e se alongavam ás regiões do extremo Oriente; desde o sulco aberto nos mares pelos veleiros phenicios, pelas galeras gregas e romanas — ao tempo dos grandes descobrimentos maritimos, á expansão colonial da Europa contemporanea, ao promissor elance das nações americanas.
A Historia reflecte no metal polido de suas taboas de bronze a marcha da Humanidade, vinda do nebuloso passado, em sua destinação planetaria, para a perfeição moral, para o Bem, para a Fraternidade.
Seguindo a espiral humana, observando os cyclos historicos, o florescimento, apogeo e decadencia dos povos do Oriente e Occidente, o Dr. Euzebio Motta constatou o influxo dos dous «principios elementares do ser» na vida

da Humanidade, determinando conflictos, revoluções, quedas de imperios e republicas, antagonismos apparentemente irreductiveis, males insanaveis.
Investigou e encontrou a causa das oscillações tremendas, da instabilidade das organisações politicas.
Os «dous principios elementares» appareciam e reappareciam sempre, — pois que, por elementares, inalienaveis, — porém, perturbados por causa inattingida e que, occulta e subtil, agia e age, determinando os vicios, defeitos e erros dos systemas.
O particular dominava como facto geral e o relativo como absoluto.
Espiritos superiores, desinquietos com os conflictos perennes, vanmente rebuscavam a causa perturbadora. Chegaram a confundir absoluto e absolutismo. . .
Emtanto, a causa, subtil e occulta, proseguia actuando.
Atravez de seculos e seculos, por millenios, os povos teem vindo dentro de circulo vicioso, subdivididos e hostis, improficuamente buscando eliminar o principio contrario, substituir-se definitivamente ao grupo adverso. Como, porém, os dous principios elementares sejam estruturaes, mal um grupo se sobrepõe ao outro, o vencido entra de minar e ruir as bases do edificio, levantado pelo elemento opposto.
Os systemas, resultantes do influxo de cada um dos principios, — que o Mestre qualificava de Substancia e Accidente, — teem virtudes e vicios que lhes são inherentes.
O principio Substancia tende ao repouso, — portanto: ao conservatorismo, á estabilidade, á Ordem; o outro principio, — tende ao movimento, á instabilidade, ao Progresso.
Nas sociedades humanas manifestam-se, por vezes, sob as formas de *aristocracia e democracia.* Logicamente proseguidos até seos ultimos limites, levariam ao exterminio: o primeiro chegaria ao repouso absoluto, o segundo á dispersão absoluta; o primeiro levaria ao despotismo, á tyrannia, em seos exaggeros e vicios; o segundo á licenciosidade, ao turbilhão, á vertigem. Nem em um, nem em outro systema, quando exaggerados e sem mescla, pode existir a liberdade sem excesso, a egualdade perante a lei, a fraternidade decorrente da applicação justa e san das ideas moraes.

A antiga sociedade oriental, influenciada pelas ideas moraes, adoptou o principio de *Substancia;* o Occidente, imbuido de utilitarismo, adoptou o *Accidente.*
Para tornar sensivel esta verdade, o Mestre recorria «ao exame das antigas civilisações, oriental e occidental, fazendo ver naquella a influencia do principio elementar de unidade ou substancia que imprimia a tudo um caracter de grandeza sumptuosa e de austera estabilidade».
São palavras do Mestre. E, ainda:
«Dahi a philosophia oriental com o seo sincero desdem pelas cousas transitorias, por tudo que brilha ou amargura, mas que é ephemero, apenas olhando profundamente para as cousas impereciveis e immutaveis, chegando ao extremo de negar o mundo exterior e affirmando positivamente que *a immobilidade era mais nobre do que o movimento.*»
«Dada a reacção philosophica, — proseguia o Mestre, — contra o excesso ou predominio exclusivo desse principio elementar da substancia, reacção de que resultou a antiga civilisação occidental grego-romana, a influencia do principio contrario, isto é, do accidente, do relativo, do transitorio fel-a extremar-se em sentido opposto, de modo que, longe de pensar como os Orientaes que a immobilidade seja mais nobre do que o movimento, ella desprezava a immobilidade como cousa negativa, só considerando realidade o que se move.
«Platão denunciou esse vicio na civilisação grega, mostrando que elle se manifestava na propria lingoagem.»
E' bem de ver, o Mestre, aclarando o assumpto e pondo em relevo os vicios do systema, indicava, tacitamente, a necessidade de fundir num todo harmonico as virtudes dos dous principios, expungindo-os dos vicios que lhes são particulares.
E', em honra do Mestre, uma das ordens de estudos a que se dedica o Instituto Neo-Pythagorico.
Alguem, que commigo estudou Historia, e familiarizou-se com as ideas do Dr. Euzebio Motta, relativas aos «principios elementares do ser», resumio nos seguintes termos esse ensinamento:
«A existencia dos dous systemas que a historia da civilisação registra, e que, de facto, parecem reger os acontecimentos historicos, desde a mais alta antiguidade, tem sido assignalada por philosophos, por historiadores, pelos que se dedicam á historia da Philosophia e á philosophia da Historia. Platão, Aristoteles, Vico, Fabre d'Olivet, Victor Cousin, Barthélemy, Saint-Hilaire, Michelet, Edgar Quinet, Ferrari, Strada, F. Barlet, J. Brieu, Farias Brito pertencem á pleiade desses pensadores.

«Assim poderiam ser designados os dous systemas determinantes da civilisação:
«1.º Systema regido pelo principio estavel;
«2.º Systema regido pelo principio instavel.
«A' idea de *Estabilidade* se veem juntar as ideas de Nomeno, Essencia, Causa, Moral, Razão, *Ordem,* Justiça. — Della decorre o predominio dos sentimentos superiores, o espirito de subordinação á Lei, de tolerancia, de respeito mutuo, o culto da Verdade. — *Vicios do systema:* tendencia á rotina, á quietação, ao repouso, á ankiloze social, á morte por inactividade.
«A' idea de *Instabilidade* se veem reunir as ideas de Phenomeno, Corpo, Effeito, Instincto, Paixão, *Progresso,* Liberdade. Della decorrem as acções, o movimento, o culto da Vontade. — *Vicios do systema:* tendencia á dispersão, á rebeldia, á inconstancia, á exhaustão, á morte por esvaecimento.
«Decorre dahi que, para a sociedade se manter sem cahir nos vicios e excessos dos systemas particulares, é mister velar para que um dos elementos não exclua o outro.» — (Dr. Cyro de Castro Vellozo. — *Caracter das Civilisações Americanas,* — these de concurso de Historia.)
Assim rendemos preito ao Mestre, procuramos honrar-lhe a memoria e propagar-lhe os ensinamentos.
Claro é que, em accentuando o caracter da philosophia oriental, o Dr. Euzebio Motta não trazia da penumbra todas as modalidades das ideas do Oriente, nem era esse seo intuito; e ao accentuar o principio de instabilidade ou movimento, como caracteristica do pensamento greco-romano, não desconhecia a philosophia de Pythagoras, imbuida do principio de Causa, Substancia, Essencia.
Em Pythagoras encontra-se a mais completa concepção

philosophica, synthese das syntheses dos santuarios iniciaticos do Egypto, Kaldea, India, Delphos e Eleuzis, a fulgir na cimeira de duas civilisações: da Oriental, de que recebeo os influxos; da Occidental, de que lançou os fundamentos com intuição, saber e trabalho admiraveis, e cuja influencia atravessa os seculos de cultura hellenica e romana, palpita no pensamento christão aos lampejos do neo-platonismo, illustra grandes espiritos dos tempos medievos, de Pico da Mirandola a Leibnitz, e cuja expansão alcança Augusto Comte e transparece do *Systema de Politica Positiva.*

A harmonia do edificio pythagorico apparece na concepção do Dr. Euzebio Motta, e a Unidade, a que attinge, religa a philosophia de Krotona á philosophia do Mestre.

* *
*

DO METHODO PHILOSOPHICO E SEO VALOR

No rebuscar da causa perturbadora das ideas, do espirito humano, causa fertil em males e angustias, em desvios e erros, o Dr. Euzebio Motta elevou-se da Historia e da Philosophia da Historia á *Perennis Philosophia,* que cultivou durante meio seculo.

Em logica, em Metaphysica tornou-se inexcedivel. Era-lhe familiar a Historia da Philosophia, e sua erudição transcorria empolgante, enlevo e arroubo, desde os primordios do pensamento hellenico a William James e Bergson.

Sabia com minucia a «sciencia da prova», da *Logica deductiva* de Aristoteles á *Logica inductiva* de Stuart Mill. Definia a Logica «a sciencia do raciocinio, isto é, das operações do entendimento, que indagam dos factos, baseados na relação de dependencia verificada entre elles pela observação».

Já em 1882, o Dr. Euzebio Motta, em estudo publicado na Revista Paranaense, pedia attenção para o valor do termo em philosophia, e insistia na confusão reinante entre *Inducção* e *Deducção, Analyse* e *Synthese.* Mais tarde, commentando pagina de Gabriel Compayré, pensador a quem admirava, elucidou o assumpto em suas notas de *Logica.*

Em proseguindo os estudos do Mestre, chegámos á convicção de que a Inducção e a Deducção não devem ser consideradas methodos, mas operações iniciaes e fundamentaes do espirito, elementos inseparaveis do Methodo, bem como a Analyse e a Synthese, operações finaes do Conhecimento, egualmente indispensaveis ao Methodo philosophico.

A unidade do Methodo philosophico resaltou nitida, e nos foi possivel reunir-lhe alfim todos os processos ou methodos particulares que, até ao presente, havidos em separado, como criterios absolutos, quando apenas relativos, vinham contribuindo para augmentar o cahos das ideas.

Exactamente o estudo do Methodo philosophico e seo valor — um dos ensinamentos mais originaes do Mestre — lhe permittio encontrar no proprio Methodo a causa perturbadora das ideas do espirito humano.

Considerava o Methodo-philosophico «*a idea capital que dirige o pensamento humano em uma dada epoca e a cuja influencia, portanto, nada escapa*».

«A causa perturbadora do pensamento occidental, — ensinava, — promana do vicioso conceito do Methodo philosophico.»

De facto, o dynamismo do Methodo é formidavel. O Methodo philosophico é o agente, o factor da orientação das Ideas, de que emanam os principios, as doutrinas, os systemas, as opiniões individuaes ou collectivas, normaes ou transvestidas. Age na escola e no lar, na imprensa e no livro, no parlamento e na administração, nos tribunaes, na diplomacia, no Orbe. Inverte e transmuta valores, dissonancia ou harmonia, eurythmico ou monstruoso, afeiçoando ou deformando o individuo e a familia, normalizando ou corrempendo os Estados.

Sua acção temivel faz-se mais assombrosa, porquanto age imperceptivelmente, desattentas que vivem as multidões, preoccupados os sabios no afan dos problemas inadiaveis, apaixonados os politicos, despercebidos os pensadores, mesmo os philosophos, em geral alheios á Philosophia pura, enredados na trama das escolas.

O Methodo philosophico é luz e tramite na Humanidade. «Assombroso o dynamismo do Methodo, terriveis as con-

sequencias dos vicios de interpretação methodologica. Attinge todas as manifestações do espirito, os ramos todos de actividade individual ou collectiva. Rue civilizações, pulveriza organismos sociaes, calcina systemas, instituições, partidos, governos, classes, individuos.

«Quando lhe tonam os effeitos, os fantoches humanos, transidos de pavor, interrogam-se, fragillimos, deslumbrados, sem poder encontrar o fio que lhes permitta fugir ao labyrintho em chammas.»

Em estylo attico, o Mestre affirmou, com o limpido criterio que lhe era peculiar:

«No presente, são tão numerosos no mundo culto os estudos philosophicos quanto são raros, realmente excepcionaes, os estudos de pura philosophia.

«Se é certo que a philosophia conduz ao conhecimento na mais vasta accepção do vocabulo, a mais lucida e alta concepção do mundo physico e do mundo moral, tambem é indubitavel que os estudos philosophicos, como se fazem commumente, conduzem a confusão de ideas, a flagrante anarchia espiritual. As consequencias do circulo vicioso em que se debate o espirito moderno são de importancia capital, pois que se manifestam em todas as variadissimas expressões da actividade mental do homem. Todas as tentativas de reformas sociaes, politicas ou religiosas, serão improficuas, emquanto não se tiver removido a causa geradora dos multiplos desvios da verdadeira orientação do pensamento humano. Essa causa perturbadora é defeito do methodo philosophico.»

E concluia:

«A' vista de tudo isto, não se pode deixar de reconhecer que ha neste ponto tão essencial uma difficuldade que parece ter se tornado insupperavel para os europeus e de cuja solução, entretanto, depende o restabelecimento da ordem e harmonia em nossas ideas.»

Eis porque os Amigos do Mestre, na paz espiritual do Templo das Muzas, rebuscam a posse das Ideas geraes, orientando-se nos dedalos do Conhecimento.

«Lampada e chave do Saber é o Methodo Integral, ou *Methodo-pythagorico.* A missão especial do Instituto rezume-se em conservar incorruptivel o Methodo, propagando-o. Nosso esforço, garantindo Nova Krotona pela agricultura e pelas artes, instruindo e educando, cultivando a Sciencia e a Philosophia, proporcionando ao pythagorico a subsistencia, o conforto, a vida affectiva, esthetica e moral, tende tambem a premunir o Methodo contra azares possiveis, sempre fataes ao genero humano.»

Outros philosophos, de Oriente e Occidente — o Rishi Gôtama, no systema de Nyaya (ou Logica), na India; Pythagoras, na Grande Grecia; Aristoteles, com o inexcedivel *Tratado de Logica,* em 4v; Pico da Mirandola, na Italia; Descartes, Strada e Barlet, na França — apprehenderam o valor do Methodo-philosophico. De nenhum sei, porem, que levasse tão longe essa delicadissima ordem de estudos, que lhe affirmasse e confirmasse os effeitos, que lhe pormenorizasse os resultados, que descobrisse «no vicioso conceito do Methodo-philosophico a causa perturbadora do pensamento occidental.»

O sorprehendente ensinamento, offerecido pelo Dr. Euzebio Motta á cultura universal, bastaria para definir-lhe a mentalidade e collocal-o entre os mais conceituados philosophos. Deixa mais que um systema, deixa uma *verdade,* chave de ouro e esmeralda para abrir aos posteros o templo mirifico do Saber e da Paz, levando-os á affinidade das ideas, á concordancia do Pensamento.

Uma vez conhecida a palavra do Mestre, ficará definitivamente incorporada a Humanidade. Perenne a acção do Methodo, perpetua a virtude, a sabedoria do Mestre.

Ou a civilização adopta o criterio methodologico, expungido dos vicios deformantes, ou o circulo vicioso, em que veem girando arduamente os seres humanos, eterniza-se, e, com o circulo vicioso, as más consequencias dos conceitos erroneos.

***

DA METAPHYSICA

Entre os seos ensinamentos predilectos avultava o da Metaphysica.

Na inversão de valores philosophicos, na salsugem sensista do negativismo, manteve intangivel a Philosophia pri-

meira, a concepção espiritualista do Kosmos, intransigente no culto ás ideas moraes.
Alto conceito da Metaphysica resumbra de pensadores contemporaneos: affirmam-na J. Strada, Saint Yves d'Alveydre, Barlet, J. Brieu, de Guaita, Farias Brito; vulgarizam-na Annie Besant, Leadbeater, Maeterlink, J. Ingenieros; acceitam-na, entre outros, Spengler, Pontes de Miranda e Abelardo Roças.
Sempre que a mente se eleva do phenomeno, do facto sensivel, do objecto concreto, do mundo physico ao nomeno, á idea de causa, ao facto subjectivo, aos paramos da hypothese e do abstracto, penetra os dominios da Metaphysica.
A razão leva á consciencia a idea e as impressões do mundo exterior, como do mundo interior.
A razão leva á consciencia a idea e o facto discernido.
A consciencia é a faculdade que nos permitte a convicção do pensamento e do facto. Exerce tambem a funcção de hiper-memoria.
E' relativa ao conhecimento.
A observação, a evidencia são criterios particulares, pessoaes, relativos, e não absolutos.
O criterio perfeito é impessoal, decorre do facto, não do individuo.
A razão corrige a ficção dos sentidos, o erro das apparencias.
Sem a Metaphysica, o espirito não attinge as ideas geraes, não se eleva do relativo ao absoluto.
E' a recta razão. Longe de assignalar a fimbria intangivel de filigranas de sophismas, erros, phantasias, infantilidades e futilidades, — é a balança de precisão que aufere dos problemas e hypotheses, das ideas mais delicadas e subtis, mais supernas e profundas. Traça as linhas da capacidade mental, chanta os marcos extremos do conhecimento, delinea o que ao homem é impossivel saber, porque vans as pesquizas do Incognoscivel desde a mais famosa e remota antiguidade.
Ensina a saber o que não se pode saber. . . Como nos santuarios iniciaticos, levanta a extremidade do veo que vela o semblante de Isis.

E' a Metaphysica a sciencia que aborda o problema do Homem e do Kosmos, em sua unidade fundamental e em sua finalidade.
Seo objecto não é o que lhe attribuem malmente os adversarios, nem é responsavel por exigencias que não comporta. Condemnar-se-ha a Astronomia, porque ainda não traçou a orbita do sol nem nos disse se a estrella do nosso systema solar nos arrasta para alpha de «Hercules», ou para Vega da «Lyra», ou para Alcyone das «Pleiades». Repudiar-se-ha a medicina, porque não sorprehendeo as origens da vida, nem resolveo o mysterio da morte.
Não é objecto da Metaphysica «resolver» o problema das causas primarias e finaes; porem, investigal-o, apontar-lhe o valor, para que seja possivel auferir dos destinos do Ser, não em relação á passagem, ao transitorio das Monadas sob forma humana, porem em relação ao eterno.
Dissabida a finalidade humana, impossivel traçar-lhe com acerto directriz nitida e perfeita.
As soluções apresentadas pelos systemas particulares são falhas, transitorias, ephemeras, e só têm resistido ao sopro dos seculos a luz das lampadas iniciaticas, alto fulgindo nas éras, nas pyramides e templos da terra de Kemi, nas torres da Kaldea, nos santuarios da Celtida e da India, da Etruria e dos Antis, de Eleusis e Iberia, illuminados pelos reverberos deslumbradores da Metropole das «Portas de Ouro» e de Tupan Boiéra, na famosa Atlantida, culta e longinqua.
Sem a Metaphysica, o espirito humano tende a abater-se no utilitarismo grosseiro. Com ella, pode perder-se no Infinito, mas não terá a clamide inconsutil roçagada em humus. Cabe aos pensadores o criterio dos rumos e das altitudes. . . Mas, para que se elevem, necessario abandonar a superficie dos alagadiços.
A Metaphysica desvenda ao Homem os páramos da vida espiritual; e o Homem, em sua finalidade moral e superna, não é caricatura biologica; é a «Monada», é Intelligencia, é Essencia em caçoula de argila.
A argila é envolucro. . . Quebra-o a Morte. A forma decompõe-se e apaga-se. Não o homem: porque sentimento, idea, substancia, Essencia. E vive e se eterniza nos san-

tuarios do coração, nas acropoles do Pensamento, nas affinidades do Absoluto, na consciencia do Kosmos.
Caminha para a Perfeição Suprema, em sua directriz moral seguindo as curvas sideraes da Espiral da Vida, nos cyclos do Sem-Termo.
Rehabilitada a Metaphysica, a valores utilitarios substituem-se valores moraes. E' a renascença do lar, a honesta estabilidade da familia, hoje quasi dissolvida, na annullação dos caracteres, eivados de sensismo.
Vio o Mestre a vertigem social, a inversão de valores, transvestidos na mascarada argentaria, na faina despudonorosa, — symptomatica dos periodos de decadencia.
A tormenta não conseguio soprar-lhe a lampada, nem abater-ihe o animo; deixou-a, estrella espiritual, nos cimos da Idea, já alumiados pelo cariz de promissora, suavissima aurora.

* *
*

DA PHILOSOPHIA

E' bem verdade, senhores, — que os virtuoses do pensamento desatam, não raro, os labios em sorriso de incredulidade e mofa, quando ouvem falar de Philosophia; mas, não é menos certo que a fronte dos pensadores pende e sulca-se do traço caracteristico das cogitações profundas, quando engolfados nos problemas philosophicos, na alta visão altruistica dos destinos da Humanidade.
Tinha o Dr. Euzebio Motta a faculdade, preciosa e rara, de despertar ideas, de fazer pensar, de incutir nos espiritos a responsabilidade das palavras e actos.
Para o Mestre, a Philosophia, sciencia do Conhecimento integral e synthetico, é a fonte maxima da sabedoria humana, torna o ser consciente e livre, a consciencia diamantina, a alma estoica, a tolerancia perfeita, a bondade imperturbavel, a paz interior absoluta.
A Philosophia «em si» é a integração das Ideas, o kosmologismo no Conhecimento, a essencia das locubrações da mente, sem preconceitos, sem sectarismos, sem paixões, sem estigmas de escolas e systemas particulares e restrictos.

O verdadeiro Philosopho congrega, congraça e unifica, — á luz da Razão, da consciencia esclarecida, da verdade.
Integra o homem na Humanidade, a Humanidade no planeta, o planeta no systema solar, o systema solar na via-lactea, a galaxia nos archipelagos celestes, os archipelagos no Kosmos.
E' o vôo genial de Nordemann explicando a theoria de Einstein.
Não lhe repugnava o determinismo espiritualista, a Essencia eterna e intelligente, levando ao «pantheismo espiritualista». Preferia, emtanto, ficar-se nos conceitos irrefutaveis de «Substancia» e «Accidente».

* *
*

NO TURBILHÃO DAS IDEAS PHILOSOPHICAS

Desde que a synthese dos Collegios Iniciaticos da Antiguidade oriental e classica entrou de fazer-se exoterica, surgiram escolas philosophicas e fragmentou-se o Conhecimento.
A India definio os «caminhos da sabedoria», demonstrou-os, tentou conciliar as correntes do pensamento em unidade harmonica. Os grupos, entretanto, entrechocam-se e os criterios variam. — Em seis systemas classificaram os Drs. Auvard e Schultz a philosophia dos hindus:
A Vaysheshika — ou systema das particularidades;
A Nyáya — systema da logica;
A Mimánsa — systema dos principios dirigentes;
A Sánkhya — systema do numero;
A Yoga de Patanjali — systema da União;
A Vedánta — fim do saber.
O Materialismo, o Espiritualismo e o Scepticismo figuram como expressões do pensamento no Oriente, e não apenas no Occidente.
Na Grecia, o pensamento philosophico dispersa-se em varias escolas:
A Jonica encontra sua maxima expressão em Thales; a «Eleatica» realça-se com Xenophanes e Parmenides; a «Atomistica» opulenta-se com Democrito e Epicuro. Ana-

xagoras acceita o atomismo espiritualista; Socrates affirma a unidade do Ser e a immortalidade da alma. Platão funda a «Escola Academica»; Xenokrates retoma as monadas pythagoricas e estabelece a analogia entre os numeros e as ideas. A «Escola peripathetica» refulge com Aristoteles; a «Sceptica» vulgariza-se com Pyrrho; Zenon de Citium e Chrysippo divulgam a «Escola Estoica»; Diogenes é o orgam da «Escola Cynica». Protagoras e Gorgias destacam-se entre os «Sophistas», soprando a decadencia do espirito hellenico.

Pythagoras, em que peze aos deletreadores de seos ensinamentos iniciaticos, não é o fundador de systema particular, menos de seita e culto. Sua philosophia discorre em principios, em verdades, em Ideas Geraes, em leis, na affirmação das categorias vulgarizadas pelo pythagorico Archytas de Tarento. A moral de Pythagoras é perenne, sem vislumbre de sectarismo.

As duas feições do espirito philosophico, antagonicas e em lucta atravez dos seculos, — o materialismo e o espiritualismo, — equilibravam-se no conceito pythagorico, apparecendo como attributos da Essencia unica, em a harmonia do Kosmos. O Philosopho cultuava a Philosophia em si, luz guiadora das almas. O individuo, a familia e o Estado convergiam as actividades no sacerdocio da Humanidade. Morto Pythagoras, dispersos os discipulos, a escola synthetica e universal perpetuou-se e ampliou-se, apezar das vicissitudes do pensamento na Europa.

Roma e Alexandria continuam as correntes mais generalizadas na Grecia.

A Egreja dos primeiros seculos do christianismo bebe a longos sorvos nas fontes neo-platonicas. Com a Philosophia, a Logica e a Metaphysica espontam nos vergeis do sentimento christão; e os embates surgem entre a razão e a crença.

São Paulo desmozaiza o christianismo; Basilides e Valentim, gnosticos, affirmam-se eclecticos. S. Justino e Athenagoras approximam Platão e Jesus; Clemente de Alexandria prega o eclectismo christão; Origenes ensina a preexistencia e a transmigração das almas, realça a theoria da «emanação», — adoptada pela «Escola pythagorica». A politica

da Egreja é reaffirmada por Athanasio, com a unidade catholica. — Gregorio de Nyssa e João Chrysostomo são neo-platonicos. Agostinho, neo-platonico, racionalista, conclue a theologia, esboçada por São Paulo.

Na Edade-medieva, o conflicto dos systemas philosophicos avulta. Escholasticos e humanistas, desvairados pela ausencia do verdadeiro Methodo, aggravam os ataques. Entre os escholasticos, em o seio da propria Egreja, divergem as opiniões, emergem perturbadoras tendencias schismaticas. Ao «Nominalismo» de Roscelin, Chapeaux oppõe o «Realismo». Abelardo ensaia a reconciliação entre os antagonistas, creando o «Conceptualismo».

Com Avicena, Averrhoes e Maimonides o espirito eleva-se ao Pantheismo.

Alberto o Grande apoia-se na «Metaphysica» de Aristoteles; S. Thomaz de Aquino procura conciliar a philosophia e a theologia; Rogerio Bacon torna a «experiencia» criterio scientifico.

Francisco Bacon é havido como precursor dos positivistas; Hobbes proclama o Materialismo.

Descartes inicia o espiritualismo moderno. Demonstra o valor do Methodo e das ideas directrizes, rehabilita as leis geraes que evocam Pythagoras.

O «Jansenismo» repelle o livre-arbitrio. Blaise Pascal leva ao extremo, contra os Jesuitas, o fatalismo christão.

Spinoza, em seo idealismo pantheista, volve á Philosophia. E' incomprehendido.

Locke rectifica as theorias de Hobbes.

Leibnitz revela-se pythagorico.

Kant rehabilita a Philosophia; dá á Razão a hierarchia legitima que lhe cabe no Conhecimento. Explica a Unidade do Conhecimento pela razão theorica.

Fichte, Schelling e Hegel seguem as pegadas de Kant.

Thomaz Reid combate o scepticismo de Hume.

Na França, os «Encyclopedistas» levantam-se contra o theologismo, firmam-se na Razão contra o dogma, exaltam a Natureza. O criterio philosophico entra de confundir-se com o criterio scientifico; a Philosophia entra de ser substituida pelos estudos philosophicos.

Augusto Comte, em seo portentoso «Systema de Politica

Positiva» despreza factores historicos, limita a actividade do pensamento, retraça mais um tramite.
Spencer investiga os problemas universaes, mas superpõe ao Kosmos a sua visão do Incognoscivel.
Schoppenhauer apresenta do Universo mais uma ficção pantheista.
Hartmann, na «Philosophia do Inconsciente», adopta a inintelligencia das origens.
Com Blavatsky, Papus, Barlet, Bergson, Richet, Einstein, Farias Brito vemos desenrolar-se mais uma vez o panorama das Ideas.
Com o Dr. Euzebio Motta, porem, a situação modifica-se.
O Mestre afastou-se do torvelino dos systemas e das opiniões, do circulo vicioso dos criterios unilateraes, do afan inutil das polemicas, do byzantinismo philosophico.
Orientou-se no labyrintho, colheo no vortice as directrizes do espirito humano, achou a causa perturbadora, definio-a e explicou-a, deixando, — incomparavel espolio, — as bases para levar a humanidade «á unidade de pensamento e sentimento» (não á homogeneidade de gostos e predilecções), á estabilidade das Ideas, das instituições, á paz publica e á harmonia intima.
Nem as religiões, nem as doutrinas de toda ordem jamais conseguiram a concordancia do pensamento e do sentimento universaes.
A causa fundamental dos antagonismos foi encontrada: rezidia no emprego vicioso do methodo philosophico.

* *
*

O vulto do pensador paranaense, quasi desconhecido ainda, avantajar-se-a com os annos.
Com elle, triumpharão a Moral, a Verdade e a Justiça.
A edade futura será de liberdade, paz e belleza.
O Mestre, de imperturbavel serenidade, alimentava grandiosa esperança que o acompanhou sempre.
— *Ha seres superiores,* — dizia, — *que conhecem o estado actual e sabem onde o erro se encontra; mas, se occultam, porque a hora não soou ainda. . . Seria nocivo revelar já as verdades profundas. . .*
Livre, alcandorou-se na radiosa belleza das Ideas moraes.

Integralizou-se — do atomo ao Kosmos, — essencia da Essencia, no Infinito.
Foi, de facto, «grande e solitaria luz».

* *
*

Paraná, o mais lidimo de teos pensadores elevou-te ao nivel da Hellade antiga.
Coritiba, — tão minha e tão formosa! — o mais excelso de teos philosophos approximou-te da acropole de Pallas-Athenê.
Ditosa Terra, dulcida e linda, Hymeto de almas sonhadoras!
Amae a vossa Terra, Paranaenses!
Perpetuae em livro, bronze e escolas a lembrança de vosso philosopho, que a Academia de Letras honra e exalça, e cujos ensinamentos o INP perpetua.
Bem haja, Senhores! (26 de Março de 1924.) Dario Velloso.»

6-5 Godofredo Silveira da Motta, Engenheiro naval e Official de Marinha, fallecido em estado de solteiro.

6-6 Professor Coriolano Silveira da Motta, foi Lente do antigo Lyceu Paranaense, era dotado de illustração e talento. Jornalista e polemista de merito, emprehendeu campanhas gloriosas no jornalismo curitybano. Foi um dos redactores do semanario «Der Pionier», (jornal que tinha uma secção em Portuguez), de combate politico, no tempo do Imperio. As suas idéas monarchicas, trouxeram-lhe serios dissabores na epoca em que a luta dos fanaticos de Canudos, convenceu ao povo de que era ella em pról da restauração da monarchia no Brasil, mantida ao soldo extrangeiro. As perseguições que se seguiram a morte do Coronel Moreira Cezar em Canudos, occasionaram disturbios contra os adeptos da monarchia nos Estados e a morte do Dr. Gentil de Castro no Rio de Janeiro. Uma commissão de amigos do Professor Coriolano Motta que fora ao Quartel General do Districto, em Curityba, pedir ao General garantias para elle, foi recebida desabridamente pelo General que lhes respondeu: «Os senhores vêm me pedir garantias para a vida de um monarchista? Eu não garanto que os

senhores possam descer as escadas com vida, quanto mais garantir a do seu amigo.»
Casado com sua prima Thalia de Sá Ribas da Motta, 6-4 de 5-9.
Teve:

7-1 Dr. Eduardo Silveira da Motta, casado e residente em S. Paulo. E' Juiz de Direito em uma das comarcas daquelle Estado.

6-7 Julieta Silveira da Motta, fallecida.
E outros fallecidos em criança.

3-2 José Antonio Ribeiro de Andrade, filho de 2-3, casado com Joanna Maria de Jesus. Não figura no inventario de sua mãe, fallecida a 11 de Outubro de 1771, por motivos que ignoramos.

3-3 Tenente Coronel Francisco de Paula Ribas, com 7 annos em 1771, casado com Maria Joanna. . .
Filhos:

4-1 Francisco Ribas, fallecido em estado de solteiro a 18 de Junho de 1806.
O Tenente Coronel Francisco de Paula Ribas, teve com Gertrudes Maria do Nascimento Bello um filho natural reconhecido:

4-2 Francisco de Paula Ribas, casado a 29 de Agosto de 1837, com Maria de Souza Dias Negrão, fallecida com 85 annos em 1904, filha do Capitão João de Souza Dias Negrão — o velho Negrão — e de sua primeira mulher Onistalda Maria.
Filhos:

5-1 João de Paula Ribas, fallecido solteiro. Jovem muito intelligente e estimado.

3-4 Maria Angela Euphrosina Ribas, com 5 annos de edade em 1771, quando falleceu sua mãe, casada em 15 de Janeiro de 1786, com o Capitão José Antonio Mendes Vieira, natural de Santa Maria de Rendofinhos-Braga, filho de Santos José Mendes, natural de Bastos, e de sua mulher Jeronyma Vieira, natural de Rendofinho. (C. E. de Curityba.)
Ella falleceu com testamento em Curityba em 8 de Setembro de 1852, sendo o seu marido já fallecido nessa occasião, deixando livres todos os seus escravos em numero superior a 20, aos quaes fez tambem doação de uma casa na Rua Fechada, de terras de criação, de hervaes e de plantações, com seu gado e bemfeitorias.
Não deixou filhos.
Encontramos um testamento datado de 8 de Setembro de 1852, de Maria Angelica Euphrosina Ribas, em que declara ser filha legitima do Capitão-Mór Lourenço Ribeiro de Andrade e de sua mulher Izabel de Borba Pontes, porem, com a nota de — Solteira. Quereria ella dizer — viuva — em vez de — Solteira? Será a mesma — Maria Angela Fulgina Ribas, tambem filha legitima do Capitão-Mór Lourenço de Andrade, casada em 15 de Janeiro de 1786, com o Capitão José Antonio Mendes Vieira, conforme se verifica do Livro 3.º de Casamentos da Cathedral de Curityba, folhas 114, donde extrahimos as notas que acima citamos?

3-5 Francisca de Paula Ribas, com 3 annos de edade em 1771, quando falleceu sua mãe, fallecida a 5 de Novembro de 1803, casada em 27 de Junho 1785, em Curityba, com o Quartel Mestre João Antonio da Costa, fallecido com testamento, em Curityba, a 14 de Março de 1827, natural de Prelazia de Thomar, filho de Manoel da Costa e de sua mulher Marcellina Josepha de Sá, natural de Thomar; neto pela parte paterna de Estevão da Costa e de sua mulher Maria das Neves, tambem naturaes de Thomar. Neto pela parte materna de Manoel Baptista de Sá, natural da cidade de Lisbôa, e de sua mulher Cecilia Henrique, da Villa de Thomar. (C. O. de Curityba e C. E. de Curityba.)
Teve 3 filhos:

4-1 Anna Maria de Sá Ribas, casada em Curityba a 19 de Novembro de 1805 com o Commendador Manoel Mendes Leitão, fallecido em Curityba em 1859, filho de Bernardo Mendes e de sua mulher Marianna Joaquina. Seu inventario foi

feito amigavelmente entre a viuva e seus 12 filhos maiores. Os seus bens foram avaliados em 135:243$000. Possuia casas em Curityba, na rua do Fogo, terras no Rio Verde, Barra, casas em S. José dos Pinhaes; fazendas de criação em Aguas Bellas, com casas, gado e bemfeitorias; Fazendas: do Capucú e Santo Amaro, em Castro; Alegre e Campestre em Ponta Grossa com mais de 2000 cabeças de gado vaccum, cavallar e lanigero e 31 escravos.
Foi vulto de grande prestigio e consideração, pelo seu bello caracter.
Fazendeiro abastado e intelligente, muito contribuio para o progresso da industria pastoril da Provincia. (C. Gabriel Ribeiro.)
Filhos:

5-1 Reverendo Padre Mathias Carneiro Mendes de Sá, foi vigario em S. Maria da Bocca do Monte, no Rio Grande do Sul. Por ultimo residiu em S. José dos Pinhaes, onde falleceu em 1870.

5-2 Capitão Francisco das Chagas Mendes de Sá, fazendeiro em Ponta Grossa, onde falleceu em estado de casado.

5-3 Capitão Manoel Antonio Mendes de Mesquita, casado com Anna Pinheiro, natural de Castro. Foi fazendeiro no Rio Grande do Sul.
Filha:

6-1 Tecla Mendes, casada com Fernando Westphalen.
Filhos:

7-1 Dr. Frederico Westphalen, engenheiro civil.
7-2 Eugenia.
7-3 Carlos Felippe.
7-4 Antonio.
7-5 Emilia.

5-4 Capitão João Antonio Mendes de Sá, falleceu solteiro em Curityba. Foi fazendeiro no Rio Verde de Campo Largo.

5-5 Coronel Olyntho Mendes de Sá, fallecido solteiro em Campo Largo, onde residia. Capitalista e grande proprietario de terras. Era vulgarmente conhecido por: Coronel Jugica.

5-6 Candido Mendes de Sá, falleceu solteiro em S. José dos Pinhaes, onde residia. Proprietario de terras, negociante de animaes.

5-7 Alferes Ildefonso Mendes de Sá, tambem fallecido solteiro, residente em S. Amaro, onde era proprietario da Fazenda S. Amaro.

5-8 Luiza de Oliveira Mendes de Sá, casada com João de Deus de Oliveira, fallecido a 16 de Abril de 1859, quando em viagem para a Lapa.
Filhos: (C. O. de Curityba.)

6-1 Francisco de Oliveira Mendes, casado com Anna Mesquita Mendes.
Filhos:

7-1 Gregorio de Oliveira Mendes.
7-2 Joaquim de Oliveira Mendes.
7-3 Appollinario de Oliveira Mendes.
7-4 Oscar de Oliveira Mendes.
7-5 Jorge de Oliveira Mendes.
7-6 Luiza de Oliveira Mendes.
7-7 Thereza de Oliveira Mendes.

6-2 Manoel de Oliveira Mendes, abastado fazendeiro, já fallecido.
Casou-se com Carolina Agner, filha do Coronel Luiz Manoel Agner e de sua mulher Maria dos Anjos Agner, 5-4 de 4-11 de 3-2 de 2-7, § 1.º, Capitulo 2.º, do Titulo Rodrigues de França.
Teve:

7-1 Lucia de Oliveira Mendes Cordeiro, casada com seu primo João Gonçalves Cordeiro, capitalista e negociante em Curityba.
Teve:

8-1 Manoel Mendes Cordeiro, diplomado pela Escola Normal de Curityba, onde completou o curso com brilhantismo, hoje dedica-se ao commercio. Casou-se com Leonor Withers, filha do Coronel Carlos Withers e de sua mulher Maria Luiza Mendes.
Sem geração.

8-2 Alcides Mendes Cordeiro, cirurgião-dentista, casou-se com Anna Lustoza de

Siqueira, residentes em Guarapuava, filha de Luiz Lustoza de Siqueira e de sua mulher Maria Angela Milla; neta pela parte paterna do Coronel Pedro Lustoza de Siqueira e de sua mulher Anna Joaquina de Faria Lustoza.
Teve:
9-1 Maria.
9-2 Lucia.
9-3 João.
9-4 Luiz.

8-3 Leopoldina, já fallecida, foi casada com Nestor Faro.
Teve:
9-1 Abigail.

8-4 Carolina Mendes Cordeiro, casada com seu cunhado Nestor Faro, residentes em Antonina.
Sem geração.

8-5 Jandyra Mendes Cordeiro Ribas, casada com Caio Macedo Ribas, funccionario bancario.
Sem descendentes.

8-6 Djanira Mendes Cordeiro.

8-7 Sarah Mendes Cordeiro.

8-8 Odette Mendes Cordeiro.

8-9 Edyth Mendes Cordeiro.

7-2 Targina Agner Mendes Ribas, casada a 7 de Maio de 1892 com João Manoel de Sá Ribas Sobrinho, filho do Capitão Mathias Lourenço de Sá Ribas e de sua mulher Maria da Conceição de Pinho Ribas, 6-1 de 5-2 de 4-1 de pagina 402 deste.
Teve:

8-1 Maria Elisa Ribas, casada com João Francisco Agner.

8-2 Olivia Mendes Ribas.

8-3 Fredulpho Odilon Ribas, commerciante.

8-4 Vespasiano Mendes Ribas, casado com Maria Sidonia.
Teve:
9-1 Izar.

7-3 Vespasiano Agner Mendes, solteiro.

7-4 Jovino Mendes, adiantado industrial em Curityba, casado com Maria Salomão Mendes.

Teve:
8-1 Nery Mendes, nascido em 1908.

7-5 Maria Luiza Mendes Withers, casada com o Coronel Carlos Withers, commerciante e industrial em Antonina.
Teve:

8-1 Mercedes Withers Ferreira, casada com Mario Pires Ferreira, commerciante em Antonina.

8-2 Edgard Withers, commerciante, solteiro.

8-3 Leonor Withers Cordeiro, casada com seu primo Manoel Mendes Cordeiro, 8-1 de 7-1 retro.

8-4 Octacilio Withers, commerciante, solteiro.

8-5 Aline Withers, solteira.

8-6 Carlos Withers Filho, solteiro.

7-6 Ovidio Agner Mendes, solteiro, commerciante em Cachoeira.

7-7 Mercedes Mendes de Moraes, casada com Paulino Ignacio de Moraes, official do Exercito, já fallecido.
Sem descendentes.

7-8 Antonio Agner Mendes, commerciante em Curityba, casado com Gilda de Souza Mendes.
Teve:
8-1 Iva.

7-9 Placidia Mendes Silva, casada com o Dr. Cyro Silva, formado pela Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, em 1923. Dotado de talento, tem collaborado assiduamente na imprensa jornalistica de Curityba; escriptor de valor acaba de dar a publicidade o livro «Na terra das pyramides», em collaboração com seu irmão Dr. Zeno Silva. Esse livro de impressões de viagem ao Oriente, é de grande valor litterario. E' filho do Capitão Albino José da Silva e de sua mulher Rosa de Souza e Silva; neto pela parte paterna do Tenente José Manoel Marques da Silva e de sua mulher Maria Francisca Gonçalves da Silva. O Capitão Albino José da Silva nasceu em Paranaguá a 19 de Janeiro de 1850 e falleceu em Curityba a 24 de Junho de 1901; foi professor publico; passou a maior parte de sua vida entregue ao jornalismo: fundou em typographias proprias os jornaes «Escolar» e «Guayra», sendo este ultimo de propaganda do livre pen-

samento, da emancipação do escravo e liberdade politica; mais tarde redigio a «A Republica» em Curityba e a «Patria Livre» em Paranaguá e ao lado de Mendes Gonçalves, Ernesto Lima, Emiliano Pernetta, Fernando Simas, Guilherme Leite, Correia de Freitas, Soares Gomes, Evangelista Espindola e tantos outros, desenvolveu formidavel, impetuosa e assombrosa acção contra o Imperio em dissolução, propagando a forma Republicana. Victoriosa a grande cauza com a implantação do regimen actual, continuou Albino Silva na pugna, pois viu logo desvirtuada a gloriosa campanha, e o combativista ardoroso voluntariamente continuou no ostracismo a que estava acostumado. Foi Administrador das Capatazias da Alfandega de Paranaguá e Deputado estadual á Constituinte do Paraná. Combateu com vigor o golpe de Estado de 1891; em 1893 collocou-se ao lado do glorioso Floriano Peixoto, combatendo a Revolução Federalista; foi Agente do Registro Fiscal do Itararé, voltando em 1899 á Ponta Grossa, estabelecendo pela imprensa grande campanha anti-religiosa que lhe cauzou serios dissabores. Illustrado, de adiantadas idéas philosophicas, soube ministrar á seus filhos o caracteristico de sua energia, a par de predicados moraes e civicos, de que era dotado.

Tiveram os seguintes filhos:

8-1 Helia Silva Tissot, casada em 1925 com Marçallo Tissot, funccionario ferro-viario.

8-2 Dircéa Silva.

6-3 João de Oliveira Mendes, filho de 5-8, casado com Adelina Taques Mendes.

Teve:

7-1 Francisco de Oliveira Mendes.

7-2 Alvino de Oliveira Mendes.

7-3 Lucio de Oliveira Mendes.

7-4 Maria da Conceição Mendes.

7-5 Luiza de Oliveira Mendes.

7-6 Iria.

7-7 Pureza.

7-8 Magdalena.

7-9 Florina.

7-10 Francisca.

6-4 Bernardo de Oliveira Mendes, casado com Idalina da Motta Mendes.

Filhos:

7-1 Antonio de Oliveira Mendes.

7-2 Francisca de Oliveira Mendes.

6-5 Coronel Mathias de Oliveira Mendes, casado com Idalina Portes de Oliveira Mendes, filha do Coronel Antonio Joaquim de Oliveira Portes e de sua mulher Maria Thomasia de Brito Portes. Fallecido em Maio de 1926, sem descendentes.

Foi Delegado de Policia de S. José dos Pinhaes, Juiz de Paz e negociante. Proprietario de terras em S. José, na Rocinha, Pinhal, Queimadas, Campo do Estevão, etc. Residia no arrabalde do Portão, onde viveu cercado da consideração geral, de que era merecedor.

6-6 Deolinda de Oliveira Mendes Sá, casada com Antonio Alves Pinto.

Sem descendencia.

6-7 Anna Maria de Oliveira e Silva, casada com João José da Costa e Silva.

Filhos:

7-1 Francisca Silva Guimarães, casada com Manoel Antonio Guimarães Netto, filho do Dr. José Mathias Gonçalves Guimarães e de sua mulher Delphica Guimarães (que em segundas nupcias se casou com o Commendador Manoel Ricardo Carneiro).

Filhos:

8-1 Ary Guimarães, com 31 annos de edade, solteiro. E' negociante.

8-2 Alba Guimarães Playsant, professora normalista, casada com o Dr. Dycezar Playsant, jornalista, filho do Major Alcebiades Playsant e de sua muiher Eugenia Guimarães Playsant.

Teve:

9-1 Nise, com 9 annos de edade.

9-2 Neuza, já fallecida.
9-3 Neide, com 3 annos de edade.

8-3 Albary Guimarães, é chefe do Trafego da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, solteiro, com 28 annos.
8-4 Albarina, fallecida com 1 anno de edade.
8-5 Dr. Albarino Guimarães, 2.º Tenente, medico do exercito, solteiro.

7-2 Tenente Joaquim José da Costa e Silva, official commissionado do exercito, por serviços de guerra prestados no decorrer da revolução chefiada pelo General Izidoro Dias Lopes.
Tem os seguintes filhos: (Por informação.)
8-1 Odilon, fallecido com 7 annos.
8-2 Targino, fallecido com 8 annos.
8-3 Zoraide da Costa e Silva Bettega, casada com Fiavo Bettega.
8-4 Thales da Costa e Silva, com 19 annos.
8-5 Dilermando da Costa e Silva, com 18 annos.
8-6 Ary da Costa e Silva, com 14 annos.

7-3 Anna da Costa e Silva (Annita), casada com Gustavo Gross.
Teve:
8-1 Estella da Costa e Silva, casada com Ottilio Neves.
8-2 Alice, solteira.
8-3 Mathilde, solteira.

6-8 Maria da Conceição Mendes de Mattos Guedes, casada com o Major Rodrigo de Mattos Guedes, impiedosamente fuzilado na Serra do Mar, no Kilometro 65, na noite de 20 de Maio de 1894, com outros distinctos Cidadãos, por ter apoiado a Revolução que invadiu o Estado do Paraná, nessa epocha. Foi massacrado sem que tivesse sido ouvido ou podesse se defender da accusação de comparticipação á Revolta.
Tiveram os seguintes filhos:
7-1 José de Mattos Guedes, casado com Nercinda de Lima Guedes.
Filhos:
8-1 Emilia.

8-2 Judith.
8-3 Rodrigo.
8-4 Inah.
8-5 Raul.
8-6 Alba.
8-7 Albaryna.
8-8 Izabel.

7-2 João de Mattos Guedes, Capitão da Força Militar do Estado, casado em primeiras nupcias com Maria José Branco Guedes e em segundas nupcias com Nathalina Nogueira Guedes, viuva de seu primo o Capitão de Engenheiros Dr. Angelo de Souza Franco, filho do Tenente Coronel Paulino de Oliveira e de sua mulher Mathilde Januaria de Oliveira Franco; filha de Alfredo Nogueira e de sua primeira mulher Carolina Fortes Nogueira, filha de Manoel Pereira Fortes e de sua mulher Joanna Pereira Fortes.
Teve do primeiro matrimonio uma filha:
8-1 . . .
Teve do segundo matrimonio:
8-2 Adelaide.
8-3 Albaryno.
8-4 Frederico.

7-3 Alice de Mattos Guedes, casada com o Dr. Carlos da Silveira Eiras, engenheiro militar.
Teve:
8-1 Yollanda.

7-4 Anna Emilia de Mattos Guedes, casada com João Gonçalves Caxambú, natural de Castro, filho do Coronel Pacifico Firmino Caxambú e de sua mulher Ermelina Gonçalves Caxambú; neto pela parte paterna de Firmino Xavier da Silva e de sua mulher . . . ; neto pela parte materna de João Gonçalves Guimarães e de sua mulher . . . Sampaio Guimarães.
Teve:
8-1 Alice.

7-5 Luiza de Mattos Guedes, casada com Sebastião M. de Brito.
Teve:
8-1 Milton.

8-2 Adolpho Olyntho.

7-6 Maria Elisa de Mattos Guedes, solteira.

7-7 Etelvina de Mattos Guedes, casada com o Capitão Dr. Leon de Campos Pacca. Sem filhos.

7-8 Henrique de Mattos Guedes, casado com Rosa Passos Guedes.
Filhos:
8-1 Iny.
8-2 Neudy.

5-9 Francisca de Paula Mendes, fallecida solteira.

5-10 Maria Ursulina Mendes de Sá, falleceu solteira.

5-11 Maria da Gloria Mendes, fallecida em estado de solteira aos 66 annos de edade, com testamento, no dia 24 de Agosto de 1893. (C. O. de Curityba.)

5-12 Libania Mendes de Sá, fallecida solteira.

5-13 Joaquim Antonio Mendes, casado com Anna Mendes, filha de Izaias . . .
Foi uma das victimas das lutas politicas de S. José, em 1852, lutas que muito contribuiram para a emancipação do Paraná.
Sem filhos.

4-2 Capitão Manoel Antonio da Costa Mesquita, era solteiro em 1818. Foi negociante de fazendas em Curityba.

4-3 Libania Mauricia de Sá, fallecida com testamento em 23 de Julho de 1866, filha de 3-5. Casada em 14 de Abril de 1812 com o Capitão Mathias Gonçalves Guimarães, fallecido em 22 de Julho de 1857, filho do Coronel Manoel Gonçalves Guimarães e de sua mulher Maria Magdalena Guimarães.
Teve 5 filhos, sendo que do inventario feito em 1866 só constam 4 filhos, não figurando o primeiro por ter talvez fallecido sem descendentes.
Os 5 filhos são:

5-1 João Gonçalves Guimarães (que não consta do inventario de seus paes).

5-2 Tenente Coronel Antonio Mauricio da Costa Guimarães, casado com Maria Leopoldina de Madureira, ambos fallecidos antes de seus paes. No

inventario só figuram os 2 filhos menores em 1866, que são:

6-1 Antonio Mauricio Guimarães, residia em Ponta Grossa, onde falleceu em estado de solteiro. Era commerciante de animaes.

6-2 Mathias Guimarães, residia no Estado de S. Paulo, onde commerciava em animaes. Era solteiro.

5-3 Dr. José Mathias Gonçalves Guimarães, fallecido em 15 de Julho de 1867. Casado com Delphica Guimarães, de quem foi o primeiro marido, a 24 de Abril de 1855, 6-5 de 5-1, Titulo Rodrigues França.
Teve:

6-1 Theodorico Gonçalves Guimarães, General reformado do exercito, nascido em Paranaguá a 13 de Março de 1859 e fallecido em Curityba a 6 de Maio de 1923.
Casou se com Stella Ticoulat, filha de José Marcos Ticoulat, natural da França, e de sua mulher Adelaide Monteiro Ticoulat, de nacionalidade portugueza.
Teve:

7-1 Acyr Guimarães, nascido em Curityba, a 7 de Maio de 1896. Jornalista de longo tirocinio, é radactor chefe do vespertino «Gazeta do Povo».

7-2 Arah Guimarães, fallecida aos 17 annos de edade. Era professora normalista, dotada de rara intelligencia e applicação aos estudos.

7-3 Adyr Guimarães, nascido em Curityba, a 26 de Março de 1900. E' Capitão do Exercito Nacional. Em 1923, quando 1.º Tenente da Escola de Aviação, fez em companhia do Tenente Aroldo Borges Leitão, o raid aereo Rio—Curityba em um apparelho da esquadrilha aerea-militar Anhangá. Chegou com felicidade aos céos curitybanos, mas ao aterrar, o apparelho capotou, soffrendo o Tenente Adyr ligeiros ferimentos. Foi esse o primeiro raid que se realizou entre o Rio de Janeiro e esta Capital.

7-4 Andiara Guimarães, solteira, moça de grande talento musical e notavel pianista.
7-5 Alô Guimarães, nascido em Curityba, a 12 de Dezembro de 1904. E' academico de medicina.
7-6 Azer Guimarães, nascido em Curityba, a 21 de Abril de 1906 e fallecido a 10 de Julho de 1926. Era representante commercial da firma Placido e Silva & Cia. Limitada, desta Capital.
7-7 Dirce Guimarães, professora normalista, solteira.
7-8 Dirceu.
7-9 Dagmar.
7-10 Arah.

6-2 Maria Joanna
6-3 Georgina
6-4 Maria
6-5 Manoel
} fallecidos.

6-6 Eugenia Guimarães Plaisant, casada a 19 de Janeiro de 1887 com o Major reformado do exercito Alcebiades Cezar Plaisant, nascido na cidade de Paranaguá a 15 de Abril de 1865. Filho do Commendador Carlos Augusto Cezar Playsant, que foi alto funccionario de Fazenda, e de sua mulher Baselisa Branco Playsant. Em 1908 publicou o «Scenario Paranaense» (Descripção geographica, politica e historica do Estado do Paraná), publicou mais «Joanna d'Arc», «Brasil Colonial», «Reminiscencia de um louco», «Sciencia Agronomica», «Palestra militar», «Reminiscencias militares» (1923), etc.
Faz parte da Directoria do Centro de Letras do Paraná e é membro do Instituto Historico e Geographico do Paraná.
Teve:
7-1 Heitor Guimarães Playsant, Capitão de corveta da Armada e engenheiro civil, casado com Adelaide Farani.
Teve:
8-1 Edella.
8-2 Heitor.
7-2 Ayrton Guimarães Playsant, Capitão do Exercito, casado com Scylla Ladeira.

Teve:
8-1 Wellington.
8-2 Washington.
8-3 Acylia.
8-4 Alcebiades.
7-3 Aracy Playsant Soares, casada com Raul Soares Gomes, filho de Bernardo Soares Gomes e de sua mulher Maria Carolina Pinto Soares Gomes.
Filhos:
8-1 Eloyna.
8-2 Osiris.
8-3 Edith.
8-4 Eunice.
7-4 Dr. Dycezar Plaisant, jornalista e bacharel em Direito, casado com Alba Guimarães Plaisant, residentes no Rio de Janeiro, 8-1 de 7-1 de pagina 515 retro.
Ahi a descendencia.
7-5 Osman Plaisant, 1.º Tenente do Exercito, casado com Anna Vasques.
Teve:
8-1 Osman.
7-6 Carlos Plaisant, empregado no commercio, solteiro.
7-7 Eloah Playsant, casada a 28 de Dezembro de 1925, com Darby Ribeiro Martins, cirurgião-dentista em Sorocaba.
7-8 Eloyna
7-9 Altevir
} fallecidos.
6-7 Manoel Antonio Guimarães Netto, casado com Francisca da Silva Guimarães, 7-1 de 6-7 de pagina 515. Ahi a ascendencia e descendencia.
5-4 Maria Joanna da Costa Guimarães, casada a 20 de Maio de 1842, com Francisco de Paula e Souza, filho de Antonio José de Souza, natural de Portugal, e de sua mulher Maria Magdalena de Jesus. Francisco de Paula e Souza era viuvo de Maria Taborda.
Filhos:
6-1 José da Costa de Souza Guimarães.

6-2 Marianno de Souza Guimarães.
6-3 Libania, baptisada com 2 mezes a 19 de Janeiro de 1846.

5-5 Capitão Ireneu Gonçalves Guimarães, casado em primeiras nupcias com Theodora Carneiro Lobo.
Casado em segundas nupcias com Porcina Borges de Macedo.
Teve do primeiro matrimonio 2 filhos:

6-1 Theodoro Gonçalves Guimarães, nascido a 12 de Agosto de 1851, na Fazenda Caxambú-Castro.
Casado com Balbina Carvalho Guimarães, natural de Ponta Grossa.
Filho:

7-1 Dr. Flavio Guimarães, residente em Ponta Grossa.

6-2 Libania Carneiro Guimarães de Bittencourt, nascida a 27 de Dezembro de 1849, na Fazenda Caxambú em Castro.
Casada com o Capitão Joaquim José Bellarmino de Bittencourt, irmão do Brigadeiro José Correia de Bittencourt, com descendentes descriptos em 6-1 de 5-9.
Filhos:

7-1 Jovita Bittencourt de Andrade, foi casada com Theolindo de Andrade, 6-4 de 5-1 de 4-3 de 3-1 de 2-1, § 1.º, Capitulo 2.º deste Titulo. Ahi a descendencia.
7-2 Juvenal, fallecido em criança.
7-3 Julio, fallecido em criança.
7-4 Francisco, fallecido em criança.
7-5 Walfrido, fallecido em criança.
7-6 Iphigenia Bittencourt Muricy, casada com João Candido da Silva Muricy, a 4 de Janeiro de 1902, filho do Dr. José Candido da Silva Muricy e de sna mulher Iria Narciza Ferreira da Luz, 5-2 de 4-1 de 3-5 de 2-7, § 8.º, Capitulo 2.º, Titulo Carrasco dos Reis.
Filhos:

8-1 José.
8-2 Ruth.
8-3 Maria de Lourdes.
8-4 Ivette.
8-5 Alilat.

7-7 Jovina Bittencourt Loureiro, casada com Manoel Gonçalves Loureiro, filho do importante commerciante Manoel Fernandes Loureiro e de sua mulher Francisca Olympia Gonçalves Loureiro; neto pela parte paterna de Manoel Fernandes Loureiro e de sua mulher Eufemia do Carmo, naturaes de Portugal; neto pela parte materna de Francisco José Gonçalves e de sua mulher Constança Francisca de Paula Gonçalves.
Filhos:

8-1 Manoel.
8-2 Ecléa.
8-3 Joaquim.
8-4 Vera.
8-5 Geraldo.

7-8 Judith Bittencourt Germano, casada a 4 de Janeiro de 1908 com Fernando Pedreira Rodrigues Germano, já fallecido.
Sem filhos.

7-9 Juanita Bittencourt Marques dos Santos, casada com o Dr. Enéas Marques dos Santos, filho do Dr. Generoso Marques dos Santos e de sua primeira mulher Anna Joaquina de Paula.
Filhos:

8-1 Generoso Marques dos Santos Netto.
8-2 Beatriz.

7-10 Cassio, fallecido em criança.
7-11 Gil, fallecido em criança.

O Capitão Irineu Gonçalves Guimarães, 5-5, teve do seu segundo matrimonio:

6-3 Hermancia Borges Guimarães, casada com o Major Antonio Ricardo do Nascimento. Com ascendentes e descendentes em Titulo Rodrigues de França, 3.º volume desta obra.
Foi Deputado provincial, camarista e Presidente da Camara de Curityba, no regimen monarchico. Foi

membro saliente da propaganda emancipadora. Falleceu em Curityba em Dezembro de 1926.

3-6 Capitão Manoel José de Borba Ribas (Capitão Nano), nascido em 1770, filho do Dr. Lourenço Ribeiro de Andrade, 2-3 do § 2.º, Capitulo 2.º deste Titulo. Por corruptella passou a se chamar Taborda em lugar de — de Borba —; natural de Curityba. Foi homem abastado em bens. Foi o tronco pelo lado varonil, da Familia Taborda, do Paraná. Foi grande proprietario e fazendeiro na Freguezia do Iguassú e Tatuquara, onde residia. Foi assassinado em 1831 em uma emboscada que lhe armou um seu compadre e visinho, por questões de familia. Ambos se achavam rodeados de escravos e bem montados. Segundo se vê da justificação de fls. 550 do primeiro volume desta obra era «homem soberbo imperial e mal intencionado» fez recolher preso na enchovia de Curityba ao Almotacé Simão José Gonçalves de Andrade, apezar de ser este homem honesto e viver honradamente sem nota no seu credito, não sendo intrigante, nem amigo de parcialidades, antes muito aceito e estimado por nunca ter contendas nem duvidas com pessoa alguma, e ser temente a Deus e as justiças de S. Alteza.»
Foi casado em Curityba a 17 de Julho de 1786 com Maria Rita de Lima, natural de Curityba, filha legitima de José Nabo de Medeiros, casado em Curityba a 5 de Julho de 1766, e de sua mulher Maria Francisca de Lima; esta natural de Curityba e elle de Paranaguá; neta pela parte paterna de Luiz Gomes da Silva, natural da Ilha da Madeira, e de sua mulher Angela Correia de Mendonça, natural de Paranaguá; neta pela parte materna do Sargento-Mór Miguel Gonçalves de Lima, natural de S. Christovão, Termo de Ponte de Lima, e de sua mulher Maria Paes dos Santos, natural de Curityba, já descriptos em 4-7. Por seu avô Luiz Gomes da Silva é bisneta de Luiz Gomes e de sua mulher Domingas da Silva, naturaes da Ilha da Madeira; por sua avó Angela Correia de Mendonça é bisneta de Thomé Nabo de Mendonça,

natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher Maria Vaz de Crasto, natural de S. Paulo.
(Vêr 4-4 de 3-7 de 2-2 do § 6.º, Capitulo 5.º, Titulo Carrasco dos Reis desta Obra.)
Filhos:

4-1 Vasco Taborda Ribas, fallecido com 4 annos a 26 de Junho de 1806.

4-2 Vasco Taborda Ribas, baptisado a 29 de Maio de 1807, casado com Maria Joaquina da Conceição Taborda.
Teve:

5-1 Coronel João Lourenço Taborda Ribas, casado com sua prima Maria Catharina Taborda Ribas, 6-2 de 5-6, ahi a descendencia.

5-2 Maria de Jesus, fallecida em criança.

5-3 Maria Rita Ribas, casada a 19 de Julho de 1865 com Lourenço Henrique Abrion, natural de Kark, na Irlanda, filho de Thomaz Abrion e de sua mulher Anna Thein.
Sem descendentes.

5-4 Maria da Conceição Ribas, baptisada em Junho de 1798, fallecida aos 30 annos, solteira.

5-5 Escolastica Severina Taborda, se casou a 7 de Julho de 1860 com João Evangelista da Silva, filho de Joaquim Gonçalves de Assumpção e de sua mulher Maria de Lima.

5-6 Bento Taborda Ribas, casado em primeiras nupcias com Brasilina de Freitas e em segundas nupcias com Maria da Conceição Martins Chaves.
Teve do primeiro matrimonio:

6-1 Antonia Ribas Taborda, casada com Ricardo Raymundo Taborda.

6-2 Fernando Taborda Ribas, casado com Zeferina Martins.
Sem filhos.

6-3 Maria Magdalena Taborda Ribas, casada com o Capitão Ricardo Campista Taborda Ribas, 6-4 de 5-6.

6-4 João Vieira Taborda, casado com Albertina Taborda.

Filhos:
7-1 Maria.
7-2 Leonor.
7-3 Victoria.
7-4 Diahir.
7-5 José.
7-6 Dolores, fallecida.

6-5 Etelvina Taborda de Freitas, viuva de Julio de Freitas, casada em segundas nupcias com Pedro Schuba.
Teve do primeiro matrimonio:
7-1 Archimedes.
7-2 Julio.
Teve do segundo matrimonio:
7-3 Roldão.
7-4 Vollanda.
7-5 Didi.
7-6 Napoleão.
7-7 Clovis.

6-6 Luiz Vieira Taborda, casado com Maria dos Anjos Fernandes Taborda.
Filhos:
7-1 Bento.
7-2 João.
7-3 Antonio.
7-4 Zeferina.
7-5 Pedro.
7-6 Francisco.
7-7 Rosa.
7-8 Brasilina.

6-7 Severiano Taborda, casado com Alzira Fernandes Taborda.
Filhos:
7-1 Anna Maria, fallecida.
7-2 Josephina Taborda, casada com Manoel Galdino.
Teve:
8-1 Arlindo.
8-2 Abilio.
7-3 Maria Olinda Taborda.
7-4 Leontina Taborda.
7-5 Magdalena Taborda.

7-6 Anayr.
7-7 Maria, fallecida.
7-8 Benjamim.

6-8 Manoel Esteves Taborda, casado com Severina Taborda.
Filhos:
7-1 Francisca.
7-2 Eloy, fallecido.
7-3 Antenor.
7-4 Maria dos Anjos.
7-5 Leonidas.
7-6 Cidalia.
7-7 Alayde.

6-9 Paulina Taborda, casada com Nestor Pinto.
Teve:
7-1 Dinarte.

5-6 Teve do segundo matrimonio:
6-10 Julieta Taborda, casada com Moyses Amora.
6-11 Izabel Taborda, fallecida, foi casada com Francisco Taborda.
6-12 Brasilina Taborda, casada com Jorge . . .
6-13 Escolastica Taborda, casada com . . .

5-7 Joaquina Luiza Taborda Ribas, casada com Francisco de Freitas.
Teve:
6-1 Moyses de Freitas.
6-2 Francisca de Freitas.
6-3 Margarida de Freitas.
6-4 Severiana.
6-5 Virgilina de Freitas.
6-6 Mecia.
6-7 Gabriel.
6-8 Antonio de Freitas.

5-8 Anna Umbelina Taborda Ribas, casada a 3 de Outubro de 1866 com Carlos Winslow, norte-americano, filho de Eurne Winslow e de sua mulher Maria Winslow.
Filhos:
6-1 Vasco Taborda Winslow, casado com Joaquina Ferreira.

Teve:
7-1 . . .
6-2 José Taborda Winslow, casado com Maria Magdalena Ribeiro.
6-3 Paulino Taborda Winslow, casado com Rosa Leal.
6-4 André Taborda Winslow.
6-5 Heleodoro.

5-9 Coronel Manoel Verissimo Taborda, casado com Francisca Pires.
Filhos:
6-1 Narciza Taborda, casada em primeiras nupcias com Manoel Galdino Ferreira e em segundas nupcias com Miguel do Valle.
Sem descendentes.
6-2 Julio Taborda, casado em primeiras nupcias com Arminda Fernandes e em segundas nupcias com Sylvina Taborda.
Teve do primeiro matrimonio:
7-1 Newton.
7-2 Olympio.
6-3 Margarida Taborda, casada com João Machado.
Teve:
7-1 Brasilia Machado, casada som Francisco da Silva.
7-2 Maria Joaquina, casada com . . .
7-3 Pedro.
7-4 Francisco.
7-5 Mario.
7-6 Francisca.
7-7 Antonio.
7-8 Durval.
7-9 Julia Machado, casada com José Barbosa.
6-4 Julia Taborda, casada com Manoel Baptista Ribeiro.
Teve:
7-1 Maria Francisca.
6-5 Daria Taborda, casada com Ozorio Padilha.
Teve:
7-1 Aristides.
7-2 Francisco.

7-3 Manoel.
7-4 Evaristo.
7-5 Antonio.
6-6 Tertuliana Taborda, casada com Izaias Mendes.
Teve:
7-1 Francisca Mendes.
7-2 Noemia.
7-3 Diahyr.
7-4 Athayde.
7-5 Angelina.
7-6 Maria Euridyce, casada com Camillo de Oliveira Bueno.
6-7 Maria Taborda, casada com Camillo . . .
Teve:
7-1 Maria da Conceição.
7-2 Julia.

5-10 Maria Seraphina Taborda, casada com seu primo Raphael de Freitas.
Teve:
6-1 Jorge.
6-2 Presciliana.
6-3 Maria.
6-4 André.
6-5 Fernando.
6-6 Pureza.
6-7 Marcilio.

4-3 Capitão Lourenço Taborda Ribas, filho de Manoel José de Borba Ribas, 3-6.
Filhos:
5-1 Senhorinha Taborda Ribas.
5-2 Pedro Lourenço Taborda Ribas, casado com Francisca Xavier Rodrigues.
5-3 Fabiano Taborda Ribas.
5-4 José Taborda Ribas.

4-4 Francisco de Paula Taborda Ribas, filho de Manoel José de Borba Ribas, 3-6. Nascido em 1799. Casado a 9 de Abril de 1836 com Clara Vidal Cardoso, filha de José Vidal Cardoso e de sua mulher Eulalia Maria de Oliveira.
Filhos:

5-1 João Vidal Taborda, casado com Rosa dos Santos Taborda.
Filhos:
6-1 Thomaz dos Santos Taborda, casado com Gertrudes Lourenço Taborda.
Teve:
7-1 Clara Taborda, casada.
6-2 Izabel Taborda Franco, casada com Francisco Ferreira Franco.
Filhos:
7-1 Joaquina.
7-2 Maria da Conceição.
7-3 Rosa.
7-4 João Ferreira.
6-3 Manoel dos Santos Taborda, casado com Castorina Fernandes Taborda.
Teve:
7-1 José.
7-2 João.
7-3 Izaura.
5-2 Mathias Vidal Taborda, falleceu solteiro.
5-3 Ponciano Taborda Ribas, casado com Maria da Conceição Taborda.
Filhos:
6-1 Maria da Conceição Taborda.
6-2 Francisco Taborda.
6-3 Maria da Luz Taborda.
6-4 Demetrio Taborda.
6-5 Clara Taborda.
6-6 Manoel Taborda.
6-7 Benedicto Taborda.
6-8 Antonio Taborda.
6-9 João Taborda.
6-10 Gaudencio.
5-4 Maria Theolinda Taborda da Luz, casada com Cyriaco Amaro da Luz.
Teve:
6-1 Silvina Amaro da Luz, casada com Bernardo Schonfert.
Teve:

7-1 Adelaide Schonfert, casada com Benjamin Ansay.
Teve:
8-1 Marietta.
8-2 Manoel Ansay.
7-2 Guilherme Schonfert, casado com Alcidia Saldanha Taborda.
Teve:
8-1 Bento.
7-3 Benedicto Schonfert, solteiro.
6-2 Moyses Amaro da Luz, casado com Julietta Taborda.
Filhos:
7-1 Narciza.
7-2 Palmira.
7-3 Hilda.
7-4 Hecilda.
7-5 Maria.
6-3 Maria Theodora da Luz, casada com Manoel Cottur.
Teve:
7-1 Rosa.
7-2 Manoel.
7-3 Francisco.
6-4 João Nepomuceno da Luz, casado com Amantina Ansay.
Filhos:
7-1 Raul.
7-2 Juvelina.
5-5 Ricardo Raymundo Taborda, casado com Antonia de Freitas Taborda.
Filhos:
6-1 Francisco Taborda, casado em primeiras nupcias com Izabel Taborda e em segundas nupcias com Balbina Rodrigues dos Santos.
Do primeiro matrimonio teve:
7-1 Maria de Jesus.
7-2 José Maria.
Do segundo matrimonio teve:
7-3 Durcides.

7-4 Albino.

6-2 Lindolpho Taborda, casado com Maria da Luz Santos.
Filhos:
7-1 Cecilia.
7-2 Maria da Conceição.
7-3 Rosa.

6-3 Silvino Taborda, solteiro em 1925.

6-4 Sebastiana Taborda, casada em primeiras nupcias com Antonio Schonfert e em segundas nupcias com Luciano Pires da Silva.
Do primeiro matrimonio teve:
7-1 Joanna.
7-2 Mercedes.
Do segundo matrimonio teve:
7-3 Romalina.
7-4 Antonio.

6-5 Brasilina Taborda, casada com Joaquim Menegolo.
Teve:
7-1 Archimedes.
7-2 Domingos.

6-6 Bento Taborda, solteiro.

6-7 Clara Taborda, casada com Francisco Miguel.
Teve:
7-1 Juvelina.

6-8 Maria Rosa Taborda, casada com Manoel Victor Taborda.

6-9 Raymundo Taborda, solteiro em 1925.

6-10 Magdalena Taborda, solteira em 1925.

6-11 Juvina Taborda, solteira em 1925.

6-12 Antonio Taborda.

6-13 Paulina, com 6 annos em 1925.

5-6 Maria da Luz Taborda, solteira.

5-7 Mathisa Vidal Taborda, solteira.

4-5 Miguel Taborda Ribas, filho do Capitão Manoel José de Borba Ribas, 3-6. Nascido em 1793, foi casado com Brigida Candida Ortiz.
Filhos:

5-1 Coronel Engracio Ortiz Taborda Ribas, nascido na villa do Triumpho, Rio Grande do Sul, a 16 de Abril de 1830 e fallecido em Porto Alegre a 12 de Março de 1912. Casado em primeiras nupcias com Rosa Maria de Bittencourt, filha do Tenente Coronel Manoel José da Cunha Bittencourt e de sua mulher Anna Mauricia; casado em segundas nupcias com Maria Eulalia do Amaral, natural de Palmeira do Rio Grande do Sul.

O Coronel Engracio Taborda Ribas pertenceu ao numero dos Rio Grandenses propagandistas da Republica, tendo sido amigo pessoal do Dr. Julio de Castilhos, com elle collaborando na «A Federação» durante a propaganda. Bateu-se com ardor pela libertação dos escravos, tendo sido dos primeiros a libertar expontaneamente os poucos que possuia. Dedicou-se ao commercio e nos ultimos annos de sua vida consagrou-se á industria, tendo fundado em Porto Alegre uma fabrica de chitas.
Teve do primeiro matrimonio: (Por informações.)

6-1 Gumercinda de Bittencourt Ribas dos Santos, casada com Manoel da Silva Santos, ambos fallecidos.
Teve:
7-1 Manoel Taborda Ribas, viuvo, sem filhos.
7-2 Gracilia Rosa Baptista, casada em primeiras nupcias com o Capitão Gabriel Bittencourt, fallecido em consequencia de ferimentos recebidos no littoral paranaense, quando em serviços de guerra contra a esquadra revoltada sob o commando do Contra-Almirante Custodio de Mello. Casada em segundas nupcias com o Coronel do exercito Francisco Xavier Baptista, ora fallecido.
Teve do primeiro matrimonio:
8-1 Gabriella.
8-2 Gilberto.
8-3 Aracy.
Não teve filhos do segundo matrimonio.
7-3 Balbina Brasilina Taborda Ribas, fallecida aos 13 annos.
7-4 Dr. Brasilio Taborda Ribas, Tenente Coronel do exercito, Engenheiro militar, dotado de muito talento.

Do segundo matrimonio teve:

6-2 Dr. Gomercindo Taborda Ribas, nascido a 2 de Janeiro de 1870. Fez seus primeiros estudos no Collegio dos Jesuitas em S. Leopoldo, onde se matriculou em 1880; cursou mais tarde a Faculdade de Direito de S. Paulo, interrompendo seus estudos por ter se incorporado, por occasião da Revolta de 1893, no batalhão Academico, que ajudou a fundar, para defender a Republica ao lado do Marechal Floriano Peixoto. Por occasião da chegada do referido batalhão ao Rio, nos primeiros dias de Setembro de 1893, por delegação de seus collegas, foi o Orador incumbido de apresentar os Voluntarios Academicos de S. Paulo ao Marechal Floriano Peixoto; solemnidade que se realisou no Itamaraty, então séde do Governo Federal. Bacharelou-se mais tarde em sciencias juridicas e sociaes na Faculdade Livre de Direito do Rio, dirigida pelo Conselheiro Candido de Oliveira, tendo conquistado nota distincta em quasi todas as cadeiras do Curso. Exerceu o cargo de Promotor Publico de Porto Alegre, por nomeação do Presidente Julio de Castilhos, tendo em seguida, alcançado em concurso, perante o Superior Tribunal, a cadeira de Juiz de Direito. Por espaço de 14 annos dirigiu diversas comarcas do Estado, e exercia as suas funcções de magistrado na Cidade do Rio Grande do Sul, quando foi convidado pelo Dr. Borges de Medeiros e Senador Pinheiro Machado, para fazer parte da representação federal Rio Grandense. Conseguiu ser reeleito Deputado Federal durante 4 legislaturas, e, na Camara Federal, sempre fez parte da Commissão de Constituição e Justiça. Foi tambem membro da Commissão do Codigo Civil, cabendo-lhe relatar a parte relativa a hypothecas. Não tendo sido reeleito Deputado Federal em 1924, por haver feito saliente opposição a candidatura do Snr. Arthur Bernardes, o Dr. Borges de Medeiros nomeou-o advogado geral do Estado, no Rio, cargo que exerceu até ser nomeado, por merecimento, para dezembargador do Superior Tribunal do Estado do Rio Grande, no exercicio de cujas funcções se encontra. Como parlamentar foi figura de relevo pela sua illustração, competencia e criterio. Juiz integerrimo.

O Dr. Gomercindo Ribas se casou com Rosa Pradel Ribas, filha de Honorato Pradel, de paes francezes, e de sua muiher Rosa Garcia Pradel, natural do Rio Grande do Sul.

Teve a filha unica:

7-1 Maria Ribas Gama, casada com o Dr. Octavio Gama, residente no Rio, onde é advogado.

6-3 Socrates Taborda Ribas, casado com Estella Teixeira do Amaral.

Filhos:

7-1 Dulcinda.
7-2 Sylvio.
7-3 Lourdes.

6 4 Maria da Gloria Taborda Barbedo, viuva de Octacilio Barbedo.

Teve:

7-1 Dr. Alceu Barbedo, secretario do Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, solteiro.
7-2 Alba Barbedo, solteira, noiva de Altair Franco Ferreira, filho do Coronel Francisco Ferreira, chefe do Estado maior do Districto Militar do Rio Grande do Sul.

6-5 Aracy Taborda Leal, casada com o Dr. Arlindo Leal, engenheiro civil.

Teve:

7-1 Adalcyra Leal Ferreira, casada com . . . . Assis Ferreira, funccionario do Banco do Brasil, em Cachoeira.
7-2 João.
7-3 Antonio.
7-4 Adayl.
7-5 Ary.
7-6 Ady.

5-2 Manoel Taborda Ribas, fallecido em Taquary, do Rio Grande do Sul, onde residia.

Deixou os seguintes filhos:

6-1 Rodolpho Taborda Ribas.
6-2 Manoel Dadá Taborda, casado com Dolores da

Silva Tavares, ora viuva, residente em Bagé, com 6 filhos.

6-3 Guilhermina Taborda, casada com Eusebio Dornelles, ha pouco fallecido.

5-3 Maria José Taborda Fanfa, casada com . . . . . , já fallecida.
Deixou os seguintes filhos:

6-1 João Fanfa Ribas, o valoroso jornalista Rio Grandense, cuja brilhante penna é vantajosamente conhecida em todo o Brasil, pelos ataques formidaveis que dá contra os potentados e prepotentes; hoje, asylado em paiz estrangeiro por perseguições politicas.

6-2 Paulino Fanfa Ribas.

6-3 Candido Fanfa Ribas.

5-4 (Na duvida, por informações): Francisco Taborda Ribas, foi casado em primeiras nupcias com Maria da Gloria Ribas e em segundas nupcias foi casado em Curityba, a 15 de Junho de 1860, com Benedicta Florencia dos Reis, filha de João Florencio dos Reis e de sua mulher Clara Gonçalves do Espirito Santo.

4-6 Mathilde Euphrosina Ribas, casada a 8 de Maio de 1831 com José Esteves Gonçalves, filho de Miguel Esteves e de sua mulher Maria Gonçalves.
Sem descendentes.

4-7 Manoela Taborda Ribas, baptisada a 28 de Fevereiro de 1792, casada a 22 de Junho de 1831 com Vidal Cardoso de Menezes, viuvo de Esmeria Ferreira do Carmo.

4-8 Maria Joaquina Taborda Ribas, casada a 22 de Dezembro de 1831 com Francisco de Paula Souza — Nhôca —, filho de Antonio José de Souza e de sua mulher . . .
Filhos:

5-1 Antonio — Betú —, nascido em 1835.

5-2 Bernardo.

5-3 Marianno.

5-4 Libanio, fallecido em criança.

4-9 Florisbella Taborda de Athayde, baptisada a 13 de Janeiro de 1802, casada a 8 de Junho de 1833 com Elias de Souza Athayde, natural da Ilha da Graciosa, Portugal, filho de Manoel de Souza Athayde e de sua mulher Anna Maria.
Filhos:

5-1 Antonio Elias Taborda de Athayde, falleceu em combate no Paraguay, solteiro.

5-2 Libania Elias de Athayde, casada com Wenceslau Ferreira, fallecido.
Teve:

6-1 Felippe, fallecido em criança.

5-3 Major Manoel Elias de Souza Athayde, foi commerciante e mais tarde Contador da Administração dos Correios do Paraná; casado com Olympia Gonçalves Cordeiro, filha de Fernando Gonçalves Cordeiro e de sua mulher Francisca Antonia Pereira, 5-3 de 4-7 de 3-2 de 2-7 do § 1.º, Capitulo 2.º do Titulo Rodrigues de França.
Ahi a descendencia.

4-10 Capitão Ricardo José Taborda Ribas, nasceu em 1785, foi homem de respeito e consideração. Serviu na fronteira do Rio Grande do Sul no exercito de 1.ª linha, por ter sido recrutado. Era abastado em bens, possuindo propriedades não só em Curityba como tambem em Tutuquara.
Foi casado em primeiras nupcias em 1823 com Maria de Paula Ferreira Bueno, filha do Tenente Francisco de Paula Xavier e de sua mulher Victoriana Maria de Lima. Casado em segundas nupcias com Francisca Joaquina Lustoza de Andrade, a 4 de Maio de 1826, a qual falleceu a 21 de Fevereiro de 1888, 4-7 de 3-1 de 2-1 do § 1.º, Capitulo 2.º deste Titulo, pagina 246.
Não teve filhos do primeiro matrimonio. Do segundo matrimonio teve os filhos ali descriptos. Falleceu a 18 de Abril de 1840.

3-7 Capitão-Mór Antonio Ribeiro de Andrade, filho do Dr. Lourenço Ribeiro de Andrade, 2-3 do § 2.º do Capitulo 2.º deste Titulo.

Baptisado em Curityba a 13 de Junho de 1762. Foi ajudante de Ordenanças, Capitão-Mór de Curityba, alem de outros cargos que exerceu. Falleceu com testamento em Curityba a 27 de Julho de 1829, sendo casado em Curityba a 19 de Julho de 1797 com Francisca de Paula Andrade, de cujo matrimonio não teve filhos. Em seu testamento declarou não ter filhos, quer legitimos, quer naturaes. No correr do inventario, porem, apresentou-se declarando ser seu neto, Americo Pedroso Ribas, que dizia ser filho natural de Joaquim Marianno Ribas, filho natural do Capitão-Mór, no dizer do referido Americo. Esta declaração foi contrariada em libello, nos Autos, ficando provado por certidões juntas aos Autos que, tanto Americo como Joaquim Marianno Ribas, foram expostos; que o Capitão-Mór em seu testamento declarou: Não ter filhos naturaes, mas, que, mesmo que o fossem, elle como Ajudante gozava de nobreza tanta quanto bastava para excluir os filhos naturaes; que o Capitão-Mór, como seus ascendentes, se tratavam com decencia e honra e eram dos principaes personagens da Villa. Possuia fazendas em S. José, districto de Castro. Foi «homem autoritario», e disso nos dá prova a justificação produzida pelo Capitão Simão José Gonçalves de Andrade, transcripta á pagina 550 do primeiro volume desta Genealogia. Por ahi se pode apreciar a rivalidade e malquerença remota entre o avô do justificante Sargento-Mór Simão Gonçalves de Andrade e o Dr. Lourenço Ribeiro de Andrade e seus filhos o Capitão-Mór Antonio Ribeiro de Andrade, Capitão-Mór Manoel José Taborda Ribas, Capitão Nano e outros membros de sua familia que, chegara a fazer prender ao justificante que exercia o lugar de Almotacé, homem honesto e honrado e sem nota no seu credito, e que nunca foi intrigante nem amigo de parcialidades.

O brilhante historiador Dr. Ermelino de Leão, no seu precioso «Diccionario Historico e Geographico do Paraná», fasciculo 1.º, referindo-se ao Capitão-Mór Antonio Ribeiro de Andrade, delle nos dá bôa biographia, mostrando o acolhimento que deu a Saint'Hilaire quando visitou Curityba, em explorações scientificas, chegando mesmo a recebel-o — «na Ferraria com luzida cavalgata, indo uniformisado um coronel e varios officiaes do regimento de milicias», que o receberam com extrema polidez e tratamento de — «*excellencia* — com surpresa e *margré lui. . .*»

Diz ainda que, o Capitão-Mór obrigava os Curitybanos ao cultivo de determinada area de terras nos seus sitios e quintaes, e que a elle se deve o cultivo do trigo que impoz com severas ordens e ameaças.

Sem querermos tirar-lhe a gloria do impulsionamento dessa cultura, devemos comtudo declarar que, o cultivo do trigo em Curityba data da primeira metade do seculo XVIII, antes mesmo do nascimento do Capitão-Mór. As vereanças de Curityba se occupam d'ella amiudadamente, algumas vezes tratando da maneira de se impedir que os animaes dos visinhos fossem damnifical-a e outras vezes tratando da zona onde podia ser plantado o trigo; disso são exemplos os termos de vereanças de 14 de Agosto de 1756 e de 3 de Outubro de 1796, sendo que neste ultimo, Antonio José de Paula, morador no «Juruquy» representou contra o facto dos visinhos criarem gado contra o accordado pela Camara de que — «da parte do Bariguhy the o Passauna ficasse para lavoura só podendo criar os que tivessem cautella para os animaes não fazerem mal ás roças dos visinhos e os que o contrario obracem ficasse sujeito as penas de 6$000 e 20 dias de cadeia» — «ao passo que elle tendo plantado mais de 40 mãos de milho e $1^1/_2$ alqueire de trigo, viu sua plantação destruida inteiramente pelos animaes dos visinhos.»

O trigo fornecido para as sementeiras do Rio Grande do Sul foi tirado dos trigaes Curitybanos e para ali remettido, com as devidas cautellas, em successivas remessas, por ordem do governo. E' commum nos termos de vereanças de 1750 em diante, tratar-se das — «searas dos trigos».

Ermelino de Leão diz que:

> «Havia comtudo na vida intima de Antonio Ribeiro de Andrade uma gravissima circumstancia: vivia maritalmente com uma irmã viuva. Era um máo exemplo partindo do alto e bem o comprehendeu o Capitão-mór, que conseguiu do Papa uma bulla dispensando-o de tão estreita e fraterna consanguinidade

é permittindo que os dois irmãos se casassem morganaticamente, para dar ao povo o bom exemplo. De facto, na residencia do Capitão-mór Antonio Ribeiro de Andrade Ribas, a altas horas da noite, foi celebrado, a portas fechadas, o casamento dos dous irmãos, e lavrado em um livro em desuso, da matriz, o respectivo assento, unico que deparamos nas nossas pesquizas, nos archivos paranaenses.»

— Não tendo sido por nós encontrado esse assento, do casamento morganatico do Capitão-Mór, apezar de repetidas buscas que demos no precioso archivo ecclesiastico, procuramos Ermelino de Leão á ver si tinha elle copia do termo. Mostramos-lhe o embaraço em que nos encontravamos, declarando-lhe que as nossas pesquizas davam resultados oppostos a do nosso precioso amigo, e teriamos de tratar desse assumpto no segundo volume da «Genealogia Paranaense», quando nos referissimos ao Capitão-Mór. Ermelino de Leão por não encontrar os dados, pelos quaes baseara a sua affirmativa, procurou investigar mais uma vez no Cartorio ecclesiastico da Cathedral do Bispado, a cargo do venerando sacerdote Monsenhor Celso Itiberê da Cunha, e teve a satisfação de encontrar o assentamento de casamento do Capitão-Mór, e, com a lealdade que lhe é peculiar, correu ao nosso encontro, trazendo a certidão seguinte, por elle authenticamente copiada:

«Aos desenove dias do mez de Julho deste presente ano de mil e sete sentos e noventa e sete em casas de moradas do Guarda mór João Antonio da Costa nesta villa de Cur.ª pelas nove oras da noite e partes o ajud.te Ant.º Ribeiro de Andrade e a D. Francisca de Paula Carn.º tudo por ordem do Ex.mo e R.mo Snr. Bispo D. Matheus de Abreu Pereira por estes terem contrahido nata m.te e depois de ter os apartado aos ditos, logo lhe fiz as perguntas nesecarias e como se quizerão receber, eu os dispençei do impedimento do 1.º gráo de afinidade e os recebi e elles se cazarão com palavras de presentes sendo testemunhas o Guarda mór João Ant.º da Costa e Alferes João Baptista Vieira Ramalho pessoas conhecidas e moradoras nesta Villa e logo lhes dei as bençãos conforme o Rito e serimonias praticadas na Santa Madre Igreja e para constar fiz este asento no mesmo dia era V. supra e tão bem se asinarão as d.as tt.as

O vig.º José Barboza de Britto.

Tudo isto obrei respeito a dispença por ordem do Exm.º Snr. Bispo que me incumbiu fizese tudo e dispensaçe q.e p.ª isso me concedia toda ajurisdisão episcopal.

(Assignados) O Vr.º José Barbosa de Britto.

João Antonio da Costa.
João Baptista V.ª Ramalho.»

(Extrahido da pagina 94 do livro II de Casamentos da Sé Archiepiscopal de Curityba.)

— Por este precioso documento se verifica que:

a) O então ajudante Antonio Ribeiro de Andrade, mais tarde Capitão-Mór de Curityba, depois de obter a — «dispensa do impedimento do primeiro grau de afinidade», e depois de ter sido «apartado, pelo vigario José Barbosa de Britto», — «da união que havia contrahido nata mente» — se casou com palavras de presente a 9 de Julho de 1797 com D. Francisca de Paula Carneiro, por ordem do Exmo. e Revmo. Snr. Bispo D. Matheus de Abreu Pereira.

b) A irmã do Capitão-Mór Antonio Ribeiro de Andrade, D. Francisca de Paula Ribas (não Carneiro) se casou, com 14 annos de edade, a 27 de Junho de 1785, com o Guarda-Mór João Antonio da Costa, sendo que este falleceu com testamento em Curityba, a 14 de Março de 1827, já em estado de viuvo de D. Francisca que falleceu a 5 de Novembro de 1803, sem jamais ter sido viuva.

c) O casamento do então ajudante Antonio Ribeiro de Andrade se realisou em Curityba a 19 de Julho de 1797 em casa de sua irmã D. Francisca de Paula Ribas, casada desde 27 de Junho de 1785 com o Guarda-Mór João Antonio da Costa, que serviu de testemunha no acto do casamento de seu cunhado, o ajudante Antonio Ribeiro de Andrade.

d) Sendo o impedimento entre os nubentes, o de — «primeiro grau de afinidade» (e não de consanguinidade) —, fica excluida a hypothese de serem elles irmãos.
e) A dispensa foi por ordem do Revmo. Bispo de S. Paulo e não por Bulla Papal, como se tornaria necessario para um casamento morganatico, entre irmãos.
— D. Francisca de Paula Ribas viveu sempre em companhia de seu esposo o Guarda-Mór João Antonio da Costa, segundo se deprehende de seus testamentos e inventarios feitos em 1803 e 1827, e foram progenitores de respeitabilissima prole.

§ 3.º do Capitulo 2.º

1-3 Agostinho Ribeiro de Andrade, ultimo filho de Lourenço de Andrade e de sua mulher Izabel Rodrigues Seixas, do Capitulo 2.º, pagina 97 deste volume.
Nascido em Curityba em 1709, onde falleceu a 3 de Julho de 1767. Parece não ter feito parte da Governança de Curityba. Casou-se em 6 de Fevereiro de 1741, em Curityba, com Gertrudes Pereira Telles, nascida em 1721, filha do Alferes Francisco Diniz Pinheiro, fallecido em Curityba a 28 de Novembro de 1743, natural de Cascaes, Portugal, e de sua mulher Clara Pereira Telles, natural de Nazareth-São Paulo; por esta, neta de Domingos Pereira de Avellar, casado em 1698 com Maria de Estradas; por esta, bisneta de Gregorio Telles de Menezes e de sua mulher Izabel de Estradas. Por seu avô Domingos Pereira de Avellar era bisneta do Capitão Antonio Pereira de Avellar, fallecido com testamento em Nazareth a 18 de Setembro de 1697, e de sua primeira mulher Maria Pedrosa; por esta, terneta de Antonio Pedrosa de Freitas e de sua mulher Clara Parente; por esta, quaterneta de Gonçalo Madeira e de sua mulher Clara Parente, fallecida em avançada edade em 1635; por esta, quinta neta de Pedro Dias, da familia — Parente Dias Velho — de Portugal, um dos fundadores de S. Vicente, que se casou com a india — Terebé —, baptisada com o nome de Maria de Grã. Era a 2.ª filha de Tibiriçá.

Pelo Capitão Antonio Pereira de Avellar era terneta de Paulo Pereira de Avellar, casado em S. Paulo em 1631 com Anna das Chaves, fallecida em 1635, filha de Antonio Lourenço e de sua mulher Maria das Chaves; por Paulo de Avellar é quaterneta de Antonio Pereira de Avellar e de sua mulher Felippa Vicente do Prado; por esta, quinta neta de Joãlo do Prado, natural de Olivença de Alemtejo-Portuga, de nobreza conhecida, que veiu nos principios da fundação de S. Vicente na companhia do donatario Martim Affonso de Souza, pelos annos de 1531. Foi o progenitor da familia — Prado — da capitania de S. Vicente e S. Paulo. Casou com Felippa Vicente, filha de Pedro Vicente e de sua mulher Maria de Faria, naturaes de Portugal; foram tambem uns dos primeiros povoadores. (Genealogia Paulistana do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme.)
Agostinho de Andrade, de seu matrimonio teve os seguintes filhos:

1-1 Clara Pereira Telles, nascida em Curityba a 21 de Janeiro de 1747, casada a 17 de Junho de 1765 com Ignacio Pires Lima Pereira, filho de João Pires de Santiago e de sua mulher Anna Maria do Prado, naturaes de Itú; neto pela parte paterna de Manoel de Lima Pereira, natural de S. Paulo, e de sua mulher Luzia Martins das Neves, natural de Curityba; neto pela parte materna de João do Prado Leme e de sua segunda mulher Messia Nunes de Siqueira.
Teve, que descobrimos, os seguintes filhos:
2-1 Anna Maria de Jesus, casada em Curityba a 19 de Abril de 1793 com Bento de Siqueira Cortes, filho legitimo do Coronel Pedro de Siqueira Cortes e de sua mulher Anna Gonçalves Coutinho, naturaes de Curityba; neto pela parte paterna de Antonio de Siqueira Barroso e de sua mulher Maria das Neves, natural de Curityba; neto pela parte materna de Manoel Gonçalves Coutinho e de sua mulher Paula Rodrigues de França. (C. E. C.)
2-2 Ignacio de Lima Pereira, casado em primeiras

nupcias na Capella de Tamanduá a 21 de Outubro de 1793 com Joanna Maria de Jesus, filha de Manoel Manço de Avellar, natural de S. Catharina, e de sua mulher Anna Barbosa. Neta pela parte paterna de Balthazar Soares Louzadas e de sua mulher Izabel Rodrigues de Mira; neta pela parte materna de Francisco de Araujo Monteiro e de sua mulher Izabel Barbosa de Castro. (C. E. de Curityba.)

Foi casado em segundas nupcias tambem em Tamanduá a 1.º de Outubro de 1795, com Anna Ferreira de Jesus, filha de Lourenço Alvaro de Sá, natural de Portugal, e de sua mulher Maria Rodrigues Ferreira, natural de Curityba; por esta, neta de Manoel Ferreira de Souza, natural de Portugal, e de sua mulher Maria Rodrigues Pinto, natural de Curityba. (C. E. C.)

2-3 Maria de Jesus, casada em 13 de Agosto de 1800 com o Alferes Francisco Thomaz Cardoso, filho do Capitão José Gabriel Leitão e de sua mulher Thereza Alvares de Jesus.

1-2 Maria Rodrigues das Neves, filha do § 3.º do Capitulo 2.º

Nascida a 14 de Outubro de 1744, casada a 28 de Abril de 1766, em Curityba, com Antonio Teixeira de Freitas, natural da Villa Verde, comarca de Guimarães-Braga, filho de outro de igual nome e de sua mulher Catharina de Oliveira.

Falleceu elle em Curityba com testamento a 19 de Fevereiro de 1787.

Forneceu em 1771 cinco carradas de lenha ao Ajudante Manoel da Cunha Gamito e a 40 soldados que em sua companhia vieram e ao Alferes Felippe Freire que foi com os soldados de sua companhia para Iguatemy. Forneceu mais cinco carradas de lenha para o Tenente Coronel Affonso Botelho de Sampaio e Souza, commandante das expedições a Guarapuava e Tibagy. Essa lenha foi fornecida a 480 reis a carrada. Recebeu em 1771 a importancia de 4$000 pela feitura da Ponte do Rio Bariguy, estando nesse preço

incluido os pregos. Forneceu mais varias carradas de lenha ao Sargento Manoel Gomes, Sargento Candido de Souza Xavier e Tenente Felippe de Santiago, a razão de 200 e 240 reis cada carrada.

Teve 9 filhos: (C. O. de Curityba.)

2-1 Maria Teixeira de Freitas, casada a 24 de Fevereiro de 1854 com Antonio Luiz de Assumpção.

2-2 Joaquim Teixeira de Freitas, casado com Francisca Bueno da Rocha, filha de Manoel Bueno da Rocha e de sua mulher Gertrudes Antonia Moreira.

2-3 Anna de Jesus Teixeira, casada em Curityba a 23 de Outubro de 1792, com João Ribeiro de Camargo, filho do Tenente Manoel Soares do Valle e de sua mulher Maria Pires de Camargo; elle de Curityba e ella de N. S. da Penha de Araçariguama. Neto pela parte paterna de João Ribeiro do Valle, natural de Valongo, e de sua mulher Izabel Soares; neto pela parte materna de Bento da Gama Alvarenga, natural de Araçariguama, e de sua mulher Escolastica Eugenia de Camargo, de S. Paulo.

2-4 Gertrudes Maria do Espirito Santo, casada com Francisco Rodrigues do Couto, fallecido com 28 annos a 7 de Outubro de 1799.

2-5 Antonio Teixeira de Freitas, casado com Gertrudes Maria de Jesus.

2-6 João Teixeira de Freitas, nascido em 1782.

2-7 Manoel Teixeira de Freitas, nascido em 1784.

2-8 Izabel Teixeira de Freitas, casada com João Rodrigues do Couto.

Esta mesma Izabel Teixeira se casou em 15 de Setembro de 1798 (não sabemos si em primeiras ou segundas nupcias, porquanto o assentamento não declara ser ella viuva) com Manoel Lourenço Bueno, natural de S. José, filho de Manoel Bueno da Rocha e de sua mulher Gertrudes Maria de Jesus; neto pela parte paterna de Amador Bueno da Rocha, natural de S. Paulo, e de sua mulher Maria Leme de Jesus, natural de S. José; neto pela parte materna de Pedro Antonio Moreira e de sua mulher Joanna Franco Moreira, naturaes de Portugal. (C. E. de Curityba.)

2-9 Francisco Teixeira de Freitas, nascido em 1786.

1-3 Izabel Rodrigues de Andrade, filha do § 3.º do Capitulo 2.º
Casada em Curityba a 14 de Fevereiro de 1775 com Antonio Guedes de Carvalho, natural de Rezende-Lamego, filho de Manoel Guedes de Carvalho e de sua mulher Maria Antunes de Souza, naturaes de Lamego-Portugal. Neto pela parte paterna de Constantino de Cerqueira e de sua mulher Maria Cardoso, naturaes de S. Martinho de Lamego. Neto pela parte materna de Gonzalo de Souza e de sua mulher Anna Maria, naturaes de Portugal. (C. E. de Curityba.)
Filhos, que descobrimos:

2-1 Maria dos Passos Guedes, casada em Curityba a 2 de Outubro de 1792 com João Baptista Prestes, natural de Sorocaba, filho de Caetano José Prestes, natural de S. Paulo, e de sua mulher Maria Custodia de Ramos, natural de Sorocaba. Neto pela parte paterna de José Prestes e de sua mulher Felippa Rodrigues, naturaes de S. Paulo. Neto pela parte materna de Jeronymo Soares, natural de Sorocaba, e de sua mulher Thereza Leite de Barros, natural de Parnahyba. (C. E. C.)

2-2 Anna Maria de Jesus, casada em Curityba a 22 de Setembro de 1803 com Ricardo Baptista, filho de Ignacio Luiz de Siqueira e de sua mulher Izabel Tavares de Miranda. (C. E. C.)

2-3 Manoel Guedes de Carvalho, casado a 19 de Novembro de 1801 com Maria Clara da Silva, filha de Sebastião Alvares de Araujo e de sua mulher Quiteria da Silva Pinheiro. (C. E. C.)

2-4 Maria da Conceição, casada em Curityba a 23 de Fevereiro de 1819 com Manoel José de Oliveira, filho de Marianno José de Barros e de sua mulher Bernarda Maria Pinto, de S. José. (C. E. C.)

2-5 Francisco Guedes de Carvalho, casado em Curityba a 14 de Setembro de 1796 com Francisca Maria dos Santos, filha do Tenente Francisco Pinto Teixeira e de sua mulher Anna Marques dos Santos.

1-4 Anna Maria de Andrade, filha do § 3.º do Capitulo 2.º
Casada em primeiras nupcias em Curityba a 14 de Fevereiro de 1775 com Manoel Ignacio da Fonseca, natural de S. Catharina, filho de Manoel de Abreu Pereira e de sua mulher Bernardina de Senne; por esta, neto de Thomaz de Souza, natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher Pascoa de Figueiredo, natural da Colonia do Sacramento. (C. E. C.)
Casada em segundas nupcias em Curityba a 19 de Janeiro de 1786 com Antonio Ferreira dos Santos, natural de Paranaguá, filho de Antonio Rodrigues dos Santos e de sua mulher Ursula Maria Borges, natural de S. Paulo. Neto pela parte paterna de Diogo Cabral, natural de S. Paulo, e de sua mulher Francisca Rodrigues, de Paranaguá. Neto pela parte materna do Capitão-Mór de Paranaguá Antonio Ferreira Mathoso e de Maria Borges, natural de S. Sebastião.

1-5 Capitão José de Andrade, falleceu com testamento em Curityba a 30 de Janeiro de 1793. Por sesmaria passada pelo Capitão General Governador Martim Lopes Lobo de Saldanha, de 30 de Outubro de 1779, lhe foram concedidas duas leguas de campo entre os rios «Caneú» e «Guarauna», em Papagaios Novos, onde elle ha seis annos tinha seu gado, proximo as terras de Manoel Gonçalves da Cruz. Essa sesmaria foi pelo Capitão José de Andrade vendida em 1791 a Antonio Ferreira Pinto.
Em 1785, o Capitão José de Andrade e sua mulher Joanna Maria de Jesus, venderam a João Domingues Leitão metade dos campos do Rodeio, nos Ambrosios, partindo com o Campo Cumprido, Curralinho e Vargem, campos esses que herdaram de seu sogro e pae Miguel Gonçalves de Lima.
Era casado com Joanna Maria de Jesus ou Lima, filha do Capitão Miguel Gonçalves de Lima e de sua mulher Maria Paz dos Santos; neta pela parte paterna de Domingos Gonçalves Rolo e de sua mulher Maria Fernandes; neta pela parte materna de Sebastião dos Santos Pereira e de sua mulher Joanna Garcia.

Teve a filha unica: (Testamento de 1793.)

2-1 Maria Joaquina da Cruz Lima, casada em Curityba a 27 de Setembro de 1790 com o Alferes Antonio Xavier Ferreira.

«Por Provisão de 26 de Agosto de 1797, do Governador e Capitão General de S. Paulo Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, foi nomeado o Capitão Manoel Teixeira de Oliveira Cardoso para mestre de primeiras letras de Curityba, por concorrer na sua pessoa todas as circumstancias precisas e por achar-se examinado pelo Exmo. Bispo da Dioceze, devendo immediatamente requerer á sua Magestade a sua confirmação, vencendo o mesmo ordenado que percebia o seu antecessor pago pelo cofre do subsidio literario; attendendo achar-se vaga a referida cadeira pela deixar de continuar ha mais de um anno Antonio Xavier Ferreira, que a exercia, e pela necessidade de se continuar sem interrupção a util e necessaria instrucção dos vassallos de S. Magestade.»

O Alferes Antonio Xavier Ferreira, era filho do Tenente Estevão José Ferreira, natural de Barcellos, Portugal, e de sua mulher Catharina Joanna Paz, natural de Cotia; neto pela parte paterna de Paulo Velho Ferreira e de sua mulher Maria Thereza.

Teve:

3-1 Conego Ildefonso Xavier Ferreira, nasceu em Curityba a 19 de Agosto de 1795. Era Conego prebendado e lente de Theologia da Academia de Direito de S. Paulo, onde se bacharelou e defendeu these em 1837. Foi professor de theologia dogmatica e moral, latim, rhetorica e philosophia. Foi secretario do Cabido Paulista, Promotor do Bispado, Membro das Commissões do Conselho geral do Governo em 1828; foi Inspector da Instrucção Publica, Juiz de Paz, Vereador e Deputado Provincial.

Em 1853 prologou as celebres Constituições do Arcebispado da Bahia, de D. Sebastião Monteiro da Vide e nesse trabalho reaffirmou a superioridade da sua intelligencia, da sua cultura e dos seus sentimentos. No memoravel dia 7 de Setembro de 1822, depois que o Principe Regente nas margens do Ipyranga proclamou num brado sublime a nossa «Independencia ou Morte», e quando á noite assistia ao espectaculo de gala que em honra desse facto glorioso se realisava no Theatro, em S. Paulo, o Padre Ildefonso Xavier Ferreira, n'um gesto que ficou indelevelmente gravado na historia patria, com desassombrado enthusiasmo e fervôr pela cauza da nossa emancipação politica, no camarote n. 11, brada a plenos pulmões saudando por trez vezes ao Principe D. Pedro, dizendo: «Viva o Rei do Brasil!», acclamação essa, correspondida unanimemente pelos assistentes, tomados de verdadeiro delirio. Essa saudação, foi aceita com satisfação por D. Pedro, que do seu camarote sorridente tudo ouviu, e correspondeu meneando a cabeça.

A revolução acabava nesse momento de triumphar pacificamente com a Independencia do Brasil.

Falleceu o Padre Ildefonso em S. Paulo a 29 de Novembro de 1871.

O Paraná honrando a memoria do seu grande filho, erigiu-lhe um monumento n'uma das principaes praças de Curityba, em frente a sua Universidade, para que os estudantes que frequentam as suas Academias, possam d'elle receber os ensinamentos de bem servir a sua Patria com o mesmo amôr, com o mesmo patriotismo e a mesma elevação moral com que o Padre Ildefonso a serviu e honrou, elevando lá fóra o nome do seu torrão natal.

3-2 Antonio Xavier da Cruz Lima, insigne flautista curitybano, de quem o escriptor Vicenzo Cernicciaro em seu preciosissimo livro «Storia della musica nel Brasile —, dai tempi coloniali sino ai nostri giorni (1549 a 1925)», editada em Milano em 1926, diz: «Nella serata dell'artista Gertrudes Angelica da Cunha, il 10 maggio 1833, essa canta assieme al tenore Vaccani un duetto di Pucini, e da sola, la cavatina del «Barbiere di Seviglia» e si produce il flautista brasiliano Antonio Xavier da Cruz Lima, che eseguisce

un difficile concerto su un nuovo flauto (probabilmente di Boehm); egli era considerato uno dei migliori flautisti dell'epoca.»

1-6 Guarda-Mór Ivo José de Andrade, filho de Agostinho José de Andrade, § 3.º do Capitulo 2.º
Foi casado em primeiras nupcias com Maria Francisca de Andrade.
Fallecido com testamento em Curityba a 12 de Dezembro de 1796; casado em segundas nupcias a 5 de Agosto de 1802 com Anna Maria, filha de Gertrudes de Souza. (C. E. de Curityba.)
Casado em terceiras nupcias com Maria dos Passos, fallecida em Setembro de 1815.
Sem filhos do primeiro matrimonio.
Do segundo matrimonio teve:
2-1 Anna Joaquina de Andrade, baptisada em Curityba a 4 de Julho de 1803. Falleceu em estado de solteira, segundo declarou em seu testamento, aberto a 4 de Outubro de 1867, no qual nomeou seu testamenteiro a Lino Teixeira Falcão. Apezar de nunca ter casado, conforme declarou, teve os seguintes filhos naturaes:
3-1 João Falcão de Andrade, solteiro, com 50 annos.
3-2 Mathias Falcão de Andrade.
3-3 Rosa Falcão de Andrade.
3-4 Brandina Maria de Andrade.
3-5 Virginia Maria de Andrade.
3-6 Maria de Andrade, casada com Leandro Baptista Correia.
2-2 Manoel Jorge de Andrade, baptisado a 9 de Fevereiro de 1806.
2-3 Joaquim Jorge de Andrade, baptisado a 17 de Setembro de 1808.
Do terceiro matrimonio teve a filha unica:
2-4 Francisca de Andrade, nascida por occasião da morte de sua mãe, em Setembro de 1815.

1-7 Tenente Antonio de Andrade Pereira, filho de Agostinho de Andrade, § 3.º do Capitulo 2.º
Parochiano da Palmeira, natural de Curityba.

Falleceu com testamento a 9 de Julho de 1845, sendo casado com Anna Victoria dos Santos.
Teve 5 filhos: (C. O. de Curityba.)
2-1 Joaquim, fallecido na infancia.
2-2 Joaquim José de Andrade.
2-3 Gertrudes de Andrade, fallecida, foi casada com José Mathias de Freitas.
Teve a filha unica:
3-1 Leopoldina, casada.
2-4 Maria de Andrade, casada com Lucio Irias de Araujo.
2-5 Jesuina de Andrade.
Teve mais os seguintes filhos naturaes:
a) Luiz de Andrade.
b) Maria Joanna de Andrade, casada com Felisberto dos Santos.
c) João Baptista de Andrade.
d) Lino de Andrade.

1-8 Miguel de Andrade Pereira, filho de Agostinho de Andrade, § 3.º do Capitulo 2.º
Nascido a 11 de Setembro de 1752. (C. E. de Curityba.)
Foi casado com Ignacia Martins de Araujo.
Teve:
2-1 Maria Ignacia do Rosario, casada a 22 de Maio de 1808 com Antonio José de Godoy, filho de Salvador Peres de Aguiar e de sua mulher Messia Maria Angelica.

1-9 Capitão Manoel de Andrade Pereira Telles, filho de Agostinho de Andrade, § 3.º do Capitulo 2.º
Foi proprietario da Fazenda da Bôa Vista, do municipio de Curityba, onde residia e que deixou a seu filho José, por sua morte.
Era casado com Maria Custodia de Barros, de quem elle foi o segundo marido.
Ella falleceu com testamento, em Curityba, em 24 de Outubro de 1812, no qual declarou ter sido casada em primeiro matrimonio com Caetano José Prestes, de cujo 1.º matrimonio teve 5 filhos: 1.º Jeronymo, 2.º João Baptista, 3.º Manoel, 4.º Maria e 5.º Caetano. Declarou ser natural de Sorocaba, filha legitima de

Jeronymo Antunes Maciel e de sua mulher Thereza Leite de Barros (C. O. de Curityba); neta pela parte paterna do Coronel João Antunes Maciel, provedor dos quintos de ouro de Cuyabá, e que foi um dos heroicos defensores dos Portuguezes cercados pelos Paulistas no Rio das Mortes, na guerra dos Emboabas em 1710, e de sua segunda mulher Maria Paes de Jesus; neta pela parte materna de André da Rocha do Canto e de sua mulher Maria Leite de Barros; por esta, era bisneta de Domingos Rodrigues e de sua mulher Catharina de Almeida.

Pelo Coronel João Antunes Maciel, era ella bisneta de João Antunes Maciel, natural de S. Paulo, onde foi baptisado em 1642 e onde se casou com Joanna Garcia (filha de Miguel Garcia Carrasco e de sua mulher Anna Barbosa; por Miguel Garcia Carrasco, era neta de outro de igual nome, tronco dos Carrascos dos Reis, e de sua mulher Margarida Fernandes, dos quaes tratamos no primeiro volume).

Por seu bisavô João Antunes Maciel — o velho — é terceiraneta de Gabriel Antunes Maciel, fallecido em 1649 com testamento, em S. Paulo, e de sua mulher Mecia Cardoso; por esta, quartaneta de Antonio Lourenço e de sua segunda mulher Izabel Cardoso, filha de Gaspar Vaz Guedes e de sua mulher Francisca Cardoso.

Por Antonio Lourenço é quintaneta de Domingos Luiz — o Carvoeiro —, natural de Marinhota, freguezia de Santa Maria de Carvoeira; cavalleiro da Ordem de Christo, fallecido em 1615 com testamento, em S. Paulo; fundador da Capella de N. S. da Luz do Guarepe, e de sua primeira mulher Anna Camacho, fallecida com testamento em 1613, em S. Paulo (filha de Gonçalo Camacho e de sua mulher . . . Ramalho; por esta, era neta de Jorge Ferreira e de sua mulher Joanna Ramalho; por esta, neta de João Ramalho e Izabel Dias, filha do regulo Tibiriçá).

Por Domingos Luiz, é sextaneta de Lourenço Luiz e de sua mulher Leonor Domingues, naturaes de Portugal. (Genealogia Paulistana do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, volume 1.º, fls. 48.)

(C. O. de Curityba.)

Teve de seu matrimonio 2 filhos:

2-1 Gertrudes Maria de Andrade, casada em Curityba em 2 de Março de 1802 com o Capitão Antonio Ferreira Amado, natural de Sorocaba, filho de Antonio Ferreira Amado e de sua mulher Izabel Maria da Silva. Residiu na cidade da Lapa, onde falleceu a 29 de Maio de 1826, com seu solemne testamento, no qual declarou ter 3 filhos legitimos e 2 naturaes.

Teve os seguintes filhos do casal: (C. O. de Curityba.)

3-1 Antonio Ferreira Amado, (em outro apontamento nosso, é Francisco Ferreira Amado).

3-2 José Ferreira Amado, casado no Rio Grande do Sul.

3-3 Leocadia Ferreira Maciel, que foi a segunda mulher do Commendador Gregorio Ferreira Maciel, nascido em 1791 e fallecido na Lapa em 1860, filho de Marcello Antunes Maciel, de origem portugueza, natural do Rio Grande do Sul e casado na Lapa com Bernardina Ferreira Prestes, dos quaes trataremos no terceiro volume desta Obra.

Teve:

4-1 Maria Ferreira Pinto, casada com o Capitão João José Pinto.

Teve:

5 1 Rosa Pinto, casada com José Gonçalves Beira.

5-2 Leocadia Ferreira Pinto, casada com Joaquim Ferreira Bueno.

5-3 Gertrudes Ferreira Pinto, casada com Francisco Ferreira de Ramos.

5-4 João Ferreira Pinto.

5-5 Luiz Ferreira Pinto.

5-6 Gregorio Ferreira Pinto.

5-7 David Ferreira Pinto.

5-8 Zacharias Ferreira Pinto.

4-2 Commendador João Ferreira Maciel, casado com Gertrudes de Souza Maciel, filha de Pedro Fortunato de Souza Magalhães e de sua mulher Henriqueta de Souza Magalhães.

Filho unico:

5-1 Tenente Coronel João Ferreira Maciel, casado com Debora da Cunha Maciel, filha do Coronel Domingos Antonio da Cunha e de sua mulher Maria Nuncia da Cunha. Fallecido.
Filhos:
6-1 Dr. Domingos da Cunha Maciel, engenheiro civil.
6-2 Dr. João da Cunha Maciel, medico.
6-3 Ottilia da Cunha Maciel, fallecida.
6-4 Debora da Cunha Maciel, fallecida.
6-5 Selva da Cunha Maciel.

4-3 Margarida Ferreira Maciel, nascida a 26 de Agosto de 1836, fallecida a 9 de Janeiro de 1897, casada a 4 de Março de 1852, com o Coronel Pedro Ferreira Maciel, filho do Major Theodoro Ferreira Maciel e de sua mulher Rosa Maria de Jesus; neto pela parte paterna de Marcello Antunes Maciel, natural do Rio Grande do Sul, fallecido na Lapa, e de sua mulher Bernardina Ferreira Prestes; neto pela parte materna de Bento de Siqueira Cortes, natural de S. Paulo, e de sua mulher Anna Maria de Jesus; por esta, bisneto de Ignacio Pires de Lima e de sua mulher Clara Pereira Telles.
Foi o Coronel Pedro Ferreira Maciel politico de real prestigio, exercendo varios cargos de eleição popular, entre os quaes o de Deputado provincial, de 1887 a 1889. Nasceu a 28 de Julho de 1832 e falleceu a 12 de Abril de 1898.
Teve:

5-1 Rosa Ferreira de Araujo Perpetua, nascida a 5 de Dezembro de 1852 e fallecida a 5 de Dezembro de 1894. Foi casada com o Tenente-Coronel José Joaquim de Araujo Perpetua, nascido em 1826 e fallecido em Papagaios Novos em 3 de Junho de 1891. Foi Juiz districtal na Palmeira e abastado e adiantado fazendeiro em Papagaios Novos.
Teve:
6-1 Francisca Rosa Perpetua, nascida a 18 de Fevereiro de 1874.

6-2 Coronel Pedro Maciel de Araujo Netto, nasceu na Palmeira em 1880, casado em 1901 com Maria Trindade de Araujo, filha do Major João Ferreira de Araujo e de sua mulher Maria Rosa Maciel de Araujo; por esta, neta do Coronel Antonio Ferreira Maciel. Fazendeiro em Palmas e proprietario das fazendas «S. Bento» e «Bello Horizonte».
Filhos: (Por informações.)
7-1 Leonidas de Araujo Perpetua, casado com Marina Silverio de Araujo, filha de Trajano Baptista de Oliveira Silverio e de sua mulher Hercilia Alves de Oliveira.
Filhos:
8-1 Eddy.
8-2 Leomar.
7-2 Rosa Maciel de Araujo.
7-3 Oswaldo de Araujo.
7-4 Ubaldina Maciel de Araujo.
7-5 Alceu de Araujo.
7-6 José Odimoral.

6-3 Capitão Ernesto Justiniano de Araujo, nascido em 1878, casado com Luiza Maciel de Araujo, filha do Capitão Diogo Maciel e de sua mulher Gertrudes de Araujo Maciel; por esta, neta do Capitão Francisco Antonio de Araujo e de sua mulher Anna de Jesus de Araujo; pelo Capitão Francisco Antonio de Araujo era bisneta de Lourenço Justiniano de Araujo e de sua mulher Maria Perpetua de Siqueira; por sua avó Anna de Jesus de Araujo era bisneta do Major Theodoro Ferreira Maciel e de sua mulher Rosa de Jesus Siqueira Maciel. Desde a edade de 19 annos reside em Palmas, onde negocia na compra e venda de animaes na fazenda «Renascença.»
Filhos:
7-1 José Joaquim de Araujo Perpetua, agronomo, casado com Dalva de Araujo, filha de Pedro Ferreira de Araujo e de sua mulher Balbina de Siqueira Araujo.
7-2 Elpidio de Araujo Perpetua, pharmaceutico.
7-3 Antonio Alceu de Araujo, academico de medicina.

7-4 Maria da Apparecida Araujo.
7-5 Marçal de Araujo.
7-6 Wilson de Araujo.
7-7 Hebréa de Araujo.
7-8 Ibley.

6-4 Zulmira de Araujo Bauer, casada com Henrique Bauer Sobrinho.
Teve:
7-1 Margarida.
7-2 Maria Christina.

6-5 Maria da Conceição Araujo, casada com Silverio Pinto de Araujo.
Teve:
7-1 Ottoni.
7-2 João.

6-6 Margarida de Araujo Franco, casada com Armando Saydes Franco.
Teve:
7-1 Pedro.
7-2 Bento.
7-3 José.
7-4 Maria Antonia.
7-5 Lourival.

5-2 Leocadia Emilia Ferreira de Araujo, nascida em 1854 e fallecida em 29 de Julho de 1911. Foi casada com o Alferes Antonio Ferreira de Araujo, filho de Francisco Antonio de Araujo e de sua mulher Anna de Jesus de Araujo.
Teve:

6-1 Antonio de Araujo Junior, casado com Josephina Saporiti de Araujo.
Filhos:

7-1 Alda de Araujo Loureiro, casada com Antonio Marcondes Pimpão Loureiro.
Teve:

8-1 Homero, nascido a 3 de Outubro de 1923, 10-1 de 9-1, pagina 425, do 1.º volume desta Obra.

7-2 Djalma de Araujo.
7-3 Idosinia de Araujo.

6-2 Francisco de Araujo, casado com Maria Luiza do Amaral Wolf.
Filhos:
7-1 Estella de Araujo.
7-2 . . .

6-3 Avila de Araujo Saporiti, casada com Angelo Saporiti.
Teve:
7-1 Humberto de Araujo Saporiti.
7-2 Antonio de Araujo Saporiti.
7-3 Manoel de Araujo Saporiti.
7-4 Fulvia de Araujo Saporiti Campello, casada com o Dr. Cid Campello, Juiz de Direito de Paranaguá.
7-5 Maria de Araujo Saporiti.

5-3 Gertrudes Amalia Ferreira Maciel, nascida a 15 de Julho de 1858 e fallecida a 4 de Agosto de 1915, sendo casada com seu primo Pedro Maciel Sobrinho.
Teve:
6-1 Antonio Horacio Maciel.
6-2 Herminia Maciel, casada com José Ferreira Bello, fallecido.
6-3 Maria Rosa Maciel, casada com João Thimoteo de Araujo.
6-4 Mercedes Maciel, casada com Gil Ferreira Pacheco.
6-5 Bemvinda Maciel, casada com João de Oliveira Franco.

5-4 Coronel Pedro Ferreira Maciel Junior, nascido a 15 de Setembro de 1863, casado com sua prima Luiza Bernardina de Andrade. Fallecido a 9 de Setembro de 1919.
Filhos:
6-1 Margarida Maciel Pinto Bandeira, casada com José Pinto Bandeira.
6-2 Esther Maciel Pinto Bandeira, casada com Argemiro Pinto Bandeira.

5-5 Major Luiz Ferreira Maciel, nascido a 29 de Agosto de 1865 e fallecido a 29 de Março de 1920, em estado de solteiro. Foi deputado estadoal. Deixou os seguintes filhos reconhecidos e legitimados:

6-1 Waldomiro Ferreira Maciel, casado com Anna Reithowski Maciel.
6-2 Domingos Maciel Sobrinho, casado com Luiza Stella Maciel.
6-3 Attilio Ferreira Maciel.
6-4 Maria Margarida Maciel.

5-6 Coronel Ottoni Ferreira Maciel, nascido a 22 de Outubro de 1870, casado a 22 de Maio de 1897, com Maria da Gloria Amaral, filha do Capitão Seraphim Ferreira de Oliveira e Silva, e de sua mulher Julia Moreira do Amaral e Silva, 6-1 de 5-2 de pagina 424, do 1.º volume desta Obra. Ahi os descendentes. Alem dos dados biographicos que traçamos no 1.º volume desta Obra, a pagina 431, não podemos deixar de transcrever o Manifesto que em data de 20 de Fevereiro de 1908, publicou o Coronel Ottoni Maciel, tal o valor historico para a politica do Estado do Paraná, que encerra esse documento sereno e que foi publicado sem refutação:

«MANIFESTO

Aos meus concidadãos

«Em face dos graves acontecimentos politicos que afastaram, por meio de um verdadeiro golpe de estado, da cadeira presidencial o magistrado eleito para dirigir os destinos do Paraná, no quatriennio a iniciar-se, devo uma explicação aos meus patricios, e, vou dal-a com inteira verdade, reconstituindo os factos, que em relação a minha candidatura a vice presidencia, possam influir, mais tarde, nas investigações da historia.

«Pondo de parte qualquer preoccupação de estylo e a fina technologia que aprimora as bellezas de nossa lingua, começarei por affirmar, com a maxima lealdade, que jamais fez parte de minhas aspirações a elevada investidura, que pelo suffragio dos paranaenses recebi no dia 20 de Outubro ultimo, e que o Congresso do Estado, violando a lei, acaba de declarar nulla e insubsistente. Effectivamente, nesse eclipse formidavel do

dever, o estandarte da lei cahio por terra; a lealdade politica e os deveres partidarios rolaram ao pezo de ambições inconfessaveis, não para salvar o direito em perigo, ou evitar a subversão do regimen, como é bem de vêr, mas para falsear a grandeza do systema republicano e conspurcar a verdade eleitoral.

«Ha quasi perto de vinte annos que me encontro na actividade politica, e, apraz-me dizel-o, mercê de Deus, nunca me foi preciso solicitar uma siquer, das posições officiaes que occupei no seio da sociedade que me acolhe, e, patriota animado do mais puro e sincero civismo, quer na vida publica, quer na vida particular, jamais desviei-me do itinerario da honra, pautando meus actos sempre pela mais resoluta firmeza e energica independencia. Servi ao meu partido como soldado trabalhador e dedicado, prestando-lhe o melhor concurso de minha actividade e intelligencia.

«Isto posto, cabe-me dar os prodromos de minha eleição.

«No dia 15 de Setembro do anno passado tive uma missão politica junto aos chefes governistas da cidade de Ponta Grossa, vindo de Curityba, onde me achava em gozo de licença.

«Emquanto dava cumprimento a commissão que me levara á bella cidade da visinha comarca, na capital, alguns politicos se lembraram de indicar a minha candidatura, não fazendo parte desse movimento um só dos membros da minha familia.

«No meu regresso, logo depois que cheguei, fui procurado pelo illustre coronel Theophilo Soares, que não só me informou do occorrido, como ainda insistiu na justificativa de minha inclusão na chapa como candidato a 1.º vice-presidente do Estado.

«Sem falsa modestia declarei que não acceitava, comprehendendo desde logo perfeitamente os inconvenientes todos dessa escolha, inclusive o que dizia respeito aos meus interesses particulares, o que na hypothese, era o de menor monta.

«O coronel Luiz Xavier, senhor de minha confiança e da mais desinteressada estima, constituiu-se o arauto de minha candidatura e foi o seu mais aferrado defensor. Na reunião do directorio central já tudo estava preparado e o

dr. João Candido, posto que inteiramente contrario, foi vencido, depois de acalorada discussão.

«Eu estava tranquillo e não esperava semelhante resultado, por isso fiquei verdadeiramente succumbido quando fui inteirado da verdade, não por que tivesse o descortino preciso para prever, mas porque, modesto, nunca fascinei-me pelo poder, nem senti jamais deslumbramento pelas responsabilidades do governo.

«A' noite em um banquete na casa do meu velho e respeitavel amigo monsenhor Alberto Gonçalves, dizia-me o altivo e illustre Dr. Benjamin Pessoa:

«Meu caro, os fautores de sua candidatura não são seus amigos, por isso permitta, sincero como sou, que não o felicite.» E o coronel Luiz Xavier, ouvindo, revoltou-se, travando forte discussão com o Dr. Pessôa. Esse facto teve assistentes e sem duvida delle muitos se hão de lembrar.

«Na manhã seguinte parti com a familia para esta cidade e da estação de Araucaria expedi os seguintes despachos telegraphicos:

«Coronel Luiz Xavier.

«Quanto mais penso tanto mais acredito não dever acceitar elevada investidura, que excede minha competencia e aspirações. Rogo poupar-me penoso sacrificio.»

«Coronel Joaquim Monteiro.

«Peço impedir minha candidatura. Não a desejo e sinto-me incapaz.»

«No mesmo dia, entretanto, a «Republica» publicava a chapa e eu tinha as seguintes respostas:

«Indicação vosso nome 1.º vice-presidente representa fundadas e legitimas aspirações partido a que pertencemos e justo reconhecimento vossa dedicação em prol do engrandecimento do Estado, que tanto vos deve e tanto espera ainda do vosso patriotismo. E' este o sentir do directorio central que neste momento represento. Cordeaes saudações. — Luiz Xavier.»

«Não foi attendido. Saudações. J. Monteiro.»

«Eis ahi como se recebeu meu appello, que com certeza não vizava a formação da supposta «olygarchia», cuja quéda se urdiu na treva, mas que sem duvida representava o pensamento desinteressado e franco do politico sincero e patriota.

«Além das muitas manifestações que recebi, muitas das quaes promanadas de alguns que victoriavam o «grande exemplo civico» dado pela colligação, convem fazer conhecida a carte seguinte, escripta por pessoa insuspeita, senão pelo factor principal do movimento conspirador:

«Curityba, 26 de Setembro de 1907.

«Meu caro amigo coronel Ottoni. — Saudações. Não tenho nenhum constrangimento em dirigir-lhe as minhas melhores e mais sinceras felicitações pela merecida distincção com que o honrou o directorio central do nosso Partido indicando-o para o logar de 1.º Vice-Presidente do Estado no quatrienio proximo.

«Confio bem nos seus antecedentes e estou certo que a sua acção politica no elevado posto que lhe é designado se affirmará sempre por um fecundo, incessante e intelligente trabalho em proveito do progresso e desenvolvimento do nosso Estado, e da consequente fortaleza e prestigio do nosso valoroso partido.

«Isso basta para que eu me sinta bem saudando effusivamente o meu illustre amigo. Com os votos que faço por sua felicidade pessoal, sou como sempre seu aff.º am.º obr.º — *Manoel de Alencar Guimarães.*»

«Ahi está como foi apreciada a minha candidatura, a pedra de toque da «temivel olygarchia», a formar-se pelo valoroso chefe dissidente, que mascarando os seus intuitos, vem de fazer a anarchia no seio de nossa existencia politica e talhar a mortalha do pujante partido, que cinco vezes seguidas o mandou á Camara dos Deputados.

«Vê-se pois, pelo exposto, que não me fiz candidato e nem partiu a idéa de qualquer um dos meus parentes.

«Não se justifica o falso pretexto, havendo uma razão occulta, e esboroa-se o castello architectado pelos proprios campeões da nova situação.

«O motivo publico, confessavel, não resiste á razão e ao bom senso e por isso mesmo não pode cohonestar essa união hybrida, accumulo mendaz de interesses hecterogeneos, incapaz de promover o progredimento do Paraná e a felicidade do povo.

«De resto, nesse particular, dispenso-me de mais largas considerações, aguardando tranquillo o julgamento do futuro. E passando para outra ordem de considerações, vejamos sob o ponto de vista legal, a procedencia dos argumentos de que se servio o Congresso para annullar a minha eleição.

«E' tão pobre e falho de procedencia juridica o parecer assignado pela commissão especial, encarregada de estudar a eleição e são tão escassos de justiça os seus argumentos, que, força é confessar, nessa lucta tremenda de ambições sem limites, foi sacrificada a lei e aniquilado o direito para vencer a dictadura legislativa, violando a soberania do voto popular.

«A' essencia do regimen, a mais bella conquista das democracias, sobrepoz-se o interesse de occasião, superior por certo aos creditos da Republica.

«A minha eleição não foi annullada com fundamento em lei, mas porque sendo inelegiveis para o Congresso os empregados publicos, nos termos de lei 131 de 27 de Dezembro de 1894, embora o legislativo não incluisse expressamente esse caso de inelegibilidade entre os que estabeleceu para os cargos de presidente e vice-presidente do Estado, naturalmente por julgar «ocioso», se tornou extensiva e applicavel aquella incompatibilidade ao meu caso, sem outro argumento, além da força de maior razão.

«A constituição politica do Estado não estabeleceu semelhante incompatibilidade e não o estabeleceram por sua vez as leis eleitoraes posteriores como se pode pois, inventar uma analogia que não existe e interpretar uma lei restrictiva, ampliando a casos que nem são analogos?

«Interpreta-se expondo o verdadeiro sentido de uma lei, que é obscura ou ambigua, e nos casos das leis positivas que assentam nos principios da Moral e do Direito Natural essa interpretação deve ser entendida no sentido mais liberal.

«Na hypothese vertente, porem, não se trata de uma lei sujeita a interpretação, mas de um texto constitucional claro e positivo, incapaz de controversia, sancionado mesmo pelo nosso direito consuetudinario.

«E em verdade assim é, porquanto é facto incontestado e notorio que o sr. coronel Joaquim Monteiro, vice-presidente do Estado com as responsabilidades do poder, é empregado publico demissivel independente de processo e não ha quem não saiba que o Dr. Victor do Amaral foi eleito vice-governador e como tal reconhecido, accumulando as funcções de Director Geral da Instrucção Publica, emprego tambem demissivel independente de sentença.

«A vista disso, os proprios antecedentes condemnam o monstruoso attentado de que fui victima e que estou certo merecerá a condemnação das consciencias puras e rectas. O acto violento do Congresso, mais avulta quando se considera que o Congresso deixou de applicar o texto lidimo e positivo da lei n. 131 em relação a diversos deputados incompativeis, e applicou em relação a mim o mesmo texto de lei de excepção por analogia!!!

«Dou-me por satisfeito, e se me faltar a justiça dos homens, conto seguro com a inflexivel reparação da historia.

Palmeira, 20 de Fevereiro de 1908.

Ottoni Ferreira Maciel.»

5-7 Maria de Jesus Maciel, filha do Commendador Pedro Ferreira Maciel e de sua mulher Margarida Ferreira Maciel, 4-3 retro. Casada com o Major Domingos Ferreira Maciel Sobrinho.
Teve:
6-1 Alipio Ferreira Maciel, nascido a 21 de Março de 1894.
6-2 Alda Ferreira Maciel, casada com Ismael Ribas de Camargo, filho de Diogo de França Camargo e de sua mulher Sizinia Ribas Camargo.
Filho:
7-1 Aroldo Maciel Camargo.
6-3 Pedro Maciel Sobrinho, nascido a 21 de Abril de 1899.
6-4 Margarida Maciel.
6-5 Angelica Maciel.

6-6 Maria da Luz Maciel.
6-7 Domingos Maciel, fallecido.
6-8 Rivadavia Maciel, fallecido.

4-4 Anna Leocadia Ferreira, casada com o Capitão João Candido Ferreira, filho de Francisco Ferreira Bueno e de sua mulher Anna Maria da Silva; neto pela parte paterna de João Ferreira de Oliveira Bueno e de sua mulher Maria Helena do Nascimento; neto pela parte materna de Manoel José Barbosa e de sua mulher Anna Esmeria da Silva; por seu avô João Ferreira de Oliveira Bueno é bisneto do Sargento-Mór Francisco Xavier Pinto e de sua mulher Rita Ferreira Bueno, dos quaes trataremos em Titulo — Xavier Pinto — desta Obra.

Por sua avó Maria Helena era bisneto de José dos Santos Lima e de sua mulher Gertrudes Maria do Rosario; por aquelle, era terceironeto do Capitão Miguel Gonçalves de Lima e de sua mulher Maria Paes dos Santos, já descriptos em 4-7 de 6-5 deste volume. Por Gertrudes Maria do Rosario era terceironeto de Luiz de Souza Menezes e de sua mulher Maria do Rosario; por esta, quartoneto do Guarda-Mór Francisco Martins Lustoza e de sua mulher Maria Soares de Jesus, já descriptos.

Filhos:

5-1 David, fallecido a 10 de Abril de 1871.

5-2 Dr. João Candido Ferreira, nascido na Lapa a 21 de Abril de 1864. Distincto e humanitario medico. Politico de grande valor. Foi Deputado Estadoal e Federal pelo Paraná. Vice-Presidente do Estado, tendo por vezes assumido as redeas do Governo. Concluio o seu curso medico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1888. Tem exercido diversos cargos publicos, taes como: Prefeito Municipal da Lapa, de 1892 a 1896; Deputado ao Congresso Legislativo do Estado, onde foi Vice-Presidente; Deputado Federal de 1901 a 1904. Primeiro Vice-Presidente do Paraná de 1904 a 1908, assumindo por vezes a administração politica do Estado, na au-

zencia do seu Presidente. Eleito Presidente do Estado para o quatriennio de 1908 a 1912, em eleição em que foi unanimemente suffragado o seu nome, por não haver lucta eleitoral por falta de contendor, viu-se na necessidade de renunciar o mandato, pela rebellião d'aquelles que, pouco antes o acclamavam chefe do partido, e indicavam o seu nome á governança do Estado, e que pelo desejo de mando e obedecendo á insinuações indebitas de poderoso politico extranho ao Estado, se colligaram ao adversario, atirando ao ostracismo grande numero de antigos companheiros de todos os tempos que, tiveram a hombridade de se tornar coherentes com seus principios, ficando alijados do poder. Como medico distincto, prestou relevantes serviços ás forças do commando do valoroso General Antonio Ernesto Gomes Carneiro, durante o glorioso cerco em que, durante 27 dias, esteve a legendaria Lapa em 1894. E' Director da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná.

Em 1913, transferiu sua residencia da Lapa para Curityba, onde tem a sua numerosa clientella o illustrado e operoso scientista.

Casado com sua prima Josepha do Amaral Ferreira, já descriptos com os seus descendentes em 7-4 de 6-1, do Titulo Carrasco dos Reis.

Afim de bem esclarecer um facto de notavel importancia politica que influiu decisivamente no afastamento do illustre Dr. João Candido Ferreira do scenario politico, abaixo transcrevemos o incluso manifesto que elle publicou a 27 de Fevereiro de 1908, expondo os motivos porque depois de ter attingido as mais elevadas posições no Estado, despio-se de todas as prerogativas e investiduras:

MANIFESTO

«No dia 27 de Janeiro do anno corrente dirigi aos jornaes de Curityba a carta seguinte:

«Acabo de depositar nas mãos do venerando paranaense Doutor Francisco Xavier da Silva a investidura de chefe do Partido Republicano Federal do Paraná affirmando ao mesmo tempo que desisto de qual-

quer direito decorrente da eleição de 20 de Outubro de 1907. Opportunamente publicarei um manifesto explicando os motivos desta resolução.»

«A ultima parte dessa missiva, forçando-me sahir da obscuridade onde pretendo viver, justifica plenamente a minha presença hoje em publico.

«Protogonista involuntario de um acontecimento extraordinario, que não poderia ser previsto pelo mais atilado prescrutador dos sentimentos humanos, corre-me o dever de expôr, com precisão e clareza, todos os elementos indispensaveis para o julgamento desse extranho caso.

«Assim, em rapido escorço, procurarei mostrar como ascendi ás mais altas posições no Estado, como nellas me mantive e porque, inopinadamente, me despi de todas as investiduras, sem previa consulta aos meus co-religionarios.

«Sem mais delonga vou, pois, expôr os diversos estadios de minha vida politica, desde a apresentação de meu nome para 1.º vice-presidente do Estado, até a desistencia dos direitos que me cabiam em virtude da eleição de 20 de Outubro de 1907.

«E assim verá o publico, verão os meus amigos e co-religionarios que houve logica e hombridade em meu proceder, que a primeira vista parece incoherente e irreflectido.

«Em 1903 eu chefiava, nesta cidade, a politica dominante, por ter deixado expontaneamente a direcção do partido o bravo e prestigioso coronel Joaquim Lacerda, meu dedicado e saudoso amigo.

«Ao mesmo tempo exercia com toda solicitude e aferro, as profissões de medico e agricultor, e nessa lida diuturna eu encontrava as mais suaves alegrias, as mais compensadoras distracções.

«Foi no meio desse labor acurado e venturoso que, a 17 de Junho de 1903, me veio encontrar um telegramma do eminente chefe e presado amigo Dr. Vicente Machado, pedindo para eu aceitar « . . . candidatura cargo 1.º vice-presidente na eleição de 24 de Agosto».

«Respondi ao illustre amigo nos termos seguintes: «Penhorado circumstancias especiaes me obrigam não aceitar. Pessoalmente explicarei e me dará razão».

«Este telegramma foi presente, segundo informação que tive, ao Dr. Francisco Xavier da Silva que disse ao Dr. Vicente Machado: «Insista Dr.» Sem tardança recebi novo despacho com os dizeres que para aqui traslado:

«Me permitta insista pedindo sua acquiescencia ao nosso desejo. Que motivo póde ter para sua recusa? Espero, em novo telegramma me auctorisará a apresentar seu nome á candidatura offerecida. E' um serviço ao partido e eu pessoalmente muito agradecido ficarei.

«Aguardo sua resposta que urge, pois convenção reune-se 21 e é necessario assentar combinações. Saudações cordeaes. — Vicente Machado.»

«Não me senti mais com o direito de novamente excusar-me, negando ao amigo o concurso de meu pequeno valimento e fugindo á responsabilidade de uma posição honrosa offerecida com tanta insistencia e gentileza.

«Respondi ao Dr. Vicente Machado que havia feito mal em consultar-me, tendo como disse necessidade de meus serviços; pois, soldado disciplinado do partido, eu compriria as ordens do meu chefe, sem discutil-as.

«Fui eleito e tomei posse do cargo a 25 de Fevereiro de 1903.

«Adoentado o Dr. Vicente Machado, sentindo já os prenuncios da pertinaz enfermidade que o arrebatou aos carinhos da familia e aos serviços da Patria, foi obrigado a pedir licença e ausentar-se do Estado.

«Assumi o Governo a 9 de Setembro de 1904 e deixei a 14 de Outubro, por ter voltado de Poços de Caldas, com fallaciosa apparencia de convalescente, o illustre Presidente do Estado.

«No dia seguinte, fazendo a apreciação do meu Governo, o orgão official escrevia entre outras cousas:

«Em poucos dias de exercicio, com a calma systematica e ponderada de um homem pratico, de um scientista experimentado, o illustre patricio estabeleceu na concisão de seus actos e de suas palavras toda a nobre linha de conducta de seu governo.»

«Regressei satisfeito aos meus penates, acreditando ter cumprido, senão com destaque ao menos com devotamento, o meu dever para com o meu partido e o meu Estado.

«Pouco tempo durou minha estada na cidade natal, pois a

molestia que minava insidiosa e perfidamente aquelle organismo de rija tempera, ia tomando novos incrementos, compromettendo orgãos diversos e urgia deixar de novo as lides governamentaes para entregar-se a um tratamento radical.

«Tendo o illustre Presidente do Paraná resolvido procurar os recursos therapeuticos no velho mundo, para os seus já notaveis soffrimentos, deixou o exercicio do cargo a 29 de Abril de 1905.

«Estive então á frente da administração do Estado o longo espaço de tempo que vai dessa data a 21 de Novembro de 1905, quasi um semestre.

«Nessa epocha foi o Paraná flagellado por um grande temporal que se prolongou por mezes, acarretando enormes prejuizos e obrigando o governo a fazer despezas consideraveis, inadiaveis, e não previstas no orçamento.

«Eram varios e pesadissimos os encargos da administração nesse semestre e para fazer frente a todos elles, e guardar a linha de correcção e pontualidade mantida pelo illustre substituido, em relação aos compromissos de diversas ordens, não bastava reduzir ao minimo as despezas e esforçar-se no accressimo da arrecadação.

«Era preciso diligenciar de todos os modos e o Paraná deve recordar-se como foi vencida a temerosa crise e qual então era o estado do erario publico quando deixei o governo.

«Estas palavras da «A Republica», de 22 de Junho de 1905 pintão bem a situação do Estado nesse tempo:

> «Esse medonho temporal que esguichou por toda parte a sua torrencial deliquação deluviana, lavando destruidoramente as germinações da vida vegetal, arruinando as obras de utilidade publica construidas para conforto social, escolheu de preferencia o Paraná para estadear mais furiosamente o seu impeto crudelissimo de devastação.
>
> «Como já está no conhecimento dos leitores, pelas noticias que hemos repetidamente publicado, as vias de communicação foram muitissimo prejudicadas com essas furibundas enxurradas, que determinaram uma phase climaterica bem raras vezes assignalada em nosso Estado.

> «Pontes custosissimas desabaram no embate remoinhante das aguas; as estradas, alagadas pela acção resistente das chuvas, ficaram em muitos logares interceptadas, obstando assim approximação dos centros agricolas do interior ao mercado da capital.
>
> «Entretanto, supperando todas essas inclemencias atmosphericas com uma deligencia sem igual, acautelladora, o governo estadoal desenvolveu uma actividade maxima para refazer as obras destruidas, de modo a reatar a viabilidade em todas as zonas por onde passara a violencia das tempestades.»

«Não devendo trazer para o governo um programma pessoal, que traduzisse o meu modo de encarar e dirigir os negocios publicos, porque estava interinamente no exercicio do cargo, forcejei quanto pude para dar cabal desempenho ao programma daquelle que, além de Presidente do Estado, era o chefe supremo do partido em que eu militava.

«E se não alcancei inteiramente esse desideratum, em todo caso envidei todos os esforços para attingil-o com lealdade e dedicação, o que vale alguma couza nos bellos tempos que correm.

«Regressando ao Paraná a 18 de Novembro de 1905 foi offerecido ao Dr. Vicente Machado um memoravel banquete em Paranaguá e então teve elle occasião de pronunciar um dos seus mais eloquentes discursos.

«E entre outras cousas, disse o seguinte, conforme registou o orgam de seu partido:

> «Mas bem maior é a sua alegria, o seu orgulho porque tendo partido deixou presidindo os destinos do Estado um paranaense digno, patriota irreprehensivel, que embora tendo a mais franca liberdade de acção executou com a maxima fidelidade os multiplos problemas do seu programma governamental sem a minima solução de continuidade, affirmando em todos os seus actos a perfeita communhão de ideas que ligaram o substituto ao substituido.
>
> «O dr. João Candido Ferreira, vice-presidente do Estado, eleito pelos mesmos votos e depositario da mesma confiança destes, com mão firme e enverga-

dura de administrador criterioso, conduzio, em sua ausencia, a nau do Estado com tanta competencia, com tamanho tino, que força é confessar, tornou-se credor do reconhecimento publico e da gratidão dos paranaenses.

«O dr. João Candido é, meus correligionarios, disse s. ex., um benemerito e eu o proclamo neste banquete politico, no qual vejo reunidos homens de responsabilidade e merecimento no seio de meu partido; elle o é, dizem commigo os factos e dil-o a consciencia do povo paranaense.»

«E eu nada mais havia feito que cumprir com altiva solidariedade o meu dever, como um soldado disciplinado, que por circumstancias bem lamentaveis, fôra impellido a assumir as responsabilidades do commando supremo dos negocios publicos.

«Na singela allocução que pronunciei ao offerecer-lhe o banquete de 20 de Novembro de 1905 dei conta do modo como procurei desempenhar-me desse melindroso encargo nestes termos:

«Conscio da magnitude dessa missão elevada e superior ás minhas forças de aprendiz, apezar da confiança e da estima do chefe cercarem-me de todas as garantias e de todas as liberdades eu procurei agir cautelosamente dentro da orbita restricta do expediente, dentro dos limites de uma activa super-intendencia que o amor proprio assim afagado não forcejou por dilatar.

«Nesse elevado e melindroso posto, cercado de auxiliares competentes, dignos e dedicados, eu procurei cumprir o meu dever sem catonismo nem desfallecimento, sem arrogancia nem subserviencia.»

«Nesse mesmo banquete pronunciou o Dr. Vicente Machado estas palavras que confirmam o juizo externado em Paranaguá sobre a individualidade do seu substituto:

« . . . folga em declarar que seu substituto embora desempenhando as suas funcções com toda liberdade (sahio publicado — sem subserviencia) não quebrou as linhas de seu programma, continuando-o com um brilho que o torna benemerito do Paraná. Já conhecido como homem de sciencia, agora o illustre paranaense tornou-se notavel como administrador.»

«Na mensagem dirigida ao Congresso Legislativo por occasião de installar-se em 1.º de Fevereiro de 1906 disse o Dr. Vicente Machado:

«E' verdade que a maior parte desse periodo decorrido, estive eu fóra da administração do Estado, confiada esta á superior competencia, alto tino e acendrado patriotismo do illustre 1.º vice-presidente, o benemerito paranaense Dr. João Candido Ferreira, que se fez credor da gratidão publica e eu isto proclamando reputo-me fiel interprete do pensamento do Paraná. . .

« . . . Assim a minha tarefa perante vós, neste momento, quanto a exposição de factos da administração publica, resume-se em salientar o brilho dos que foram praticados nesse periodo de minha ausencia, revelando uma acção superior na direcção dos destinos do Paraná.»

«Não vem á pello recordar quanto procurei fazer nessa interinidade, em todos os departamentos da administração, de modo a grangear a confiança e provocar as calorosas palavras com que me honrou esse espirito de escól.

«Volvi ao conchego e serenidade do lar domestico, na cidade natal, a 23 de Novembro de 1905, para novamente vir occupar a cadeira presidencial a 13 de Abril de 1906, permanecendo no exercicio do cargo até 22 de Dezembro.

«Nos primeiros dias de Agosto, desse anno, tive a subida honra de receber a visita do Conselheiro Affonso Penna, que empregou com alacridade os poucos dias destinados ao Paraná a ver e observar attentamente tudo quanto tinhamos digno de ser conhecido.

«Procurei fazer com que o Estado recebesse o illustre visitante com sobria e carinhosa hospitalidade sem aquellas pompas e artificios que só servem para encobrir a realidade das cousas.

«O preclaro brasileiro ao deixar o nosso Estado não occultou que havia aqui recebido as mais agradaveis impressões, quer em relação a bôa harmonia existente entre os partidos politicos militantes, quer em relação ás normas seguidas na administração publica.

«E tudo assim correu em completa calma e normalidade durante essa longa ausencia do Presidente do Estado.
«Subordinado á epigraphe — Administração —, disse o jornal imparcial «Diario da Tarde», de 24 de Dezembro de 1906, o seguinte:

> «Deixa hoje o exercicio da suprema magistratura do Estado o Snr. Dr. João Candido Ferreira, illustre 1.º vice-presidente do Paraná.
> «Durante a longa interinidade pôde S. Exa. desenvolver alguns pontos do programma presidencial, que mais uteis se lhe afiguraram, procurando servir ao Estado, ora dando impulso notavel a organisação do ensino agricola, ora projectando novas vias de communicações.
> « . . . S. Exa. reviveu na administração, praticas moralisadoras desde muito esquecidas, mandando publicar os balancetes do thesouro, que com quanto deficientes, deixam ainda assim, conhecer-se do movimento dos cofres publicos no actual exercicio.»

«A «A Noticia», jornal então como aquelle independente e neutro, escreveu nessa data:

> «E' de inteira justiça ora frisarmos a correcção com que o Snr. Dr. João Candido, Vice-Presidente do Estado, se houve no exercicio de supremo director da terra natal. S.S. em attitude delicada, pois que a interinidade é situação esquerda, não podia concertar e executar grandes projectos, nem tão pouco imprimir á administração outra directriz, que acaso houvesse julgado mais util de que a actual.
> Mas, movendo-se dentro da estreita orbita traçada pelo proprio escrupulo, afim de não comprometter a linha de conducta do substituido, proprietario do cargo, o Snr. Dr. João Candido fez quanto a seu alcance, procurando bem servir o Paraná.»

«Aggravando-se o estado de saude do Dr. Vicente Machado, foi chamado apressadamente á Curityba a 26 de Fevereiro de 1907 e nesse mesmo dia assumi o Governo até Julho, mez em que segui para o Rio de Janeiro, com licença, tendo elle fallecido, cheio de resignação a 3 de Março de 1907. Um fremito de pezar e de vago desassocego percorreu as fileiras do grande partido governista.

«Logo depois, o Directorio Central convocou uma reunião composta dos chefes de todos os municipios para nella ser escolhido o substituto daquelle inclito combatente que havia desapparecido para sempre.
«Vindos das mais remotas paragens do Estado, a 19 já se achavam reunidos em Curityba os mais prestimosos e influentes membros do Partido Republicano Federal para a convenção que teria logar a 21 de Abril.
«O Dr. Francisco Xavier da Silva, tambem viera á Capital nessa occasião para sanccionar com sua presença as deliberações da grande assembléa politica. No dia 19 tive a satisfação de recebel-o em Palacio e então tratamos da nova phase porque ia passar o nosso partido e dos meios de conserval-o forte e unido em face daquella grande perda que acabava de soffrer.
«Fallando da successão do Dr. Vicente Machado na chefia do partido, disse aquelle illustre paranaense, que lhe parecia não haver necessidade da escolha de um nome para esse logar, porque o Presidente do Estado é de facto o chefe da politica dominante.
«Dirigindo-se á minha pessôa disse:
«Da convenção já deve sahir indicado seu nome para Presidente do Estado, porque assim querem os nossos amigos.»
«Creio que estava presente nessa occasião o Coronel Joaquim Monteiro, 2.º vice-presidente, actualmente á testa da administração.
«Retorqui-lhe que não devia acceitar tão prematura indicação, mormente estando ainda investido das funcções de Governo, e que melhor seria delegar-se poderes ao Directorio Central para, opportunamente fazer a escolha dos candidatos.
«E em relação á chefia do partido adiantei, referindo-me ao Dr. Xavier, que devia ser elle o acclamado porque tinha longo tirocinio dos negocios publicos e estava em condições de dirigir o pujante partido ás victorias costumarias.
«Insistindo em excusar-se acrescentei:
«Perdoe-me, Dr., mais o Snr. não tem o direito de recusar seus serviços quando todos assim o desejam.»

«Despedimo-nos e mais tarde novamente estivemos reunidos em Palacio e improficuas foram ainda as minhas solicitações.
«E elle devia ter poderosas razões para assim resistir.
«Em reunião previa effectuada a 20 de Abril a Convenção resolveu: escolher-me para substituir o Dr. Vicente Machado e delegar poderes ao Directorio Central para, quando opportuno, escolher os candidatos á presidencia, vice-presidencia do Estado e ao Congresso Legislativo.
«E assim se fez com toda solemnidade.
«A convenção resolveu conservar o mesmo Directorio Central e escolheu-me, sem discrepancia de votos, presidente do Directorio, *ipso facto,* chefe do partido que tinha as responsabilidades do Governo.
«No dia 22 «A Republica» publicou o seguinte:

MANIFESTO

da Convenção do Partido Republicano Federal do Paraná.

«Correspondendo ao appello do Directorio Central do Partido, os presidentes dos Directorios municipaes, reunidos em Convenção, nesta capital, affirmaram pelo voto unanime dos seus membros a vontade soberana do mesmo partido na eleição do novo Directorio.
«Para preenchimento do claro aberto em nossas fileiras com o fallecimento do inolvidavel chefe Dr. Vicente Machado foi eleito o eminente correligionario Dr. João Candido Ferreira, cujo honroso passado, dedicação ao Partido, vontade energica e intelligente, são attestados eloquentes em favor da sua direcção.
«Além disso o prestigio crescente e as sympathias geraes tão justamente conquistadas pelo Dr. João Candido e que o collocaram em visivel destaque, significam que o nosso eleito estava naturalmente indicado para occupar esse posto de responsabilidades e que a Convenção apenas sanccionou, com enthusiasmo e perfeita isenção de espirito, o sentimento expresso e manifesto da totalidade dos correligionarios.
«Sob a direcção suprema do novo chefe o Partido Republicano Federal continuará a sua brilhante trajectoria, conservando as suas tradições honrosas e invenciveis, prestigiado sempre pela mais perfeita unidade de vistas e harmonias de ideias dos correligionarios.

«Os cinco membros effectivos do Directorio Central, eleitos igualmente pela Convenção conjuntamente com o chefe do partido, são os nossos prestigiosos e bastante conhecidos correligionarios Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, Coronel Luiz Antonio Xavier, Coronel Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva, Coronel Theodorico Julio dos Santos e Coronel Olegario Rodrigues de Macedo, que continuam a merecer a inteira confiança do partido, pelos seus serviços, dedicação e lealdade.
«Por essa forma a convenção está certa de ter correspondido com o applauso unanime dos correligionarios ao appello do pujante e glorioso Partido Republicano Federal.
«Curityba, 21 de Abril de 1907.
«Theodorico Julio dos Santos (com restricções quanto ao que se refere á sua pessoa), Ottoni Ferreira Maciel, secretario, Brasilino Moura, secretario, Olegario Rodrigues de Macedo (com restricções quanto ao que se refere á sua pessoa), Theophilo Soares Gomes, João Gualberto de Bittencourt, Bernardo Ribeiro Vianna, Annibal de Almeida Brasil, Emilio Ribeiro Gomes, José João Machado Fagundes, Joaquim Ferreira do Amaral e Silva, Joaquim Thomaz Ribeiro da Silva, Rufino de Sá Ribas, Adelino José de Camargo, José Ferreira do Amaral e Silva, Olegario Vieira Belem, Manoel Gonçalves Ferreira, Manoel Francisco Dias, Paulo Emilio Gaissler, Julio Moreira Ribas, Manoel Aprigio Machado, Francisco de Paula Pires, Francisco Espindola Junior, Alexandre G. C. de Miranda, Antonio Geraldo dos Santos, Estevam Ribeiro de Almeida, José Druski, Manoel José de Siqueira, Ernesto Guimarães Villela, França Mathias, Polydoro Manoel Fernandes, Alfredo Carneiro Franco, José Luciano de Oliveira, Manoel Tiburcio Leite, Possidonio da Cunha Santos, Antonio da Costa Pinto, Manoel Marques Pereira da Silva, Antonio Barbosa Pinto, Carlos da Silva Mafra, Joaquim Floriano do Espirito Santo.
«Foi assim que recebi a pesada investidura de chefe da politica dominante, pelos orgãos mais competentes do meu partido e em reunião que se revestiu da maior solemnidade e da mais completa liberdade.

«Em Julho parti para o Rio de Janeiro e lá passei mais de um mez propugnando sempre, com actividade, pelo bom renome e pelo engrandecimento do Paraná, como podem dar testemunho os illustres representantes do Estado no Congresso Federal.

«Tratei com a maxima solicitude das mais palpitantes necessidades do Estado, procurei insistentemente fazer propaganda dos grandes e poderosos recursos que elle dispõe para occupar um lugar saliente na federação, como a amenidade do clima, a fertilidade do sólo, a riqueza e variedade da flora, etc. Os dados estatisticos que então fiz publicar revelam eloquentemente, a sua pujança economica e o estado florescente de suas finanças.

«A 21 de Agosto o Dr. Affonso Penna, Presidente da Republica, offereceu-me no palacio do Cattete, um almoço em que tomaram parte os representantes do Paraná. A «A Republica» assim publicou no dia seguinte, a saudação com que me honrou o benemerito Presidente:

> « . . . na recente excursão que fez aos Estados teve opportunidade de conhecer pessoalmente os homens mais illustres de cada um delles, tendo no Paraná encontrado á frente da administração o Dr. João Candido, cuja figura como administrador e politico o impressionou agradavelmente. Tem satisfação em encontrar esta opportunidade em que procurou propositalmente reunir em sua meza toda a representação federal do Paraná, sem distincção de côres politicas, para significar essas impressões e ao mesmo tempo dizer que recebeu com verdadeira alegria a noticia de que o povo paranaense, bem apreciando as qualidades pessoaes do seu digno filho, o seu patriotismo, o largo descortinio de seu espirito e a sua inatacavel honestidade, o acclama e o indica para presidir os seus destinos no proximo futuro quatriennio, o que constitue grande segurança de que esse prospero Estado vai entrar no seu mais largo desenvolvimento com o aproveitamento de todas as suas grandes riquezas naturaes.»

«Durante a minha estada na Capital Federal o Directorio Central reuniu-se e indicou meu nome para Presidente do Estado, como se deprehende das palavras do Dr. Affonso Penna.

«Regressando ao Paraná a 8 de Setembro tratei, sem tardança, de reunir novamente o Directorio para a organisação das chapas de Deputados ao Congresso Estadoal e de 1.º e 2.º Vice-Presidente do Estado.

«Como desde logo me fosse commettida a tarefa de escolher os candidatos ao Congresso, organisei, de accordo com o Directorio e Chefes das localidades que costumam ter os seus representantes na assembléa, a lista dos 20 nomes que deviam ser suffragados na eleição de 20 de Outubro de 1907.

«Quanto ao 1.º Vice-Presidente do Estado o Directorio lembrou, de prompto, pela voz de um dos mais prestigiosos membros, o nome de meu parente o Coronel Ottoni Ferreira Maciel, chefe de influencia incontestavel em uma das cidades dos campos.

«Impugnei immediata e bruscamente a indicação, por inconveniente, impolitica e porque eu lembraria um candidato para esse lugar, capaz de satisfazer o mais exigente dos nossos amigos.

«Vi então claramente todas as consequencias dessa escolha imprudente, que deixaria antes prever uma perfidia bem dissimulada do que um plano feliz de garantir a situação, si não partisse tal lembrança de um dos meus mais dedicados amigos e esforçado correligionario — o Coronel Luiz Xavier.

«Habil e insinuante, elle soube pôr em acção, em pról da cauza que pleiteava, a mais seductora dialectica, as mais captivantes considerações, que só os elevados sentimentos de lealdade e devotamento politico pareciam poder inspirar.

«Continuei a repellir a candidatura lembrada, fazendo sobresahir todas as desvantagens dessa resolução, no momento mesmo em que o chefe do blóco, de perfeito accordo com o Chefe da Nação, condemnava o governo de familia ou olygarchia; mas, não levei tão longe como devera a minha resistencia e acabei cedendo aos desejos expressos com tanto calor e deferencia.

«E foi assim eleito o Coronel Ottoni Maciel e eu deixei-me embalar, um momento, na doce illusão de poder existir alguem mais realista que o rei.

«A eleição de 20 de Outubro correu sem o menor incidente, sem protesto algum, e o meu nome recebeu votação unanime do Partido Republicano Federal e de alguns adversarios, que enxergavam nessa candidatura qualquer cousa de util aos interesses da communhão paranaense.
«Até essa data os meus correligionarios achavam que eu tinha os requisitos necessarios para bem governar o Paraná, tanto que suffragaram meu nome com publica manifestação de apreço e consideração.
«Ora, dessa data em diante não é crivel que eu tenha decahido da confiança e estima delles, porque não mais exerci acção directa na administração do Estado, em virtude de estar com as redeas do Governo o Coronel Joaquim Monteiro, que não se submetteria aos meus desmandos e caprichos, e não satisfaria a minha vontade quando ella fosse contraria ao interesse publico.
«Entretanto, começava-se já a soprar, muito á socapa o facho da dissidencia no seio do partido.
«Tinha eu razão de sobra para não acreditar nesse movimento inexplicavel, destinado a fragmentar um partido de tão solidas e brilhantes tradições, por mais que se avolumassem os boatos.
«Ainda mais, eu estava certo que, contra o Presidente que ajudaram tão recentemente eleger, só se bateriam de viseira erguida e desfraldando a flammula de combate aos raios meridianos.
«Enganei-me redondamente.
«Qual a causa, então, dessa dissidencia que surgiu insidiosa e marralheira e tem hoje a responsabilidade do governo colligado ao partido da opposição?
«A olygarchia de familia, a inconstitucionalidade de minha eleição e o saneamento da capital, eis o que se apregôa como causa primordial da dissenção no seio do partido.
«Mas, não se comprehende e nem se constitue uma olygarchia pelo só motivo de entrar na chapa de 1.º Vice-Presidente do Estado um meu parente e isso mesmo contra a minha vontade expressa, sem rebuço. Porque de outros parentes, que exercem funcções publicas no Estado, não posso ser responsavel, visto terem sido nomeados pelos Drs. Xavier da Silva e Vicente Machado, sem a menor influencia de

minha opinião que nesse tempo não tinha peso nas deliberações do governo; salvo, se querem attribuir-me uma responsabilidade muito semelhante a que o lobo imputava ao cordeiro da fabula, por lhe ter turvado a agua.
« — Quanto a inconstitucionalidade de minha eleição só agora vem á baila esse motivo improcedente e servindo até de clava de Hercules para annullar os votos que me foram dados; entretanto, ninguem se levantou contra ella durante a apresentação, pela imprensa, dos candidatos ao suffragio de 20 de Outubro.
«Ainda mais, quando no Congresso Legislativo, o anno passado, discutiu-se a lei das incompatibilidades, o honrado chefe da opposição tomou parte saliente no debate, amparando-a mesmo com sua palavra auctorisada e estava convencido que me poderia aproveitar muito breve essa resolução.
« — Em relação ao saneamento penso que o contracto ultimamente firmado attende convenientemente as necessidades da população da capital e salvaguarda os interesses do Estado, que só tinha a perder com a indefinida interrupção das obras de aguas e esgotos.
«Na elaboração desse contracto, que tanto tem servido para as pessoas de má fé e os meus gratuitos inimigos enxovalharem o meu nome, que ha de sahir limpo dessa campanha hedionda de diffamação e aleive, eu não tive interferencia senão para pedir que tornassem mais claras duas clausulas obscuras e que ficasse o Estado isento do pagamento das custas.
«Os seguintes telegrammas comprovam essa affirmativa, esclarecendo o caso:
«Peço responder se tem outras modificações a indicar sobre contracto saneamento, alem daquellas que communicou Pinto, pois Ferreira Ramos quer assignar logo contracto. — Joaquim Monteiro.» Respondi: «Não lembro outras modificações alem do compromisso que devem assumir os contractantes de pagar custas. — João Candido.»
«O contracto foi cuidadosamente estudado e suas clausulas largamente discutidas pelos tres secretarios do governo, sob a presidencia do Coronel Vice-Presidente, em 3 ou 4 sessões, em Palacio.

«Sobre esse assumpto é bem expressivo o que disse o orgão official de 18 de Janeiro de 1908:

«Raramente se apontará mesmo um caso, como esse, em que a simples discussão das clausulas de um contracto, da exclusiva competencia da Secretaria, a cujo departamento pertencem os serviços a contractar, se tenha procedido com tanto rigor e tanto escrupulo, em successivas conferencias, não já com o titular da respectiva Secretaria, mas com todos os representantes do Governo, no mais louvavel intuito de chegar a uma solução que consultasse a um só tempo, a moralidade inatacavel da administração e os elevados interesses em jogo.

«Minutado por duas ou tres vezes o contracto a lavrar, discutidas de novo as clausulas respectivas á medida que se procedia á leitura de cada minuta, feita a redacção final e sobre essa proposta ainda diversas emendas acauteladoras dos interesses do Estado e da população, foi o contracto, com a approvação de todos os membros do governo e a mais absoluta fidelidade, lavrado e assignado na Secretaria respectiva, onde ficou representando integral e exclusivamente, senão a totalidade, ao menos o maior numero das patrioticas indicações da administração publica, na conquista de reaes vantagens e solidas garantias, que a elle déssem a feição que tem, do producto do mais escrupuloso zelo administrativo.

«Essa é a verdade, não passando de ballela e invencionice tudo o que em contrario se disser.

«O que vem de ser exposto é bastante para que a parte sã da sociedade paranaense adquira a convicção de que a um contracto levado a effeito nas condições em que o foi o de 18 de Dezembro, e dada a immaculada probidade, de quantos n'elle intervieram, só poderá qualificar de negociata quem por indole ou defeito de educação, se mostre incapaz de vêr nos actos alheios a correcção e a lisura que tem sido o apanagio da administração publica no Estado.»

«Eis ao que ficam reduzidas as 3 grandes accusações dirigidas contra mim e tendentes a vilipendiar meu nome.

«Para terminar esta calma exposição rememorativa, escripta ao correr da penna com o intuito somente de justificar actos e explicar acontecimentos e não fazer minha defeza, que virá mais tarde, vou relatar os motivos por que desisti dos direitos decorrentes da eleição de 20 de Outubro e renunciei as prerogativas de chefe do Partido Republicano Federal.

«Chegando á Curityba o Dr. Xavier da Silva no dia 26 de Janeiro, vespera da reunião preparatoria do Congresso Legislativo, tive com elle, no dia seguinte, uma longa conferencia.

«Fazendo um rapido historico dos acontecimentos politicos do Estado nos ultimos tempos, principalmente em relação á parte referente a minha pessoa, mostrei que S. Exa. era um tanto responsavel pela posição que eu estava occupando no momento por ter sido uma das primeiras pessoas que lembraram meu nome para a suprema magistratura do Paraná.

«Depois da troca de algumas idéas sobre o assumpto obrigado de todas as palestras — a dissidencia, perguntei-lhe attenciosamente a causa dessa inopinada attitude de alguns correligionarios e o que allegavam os meus amigos de hontem contra a minha pessoa.

«Respondeu-me que elles se queixavam de ser eu muito retrahido e pouco abrir-me com elles. . .

«E vindo á collecção a sovada olygarchia de familia eu expliquei minuciosamente tudo quanto se passára por occasião da escolha do 1.º vice-presidente do Estado, e si olygarchia existia no Paraná devia ter sido ella creada pelos meus antecessores no governo do Estado, entre os quaes se achava S. Exa. porque a elles somente deviam os meus parentes as suas collocações.

«Conclui perguntando si S. Exa. acreditava que a desistencia dos direitos decorrentes da eleição ultima e a renuncia da chefia do partido dominante podiam evitar a dissidencia e a sua provavel consequencia — a ascenção do partido adverso.

«Respondeu-me: «parece . . . acredito que sim. . .»

«Deante de tal declaração, feita por um homem, cujo passado e cujas responsabilidades, a mim, como a todos se

antolham as mais solidas garantias, tive o mesmo procedimento de 1903 e declarei-lhe que, satisfeitissimo de poder, com o sacrificio de prerogativas que não havia solicitado, assegurar a integridade, pujança e supremacia do glorioso partido a que pertenciamos, alli mesmo, naquelle instante, me despia das investiduras politicas, que a convenção de 21 de Abril e a eleição de 20 de Outubro me haviam conferido, em manifestação unanime dos nossos correligionarios.

«E assim o fiz, sem hesitação alguma e reunindo, momentos depois, deputados estaduaes e amigos que me acompanhavam, dei-lhes conta do occorrido na conferencia com o Dr. Xavier, e solicitei o solemne compromisso de continuarem, no seio do partido, a prestar-lhe os seus serviços com a competencia e dedicação de todos os tempos.

«Lapa, 18 de Fevereiro de 1908.»

4-5 Leocadia Ferreira Pacheco, fallecida com 64 annos de edade, já viuva do Coronel João Pacheco dos Santos Lima, que foi deputado estadoal. Foi assassinado em Canoinhas, em 27 de Junho de 1905. Era filho de Firmino José dos Santos Lima e de sua primeira mulher Maria Joaquina; neto pela parte paterna do Capitão Francisco dos Santos Pacheco Lima e de sua mulher Anna Francisca da Camara, natural de Curityba, onde se baptisou a 11 de Novembro de 1793; por esta, bisneto de João Francisco Correia e de sua mulher Anna Maria da Luz; por esta, terceironeto de Matheus Correia Simões e de sua mulher Maria Muniz da Camara; por seu bisavô João Francisco Correia, era terceironeto de Manoel Correia e de sua mulher Catharina de S. Francisco, naturaes da Ilha do Pico. (C. E. de Curityba.) Pelo Capitão Francisco dos Santos Pacheco, era bisneto de José dos Santos Facheco Lima, natural de Ponte de Lima, Portugal, fallecido em 1806 e casado em Tamanduá a 28 de Agosto de 1752, com Maria Pereira da Silva, nascida em 1727; por esta, terceironeto de João Pereira Braga e de sua mulher Josepha Gonçalves da Silva, dos quaes trataremos no 4.º volume desta Obra.

Teve:

5-1 Adelaide Pacheco dos Santos Lima, nascida em 27 de Janeiro de 1866, casada com Francisco Manoel Guimarães, filho de Simão Simplicio Guimarães e de sua mulher Rosa de Paula Lima Xavier.

Teve:

6-1 Etelvina Pacheco Guimarães, casada com...

6-2 Simão Pacheco Guimarães, casado com...

5-2 João Pacheco dos Santos Lima, nascido a 2 de Outubro de 1868.

5-3 Maria da Conceição dos Santos Lima, nascida a 8 de Dezembro de 1871.

5-4 Bemvinda dos Santos Lima, nascida a 29 de Outubro de 1872, casada com Benedicto Cordeiro.

5-5 Bemvindo dos Santos Lima, nascido a 1.º de Outubro de 1874, fallecido.

5-6 Francisco dos Santos Lima, nascido a 19 de Junho de 1876.

5-7 Leocadio dos Santos Lima, nascido a 3 de Abril de 1878, fallecido em combate em S. Maria.

5-8 Antonia dos Santos Lima, nascida a 13 de Junho de 1879.

5-9 Pedro dos Santos Lima.

4-6 Gregorio Ferreira Maciel, nascido em 1840 e fallecido solteiro em 1888.

4-7 Domingos Ferreira Maciel, casado com Francisca de Paula Guimarães, filha de Simplicio Ferreira Guimarães e de sua mulher Rosa Ferreira Bueno.

Filhos:

5-1 Alice.

5-2 Ernestina.

5-3 Brasilina Ferreira Maciel da Silva, casada com Paulino Ferreira da Silva.

Teve:

6-1 Francisca.

6-2 . . .

4-8 Luiza Ferreira Maciel de Souza, nascida em 1844 e casada com o professor Pedro Fortunato de Souza

Magalhães Junior, filho de outro de igual nome e de sua mulher Henriqueta de Souza Magalhães, filha de Antonio Ferreira Amado.
Teve:

5-1 Henrique de Magalhães, casado com Estephania Maciel de Magalhães, filha do Major Domingos Maciel.
5-2 Pedro de Souza Magalhães, casado com Adilia Correia, filha de José Correia.
5-3 João de Souza Magalhães, casado com Julia Ferreira Maciel.
5-4 Leocadio de Souza Magalhães, casado com . . . , filha de João Ferreira Amado.
5-5 Emilia de Magalhães Ferreira do Amaral, casada com o Tenente Coronel José Ferreira do Amaral e Silva, filho do Capitão Seraphim Ferreira do Amaral e Silva e de sua mulher Julia Moreira do Amaral e Silva. Sem filhos.

Pelas investigações que fizemos no Cartorio de Orphãos de Curityba, affirmamos que Gertrudes Maria de Andrade, 2-1, de pagina 553, tivera só 3 filhos; por informações porem, que nos foram ministradas, sabemos que teve mais:

3-4 Henriqueta de Souza Magalhães, casada com Pedro Fortunato de Souza Magalhães, com os seguintes filhos:
4-1 Pedro Fortunato de Souza Magalhães Junior, casado com Luiza Ferreira Maciel de Souza, 4-8 de 3-3, retro. Ahi a descendencia.
4-2 Luiz Henrique de Souza, casado com Maria Antonia de Azambuja Souza.
Filhos:
5-1 Alpheu de Azambuja Souza, casado com Maria Martins de Azambuja, filha de Ozorio Martins.
5-2 Maria Luiza de Azambuja, casada com. . .
5-3 Palmyra de Azambuja Westphalen, casada com Pylades Westphalen.
5-4 Maria da Luz, solteira.
5-5 João de Azambuja e Souza.

4-3 Gertrudes de Souza Maciel, casada com o Commendador João Ferreira Maciel, 4-2 de 3-3, retro. Ahi a descendencia.
4-4 Maria das Dôres Magalhães, fallecida.
4-5 Anna Joaquina Magalhães, fallecida.
3-5 João Ferreira Amado.

2-2 Sargento-Mór José de Andrade Pereira, filho do Capitão Manoel de Andrade Pereira Telles e de sua mulher Maria Custodia de Barros, 1-9, de pagina 551. Falleceu em sua fazenda «Bôa Vista» ou «Pinheirinho», a 26 de Agosto de 1851.
Seu inventario apresentou um monte partilhavel na importancia de Rs. 15:709$710.
Foi casado com Anna de Paula Xavier Bueno a 11 de Fevereiro de 1813, filha do Sargento-Mór Francisco de Paula Xavier Bueno, natural de Curityba, onde se casou a 19 de Fevereiro de 1787 com Victoriana Maria de Lima. Neta pela parte paterna do Sargento-Mór Francisco Xavier Pinto, natural de Alfandega da Fé, Torre de Moncorvo, e de sua mulher Rita Ferreira Bueno, natural de Santos; por esta, bisneta de João Ferreira de Oliveira, natural de Nossa Senhora da Luz de Macieira de Leiria e residente em Santos, onde falleceu, e de sua mulher Maria Bueno da Conceição, natural de Santos. Por seu avô Francisco Xavier Pinto é bisneta de André Esteves, natural da Horta de Moncorvo, e de sua mulher Magdalena Pinto, natural de Alfandega da Fé.
Por sua avó Victoriana Maria Lima, natural do Pilar da Graciosa-Antonina, é bisneta de José Nabo de Medeiros, natural de Antonina (filho de Luiz Gomes da Silva, natural da Ilha da Madeira, e de sua mulher Angela Correia de Mendonça, natural de Paranaguá) e de sua mulher Maria Francisca de Lima; por esta, terceiraneta do Capitão Miguel Gonçalves de Lima e de sua mulher Maria Paes dos Santos (C. E. de Curityba), dos quaes já tratamos em 2-2 de pagina 420, do 1.º Volume desta Obra.
Filhos: (11) (C. O. de Curityba.)
3-1 Tenente-Coronel Manoel Antonio de Andrade, ca-

sado em primeiras nupcias em 29 de Maio de 1848 com Maria das Mercês Pinto Rebello, 5-1 de 4-3, de pagina 117, deste. Ahi a descendencia desse matrimonio. Casado em segundas nupcias com sua cunhada Ubaldina Francisca de Assis (de quem foi segundo marido), 5-4 de 4-3, de pagina 117, deste.
Teve do seu segundo matrimonio os filhos 6-5, 6-6 e 6-7, de pagina 157, deste.
Foi commerciante em Curityba e lavrador em Pinheirinho e Rio Verde. Foi homem de consideração e respeito. Falleceu em avançada edade.

3-2 Mathias José de Andrade, solteiro, com 23 annos por occasião da morte de seu pae. Residia na Lapa em 1891.

3-3 Fideles de Andrade Pereira, nascido em 1830. Creio ter fallecido solteiro, porquanto tendo fallecido com testamento em 13 de Maio de 1890 sua irmã Maria Luiza, foram contemplados no inventario todos os seus irmãos, menos elle.

3-4 José de Andrade Pereira Filho, falleceu no sitio do Pinheirinho. Casado em primeiras nupcias com Rosa Maria de Andrade e em segundas nupcias a 25 de Julho de 1865 com Gertrudes Maria Gonçalves. Sem descendentes.

3-5 Francisco José de Andrade, nascido em 1838. Falleceu sem descendentes em casa de seu irmão o Tenente-Coronel Manoel Antonio de Andrade.

3-6 Antonio de Andrade Pereira, casado com Victoriana Pereira. Sem descendentes.

3-7 Gertrudes Maria de Andrade, casada com Izaac Teixeira Pinto, fallecida a 8 de Março de 1854.
Filhos: (C. O. de Curityba.)

4-1 Gabriella de Andrade Pinto, casada com João de Sant'Anna Pinto Junior.

4-2 Bellarmina de Andrade Teixeira, casada a 21 de Abril de 1857, com Custodio Ferreira da Cruz, viuvo de Francisca Romeira Machado.

4-3 Constantino de Andrade Pinto, nascido em 1848.

4-4 Francisca de Andrade Teixeira, casada com Izaac Pereira da Rocha.

3-8 Maria Luiza de Andrade, fallecida com testamento em Curityba a 13 de Maio de 1870.
Foi casada em primeiras nupcias com Custodio Teixeira da Cruz, fallecido a 7 de Novembro de 1852; elle, filho de Pedro Teixeira da Cruz e de sua mulher Maria Machado. Foi casada em segundas nupcias com Francisco Franco Moreira, filho de Francisco Franco de Oliveira e de sua mulher Josepha Ferraz.
Sem descendentes desses dois matrimonios, pelo que seus irmãos se tornaram seus herdeiros, com excepção de Fideles de Andrade Pereira, que naturalmente já tinha fallecido sem deixar herdeiros, por sua vez.

3-9 Joaquina Francisca de Andrade.

3-10 Francisca de Andrade, casada com José Teixeira Gaspar.

3-11 Anna Maria de Andrade, casada com Manoel da Rocha Loures, filho de Francisco da Rocha Loures e de sua mulher Anna Alves Pereira, fallecida em 1852.



Acabou de se imprimir nas officinas da
IMPRESSORA PARANAENSE
CURITYBA
aos 21 de Abril de 1927.

Addenda ao 1.º volume.

A pagina 152 accrescente-se:

Notas sobre os «Carrascos»

«Sem descabidas pretenções nobiliarchicas, mas no intuito de concorrer para o esclarecimento da origem dos *Carrascos,* do Brasil, aqui offereço ao amigo Francisco Negrão as seguintes notas:

«*Carrasco* (em francez, *yeuse;* em hespanhol, *carrasco* ou *cárrasca)* é um roble ou abrunheiro bravo, especie de carvalho que conserva sua folhagem verde todo o anno. Por essa feição, é um symbolo relevante do appellido; mas a sua synonimia com o «executor de alta justiça» — o algoz — foi causa, para elle, de confusões pouco agradaveis. Vieira Fazenda deslindou uma d'ellas a proposito de uma chamada «casa do Carrasco», que apparece em escriptura de 1721, no Rio de Janeiro; e deslindou-a, mostrando como, nesses tempos, era frequente designarem-se ruas, ou trechos d'ellas, pelos nomes de seus principaes moradores; e porque havia, no Rio, gente desse appellido, desde 1570.

«Diz ainda o mesmo Vieira Fazenda: «Os Carrascos são oriundos da Andaluzia e fixaram-se, em Portugal, na cidade de Moura. Monteiro de Campos e Sanches de Baena assignam-lhes brazão, em cujo escudo se vê pintado um carrasco verde (planta)».

* * *

«Na «Nobiliarchia Portugueza», de Antonio de Villasboas e Sampayo, de 1676, ja apparecem os Carrascos com as seguintes armas: «Em campo de prata hum Carrasco verde, e em chefe hua Lua e estrella de azul; tymbre o mesmo carrasco».

* * *

«Na «Armaria Portuguesa», onde Braamcamp Freire completou e corrigiu informações de linhagistas e armoriaes antigos, lê-se, com mais exactidão: «*Carrasco* — De prata, carrasco de verde acompanhado em chefe de um crescente de azul sobposto a uma estrella de oito pontas

do mesmo T. *(tymbre):* o carrasco. E. *(elmo),* de prata, aberto, guarnecido de oiro. P. e V. *(paquife e virol)* de prata e verde».

«Braamcamp dá ahi annotações do «Thezouro da Nobreza de Portugal», Ms. de fins do seculo XVIII; da «Benedictina Lusitana», de 1651, etc., etc.

***

«De tudo que precede se poderá concluir que, embora originarios de Hespanha, os Carrascos ja se haviam fixado, em Portugal, desde o seculo XVI, e eram tidos por boa gente. E' mais difficil affirmar que, os do Brasil, fossem d'esses de Portugal ou ainda dos de Hespanha. O facto da existencia d'elles aqui, já em fins do seculo XVI, faz crer que fossem de Portugal.

Moysés Marcondes.»

Volume 1.º, pagina 350, accrescente-se em:

7-3 de 6-5 Joaquim Mariano de Sá Ribas, casado com Laurinda de Paula Ribas, o seguinte:
Com descendentes descriptos no volume 2.º desta Genealogia a pagina 403, em 5-1 de 4-6.

Volume 1.º, pagina 431, onde diz:

7-6 José Ferreira do Amaral e Silva, casado com Emilia Ferreira do Amaral etc., accrescente-se:
Teve uma filha adoptiva:
8-1 Honorina do Amaral, casada com Cyro Ferreira do Amaral e Silva, 7-13, de pagina 433.

Volume 1.º, pagina 455:

6-11 Diogo de França Camargo, casado com Cezina de Paula Camargo, accrescente-se:
A descendencia desse casal vem completa no 2.º volume desta obra a pagina 404, em 6-1.

Volume 1.º, pagina 467:

5-2 Gertrudes Escolastica Ferreira, accrescente-se:

Foi casada com Francisco Ayres de Araujo, 5-2 de 4-1, de pagina 341, do 1.º volume. Ahi os descendentes.

Volume 1.º, pagina 513:

Em 7-1 de 6-2 Coronel Carlos da Motta Bandeira e Silva, accrescente-se aos dous filhos ahi descriptos:
8-3 Juvita da Motta Bandeira, fallecida solteira. Na errata já corrigimos a data de nascimento de 8-2 Euclides da Motta Bandeira e Silva, de 22 de Dezembro de 1876, para 22 de Novembro desse anno.

Volume 1.º, pagina 532, § 9.º:

1-9 Izabel Soares, casada com João Ribeiro do Valle, accrescente-se aos 4 filhos ahi mencionados:
2-5 Catharina do Valle, nascida a 13 de Junho de 1721 e fallecida a 2 de Fevereiro de 1784, foi casada com o Alferes Francisco de Souza Rocha, filho de Felippe de Souza Amaral e de sua mulher Thereza Tavares de Almeida.
2-6 Luzia do Valle, gemea com Catharina, era solteira com 49 annos de edade em 1770.
2-7 Antonio Ribeiro do Valle, falleceu solteiro com 50 annos de edade a 7 de Abril de 1781.
2-8 Patricio Ribeiro do Valle, nascido a 26 de Março de 1728, era solteiro em 1770.
2-9 Joanna, nascida a 12 de Março de 1725 e fallecida a 17 de Setembro de 1732.

Volume 1.º, pagina 570:

Em 7-2 Maria da Luz Ribeiro Cordeiro, casada com Antonio Joaquim Cordeiro, accrescente-se:
Teve:
8-1 Clodorico.
8-2 Alcmena.
8-3 Paulo.

8-4 João Ribeiro Cordeiro, casado com Clotilde Ribas.
Teve:
9-1 Eugenio.
9-2 Flavio.
9-3 Eunice.
9-4 Antonio.
9-5 Clodorico.
8-5 Francisco Ribeiro Cordeiro, casado com Hermancia Ricardo do Nascimento Cordeiro.
Teve:
9-1 Aurora.
9-2 Ivo.
9-3 Odilon.
9-4 Odette.
9-5 Hamilton.
9-6 Edith.
8-6 Salvador Ribeiro Cordeiro.
8-7 Aurora.
8-8 Julia.
8-9 Paulo.
8-10 Cezar.
8-11 José.

Volume 1.º, pagina 572:

Em 8-1 de 7-4 Aristides da Silva Pereira, viuvo de Judith Dacheux do Nascimento, accrescente-se os seguintes filhos:
Teve:
9-1 Lygia.
9-2 Eloah.
9-3 Dagoberto.
9-4 Ayrton.

Volume 1.º, pagina 572:

Em 7-5 Anna Francisca Ribeiro, casada com Duarte Moreira Mello de Catta Preta, cirurgião dentista, accrescente-se:
8-1 Myriam Catta Preta, casada com o Dr. Alipio Machado.

Teve:
9-1 Elza.
9-2 Fernando Gastão.
8-2 Sahara Catta Preta, casada com Ranulpho Costa Pinto.
Teve:
9-1 Ayrton.
9-2 Murillo.
9-3 Osiris.
9-4 Omar.
8-3 Newton Catta Preta, casado com Arahy Mello.
Teve:
9-1 Circe.
9-2 Cléa.
9-3 Cloris.
8-4 Laura Catta Preta, casada com Fernando Koehler.
Teve:
9-1 Carmen.
9-2 Regina.
8-5 Carmen Catta Preta, casada com Ernesto Wilhelm.
E outros.

Volume 1.º, pagina 586, accrescente-se aos filhos de:
3-2 Maria Bandeira de Jesus, casada com o Capitão Luciano José de Chaves:
4-3 Anna Maria do Nascimento.
4-4 Joaquina Maria do Nascimento.
4-5 Escolastica Maria de Jesus.
4-6 Francisca.

Volume 1.º, pagina 423:
3-4 José dos Santos Lima, casado a 29 de Julho de 1779 com Gertrudes Maria do Rosario, accrescente-se aos seus quatro filhos ahi mencionados: (Inventario de 1798.)
4-5 Francisco, nascido em 1782.
4-6 Antonio, nascido em 1787.
4-7 Anna, nascida em 1793.
4-8 Maria, nascida em 1798.

Addenda ao 2.º volume.

A pagina 95:

2-4 Maria Rodrigues Soares Paes, casada com Francisco Araujo Monteiro, natural de Santos, filho de outro de igual nome, natural de Ponte de Lima, e de sua mulher Izabel Rodrigues Barbosa, natural de Santos. (C. E. de Curityba.) Substitua-se a sua descendencia pelo seguinte:

3-1 Benedicto Ayres de Araujo, casado na Capella de N. S. da Conceição de Tamanduá, a 8 de Agosto de 1795 (pelo Reverendo Frei José dos Santos Pinheiro, Superior da Ordem Carmelita) com Maria Rita de Jesus Prestes, fallecida a 20 de Agosto de 1857; filha de Marcelino Gomes da Costa, natural de Lisbôa, e de sua mulher Joanna Francisca de Abreu, natural de Curityba; neta pela parte paterna de Leandro Gomes da Costa e de sua mulher Dionisia Eleonor, ambos naturaes de Lisbôa; neta pela parte materna de Antonio Ferreira de Faria, natural de Braga, e de sua mulher Maria Prestes de Aguiar. (C. O. de Curityba.)
Falleceu com testamento a 7 de Agosto de 1840, em Curityba.
Deixou bens no valor de 23:517$000. (C. O. de Curityba.)
Teve 3 filhos:

4-1 João Ayres de Araujo, casado com sua sobrinha Iria Ayres de Araujo, 5-4 de 4-3, adiante.

4-2 Virissimo José Marcellino, casado com Querubina Rosa do Carmo, que já era fallecida em 1852.
Teve a filha unica:
5-1 Querubina.

4-3 Francisco Ayres de Araujo, casado com Gertrudes Ferreira da Rocha, filha do Capitão Antonio da Rocha Loures e de sua mulher Joanna Maria de Lima, 4-5, de pagina 458.
Filhos:

5-1 Coronel Joaquim Ayres de Araujo Jacques, nascido na Palmeira em 1827 e fallecido em 1902, em Guarapuava, onde se casou com sua prima Maria do Nascimento Loures, filha do Capitão João Carvalho de Assumpção e de sua mulher Maria Francisca da Rocha, de pagina 449, 458 e 459, do 1.º volume. Ahi os ascendentes.
Teve:

6-1 Amelia de Araujo Pletz, casada com o Major Francisco de Paula Pletz, nascido em Curityba em 1841 e fallecido em Guarapuava em 1914, filho de João Pletz e de sua mulher Margarida Pletz, naturaes da Allemanha. Seguiu para o Paraguay como Alferes de Voluntarios da Patria em 1865 e pelos serviços prestados, foi agraciado com o titulo de Official da Ordem da Rosa e 3 medalhas de merito militar.
Teve:

7-1 Elvira Pletz de Mattos, casada em Guarapuava com o Dezembargador Olavo Graciliano de Mattos, natural do Pará, filho de João Severiano Ribeiro de Mattos e de sua mulher Lucrecia Baptista de Mattos.
De 1886 a 1890 exerceu em Guarapuava o cargo de Juiz Municipal e posteriormente o de Juiz de Direito em Castro e Ponta Grossa, sendo em 1896 nomeado pelo Presidente do Estado Dr. Francisco Xavier da Silva, Dezembargador do Superior Tribunal de Justiça, se aposentando nesse cargo em 1917.
Falleceu em Curityba a 5 de Abril de 1922.
Teve:

8-1 Sylvio Pletz de Mattos, bacharelando de Direito, fallecido aos 22 annos, no Rio.

8-2 Evangelina de Mattos Sounis, casada com o Capitão de artilharia Jorge Augusto Sounis, filho do Coronel Mauri-

cio Leon Sounis e de sua mulher Maria Candida Ribeiro Sounis.
Teve:
9-1 Jandyra.
9-2 Emilio.
8-3 João Severino, fallecido.
8-4 Olavo Plinio de Mattos, casado com Francisca Cordeiro Simas de Mattos, filha do Coronel Francisco Simas e de sua mulher Ascania Cordeiro Simas.
8-5 Raul Ennio, fallecido.
8-6 Mirandolina Odette de Mattos.
8-7 Elvira Alayde, fallecida.
8-8 Maria Cordelia, fallecida aos 4 annos.
8-9 Emmanuel Severino, fallecido.
8-10 Hamilton Leonidas de Mattos.
8-11 Carmen Nydia, fallecida.

7-2 Izolina Pletz Cleve, casada com Eugenio Cleve, filho de Luiz Daniel Cleve e de sua mulher Francisca de Oliveira Cleve.
Teve:
8-1 Francisca Cleve Teixeira, casada com Adelino de Camargo Teixeira.
Teve:
9-1 Luiz.
9-2 Annecy.
9-3 Laura.
9-4 Nelson.
9-5 Leony.
8-2 Sylvia Cleve Schmidt, casada com Pedro Schmidt.
Teve:
9-1 Ruy.
8-3 Luiz Pletz Cleve, casado com Maria de Oliveira Cleve.
8-4 Amelia Pletz Cleve.
8-5 Pedro Pletz Cleve.
8-6 Maria Luiza.
8-7 Joviano.
8-8 Ataliba.
8-9 Marieta.

8-10 Solange.
7-3 Luiza Pletz Anders, casada em primeiras nupcias com o Tenente Alfredo Machado Espindola, natural do Rio.
Teve:
8-1 Tenente Diamiro Pletz Espindola, casado com Helena Arineli Espindola.
Teve:
9-1 Ruth.
9-2 Wilson Wallace.
8-2 Clodomir Pletz Espindola.
8-3 Eurico Pletz Espindola.
8-4 Ary Pletz Espindola.
8-5 Inah Pletz Espindola.
7-4 Ottilia Margarida Pletz, solteira.
7-5 Capitão Francisco Pletz Junior, official do exercito, casado com Odette Cordeiro Pletz, filha de Manoel Norberto Cordeiro e de sua mulher Bemvinda Marcondes Cordeiro.
Teve:
8-1 Ayrton de Paula Cordeiro Pletz.
8-2 Irene, fallecida.
8-3 Francisco de Paula, fallecido.
8-4 Alberto, fallecido.
8-5 Lygia.
8-6 Ennio de Paula.
8-7 Ione.

5-2 Candido Ayres de Araujo, casado.
5-3 Antonio Ayres de Araujo, solteiro, com 32 annos.
5-4 Iria Ayres de Araujo, casada com seu tio João Ayres de Araujo, 4-1 de 3-1 retro.
5-5 Maria Rita de Araujo, casada com Antonio Carvalho da Rocha.

4-2 Francisco Antonio de Araujo, casado com Anna de Jesus Araujo, filha de Theodoro Ferreira Maciel e de sua mulher Rosa Siqueira Maciel, de 3-3 de pagina 95 deste. Fez parte da expedição chefiada pelo Padre Ponciano José de Araujo nos descobrimentos dos Campos de Palmas.

Filhos: (18)

5-1 Paulo Ferreira de Araujo, nascido no anno de 1870, em Palmas.
Foi Juiz Districtal de Palmas e no ultimo exercicio de 1922 a 1924, contribuiu para o desenvolvimento do municipio, realisando diversos melhoramentos.
Casou-se no anno de 1892 com Emilia Pacheco de Araujo.
Filhos:

6-1 Alipio Pirajá de Araujo, nascido no anno de 1894, foi educado na escola do trabalho, auxiliando seu pae nos trabalhos da fazenda Pitanga, da qual é hoje digno gerente e onde reside.
Casado com Dulce de Barros Araujo.
Filho unico:

7-1 Paulo.

6-2 Dalva Izabel, fallecida em 1917.

5-2 Major Domingos de Araujo, natural de Palmas, nascido em 8 de Março de 1858. No anno de 1883 se casou com Olympia de Araujo Maciel, fallecida em 1898. Moço ainda foi commerciante na cidade de Palmas, até que em 1886 fixou sua residencia na fazenda Santa Clara.
No anno de 1899 contrahiu segundas nupcias com Eugenia Fonseca de Araujo, natural de Guarapuava.
O Major Domingos exerceu diversos cargos publicos, foi Juiz Municipal, Camarista por diversos exercicios e Prefeito Municipal de Palmas, no quatriennio de 1908—1912.

5-3 Coronel Ismael de Araujo, nascido no anno de 1869 em Palmas.
Desde sua mocidade se dedicou sempre aos trabalhos da fazenda de criação e desde 1894 reside na fazenda Santa Izabel.
Casou-se em primeiras nupcias com Maria Christina de Siqueira e Araujo e em segundas nupcias com Flavia Guimarães Araujo.
Do primeiro matrimonio teve o filho unico:

6-1 Dr. Piragibe de Araujo, nascido em 29 de Dezembro de 1896, em Palmas. Diplomou-se em medicina pela Faculdade de Medicina e Cirurgia da Universidade do Rio de Janeiro em 8 de Dezembro de 1921, dispendeu sua actividade clinica desde estudante, pois, quando foi da pandemia grippal que assolou o Brasil em 1918, trabalhou commissionado pelo Governo Federal em um posto medico organisado em Engenho de Dentro, sob a competentissima direcção do Professor Dr. Carlos Chagas; nessa mesma época veio para o Paraná em férias, tendo offerecido seus serviços ao Governo do seu Estado Natal, acceitos pelo então Presidente Dr. Affonso Alves de Camargo, que o apresentou ao Dr. Trajano dos Reis, Director da Hygiene, pelo qual foi incumbido de prestar serviços medicos nas zonas de Palmas e Clevelandia, onde permaneceu até ser debellada a epidemia da grippe. Depois de diplomado localisou-se em Palmas, tendo por espaço de um anno applicado sua actividade clinica em Guarapuava, onde prestou reaes serviços. Mais tarde transferiu seu consultorio para Clevelandia, onde reside, sendo o seu Delegado de Hygiene. Nesta villa contrahiu nupcias com Jacy Martins de Araujo, filha do Coronel Firmino Martins e de sua mulher Balbina Lustoza Martins.
Assumio a Prefeitura de Clevelandia a 21 de Setembro de 1924.
Foi eleito Deputado Estadoal a 1.º de Novembro de 1925.
Foi o 1.º Prefeito do Municipio de Clevelandia, de que foi tambem Presidente da Camara. Por muitos annos foi Juiz Municipal.
Um dos maiores batalhadores pelo progresso do municipio.

Do seu segundo matrimonio o Coronel Ismael de Araujo teve 8 filhos.

5-4 Coronel Manoel Lourenço de Araujo, fallecido, era casado com Maria dos Passos Carneiro.
Filhos:

6-1 José Lourenço de Araujo, nasceu em Palmas em 23 de Junho de 1876, e com a edade de 2 annos foi para São João juntamente com seus paes, onde organizaram uma fazenda de criação, que ainda existe. Dedicou sua mocidade aos trabalhos da fazenda São João.
Casou-se em 1897 com Maria Lydia de Araujo Carneiro.
Deste casamento tiveram 18 filhos, dos quaes sobreviveram os seguintes:
7-1 Irinelli Araujo, casado com Maria Francisca de Camargo.
7-2 Umbelina, casada com Salomão Theodoro Carneiro.
7-3 Carmelita.
7-4 Ubaldina.
7-5 Gumercindo.
7-6 Maria da Conceição.
7-7 Anna.
7-8 José Maria.
7-9 Jandyra.

5-5 Coronel Pedro de Araujo, nascido em Palmas em 1863. Casou-se em 1888 com Amasilia Maciel Araujo, fallecida em 1897.
Filhos:
6-1 Dario de Araujo, casado com Aurora Maciel de Araujo.
6-2 Euclydes de Araujo, casado com Sebastiana Camargo de Araujo.
Em 1900 contrahiu segundas nupcias com Balbina Siqueira de Araujo.
Filhos:
6-3 Dalva.
6-4 Anna.
6-5 Annayr.

5-6 Anna Luiza de Araujo, fallecida, foi a segunda mulher de José Maciel de Souza, filho do Capitão Joaquim Mendes de Souza e de sua mulher Cezarina Antonia de Jesus.
Teve 14 filhos:

6-1 Aurora Maciel Araujo, casada com Dario de Araujo, criador.
6-2 Davina Araujo, casada com Manoel de Araujo, fazendeiro.
6-3 Julia de Araujo, casada com Antonio Lourenço de Araujo, criador.
6-4 Ubaldina, casada com José Pacheco Pinto, capitalista.
6-5 Dr. Canuto de Araujo, foi Juiz de Direito de São José dos Pinhaes, casado com Lilia Vianna de Araujo.
6-6 Maria Souza, casada com José Laurindo de Souza, criador, escrivão do Civil de Palmas.
6-7 Leonidas Maciel de Souza, casado com Fanny Maciel.
6-8 Joaquim, fazendeiro, criador e invernista.
6-9 Analia.
6-10 Ottilia.
6-11 Rivadavia.
6-12 Francisco, alumno da Escola Pratica do Commercio de Curityba.
6-13 Maria da Luz.
6-14 Nazyra.

5-7 Maria Soares, casada com o Coronel Domingos Soares, filho do Coronel Joaquim Mendes de Souza, natural da Palmeira, e de sua mulher Cezarina Antonia de Jesus; por esta, neto do Capitão Francisco Antonio de Araujo.

5-8 Cezarina Antonia de Jesus, casada com o Coronel Joaquim Mendes de Souza, que participou da expedição chefiada pelo Padre Ponciano, nos descobrimentos dos Campos de Palmas.
Teve:
6-1 Coronel Domingos Soares, casado com sua tia Maria Soares, 5-7, acima.
6-2 José Maciel de Souza, casado com sua tia Anna Luiza de Araujo, 5-6, acima.
Ahi os descendentes.

4-3 Coronel José Joaquim de Araujo Perpetua, casado com Rosa Ferreira de Araujo Perpetua, filha do Coronel

Pedro Ferreira Maciel e de sua mulher Margarida Ferreira Maciel, 4-3, de pagina 554, deste volume. Ahi a descendencia.

4-4 Anna de Araujo, fallecida solteira.

4-5 Maria Aurea de Araujo, casada com Antonio de Siqueira Côrtes, filho de Bento de Siqueira Côrtes e de sua mulher Anna Maria.
Sem descendentes.

3-2 Anna Maria da Conceição, casada com o Tenente Manoel José de Araujo, já descriptos em Titulo Carrascos dos Reis, no primeiro volume desta obra, a pagina 342.
Ahi a descendencia.

3-3 Francisco Ayres de Araujo, casado com Maria Francisca Guimarães, filha de Antonio Alves Guimarães e de sua mulher Anna Joaquina da Rocha.
Teve:

4-1 Clotilde Guimarães de Araujo, casada com Pedro Mendes Cordeiro.
Teve:
5-1 Maria da Luz.
5-2 Maria Francisca.

3-4 Maria Ayres de Araujo Jungles, casada com Mathias Jungles, filho de Mathias Jungles e de sua mulher Marianna Jungles.
Teve:

4-1 Arthur Jungles, casado com Antonia de Lacerda Ribas, filha de Sebastião de Camargo Ribas e de sua mulher Maria de Lacerda Ribas.
Filhos:
5-1 Sylvio, fallecido.
5-2 Idalia Jungles Marcondes, casada com Aurelio Cordeiro Marcondes.
5-3 Olivia.
5-4 Mathias, fallecido.
5-5 Sebastião Ribas Jungles.

3-5 Gertrudes Ayres de Araujo, casada com Domingos Mendes de Araujo.
Teve:

4-1 Aristides Mendes de Araujo.

4-2 Amazilia Mendes de Araujo, casada com Alcides Keinert.

4-3 Izolina Mendes de Araujo, casada com Manoel Rozeira de Lacerda.

3-6 Adelia Ayres de Araujo, casada com Raphael Mendes de Araujo.
Teve:

4-1 Raphael.

3-7 Pedro Ayres de Araujo, casado com Anna Guimarães de Araujo, filha de Antonio Alves Guimarães e de sua mulher Anna Joaquina da Rocha.
Filhos:

4-1 Anna Luiza Guimarães Camargo, casada com José Servulo de Camargo.
Teve:
5-1 José.
5-2 Anna.
5-3 Maria.
5-4 Lilia.
5-5 Guayrina.
5-6 Arnahiá.

4-2 Henriqueta Guimarães de Araujo, casada com Pedro Mancio da Silva.
Teve:
5-1 Parahylio.
5-2 Cerena.
5-3 Morena.

4-3 Militão, fallecido.

4-4 Adelina Guimarães de Araujo.

4-5 Maria Eugenia de Araujo Correia, casada com Filisbino Correia.

4-6 José Guimarães de Araujo, casado com Morena d'Avila.

3-8 Antonio Ayres de Araujo, casado com Maria de Jesus Marcondes.
Sem descendentes.

3-9 Dulce de Araujo Caillot, casada com Eugenio Müller Caillot, filho de Pedro Affonso Caillot e de sua mulher Francisca Müller Caillot.
Teve:

4-1 Euridyce Caillot.
4-2 Levina Caillot, casada com Eugenio Lejambre.
4-3 Francisca Caillot, casada com João Mourão.
4-4 Eugenio Müller Caillot, fallecido.
4-5 Paulo Caillot.

3-10 Octaviano Ayres de Araujo, casado com Maria da Trindade Araujo.
Filhos:
4-1 Joaquim Ayres de Araujo.
4-2 Maria do Nascimento Loures.

3-11 Augusto Ayres de Araujo, casado com Deolinda Pusch de Araujo.
Filhos:
4-1 Eleonora.
4-2 Maria Augusta.
4-3 Joaquim.
4-4 João.

3-12 Lourenço Justiniano Ayres de Araujo, ultimo filho de Francisco de Araujo Monteiro, de 2-4 de pagina 95, deste volume. Casado com Maria Perpetua de Siqueira, filha de Bento de Siqueira Côrtes e de sua mulher Anna Maria de Jesus.
Teve, por informações, os seguintes filhos:
4-1 Bento de Araujo, fallecido solteiro, em Palmas, onde era proprietario da fazenda «S. Bento».

Pagina 97:

Em 4-3, depois da descripção dos ascendentes, accrescente-se:
Com descendentes a pagina 554 deste, em 5-1 de 4-3.

Pagina 235:

Em 7-1 de 6-2, accrescente-se:
8-2 Odine.

Pagina 554:

Em 5-1, em final desse numero, accrescente-se:
Com descendentes a pagina 97 deste.

Indice alphabetico

A Paginas

A Conquista do Ouro 7
Addenda 589
Advertencia 5
Adolpho Frederico Guillau 448
Adolpho Ribas de Oliveira Franco . . . 470
Agner 511
Agostinho Ribeiro de Andrade 99-542
Agostinho Ribeiro de Macedo 338
Alcebiades de Almeida Faria (Dr.) . . . 362
Alcebiades Cezar Playsant 520
Alcides Munhoz 264
Alexandre de Moraes Franco 93
Alipio José do Nascimento e Souza . . . 410
Alfredo de Araujo Ribas 381
Alfredo Guimarães Villela 371
Alfredo de Oliveira Cercal 420
Almeida Taques 381-393
Alvarenga 112
Alves de Carvalho 350
Alves Fontes 350
A meu patrio lar 3
Andrade 99-249
Andrade Pereira 363
Andrade Figueira 421
André Cursino de Mattos 105
Angelo Custodio Sampaio 242
Antonio Antunes Ribas 439
Antonio de Barros 259
Antonio Catão Mazza 360
Antonio Ferreira Amado 553
Antonio Ferreira de Araujo 556
Antonio de França Loures 408
Antonio Guedes de Carvalho 546
Antonio José de Andrade 365
Antonio José da Costa Lisbôa 222
Antonio José de Sant'Anna (Dr.) 204
Antonio Martins Lustoza 8-101

Paginas

Antonio Modesto Gonçalves de Moraes . 227
Antonio de Oliveira Ribas 409
Antonio Paulino dos Santos . , . . . 352
Antonio Ribeiro de Andrade (Capitão-Mór) 537
Antonio Ribeiro de Macedo 312
Antonio Ricardo de Andrade 366
Antonio Ricardo Lustoza de Andrade . . 253
Antonio Ricardo do Nascimento 523
Antonio Ricardo de Souza Dias Negrão . 237
Antonio Rodrigues de Andrade 98
Antonio Rodrigues de Alvarenga 112
Antonio Rodrigues dos Santos Rangel . . 234
Antonio Rodrigues Seixas 92
Antonio dos Santos Pinheiro 102-417
Antonio de Siqueira Côrtes 156
Antonio Teixeira de Freitas 544
Antonio Xavier da Cruz Lima. 549
Antonio Xavier Ferreira 548
Antunes Ribas 539
Araujo Perpetua 554
Aristides de Souza Athayde. 163
Arlindo Ribeiro 357
Arrayal de Sant'Anna de Sapucahy . . . 13
Arthur Supplicy 165
Athayde. 537
Augusto Frederico Bahls. 396
Augusto Lobo de Moura 144
Augusto Lustoza de Andrade Ribas. . . 249
Augusto Vieira da Costa. 478
Ayres de Araujo. 96
Azevedo Portugal 329-419

B

Bahls. 396
Balduino de Almeida Taques 393
Ballão 225
Barbosa Ribas 413-432
Barros 259
Benedicto Ayres de Araujo 95

Paginas

Benedicto Ayres de Carvalho 350
Benedicto Enéas de Paula 118
Benedicto Marianno Ribas 249-368
Benedicto Pereira da Silva Carrão . . . 257
Benigno Augusto Pinheiro Lima 263
Benjamim Americo de Freitas Pessôa . . 448
Bento Alves Fontes 350
Bento Fernandes de Barros (Dr.). . . . 465
Bento José Nabo 354
Bento Marculino Pereira. 349
Bento Querino de Carvalho 354
Bento de Siqueira Côrtes 95-543
Borba 398
Brasilio Ribas 375
Braz Alvares Natel. 365

C

Caetano Alberto Munhoz 258-451
Camargo de Carvalho. 351
Candido Ayres Bandeira. 358
Carnasciali 178
Carrão 256
Cezar Augusto de Souza Franco 360
Cezar Mariano Ribas 253-375
Cincinato de Moraes Roseira 404
Claudio Guimarães. 382
Colonisação allemã do Rio Negro . . . 396
Conjura Separatista de Paranaguá. . . . 55
Conquista do Ouro 7
Constantino Ferreira Bello 455
Coriolano Silveira da Motta 507
Custodio Teixeira da Cruz 587
Cyrino Borges de Macedo 393

D

David Gaspar de Oliveira Lima 167
Dedicatorias 1
Domingos de Andrade Figueira 421
Domingos de Brito Peixoto. 105

Paginas

Domingos Ferreira Maciel 583
Domingos Ignacio de Araujo Ribas. . . 378
Domingos Pinto do Rego 105
Dulcio Mariano Ribas 368-389

E

Edmundo Mercer 394
Eduardo Augusto de Andrade Virmond . 165
Elias de Souza Athayde 537
Engracio Ortiz Taborda Ribas. 532
Episodio paranaense do periodo da Independencia 59
Erichsen 250
Ernesto Dias Larangeira (Dr.) 356
Ernesto Guimarães Villela 253-375
Ernesto Justiniano de Araujo 555
Ernesto de Lacerda Marcondes 406
Errata 617
Estevão Ribeiro Bayão Parente 105
Eugenio Lopes Branco 357
Eurico Branco Ribeiro 358
Euzebio Silveira da Motta (Dr.) 481
Expedição á Guarapuava. 35

F

Falcão 550
Fanfa Ribas 536
Felinto José da Camara 350
Fernando Lustoza de Andrade. 180
Ferreira Amado 553
Ferreira Maciel 97-553
Fidelis de Andrade. 118-156
Firmino Gonçalves Cordeiro 350
Firmino Lourenço de Souza 433
França 261
França Gomes 262
Francisco Antonio Monteiro Tourinho (Dr.) 147
Francisco de Araujo Monteiro. 95
Francisco de Assis Ribas 368-385

Paginas

Francisco Borges de Andrade 364
Francisco das Chagas Lopes 267
Francisco Franco Moreira 587
Francisco Loures de Almeida França . . 359
Francisco Manoel Guimarães 583
Francisco Martins Lustoza (Guarda-Mór) . 7
Francisco de Paula Dias Negrão 203
Francisco de Paula França 261
Francisco de Paula Ribas 508
Francisco de Paula e Souza 521-536
Francisco de Paula Xavier Bueno . . . 354
Francisco Ribeiro de Macedo 341
Francisco dos Santos Pinheiro. 417
Francisco da Silva Pereira 447
Francisco Teixeira Nogueira de Barros. . 242
Frederico Carlos Franco de Souza . . . 347
Frederico da Silva Coelho 232
Freitas Saldanha. 354

G

Gabriel da Silva Pereira 455
Gaspar Gonçalves de Moraes 102
Generoso Marques dos Santos (Dr.). . . 119
Generoso Martins de Araujo 252
Gomercindo Taborda Ribas (Dr.). . . . 534
Gonçalves Guimarães 518
Gregorio Ferreira Maciel. 553-583
Guarda-Mór de Pedra Branca 24
Guedes de Carvalho 546
Guillau 448

H

Henrique Ricardo dos Santos 234
Hermenegildo Alves Marcondes 406

I

Ignacio Lustoza de Andrade 9-101
Ignacio de Paula França. 263
Ignacio Pires de Lima Pereira. 543

	Paginas
Ildefonso Xavier Ferreira (Conego)	548
Ivo José de Andrade	550
Izaac Teixeira Pinto	586

J

Jayme Ballão (Dr.)	225-234
Jayme Pinto de Azevedo Portugal	329
Jesuino da Silva Lopes	452
Jesuino da Silva Pereira	456
João Antonio da Costa (Quartel-Mestre)	509
João Antonio Pinto	446
João Baptista Lustoza Ribas de Andrade	251
João Baptista de Oliveira Ribas	403
João Candido Ferreira (Dr.)	564
João Capistrano de Souza Ribeiro	357
João Carvalho de Oliveira Junior	373
João de Deus Oliveira	510
João Evangelista dos Santos Ribas	418
João Ferreira Gomes	262
João Gonçalves Franco	253-462
João Gonçalves Zargo	107
João José de Freitas Saldanha	355
João Lourenço Taborda Ribas	159
João Luiz de Bittencourt	234
João Lustoza de Andrade	254
João Marianno Ferreira Ribas	375
João Moreira Garcez (Dr.)	478
João Pacheco dos Santos Lima	582
João Pamphilo de Assumpção (Dr.)	467
João Pereira de Andrade	354
João Ribeiro de Macedo	331
João Rodrigues Seixas	91
João Rodrigues de Souza Xisto	481
João Simão Gonçalves de Andrade	404
João de Souza Dias Negrão	182-184-242-508
João Tobias Pinto Rebello	155-164
Joaquim de Almeida Faria Sobrinho	447
Joaquim de Almeida Taques	381
Joaquim Augusto de Andrade	143

	Paginas
Joaquim Cezario Carneiro	369
Joaquim Ignacio Silveira da Motta (Dr.)	473
Joaquim José Bellarmino de Bittencourt	142-522
Joaquim José Correia	401
Joaquim José de Sant'Anna	180
Joaquim Lopes Branco	358
Joaquim Marianno de Sá Ribas	403
Joaquim de Paula Braga (Dr.)	380
Joaquim Pereira de Macedo	342
Joaquim Pinto Rebello	117
Joaquim Ribeiro Ribas	402
Joaquim Rodrigues Gomes	230
Joaquim Taborda Ribas	158
Jordão do Canto e Silva	380
José de Andrade	547
José de Andrade Pereira	117-363-585
José Antonio Mendes Vieira	508
José Antonio dos Santos	149
José Bellini	234
José Borges de Almeida Taques	393-401
José Correia de Bittencourt	463
José Esteves Gonçalves	536
José Ferreira da Luz	458
José Ferreira Penteado	388
José Ferreira Pinto de Azevedo Portugal	419
José Florentino de Sá Bittencourt	393
José de Freitas Saldanha	354
José Gonçalves Padilha	438
José Joaquim de Araujo Perpetua	97-554
José Lourenço de Sá Ribas	402
José Lourenço de Vasconcellos Chaves	470
José Luiz Pereira	261
José Mascarenhas	383
José Mathias Gonçalves Guimarães (Dr.)	519
José Muniz de Figueiredo	232
José Pinto Rebello	149
José Ribeiro de Macedo (Commendador)	290
José de Sá e Oliveira Ribas	417
José de Sá Sottomaior	443

	Paginas
José de Souza Guimarães	472
José de Souza Ribas (Dr.)	368-371-389
José Teixeira Gaspar	587
Josino de Araujo Martins	382
Julio Theodorico Guimarães.	466

L

Lindolpho Pessôa da Cruz Marques (Dr.)	150
Lino Teixeira Falcão	550
Lisbôa	222
Lobo de Moura.	144
Lourenço Antonio de Souza	435
Lourenço de Andrade.	98 367
Lourenço Pinto de Sá Ribas	446
Lourenço Ribeiro de Andrade.	367-444
Lourenço da Silva Pereira	446
Luciano Ignacio da Rocha	224
Ludovico Taddei	227
Luiz Barbosa de Sá Bittencourt	393
Luiz Manoel Agner	511
Luiz de Souza Menezes	11
Lustoza de Andrade	99-248-253-261
Lustoza Munhoz	258
Lustoza de Siqueira	511

M

Macedo.	118-142-267
Macedo Taques	385
Madureira	381
Manifesto do Dr. Generoso Marques dos Santos	121
Manifesto do Dr. João Candido Ferreira	565
Manifesto do Coronel Ottoni Ferreira Maciel	558
Manifesto do Coronel Roberto Ferreira	139
Manoel Agostinho do Nascimento	262
Manoel Alves de Gusmão	402
Manoel de Andrade Pereira Telles	551-585
Manoel Antonio de Andrade	117-142-152-157-585
Manoel Antonio Ferreira.	460

	Paginas
Manoel Antonio Guimarães Netto	515
Manoel Antonio Mendes de Mesquita	510
Manoel Caetano Prestes	365
Manoel Claudino de Andrade e Silva	371
Manoel Cordeiro Gomes.	184
Manoel Ferreira Ribas (Brigadeiro)	249-391
Manoel Gonçalves Guimarães	518
Manoel Gonçalves Loureiro.	523
Manoel Gonçalves de Moraes Rozeira	349
Manoel Gonçalves Sampaio.	94
Manoel Gonçalves dos Santos.	145
Manoel Ignacio da Fonseca.	547
Manoel José de Araujo	96
Manoel José da Costa Lisbôa	227
Manoel José Ferreira	402
Manoel José Taborda Ribas	524
Manoel de Lemos Conde	104
Manoel Leocadio de Oliveira	472
Manoel Lobo da Silva Passos.	179
Manoel de Macedo.	153
Manoel Mendes do Amaral.	243
Manoel Mendes Leitão	509
Manoel Mourato Coelho.	104
Manoel do Nascimento Abreu.	222
Manoel de Oliveira Cercal	419
Manoel de Oliveira Franco (Brigadeiro)	462
Manoel Pedro Ribas	376
Manoel Pereira de Andrade.	363
Manoel Pereira Leite de Carvalho	256
Manoel Pereira de Souza	427
Manoel de Pinho Mourão	375-402
Manoel Pires da Cruz	363
Manoel Ramos	425
Manoel Ribeiro de Macedo.	118-267
Manoel Ribeiro de Macedo Junior	152-264-342
Manoel Ribeiro Ribas.	365
Manoel Rodrigues Lisbôa	93
Manoel da Silva Pereira	457
Manoel da Silva Santos	533

	Paginas
Manoel de Souza Azevedo Junior	146
Manoel de Souza Dias Negrão	238
Manoel Taborda Ribas	535
Marcellino Gomes da Costa	96
Marcellino José Nogueira	351
Marianno Ribas	249
Marques da Silva	423
Martinho Bahls	396
Mathias Gonçalves Guimarães	518
Mathias de Oliveira Mendes	514
Mattos Guedes	516
Mendes	511
Mendes Cordeiro	511
Mendes Leitão	509
Mendes de Sá	510
Mércer	394
Miguel de Jesus Pereira de Andrade	364
Miguel Quirino de Carvalho	354
Miguel Ribeiro Ribas	367
Miguel Rodrigues Ribas	367
Miguel Taborda Ribas	532
Monteiro de Mattos	105
Moraes Rozeira	404
Morte do Guarda-Mór Lustoza	49

N

Negrão	182-242-508
Nicolau Pinto Rebello	117-146
Nilo Cairo da Silva (Dr.)	454
Nogueira	351
Norberto Nunes Barbosa	413

O

Oliveira Cercal	419
Oliveira Mendes	511
Oliveira Ribas	403-443
Ortiz	532
Ottoni Ferreira Maciel	558
Ovidio Marianno Ribas	380

	Paginas
Oyenhausen ou José Victorino?	78
Oyenhausen não, mas, José Victorino	81

P

Pacheco Lima	582
Padilha	438
Paulino Ayres de Aguirre	392
Pedro Ferreira Maciel	554-563
Pedro Fortunato de Souza Magalhães	553-584
Pedro Lustoza de Siqueira	511
Pedro Maciel de Araujo Netto	555
Pedro Marianno Ribas	375
Pedro de Moraes Monforte	104
Pedro Ribeiro de Andrade	353
Pedro de Sá Ribas Nhônhô	411
Pedro de Siqueira Côrtes	543
Pereira de Andrade	355
Pereira de Macedo	267
Pereira Telles	551
Pimpão	409
Pinho Mourão	375-446
Pinto Rebello	117-146
Planalto parananiano	21
Plinio Gonçalves Marques (Dr.)	256
Ponciano de Abreu Araujo	359
Pupo	392

R

Rebellião de 1821 em Paranaguá	71
Reynaldo Machado (Dr.)	167
Ribas Antunes	418
Ribeiro de Andrade	99-353
Ribeiro Ribas	402-443
Ricardo José Taborda Ribas	246-537
Ricardo Lustoza de Andrade	248-391
Ricardo Raymundo Taborda	531
Ricardo de Souza Dias Negrão	214
Rocha	224
Rocha Loures	587

Paginas

Rodolpho de Macedo Ribas 386
Rodrigo de Mattos Guedes. 516
Rodrigues de Andrade 99
Rodrigues Seixas 91
Romão José da Gracia 279
Rüppel 437

S

Sá Ribas 402-409-446-512
Salvador Antunes 418
Salvador Diniz Baptista 95
Santos Lima 582
Santos Pinheiro 102-417
Sebastião de Camargo Ribas 401
Sebastião Damaso Ribas. 249
Sebastião Gonçalves Pereira. 372
Sebastião José de Madureira 381-387
Sebastião de Sant'Anna Lobo 180
Seraphim de Oliveira Ribas. 403-408
Seraphim Ribas Antunes. 418
Silva Pereira 447
Silveira da Motta 473
Siqueira Côrtes 97-405-543
Sottomaior. 424
Sottomaior Ramos 425
Supplicy 165
Sylverio Rüppel 437

T

Taborda Ribas 246-524
Taddei 227
Taques 381-385-389-393-424
Taques Camargo 404
Teixeira da Cruz 587
Teixeira de Freitas 545
Telemaco Borba. 398
Theodoro Ferreira Maciel 97
Theolindo Ferreira Ribas. 461
Tiburcio Borges de Macedo 368-370

Tobias de Macedo 153
Tobias Pinto Rebello 117-164
Tourinho 147

U

Urbano da Silva Pereira 459

V

Victor Mariano Ribas. 249-367
Vidal Cardozo de Menezes. 536
Virissimo Antonio de Souza 433
Virmond 165-177-448

X

Xavier da Cruz 549
Xavier Ferreira 549

Z

Zacarias de Paula Xavier 345



ERRATA

1.º volume, pagina 418:

6-6 Onde diz: Placedina Madureira Novaes, viuva de Octavio Novaes, diga-se: casada com Octavio Novaes, que demos como fallecido, quando foi o seu filho José que falleceu.

1.º volume, pagina 480:

5-11 Major Antonio de Paula Xavier, casado com Leocadia Franco de Paula Xavier, corrija-se os ascendentes desta pelo seguinte: Filha do ajudante de milicia João Gonçalves Franco, nascido em 1777 e fallecido a 19 de Junho de 1853, e de sua mulher Escolastica Angelica Bernardina, com quem foi casado em Lages a 29 de Novembro de 1807, onde nasceu a 28 de Outubro de 1790; elle natural de Villa Nova de Covas de Serveira; neta pela parte paterna de Luiz Antonio Gonçalves Franco e de sua mulher Ignacia Maria da Cruz; neta pela parte materna do Tenente Coronel Manoel Teixeira de Oliveira Cardoso, nascido no Porto a 5 de Março de 1765, e de sua primeira mulher Anna Maria do Sacramento, natural de Curityba, onde nasceu e foi baptisada a 12 de Setembro de 1768 e falleceu a 5 de Maio de 1813 no abarracamento da expedição de Guarapuava; por esta, bisneta do Capitão Bernardino da Costa Filgueira e de sua mulher Margarida Cardoso de Jesus.
Com ascendentes e descendentes em o 4.º volume desta Genealogia, em Titulo Oliveira Cardoso e Franco.

1.º volume, pagina 514:

Linhas 12 e 13, onde diz: 22 de Dezembro de 1876, diga-se 22 de Novembro de 1876.

1.º volume, pagina 570:

7-3 Amelia Augusta Ribeiro de Oliveira, casada a 20 de Novembro de 1885 com o Capitão Francisco Carvalho de Oliveira. Substitua-se os seus ascendentes pelos seguintes:
Filho do capitalista João Carvalho de Oliveira, nascido a 19 de Agosto de 1827 na freguezia de Landin, lugar Outeiro, conselho de Villa Nova de Famílicão, Provincia do Minho-Portugal, e de sua primeira mulher Francisca Rosa de Bittencourt e Oliveira, com quem casou em Curityba a 17 de Setembro de 1853; neto pela parte paterna de José Carvalho de Oliveira, natural da Provincia do Minho-Portugal, e de sua mulher Maria Rita de Oliveira; neto pela parte materna de João José Correia de Bittencourt, natural de Nossa Senhora de Guadeloupe da Ilha da Graciosa, e de sua mulher Maria da Conceição Dias; por seu avô José Carvalho de Oliveira, era bisneto de José Carvalho de Oliveira e de sua mulher Maria Pinheiro de Oliveira; por seu avô João José Correia de Bittencourt, era bisneto de José Correia de Bittencourt e de sua mulher Rosa Maria; por sua avó materna Maria da Conceição Dias, era bisneto de Manoel Dias da Costa (e por este, terceironeto de Manoel Dias e de sua mulher Anna Gomes) e de sua mulher Anna Joaquina dos Santos; por esta, terceironeto de Manoel João dos Santos (casado em Curityba a 9 de Abril de 1782) e de sua mulher Francisca dos Santos Almeida, nascida em Curityba a 1.º de Novembro de 1762; por Manoel João dos Santos, era quartoneto de Antonio Gomes e de sua mulher Maria de Abreu; por Francisca dos Santos Almeida, era quartoneto de Antonio Pereira de Almeida (por este, quintoneto de João Paes de Almeida e de sua mulher Maria dos Passos e Oliveira) e de sua mulher Quiteria Pedroso de Lima; por esta, quintoneto de Antonio Dias Lima e de sua mulher Maria Pedroso de Lima; por esta, sextoneto de Manoel de Souza Pereira e de sua mulher Maria de Lima da Sil-

va; por Antonio Dias Lima, era sextoneto de João Pedroso de Lima e de sua mulher Maria Cardoso da Silva. No quarto volume desta Genealogia daremos o historico da familia Bittencourt e a origem do appellido Bittencourt da França.

2.º volume, pagina 97:

Em 3-3, onde diz: Lourenço Justiniano Ayres de Araujo, filho de Benedicto etc., diga-se: filho de 2-4 de pagina 95.

2.º volume, pagina 117:

Em 4-3, sexta linha, onde diz: 1895, leia-se: 1805.

2.º volume, pagina 160:

Linha 16, onde diz: Poeta e escriptor, leia-se: Poeta e prosador.

2.º volume, pagina 261:

Linha 23, de 4-9, onde diz: Archivo de Braga, leia-se: Arcebispado de Braga.

2.º volume, pagina 350:

Linha 8, depois da palavra: Senado do Imperio, accrescente-se: na eleição etc.

2.º volume, pagina 350:

Linha 9, onde diz: no qual, leia-se: na qual.

2.º volume, pagina 447:

Linha 5, onde diz: Pinto, leia-se: Pinho.

Arvore de ascendentes das Familias M

Familia Munhoz

- *Tenente Florencio José Munhoz* — Fallecido em Agosto de 1856 (C. O. Curityba)
  - Casado em 1[illegible] em N[illegible] as nupcias em Novembro de 1840 com
    - *Caetano José Munhóz* — Tte Cel — Nascido em Paranaguá a 17 de Junho de 1817 — Falleceu em Curityba a 6 de Julho de 1876
    - *Francisca Candida de Assis Oliveira Munhoz* — Fallecida em Paranaguá a 3 de Julho de 1861
  - Naturaes de Cadiz
  - Casado com
    - *Luiza Licia de Lima* — Genealogin Paranaense Vol. 1.º pagina 235
    - *Escolastica AngelicaBernardina* — Nascida em Lages 28 Outubro 1790
  - *Bento Antonio Munhoz* — *Bernardo Munhoz* — Gen. Paranaense-Vol. 1.º, pag. 235; *Rosa Maria Munhoz*
  - *Michelina de Assumpção* — *Manoel Ignacio do Valle* — Gen. Paranaense-vol. 1.º, pag. 235; *Lourença Maria de Assumpção*
    - *Alferes* *Gaspar Carrasco dos Reis* — *Capitão* *Balthazar Carrasco dos Reis* — *Margarida Fernandes* — Fallecida em S. Paulo em 1629; *Miguel Garcia Carrasco*
      - *Balthazar Gonçalves Malio*
      - *Jeronyma Fernandes* — Fallecida em 1630
        - *André Fe* — Fallecido e
        - *Maria Pa*
    - *Izabel Antunes da Silva* — *João de Pinã* — Natural de Itanhaem
      - *Braz de Pinã*
      - *Izabel Lopes*
      - *Domingas Antunes* — Natural de S. Paulo
        - *Bartholomeu Rodrigues* — Fallecido em 1610
        - *Maria Lucas*
          - *Gaspar* — Fallecido e — *Domingas*
          - *Matheus*
          - *Antonia*
        - *Thomé Martins Bonilha* — Natural de S. Paulo
        - *Leonor Leme*
      - *Cap.m Antonio Costa Velloso*
      - *Anna Maria Silva* — *Cap.m Povoador* — *Matheus Martins Leme* — *Antonia de Goés*
    - *Anna da Silva Leme* — *Capitão* *Manoel da Costa Filgueiras* — *Bernardino da Costa Filgueiras*
      - *Capitão mór* *João Rodrigues de França* com *Custodia Rodrigues de França*
      - *Balthazar Velloso e Silva* — fallecido a 17 de Novembro de 1785
        - *Agostinho da Silva Valle* — Genealogia Paranaense Vol. 1.º pag. 234
          - Casado a 20 de Abril de 1739
          - e sua 2.a mulher com quem casou em 1786
          - *Maria Angela de Lima*
            - *Ajudante* *João Gonçalves Franco* — Nat. de Villa Nova-Covas Portugal
            - *Tenente* *Luiz Antonio Gonçalves Franco* — Natural de Villa Nova de Covas de Serveira; *Ignacia Maria da Cruz*
          - Casado em 28 de Novembro 1807
          - *Tte Cel* *Manoel Teixeira de Oliveira Cardozo* — Natural do Porto
          - e sua 1.a mulher
        - *Antonia de Souza Valle*
          - *Alferes* *José Nabo de Medeiros* — Genealogia Paranaense vol. 1.º pag. 471 e 485
            - *Sargento mór* *Manoel do Valle Porto* — Natural do Porto; *Maria de Cacere*
            - *Cap. Luiz Gomes da Silva* — Gen. Paranaense-vol. 1.º, pag. 234 — Natural da Ilha da Madeira; *Angela Correia Mendonça* — Natural de Paranaguá
          - *Maria Francisca de Lima*
            - *Sargento mór* *Miguel Gonçalves Lima* — Natural de Ponte de Lima
              - *Domingos Gonçalves Rolo*
              - *Maria Fernandes*
              - *Maria Paes dos Santos*
              - *Sebastião dos Santos Pereira* — Natural de Vizeu
              - *Joanna Garcia Soares*
                - *Manoel Soares*
                  - *Gonçalo Rodrigues Soares*
                  - *Anna Gonçalves*
                - *Maria Paes*
                  - *Capitão* *Balthazar Carrasco dos Reis* — *Miguel G* — *Margari*
                  - *Izabel Antunes da Silva* — *João de* — *Domingo*

Munhoz, Gonçalves Franco, Oliveira Cardozo e Paula Xavier

"Genealogia Paranaense"

POR

Francisco Negrão

- 1926 -

Fernandes
o em 1588

Paes

r Fernandes
lo em 1610
gas Antunes . . . . { *Antonio Preto*, Veio para o Brazil em 1562

as Leme . . . . . { *Braz Teves*, *Leonor Leme* . . . . . { *Pedro Leme* . . . . . { *Antão Leme* . . . . . { *Antonio Leme* . . . . . { *Martim Leme* . . . . . { *Antonio Leme* . . . . . { *Martim Leme* com *(Leonor Rodrigues)*, Gen. Paulistana Vol. 2.º, fls. 179 { *Martim Leme* . . . . . { *João Gonçalves Zargo*, Heroico guerreiro. Foi possuidor da metade da Ilha da Madeira da qual foi um dos povoadores em 1420 { *Rodrigo Annes de Sá*, Povoador da Ilha da Madeira em 1420, Gen. Paulistana - Vol. 2.º, fls. 181
e 2.a mulher
Luzia Fernandes

ia de Chaves . . . . { *Domingos Dias* . . . . / *Marina de Chaves* . . . } Gen. Paulistana vol. 2.º, pag. 310

Catharina de Barros . . . { *Izabel de Barros*, *Pedro Gonçalves Camara* . . . Gen. Paulistana Vol. 2.º fls. 180 { *Pedro Gonçalves Camara* . . . { *João Gonçalves Camara* . . . Fidalgo de alta estima do Rei { *João Gonçalves Zargo* . . . { *Constança Rodrigues de Almeida* . . . { *D. João Henrique* . . . { *D. Diogo Henrique*, Conde de Gijon
Maria de Noronha . . . .
Joanna d'Eça . . . . . { *João Fogaça*, com a camareira-mór da Rainha Catharina

el Garcia Carrasco
arida Fernandes

de Pinã
ngas Antunes

ARVORE ORGANISADA

por

Francisco Negrão

CURITYBA

Familia Munhoz

Francisca Candida de Assis Oliveira Munhoz
Fallecida em Paranaguá a 3 de Julho de 1861

Casado em 1[illegible] em N[illegible]as nupcias [illegible]ovembro de 1840 com

Nascido em Paranaguá a 17 de Junho de 1817
Falleceu em Curityba a 6 de Julho de 1876

Casado com

Luiza Licia de Lima . . . .
Genealogin Paranaense
Vol. 1.º pagina 235

Capitão
Agostinho da Silva Valle . . .
Genealogia Paranaense
Vol. 1.º pag. 234

e sua 2.a mulher com quem casou em 1786

Maria Angela de Lima . . . .

fallecido a 17 de Novembro de 1785

Casado a 20 de Abril de 1739

Antonia de Souza Valle . . .

Anna da Silva Leme . . . . .

Cap.m Antonio Costa Velloso

Anna Maria Silva. . . . .

Sargento mór
Manoel do Valle Porto
Natural do Porto
Maria de Cacere

Alferes
José Nabo de Medeiros . . . .
Genealogia Paranaense
vol. 1.º pag. 471 e 485

Cap. Luiz Gomes da Silva
Gen. Paranaense-vol. 1.º, pag. 234
Natural da Ilha da Madeira
Angela Correia Mendonça
Natural de Paranaguá

Ajudante
João Gonçalves Franco . . .
Nat. de Villa Nova-Covas Portugal

Tenente
Luiz Antonio Gonçalves Franco
Natural de Villa Nova de Covas de Serveira
Ignacia Maria da Cruz

Maria Francisca de Lima. . .

Sargento mór
Miguel Gonçalves Lima . . .
Natural de Ponte de Lima

Domingos Gonçalves Rolo
Maria Fernandes

Maria Paes dos Santos. . . .

Sebastião dos Santos Pereira
Natural de Vizeu

Joanna Garcia Soares . . . .

Domingas Antunes. . . . .
Natural de S. Paulo

Cap.m Povoador
Matheus Martins Leme . . . .
Antonia de Goés

Manoel Soares. . . . . .

Maria Paes. . . . . .

Bartholomeu Rodrigues
Fallecido em 1610

Maria Lucas . . . . . .

Thomé Martins Bonilha
Natural de S. Paulo

Leonor Leme . . . . . .

Gonçalo Rodrigues Soares

Anna Gonçalves

Capitão
Balthazar Carrasco dos Reis .

Izabel Antunes da Silva . . .

Gaspar Fernande
Fallecido em 1610
Domingas Antune

Matheus Leme

Antonia de Chave

Miguel Garcia C
Margarida Ferna

João de Pinã
Domingas Antun

Casado em 28 de Novembro 1807

T.te C.el
Manoel Teixeira de Oliveira Cardozo
Natural do Porto

Escolastica AngelicaBernardina
Nascida em Lages 28 Outubro 1790

e sua 1.a mulher

Anna Maria do Sacramento. .

Bernardino da Costa Filgueiras

Capitão
Manoel da Costa Filgueiras

Casado a 5 de Agosto de 1766

Custodia Rodrigues de França

Capitão mór
João Rodrigues de França
com
Maria da Conceição

Margarida Cardozo de Jesus .

Sargento mór
Trifonio Cardozo Pazes . . .
Ritta Ribeiro de Magalhães

Simão Cardozo Pazes
Izabel Antunes Fernandes

Casado em 2.as nupcias com

Francisco Xavier Pinto . . . .

Sargento mór
Nat. da Torre de Moncorvo-Braga

André Esteves
Natural da Horta de Villa Rica
Magdalena Pinto

Ritta Ferreira Bueno. . . . .

João Ferreira de Oliveira
Sargento mór
Natural de Portugal

Maria Bueno . . . . . .

Manoel Gomes Palheiro

Rosa Maria Bueno . . . . .

Sargento mór
Francisco de PaulaXavierBueno
Genealogia Paranaense
Vol. 1.º pag. 472

Casado em 1787

Victoriana Maria de Lima . .
Natural de Antonina

Narciza de Paula Xavier . . .

Major Antonio de Paula Xavier

Casado com

Leocadia Ubaldina de Jesus Franco

João Gonçalves Franco . . .

Escolastica AngelicaBernardina

Acima descriptos

José Nabo de Medeiros . . . .

Capitão
Luiz Gomes Silva

Angela Correia Mendonça

Maria Francisca de Lima. . .

Sargento mór
Miguel Gonçalves Lima . . . .
Genealogia Paranaense
Vol. 1.º, pag. 420
Maria Paes dos Santos . . . .

ja descriptos

Manoel Lobo França. . . .

Licenciado
Francisco Franco

Catharina Nunes

Maria Bueno . . . . . .

Sebastião Preto Moreira . . .

Innocencio Preto

Maria Moreira

Marianna Bueno . . . . . .

Amador Bueno d
o acclamado

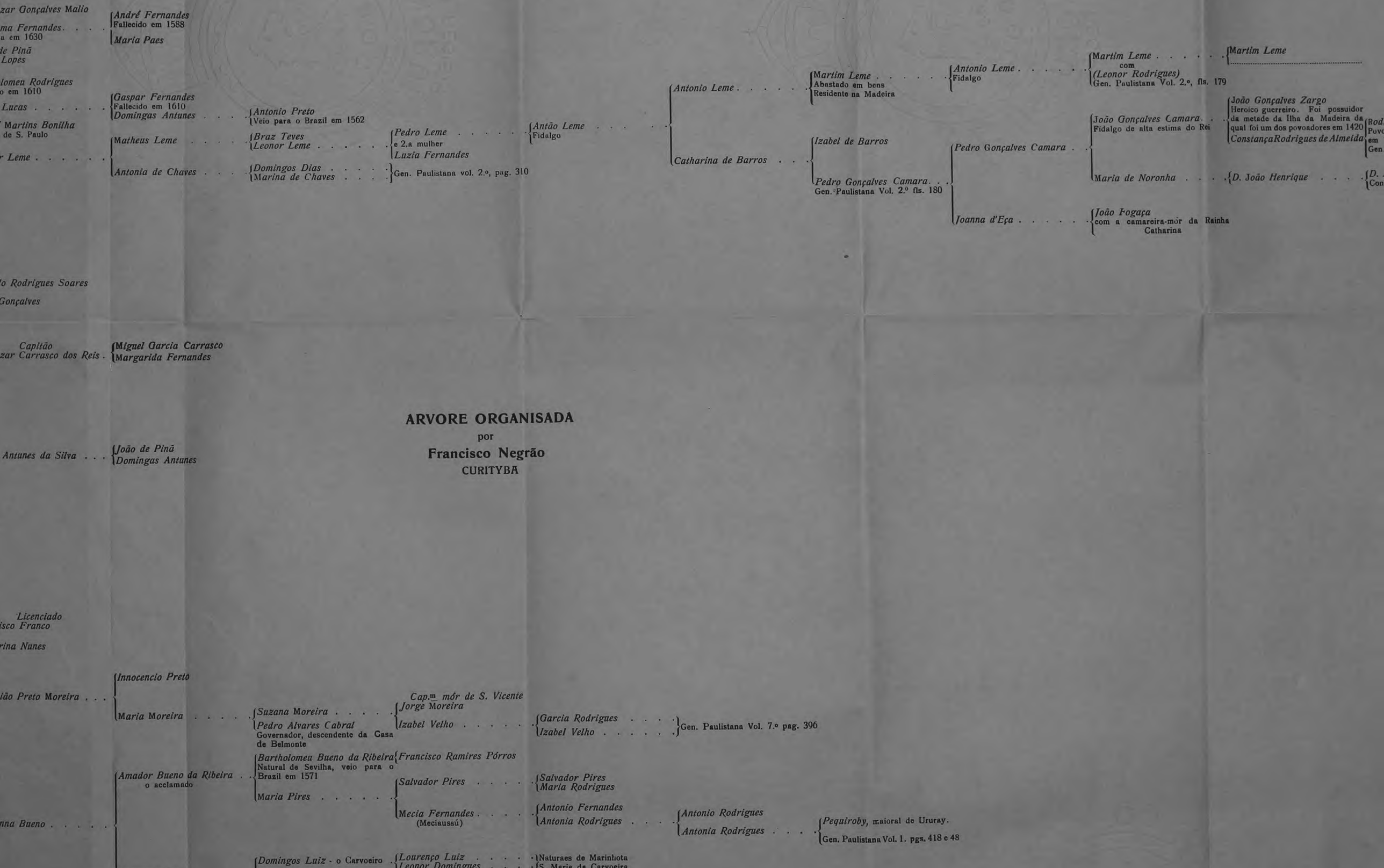
Bernarda Luiz

ARVORE ORGANISADA

por

Francisco Negrão

CURITYBA



Arvore de ascendentes das Famil

Dr. João Moreira Garcez
Natural de Curityba
Nascido á 17 de Março de 1885

Casado em Curityba a 18 de Julho de 1908

Theophilo Moreira Garcez
Falleceu em Curityba a 7 de Abril de 1890 C. O. Curityba

João Moreira Garcez
Natural de Castro

Manoel Moreira Garcez
Natural de Penafiel—Portugal

João Moreira Garcez

Constança Maria de Almeida
Natural de Itapetininga

Joaquim Domingues Garcia
Naturaes de Itapetininga

Manoella de Almeida

Marianna Theodora Camargo

Philomena Vianna Garcez
Natural de Curityba

Casado em Curityba a 14 Dez. 1837

Com.dor *Bernardo José Ribeiro Vianna*
Natural da Villa Vianna Arc. Braga

João Manoel Ribeiro Vianna
Naturaes de Portugal

Gertrudes Rosa Vianna

Rosa Maria do Nascimento
Natural de Curityba

Ajudante José Borges de Macedo
Natural de Castro
Foi o primeiro Prefeito Municipal de Curityba, nomeado a 28 de Agosto de 1833 em substituição aos Capitães móres. Falleceu em Curityba a 4 de Agosto de 1851

Cap.m Cyrino Borges de Macedo
Residio em Castro
Era o 3.º dos 9 irmãos, vivos em 13 de Agosto de 1799, quando falleceu sua avó materna, Catharina de Macedo, como se vê do seu testamento.

Maria Rosa Florianna da Lima
Natural de Curityba, onde falleceu a 1 de Novembro de 1844.
C. O. de Curityba

Cap.m Nicolau Pinto Rebello - o velho
Natural de Lamego Portugal
falleceu em Curityba em 1836

Casado em Curityba

Antonio Ozorio Rebello Lamego
Lamego Villa de Vianna

Maria Jacintha de Menezes

Lourença Floriano de Lima
Falleceu em Curityba 18 de Março de 1860.
Cartorio Ecclesiastico de Curityba
» Orphãos » »

Cap.m mór Manoel Nunes de Lima

Joanna Cardoso de Lima

Bento Ribeiro Guimarães
Elle e sua mulher professaram em Paranaguá a 5 de Fevereiro de 1757
Ella falleceu em Antonina a 28 de Outubro de 1786

Maria Correa de Macedo
Irmã do Padre Francisco Borges Correa, fallecido em Porto Alegre, antes de 1799. Tambem era mãe de Catharina Macedo, casada com Manoel Ribeiro Callado

Cartorio Orphãos de Curityba-Livro de Copia de Testamentos - Ver Test. de sua avó Catharina Macedo Baldraga, viuva de João Correa Fonseca

S.to mór Domingos Cardozo de Lima
De nobreza de sangue e pelos serviços á Patria

Felicia Xavier Barboza
Testamentos de 1781 e 1772
C. O. Curityba

Francisco Xavier

Maria Leme da Silva
Natural de Parnahyba

João Correa da Fonseca
Ja era fallecido em 13 de Agosto de 1799 quando falleceu sua mulher, como se vê do testamento desta

Catharina Macedo Baldraga
C. O. Curityba

Duarte de Tavora Gambôa
viuvo de Anna de Moraes

e 2.a mulher

Maria Cerqueira Leme
Genealogia Paulistana
volume 7 - pag. 203
» 3 - pag. 535

Antonio de Tavora

Catharina de Macedo

Sto. mór Antonio de Oliveira Vargas
Com relevantes serviços de guerra em Pernambuco
Casado na Parahyba em 1677

Maria de Almeida

Anna Borges de Cerq
Gen. Paul. - vol. 3 fls.

Fernando de Oliveira
Natural de Algarve-Fallec

Lourenço Correia Rib
e 1.a mulher

Maria Pereira de Az
Genealogia Paulistana
volume 7
» 8

Dezembargador JoaquimIgnacioSilveiradaMotta
Natural de Curityba

Dr. Medico JoaquimIgnacioSilveiradaMotta
Natural da Bahia

Conselheiro-Dr. JoaquimIgnacioSilveira da Motta

Anna Luiza da Gama

Casados a 20 de Outubro de 1842, tendo ella 18 annos de edade

Maria Theolina da Conceição

Lourenço Pinto de Sá Ribas
Vulto de prestigio e destaque.
Foi Deputado da Comarca a Assembléa de S. Paulo.

T.te Quartel-Mestre João Antonio Pinto de Faria Marques
Natural de Lamego

Manoel Antonio de Faria
Natural de Portugal

L..... de Mendonça

Casado em Curityba á 8 de Outubro de 1781

Anna Maria Ribas

Capitão mór de Curityba Dr.LourençoRibeiro deAndrade
Nascido á 24 de Setembro de 1724 em Curityba, onde falleceu em 1799

Cap.m Miguel Rodrigues Ribas
Natural Braga—Villa Franca
Nasceu em 1694 e fallecido em Curityba á 15 de Novembro 1774

Maria Rodrigues de Andrade
Nascida em Curityba á 15 de Agosto de 1706, fallecida em 1730

Lourenço de Andrade
Natural de Dornellas de Vizeu
Fal. em Curityba á 18 de Fev. 1733
Troncos das familias de seu appellido no Paraná

Izabel Rodrigues Seixas
Fal. em Curityba á 15 Março 1744

Marcos de Andrade
Naturaes de Portugal

Catharina Luiz

João Rodrigues Seixas
Portugal

Maria Maciel Barbosa
Natural de Cananéa

Antonio Rodrigues S

Catharina Martins
"Genealogia Paranaens

Dr. João Moreira Garcez
Natural de Curityba
Nascido á 17 de Março de 1885

Casado em Curityba a 18 de Julho de 1908

Leonor Silveira da Motta Garcez
Natural de Curityba

Philomena Vianna Garcez
Natural de Curityba

Etelvina de Oliveira Lima

Dezembargador Joaquim Ignacio Silveira da Motta
Natural de Curityba

Com.dor Bernardo José Ribeiro Vianna
Natural da Villa Vianna
Arc. Braga

João Manoel Ribeiro Vianna
Naturaes de Portugal
Gertrudes Rosa Vianna

Casado em Curityba a 14 Dez. 1837

Rosa Maria do Nascimento
Natural de Curityba

Ajudante José Borges de Macedo
Natural de Castro
Foi o primeiro Prefeito Municipal de Curityba, nomeado a 28 de Agosto de 1833 em substituição aos Capitães móres. Falleceu em Curityba a 4 de Agosto de 1851

Cap.m Cyrino Borges de Macedo
Residio em Castro
Era o 3.º dos 9 irmãos, vivos em 13 de Agosto de 1799, quando falleceu sua avó materna, Catharina de Macedo, como se vê do seu testamento.

Maria Rosa Florianna da Lima
Natural de Curityba, onde falleceu a 1 de Novembro de 1844.
C. O. de Curityba

Cap.m Nicolau Pinto Rebello - o velho
Natural de Lamego Portugal
falleceu em Curityba em 1836

Casado em Curityba

Lourença Floriano de Lima
Falleceu em Curityba 18 de Março de 1860.
Cartorio Ecclesiastico de Curityba
» Orphãos » »

Cap.m mór Manoel Nunes de Lima

Joanna Cardoso de Lima

Bento Ribeiro Guimarães
Elle e sua mulher professaram em Paranaguá a 5 de Fevereiro de 1757
Ella falleceu em Antonina a 28 de Outubro de 1786

Maria Correa de Macedo
Irmã do Padre Francisco Borges Correa, fallecido em Porto Alegre, antes de 1799. Tambem era mãe de Catharina Macedo, casada com Manoel Ribeiro Callado

Cartorio Orphãos de Curityba-Livro de Copia de Testamentos - Ver Test. de sua avó Catharina Macedo Baldraga, viuva de João Correa Fonseca

Antonio Ozorio Rebello Lamego
Lamego Villa de Vianna
Maria Jacintha de Menezes

João Correa da Fonseca
Ja era fallecido em 13 de Agosto de 1799 quando falleceu sua mulher, como se vê do testamento desta

Catharina Macedo Baldraga
C. O. Curityba

S.to mór Domingos Cardozo de Lima
De nobreza de sangue e pelos serviços á Patria

Felicia Xavier Barboza
Testamentos de 1781 e 1772
C. O. Curityba

Duarte de Tavora Gambôa
viuvo de Anna de Moraes

e 2.ª mulher

Maria Cerqueira Leme
Genealogia Paulistana
volume 7 - pag. 203
» 3 - pag. 535

Francisco Xavier
Maria Leme da Silva
Natural de Parnahyba

Antonio de Tavora
Catharina de Macedo

Sto. mór Antonio de Oliveira Vargas
Com relevantes serviços de guerra em Pernambuco
Casado na Parahyba em 1677

Maria de Almeida

Anna Borges de Cer
Gen. Paul. - vol 3 fls

Fernando de Oliveir
Natural de Algarve-Falle

Lourenço Correia R
e 1.a mulher

Maria Pereira de A
Genealogia Paulistana
volume
»

Dr. Medico Joaquim Ignacio Silveira da Motta
Natural da Bahia

Conselheiro-Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Motta
Anna Luiza da Gama

Casados a 20 de Outubro de 1842, tendo ella 18 annos de edade

Maria Theolinia da Conceição

Lourenço Pinto de Sá Ribas
Vulto de prestigio e destaque.
Foi Deputado da Comarca a Assembléa de S. Paulo.

Joaquina Francisca da Purificação
"Genealogia Paranaense"

T.te Quartel-Mestre João Antonio Pinto de Faria Marques
Natural de Lamego

Manoel Antonio de Faria
Natural de Portugal
L..... de Mendonça

Casado em Curityba á 8 de Outubro de 1781

Anna Maria Ribas
Curityba

Capitão mór de Curityba
Dr. Lourenço Ribeiro de Andrade
Nascido á 24 de Setembro de 1724
em Curityba, onde falleceu em 1799

Izabel de Borba Pontes
Fal. em Curityba á 15 de Out. 1771

Cap.m Miguel Rodrigues Ribas
Natural Braga—Villa Franca
Nasceu em 1694 e fallecido em Curityba á 15 de Novembro 1774
Maria Rodrigues de Andrade
Nascida em Curityba á 15 de Agosto de 1706, fallecida em 1730

Amaro de Borba Pontes
Capitão

e segunda mulher, nat. de S. Paulo

Izabel Cardoso de Moraes
„Genealogia Paranaense"

Lourenço de Andrade
Natural de Dornellas de Vizeu
Fal. em Curityba á 18 de Fev. 1733
Troncos das familias de seu appellido no Paraná

Izabel Rodrigues Seixas
Fal. em Curityba á 15 Março 1744
Natural de Cananéa

Maria Domingues

Belchior de Borba Paes
Gen. Paulistana - vol. 4 fl. 454

Ignez Pedrozo de Moraes
Gen. Paulistana - vol. 8 fls. 234
Francisco Barreto Cardozo

Marcos de Andrade
Naturaes de Portugal
Catharina Luiz

João Rodrigues Seixas
Portugal
Maria Maciel Barbosa

Pedro Nunes Pontes
Ignez Domingues

Manoel Pacheco Gatto
Falleceu em 1692

Anna da Veiga

Alvaro Barreto de Siqueira

Margarida Cardozo Fonseca

Antonio Rodrigue
Catharina Martin
"Genealogia Parana

Manoel Pacheco
Beatriz Gatto

Suzana Rodrigue
Casados antes de
João Paes

Francisco Barre
Mecia Ribeiro

Francisco Fonse

Mecia Cardoso

Dr. José Gas. Santos Lima
Matrado
Nasceu á 6 de janeiro de 1804
Casou Itú

Anna Messiae Oliveira Lima

Cap.m Manoel dos Santos Pacheco
Natural de S. José dos Pinhaes

Maria Colleta da Silva
Natural da Lapa

José dos Santos Pacheco Lima
Natural da Ponte de Lima
Casado na Capella de Tamanduá á 28 de Agosto de 1753

Maria Pereira da Silva
Natural de S. José dos Pinhaes

Francisco Pacheco de Miranda
Christina da Costa Miranda
Natural de Couras - Portugal

Capitão João Pereira Braga
Natural de Braga
Fallecido em Curityba em 1747

Josepha Gonçalves da Silva
Natural de S. João da Foz

José Martins
Esperança Pereira

João da Silva Reis
Natural de Lordellas

Maria Rodrigues
„Genealogia Paranaense"

Manoel Reis
Maria Francisca

es das Familias Moreira Garcez, Silveira da Motta, Borges de Macedo e Pinto

"Genealogia Paranaense"

POR

Francisco Negrão

- 1926 -

io de Tavora
rina de Macedo
Sto. mór
io de Oliveira Vargas . .
elevantes serviços de guerra
rnambuco
o na Parahyba em 1677

Anna Borges de Cerqueira . .
Gen. Paul. - vol. 3 fls. 523 e 535
Lucrecia Leme Borges Cerqueira
Gaspar Barreto
Fallecido em 1629

Simão Borges de Cerqueira. .
Natural de Mezamfrio
Moço fidalgo da casa do Rei D. Henrique
Leonor Leme . . . . .
Gen. Paulistana - vol. 3 fls. 511

Belchior Borges Souza de Louzadas
Fidalgo cavalleiro de S. Thiago
Feliceta Cerqueira
Fernando Dias Paes . . .
(Tio de sua mulher)
e segunda mulher
Lucrecia Leme . . . . .
G. Paulistana-vol. 2, fls. 186 e 443

Pedro Leme . . . . .
e primeira mulher
Izabel Paes

Antão Leme. . . . . .
....

Antonio Leme. . . . . .
Catharina de Barros . . .

Martim Leme . . . . . .
Abastado em bens-resid. na Madeira
....
Izabel de Barros
Pedro Gonçalves Camara . .
Gen. Paulistana - vol. 2 fl. 180

Antonio Leme . . . . . .
Fidalgo
....
Pedro Gonçalves Camara . .
Joanna d'Eça. . . . . .

Ma
Ge
Jo
Fic
Ma
Jo
co

Fernando de Oliveira Vargas .
Natural de Algarve-Falleceu em 1653
Jeronymo Pedrozo
Izabel Gomes

Braz Teves ou Esteves
Natural da Ilha da Madeira
Leonor Leme . . . . . .

Adão Leme
Com ascendentes descriptos em Fernando Dias Paes
....

Pedro Leme . . . . .
e segunda mulher
Luzia Fernandes

Lourenço Correia Ribeiro . .
e 1.a mulher
Serafim Correia . . . .
Natural de Guimarães
Nasceu em 1610—Casou em S. Paulo em 1634
Isabel do Anhaya. . . .

Lourenço Correia
Margarida Bernardes

de Almeida. . . .

Maria Coelho . . . . . .
Paulo de Anhaya — De descendencia Castelhana
Natural do Porto—Portugal

Francisco Vaz Coelho
Nat. do Porto, Fal. em S. Paulo 1624
Izabel de Almeida Proença . .

Maria Castanho . . . . .
De nobreza de sangue
Natural de Belmonte
Casada em S. Paulo em 1564
Antonio de Proença
Raptou uma freira de um convento pelo que foi obrigado a emigrar para o Brasil, sendo a freira presa. Fallecido em S. Paulo em 1605.

Cap.m mór de S. Vicente Antonio *Rodrigues de Almeida*
Nat. de Monte mór o novo—Portugal. Fidalgo, passou ao Brasil em 1547. Prestou relevantes serviços ao Donatario da Capitania, ao Rei e a Deus. Achando-se em todos os assaltos e guerras dos gentios Tamoyos—casado com:
Maria Castanho.

Maria Pereira de Azevedo. .
Genealogia Paulistana
volume 7 - pag. 203
» 8 - pag. 535

Antonio Pereira de Azevedo. .
Caval. Ordem de Christo
Natural da Bahia, fal. em Parnahyba
Prestou relevantes serviços na Guerra contra a Hollanda, em 1647
Virginia Missel . . . . .

Manoel de Azevedo
Maria Pereira

João Missel Gigante . . .
Constança de Oliveira . . .

João Missel Gigante
Izabel Gonçalves . . . .

Antonio de Oliveira Gago. . .
Izabel Gonçalves

Cap.m mór de S. Vicente
Antonio de Oliveira
Cavalleiro fidalgo, veio para o Brasil em 1537, Loco Tenente do Donatario Martim Affonso de Souza, de 1538 em diante.
Genebra Leitão de Vasconcellos
Gen Paulistana - vol. 8 fl. 483

Antonio de Oliveira
Falleceu em 1613
Angela Fernandes. . . .

Manoel Fernandes de Ramos
veio para o Brasil na 2.a metade do seculo 16 — Natural de Moura, Portugal, donde passou a S. Vicente, onde exerceu os cargos da Governança.
Suzanna Dias . . . . .

Lopo Dias
Beatriz Dias . . . . .
Gen. Paulistana - vol. 7 fl. 257

Martim Affonso Teberiça
Regulo de Piratininga
vol. 1 fl. 48 — vol. 9 fl. 66

ARVORE ORGANISADA
por
Francisco Negrão
CURITYBA

s de Andrade
s de Portugal
rina Luiz

odrigues Seixas . . .
1
Maciel Barbosa
Nunes Pontes
Domingues

Antonio Rodrigues Seixas
Catharina Martins
"Genealogia Paranaense"

Pacheco Gatto . . . .
em 1692

Manoel Pacheco
Beatriz Gatto

Suzana Rodrigues

Cap.m mór Gov. de S. Paulo
Martim Fernandes Tenorio
Povoador e celebre conquistador dos

ilveira da Motta, Borges de Macedo e Pinto Rebello

Paranaense"

OR

o Negrão

926 -

Souza de Lou-
zadas
de S. Thiago
ra
Paes
r)

Pedro Leme
e primeira mulher
Izabel Paes

Braz Teves ou Esteves
Natural da Ilha da Madeira
2, fls. 186 e 443 | Leonor Leme

Coelho
em S. Paulo 1624 | Maria Castanho
De nobreza de sangue
Natural de Belmonte
Casada em S. Paulo em 1564
la Proença | Antonio de Proença
Raptou uma freira de um convento pelo que foi obrigado a emigrar para o Brasil, sendo a freira presa. Fallecido em S. Paulo em 1605.

ante
Antonio de Oliveira Gago
Izabel Gonçalves

ira
ceu em 1613
s
Manoel Fernandes de Ramos
veio para o Brasil na 2.a metade do seculo 16 — Natural de Moura, Portugal, donde passou a S. Vicente, onde exerceu os cargos da Governança.
Suzanna Dias

Antão Leme

Antonio Leme
Catharina de Barros

Martim Leme
Abastado em bens-resid. na Madeira
Izabel de Barros
Pedro Gonçalves Camara
Gen. Paulistana - vol. 2 fl. 180

Pedro Leme
e segunda mulher
Luzia Fernandes

Adão Leme
Com ascendentes descriptos em Fernando Dias Paes

Cap.m mór de S. Vicente Antonio Rodrigues de Almeida
Nat. de Monte mór o novo—Portugal. Fidalgo, passou ao Brasil em 1547. Prestou relevantes serviços ao Donatario da Capitania, ao Rei e a Deus. Achando-se em todos os assaltos e guerras dos gentios Tamoyos' —casado com:

Maria Castanho.

Cap.m mór de S. Vicente
Antonio de Oliveira
Cavalleiro fidalgo, veio para o Brasil em 1537, Loco Tenente do Donatario Martim Affonso de Souza, de 1538 em diante.
Genebra Leitão de Vasconcellos
Gen Paulistana - vol. 8 fl. 483

Lopo Dias

Beatriz Dias
Gen. Paulistana - vol. 7 fl. 257

Martim Affonso Tebericá
Regulo de Piratininga
vol. 1 fl. 48 — vol. 9 fl. 66

Antonio Leme
Fidalgo

Pedro Gonçalves Camara

Joanna d'Eça

Martim Leme
com
(Leonor Rodrigues)
Gen. Paulistana - vol. 2, fl. 179

João Gonçalves Camara
Fidalgo de alta estima do Rei

Maria de Noronha

João Fogaça
com a camareira-mór da Rainha Catharina

Martim Leme
e sua mulher

João Gonçalves Zargo
Heroico guerreiro. Foi possuidor da metade da Ilha da Madeira de que foi um dos povoadores em 1420
Constança Rodrigues de Almeida

D. João Henrique

Rodrigo Annes de Sá
Povoad. da Ilha da Madeira em 1420
Gen. Paulistana - vol. 2, pag. 181
Gen. Paranaense - vol. 2, pag. 107

D. Diogo Henrique
(Conde de Gijon.)

ARVORE ORGANISADA
por
Francisco Negrão
CURITYBA

Com.dor
Bernardo José Ribeiro Vianna
Natural da Villa Vianna
Arc. Braga

- *João Manoel Ribeiro Vianna*
  Naturaes de Portugal
- *Gertrudes Rosa Vianna*

Philomena Vianna Garcez . . .
Natural de Curityba

Casado em Curityba a 14 Dez. 1837

Ajudante
José Borges de Macedo. . . .
Natural de Castro
Foi o primeiro Prefeito Municipal de Curityba, nomeado a 28 de Agosto de 1833 em substituição aos Capitães móres. Falleceu em Curityba a 4 de Agosto de 1851

Rosa Maria do Nascimento. . .
Natural de Curityba

Cap.m Cyrino Borges de Macedo
Residio em Castro
Era o 3.º dos 9 irmãos, vivos em 13 de Agosto de 1799, quando falleceu sua avó materna, Catharina de Macedo, como se vê do seu testamento.

Bento Ribeiro Guimarães
Elle e sua mulher professaram em Paranaguá a 5 de Fevereiro de 1757
Ella falleceu em Antonina a 28 de Outubro de 1786

Maria Correa de Macedo. . . .
Irmã do Padre Francisco Borges Correa, fallecido em Porto Alegre, antes de 1799. Tambem era mãe de Catharina Macedo, casada com Manoel Ribeiro Callado

Cartorio Orphãos de Curityba-Livro de Copia de Testamentos - Ver Test. de sua avó Catharina Macedo Baldraga, viuva de João Correa Fonseca

João Correa da Fonseca
Ja era fallecido em 13 de Agosto de 1799 quando falleceu sua mulher, como se vê do testamento desta

Catharina Macedo Baldraga .
C. O. Curityba

Duarte de Tavora Gambôa . .
viuvo de Anna de Moraes

e 2.ª mulher

Maria Cerqueira Leme . . . .
Genealogia Paulistana
volume 7 - pag. 203
» 3 - pag. 535

- *Antonio de Tavora*
- *Catharina de Macedo*

Sto. mór
Antonio de Oliveira Vargas . .
Com relevantes serviços de guerra em Pernambuco
Casado na Parahyba em 1677

Maria de Almeida. . . . . .

- *Anna Borges de Cerqueira* . .
  Gen. Paul. - vol. 3 fls. 523 e 535
- *Fernando de Oliveira Vargas* .
  Natural de Algarve-Falleceu em 1653

- *Lucrecia Leme Borges*
- *Gaspar Barreto*
  Fallecido em 1629
- *Jeronymo Pedrozo*
- *Izabel Gomes*

Lourenço Correia Ribeiro . . .
e 1.a mulher

- *Serafim Correia* . . .
  Natural de Guimarães
  Nasceu em 1610—Casou em S
  lo em 1634
- *Isabel do Anhaya.* . .

Cap.m
Nicolau Pinto Rebello - o velho
Natural de Lamego Portugal
falleceu em Curityba em 1836

Antonio Ozorio Rebello Lamego
Lamego Villa de Vianna
Maria Jacintha de Menezes

Maria Rosa Florianna da Lima
Natural de Curityba, onde falleceu a 1 de Novembro de 1844.
C. O. de Curityba

Casado em Curityba

Cap.m mór
Manoel Nunes de Lima

Lourença Floriano de Lima. .
Falleceu em Curityba 18 de Março de 1860.
Cartorio Ecclesiastico de Curityba
» Orphãos » »

Joanna Cardoso de Lima. . .

S.to mór
Domingos Cardozo de Lima
De nobreza de sangue e pelos serviços á Patria

Felicia Xavier Barboza. . . .
Testamentos de 1781 e 1772
C. O. Curityba

- *Francisco Xavier*
- *Maria Leme da Silva*
  Natural de Parnahyba

Maria Pereira de Azevedo. . .
Genealogia Paulistana
volume 7 - pag. 203
» 8 - pag. 535

- *Antonio Pereira de Azeve*
  Caval. Ordem de Christo
  Natural da Bahia, fal. em Parn
  Prestou relevantes serviços na
  ra contra a Hollanda, em 16
- *Virginia Missel* . . .

Dr. Medico
JoaquimIgnacioSilveiradaMotta
Natural da Bahia

Conselheiro-Dr.
JoaquimIgnacioSilveira da Motta
Anna Luiza da Gama

Dezembargador
JoaquimIgnacioSilveiradaMotta
Natural de Curityba

Casados a 20 de Outubro de 1842, tendo ella 18 annos de edade

Maria Theolina da Conceição

Tte Quartel-Mestre
João Antonio Pinto de Faria Marques
Natural de Lamego

Casado em Curityba á 8 de Outubro de 1781

Anna Maria Ribas . . . .
Curityba

- *Manoel Antonio de Faria*
  Natural de Portugal
- *L..... de Mendonça*

Capitão mór de Curityba
Dr.LourençoRibeiro deAndrade
Nascido á 24 de Setembro de 1724 em Curityba, onde falleceu em 1799

Izabel de Borba Pontes. . . .
Fal. em Curityba á 15 de Out. 1771

Cap.m Miguel Rodrigues Ribas
Natural Braga—Villa Franca
Nasceu em 1694 e fallecido em Curityba á 15 de Novembro 1774
Maria Rodrigues de Andrade .
Nascida em Curityba á 15 de Agosto de 1706, fallecida em 1730

Amaro de Borba Pontes . . .
Capitão

e segunda mulher, nat. de S. Paulo

Izabel Cardoso de Moraes . .
„Genealogia Paranaense"

Lourenço de Andrade . . . .
Natural de Dornellas de Vizeu
Fal. em Curityba á 18 de Fev. 1733
Troncos das familias de seu appellido no Paraná

Izabel Rodrigues Seixas . . .
Fal. em Curityba á 15 Março 1744
Natural de Cananéa

Maria Domingues. . . . . .

Belchior de Borba Paes . . .
Gen. Paulistana - vol. 4 fl. 454

Ignez Pedrozo de Moraes
Gen. Paulistana - vol. 8 fls. 234
Francisco Barreto Cardozo. .

- *Marcos de Andrade*
  Naturaes de Portugal
- *Catharina Luiz*

- *João Rodrigues Seixas* . . .
  Portugal
- *Maria Maciel Barbosa*

- *Antonio Rodrigues Seixas*
- *Catharina Martins*
  "Genealogia Paranaense"

- *Pedro Nunes Pontes*
- *Ignez Domingues*

- *Manoel Pacheco Gatto* . . . .
  Falleceu em 1692
- *Anna da Veiga* . . . . . .

- *Manoel Pacheco*
- *Beatriz Gatto*

- *Suzana Rodrigues.* . . . . .
  Casados antes de 1612
  João Paes

Alvaro Barreto de Siqueira. .
Margarida Cardozo Fonseca. .

- *Francisco Barreto Palha*
  Mecia Ribeiro . . . . . .
- *Francisco Fonseca Aranha*

Mecia Cardoso . . . . .

Joaquina Francisca da Purificação
"Genealogia Paranaense"

Cap.m
Manoel dos Santos Pacheco. .
Natural de S. José dos Pinhaes

Maria Colleta da Silva
Natural da Lapa

José dos Santos Pacheco Lima
Natural da Ponte de Lima
Casado na Capella de Tamanduá á 28 de Agosto de 1753

Maria Pereira da Silva. . .
Natural de S. José dos Pinhaes

- *Francisco Pacheco de Miranda*
- *Christina da Costa Miranda*
  Natural de Couras - Portugal

Capitão João Pereira Braga .
Natural de Braga
Fallecido em Curityba em 1747

Josepha Gonçalves da Silva. .
Natural de S. João da Foz

- *José Martins*
- *Esperança Pereira*

João da Silva Reis . . . . .
Natural de Lordellas

Maria Rodrigues
„Genealogia Paranaense"

- *Manoel Reis*
- *Maria Francisca*

Cap.m mór Gov. de S. P
Martim Fernandes Tenor
Povoador e celebre conquistad
sertões, fal. no Rio Paraná er
Suzana Rodrigues
Genealogia Paulistana-vol. 4,

Francisco Bicudo de Siq

Maria Ribeiro. . . .
Gen. Paulistana - vol. 8, fl.

Antonio Lourenço . .

Izabel Cardoso. . . .
Genealogia Paulistana - vol. 1,

Dr. José Gas... Santos Lima.
Mo... rado
Nasceu á 6 de... neiro de 1804
Casa... m Itú
Anna Messia... e Oliveira Lima

Etelvina de Oliveira Lima . . .

- 1926 -

ARVORE ORGANISADA

por

Francisco Negrão

CURITYBA

ão Correa da Fonseca
era fallecido em 13 de Agosto
1799 quando falleceu sua mu-
r, como se vê do testamento desta

tharina Macedo Baldraga
C. O. Curityba

S.to mór
mingos Cardozo de Lima
nobreza de sangue e pelos ser-
os á Patria

icia Xavier Barboza
tamentos de 1781 e 1772
C. O. Curityba

p.m Miguel Rodrigues Ribas
Natural Braga—Villa Franca
ceu em 1694 e fallecido em Cu-
yba á 15 de Novembro 1774
ria Rodrigues de Andrade
cida em Curityba á 15 de Agos-
de 1706, fallecida em 1730

aro de Borba Pontes
Capitão
gunda mulher, nat. de S. Paulo

bel Cardoso de Moraes
,Genealogia Paranaense"

é Martins
erança Pereira
o da Silva Reis
atural de Lordellas
ria Rodrigues
nealogia Paranaense"

Duarte de Tavora Gamboa — viuvo de Anna de Moraes
- *Antonio de Tavora*
- *Catharina de Macedo*

e 2.a mulher
- *Sto. mór*
- *Antonio de Oliveira Vargas* — Com relevantes serviços de guerra em Pernambuco. Casado na Parahyba em 1677

Maria Cerqueira Leme
Genealogia Paulistana
volume 7 - pag. 203
» 3 - pag. 535

Maria de Almeida

Francisco Xavier
Maria Leme da Silva
Natural de Parnahyba

Lourenço de Andrade
Natural de Dornellas de Vizeu
Fal. em Curityba á 18 de Fev. 1733
Troncos das familias de seu appellido no Paraná
- *Marcos de Andrade* — Naturaes de Portugal
- *Catharina Luiz*

Izabel Rodrigues Seixas
Fal. em Curityba á 15 Março 1744
Natural de Cananéa
- *João Rodrigues Seixas* — Portugal
  - *Antonio Rodrigues Seixas*
  - *Catharina Martins*
  - "Genealogia Paranaense"
- *Maria Maciel Barbosa*

Maria Domingues
- *Pedro Nunes Pontes*
- *Ignez Domingues*

Belchior de Borba Paes
Gen. Paulistana - vol. 4 fl. 454
- *Manoel Pacheco Gatto* — Falleceu em 1692
  - *Manoel Pacheco*
  - *Beatriz Gatto*
- *Anna da Veiga*
  - *Suzana Rodrigues* — Casados antes de 1612
  - *João Paes*

Ignez Pedrozo de Moraes
Gen. Paulistana - vol. 8 fls. 234
Francisco Barreto Cardozo
- *Alvaro Barreto de Siqueira*
- *Francisco Barreto Palha*
- *Mecia Ribeiro*

Margarida Cardozo Fonseca
- *Francisco Fonseca Aranha*

Mecia Cardoso

Manoel Reis
Maria Francisca

Anna Borges de Cerqueira
Gen. Paul. - vol. 3 fls. 523 e 535
- *Lucrecia Leme Borges Cerqueira*
- *Gaspar Barreto*
  Fallecido em 1629

Fernando de Oliveira Vargas
Natural de Algarve-Falleceu em 1653
- *Ieronymo Pedrozo*
- *Izabel Gomes*

Lourenço Correia Ribeiro
e 1.a mulher
- *Serafim Correia*
  Natural de Guimarães
  Nasceu em 1610—Casou em S. Paulo em 1634
- *Isabel do Anhaya*
  - *Lourenço Correia*
  - *Margarida Bernardes*

Maria Pereira de Azevedo
Genealogia Paulistana
volume 7 - pag. 203
» 8 - pag. 535
- *Antonio Pereira de Azevedo* — Caval. Ordem de Christo. Natural da Bahia, fal. em Parnahyba. Prestou relevantes serviços na Guerra contra a Hollanda, em 1647
  - *Manoel de Azevedo*
  - *Maria Pereira*

Virginia Missel
- *João Missel Gigante*
- *Izabel Gonçalves*

Constança de Oliveira
- *Antonio de Oliveira* — Falleceu em 1613
- *Angela Fernandes*

Simão Borges de Cerqueira
Natural de Mezamfrio
Moço fidalgo da casa do Rei D. Henrique
- *Belchior Borges Souza de Louzadas* — Fidalgo cavalleiro de S. Thiago
- *Feliceta Cerqueira*

Leonor Leme
Gen. Paulistana - vol. 3 fls. 511
- *Fernando Dias Paes* (Tio de sua mulher) e segunda mulher
- *Lucrecia Leme*
  G. Paulistana-vol. 2, fls. 186 e 443
  - *Braz Teves ou Esteves* — Natural da Ilha da Madeira
  - *Leonor Leme*

Maria Coelho
- *Francisco Vaz Coelho* — Nat. do Porto, Fal. em S. Paulo 1624
- *Izabel de Almeida Proença*

Paulo de Anhaya — De descendencia Castelhana. Natural do Porto—Portugal
- *Maria Castanho* — De nobreza de sangue. Natural de Belmonte. Casada em S. Paulo em 1564
- *Antonio de Proença* — Raptou uma freira de um convento pelo que foi obrigado a emigrar para o Brasil, sendo a freira presa. Fallecido em S. Paulo em 1605.
  - *Antonio de Oliveira Gago*
  - *Izabel Gonçalves*

João Missel Gigante
- *Manoel Fernandes de Ramos* — veio para o Brasil na 2.a metade do seculo 16 — Natural de Moura, Portugal, donde passou a S. Vicente, onde exerceu os cargos da Governança.
- *Suzanna Dias*
  - *Lopo Dias*
  - *Beatriz Dias*
    Gen. Paulistana - vol. 7 fl. 257
    - *Martim Affonso Tebericá*
      Regulo de Piratininga
      vol. 1 fl. 48 — vol. 9 fl. 66

Constança de Oliveira
- *Simão Borges de Cerqueira* — Natural de Mezamfrio. Moço fidalgo da casa do Rei D. Henrique
  - *Belchior Borges Souza de Louzadas* — Fidalgo cavalleiro de S. Thiago
  - *Feliceta Cerqueira*
- *Leonor Leme*
  Gen. Paulistana - vol. 3 fls. 511
  - *Fernando Dias Paes* (Tio de sua mulher) e segunda mulher
  - *Lucrecia Leme*
    G. Paulistana-vol. 2, fls. 186 e 443
    - *Braz Teves ou Esteves* — Natural da Ilha da Madeira
    - *Leonor Leme*

Manoel de Siqueira
- *Victoria Nunes Pinto*
- *Antonio de Siqueira*

Messia Nunes Bicudo

Francisco Bicudo de Siqueira
- *Francisco Vaz Coelho* — Nat. do Porto, Fal. em S. Paulo 1624
- *Izabel de Almeida Proença*

Maria Ribeiro
Gen. Paulistana - vol. 8, fl. 231
- *João Maciel Valente* (fillo de João Maciel e s/m Paula Camacho)
- *Maria Ribeiro*
  - *Estevão Ribeiro Bayão*
  - *Maria Duarte*

Antonio Lourenço
- *Domingos Luiz-o Carvoeiro* (fil. de Lourenço Luiz e s/m Leonor Domingues) — Caval. da Ordem de Christo-fal. 1615
- *Anna Camacho*
  - *F. Ramalho*
  - *Gonçallo Camacho*

Izabel Cardoso
Genealogia Paulistana - vol. 1, fl. 82
- *Gaspar Vaz Guedes*
  - *Antonio Vaz Guedes*
  - *Margarida Correia*

Francisca Vaz Guedes
- *Braz Cardoso* — Fundador de Mogy das Cruzes
- *Francisca da Costa*

Gen. Paulistana - vol. 8, fl. 536

Cap.m mór Gov. de S. Paulo
Martim Fernandes Tenorio — Povoador e celebre conquistador dos sertões, fal. no Rio Paraná em 1603
Suzana Rodrigues
Genealogia Paulistana-vol. 4, fl. 428
- *Francisco Pinto* — Povoador de S. Vicente

Estevão Ribeiro Bayão Parente
Natural de Braga
Margarida Fernandes Feijó Madureira Nat. do Porto
- *João Ramalho* — Naturl de Bouzella—Vizeu
  2.a mulher
  Izabel Dias
  Genealogia Paulistana
  vol. 1, fl. 48 - vol. 9, fl. 66
  - *João Velho Maldonado*
  - *Catharina Affonso Balbode*
  - *Filha do cacique ou regulo de Piratininga*
  - *Tebericá—(Martim Affonso)*
- *Joanna Ramalho*
  Cap.m mór Jorge Ferreira

Pedro Leme
e primeira mulher
Izabel Paes

Pedro Leme
e segunda mulher
Luzia Fernandes

Então Leme
- *Antonio Leme*
- *Catharina de Barros*

Adão Leme
Com ascendentes descriptos em Fernando Dias Paes

Cap.m mór de S. Vicente Antonio Rodrigues de Almeida
Nat. de Monte mór o novo—Portugal. Fidalgo, passou ao Brasil em 1547. Prestou relevantes serviços ao Donatario da Capitania, ao Rei e a Deus. Achando-se em todos os assaltos e guerras dos gentios Tamoyos'—casado com:

Maria Castanho.

Cap.m mór de S. Vicente
Antonio de Oliveira
Cavalleiro fidalgo, veio para o Brasil em 1537, Loco Tenente do Donatario Martim Affonso de Souza, de 1538 em diante.

Genebra Leitão de Vasconcellos
Gen Paulistana - vol. 8 fl. 483

ges Souza de Lou-
zadas
eiro de S. Thiago
queira
as Paes
ulher)
lher

ne . . . . . vol. 2, fls. 186 e 443

Pedro Leme . . . . . e primeira mulher *Izabel Paes*

Braz Teves ou Esteves Natural da Ilha da Madeira
Leonor Leme . . . . . .

Antão Leme . . . . . .

Antonio Leme . . . . . .

Catharina de Barros . . .

Martim Leme . . . . . Abastado em bens-resid. na Madeira

Izabel de Barros
Pedro Gonçalves Camara . .
Gen. Paulistana - vol. 2 fl. 180

Antonio Leme . . . . . Fidalgo

Pedro Gonçalves Camara . .

Joanna d'Eça . . . . . .

Martim Leme . . . . . com *(Leonor Rodrigues)*
Gen. Paulistana - vol. 2, fl. 179

João Gonçalves Camara . . Fidalgo de alta estima do Rei

Maria de Noronha . . . .

João Fogaça com a camareira-mór da Rainha Catharina

Martim Leme e sua mulher

João Gonçalves Zargo Heroico guerreiro. Foi possuidor da metade da Ilha da Madeira de que foi um dos povoadores em 1420
Constança Rodrigues de Almeida

D. João Henrique . . . .

Rodrigo Annes de Sá Povoad. da Ilha da Madeira em 1420
Gen. Paulistana - vol. 2, pag. 181
Gen. Paranaense - vol. 2, pag. 107

D. Diogo Henrique (Conde de Gijon.)

Adão Leme Com ascendentes descriptos em Fernando Dias Paes

Pedro Leme . . . . . e segunda mulher *Luzia Fernandes*

Cap.m mór de S. Vicente Antonio Rodrigues de Almeida
Nat. de Monte mór o novo—Portugal. Fidalgo, passou ao Brasil em 1547. Prestou relevantes serviços ao Donatario da Capitania, ao Rei e a Deus. Achando-se em todos os assaltos e guerras dos gentios Tamoyos·—casado com:

Maria Castanho.

Cap.m mór de S. Vicente
Antonio de Oliveira
Cavalleiro fidalgo, veio para o Brasil em 1537, Loco Tenente do Donatario Martim Affonso de Souza, de 1538 em diante.

Genebra Leitão de Vasconcellos
Gen Paulistana - vol. 8 fl. 483

Lopo Dias

Beatriz Dias . . . . . Gen. Paulistana - vol. 7 fl. 257

Martim Affonso Tebericça Regulo de Piratininga vol. 1 fl. 48 — vol. 9 fl. 66

az Coelho
Fal. em S. Paulo 1624
meida Proença . .

Maria Castanho . . . . . De nobreza de sangue Natural de Belmonte
Casada em S. Paulo em 1564
Antonio de Proença
Raptou uma freira de um convento pelo que foi obrigado a emigrar para o Brasil, sendo a freira presa. Fallecido em S. Paulo em 1605.

Gigante

lves . . . . . .

Antonio de Oliveira Gago . . .
Izabel Gonçalves

Oliveira
Falleceu em 1613
andes. . . . . .

Manoel Fernandes de Ramos veio para o Brasil na 2.a metade do seculo 16 — Natural de Moura, Portugal, donde passou a S. Vicente, onde exerceu os cargos da Governança.

Suzanna Dias . . . . . .

ARVORE ORGANISADA

por

Francisco Negrão

CURITYBA

nes Pinto. . . .
Siqueira

Francisco Pinto Povoador de S. Vicente

e s/m Paula Camacho
eiro Bayão . . .
te

Estevão Ribeiro Bayão Parente Natural de Braga
Margarida Fernandes Feijó Madureira Nat. do Porto

Luiz e s/m Leonor Domingues
. . . . . .
amacho
z Guedes
Correia
so
Mogy das Cruzes
a Costa
a - vol. 8, fl. 536

Joanna Ramalho . . . . . *Cap.m mór Jorge Ferreira*

João Ramalho . . . . . Natural de Bouzella—Vizeu
2.a mulher
Izabel Dias . . . . . Genealogia Paulistana vol. 1, fl. 48 - vol. 9, fl. 66

João Velho Maldonado
Catharina Affonso Balbode

Filha do cacique ou regulo de Piratininga
Teberiçá—(Martim Affonso)

Arvore de asce

"Ge

Ricardo Negrão Netto . . . .
Nascido á 8 de Março de 1923

Ricardo Negrão Filho . . . .
Nascido a 20 de Janeiro de 1871
(Viuvo de Maria Francisca Negrão)

Casado a 12 de Outubro de 1910
em 2.as nupcias com sua cunhada

Major
Ricardo de Souza Dias Negrão
Nascido a 24 de Janeiro de 1835

Cap. João de Souza Dias Negrão
Nascido a 19 de Dezembro de 1833

Casado a 3 de Agosto de 1862

Rita Maria Lustoza de Andrade
Nascida a 15 de Outubro de 1807
e fallecida a 28 de Fevereiro 1870

Casada a 10 de Setembro de 1828

Sto. mór
Ignacio Lustoza de Andrade . .
nascido em 1776 e fallecido a 20
de Setembro de 1834.

Casado em Paranaguá entre 1790
a 1795

Capitão
João de Souza Dias Negrão
Nascido em Maio de 1789 e falle-
cido a 28 de Setembro de 1866

Casado

João de Souza Dias
armador portuguez, fallecido em
um naufragio nas Indias entre 1800
a 1810

Joanna Dias . . . . . .
sobreviveu 1 anno a seu marido

Tte. Antonio Martins Lustoza
Nascido a 23 de Fevereiro de 1733
e fallecido a 15 de Novembro 1794

Casado

Maria Catharina de Moraes
Cordeiro
fallecida em 1844

Isabel Maria de Andrade. . . .
Nascida a 8 de Outubro de 1736
e fallecida a 2 de Março de 1788

Casado a 25 de Outubro de 1734

Guarda-mór
Francisco Martins Lustoza . .
Nascido em 1700 e fallecido a 16
de Março de 1790

Maria Soares de Carvalho .
Natural de Mogy das Cruzes

Antonio Rodrigues de Andrade
Nascido em 1697 e fallecido a 27
de Junho de 1769

Maria do Valle . . . . . .
Nascida a 27 de Julho de 1705 e
fallecida a 28 de Set. de 1774

Antonio Martins
Genealogia Paulistana Vol.6 Pag. 478
Naturaes de Santiago de Lustoza
Angela Gomes

João Rodrigues de Carvalho
Natural de Braga - Portugal

Thereza Soares de Jesús
Natural de Mogy das Cruzes

Cap. Lourenço de Andrade . .
Nascido em 1669 e fallecido a 18
de Fevereiro de 1773

Casado

Isabel Rodrigues Seixas . . . .
Nascida em Cananéa e fallecida a
15 de Março de 1744 com 90 annos

João Ribeiro do Valle . . . .
Casado

Isabel Soares Paes . . . . . .
Nascida a 8 de Julho de 1684 e
fallecida a 10 de Maio de 1760

Sto. mór
Antonio dos Santos Pinheiro. .
Tabellião de 1747 a 1794
Natural de Paranaguá

Manoel dos Santos Chaves
Natural da Praça de Chaves

Maria Josepha do Nascimento
Natural de Setubal

Anna Gonçalves Cordeiro . .
Natural de Paranaguá

Capitão
Gaspar Gonçalves de Moraes . .
fallecido em 1775. Foi tabellião
em 1731

Catharina de Senne . . . .

Pedro de Moraes Monforte . .
fallecido antes de 1731, assignou a
petição da creação da Justiça de
Curityba em 29 de Março de 1693

Catharina de Lemos . . . .
Era viuva e ja decrepita em 1731

Casado

Capitão
Francisco Ferreira do Valle . . .
fallecido em 1777

Joanna Cordeiro Mathozo .
fallecida em 1762

Marcos de Andrade
Natural de Dornellas - Vizeu
Catharina Luiz

Cap. João Rodrigues Seixas .
Casado
Maria Maciel Barbosa

Domingos Francisco
Casado
Maria do Valle naturaes do Porto

Manoel Soares . . . . . .
Natural de Lisboa - Fallecido a 8
de Fevereiro de 1705
Casado antes de 1693
Maria das Neves Paes . . . .

Anna Mathoso Mourato . . .

Manoel de Lemos Conde
Provedor das minas de Paranaguá.
Falleceu em 1691.

Maria Ferreira do Valle

Domingos Pinto do Rego . .

Cap. Antonio Luiz Mathozo
fallecido antes de 1717

Arvore de ascendentes da Familia Negrão

"Genealogia Paranaense"

POR

Francisco Negrão

1926

Guarda-mór
Francisco Martins Lustoza . . Nascido em 1700 e fallecido a 16 de Março de 1790
Casado
Maria Soares de Carvalho . . Natural de Mogy das Cruzes

Antonio Martins — Genealogia Paulistana Vol.6 Pag. 478
Naturaes de Santiago de Lustoza
Angela Gomes

João Rodrigues de Carvalho — Natural de Braga - Portugal
Thereza Soares de Jesús — Natural de Mogy das Cruzes

Antonio Rodrigues de Andrade — Nascido em 1697 e fallecido a 27 de Junho de 1769
Casado a 25 de Outubro de 1734
Maria do Valle . . . . . Nascida a 27 de Julho de 1705 e fallecida a 28 de Set. de 1774

Cap. Lourenço de Andrade . . Nascido em 1669 e fallecido a 18 de Fevereiro de 1773
Casado
Isabel Rodrigues Seixas . . . Nascida em Cananéa e fallecida a 15 de Março de 1744 com 90 annos

Marcos de Andrade — Natural de Dornellas - Vizeu
Catharina Luiz

Cap. João Rodrigues Seixas — Casado
Maria Maciel Barbosa

Antonio Rodrigues Seixas — Natural da Villa de Vianna-Portugal — Vol. 6, pag. 478 da Gen. Paulistana
Casado
Catharina Martins — Natural da Villa de Vianna-Portugal

João Ribeiro do Valle . . . . Casado
Isabel Soares Paes . . . . . Nascida a 8 de Julho de 1684 e fallecida a 10 de Maio de 1760

Domingos Francisco
Casado
Maria do Valle naturaes do Porto

Manoel Soares . . . . . Natural de Lisboa - Fallecido a 8 de Fevereiro de 1705
Casado antes de 1693
Maria das Neves Paes . . . .

Gonçalo Soares Pazes
Anna Gonçalves

Cp. Balthazar Carrasco dos Reis — fallecido a 15 de Outubro 1697
Casado antes de 1645
Isabel Antunes . . . . . fallecida antes de seu marido

Manoel dos Santos Chaves — Natural da Praça de Chaves
Maria Josepha do Nascimento — Natural de Setubal

Miguel Garcia Carrasco. Natural de S. Lucas de Canna Verde-Hespanha. - Vol. 6 pag. 469 G. Paulistana
Foi um dos signatarios da acclamação de Amador Bueno da Ribeira juntamente com os fidalgos hespanhoes que a promoveram. Em 1641, a 3 de Abril, em S. Paulo, assignou a acclamação de D. João IV.

Margarida Fernandes . . . .

Balthazar Gonçalves Malio
Jeronyma Fernandes Preto .

André Fernandes — fallecido em 1588 — Vol. 6., pag. 468 Gen. Paulistana
Maria Paes — fallecida em 1618

João de Pinã . . . . . Natural de Itanhaen — falleceu em 1645
Domingas Antunes . . . . .

Braz de Pinã
Isabel Lopes

Bartholomeu Rodrigues — fallecido em 1610
Maria Lucas . . . . . fallecida em 1635

Gaspar Fernandes
Domingas Antunes . . . . . fallecida em 1624

Antonio Preto — De nobreza provada e *sua mulher*, vieram para o Brasil em 1562 — Vol. 5., pag. 214 Gen. Paulistana

Capitão
Gaspar Gonçalves de Moraes . . fallecido em 1775. Foi tabellião em 1731
Casado
Catharina de Senne . . . .

Pedro de Moraes Monforte . . fallecido antes de 1731, assignou a petição da creação da Justiça de Curityba em 29 de Março de 1693
Catharina de Lemos . . . . Era viuva e ja decrepita em 1731

Anna Mathoso Mourato . . .

Manoel de Lemos Conde — Provedor das minas de Paranaguá. Falleceu em 1691.

Valentim Cordeiro . . . . . fallecido em 1648
casado em 1634
Anna Mourato . . . . . .

Gaspar Cordeiro
Anna Mathoso

Manoel Mourato Coelho — fallecido em 1646 — foi celebre bandeirante
Maria Rodrigues Alvarenga .

Antonio Rodrigues Alvarenga — Natural da cidade de Lamego — fallecido em 1614
Anna Ribeiro . . . . . fallecida em 23 de Out. de 1647

Balthazar Alvarenga — De nobreza provada
Messia Monteiro

Estevão Ribeiro Bayão Parente Vol. 7., pag. 166 Gen. Paulistana — Natural de Beja
Magdalena Fernandes Feijó de Madureira Vol. 5., pag. 214 Gen. Paulistana — Natural do Porto - Portugal

Capitão
Francisco Ferreira do Valle . . . fallecido em 1777
Casado
Joanna Cordeiro Mathozo . . fallecida em 1762

Maria Ferreira do Valle
Domingos Pinto do Rego . .

Cap. André Cursino de Mattos
Casado
Anna Pinto da Silva . . . .

José Monteiro de Mattos . . e sua 1.ª mulher
Anna Violante

Antonio Monteiro de Mattos e sua mulher...

Diogo Pinto do Rego. . . . .
Maria de Brito e Silva . . . .

Antonio Pinto do Rego . . . .
Isabel do Rego . . . . . .

Manoel Paes da Costa — Vol. 2., pag. 189 Gen. Paulistana
Francisca do Rego Pinto

Paulo Rodrigues Brandão
Catharina Paes

Domingos de Britto Peixoto . .
Anna da Guerra Prado . . .

Domingos de Britto Peixoto — Vol. 2., pag. 189 Gen. Paulistana
Sebastiana da Silva

Francisco Rodrigues da Guerra
Lucrecia Leme . . . . . .

Helena do Prado . . . . . .

João do Prado
Felippa Vicente . . . . . .

Pedro Vicente
Maria de Faria

Cap. Antonio Luiz Mathozo — fallecido antes de 1717
Catharina de Senne

milia Negrão

ense"

al de S. Lucas de Canna Verde-Hespanha. - Vol. 6 pag. 469 G. Paulistana
ação de Amador Bueno da Ribeira juntamente com os fidalgos hespanhoes
de Abril, em S. Paulo, assignou a acclamação de D. João IV.

Balthazar Gonçalves Malio
Jeronyma Fernandes Preto .
  - *André Fernandes* fallecido em 1588 Vol. 6., pag. 468 Gen. Paulistana
  - *Maria Paes* fallecida em 1618

Braz de Pinã
Isabel Lopes

Bartholomeu Rodrigues fallecido em 1610

Maria Lucas . . . . . fallecida em 1635
  - *Gaspar Fernandes*
  - *Domingas Antunes* . . . . . fallecida em 1624
    - *Antonio Preto* De nobreza provada e *sua mulher,* vieram para o Brasil em 1562

Antonio Rodrigues Alvarenga Natural da cidade de Lamego fallecido em 1614
  - *Balthazar Alvarenga* Vol. 5., pag. 214 Gen. Paulistana
  - De nobreza provada *Messia Monteiro*

Anna Ribeiro . . . . . fallecida em 23 de Out. de 1647
  - *Estevão Ribeiro Bayão Parente* Vol. 7., pag. 166 Gen. Paulistana
  - Natural de Beja *Magdalena Fernandes Feijó de Madureira* Vol. 5., pag. 214 Gen. Paulistana

Antonio Monteiro de Mattos e sua mulher...
Natural do Porto - Portugal

Antonio Pinto do Rego . . . .
  - *Manoel Paes da Costa* Vol. 2., pag. 189 Gen. Paulistana
  - *Francisca do Rego Pinto*

Isabel do Rego . . . . . .
  - *Paulo Rodrigues Brandão*
  - *Catharina Paes*

Domingos de Britto Peixoto .
  - *Domingos de Britto Peixoto* Vol. 2., pag. 189 Gen. Paulistana
  - *Sebastiana da Silva*

Francisco Rodrigues da Guerra
João do Prado



Ricardo Negrão Netto . . . .
Nascido á 8 de Março de 1923

Ricardo Negrão Filho . . . .
Nascido a 20 de Janeiro de 1871
(Viuvo de Maria Francisca Negrão)

Casado a 12 de Outubro de 1910
em 2.as nupcias com sua cunhada

Esther da Luz Negrão . . .

Cap. João de Souza Dias Negrão
Nascido a 19 de Dezembro de 1833

Casado a 3 de Agosto de 1862

Maria Euphrasia da Luz Negrão

Maria Francisca da Luz Negrão

Casado a 24 de Novembro de 1866

Capitão
João de Souza Dias Negrão
Nascido em Maio de 1789 e fallecido a 28 de Setembro de 1866

João de Souza Dias
armador portuguez, fallecido em um naufragio nas Indias entre 1800 a 1810

Casado

Joanna Dias . . . . . .
sobreviveu 1 anno a seu marido

Cap. Manoel Cordeiro Gomes
Nascido em 25 de Dezembro de 1818 e fallecido a 27 de Dezembro 1861

Casado em 30 de Outubro 1838

Antonio Gomes . . . . . .
Natural de Braga-Portugal, fallecido em Julho de 1850

Casado

Anna Euphrasia Monteiro de Mattos
Nascida em Paranaguá em 1796 e fallecida em 1837

Sto. mór
Antonio Ricardo dos Santos . .
fallecido em 1862

casado a 9 de Dezembro de 1814,
em 2.as nupcias com

Maria Francisca Gomes . . .
Nascida a 27 de Maio de 1821 e fallecida a 27 de Janeiro de 1901

Maria da Luz Paraizo . . .
fallecida a 18 de Maio de 1827

Casado

Maria da Luz . . . . . .
Nascida em 1770 e fallecida a 30 de Setembro de 1802

Cap. Manoel Gonçalves Cordeiro do Nascimento . . . . .
Nascido em 1744 e fallecido a 9 de Abril de 1834

Casado

Cap. Manoel Lourenço Pontes
Natural de Cananéa

Maria Cardoso de Lima . . .

Salvador Gomes . . . . . .

Naturaes de S. Lourenço da Capella Braga-Portugal

Maria Josepha de Britto Lima

Cl Francisco Gonçalves Cordeiro
Nascido em 1759 e fallecido em 9 de Março de 1811

Casado

Dorothéa Luiza Monteiro de Mattos
fallecida em 10 de Fev. de 1837

Capitão
Gaspar Gonçalves de Moraes . .
fallecido em 1775

Casado

Catharina de Senne . . . .
fallecida em 1778

Cap. mór
Antonio Ferreira Mathoso . .
fallecido antes de 1837

Maria da Conceição. . . . .
fallecida antes de 1837

Capitão
Gaspar Gonçalves de Moraes..
fallecido em 1775

Catharina de Senne. . . . .
fallecida em 1788

Raymundo José Sanabio . . .
Natural da Ilha da Madeira fallecido em Morretes em 1801

Euphrosina da Silva Freire.
Nascida em 1740 e fallecida a 1.º de Agosto de 1827.

Anna Gonçalves Cordeiro . .
Natural de Paranaguá

Casado

Catharina de Senne . . . .

Era viuva e ja decrepita em 1731

Manoel de Lemos Conde
Provedor das minas de Paranaguá.
Falleceu em 1691.

Capitão
Francisco Ferreira do Valle . . .
fallecido em 1777

Casado

Joanna Cordeiro Mathozo . .
fallecida em 1762

Pedro de Moraes Monforte
fallecido antes de 1731

Catharina de Lemos . . . .
fallecida depois de 1731

Cap. Francisco Fer.a do Valle
fallecido em 1777

Joanna Cordeiro Mathoso .

Cap. Francisco Fer.a do Valle
Joanna Cordeiro Mathoso . .

Cel. Anastacio de Freitas Trancoso
o velho. Fallecido em 1742

Maria de Assumpção . . . .

Capitão
Gaspar Gonçalves de Moraes . .
fallecido em 1775

Catharina de Senne . . . .
fallecida em 1778

Provedor das minas
Gaspar Teixeira de Azevedo .
fallecido em 1712

Catharina de Ramos . . . .

Cap. Francisco Fer.a do Valle
Joanna Cordeiro Mathozo . .

Maria Ferreira do Valle

Domingos Pinto do Rego . .

Casado

Anna Pinto da Silva

Cap. Antonio Luiz Mathozo
fallecido antes de 1717

Catharina de Senne

Anna Mathoso Mourato . . .
fallecida depois de 1695

Cap. Manoel de Lemos Conde

Domingos Pinto do Rego

Maria Ferreira do Valle

Cap. Antonio Luiz Mathoso

Catharina de Senne

ja descriptos

Anna Mathoso Mourato . . .
fallecida depois de 1695

Cap. Manoel de Lemos Conde

Domiogos Pinto do Rego . .

Maria Ferreira do Valle

Cap. Antonio Luiz Mathoso
Catharina de Senne

Cap. André Cursino

Casado

Anna Pinto da Silva

Valentim Cordeiro
fallecido em 1643

Casado em 1634

Anna Mourato . .

Ja descriptos

Cap. André Cursino

Anna Pinto da Silva

Valentim Cordeiro

Anna Mourato

Domingos de Carvalh

Maria Teixeira de A
Cartorio do Snr. Gabr
de Curityba (Testamen

Manoel da Cunha G

Antonia de Siqueira
Natural de S. Paulo. F
testamento em Curityb

Domingos Rodrigues

Isabel dos Passos

Cap. mór de Para
Francisco da Silva M
e de sua mulher... fallecid

Cap. mór João Rodrig
fallecido em 1717

Francisca Pinheiro

Isabel da Silva . . . . . .
Nascida em 1675 e fallecida depois de seu marido

Cap. Antonio Esteves Freire .
fallecido em Março de 1729

Cap. Francisco da Silva Freire
nascido em 1715

Josepha Rodrigues de França
fallecida em 1762

Francisco Rodrigues Goudinho

Maria de Ascenção . . . .
fallecida em Agosto de 1742

Francisco Xavier

Maria Leme da Silva

Felicia Xavier Barbosa . . .

Sto. mór
Domingos Cardoso de Lima

Domingos Gonçalves Sanabio
Vol. 6.º, pag. 488 da Gen.ª Paul.

Barbara Machado

Capitão
Gaspar Gonçalves de Moraes . . .
fallecido em 1775. Foi tabellião em 1731

Casado

Catharina de Senne . . . .

Capitão
Francisco Ferreira do Valle . . .
fallecido em 1777

Casado

Joanna Cordeiro Mathozo . . .
fallecida em 1762

Curityba em 29 de Março de 1693

Catharina de Lemos . . . .
Era viuva e ja decrepita em 1731

Anna Mathoso Mourato . . .

Manoel de Lemos Conde
Provedor das minas de Paranaguá.
Falleceu em 1691.

Maria Ferreira do Valle

Domingos Pinto do Rego . . .

Cap. Antonio Luiz Mathozo
fallecido antes de 1717

Catharina de Senne

casado em 1634

Anna Mourato . . . . . .

Cap. André Cursino de Mattos

Casado

Anna Pinto da Silva . . . .

Manoel Mourato Coelho
fallecido em 1646
foi celebre bandeirante

Maria Rodrigues Alvarenga .

José Monteiro de Mattos . . .
e sua 1.ª mulher

Anna Violante

Antonio Rodrigues Alvarenga
Natural da cidade de Lamego
fallecido em 1614

Anna Ribeiro . . . . . .
fallecida em 23 de Out. de 1647

Antonio Monteiro de Mattos
e sua mulher...

fallecida em 1635

Balthazar Alvarenga
De nobreza provada
Messia Monteiro

Vol. 5., pag. 214 Gen. Paulistana

Estevão Ribeiro Bayão Parente
Natural de Beja
Vol. 7., pag. 166 Gen. Paulistana

Magdalena Fernandes Feijó de Madureira
Natural do Porto - Portugal
Vol. 5., pag. 214 Gen. Paulistana

Domingas Antunes . . . . .
fallecida em 1624

sua mulher, vieram para o Brasil em 1562

Diogo Pinto do Rego. . . .

Maria de Brito e Silva . . .

Manoel Paes da Costa
Vol. 2., pag. 189 Gen. Paulistana

Francisca do Rego Pinto

Antonio Pinto do Rego . . .

Isabel do Rego . . . . . .

Paulo Rodrigues Brandão
Catharina Paes

Domingos de Britto Peixoto .
Vol. 2., pag. 189 Gen. Paulistana

Sebastiana da Silva

Anna da Guerra Prado . . .

Francisco Rodrigues da Guerra

Lucrecia Leme . . . . . .

Helena do Prado . . . . . .

Pedro Leme . . . . . .

João do Prado

Felippa Vicente . . . . . .

Braz Esteves

Leonor Leme. . . . . .

Pedro Vicente

Maria de Faria

Pedro Leme . . .
e sua 2.a mulher

Luzia Fernandes

Capella

o Lima

Capitão
Gaspar Gonçalves de Moraes . .
fallecido em 1775

Casado

Catharina de Senne . . . .
fallecida em 1778

Pedro de Moraes Monforte
fallecido antes de 1731

Catharina de Lemos . . . .
fallecida depois de 1731

Cap. Francisco Fer.a do Valle
fallecido em 1777

Joanna Cordeiro Mathoso .

Anna Mathoso Mourato . . .
fallecida depois de 1695

Cap. Manoel de Lemos Conde

Domingos Pinto do Rego

Maria Ferreira do Valle

Cap. Antonio Luiz Mathoso

Catharina de Senne

Valentim Cordeiro . . . . .
fallecido em 1643

Casado em 1634

Anna Mourato . . . . . .

Ja descriptos

Gaspar Cordeiro

Anna Mathoso

Manoel Mourato Coelho
Fallecido em 1646
Celebre bandeirante

Maria Rodrigues Alvarenga. .

Antonio Rodrigues Alvarenga

Anna Ribeiro . . . . . .

Balthasar Alvarenga
De nobreza provada

Messia Monteiro

Estevão Ribeiro Bayão Parente
Vol. 7., pag. 166 Gen. Paulistana

Magdalena Fernandes Feijó Madureira
Vol. 5., pag. 214 Gen. Paulistana

Cap. mór
Antonio Ferreira Mathoso . .
fallecido antes de 1837

Maria da Conceição. . . . .
fallecida antes de 1837

Cap. Francisco Fer.a do Valle

Joanna Cordeiro Mathoso . .

ja descriptos

Cel. Anastacio de Freitas Trancoso
o velho. Fallecido em 1742

Maria de Assumpção . . . .

Provedor das minas
Gaspar Teixeira de Azevedo .
fallecido em 1712

Catharina de Ramos . . . .

Domingos de Carvalho

Maria Teixeira de Azevedo
Cartorio do Snr. Gabriel Ribeiro, de Curityba (Testamento de 1711)

Manoel da Cunha Gago

Antonia de Siqueira de Almeida
Natural de S. Paulo. Falleceu com testamento em Curityba em 1729

Lourenço de Amores

Ursula de Almeida

Pontes

Felicia Xavier Barbosa . . .

Sto. mór
Domingos Cardoso de Lima

Francisco Xavier

Maria Leme da Silva

Capitão
Gaspar Gonçalvesde Moraes..
fallecido em 1775

Catharina de Senne. . . . .
fallecida em 1788

Catharina de Lemos . . . .
fallecida depois de 1731

Pedro de Moraes Monforte

Cap. Francisco Fer. do Valle

Joanna Cordeiro Mathozo . .

Domiogos Pinto do Rego . .

Maria Ferreira do Valle

Cap. Antonio Luiz Mathoso

Catharina de Senne

Anna Mathoso Mourato . . .
fallecida depois de 1695

Cap. Manoel de Lemos Conde

Valentim Cordeiro

Anna Mourato

Com ascendentes acima

Cap. André Cursino de Mattos

Anna Pinto da Silva . . . .

José Monteiro de Mattos . . .
e sua primeira mulher

Anna Violante

Antonio Monteiro de Mattos
e sua primeira mulher...

Diogo Pinto do Rego . . . . .

Maria de Brito e Silva . . .

Com ascendentes acima

Raymundo José Sanabio . . .
Natural da Ilha da Madeira fallecido em Morretes em 1801

Euphrosina da Silva Freire.
Nascida em 1740 e fallecida a 1.º de Agosto de 1827.

Domingos Gonçalves Sanabio
Vol. 6.º, pag. 488 da Gen. Paul.

Barbara Machado

Cap. Francisco da Silva Freire
nascido em 1715

Josepha Rodrigues de França
fallecida em 1762

Isabel da Silva . . . . . .
Nascida em 1675 e fallecida depois de seu marido

Cap. Antonio Esteves Freire .
fallecido em Março de 1729

Francisco Rodrigues Goudinho

Maria de Ascenção . . . .
fallecida em Agosto de 1742

Domingos Rodrigues da Silva

Isabel dos Passos

Cap. mór de Paranaguá
Francisco da Silva Magalhães
e de sua mulher... fallecido em 1659

Cap. mór João Rodrigues França
fallecido em 1717

Francisca Pinheiro

ARVORE ORGANISADA

por

Francisco Negrão

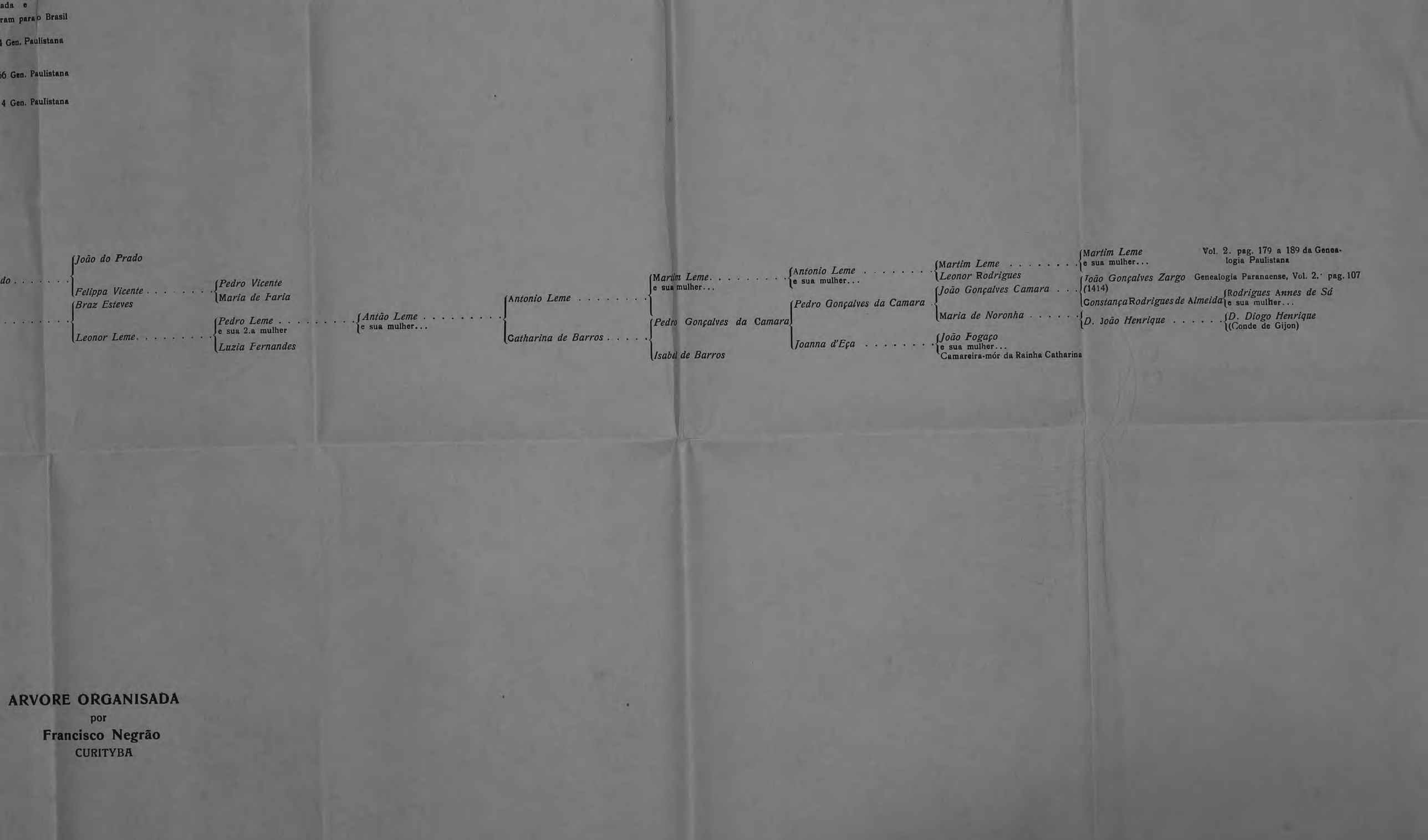
CURITYBA

ada e
ram para o Brasil

4 Gen. Paulistana

56 Gen. Paulistana

4 Gen. Paulistana



Vol. 2. pag. 179 a 189 da Genealogia Paulistana

Genealogia Paranaense, Vol. 2.º pag. 107

ARVORE ORGANISADA
por
Francisco Negrão
CURITYBA

Familia Macedo

Manoel Ribeiro de Macedo
(O velho)
Viuvo de Leocadia Lourenço das Dores

- *Manoel Ribeiro Calado*
- *Catharina Ribeiro de Macedo*
  - *Bento Ribeiro Guimarães*
    Elle e sua mulher professaram em Paranaguá a 5 de Fevereiro de 1757
    Ella falleceu em Antonina a 28 de Outubro de 1786
  - *Maria Correa de Macedo.* . .
    Irmã do Padre Francisco Borges Correa, fallecido em Porto Alegre, antes de 1799. Tambem era mãe de Catharina Macedo, casada com Manoel Ribeiro Callado
    - *João Correa da Fonseca*
      Ja era fallecido em 13 de Agosto de 1799 quando falleceu sua mulher, como se vê do testamento desta
    - *Catharina Macedo Baldraga* .
      C. O. Curityba

Cartorio Orphãos de Curityba-Livro de Copia de Testamentos - Ver Test. de sua avó Catharina Macedo Baldraga, viuva de João Correa Fonseca

Casado em 2.as nupcias com

- *Duarte de Tavora Gambôa* . .
  viuvo de Anna de Moraes e 2.a mulher
  - *Antonio de Tavora*
  - *Catharina de Macedo*
- *Maria Cerqueira Leme* . . . .
  Genealogia Paulistana
  volume 7 - pag. 203
  » 3 - pag. 535
  - *Sto. mór*
    Antonio de Oliveira Vargas . .
    Com relevantes serviços de guerra em Pernambuco
    Casado na Parahyba em 1677
    - *Anna Borges de Cerqueira* . .
      Gen. Paul. - vol. 3 fls. 523 e 535
      - *Lucrecia Leme*
      - *Gaspar Barret*
      - Fallecido em 16
    - *Fernando de Oliveira Vargas* .
      Natural de Algarve-Falleceu em 1653
      - *Jeronymo Pedr*
      - *Izabel Gomes*
  - *Maria de Almeida.* . . . .
    - *Lourenço Correia Ribeiro.* . .
      e 1.a mulher
      - *Serafim Corre*
        Natural de Guim
        Nasceu em 1610
        lo em 1634
      - *Isabel do Anh*
    - *Maria Pereira de Azevedo.* . .
      Genealogia Paulistana
      volume 7 - pag. 203
      » 8 - pag. 535
      - *Antonio Pereir*
        Caval. Ordem d
        Natural da Bahia
        Prestou relevante
        ra contra a Holl
      - *Virginia Misse*

Francisca de Paula Pereira de Macedo

- *Tenente José Luiz Pereira* . .
  - *Guarda-mór*
    Luiz Manoel Pereira
  - *Maria Lemos de Assumpção*
    - *Sto. mór*
      Ignacio Lustoza de Andrade . .
      nascido em 1776 e fallecido a 20 de Setembro de 1834.
      - *Tte. Antonio Martins Lustoza*
        Nascido a 23 de Fevereiro de 1733 e fallecido a 15 de Novembro 1794
        - *Guarda-mór*
          Francisco Martins Lustoza . .
          Nascido em 1700 e fallecido a 16 de Março de 1790
          - *Antonio Martins*
            Genealogia Paulistana Vol.6 Pag. 478
            Naturaes de Santiago de Lustoza
          - *Angela Gomes*
        - *Maria Soares de Carvalho* . .
          Natural de Mogy das Cruzes
          - *João Rodrigues de Carvalho*
            Natural de Braga - Portugal
          - *Thereza Soares de Jesús*
            Natural de Mogy das Cruzes
      - Casado a 9 de Fevereiro de 1764
        - *Cap. Lourenço de Andrade* . .
          Nascido em 1669 e fallecido a 18 de Fevereiro de 1773
          - *Marcos de Andrade*
            Natural de Dornellas - Vizeu
          - *Catharina Luiz*
        - Casado
        - *Isabel Rodrigues Seixas.* . . .
          Nascida em Cananéa e fallecida a 15 de Março de 1744 com 90 annos
          - *Cap. João Rodrigues Seixas.* .
            Casado
            - *Antonio Rodri*
              Natural da Villa
              Vol. 6, pag. 478
              Casado
            - *Catharina Ma*
              Natural da Villa
          - *Maria Maciel Barbosa*
            - *Domingos Francisco*
      - *Isabel Maria de Andrade* .
        Nascida a 8 de Outubro de 1736 e fallecida a 2 de Março de 1788
        - *Antonio Rodrigues de Andrade*
          Nascido em 1697 e fallecido a 27 de Junho de 1769
          - Casado a 25 de Outubro de 1734

Arvore de ascendentes da Familia Macedo

"Genealogia Paranaense"

POR

Francisco Negrão

- 1926 -

onio de Tavora

tharina de Macedo

Sto. mór
onio de Oliveira Vargas . .
relevantes serviços de guerra
Pernambuco
ado na Parahyba em 1677

Anna Borges de Cerqueira . .
Gen. Paul. - vol. 3 fls. 523 e 535

Fernando de Oliveira Vargas .
Natural de Algarve-Falleceu em 1653

Lucrecia Leme Borges Cerqueira
Gaspar Barreto
Fallecido em 1629

Jeronymo Pedrozo
Izabel Gomes

Lourenço Correia Ribeiro . . .
e 1.a mulher

Serafim Correia . . . . .
Natural de Guimarães
Nasceu em 1610—Casou em S. Paulo em 1634

Isabel do Anhaya . . . . .

ia de Almeida . . . . .

Antonio Pereira de Azevedo . .
Caval. Ordem de Christo
Natural da Bahia, fal. em Parnahyba
Prestou relevantes serviços na Guerra contra a Hollanda, em 1647

Maria Pereira de Azevedo . . .
Genealogia Paulistana
volume 7 - pag. 203
» 8 - pag. 535

Virginia Missel . . . . .

onio Martins
ealogia Paulistana Vol. 6 Pag. 478
raes de Santiago de Lustoza

ela Gomes

Rodrigues de Carvalho
ral de Braga - Portugal

reza Soares de Jesús
ral de Mogy das Cruzes

Lourenço de Andrade . .
do em 1669 e fallecido a 18
evereiro de 1773

Marcos de Andrade
Natural de Dornellas - Vizeu
Catharina Luiz

Antonio Rodrigues Seixas
Natural da Villa de Vianna-Portugal
Vol. 6, pag. 478 da Gen. Paulistana
Casado

Cap. João Rodrigues Seixas .
Casado

Catharina Martins
Natural da Villa de Vianna-Portugal

el Rodrigues Seixas . . . .
da em Cananéa e fallecida a
e Março de 1744 com 90 annos

Maria Maciel Barbosa

Ribeiro do Valle . . . .
do

Domingos Francisco
Casado
Maria do Valle naturaes do Porto

Gonçalo Soares Pazes

el Soares Paes . . . . . .
da a 8 de Julho de 1684 e
da a 10 de Maio de 1760

Manoel Soares . . . . . .
Natural de Lisboa - Fallecido a 8 de Fevereiro de 1705
Casado antes de 1693

Anna Gonçalves

Cp.Balthazar Carrasco dos Reis
fallecido a 15 de Outubro 1697

Maria das Neves Paes

Simão Borges de Cerqueira . .
Natural de Mezamfrio
Moço fidalgo da casa do Rei D. Henrique

Leonor Leme . . . . . .
Gen. Paulistana - vol. 3 fls. 511

Belchior Borges Souza de Louzadas
Fidalgo cavalleiro de S. Thiago

Feliceta Cerqueira

Lourenço Correia
Margarida Bernardes

Fernando Dias Paes . . . .
(Tio de sua mulher)
e segunda mulher

Lucrecia Leme . . . . . .
G. Paulistana-vol. 2, fls. 186 e 443

Maria Coelho . . . . . .
Paulo de Anhaya — De descendencia Castelhana
Natural do Porto—Portugal

Francisco Vaz Coelho
Nat. do Porto, Fal. em S. Paulo 1624
Izabel de Almeida Proença . .

Manoel de Azevedo
Maria Pereira

João Missel Gigante . . . .

João Missel Gigante

Izabel Gonçalves . . . . .

Constança de Oliveira . . .

Antonio de Oliveira
Falleceu em 1613

Angela Fernandes . . . .

Pedro Leme . . . . . .
e primeira mulher
Izabel Paez

Braz Teves ou Esteves
Natural da Ilha da Madeira

Leonor Leme . . . . . .

Maria Castanho . . . . .
De nobreza de sangue
Natural de Belmonte
Casada em S. Paulo em 1564

Antonio de Proença
Raptou uma freira de um convento pelo que foi obrigado a emigrar para o Brasil, sendo a freira presa.
Fallecido em S. Paulo em 1605.

Antonio de Oliveira Gago . . .
Izabel Gonçalves

Manoel Fernandes de Ramos
veio para o Brasil na 2.a metade do seculo 16 — Natural de Moura, Portugal, donde passou a S. Vicente, onde exerceu os cargos da Governança.

Suzanna Dias . . . . . .

Antão Leme . . . . . .

Pedro Leme . . . . . .
e segunda mulher
Luzia Fernandes

Antonio Leme . . . . . .

Catharina de Barros . . .

Adão Leme
Com ascendentes descriptos em Fernando Dias Pais

Cap.m mór de S. Vicente Antonio Rodrigues de Almeida
Nat. de Monte mór o novo—Portugal. Fidalgo, passou ao Brasil em 1547. Prestou relevantes serviços ao Donatario da Capitania, ao Rei e a Deus. Achando-se em todos os assaltos e guerras dos gentios Tamoyos·—casado com:

Maria Castanho.

Cap.m mór de S. Vicente
Antonio de Oliveira
Cavalleiro fidalgo, veio para o Brasil em 1537, Loco Tenente do Donatario Martim Affonso de Souza, de 1538 em diante.

Genebra Leitão de Vasconcellos
Gen Paulistana - vol. 8 fl. 483

Martim Leme . . . . . .
Abastado em bens-resid. na Madeira

Izabel de Barros
Pedro Gonçalves Camara . .
Gen. Paulistana - vol. 2 fl. 180

Antonio Leme . . . . . .
Fidalgo

Pedro Gonçalves Camara . .

Joanna d'Eça . . . . . .

Lopo Dias

Beatriz Dias . . . . . .
Gen. Paulistana - vol. 7 fl. 257

Martim Affonso Tebericá
Regulo de Piratininga
vol. 1 fl. 48 — vol. 9 fl. 66

Miguel Garcia Carrasco. Natural de S. Lucas de Canna Verde-Hespanha. - Vol. 6 pag. 469 G. Paulistana
Foi um dos signatarios da acclamação de Amador Bueno da Ribeira juntamente com os fidalgos hespanhóes que a promoveram. Em 1641, a 3 de Abril, em S. Paulo, assignou a acclamação de D. João IV.

Balthazar Gonçalves Malio

André Fernandes

ARVORE ORGA
por
Francisco Ne
CURITYBA

Familia Macedo

naense"

ão

. . . . . *Antonio Leme* . . . . . Martim Leme . . . . . Abastado em bens-resid. na Madeira

Catharina de Barros . . . *Izabel de Barros*

Pedro Gonçalves Camara . . Gen. Paulistana - vol. 2 fl. 180

Adão Leme
Com ascendentes descriptos em Fernando Dias Pais

s

. Vicente Antonio Rodrigues de Almeida
r o novo—Portugal. Fidalgo, passou ao Brasil em
evantes serviços ao Donatario da Capitania, ao Rei
do-se em todos os assaltos e guerras dos gentios
o com:

.

e S. Vicente
eira
veio para o Bra-
Tenente do Do-
onso de Souza, de

de Vasconcellos
vol. 8 fl. 483

. . . . . *Martim Affonso Tebericá*
Regulo de Piratininga
vol. 7 fl. 257 vol. 1 fl. 48 — vol. 9 fl. 66

Antonio Leme . . . . . Fidalgo

Pedro Gonçalves Camara . .

Joanna d'Eça . . . . . *João Fogaça*
com a camareira-mór da Rainha Catharina

Martim Leme . . . . . com *(Leonor Rodrigues)*
Gen. Paulistana - vol. 2, fl. 179

João Gonçalves Camara . .
Fidalgo de alta estima do Rei

Maria de Noronha . . . .

Martim Leme
e sua mulher

João Gonçalves Zargo
Heroico guerreiro. Foi possuidor da metade da Ilha da Madeira de que foi um dos povoadores em 1420

Constança Rodrigues de Almeida

Rodrigo Annes de Sá
Povoad. da Ilha da Madeira em 1420
Gen. Paulistana - vol. 2, pag. 181
Gen. Paranaense - vol. 2, pag. 107

D. João Henrique. . . . .

D. Diogo Henrique
(Conde de Gijon.)

ARVORE ORGANISADA
por
Francisco Negrão
CURITYBA

Francisca de Paula Pereira de Macedo

Tenente José Luiz Pereira . .
- *Guarda-mór* *Luiz Manoel Pereira*
- *Maria Lemos de Assumpção*

Anna Maria Lustoza de Andrade

Sto. mór *Ignacio Lustoza de Andrade* . . nascido em 1776 e fallecido a 20 de Setembro de 1834.

Maria Catharina de Moraes Cordeiro fallecida em 1844

Casado a 9 de Fevereiro de 1764

Tte. Antonio Martins Lustoza Nascido a 23 de Fevereiro de 1733 e fallecido a 15 de Novembro 1794
- *Guarda-mór* *Francisco Martins Lustoza* . . Nascido em 1700 e fallecido a 16 de Março de 1790
  - *Antonio Martins* Genealogia Paulistana Vol.6 Pag.478 Naturaes de Santiago de Lustoza
  - *Angela Gomes*
- Casado
- *Maria Soares de Carvalho* . . Natural de Mogy das Cruzes
  - *João Rodrigues de Carvalho* Natural de Braga - Portugal
  - *Thereza Soares de Jesús* Natural de Mogy das Cruzes

Isabel Maria de Andrade . . Nascida a 8 de Outubro de 1736 e fallecida a 2 de Março de 1788

Casado a 25 de Outubro de 1734

Antonio Rodrigues de Andrade Nascido em 1697 e fallecido a 27 de Junho de 1769
- *Cap. Lourenço de Andrade* . . Nascido em 1669 e fallecido a 18 de Fevereiro de 1773
  - *Marcos de Andrade* Natural de Dornellas - Vizeu
  - *Catharina Luiz*
- Casado
- *Isabel Rodrigues Seixas* . . . Nascida em Cananéa e fallecida a 15 de Março de 1744 com 90 annos
  - *Cap. João Rodrigues Seixas* . .
    - *Antonio Rodrigues Seixas* Natural da Villa de Vianna-Portugal Vol. 6, pag. 478 da Gen. Paulistana
    - Casado
    - *Catharina Martins* Natural da Villa de Vianna-Portugal
  - Casado
  - *Maria Maciel Barbosa*

Maria do Valle . . . . . Nascida a 27 de Julho de 1705 e fallecida a 28 de Set. de 1774
- *João Ribeiro do Valle* . . .
  - *Domingos Francisco*
  - Casado
  - *Maria do Valle* naturaes do Porto
- Casado
- *Isabel Soares Paes* . . . . . Nascida a 8 de Julho de 1684 e fallecida a 10 de Maio de 1760
  - *Manoel Soares* . . . . . Natural de Lisboa - Fallecido a 8 de Fevereiro de 1705 Casado antes de 1693
    - *Gonçalo Soares Pazes*
    - *Anna Gonçalves*
  - *Maria das Neves Paes* . . .
    - *Cp. Balthazar Carrasco dos Reis* fallecido a 15 de Outubro 1697
    - Casado antes de 1645
    - *Isabel Antunes* . . . . . fallecida antes de seu marido

Miguel Garcia Carrasco. Natural de S. L... Foi um dos signatarios da acclamação de A... que a promoveram. Em 1641, a 3 de Abril, ...

Margarida Fernandes . . . .
- *Balthaza...*
- *Jeronym...*

João de Pinã . . . . . Natural de Itanhaen falleceu em 1645
- *Braz de...*
- *Isabel L...*

Domingas Antunes . . . . . fallecido e...
- *Bartholo...*
- *Maria L...* fallecida e...

Sto. mór *Antonio dos Santos Pinheiro* . . Tabellião de 1747 a 1794 Natural de Paranaguá
- *Manoel dos Santos Chaves* Natural da Praça de Chaves
- *Maria Josepha do Nascimento* Natural de Setubal

Anna Gonçalves Cordeiro . . . Natural de Paranaguá
- Casado
- *Capitão* *Gaspar Gonçalves de Moraes* . . fallecido em 1775. Foi tabellião em 1731
  - *Pedro de Moraes Monforte* fallecido antes de 1731, assignou a petição da creação da Justiça de Curityba em 29 de Março de 1693
    - *Anna Mathoso Mourato* . . .
      - *Valentim Cordeiro* . . . . fallecido em 1648 casado em 1634
        - *Gaspar Cordeiro*
        - *Anna Mathoso*
      - *Anna Mourato.* . . . . . .
        - *Manoel Mourato Coelho* fallecido em 1646 foi celebre bandeirante
        - *Maria Rodrigues Alvarenga* . .
    - *Catharina de Lemos* . . . . . Era viuva e ja descripta em 1731
      - *Manoel de Lemos Conde* Provedor das minas de Paranaguá. Falleceu em 1691.
        - *Maria Ferreira do Valle*
        - *Domingos Pinto do Rego* . . .
          - *Cap. André Cursino de Mattos*
            - *José Monteiro de Mattos* . . . e sua 1.ª mulher
            - *Anna Violante*
          - Casado
          - *Anna Pinto da Silva.* . . .
            - *Diogo Pinto do Rego.* . . . .
            - *Maria de Brito e Silva* . . . .
  - Casado
  - *Capitão* *Francisco Ferreira do Valle.* . . fallecido em 1777
    - Casado
    - *Joanna Cordeiro Mathozo* . . fallecida em 1762
      - *Cap. Antonio Luiz Mathozo* fallecido antes de 1717
      - *Catharina de Senne*
  - *Catharina de Senne* . . . . .

ARVORE ORGANISADA

por

Francisco Negrão

CURITYBA

Antonio Rodrigues Seixas
Natural da Villa de Vianna-Portugal
Vol. 6, pag. 478 da Gen. Paulistana
Casado

Catharina Martins
Natural da Villa de Vianna-Portugal

Gonçalo Soares Pazes

Anna Gonçalves

Miguel Garcia Carrasco. Natural de S. Lucas de Canna Verde-Hespanha. - Vol. 6 pag. 469 G. Paulistana
Foi um dos signatarios da acclamação de Amador Bueno da Ribeira juntamente com os fidalgos hespanhóes que a promoveram. Em 1641, a 3 de Abril, em S. Paulo, assignou a acclamação de D. João IV.

Cp. Balthazar Carrasco dos Reis
fallecido a 15 de Outubro 1697

Casado antes de 1645

Balthazar Gonçalves Malio

Jeronyma Fernandes Preto

André Fernandes
fallecido em 1588
Vol. 6., pag. 468 Gen. Paulistana

Maria Paes
fallecida em 1618

João de Pinã
Natural de Itanhaen
falleceu em 1645

Braz de Pinã

Isabel Lopes

Isabel Antunes
fallecida antes de seu marido

Domingas Antunes

Bartholomeu Rodrigues
fallecido em 1610

Valentim Cordeiro
fallecido em 1648
casado em 1634

Gaspar Cordeiro

Anna Mathoso

Maria Lucas
fallecida em 1635

Gaspar Fernandes

Domingas Antunes
fallecida em 1624

Antonio Preto
De nobreza provada e
sua mulher, vieram para o Brasil em 1562

Anna Mourato

Manoel Mourato Coelho
fallecido em 1646
foi celebre bandeirante

Maria Rodrigues Alvarenga

Antonio Rodrigues Alvarenga
Natural da cidade de Lamego
fallecido em 1614

Anna Ribeiro
fallecida em 23 de Out. de 1647

Balthazar Alvarenga
De nobreza provada
Messia Monteiro
Vol. 5., pag. 214 Gen. Paulistana

Estevão Ribeiro Bayão Parente Vol. 7., pag. 166 Gen. Paulistana
Natural de Beja

Magdalena Fernandes Feijó de Madureira Vol. 5., pag. 214 Gen. Paulistana
Natural do Porto - Portugal

Cap. André Cursino de Mattos

José Monteiro de Mattos
e sua 1.ª mulher
Anna Violante

Antonio Monteiro de Mattos
e sua mulher...

Casado

Anna Pinto da Silva

Diogo Pinto do Rego

Antonio Pinto do Rego

Manoel Paes da Costa
Vol. 2., pag. 189 Gen. Paulistana

Francisca do Rego Pinto

Isabel do Rego

Paulo Rodrigues Brandão

Catharina Paes

Maria de Brito e Silva

Domingos de Britto Peixoto

Domingos de Britto Peixoto
Vol. 2., pag. 189 Gen. Paulistana

Sebastiana da Silva

Anna da Guerra Prado

Francisco Rodrigues da Guerra

Lucrecia Leme

Helena do Prado

João do Prado

Felippa Vicente

Pedro Vicente

Maria de Faria

Pedro Leme

Braz Esteves

Leonor Leme

Pedro Leme
e sua 2.a mulher

Luzia Fernandes

Antão Leme
e sua mulher...

Antonio Leme

Catharina de Barros

Martim Affonso Tebericá
Regulo de Piratininga
vol. 1 fl. 48 — vol. 9 fl. 66

Genebra Leitão de Vasconcellos
Gen Paulistana - vol. 8 fl. 483

Lopo Dias

Beatriz Dias
Gen. Paulistana - vol. 7 fl. 257

Suzanna Dias

Manoel Fernandes de Ramos
veio para o Brasil na 2.a metade do seculo 16 — Natural de Moura, Portugal, donde passou a S. Vicente, onde exerceu os cargos da Governança.

Angela Fernandes

Constança de Oliveira

Antonio de Oliveira
Falleceu em 1613

cellos
83

. . 257 { *Martim Affonso Tebériça* Regulo de Piratininga vol. 1 fl. 48 — vol. 9 fl. 66

ARVORE ORGANISADA

por

Francisco Negrão

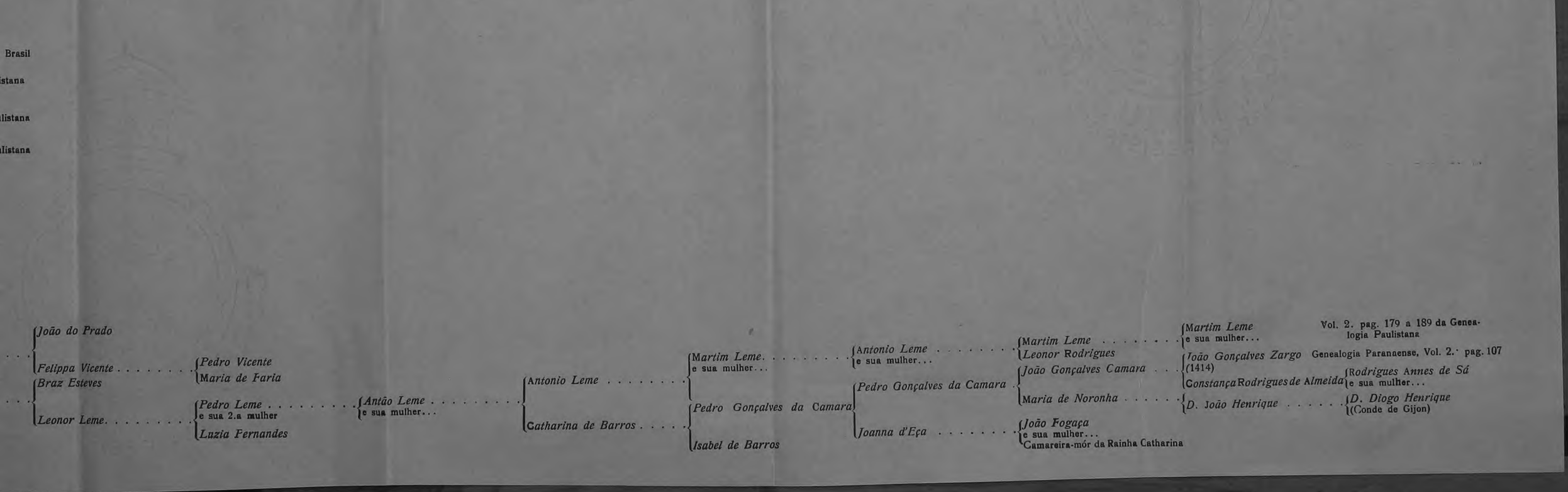
CURITYBA

Brasil

istana

ılistana

ılistana



Vol. 2. pag. 179 a 189 da Genealogia Paulistana

Genealogia Paranaense, Vol. 2.· pag. 107

Arvore de ascendentes das Familias Ribas - Tal

"Genealogia Paranaense"

POR

Francisco Negrão

- 1926 -

Taborda Ribas . . . . . Casado a 17 de Julho de 1786

Cap.m Manoel José Borba Ribas
Natural de Curityba
(Capitão Nano)

Capitão mór de Curityba
Dr. Lourenço Ribeiro de Andrade
Nascido á 24 de Setembro de 1724
em Curityba, onde falleceu em 1799

Izabel de Borba Pontes
Fal. em Curityba á 15 de Out. 1771

Cap.m Miguel Rodrigues Ribas
Natural Braga — Villa Franca
Nasceu em 1694 e fallecido em Curityba á 15 de Novembro 1774

Maria Rodrigues de Andrade
Nascida em Curityba á 15 de Agosto de 1706, fallecida em 1730

Amaro de Borba Pontes
Capitão
e segunda mulher, nat. de S. Paulo

Izabel Cardoso de Moraes
„Genealogia Paranaense"

Lourenço de Andrade
Natural de Dornellas de Vizeu
Fal. em Curityba á 18 de Fev. 1733
Troncos das familias de seu appellido no Paraná

Izabel Rodrigues Seixas
Fal. em Curityba á 15 Março 1744
Natural de Cananéa

Marcos de Andrade
Naturaes de Portugal
Catharina Luiz

João Rodrigues Seixas
Portugal
Maria Maciel Barbosa

Antonio Rodrigues Seixas
Catharina Martins
"Genealogia Paranaense"

Ignez Pedrozo de Moraes
Gen. Paulistana - vol. 8 fls. 234
Francisco Barreto Cardozo

Maria Domingues

Pedro Nunes Pontes
Ignez Domingues

Belchior de Borba Paes
Gen. Paulistana - vol. 4 fl. 454

Manoel Pacheco Gatto
Falleceu em 1692

Anna da Veiga

Manoel Pacheco
Beatriz Gatto

Suzana Rodrigues
Casados antes de 1612
João Paes

Alvaro Barreto de Siqueira

Margarida Cardozo Fonseca

Francisco Barreto Palha
Mecia Ribeiro

Francisco Fonseca Aranha

Mecia Cardoso

Cap.m mór Gov. de S. Paulo
Martim Fernandes Tenorio
Povoador e celebre conquistador dos sertões, fal. no Rio Paraná em 1603
Suzana Rodrigues
Genealogia Paulistana-vol. 4, fl. 428

Francisco Bicudo de Siqueira

Maria Ribeiro
Gen. Paulistana - vol 8, fl. 231

Antonio Lourenço

Izabel Cardoso
Genealogia Paulistana - vol. 1, fl. 82

Manoel de Siqueira
Messia Nunes Bicudo

João Maciel Valente (filho de João

Maria Ribeiro

Domingos Luiz-o Carvoeiro (fil. de L
Caval. da Ordem de Christo-fal. 1615
Anna Camacho

Gaspar Vaz Guedes

Francisca Vaz Guedes

Victo
Anto

Esteva
Maria

F. Ro
Gonç

Anto
Marg

Braz
Fundad
Franc
Gen. P

Luiz Gomes da Silva
Natural da Ilha da Madeira

José Nabo de Medeiros
Natural de Paranaguá

Angela Correa de Mendonça

Maria Ritta de Lima

Miguel Gonçalves de Lima
Natural de Ponte de Lima

Maria Francisca Lima
Natural de Curityba

Domingos Gonçalves Rolo

Maria Fernandes

Sebastião dos Santos Pereira

Maria Paes dos Santos

Joanna Garcia Soares

Manoel Soares

Maria Paes

Gonçalo Rodrigues Soares

Anna Gonçalves

Balthazar Carrasco dos Reis

Izabel Antunes da Silva

Miguel Garcia Carrasco. Natural de S. Lucas de Canna Verde-Hespanha
Foi um dos signatarios da acclamação de Amador Bueno da Ribeira juntamente
nhoes que a promoveram. Em 1641, a 3 de Abril, em S. Paulo, assignou a a

Margarida Fernandes

Balthazar Gonçalves Malio

Jeronyma Fernandes Preto

André
fallecido
Vol. 6.,

Maria
fallecida

João de Pinã
Natural de Itanhaem - fallec. em 1645

Braz de Pinã

Izabel Lopes

Domingos Antunes

Bartholomeu Rodrigues
fallecido em 1610

ARVORE ORGANISADA

por

Francisco Negrão

CURITYBA

ascendentes das Familias Ribas - Taborda Ribas

"Genealogia Paranaense"

POR

Francisco Negrão

- 1926 -

ndrade . . . { *Marcos de Andrade*, Naturaes de Portugal, *Catharina Luiz*
llas de Vizeu
á 18 de Fev. 1733
lias de seu appel-

es Seixas . . . { *João Rodrigues Seixas* . . . { *Antonio Rodrigues Seixas*, *Catharina Martins* "Genealogia Paranaense"; *Maria Maciel Barbosa*
á 15 Março 1744
Cananéa

es. . . . . { *Pedro Nunes Pontes*, *Ignez Domingues*

rba Paes . . { *Manoel Pacheco Gatto* . . . . { *Manoel Pacheco*, *Beatriz Gatto*
- vol. 4 fl. 454 — Falleceu em 1692

Anna da Veiga . . . . . { *Suzana Rodrigues*. . . . . { *Capm mór Gov. de S. Paulo*; *Martim Fernandes Tenorio* — Povoador e celebre conquistador dos sertões, fal. no Rio Paraná em 1603; *Suzana Rodrigues* — Genealogia Paulistana-vol. 4, fl. 428
Casados antes de 1612
João Paes

de Moraes
- vol. 8 fls. 234
eto Cardozo. . { *Alvaro Barreto de Siqueira* . { *Francisco Barreto Patha*, *Mecia Ribeiro* . . . . . { *Francisco Bicudo de Siqueira* . { *Manoel de Siqueira* . . . { *Victoria Nunes Pinto*. . . . { *Francisco Pinto* — Povoador de S. Vicente; .....
Messia Nunes Bicudo; *Antonio de Siqueira*

Margarida Cardozo Fonseca . { *Francisco Fonseca Aranha* . . . . . { *Maria Ribeiro*. . . . . { *João Maciel Valente*. . . (filho de João Maciel e s/m Paula Camacho; *Maria Ribeiro* . . . . . { *Estevão Ribeiro Bayão* . . . { *Estevão Ribeiro Bayão Parente* — Natural de Braga; *Margarida Fernandes Feijó Madureira* Nat. do Porto
Gen. Paulistana - vol 8, fl. 231; *Maria Duarte*

Mecia Cardoso . . . . . { *Antonio Lourenço* . . . . { *Domingos Luiz-o Carvoeiro* (fil. de Lourenço Luiz e s/m Leonor Domingues — Caval. da Ordem de Christo-fal. 1615; *F. Ramalho* . . . . . { *Joanna Ramalho* . . . . { *João Ramalho* . . . . . { *João Velho Maldonado*; *Catharina Affonso Balbode* — Natural de Bouzella—Vizeu; *Anna Camacho* . . . . { *Gonçallo Camacho*; *Capm mór Jorge Ferreira*; 2ª mulher

Izabel Cardoso. . . . . { *Gaspar Vaz Guedes* . . . { *Antonio Vaz Guedes*, *Margarida Correia*; *Izabel Dias*. . . . . { *Filha do cacique ou regulo de Piratininga* — Genealogia Paulistana - vol. 1, fl. 82; Genealogia Paulistana vol. 1, fl. 48 - vol. 9, fl. 66

Francisca Vaz Guedes . . { *Braz Cardoso* — Fundador de Mogy das Cruzes; *Francisca da Costa* — Gen. Paulistana - vol. 8, fl. 536; *Tebericá—(Martim Affonso)*

ARVORE ORGANISADA

por

Francisco Negrão

CURITYBA

lves Rolo

s

ntos Pereira

oares . . . . { *Manoel Soares* . . . . . { *Gonçalo Rodrigues Soares*; *Anna Gonçalves*

Maria Paes . . . . . { *Balthazar Carrasco dos Reis*. { *Miguel Garcia Carrasco*. Natural de S. Lucas de Canna Verde-Hespanha - Vol. 6 pag. 469 G. Paulistana — Foi um dos signatarios da acclamação de Amador Bueno da Ribeira juntamente com os fidalgos hespanhoes que a promoveram. Em 1641, a 3 de Abril, em S. Paulo, assignou a acclamação de D. João IV.

Margarida Fernandes . . . . { *Balthazar Gonçalves Malio*; *Jeronyma Fernandes Preto* . . { *André Fernandes* — fallecido em 1588 — Vol. 6., pag. 468 Gen. Paulistana; *Maria Paes* — fallecida em 1618

Izabel Antunes da Silva. . . { *João de Pinã* . . . . . { *Braz de Pinã*; *Izabel Lopes* — Natural de Itanhaem- fallec. em 1645

{ *Bartholomeu Rodrigues* — fallecido em 1619

"Genealogia Paranaense"

POR

Francisco Negrão

- 1926 -

- *Marcos de Andrade*
  - Naturaes de Portugal
  - *Catharina Luiz*

co de Andrade . . .
de Dornellas de Vizeu
Curityba á 18 de Fev. 1733
das familias de seu appel-
Paraná

- *João Rodrigues Seixas* . . .
  - Portugal
  - *Maria Maciel Barbosa*
  - *Antonio Rodrigues Seixas*
  - *Catharina Martins*
  - "Genealogia Paranaense"

Rodrigues Seixas . . .
Curityba á 15 Março 1744
atural de Cananéa

- *Pedro Nunes Pontes*
- *Ignez Domingues*

Domingues. . . . .

- *Manoel Pacheco Gatto* . . . .
  - Falleceu em 1692
  - *Beatriz Gatto*
  - *Manoel Pacheco*
  - *Cap.m mór Gov. de S. Paulo*

r de Borba Paes . . .
ulistana - vol. 4 fl. 454

- *Anna da Veiga* . . . . .
  - Casados antes de 1612
  - *Suzana Rodrigues*. . . . .
  - *João Paes*
  - *Martim Fernandes Tenorio*
    - Povoador e celebre conquistador dos sertões, fal. no Rio Paraná em 1603
    - *Suzana Rodrigues*
    - Genealogia Paulistana-vol. 4, fl. 428

Pedrozo de Moraes
ulistana - vol. 8 fls. 234
co Barreto Cardozo. .

- *Alvaro Barreto de Siqueira*
  - *Francisco Barreto Palha*
  - *Mecia Ribeiro* . . . . .
  - *Francisco Bicudo de Siqueira*
  - *Maria Ribeiro*. . . . . .
  - Gen. Paulistana - vol 8, fl. 231
- *Margarida Cardozo Fonseca*
  - *Francisco Fonseca Aranha*
  - *Mecia Cardoso* . . . . .
  - *Antonio Lourenço* . . . .
    - Caval. da Ordem de Christo-fal. 1615
    - *Anna Camacho* . . . . .
    - *Izabel Cardoso*. . . . . .
    - Genealogia Paulistana - vol. 1, fl. 82
    - *Manoel de Siqueira* . . .
      - *Victoria Nunes Pinto*. . . .
      - *Antonio de Siqueira*
      - *Messia Nunes Bicudo*
      - *João Maciel Valente*. . .
        - (filho de João Maciel e s/m Paula Camacho
        - *Maria Ribeiro* . . . . .
        - *Estevão Ribeiro Bayão* . . .
        - *Maria Duarte*
        - *Domingos Luiz-o Carvoeiro* (fil. de Lourenço Luiz e s/m Leonor Domingues
        - *F. Ramalho* . . . . . .
        - *Gonçallo Camacho*
        - *Gaspar Vaz Guedes* . . .
          - *Antonio Vaz Guedes*
          - *Margarida Correia*
          - *Francisca Vaz Guedes* . . .
            - *Braz Cardoso*
            - Fundador de Mogy das Cruzes
            - *Francisca da Costa*
            - Gen. Paulistana - vol. 8, fl. 536
      - *Francisco Pinto*
        - Povoador de S. Vicente
        - .....
        - *Estevão Ribeiro Bayão Parente*
        - Natural de Braga
        - *Margarida Fernandes Feijó Madureira* Nat. do Porto
        - *Joanna Ramalho* . . . . .
        - *Cap.m mór Jorge Ferreira*
        - *João Ramalho* . . . . .
          - Natural de Bouzella—Vizeu
          - 2.ª mulher
          - *Izabel Dias*. . . . . .
          - Genealogia Paulistana
          - vol. 1, fl. 48 - vol. 9, fl. 66
        - *João Velho Maldonado*
        - *Catharina Affonso Balbode*
        - *Filha do cacique ou regulo de Piratininga*
        - *Teberiçá—(Martim Affonso)*

ARVORE ORGANISADA

por

Francisco Negrão

CURITYBA

os Gonçalves Rolo

Fernandes

o dos Santos Pereira

- *Manoel Soares* . . . . .
  - *Gonçalo Rodrigues Soares*
  - *Anna Gonçalves*
- *Maria Paes* . . . . . .
- *Garcia Soares* . . . .
  - *Balthazar Carrasco dos Reis.*
    - *Miguel Garcia Carrasco.* Natural de S. Lucas de Canna Verde-Hespanha - Vol. 6 pag. 469 G. Paulistana
    - Foi um dos signatarios da acclamação de Amador Bueno da Ribeira juntamente com os fidalgos hespanhoes que a promoveram. Em 1641, a 3 de Abril, em S. Paulo, assignou a acclamação de D. João IV.
    - *Margarida Fernandes* . . . .
      - *Balthazar Gonçalves Malio*
      - *Jeronyma Fernandes Preto* . .
        - *André Fernandes*
        - fallecido em 1588
        - Vol. 6., pag. 468 Gen. Paulistana
        - *Maria Paes*
        - fallecida em 1618
    - *João de Pinã* . . . . . .
      - Natural de Itanhaem- fallec. em 1645
      - *Braz de Pinã*
      - *Izabel Lopes*
    - *Izabel Antunes da Silva*. . . .
      - *Domingas Antunes* . . . .
        - *Bartholomeu Rodrigues*
        - fallecido em 1610
        - *Maria Lucas* . . . . . .
          - fallecida em 1635
          - *Gaspar Fernandes*
          - *Domingas Antunes* . . . .
            - fallecida em 1624
            - *Antonio Preto*
            - De nobreza provada e
            - *sua mulher*, vieram para o Brasil
            - em 1562

RETURN TO ➡ **CIRCULATION DEPARTMENT**
202 Main Library

LOAN PERIOD 1 **HOME USE**	2	3
4	5	6

ALL BOOKS MAY BE RECALLED AFTER 7 DAYS
1-month loans may be renewed by calling 642-3405
6-month loans may be recharged by bringing books to Circulation Desk
Renewals and recharges may be made 4 days prior to due date

DUE AS STAMPED BELOW

INTERLIBRARY LOAN

MAY 24 1977

UNIV. OF CALIF., BERK.

OCT 03 2014

SENT ON ILL

MAY 18 2015

U.C. BERKELEY

FORM NO. DD 6, UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BERKELEY
BERKELEY, CA 94720